José Francisco Miguel Henriques Bairrão

O IMPOSSÍVEL SUJEITO

IMPLICAÇÕES DO TRATAMENTO DO INCONSCIENTE POR LACAN

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani.

Este exemplar corresponde à redação
final da tese defendida e aprovada
pela Comissão Julgadora em

26/06/96

Banca:

Prof. Dr. Bento Prado Jr.

Prof. Dr. Luiz B. L. Orlandi

Prof. Dr. Luiz Carlos Nogueira

Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani

Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior

Junho/1996

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
Nº CHAMADA:
T/Unicamp
B164i
V. Ex.
TOMBO BC/28216
PROC. 667/96
C [ ] D [x]
PREÇO R$ 11,00
DATA 13/08/96
Nº CPD

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

B164i

Bairrão, José Francisco Miguel Henriques
O impossível sujeito: implicações do tratamento do inconsciente por Lacan / José Francisco Miguel Henriques Bairrão. - - Campinas, SP: [s.n.], 1996.

Orientador: Luiz Roberto Monzani.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Lacan, Jacques, 1901 - 1981. 2. Psicanálise e filosofia. 3. Sujeito (Filosofia). 4. Insconsciente. I. Monzani, Luiz Roberto, 1946 - II. Universidade Estadual de Campinas.Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Titulo.

Aos meus ascendentes

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani, por suas lições de filosofia e de psicanálise. Este trabalho é profundamente devedor da sua orientação paciente e sábia em unir rigor com liberdade.

A todos os professores e aos colegas que formal ou informalmente me ensinaram e estimularam a estudar psicanálise e filosofia. Em particular ao grupo de professores do IPUSP que testemunharam o início do meu interesse e me introduziram à obra de Lacan, Prof. Dr. Luiz Carlos Nogueira, Prof. Dra. Jussara Falek Brauer e especialmente à Prof. Dra. Maria Lúcia de Araújo Andrade, que acompanhou e incentivou a continuidade desse interesse.

Ao amigo Prof. Dr. Jaa Torrano, pela amável solicitude na decifração das referências do psicanalista em Grego.

À Dra. Susana Amalia Palacios, que como psicanalista possibilitou em outro nível uma experiência daquilo que o universo conceitual aqui tratado pensa.

A todas as pessoas de boa vontade que, em algum momento, desinteressadamente facilitaram o encontro com o material bibliográfico que foi utilizado. São inúmeras e com graus de colaboração diversa e também por isso é preferível não as identificar uma a uma. Sou-lhes extremamente grato.

À Dra. Virgínia Maisano Namur, pelos comentários sobre a redação e sugestões de alterações do estilo que em muito aliviaram a leitura.

Ao amigo Luiz Augusto Martins Rodrigues, por haver proporcionado os meios para uma melhor qualidade de impressão da tese e por me ter auxiliado a melhor aproveitar os recursos que pos à minha disposição.

À FAPESP e à CAPES, que por meio da concessão de bolsas de estudo ofereceram suporte financeiro ao desenvolvimento deste trabalho.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO 10

1. PSICANÁLISE COM FILOSOFIA 12
2. PACIÊNCIA HERMENÊUTICA 17
3. A LETRA CONTRA A CRONOLOGIA 22
4. PROPÓSITO DO ESTILO 24
5. REGRAS DA ESCRITA 27
6. INFORME SOBRE A ORALIDADE 30
7. METAS 35

PRIMEIRA PARTE: EPISTEMOLOGIA E PSICOLOGIA 37

I CIÊNCIA E PSICOLOGIA 40

8. CRÍTICA DA PSICOLOGIA PRÉ-PSICANALÍTICA 42
9. LOUCURA E CONHECIMENTO 47
10. CIÊNCIA E PSIQUISMO 52
11. INTRODUÇÃO DA PSICANÁLISE COMO PSICOLOGIA 57
12. PSICOLOGIA E DETERMINISMO 61

II PSICOLOGIA E PSICANÁLISE 65

13. CIÊNCIA DA PERSONALIDADE 67
14. DO OBJETO DA PSICOLOGIA 77
15. DA PSICANÁLISE COMO PSICOLOGIA 82
16. DETERMINISMO PSÍQUICO 84
17. O IMPASSE DA PSICOLOGIA 90

III DA EPISTEMOLOGIA DA PSICOLOGIA À CRISE DA EPISTEMOLOGIA 96

18. DO IMPASSE AO FIASCO 98
19. CRÍTICA DA CIÊNCIA 105
20. DESISTÊNCIA 109

SEGUNDA PARTE: EPISTEMOLOGIA E PSICANÁLISE 116

I INCONSCIENTE E EPISTEMOLOGIA 119

21. SABER E INCONSCIENTE 121

22. SABER E LINGUAGEM 127

23. CIÊNCIA E LINGUAGEM 131

24. REAL E SABER 145

25. REAL E INCONSCIENTE 148

II SUJEITO E INCONSCIENTE 150

26. INCONSCIENTE E LINGUAGEM 152

27. SABER E SUJEITO 157

TERCEIRA PARTE: LINGUAGEM E PSICANÁLISE 164

I LINGUAGEM E SUJEITO 167

28. PSICANÁLISE E SUJEITO 169

29. PSICANÁLISE E LINGÜÍSTICA 172

30. ENUNCIAÇÃO DO SUJEITO 174

II SIGNO E INCONSCIENTE 178

31. O SIGNO À LUZ DO INCONSCIENTE 180

32. COISA E SIGNO 188

33. ORIGINARIEDADE DA ENUNCIAÇÃO 195

34. POSIÇÃO DA TEMPORALIDADE 198

III SIGNIFICANTE E INCONSCIENTE 202

35. REALIDADE, SUJEITO E SIGNIFICANTE 204

36. DIFERENÇA E LITERALIDADE 212

37. SUJEITO, REAL E SIGNIFICANTE 218

QUARTA PARTE: PSICANÁLISE E ONTOLOGIA 225

I	**INCONSCIENTE E ONTOLOGIA**	230
	38. ENUNCIAÇÃO E ONTOLOGIA	232
	39. SUJEITO E ONTOLOGIA	234
	40. SIGNIFICANTE E ONTOLOGIA	240
	41. CIÊNCIA E ONTOLOGIA	249
	42. VERDADE E ONTOLOGIA	251
	43. CIÊNCIA E PSICANÁLISE	258
	44. FILOSOFIA E PSICANÁLISE	268
II	**PSICANÁLISE E ÉTICA**	274
	45. ONTOLOGIA OU ÉTICA?	276
	46. AÇÃO E SIGNIFICANTE	282
	47. ÉTICA E INCONSCIENTE	287
	48. ÉTICA E DETERMINISMO	293
III	**SER E SUJEITO**	304
	49. DESEJO: DICÇÃO SEMIDITA	306
	50. DESEJO: DICÇÃO DO OUTRO	310
	51. DESEJO: DICÇÃO EM FALTA	317
	52. DESEJO: DICÇÃO INTERDITA	327
	53. DESEJO: DICÇÃO POR SER	342
QUINTA PARTE: REAL E PSICANÁLISE		346
I	**SUJEITO E IMPOSSÍVEL**	357
	54. TEMPO E REAL	359
	55. ESPAÇO E REAL	367
II	**SER E IMPOSSÍVEL**	376
	56. DA PRESENÇA COMO PRESENTE DO IMPERATIVO	378
	57. DO SENTIDO DO OUVIDO COMO HAVIDO SEM SENTIDO	388

58. DO PRAZER DESMEDIDO COMO SER SOFRIDO 393
59. DO DITO QUE NÃO GOZA O SUJEITO 399
60. DO SER ESQUECIMENTO DE SI 402

RESULTADOS E INDAGACÕES 407
61. SÚMULA RETROSPECTIVA 409
62. **WO ES WAR, SOLL ICH WERDEN** 419
63. REALIDADE DA FANTASIA 421
64. FANTASIA DA TEORIA 424
65. DUBITAÇÃO INCONCLUSIVA 427

BIBLIOGRAFIA 429

C'est cet abîme ouvert à la pensée qu'une pensée se fasse entendre dans l'abîme, qui a provoqué dès l'abord la résistance à l'analyse. Et non pas comme on le dit la promotion de la sexualité dans l'homme.

ÉCRITS, 522

APRESENTAÇÃO

Je rétablis que ce qui s'énonce bien, l'on le conçoit clairement — clairement veut dire que ça fait son chemin.

TÉLÉVISION, 71

1. PSICANÁLISE COM FILOSOFIA

Quem, pela perspectiva do interesse filosófico, se tenha dedicado à psicanálise, não tem como deixar de perceber a problematicidade de teses da disciplina no quadro de uma reflexão sobre o conhecimento.

Desafio estimulante, a herança intelectual de Freud, bem ou mal servida por seus continuadores, marca-se como um incitamento a repensar idéias previamente (bem) assentes. Revisão além do mais veementemente inconformável ao mero alargamento ou simples reacomodação de concepções prévias, e sim atinente a uma refeitura radical de lugares estabelecidos.

A mesma experiência suscetível de ser sofrida por qualquer leitor epistemologicamente motivado vitimou clínicos afeitos à formação filosófica. Um exemplo bem nítido é Lacan, psicanalista cuja obra pode ser entendida como um ensaio de fazer psicanálise de maneira que não se isole da preocupação em não agredir parâmetros resultantes da respeitável tradição intelectual de reflexão sobre o saber e o conhecimento. Parâmetros que fundamentem racionalmente condições de estabelecimento de uma ciência, e determinação solidária da decisão de, na impossibilidade de não os violentar, não se entregar à sedução da desrazão, furtando-se a pensar o problema assim surgido como instigador de uma reflexão necessária.

Ainda que à revelia dos praticantes (embora provavelmente também por sua incúria), sob pena de o desapego às considerações sobre o saber vir a ser interpretado como saber de somenos valor, depreciável pela sua não menos irrefletida inclusão nas estéreis fileiras do irracionalismo, é importante averiguar como o advento da psicanálise desencadeia sobressaltos nos lugares comuns estabelecidos no âmbito epistemológico ou, mais genericamente, filosófico.

Especificamente quanto a Lacan, convém verificar em que medida se desenvolve, sob a aparência exótica do estilo do autor, uma meditação rigorosa dessa problemática. Intenção (mal) vista tanto por (nem sempre hipotéticos) epígonos que não lhe fazem jus, como por eventuais críticos superficiais. Os primeiros aplaudindo, os últimos repudiando, mas afinal coesos, queiram-no ou não, em promover o descrédito no seu pensamento.

Os dois presumidos grupos, que se confundiriam com a cena aparente do linguajar, se uniriam em concordar quanto à pouca valia da tradição intelectual e ao colapso da razão supostamente afiançados pelo pensamento lacaniano. Idéias porém que na realidade estão no seu antípoda, e por isso este estudo contrapõe-se a essas duas atitudes possíveis, no fundo filhas gêmeas, verso e reverso, de uma mesma incompreensão. Pretende-se antes de mais nada obrar um exercício sóbrio de estudo de um pensamento psicanalítico capaz de despertar extrema passionalidade, evitando-a.

Em princípio, dada a insistente evidência de interesses de matiz epistemológico na obra lacaniana, e constatada a sua gritante preocupação com o assentamento em bases racionais dos fundamentos da psicanálise — especialmente do mais problemático, o "inconsciente" —, trata-se de explorá-los numa perspectiva que a resgate para o debate de idéias: reconhecido o empenho especulativo do psicanalista, não cabe furtar-se à tarefa de deixar patente o que mais ou menos subterraneamente, entre-linhas ou explicitamente, denegativa ou assumidamente, ponteia o curso de sua obra.

Como? Acompanhando as razões das vicissitudes do conhecimento a partir da facticidade do inconsciente.

O trabalho se organiza em torno das conseqüências do inconsciente para o conhecimento. Nessa medida, tanto pode ser apresentado como historiação do pensamento (epistemológico) de Lacan, como pode ser encarado como uma investigação do seu "conceito" psicanalítico de inconsciente.

O primeiro obstáculo a enfrentar com tal projeto é o fato de ser possível escutar, especialmente provenientes de setores da comunidade psicanalítica[1], objeções quanto à pertinência de submeter a obra de Lacan a uma investigação inspirada nos procedimentos da historiografia de idéias. Objeções previsíveis, inspiradas em comentários lacanianos sobre o discurso filosófico, formulados do horizonte da psicanálise.

Previsíveis, mas precipitadas: em Lacan, provavelmente mais que em qualquer outro pensador da psicanálise, há inúmeras evidências de não ser a filosofia indiferente à elaboração de suas teses psicanalíticas. Que mais não fosse, até por merecer a deferência de pronunciamentos desfavoráveis, indiciadores de um interesse manifesto, impróprio da indiferença. Aliás pronunciamentos de um teor nem sequer inencontrável entre filósofos, pois não se faz menos filosofia quando se a critica.

Apelar ao fato da biografia de Lacan evidenciar a prestígio com que honrou discípulos de formação eminentemente filosófica, ou a estima que dedicou a amigos filósofos, apesar do efeito seguro, seria um golpe baixo. Se distanciaria do procedimento de argumentar com idéias, por recorrer — ao modo de uma pseudo-exegese psicanalítica, presa ao extra-textual — a "evidências biográficas". É preferível resgatar a insistente e notória desenvoltura do psicanalista no trato com a herança filosófica, tão visível no menor fragmento do seminário, ou na mais espontânea intervenção em congressos, e portanto admitir que a sua erudição nesse terreno, ao patentear-se ao longo de toda a sua produção intelectual, não se permitiria pretender efeitos meramente decorativos.

Reconhecendo-a como é — não mero recurso cosmético, mas presença influente na definição de suas idéias —, não é admissível que algo tão evidentemente fértil para o desenvolvimento das teses que o mestre transmite a seus alunos, por eles se deduza tão inútil que mereça ser anatemizado. É mais crível admitir que quem a partir de Lacan desemboque por essa vertente haja cedido à facilidade da simplificação, perspectiva mais do que segura para garantir o afastamento da linha diretora do raciocínio do mestre.

O mero fato de nenhum outro psicanalista ter se preocupado tanto com a elucidação das conexões entre filosofia e psicanálise, por si só — dado que a demarcação pressupõe a marcação de posições recíprocas —, ressalvado o âmbito de competência e de impossibilidades próprio a cada uma, deveria alertar para a possibilidade de dar lugar à filosofia ao lado da psicanálise. Bem como deveria obstar ao surgimento de atitudes intelectuais mais afeitas ao espírito dogmático comum em seitas do que ao espírito dubitativo e investigativo favorável à vida intelectual.

Quando Lacan critica a filosofia, não o faz para propagar a psicanálise como uma nova forma, ilustrada mas resignada — muito menos militante —, de irracionalismo. Apenas é conseqüente com a descoberta de que o sujeito não domina plenamente, ainda que o intencione, o contexto daquilo que formula. É o sujeito que na realidade, falando, é formulado pela palavra que diz. No entanto, isso, longe de se acumpliciar com um desprezo pela argumentação racional, é contrário a um ataque à razão.

É pouco justo fiar-se tão tranqüilamente em passagens críticas da filosofia, quando é sabido o quanto o labor intelectual lacaniano é tributário de teses desenvolvidas e apuradas pela tradição filosófica. Particularmente quando se sabe que, pelo menos parcialmente, o que nelas se visa é ilustrar, por algumas ironias quanto ao "discurso filosófico", a crítica, nem por isso menos filosófica, à certeza subjetiva quanto à verdade do saber. Quer dizer, quando se trata de, tese irredutivelmente também psicanalítica, alusivamente rebater a crença em vínculos transparentes entre a significação e a verdade.

---

1 A rotular de preferência como lacaniana, embora não exclusivamente. Mesmo que por vezes, na perspectiva de alguns de seus membros, por um preconceito rigorosamente tão deplorável quanto a simétrica depreciação das contribuições do autor dos ÉCRITS, "lacanismo" e psicanálise se confundam. Também neste caso, mais uma vez, a aversão para com (outras) idéias indistingue pretensos antagonistas. De maneira aliás assaz ilustrativa da falta de diálogo que, freqüentemente, se trava entre os que se reivindicam seguidores de Freud.

Também psicanalítica, pois a presunção de um sujeito teórico sobrepairante, que também o leva a denunciar a noção de metalinguagem, é necessário que se saiba que Lacan a pôde encontrar, já criticada, dentro do discurso filosófico[2]. Portanto a psicanálise nem sequer é original na crítica às teses epistemológicas que porventura se suportem em tal ilusão, e tal denúncia, por isso, não denuncia a filosofia.

Nunca o sujeito que fala sobre o inconsciente, seja filósofo ou psicanalista, experienciará a sua verdade enquanto se mantiver "sobre". Mas porque — ainda mais se sabendo da sua larga tradição crítica, consistente em definir seus limites e em disciplinar sua atividade — se cogitaria que a filosofia incorresse nessa ingenuidade? Ou presumisse cumprir uma tarefa — pôr o inconsciente a falar (a verdade) —, a da psicanálise, que não lhe cabe?

É até desnecessário dizer que tais suposições, implícita ou explicitamente mantidas, são auto-contraditórias, por não poderem ser senão (má) filosofia.

Também aqui o repudiado retorna, nas formas que mais inspirariam reserva: será que a filosofia nem sequer poderia pensar, da sua perspectiva, seus próprios limites? Por que se deveria aventurar a psicanálise a definições quanto aos limites cabíveis do filosofar? No máximo talvez possa contribuir, com os resultados do modo de experiência (da subjetividade) que a caracteriza, para realimentar com novos subsídios a especulação filosófica. Ineptamente, à sua revelia, eventuais defensores da "pureza" doutrinária psicanalítica contribuiriam para uma renovação do filosofar sobre a filosofia!

Nesta polêmica, o grande despropósito filosófico consistiria no conjunto de considerações formuladas, não a partir da psicanálise, mas de hipotéticos "psicanalistas" que não percebam a posição intelectual em que de fato se encontram: a de "fazedores" do que acham que não deve ser feito. Imperialisticamente desterritorializariam as disciplinas, vulgarizá-las-iam, ou pelo menos diluiriam-nas. E julgariam falar como psicanalistas, sem perceber que vociferariam má filosofia.

A alternativa entre a interdição do filosofar — no bojo da desqualificação do que não seja psicanálise — e a serventia desta para tudo é a "opção" entre sufocar ou esterilizar a reflexão.

Uma decorrência não menos dramática de uma presuntiva interdição do filosofar consistiria em, para falar de tudo e de qualquer coisa, se propor a aplicar certos pressupostos de redação do texto psicanalítico, intrínsecos à sua finalidade, e que este não precisa nem deve partilhar com outros, sem verificar as condições particulares que os justificam. Ora, não basta reproduzi-los como trejeitos para que se esteja fazendo teoria psicanalítica, como por vezes o estilo que ilustra teses desse naipe parece sugerir.

Ao não se precisar o lugar de onde se fala redunda-se no exercício de uma crítica (literária, por exemplo, ou, o que seria especialmente trágico, a crítica filosófica, feita sem se o saber) desilustrativa da psicanálise e pouco à altura das condições mínimas de diálogo entre disciplinas distintas.

Tal "filosofia", ao desqualificar sumariamente tudo o que circunde a posição de onde um suposto psicanalista fale, por isso mesmo amplia esse lugar a todos e torna-o nenhum.

Indubitavelmente os que assim pensarem contingencialmente ilustrarão a tese de o inconsciente e sua prática verdadeiramente não poderem coexistir com a filosofia. Mas a seu favor de fato apenas contarão com a própria incapacidade para analisar idéias[3]. Se fosse para considerar como filosofia a que fizessem, teriam razão: mais valeria abdicar dela.

É grave que a "sem cerimônia" que neste gênero de casos se evidencie no desapreço pela filosofia, obrigatoriamente se traduza em simploriedade excessiva na reflexão sobre psicanálise. O "filosoficídio" achatador de toda a palavra à esfera psicanalítica não promoveria

---

2 A título de exemplo, aponte-se Merleau-Ponty, filósofo e amigo homenageado com um artigo publicado em Les Temps Modernes.

3 E, quiçá, também a outrem. Se filosofarem quando se julgarem psicanalistas, o que farão quando analisarem?...

apenas uma psicanálise selvagem de todas as produções culturais, mas também a sistemática interdição de que se faça algo distinto disso.

Não obstante, a denúncia de plausíveis tropeços de pupilos tentando servir ao mestre não substitui a comprovação de que o último os deixa sozinhos nesse zelo. Na listagem dos pré-requisitos necessários ao advento da disciplina da qual é um dos luminares, Lacan inclui em posição de destaque alguns momentos da história da filosofia, bem como afiança ser a psicanálise possível unicamente depois do ponto a que a história da cultura havia chegado ao tempo de Freud. E, no quadro de um pensamento tão crítico de concepções evolucionistas, é pouco razoável interpretar as condições para a sua eclosão nos termos da superação (no sentido de supressão) do que a antecedeu.

Para não se perder mais tempo com uma objeção menor, deixa-se aos tentados a se reconhecerem na descrição anterior a obrigação de explicar como contornariam o reconhecimento (por Lacan) da legitimidade de múltiplas estratégias discursivas, que é o que saudavelmente se pode inferir do fato de haver forjado uma tipologia das mesmas.

Acaso seria "lacaniana" a idéia de progresso que inclua mutismo entre campos, por se apoiar numa via de mão única, pela qual a psicanálise poderia dizer o que bem quisesse sobre a filosofia, e esta não poderia ceder à tentação de diálogo, tão sua característica? Por acaso, de repente, um discurso feito por e para psicanalistas poderia instaurar-se como o único discurso? Existiriam os discurso da histérica e do analista, sem os discursos universitário e do mestre?

Não é crível que tais caracterizações, embora certamente sirvam para indicar compatibilidades quanto ao exercício da psicanálise e de sua teorização, visem também auxiliar seus alegados fiéis a apontar a mira de suas armas contra um mal a ser destruído. Ao contrário: o não reconhecimento de um âmbito de exercício discursivo cabível que não o psicanalítico ou, o que dá no mesmo, a desqualificação sumária e genérica de abordagens como a filosófica, acentuam a falta de demarcação entre perspectivas que, ao deixar passar a grande oportunidade em que a referida tipologia se constitui para a evitar, desencadeiam confusões e dificuldades.

O impasse a respeito da utilidade ou mera pertinência de uma abordagem da psicanálise pela filosofia, impasse essencialmente sintomático de um estado confusional quanto à delimitação de esferas de competência, pode solucionar-se praticamente por uma demonstração evidenciadora da falsidade do problema. Embora não seja o caso, por uma análise filosófica da crítica psicanalítica da filosofia esta poderia mesmo deduzir-se sem crédito e, fazendo-o, validar-se na prática ao mostrar-se potente a ponto de descrever uma edificação intelectual que não prevê um lugar que ela possa ocupar. Ou seja, a filosofia poderia demonstrar-se pertinente como descritora da enunciação da sua impertinência, no quadro de uma interpretação — no caso, estreita — do que Lacan pensa ser, segundo o título de um escrito, "a razão depois de Freud".

Ou seja, uma investigação da psicanálise pelo prisma dos procedimentos da historia da filosofia — filosófica, portanto —, pode perfeitamente, se existirem, deduzir as razões das restrições ou riscos que justifiquem o pouco crédito que a filosofia inspire. De fato, a partir do evidenciamento dos limites do (registro do) imaginário, a crítica lacaniana ao trabalho unicamente atinente a conceitos não se exerce como propiciatória da supressão do registro, mas como abertura para algo que lhe escapa. Seria lamentável que, tendo aprendido com Lacan a valorizar os restos, se depreciasse o que na pior — ou melhor? — das hipóteses ficaria sobrando a partir da psicanálise: a filosofia.

Além do mais o psicanalista explicitamente reconhece, num aspecto da sua obra, característica que a vincula à filosofia:

> *... il est toute une part de mon enseignement qui n'est pas acte analytique, mais thèse, et polémique à elle inhérente, sur les conditions qui redoublent la méprise propre à l'acte, d'un échec dans sa retombée.* (LA MÉPRISE DU SUJET SUPPOSÉ SAVOIR, Scilicet 1, p.41)

Apesar dos pesares, o psicanalista se admite não apenas na tarefa de filosofar, latamente compreendida — o estabelecimento pelo seu ensino de teses e a não evitação da polêmica a elas inerente, descrição bem típica do obrar filosofante —, como, cúmulo dos cúmulos, filosofando a respeito dos impasses da prática psicanalítica!

Na verdade a contribuição psicanalítica lacaniana para o destino contemporâneo da filosofia, apesar dos mal-entendidos, opõe-se diametralmente ao "filosoficídio". Muito pelo contrário: o "lacanismo" propugna a ampliação do filosofar.

A psicanálise "democratiza" o filosofar. Segundo Lacan, em toda a análise é possível evidenciar o implícito evolver de indagações fundamentais[4]. Ainda que não as possa enunciar com muita clareza, qualquer sujeito em análise formula, da maneira que puder, questões e argumentos quanto ao ser, à vida, à morte, à origem, aos valores, etc.

Não apenas a especulação é imanente à deambulação dicente dos pacientes, como a filosofia é permanentemente convocada a oferecer subsídios ao estabelecimento do pensamento psicanalítico[5]. É gritante, por exemplo, a dependência do situamento do inconsciente do prévio labor filosófico sobre a subjetividade. Logo, a psicanálise não aponta para a extinção da filosofia porque, tanto teórica quanto clinicamente, representa a sua amplificação.

Portanto o suposto fim da filosofia — diga-se de passagem, um mote freqüente do pensamento (filosófico) mais ou menos contemporâneo a Lacan —, no caso específico deste pensador deve ser entendido não como a sua supressão mas, pelo contrário, como a descoberta, graças à psicanálise, do razoar em esferas insuspeitáveis.

A inversão da verdadeira atitude intelectual lacaniana perante a filosofia tem entre as suas nocivas decorrências a desmotivação, por parte de estudiosos em princípio preparados e dispostos ao estudo de idéias, pela investigação do seu pensamento. Muitos destes, desinformados da especificidade psicanalítica e às vezes suscetíveis a um pré-julgamento pouco sério de seriedade intelectual, propenso a precipitar-se em avaliações que se embaraçam no plano da impressão retórica em vez de se empenharem em entender o sentido veiculado em estilo — não importa se com justeza, por vezes tachado de barroco —, limitam-se, ingloriamente, a condená-lo.

Tal estratégia nada acrescenta ao que se saiba nem sobre psicanálise nem sobre filosofia, e dada a sua notória improdutividade — por, precipitadamente, resignar-se a uma esterilidade incautamente atribuída a outrem —, desmerece maiores atenções.

Ao julgar-se mais proveitoso, em princípio, apostar na fertilidade de um pensamento bem mal conhecido como a única atitude intelectual propicia ao estabelecimento de condições adequadas ao progresso do estudo, abre-se a possibilidade, e por múltiplos recortes, de aventuramento no universo conceitual lacaniano. Porém, dificilmente qualquer investigação, ainda que adentrando-se por vieses distintos dos aqui propostos, poderia deixar de encontrar a explicação da excentricidade estilística fora da centralidade do "conceito" de inconsciente.

Quem ao estranhar a retórica de Lacan haja desqualificado **a priori** o seu labor intelectual priva-se de conhecer nessa "espécie" negativa, que sequer merece o estatuto de entidade teórica, uma objeção contundente ao conhecer, secundariamente esclarecedora das peculiaridades do estilo. Não por outra razão, decidiu-se persegui-la. Optou-se por tomá-la como eixo diretor da investigação, por ser a vertente mais fértil para o estudo do pensamento lacaniano[6].

---

4 *Que des êtres insignifiants soient habités par une dialectique aussi subtile, c'est à quoi l'analyse nous accoutume...* (PROPOS DIRECTIFS POUR UN CONGRES SUR LA SEXUALITÉ FÉMININE — ÉCRITS, p.733)

5 Por meio das obras de muitos de seus luminares. Entre outros, Lacan reporta-se a Empédocles, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Descartes, Spinoza, Pascal, Sade, Kant, Bentham, Hegel, Kierkegaard, Heidegger...

6 Como aliás, diga-se de passagem, não poderia deixar de ser em se tratando de psicanálise.

2. PACIÊNCIA HERMENÊUTICA

A elucidação do conhecer, dado o inconsciente, não apenas é decisiva para o esclarecimento do estilo, como, por afetar o estatuto global da obra, é condição imprescindível para o desenvolvimento de qualquer estudo ou interpretação sistemática do "lacanismo".

A meta neste momento é familiarizar o leitor com os procedimentos projetados para o tratamento do dizer de Lacan, justificando-os. Procedimentos, obviamente, que não são inconseqüentes quanto ao resultado alcançado.

Exatamente por o autor tender a ser menos que mal lido, não lido, e para evitar incidir no mesmo, é importante encontrar as razões desse destino. No bojo de um diagnóstico dos impedimentos mais freqüentes, não é de todo absurdo esperar deparar com subsídios para transformar as dificuldades em meios não de todo arbitrários de adentramento nos textos.

Posto que qualquer exploração hermenêutica impõe decisões quanto aos procedimentos a serem seguidos, e não sendo diferente em se tratando dos meandros do pensamento lacaniano, é imprescindível antes do mais definir critérios para a leitura. Sem os ter, e claros, não apenas não é possível empreendê-la, como também não se dispõe de um parâmetro objetivo para poder avaliá-la. Apreciá-la, não em comparação com quaisquer outras possíveis, mas pela fidelidade aos parâmetros que se tenham proposto (o que é mais um motivo a recomendar o seu prévio explicitamento)[7].

Superado o fascínio emanado da retórica lacaniana, evitada a sedução que irradia do estilo, ofuscante, por uma sóbria primeira apreciação do conjunto da obra submetida ao trabalho dos conceitos decididos pertinentes e que se mantenha atenta aos diferentes momentos nela patentes, não é difícil acordar que o todo organiza-se na forma de longas e insistentes variações em torno de poucas questões fundamentais. À medida que se freqüentam os textos sobressaem ou se insinuam temas permanentes que, afinal, permitem seguir sistematicamente a história da tentativa de responder às freqüentemente implícitas interrogações principais[8]. Questões portanto escondidas da curiosidade de quem, soçobrando ao encanto venenoso que entorpece o olhar distraído, fragmente o conjunto da obra, atomizando-a em estilhaços retóricos sem sentido.

Para bem se enfrentar esses problemas há que equacioná-los num quadro de decisões hermenêuticas que, a par de fornecerem uma linha de decifração a mais defensável, iluminem as especificidades da forma em que se grafam as teses do psicanalista.

Mais explicitamente, para não esvaziar a leitura num aglomerado arbitrário de idéias mais ou menos recriadas pelo leitor[9], sem parâmetros que permitam prová-la na obra lida, aposta-se na fecundidade de presumir que um autor mereça e espere ser estudado segundo os princípios que embasem o seu exercício de leitura, que afinal em alguma medida é a representação fiel de sua prática hermenêutica[10].

---

7 Não que assim se resolvam todas as dificuldades, a começar pela pertinência de se fixar um critério em detrimento de outros. Como até certo ponto a arbitrariedade é irredutível, a solução é admiti-la: prevenir-se, ou privar-se, da ingenuidade de supor que alguma compreensão possa ser definitiva.

Pois a mera demarcação do que simplificadamente se poderia denominar de critério mínimo de reconhecimento do que mereça considerar-se uma leitura, só por escapar do escolho a que tão freqüentemente apologias e críticas não sobrevivem, não presume que por isso o labor propriamente dito da interpretação seja incólume ao saudável convívio com a dúvida e à benfazeja convivência com a contestação das suas decisões interpretativas.

8 *D'habitude je me fais comprendre à côté, ce qui n'est pas si mal: cela vous évite de vous tromper à la bonne place.* (4-4-62)

9 O que não obsta a que, com Lacan, se reconheça que sua obra, uma vez disponível na cultura, até por, em certa medida, desde o início já lhe escapar, inexoravelmente traça caminhos alheios ao seu domínio intencional:

... ce discours qui... est un discours où assurément tout n'est pas donné à l'avance, ce que je construis, dans des parts entières reste épars dans des mémoires qui ne feront que ce qu'elles voudrons. (21-12-66)

10 Mais ainda por menos se ater ao que o autor diz — ainda que o levando em conta —, mas principalmente ao que faz.

Sem prejuízo, obviamente, de que a decisão de acatamento das indicações do sujeito cuja obra é tomada como objeto seja do leitor. A fidelidade ao critério de leitura proposto pelo lido não permite abdicar da responsabilidade de escolhê-lo.

Pois mesmo não se questionando a descrição do procedimento de leitura, pode-se divergir quanto ao papel que deva merecer no processo de apreensão das idéias do pensador. Quer dizer, é possível transferir divergências a respeito dos procedimentos exegéticos do psicanalista, em discordâncias quanto à estratégia aqui proposta. Para o ponderar, cumpre referir que, travando-se a discussão no plano da conveniência ou inconveniência da metodologia a se seguir, isso não deve afetar a exata descrição do que o autor estudado conceba como leitura. Tal atenção não é apenas útil para quem se disponha a submeter um texto ao tratamento previsto por quem o assina: ai do leitor que por prevenções de qualquer gênero sequer se permita apreender os meandros do ato de ler na obra lida. Não poder ler a concepção de leitura do lido redunda em funestas conseqüências para a credibilidade do leitor.

Mas a favor da adoção do critério de leitura do psicanalista pode-se invocar a facilidade que proporciona no desvencilhamento de agruras com que se comprazem outras perspectivas. Possibilita, por exemplo, que se desconsidere um gênero plausível de crítica a este estudo, consistente em denunciar a sua suposta desprevenção quanto a uma ilusão de ótica proporcionada pelos textos. Por não se restringir à cronologia, gerar-se-ia a impressão de, atemporalmente, desde sempre, o autor saber que rumo empreendia: o corpo de teses estaria pronto de início, e o tempo gasto seria o da mera exposição. Uma exploração não restrita à sucessão linear das textos, como a aqui empreendida, seria fruto de ingenuidade, e resumir-se-ia a incauto e infeliz anacronismo.

Tanta presunção de distância crítica, na verdade resulta em um profundo afastamento do espírito da obra de leitura tal como o psicanalista o introduz. Por desinformação ou por depreciação, alheia-se da mui explícita compreensão do que em Lacan deva entender-se por ler.

Como sói acontecer com os não lográveis, erra[11]: padece de abissal desinformação quanto ao tratamento lacaniano da temporalidade e alheia-se da fidelidade ao acontecimento Lacan na sua letra.

Pode resumir-se a posição do pensador relativamente a este ponto começando por dizer que privilegia o traço objetivo contra a intenção subjetiva. E se assim é, se não coage, pelo menos autoriza seus leitores a agirem de maneira conforme a seu discurso. Por isso equivocar-se-ia quem ligeiramente resolvesse menosprezar o que o próprio no relatório DE ROME 53 A ROME 67 denomina de ... *parties caduques de mon enseignement...*[12], sugerindo ilusoriamente o abreviamento da apreensão de sua obra aos períodos mais "atuais". Como Lacan não renega o que escreve, explicitamente desautoriza tal conduta:

> *J'ai écrit ça, et je ne renie pas les choses que j'ai écrites. Ça m'entraînerait à des complications.*
> (OUVERTURE DE LA SECTION CLINIQUE, Ornicar 9, p.11)

Aliás, é patente no seu procedimento como leitor a atenção simultânea aos tempos de constituição da letra nos autores a que se remete. Donde, a seguir a estratégia que aqui se defende, a sua leitura não deve ater-se exclusivamente à sucessão cronológica dos textos. Tem de se evitar atribuir maior importância a outra temporalidade que não a intratextualmente articuladora da historicidade dos conceitos.

Não se o confunda com a feitura de concessões a uma opção pela sincronia. Não tanto porque a literal referência ao tratamento em conjunto dos momentos constituintes da obra torne o termo impróprio, mas porque o uso da palavra em certos contextos a consagrou como álibi para a pura e simples omissão do tempo, o que para Lacan é inaceitável.

---

11 A frase inspira-se no título do seminário LES NON DUPES ERRENT.
12 DE ROME 53 A ROME 67: RAISON D'UN ÉCHEC, Scilicet 1, p.45

No tempo da investigação não há que solver a temporalidade, pelo contrário se impondo ressaltar o seu relevo. Isso, o anacronismo ignora-o, e às vezes rotula-se de sincronia:

> *On trouve sous la plume d'Hartmann cet aveu assez candide qu'aprés tout les conceptions de Freud ne s'accordent pas si bien que ça entre elles, et qu'elles ont besoin d'être synchronisées. Les effets de cette synchronisation de la pensée de Freud sont précisément ce qui rend nécessaire um retour aux textes. A la vérité, elle me paraît avoir un fâcheux écho de mise au pas. Il ne s'agit pas pour nous de synchroniser les différentes étapes de la pensée de Freud, ni même de les accorder. Il s'agit de voire à quelle unique et constante difficulté répondait le progrès de cette pensée fait des contradictions de ses différentes étapes. Il s'agit, à travers la succession d'antinomies que cette pensée nous présente toujours, à l'intérieur de chacune de ces étapes, et entre elles, de nous affronter à ce qui est proprement l'objet de notre expérience.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE II: LE MOI DANS LA THÉORIE DE FREUD ET DANS LA TÉCHNIQUE DE LA PSYCHANALISE, p.178)

O psicanalista preocupa-se, e muito, com o tempo. Tanto que está longe de o achatar em cronologia.

Pela razão vista, também não lhe convém associá-lo à palavra "sincronia". O modo como lhe importa, designa-o de lógico.

Nesta investigação trata-se de seguir à risca, aplicando-a à leitura, o que Lacan concebe como temporalidade lógica[13]: uma sucessividade não homogênea, por meio de cada estágio de sua significação constituinte do objeto compreensivo a que se dedica. Portanto uma temporalidade com alcance ontológico, includente dos impasses em que provisoriamente estaciona e preservadora dos momentos anteriores. Um procedimento que, afinal, ainda que inusual, a propósito da leitura a que submete o interlocutor privilegiado que é Freud, exemplarmente propugna em resenha do ano de número sete do seminário:

> *L'événement Freud n'est présentement à saisir nulle part ailleurs que dans les écrits de la main de Freud tracés: ses oeuvres, ce qu'on appelle.*
>
> *C'est bien porquoi il échappe à ceux qui se contentent de feuilleter les dites, ce qui est, sans qu'il y ait besoin d'en rendre plus loin raison, le cas avoué ordinairement, surdémontré par une production commune, des psychanalystes.*
>
> *Cette incapacité à lire n'étant pas leur privilège, elle nous oblige à prévenir que ce n'est pas l'histoire de l'évènement que représentent les écrits. Les écrits* ***sont*** *l'évènement: ils participent bien sûr de la temporalité inhérente au discours, mais l'événement est un événement de discours, comme il convient puisqu'il n'y a pas événement qu'il ne se place d'un discours.* (COMPTE RENDU DU SÉMINAIRE DE L'ÉTHIQUE, Ornicar 28, p.12/3)

De igual modo, os escritos, conferências e seminários são, mais do que documentos do evento Lacan, o próprio acontecimento[14]. Que resultado teria uma exploração hermenêutica

---

13 Informações específicas e mais circunstanciadas a respeito desta podem ser encontradas no estudo de E. Porge PSICANÁLISE E TEMPO: O TEMPO LÓGICO DE LACAN.

14 De modo algum se contesta o interesse de estudos históricos e biográficos sobre o autor e as circunstâncias da sua época. Tais estudos têm o seu mérito, mas é ilusão pretender desse modo penetrar num sistema de pensamento (a não ser que se creia poder dar conta do mesmo psicologizando-o ou sociologizando-o).

Assim como lacanianamente Freud é "feito" da sua letra, o personagem Lacan não explica a sua obra. Mesmo que a sua personalidade original desencadeie uma grande curiosidade e paixões marcantes.

Portanto, os curiosos relatos de encontros e análises com Lacan (como por exemplo o de Godin, JACQUES LACAN, 5 RUE DE LILLE) bem como relatos mais ou menos escandalosos das suas condutas (como por exemplo VIDAS E LENDAS DE JACQUES LACAN, de C. Clément), não devem ser entendidos como nada mais do que são: depoimentos relativos às reações suscitadas em uma ou num conjunto de pessoas pela convivência com o psicanalista. Do mesmo modo devem ser recebidos trabalhos mais ambiciosos, como os de Roudinesco: tratam exteriormente da historicidade da obra, não adentrando o tempo dos conceitos, inachatável em factualidades biográficas.

É importante tê-lo em mente para bem poder aproveitá-los, sob pena do incauto se distanciar do acontecimento Lacan, exatamente quando julga deslindar a sua intimidade...

Equívocos nessa direção talvez possam ser parcialmente justificados pela excessiva proximidade espacial e temporal com o mesmo em que se viram envolvidos muitos dos que a estes se dedicaram. O que certamente também é uma condição facilitadora do pendor de alguns para uma passionalidade extrema ao tratarem do seu tema (como, entre outros, F. George em L'EFFET'YAU DE POÊLE: DE LACAN ET DES LACANIENS).

que desprezasse a "bula" que, precipuamente, sem margem para dúvidas, é indicada pelo seu objeto?

Seja qual for, aqui não interessa. Não seguir os ditames do autor, por mais que se se ampare na duvidosa "vantagem" de incerta "argúcia" analítica, não tem como essencialmente se diferenciar do rol, que integra, das demais possíveis incompreensões. É fazer companhia a leituras assentadas na incorreta compreensão da disciplina psicanalítica, tão desmerecida, vulgarizada, por "estilos" párias que, ao nela se pretenderem filiar, a denigrem. Por exemplo, leituras afeitas à confusão entre método de leitura inspirado nos princípios demonstrados na obra lida e a "psicanalização" selvagem da pessoa do autor, procedimento no qual está em jogo o manifesto desconhecimento tanto da tese do pensador sobre leitura, incidente única e exclusivamente na letra, como também do seu entendimento do que deva ser uma análise, clínica ou textual.

Não se trata nunca de se adentrar na ficção, ao estilo da biografia psicanalítica, ou da crônica sub-sociológica de costumes, narradas em terminologia freudiana[15].

Em contrapartida, obedecer aos critérios do autor facilitará que se proceda aos cuidados que permitam reduzir o risco de desvarios. Pois não se o medindo com o seu "metro", ao perder-se a justa medida do sentido do seu discurso deixa-se escapar o que mereça precisar-se essencial.

Em última instância, a validação desta escolha depende da fecundidade dos resultados obtidos. Mas sempre pode invocar a seu favor a expressa anuência do autor[16].

Não se cuida de escamotear que em verdade sempre se compreende demais ou de menos, o que expressamente contraditaria Lacan[17]. Apenas se ressalva que esse demais ou de menos pode em algum grau trazer a mais alguma verdade, calada, ou estabelecer-se como uma projeção encobridora sobre um suporte que não estava vazio... Pelo que, no intuito de ser fiel ao espírito que anima a letra lacaniana e com a facilidade de em boa parte sua obra se dedicar a longos e persistentes comentários de diversos autores, vale a pena definir como critério fundamental orientador de seu deciframento, decidir como mais promissora do ponto de vista do entendimento de suas teses, a perspectiva que se configure similar à maneira como lida com suas referências.

Não se pretende com isso de forma alguma afirmar que Lacan submetesse as suas fontes a procedimentos exegéticos inspirados nas indicações nelas disponíveis. É importante discriminar a decifração de um pensamento da sua utilização.

Aliás este estudo afasta-se de qualquer pretensão de entrar no mérito de avaliar, defender, ou atacar os comentários de Lacan sobre quem quer que seja. As suas menções a outros pensadores, bem como as citações, devem ser concebidas como ocasião de

---

Identicamente pouco úteis são as obras que se reduzem a dogmáticas paráfrases acríticas do dizer lacaniano, implicitamente apologéticas, como a maioria dos artigos incluídos no volume LACAN, editado pela Bordas.

Do ponto de vista de uma leitura como a que aqui se intenta, todos estes e os demais no estilo são desvios por atalhos que fazem perder o caminho. No gênero coleção de impressões suscitadas pelo indivíduo Lacan e pelo seu modo de agir, uma recoleta da sua palavra como a promovida por J. Allouch em CENT TRENTE-DEUX BONS MOTS AVEC JACQUES LACAN será sempre infinitamente mais útil.

15 *S'il convient d'appliquer à cette sorte de texte toutes les ressources de notre exégèse, ce n'est pas seulement... pour l'interroger sur ses rapports à celui qui en est l'auteur, mode de critique historique ou littéraire dont la valeur de <<résistance>> doit sauter aux yeux d'un psychanalyste formé, mais bien pour le faire répondre aux questions qu'il nous pose à nous, le traiter comme une parole véritable...* (RÉPONSE AU COMENTAIRE DE JEAN HYPPOLITE SUR LA <<VERNEINUNG>> DE FREUD – ÉCRITS, p.381)

16 *Y a-t-il, en effet, meilleure méthode critique que celle qui applique à la compréhension d'un message les principes mêmes de compréhension dont il se fait le véhicule?* (RÉPONSE AU COMENTAIRE DE JEAN HYPPOLITE SUR LA <<VERNEINUNG>> DE FREUD – ÉCRITS, p.381)

17 *... je ne crois absolument pas au sens commun. Il y a du sens, mais il n'y en a pas de commun. Il n'y a probablement pas un seul d'entre vous qui m'entendiez dans le même sens. D'ailleurs, je m'efforce que, de ce sens, l'accès ne soit pas trop aisé, de sorte que vous deviez en mettre du vôtre, ce qui est une sécretion salubre, et même thérapeutique. Sécretez le sens avec vigueur et vous verrez combien la vie devient plus aisée!* (6-1-72)

inquestionável reflexão pessoal. Sua significação deve ser encontrada e julgada no âmbito da operacionalidade que alcançam no corpo de suas teses, e nunca em função do que por quaisquer critérios, mesmo o aqui adotado, se decida merecerem no contexto em que hajam sido colhidas.

Na medida em que os elementos de pensamento que Lacan coleta nos seus interlocutores assumem feição própria ao se tornarem partes intrinsecas da sua reflexão, o que importa é o sentido que ele lhes empresta. Mesmo o significado de termos privilegiados por outros pensadores terá de se precisar na trama da sua interdeterminação com os da lavra do autor, segundo as linhas de força que presidem a sua reflexão. Por exemplo, não é Freud que é tomado como pertinente para a leitura de Lacan, e sim a leitura do primeiro promovida pelo segundo.

O fato desta investigação não se aventurar pelo escorregadio campo da exegese de Freud, remetendo a este apenas na estrita medida em que isso se preste à intelecção dos exercícios dialéticos lacanianos, não impede que se sugira um trajeto que haveria de se preferir, se se tratasse de rastrear no primeiro o que mais alimenta a reflexão de Lacan. Nesse caso, o projeto deveria centrar-se num roteiro que privilegiaria, a partir do PROJETO DE UMA PSICOLOGIA PARA NEURÓLOGOS, o percorrimento dos fragmentos de obras interessadas na questão da realidade, passando pela metapsicologia e os princípios de realidade e de prazer, até chegar ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER. Roteiro um tanto ou quanto arbitrário, se se levar em conta a importância dos casos clínicos no desenvolvimento do componente especificamente teórico, bem como uma série de textos sobre a questão da castração e da feminilidade (já que se sabe que é aqui que Lacan engancha, no nível estritamente clínico, o problema propriamente epistemológico que persegue).

Poder-se-ia talvez objetar ao papel menor que nesta investigação se reserva a esse tipo de trabalho que, se há algo de indubitável quanto ao pensador Lacan, é que sua obra parece um longo comentário de Freud. Portanto, como lê-lo sem cotejar permanentemente o que diz com o que se pense que Freud realmente tenha dito?

A objeção procede muito parcialmente. É inquestionável que, quanto a muitas questões, Lacan não deveria ser lido autonomamente. Mas por outro lado, os problemas que encontra em Freud são, antes de mais nada, seus problemas[18]. Têm uma densidade própria e peculiar no quadro da sua reflexão. Em particular é este o caso da questão discutida neste estudo, pois não consta que Freud se tivesse especialmente angustiado com os problemas levantados pelo "conceito" de inconsciente no quadro de uma meditação aplicada à elucidação do conhecer, e menos ainda se tivesse dedicado à sua resolução.

De qualquer modo, não há motivo para que as dificuldades com a exegese lacaniana de Freud devam expressar-se em termos de concordância ou não para com a fidedignidade da sua leitura. No máximo podem estabelecer-se como discordância para com os critérios que a guiem[19]. Mais ainda em se tratando da psicanálise e de Freud, principal laboratório lacaniano de leitura, de cuja pena extravasa uma riqueza semântica que, pelo seu rigor, transcende a intencionalidade do autor e, com elegância, se protege da trivialidade[20].

---

18 *... si je me suis limité dans ma vie à commenter mon expérience et à l'interroger dans ses rapports à la doctrine de Freud, c'est précisément dans la visée de n'être pas un penseur mais, une pensée, celle de Freud, déjà constituée, de l'interroger en tenant compte de ce qui la détermine, de ce qui, hegeliennement parlant, fait ou non sa vérité.* (23-4-69)

19 Embora tomadas de posição deste teor estejam longe de ser o objetivo deste trabalho, em defesa de Lacan pode dizer-se que o hipotético crítico esqueceria que a legibilidade sempre se submete a algum procedimento. Nunca há apreensão direta de texto algum.

20 Pelo menos assim Lacan o julga:

Ne voilà-t-il pas, une fois de plus, démontré qu'à proposer à l'esprit moins prévenu, s'il n'est pas certes le moins exercé, le texte de Freud que je dirai de l'intérêt le plus local en apparence, nous y trouvons cette richesse jamais épuisée de significations qui l'offre par destination à la discipline du commentaire. Non pas un de ces textes à deux dimensions, infiniment plat, comme disent les mathématiciens, qui n'ont de valeur qui fiduciaire dans un discours constitué, mais un texte véhicule d'une parole, en tant qu'elle constitue une émergence nouvelle de la vérité. (RÉPONSE AU COMENTAIRE DE JEAN HYPPOLITE SUR LA <<VERNEINUNG>> DE FREUD – ÉCRITS, p.381)

Outra tarefa, sobremodo interessante, seria, no terreno do confronto entre as interpretações do vienense, investigar o fôlego da exegese de Freud por Lacan ou, para parodiar o título de um escrito, averiguar a solidez de Freud com Lacan. Eis uma investigação útil, pertinente, mas outra que não esta...

Não se creia, porém, que mesmo para o fim almejado se a despreze ou irreleve. Pelo contrário, em alguma medida teria o mérito de adensar a leitura interna da obra de Lacan, pois, ainda que certamente nada alterasse no ordenamento da sua conceituação psicanalítica, permitiria perspectivar a sua gênese ao assinalar pontos de gravitação mais facilmente clarificados no contraste promovido pela objetivação do jogo de seleções e exclusões, se não da letra de Freud — o que implicaria em desonestidade intelectual —, das decisões interpretativas em que se orienta, e cujo ganho sempre se correlaciona à perda de outras possibilidades virtuais. Tais escolhas permitiriam, ainda que não inscrever sentidos além dos permitidos pela construção dada no discurso, certamente ressaltar o significado das decisões lacanianas (mais ou menos como uma tonalidade se vê salientada pela contigüidade com outras cores, sem que em si tenha sofrido qualquer alteração).

Para alcançá-lo, porém, seria preciso primeiro ler apropriadamente cada um dos autores referidos — pelo menos os principais —, o que alongaria enormemente o limite proposto à investigação, em si já ambicioso.

Optou-se por isso, arbitrariedade que se espera o leitor possa concordar em qualificar como prudência, por excluir quaisquer preocupações dessa ordem[21]. Tratar-se-á de buscar, única e exclusivamente no âmbito interno ao pensamento estudado, as interpretações do seu universo de referências, sem nem sequer poder levar (muito) em conta os tímidos comentários e (ainda) raros comentadores de Lacan[22].

3. A LETRA CONTRA A CRONOLOGIA

---

21 De qualquer modo, hoje em dia o estudioso já conta com inúmeros trabalhos, de maior ou menor fôlego, empenhados em comparar Lacan com outros pensadores, a fim de verificar pontos de simetria, sondar influências, ou mesmo "condenar" equívocos. Basta uma rápida vista de olhos na bibliografia para constatar o quanto proliferam colóquios, números especiais de revistas, volumosos tratados ou breves artigos interessados em correlacionar o pensamento de Lacan com o de alguém...

Raro é encontrar um autor disposto a estudar Lacan em si mesmo. Quando isso se sugere, no mínimo apóia-se em Freud — é o caso de Philippe Julien em LE RETOUR À FREUD DE JACQUES LACAN: L'APPLICATION AU MIROIR e o de J. Allouch em FREUD, ET PUIS LACAN. Parece ser mais simples ou motivante não ler Lacan por ele mesmo, mas sim correlativamente a Freud, aos filósofos, etc. Exemplares são o conjunto de trabalhos apresentados no Colóquio "LACAN AVEC LES PHILOSOPHES", promovido pelo Colégio Internacional de Filosofia e a coletânea LA PENSÉE DE JACQUES LACAN, editada por Louvain. Mas a título de exemplo indique-se também LACAN: HEIDEGGER, de Aleman e Larriera; DESCARTES ET LES FONDEMENTS DE LA PSYCHANALYSE, de Baas e Zaloszyc; SARTRE ET LA PSYCHANALYSE, de Betty Cannon; o artigo de Leguil LACAN AVEC ET CONTRE JASPERS; bem como LACAN ET DESCARTES: LA TENTATION MÉTAPHYSIQUE de J. Sipos.

Mesmo no Brasil o fenômeno encontra eco. Por exemplo, Loparic dedicou-se à vã tentativa de compreender o conceito de desejo única e exclusivamente a partir do volume VII do seminário (vide 14 CONFERÊNCIAS SOBRE JACQUES LACAN), de quebra acusando Lacan de contrabandear Sartre para dentro da psicanálise. E Paulo Arantes publicou dois artigos na revista Ide, cujos títulos dispensam comentários: HEGEL NO ESPELHO DO DR. LACAN e UM HEGEL ERRADO MAS VIVO.

Mesmo obras que especificamente se propõem a comentar o pensador — como por exemplo LACAN: A FORMAÇÃO DO CONCEITO DE SUJEITO, de Ogilvie e LACAN, LE MAÎTRE ABSOLU, de Borch-Jakobsen — elaboram-se tendo em mira a identificação de influências, o que facilita que muitos se sintam tentados a negar a existência de uma dimensão e de uma problemática filosóficas internas ao labor meditativo lacaniano, reduzindo-o a uma colagem de influências e de elementos externos, mais ou menos mal feita, armada de uma retórica erudita mas dedicada ou à repetição (se não pirataria) do já dito, ou à emissão de trivialidades.

Indubitavelmente válidos e certamente úteis, todos esses trabalhos e outros similares inserem-se noutra perspectiva que não a que aqui se segue.

22 A maioria dos livros que exclusivamente se debruçam sobre o pensamento de Lacan restringem-se a resenhas mais ou menos bem feitas de certas épocas da elaboração do psicanalista, instantâneos de generalidades incompatíveis com a atenção à literalidade e às suas conseqüências. Até pelas limitações inerentes ao seu projeto, é o caso da maioria das introduções à sua obra, como o volume JACQUES LACAN: UMA INTRODUÇÃO de Rifflet-Lemaire e de livros como o de Fages (PARA COMPREENDER A LACAN), o de Palmier (LACAN), e o de Cabas (CURSO E DISCURSO DA OBRA DE JACQUES LACAN), para citar três exemplos. No entanto também se encontram notáveis exceções a esta regra, como por exemplo a INTRODUÇÃO À LEITURA DE LACAN de Joël Dor, que, como o título indica, se propõe uma meta mais ambiciosa.

Quaisquer escansões na produção intelectual do autor, salvo serem expressamente bem fundamentadas nos textos, arriscam-se a introduzir o arbitrário do leitor.

Embora se possa recorrer a algum tipo de divisão da produção lacaniana em períodos, esse pendor induz facilmente a equívocos, já que há a tendência para superficialmente substituir a história interna à obra, tempo de maturação das idéias, por factualidades sócio-culturais que lhe são cronologicamente contemporâneas, mas que mais a alimentam e subsidiam do que a motivam ou justificam. Ainda assim, a sua "cronologização" poderia justificar-se em algumas ruminações em voz alta do próprio Lacan[23].

Presumivelmente se a dividiria em três fases, procedimento que, por motivos que posteriormente se farão mais claros, se evita adotar.

Um primeiro período estaria vinculado à temática do imaginário e, na realidade, até pela preponderância desse pensamento na cultura do início do século na França, muito impregnado pela "realidade" da fenomenologia na formação do psiquiatra e pensador.

A este se seguiria um segundo, cujo marco de transição seria o escrito FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE DANS L'INCONSCIENT, contemporâneo à expulsão da Associação Internacional de Psicanálise (evento biográfico propício à distração quanto aos conceitos). Momento preocupado com o simbólico, paralelo ao apogeu do estruturalismo e biograficamente datável pela cessão de espaço para a realização do Seminário na École Normale Supérieur.

Haveria ainda um derradeiro, atormentado pela temática do real, aproximadamente inaugurado por altura do ano XVII do seminário, pronunciado já na faculdade de Direito. Período que prossegue até ao fim — fim da produção de escritos, da realização do seminário, e da vida do psicanalista —, e que como os anteriores e cada vez mais, não obstante singular em relação às "fontes", a ter de se lhe encontrar uma preponderância de referências, haveria de se as situar tangenciando o formalismo lógico-matemático.

O pior defeito destas classificações é facilitar a crença em que o clima intelectual hegemônico numa época explique o que faz os problemas de um pensador e a dramaticidade de um pensamento. Ater-se a tanto na "explicação" de idéias, mais freqüentemente contribui para que o olhar contemporâneo nada encontre que catalise o pensar, e até se amorteça, alucinando um museu onde há vida.

Especificamente, no caso lacaniano, baseia-se numa representação da obra comprometida com a segmentação em períodos diacronicamente pensados, definidos abstratamente em função do privilegiamento temático de cada um dos três registros — o imaginário, o simbólico e o real. Mas tendo em vista a interdependência em geral reconhecida no enfoque dado por Lacan aos mesmos, isso é, no mínimo, muito inesperável.

A contrapartida não consiste em negar que nesses "períodos" o sujeito da sua indagação tenha sido mais barulhentamente cada um desses registros, mas em ressaltar que o patenteamento ostensivo de cada um, sob pena de desentendê-los completamente, supõe a presença mais silenciosa dos demais.

Pior: tais escansões cronológicas escamoteiam a interpelação vibrante entre problemas, sempre os mesmos — fundamentais e por isso constantes, ou novos, surgidos nas circunvoluções do pensar solucionante das dificuldades anteriores — e soluções, provisórias. Interpelação que testemunha a vivacidade e a atualidade renovada de cada membro reanimado no corpo teórico lacaniano. Esse procedimento é uma verdadeira máscara mortuária, comprometida com o silenciamento da tagarelice que resguarda a textualidade da mesa de dissecação na qual (anatomistas da história mais ou menos social das idéias) intentem conferir-lhe venerável mumificação.

Em Lacan não há propriamente abandono, ou desistência, mas a cada momento uma reatualização do que produziu e a repetição deste no que lhe sucede. Um exemplo: a análise estrutural, encarada como instrumento necessário ao equacionamento do imprescindível para o

---

23 Como as feitas, por exemplo, na inauguração do seminário na faculdade de Direito.

manejo e elucidação do imaginário, por sua vez terá de ser repensada, no bojo da revelação da literalidade formal e lógica, como o essencial no real. Dessa maneira não se interfere propriamente na noção de forma, mas apenas no estatuto da formalidade[24].

Mesmo não havendo como evitar a explanação seqüencial dos temas relevantes para a elucidação da trama conceitual lacaniana, sob pena de o empenho em tratá-los claramente se reduzir a um encandeamento em comum obscuridade, não se deve esquecer que todos se sustentam mutuamente.

Neste estudo — única e exclusivamente em função do aqui tratado, de maneira reconhecidamente mais ou menos arbitrária e sem deixar de avisar o leitor quanto à relatividade do corte proposto (nem sequer omitindo a explícita discordância do autor[25]) —, divide-se a obra lacaniana em duas fases temáticas, convenientes à descrição do que a motiva: uma denominada psicológica, e outra especificamente psicanalítica. Embora a distinção não se traduza numa ruptura efetiva quanto aos meios do seu labor intelectual, responde a uma cisão quanto à expectativa dos fins.

Esta divisão obviamente não exclui outros percursos[26] possíveis de se traçarem no testemunho literal lacaniano. A via seguida apenas reivindica para si o haver podido recortar uma meditação de interesse fundamental não apenas para a psicanálise, mas com implicações radicais e mais gerais.

Primeiro Lacan visou fundar uma psicologia, e encontrá-la na psicanálise. Depois, no ápice do empenho nesse projeto, confrontado com a sua problematicidade, o pensador orienta-se para a meta de pensar a psicanálise como disciplina irredutível.

É nesse momento que se se depara com as maiores dificuldades. Dificuldades basicamente de duas ordens: o estilo, muito peculiar, e a validação do registro de testemunhos originalmente orais, não revistos pelo autor.

4. PROPÓSITO DO ESTILO

Por vezes se atribui boa parte das dificuldades no trato com a letra lacaniana a mera excentricidade. Não se poderia realmente reduzi-la a isso[27], pois é pouco provável que a dificuldade em geometrizar as veredas que se possam trilhar na selva do seminário e dos escritos se deva explicar de maneira tão gratuita. Lacan é peremptório ao afiançar que se guia essencialmente pela necessidade de provocar efeitos de formação:

---

24 Especialmente em função da possibilidade de "calculá-la" espacialmente pela topologia:

... si mon enseignement a un sens et s'il est cohérent avec le structuralisme qu'il met en valeur, s'il a pu se poursuivre et s'édifier d'an en an, il me semble qu'il est assez normal de considérer qu'il a trouvé faveur dans ceci que la formulation structuraliste, pour se fonder... a un avantage, c'est précisément d'appartenir... à un monde topologique, ce qui veut dire, où les connections ne se perdent pas parce que le fond est déformable, souple, élastique. (8-12-65)

25 *A la vérité, je ne crois pas qu'il y ait dans ce que j'ai enseigné deux temps: un temps qui serait centré sur le stade du miroir, sur quelque chose de pointé sur l'imaginaire, et puis après, avec ce moment de notre histoire qu'on repère par le rapport de Rome, la découverte que j'ai faite tout d'un coup du signifiant. Dans un texte qui je crois n'est plus facile d'accès, mais enfin, qui se trouve dans toutes les bonnes bibliothèques psychiatriques, un texte paru à l'Évolution Psychiatrique qui s'appelle PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE, discours qui nous fait remonter, si mon souvenir est bon, juste après la guerre en 1946, ceux qui s'intéressent à la question qui m'est ainsi posée, je les prie de s'y reporter. Ils y verrons des choses qui leur prouveront que ça n'est pas de maintenant que cet entrejeu de ces deux registres a été par moi intimement tréssé.* (28-11-62)

Mesmo que se pondere a correção do auto-comentário, não há como deixar de reconhecer na negação do ato de crer uma típica denegação.

26 Cuja multiplicidade é expressamente predita por Lacan:

Je bénis ceux qui me commentent de s'affronter à la tourmente qui soutient une pensée digne, soit: pas contente d'être battue des sentiers du même nom. (...OU PIRE, Scilicet 5, p.10)

27 Ainda que a excentricidade não lhe seja estranha, se excêntrico o analista for. Pois, enquanto analista, ele ... *doit aspirer à telle maîtrise de sa parole qu'elle doit être identique à son être.* (VARIANTES DE LA CURE-TYPE — ÉCRITS, p.359)

Toute notre rhétorique vise à rejoindre l'effet de formation qu'il nous faut pourtant y porter.
(D'UN SYLLABAIRE APRES COUP — ÉCRITS, p.722)

Boa parte das dificuldades impostas ao leitor derivam da inclusão de procedimentos de redação que visam a formação analítica. Procedimentos cuja razão, para efeito deste trabalho, basta esclarecer, não havendo porque não os desativar, já que aqui não se visa formar ninguém — nem mesmo polir a ignorância a partir da qual, segundo o autor, a psicanálise desde sempre teria promovido o recrutamento de seus praticantes. Identificada a funcionalidade do estilo, porque mimetizá-lo, se não se cuida de exercer função semelhante? Mesmo que fosse este o caso, exatamente por isso não caberia nenhum mimetismo.

A assinatura Lacan difundindo-se a analistas, o fato de sua palavra visar a formação psicanalítica e para tanto manter um estilo de dicção exemplificado no seu discurso, não impede que seja perspectivável de outros ângulos. Para se poder corretamente precisar a posição conveniente ao contexto da sua finalidade, basta que não se perca o ponto de mira que tensiona o texto.

Em síntese, o apelo à formação analítica imanente à disposição sintático-retórica lacaniana, reconhecida nesta aquela função, permite a liberdade de apresentar o estudo da maneira mais conveniente aos seus fins.

Mais que possibilidade, torna-se obrigação, pois mimetizar as idiossincrasias estilísticas lacanianas seria, sem o lucro da formação, soçobrar ao fascínio retórico e à tentação dogmática, que são (falta de) alternativas de quem ao tentar estudá-lo se desorienta.

A troca de conceitos por trejeitos, a substituição das luzes pela paralisia do pensamento, a fidelidade opaca aos preciosismos lacanianos, são tão mais absurdas quanto sequer o autor se propõe como modelo, pois nem sempre se considera muito feliz com os resultados que alcança[28]. O seu estilo resulta um despropósito se for mimetizado aleatoriamente por epígonos que o desilustrem. Ainda mais se tomarem por objeto seus textos — não o inconsciente, mas um discurso sobre o inconsciente —, caracterizando sua inclusão no gênero discursivo universitário, para o qual a nítida definição dos conceitos, a clareza e a objetividade, são critérios de qualidade.

Nestas circunstâncias, a insistência no mimético apenas revela alto grau de confusão (pelo menos quanto à pertinência dos discursos). Para se constatá-la, basta considerar a natureza profundamente diferente entre uma pesquisa de orientação filosófica sobre psicanálise e um estudo psicanalítico[29]. A primeira, não sendo um escrito de psicanálise mas debruçando-se sobre textos psicanalíticos, ao propor-se a considerar os conceitos não tem por quê (nem poderia) proceder no plano das condições de produção de alguma coisa que escape à mera significação conceitual. Escape que por sua vez, no segundo, se faz relevante em função da introdução psicanalítica do inconsciente (o qual Lacan houve por bem, a certa altura, explorar por meio do significante). Operando por uma leitura rente a um extrato em que efetivamente cortes, omissões, reticências, por geradores de significação — quer dizer, significantes em pé de igualdade com os que formam os termos regulares do código lingüístico —, são cidadãos de pleno direito, o segundo é obrigado a levar em conta uma dimensão irrelevante para a primeira.

---

28 *... ce que j'écris, je le refais dix fois. Mais c'est vrai que la dixième fois, je l'écris très vite et c'est pour ça qu'il y reste des bavures: parce que c'est un texte. Un texte, comme le nom l'indique, ça ne peut se tisser qu'à faire des noeuds. Quand on fait des noeuds, il y a quelque chose qui reste et qui pend. Je m'en excuse. Je n'ai jamais écrit que pour les gens sensés m'avoir entendu. Et quand, par exception, j'écrivais d'abord, le rapport d'un congrès par exemple, je n'y ai jamais donné qu'un discours sur mon rapport.* (10-5-72)

29 *Ce que je dis, ça intéresse — vous en êtes la preuve — tout le monde. Ça m'intéresse, moi, pas comme tout le monde, et ça se sent dans ce que je dis — c'est pour ça que ça intéresse tout le monde.*

Pourquoi est-ce que ça se sent? Parce que ce que je dis est un frayage concernant ma pratique, et qui part de cette question — que je ne poserais pas si je n'en avais dans ma pratique la réponse — qu'est-ce qu'implique que la psychanalyse opère? (R.S.I., 14-1-75, Ornicar 3, p.97)

Eis a razão porque no último caso é importante não distinguir o "objeto" psicanalítico, acessível pela fala, das propriedades estilísticas que, lhe sendo imanentes, o são por meio da Palavra. Cabe manter a palavra à altura dos recursos com os quais o (aprendiz de) analista, bem ou mal, terá de se haver[30].

Não é esta a circunstância do tipo de pesquisa primeiramente assinalado, no qual não se tem em mira a formação de "escutadores". O que então se privilegia é o significado, o sistema de conceitos, e não o nível da significância, que os suporta.

Este trabalho, assumidamente pertinente ao tipo de discurso que Lacan denomina de universitário[31], é sobre o inconsciente, não com o inconsciente. Não sendo por isso nunca necessário, nem se devendo, plagiar ou sequer manter-se na linha do estilo do psicanalista, cujo "barroco", afim da textura do inconsciente, tem como finalidade a produção de operações significantes desencadeadoras de efeitos de formação analítica. Afinal, a escrita e a análise ao pé da letra, em Lacan, têm também esta precípua e muito específica finalidade.

Não obstante, ainda que sempre se trate de discernir entre o estilo conveniente ao desenvolvimento da obra lacaniana e regras de redação favoráveis à sua explicitação na forma de idéias, o fato é que o privilegiamento pelo primeiro da dimensão significante contra a linearidade do significado ocasiona sérios desafios à sua tradução nas bases pretendidas.

No mais das vezes, foi possível equacionar o conflito entre a exuberância retórica do psicanalista e a conveniência de a desbravar por meio de uma redação clara, que seja sóbria sem lhe ser infiel, recorrendo a construções de frases que, intencionalmente, incluem vários sentido. Não se trata de descuido, mas do cuidado em não omitir a pluralidade e muitas vezes ambigüidade de significados que, no ato da própria obra lacaniana, demonstram as suas teses sobre o signo.

De quando em vez, foi necessário forçar um uso incomum dos parênteses, de modo a salientar a concomitância de dois ou mais sentidos na forma da sua subordinação a uma única frase. Os contextos em que tal redação se impos não deixam dúvidas quanto à conveniência do seu uso, pois em cada caso é fácil verificar o quanto este simplifica o entendimento.

Quanto às meras palavras, tomada a decisão de grafar em negrito os termos em língua estrangeira que não se situem em citações, "deslocou-se" a norma a fim de incluir os casos em que aquelas se aplicam como que diretamente ao estranho à fala. Ou seja, quando se alude ao realmente indizível, não é raro que uma palavra comum e vernácula se grafe desta forma[32].

Mas a mais importante conseqüência do estilo lacaniano para este trabalho também é a mais óbvia. Em função da relevância de cada peculiaridade estilística e da dificuldade em dissociá-las da forma lingüística que as institui, decidiu-se não traduzir as referências tomadas da obra lacaniana.

A favor de tal critério, a princípio deveria alegar-se a extrema complexidade e riqueza do uso lacaniano do verbo. A par da freqüente alusão a momentos da cultura mais ou menos gravados na experiência da sua língua, explora-a levando em conta matizes semânticos e nuances fonéticas no mais das vezes intraduzíveis.

O seu "barroco" é monoglota. Legível em francês, qualquer tradução implica em decisões de perdas que, no caso, se afiguram desnecessárias.

---

30 *... la méthode selon laquelle je procède dans l'enseignement que je donne ici n'est sûrement pas à moi de en épeler ici la rigueur. Le jour où on cherchera, dans les textes qui pourront subsister, être transmissibles, se faire entendre de ce que je vous donne ici, on s'apercevra que cette méthode ne se distingue essentiellement de l'objet qui est abordé.* (22-5-63)

31 Discurso caracterizado por pressupor um objeto – no caso, a problemática do inconsciente –, a partir de um saber prévio a seu respeito – aqui, os textos de Lacan –, ao qual se subpõe e no qual se supõe a palavra fundante de um sujeito. Diferencia-se do analítico, que visa interlocucionar o sujeito, provocá-lo (em todos os sentidos), provocando o desejo, e que por isso se põe a partir do que a este causa.

32 Em especial pronomes como **eu**, **mim** ou **isso**.

Além disso, tarefa ingrata, uma missão dessa envergadura, solidária do levantamento e discussão dos problemas que levanta, por si só merece a atenção de uma ou muitas teses que especificamente se lhe dediquem.

5. REGRAS DA ESCRITA

Justificada a legitimidade da abordagem do pensamento psicanalítico lacaniano pela filosofia, decidido enfrentá-lo com o instrumento de leitura que nele se defenda, e reconhecido o papel do estilo, é chegado o momento de explorar os procedimentos estilísticos que guardam a feitura de sentido. Pois se bem imitá-lo trai a falta de qualquer perspectiva real, não basta só evitá-lo para se assegurar um bom caminho: é imprescindível desvendar os procedimentos em que se cifram as teses, afinal desvendando a arquitetura discursiva lacaniana. A fim de esclarecer o sentido da sua produção não há como ignorar as maneiras pelas quais elabora seus conceitos, solidária do modo como conceitua a produção de sentido.

Além de roteiro para o adentramento no universo intelectual lacaniano, as diretrizes ora expostas permitem esclarecer o real sentido da muito alardeada fidelidade a Freud, como fidelidade à sua descoberta, mas lacanianamente interpretada:

> *On voit donc que le mot d'ordre dont nous nous sommes armé du retour à Freud, n'a rien à faire avec le retour aux sources qui pourrait aussi bien ici comme ailleurs ne signifier qu'une régression.*
>
> *Même s'agissant d'en corriger une déviation trop manifeste pour ne pas s'avouer comme telle à tous les tournants, ce ne serait que donner place à une nécéssité externe, encore qu'elle soit de salubrité.*
>
> *Notre retour à Freud a un sens tout différent... Tout doit en être redit sur une autre face pour que se ferme ce qu'elle encerre...* (D'UN DESSEIN — ÉCRITS, p.366)

Para os desprevenidos, a sua incansável releitura de Freud o mais das vezes apresenta resultados surpreendentes. Mas o que aqui interessa é que, além disso, informa preciosamente a respeito da construção do seu próprio texto:

> *Bref, on lit Freud comme on écrit dans la psychanalyse; et c'est assez dire.* (D'UN DESSEIN — ÉCRITS, p.366)

Há um primeiro traço da aproximação lacaniana da letra que não se pode esquecer na leitura (mais) atenta à explicitação de conceitos. Prende-se ao modo como pensa a relação entre o que lingüisticamente se expressa pelos termos "significante" e "significado", comentada em detalhe no curso do trabalho[33]. Adiante-se que nela se fundamenta o tratamento dos textos de maneira descomprometida com outra temporalidade que não a intrínseca às articulações da malha discursiva. Ou, dito de outro modo, sem levar em conta a cronologia, que é "pecado" que importa em severos revezes por, ao extemporizar o verbo e ilogicizar o tempo, supor um enclausuramento, uma pseudocompletude de cada texto em si.

Ainda que pelo viés da cronologia cada texto possa ser pensado em resposta a problemas levantados em outras ocasiões, em si mesmo é concebido como uma unidade fechada, a se explicar por si.

A ilusão de uma sistematicidade de cada texto em si, e portanto a atomização do conjunto, essa imprudência às vezes agravada quando se a intenta contrabalançar com perspectivas extra-discursivas — como a perspectiva biográfica, a psicológica, ou outras identicamente surdas à problemática da subjetividade tal como a psicanálise (lacaniana) a reformula —, culmina na desatenção às omissões e paradoxos, ou num esforço para escamoteá-los. Ignoram-se as dificuldades pensáveis e, porque não dizê-lo, de certa maneira já pensadas na forma textual. Ou então se lhes concede o direito de cidadania, mas se as

---

33 Vide Terceira Parte.

interpreta como "dificuldades" do autor ou "defeito" da obra. Noutros termos, intromete-se uma concepção negativa no que é indício da fertilidade de um pensamento que, por vivo, obviamente não teria porque mortuariamente se conformar aos limites fotográficos de um instantâneo:

> *... il faut faire vivre un texte par ce qui suit et par ce qui precède. C'est toujours par ce qui suit qu'il faut comprendre un texte.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.170)

Na direção inversa, a atenção orientada contrariamente ao privilegiamento (equivocado) das falhas como defeitos propicia e é solidária do reconhecimento da importância das mesmas como antecipações de verdade que futuramente se signifique. Tal procedimento permite enriquecer a leitura com a captação, por vezes apenas virtual, de elementos que se positivam em momentos, do ponto de vista diacrônico, às vezes posteriores, mas logicamente exigidos pela loquacidade do discurso. Ao ponto de, por uma leitura não meramente conforme à presença positiva das letras (mas sem por isso incorrer no arbitrário), Lacan autorizar-se a ler certos conceitos, se a decifração o exigir, em situações onde visivelmente se ausentam as letras que os codificam, isto é, em lugares em que não aparecem os termos que os expressam[34].

Nem poderia ser diferentemente, desde que a disposição lógica do tempo é concorde com a assunção da significação **a posteriori**: sabe-se o que se diz quando se termina de dizer, e não no princípio da fala; e cada vez que se continua a falar "transtorna-se" o já dito.

A incompletude imanente ao textual (e ao contextual) explica, em parte, a vitalidade da permanente retomada do labor intelectual lacaniano. Bem como perdoa — ou melhor, fundamenta — a tolerância lacaniana para com sucessivas incompreensões:

> *Je suis un traumatisé du mal-entendu. Comme je ne m'y fais pas, je me fatigue à le dissoudre. Et du coup je le nourris. C'est ce qui s'appelle le séminaire perpétuel.* (DISSOLUTION: LE MAL ENTENDU, Ornicar 22/3, p.12)

Não poderia suceder de outra forma, quando o equívoco é tão nuclear à temática (do) inconsciente:

> *Quant à la psychanalise, son exploit, c'est d'exploiter le mal entendu.* (DISSOLUTION: LE MAL ENTENDU, Ornicar 22/3, p.12)

Nenhum detalhe inscrito na trama textual pode ser desdito e até mesmo a rasura assume valor significante. A assunção da letra como verdadeiro lugar do pensamento induz ao resgate da rasura como produtora de (mais) sentido. Esta não é um (impossível e explicitamente negado) apagamento, mas uma reinscrição recalcante e, como tal, articula-se com o que risca[35].

Afinal, à revelia da intencionalidade psicológica do autor, a autonomia da verdade no âmbito discursivo é para valer. Vale no nível do que, no enfoque de teses não contemporâneas entre si, se classifique como camada arqueológica logicamente necessária ao estabelecimento de um estado (mais) atual do pensamento, como também vale para os aspectos explicitadores de dificuldades e paradoxos que, ao testemunharem impasses, antecipam negativamente o sentido de desenvolvimentos futuros.

---

34 Por exemplo:

Je me réjouis qu'un certain nombre d'entre vous se tourmentent sur le sujet de cette ***Verwerfung****. Freud, après tout n'en parle pas très souvent, et j'ai été l'attraper dans les deux ou trois coins où elle montre le bout de l'oreille, et même quelquefois là où elle ne le montre pas, mais où la compréhension du texte exige qu'on la suppose.* (LE SÉMINAIRE – LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.170)

35 O que risca, sublinhe-se, tanto na acepção de sujeito (que risca), quanto na de objeto (riscado).

Estes, por assim dizer, são as portas fechadas que obrigam à abertura de novas saídas. São como que sistemas denunciadores da insistência de razões, não reconhecidas, que se afirmam perturbando a linearidade enunciativa.

Por tudo isso, as aparentes falhas, as supostas incongruências ou, menos que isso, alusões mal amarradas, dado que nelas se manifesta uma possante necessidade articulatória, não podem ser depreciadas. Não são irrelevantes para a significação do conjunto.

Observe-se, a propósito da fugaz menção freudiana a **das Ding**, a defesa da aplicação prática deste princípio:

> *Certains peuvent dire ou penser que ce n'est qu'un petit détail du texte freudien que j'ai été pêcher dans l'**ENTWURF**.*
>
> *Mais justement, je crois que dans des textes comme ceux de Freud — l'éxperience nous l'enseigne — rien n'est caduc, au sens où ce serait quelque chose d'emprunté, produit de quelque psittacisme scolaire, et qui ne serait pas marqué de cette puissante nécessité articulatoire qui distingue son discours. C'est ce qui rend si important de s'appercevoir des points où il reste ouvert, béant, n'en impliquant pas moins une nécéssité que je crois avoir pu vous faire sentir en plusiers occasions.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.121)

O acontecimento Freud — que Lacan tanto comemora e rememora, propugnando o retorno ao mestre — é explicitado como retorno ao "pé da letra". Pouco interessa o que se "sabe" do homem e de suas circunstâncias. O que importa é o fato discursivo mesmo, se não na sua autonomia — expressão que resultaria imprópria —, na sua alteridade em relação ao sujeito que lhe é suposto. Ou pelo menos na sua especificidade lingüística, que torna cabível uma análise do mesmo que remeta a segundo plano a posição psicológica, social e intelectual do autor. Tudo se passa como se uma verdade que ultrapassa o escritor Freud, mas imanente ao seu discurso, se inscrevesse na aventura intelectual freudiana. Uma verdade inscrita na teia discursiva à revelia do autor.

Por exemplo, a partir da psicanálise, mesmo no discurso teórico (psicanalítico[36]), não se poderia escamotear os elementos soltos — por "erros", falhas ou omissões — como impertinentes ao estabelecimento de um corpo conceitual, pois este deve ser descrito tanto pelo que positivamente comporta como pelo que lhe falta e que identicamente é necessário à sua correta delimitação.

Sendo este o caso, assim refletindo Lacan sobre leitura, como se poderia ignorá-lo na hora de o ler? Ainda mais quando explicitamente aplica o critério a si próprio, admitindo-se surpreso com o produto, para si mesmo estranho, do seu ato de dizer[37]. Como escamoteá-lo, quando a respeito da sua palavra confessa a pouca transparência do aparente ao verdadeiro? É absolutamente inaceitável que, depreciando a sua seriedade para com a psicanálise, se exclua a indagação quanto à medida em que o futuro de sua intervenção na cultura (também) esteja implícito (e até prefigurado) no que omite, ou no meramente delineável por contraste com o que na obra se positiva.

De todo modo, a impossibilidade de se ater a uma leitura atomizada dos textos e a remissão permanente de uns aos outros, bem como a falta de sistematicidade na apresentação das idéias, dificulta o comentário e a exposição claros e ordenados. Em parte devido aos efeitos de formação buscados pelo estilo, em parte devido à (falta de) natureza do objeto que

---

36 Embora tais reflexões se insiram na perspectiva de equacionamento da psicanálise, não é de todo impróprio cogitar de sua relevância mesmo em outros âmbitos. Qual será a responsabilidade na determinação do destino de suas interpretações do que permanece não explicitado numa obra pela palavra de seu autor?

37 *Je ne me relis jamais sans un peu d'étonnement. Je n'imagine jamais que ce soit moi qui ait pu dire ça, et je suis certainement faiblard dans la façon de recevoir la charge de ce que j'ai moi-même écrit.* (L'INSU QUI SAIT DE L'UNE-BÉVUE S'AILE À MOURRE, 11-1-77, Ornicar 14, p.4/5)

teoriza — se é que a respeito de um trabalho com a natureza do seu é adequado falar em teoria —, os escritos, bem como os transcritos, interdeterminam-se[38].

Não por outra razão, desistiu-se da sua apresentação rigorosamente linear — pretensão aliás temerária, se não tarefa impossível —, sugerindo-se ao leitor que experimente a validade da hipótese lacaniana de se ter de esclarecer cada passo pelo que se lhe segue, confiando no esclarecimento progressivo das obscuridades remanescentes. Recomenda-se a paciência requerida pela tese lacaniana sobre a significação, instando a que se aposte na potencialidade iluminante de sucessivas ressignificações.

Dada a natureza do texto lacaniano, seria inútil deixar de promover a inelutável virtude o defeito[39] inevitável de determinações prévias:

> ... *lire ne nous oblige pas du tout à comprendre. Il faut lire d'abord.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.61)

É necessário permitir-se o tempo de ler sem compreender, para salvar-se de entender sem ler.

A pressa que expressa o incômodo pela imanência da errância à esfera do saber, o impasse na comunicação do (comum) sentido, problematiza a transmissão[40]. Para poder verdadeiramente captar, aquém da historicidade extrínseca, a gênese de significações mais ou menos provisórias, exige-se a paciente capacidade de tolerar a transitória convivência com a indeterminação do sentido[41]. Impõe-se admitir a necessidade de um tempo para compreender. Um tempo, até expressável em termos cronológicos, necessário à geração no espírito das condições adequadas ao esclarecimento do sentido e que não poderia ser abreviado nem abortado, sob pena de, ao se "adivinhar" uma definição fora do contexto em que a intersecção significante a faísque num clarão de entendimento, Lacan parecer ilegível[42].

Em síntese, o permitir-se conviver com uma primordial flutuação de sentido é obrigação partilhada por leitores bem-intencionados. Lacan explicita a exigência e não se vê razão para que se o prive da justiça e se se prive da justeza de submetê-lo às atenções adstritas a tal procedimento.

6. INFORME SOBRE A ORALIDADE

A problematicidade da letra lacaniana, inerente ao conteúdo da obra, faz-se adendar da vinculada às circunstâncias de sua compilação: lida-se com autor que, comparativamente à generosidade quanto ao oralmente legado, é bastante avaro quanto a escritos.

Seu único trabalho de fôlego especificamente programado como livro é a tese de doutoramento. Escreveu na maioria artigos e conferências, pelo que a parte volumosa de sua obra, que reúne o seminário, é oral. Não é portanto difícil adivinhar a improbabilidade de nela encontrar alguma sistematicidade, ou explanação sistematizante.

---

38 Permita-se que se registre pelo termo as provações por meio das quais a meia-luz que banha os textos se amplia à almejada claridade.

39 Na acepção de falta.

40 Nada se sugere que explicitamente não integre o cardápio que Lacan aconselha aos (seus) leitores:

Il est claire que le témoignage essentiel des mystiques, c'est justement de dire qu'ils l'éprouvent, mais qu'ils n'en savent rien.

*Ces jaculations mystiques, ce n'est ni du bavardage, ni du verbiage, c'est en somme ce qu'on peut lire de mieux — tout à fait en bas de page, note — **Y ajouter les Écrits de Jacques Lacan**, parce que c'est du même ordre.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.71)

41 *L'ordre des choses dans lesquelles nous nous déplaçons implique toujours que ce soit ainsi, que nous prenions les choses en route, et même quelquefois à l'arrivée; nous ne pouvons pas les prendre au départ.* (13-3-63)

42 *Il suffit de dix ans pour que ce que j'écris devienne claire pour tous, j'ai vu ça pour ma thèse où pourtant mon style n'était pas encore cristallin. C'est donc un fait d'éxperience. Néanmoins je ne vous renvoie pas aux calendes.* (TÉLÉVISION, p.71)

Lamentável dificuldade adicional, embora no futuro sanável, é a inexistência de transcrições definitivas da maior parte dos anos do seminário — ou, se não definitivas, transcrições pelo menos oficiais. Na sua grande maioria os seus volumes aguardam a vinda à luz do dia de versões de direito.

Não obstante, tanto pela riqueza de informações, quanto pelo detalhamento precioso de aspectos de suas teses, mas principalmente por documentar "ao vivo" a formação de suas idéias, o seminário é obra estritamente imprescindível[43].

Apesar disso, a sua utilização pode ser objetada pelo questionamento plausível da legitimidade de tomá-lo como documento válido, visto que suas transcrições não foram revistas pelo autor.

Acrescente-se ao quadro delicado da sua confiabilidade, bem como da dos demais pronunciamentos orais, o fato de existirem versões em línguas em que não foram pronunciados (até porque nem sempre originalmente foram proferidos em francês). No entanto, tanto no caso de versões de originais franceses, como no de transcrições para o francês de falas noutras línguas, enfrenta-se uma dificuldade ilusória: tratando-se de versões, seria absurdo cobrar-lhes mais do que um valor aproximativo da palavra proferida, enquanto tal, perdida. Seria desconhecer ou falsificar o grau de tão essencial indeterminação, derivada de sua proveniência da oralidade, presumir que valha a pena atribuir a transcrições na língua em que se as tenha proferido um valor canônico que não podem merecer, um valor que finja uma gravidade atenta a minúcias semânticas. Seria induzir-se a erro, por cobrir de uma solenidade despropositada o que honestamente não pode estar à altura de tais "cuidados": a escala de imprecisão derivável do fato da transcrição não revisada supera os riscos associados ao trabalho de tradução[44].

Não se discute portanto a dificuldade de obtenção de versões oficiosas do seminário, bastante relativa[45], nem o incômodo do mesmo se apresentar como um emaranhado em que as explanações flutuam ao sabor dos horários e da assistência, sempre mutável. Nem mesmo o risco diversionista associado ao seu caráter de improviso, que o deixa muito marcado por questões de época, dependente de acontecimentos contemporâneos a cada pronunciamento e polarizado por novidades (intelectuais) nem sempre duradouras.

Não apenas essas dificuldades são "ossos do ofício", como felizmente podem largamente ser contrabalançadas recorrendo-se aos escritos, onde freqüentemente se encontra explicitado o que se observa em elaboração no seminário. Porém o condensamento avaro que caracteriza os primeiros impõe o trajeto em mão dupla: o seminário é quase imprescindível, se não à interpretação, à sua confirmação. É fundamental ao asseguramento do alinhado em escritos.

Algumas vezes o enunciado no seminário com riqueza de detalhes, e portanto sem economia de clareza, poderá ser legalizado pela assinatura em um escrito. E na direção inversa, graças à pouca prodigalidade em esclarecimentos, freqüentemente alguma ambigüidade subsistente no último poderá decidir-se no primeiro.

Doutras vezes tal procedimento — que em muitos momentos arrisca a leitura a, por fidelidade à diminuição máxima de riscos, soar repetitiva — é impossível por não haver uma correspondência rigorosa entre o nível oral e o escrito. A que existe deve agradecer-se aos

---

43 O próprio Lacan chega a "preferir-se" oral: *... on peut consulter mes séminaires, car c'est bien ce qui frappe à les relire: pas de bavures. A la différence de mes Écrits. Oui. C'est comme ça. C'est parce que j'écris vite. Je ne me l'étais jamais dit, mais je m'en suis aperçu...* (10-5-72)

44 De qualquer modo, como o assunto pode ser polêmico, neste trabalho Lacan se cita de preferência em versões dos seus pronunciamentos editadas e legitimadas (pelo autor ou por alguém autorizado) na sua língua original. Quando estas (ainda) não existem, opta-se por transcrições oficiosas não traduzidas. Em último caso, na ausência de todas as condições anteriores, recorre-se a traduções.

45 Em se tratando destas, a referência se fará única e exclusivamente pela remissão à data do pronunciamento. A citação dos volumes relativos aos anos do seminário oficialmente editados, dado que se apresentam na forma de livros, se fará pelas normas comuns a estes. No caso dos publicados em revistas, indica-se o título, a data ou (quando houver) o subtítulo da sessão, o nome e número da publicação e a página.

acasos que, sob pretextos vários, levaram Lacan a escrever e, obviamente, nessas ocasiões não teve por quê distanciar-se do que quase contemporaneamente desenvolvia oralmente.

De qualquer modo, o eventual perigo de infidelidade das transcrições é largamente compensado pela imprescindível riqueza de informações nelas disponível. A ponto de não ser grande ousadia considerar o seminário como absolutamente indispensável para bem cumprir a tarefa de decifrar o pensamento lacaniano. Não obstante, permanece o fato, problematizador da sua tranqüila aceitação, de consistir em comunicações transcritas, não revisadas nem assinadas pelo autor.

A força do argumento contrário à legitimação dessa parcela substancial da obra lacaniana perde impacto tendo-se em mente que algumas transcrições, oficiais, foram permitidas pelo orador. Perde impacto, porque afinal se trata de procedimento aceito pelo psicanalista e, portanto, em tese autorizado por ele. Mais ainda quando, em comum com as oficiosas, contam com o fato de também não terem sido revisadas pelo autor.

É verdade que as primeiras (de uma série que deve prosseguir) foram perpretadas por alguém pelo psicanalista incumbido especificamente dessa tarefa. Alguém que por essa autorização, de certa maneira por assim dizer uma assinatura "**avant-coup**", no mínimo se transforma num intérprete privilegiado. No entanto, mesmo que se admita que por isso se reveste de suficiente direito intelectual à co-autoria, a presunção de suas versões valerem pelo original perdido — a invisibilização da sua subjetividade, a despersonalização de sua assinatura — é descabida.

Mesmo que as outras, as (por assim dizer) versões estritamente "oficiosas", sejam denegridas como resíduos, em nome de que fidelidade ao pensamento lacaniano, principalmente nessa (falta de) qualidade, se poderia depreciá-las?

Quem se atrevesse a policiar a utilização das versões ditas piratas contrariaria o psicanalista, que a partir da psicanálise fornece um argumento geral contra a idéia de propriedade intelectual[46]. E argumento sobre o qual não podem pairar as suspeitas que poderiam colocar entre parênteses a obra oral, pois se formula num escrito:

> *... s'il y a un préjugé au moins dont le psychanalyste devrait être détaché par la psychanalyse, c'est celui de la propriété intellectuelle.* (RÉPONSE AU COMMENTAIRE DE JEAN HYPPOLITE — ÉCRITS, p.395)

Distante de uma justificação do plágio, a tese deriva da convicção na incidência do inconsciente.

Inconsciente a resgatar em cada ato de fala, mas que em vários sentidos se configura numa impropriedade: a impossibilidade de um domínio intencional pleno sobre a mente. A saber, a não propriedade do sujeito sobre aquilo que diz, interpretável também como a "propriedade" de outro sobre o que fala; e nessa condição, a pouca propriedade do dito, tanto em relação ao que haveria de dizer-se, como simetricamente em relação ao que se imaginava haver dito. O que não obsta a que pelo perscrutamento do descentramento subjetivo, e no mais das vezes à (inevitável) revelia do autor, a verdade se acabe depondo (ainda que na forma sintomática do desconhecimento).

É este estilo de exegese que o psicanalista devota aos colegas que imputa de traição à verdade freudiana. Observe-se, a respeito da falta de sensibilidade de muitos para com o verdadeiro âmbito e conseqüências do exercício psicanalítico, o seguinte exemplo:

> *Nous abordons ici l'éxperience freudienne comme éthique, c'est-à-dire dans sa dimension essentielle, puisqu'elle nous dirige dans une action, qui, étant thérapeutique, est incluse, que nous le voulions ou non, dans le registre, dans les termes de l'éthique. Et moins nous le voudrons, plus ce sera. L'expérience nous le montre — une forme d'analyse qui se targue d'un cachet tout spécialement*

---

46 Argumento merecedor de atenção e muito útil para admoestar favoravelmente à administração de desafios intelectuais no campo das idéias, mas que (pela especificidade da filosofia em relação à psicanálise) no campo da primeira evidentemente não se valida.

scientifique aboutit à des notions normatives dont je me plais quelquefois à parler en rappelant la malédiction de Saint Mathieu sur ceux qui lient des fardeaux encore plus lourds pour les faire porter sur les épaules des autres. Renforcer les catégories de la normativité affective a des effets qui peuvent inquiéter. (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE. p.159/60)

Mas se tais argumentos não forem satisfatórios para quem esteja habituado ao rigor intelectual vigente na historiografia de idéias — em especial quanto à explícita exigência de assunção pelo autor, não de um intérprete, mas do texto —, vale mencionar que nenhuma bibliografia, direta ou indiretamente relativa a Lacan, despreza a obra oral. O que no mínimo abre precedência favorável à legalização dessa importante e vasta parcela do seu trabalho intelectual. O fato consumado, mais do que uma sumária reprovação, merece chamar a atenção para o que, se não o justifica, certamente o motiva.

Seria de fato insensato que, entre o nada e o duvidoso, se abrisse mão deste, condenando-se voluntariamente a uma colossal redução do material disponível para o esclarecimento das idéias do psicanalista.

Além disso, há a possibilidade de diminuir o risco de introduzir deturpações, ou sobrevalorizar teses "desistidas", cercando-se de garantias quanto a esse perigo: dispõe-se da continuidade do seminário e, em último caso, do testemunho dos que nele se formaram, ou pelo menos em alguma medida o freqüentaram.

Especificamente quanto às transcrições oficiosas, nada garante que, quando estas existem, estejam sempre em acordo com a oficial, ou que por esta venham a ser confirmadas na íntegra, se e quando ela vier a existir[47]. O confronto entre diferentes versões, longe de inspirar o desespero, deveria traduzir-se em entusiasmo crítico, estímulo saudável à pesquisa. A pluralidade de versões merece ser útil e não empecilho: obscuridades, desníveis ou desajustes, longe de mal-humoradamente serem excluídos da trama do sentido, a levar-se Lacan a sério devem produzir maior riqueza e clareza semânticas. Portanto, se se admitir que o acontecimento Freud seja a letra e se aceitar que tal concepção da facticidade não deveria honrar menos a quem a propugna, dado que da letra lacaniana, a par dos escritos, se conta com uma regra que permite ampliá-la pelo seminário, talvez não seja despropositado interpretar as eventuais discordâncias ou conflitos entre transcrições como um caso de abertura para uma maior densidade significativa do texto.

Entre todos os desafios acarretados pela oralidade, no mínimo são inevitáveis indecisões quanto às escansões do texto transcrito: a versão estenografada do seminário é deficiente quanto à pontuação e a gravação da fala, pelo contrário, é extremamente rica: ainda que da significativa teatralidade do orador apenas retenha a entonação, mesmo assim é difícil reproduzir todas as suas nuances.

Sobram portanto motivos para que se legalize, pelo menos em psicanálise, o acatamento como fidelidade à obra até do risco calculado de algum deslocamento semântico, desde que devidamente apreendido e amparado por um procedimento de leitura não distraído das condições de sua legitimação. Apenas aparentemente este risco é pouco condigno com os rigorosos critérios que norteiam o trabalho historiográfico em filosofia, nos quais esta investigação se inspira, e no âmbito dos quais, ao fazer da fidelidade e conformidade da leitura às indicações de leitura lidas a regra principal do seu procedimento, pretende se manter. Pois, sem dúvida, há razões intrínsecas à reflexão psicanalítica, razões explicitadas pelo autor estudado e portanto pertinentes à matéria textual tratada, que criteriosamente ponderadas, por levarem em conta o que as fundamenta, impõem a renúncia a aplicações automáticas de regras metodológicas.

---

47 Até pelo contrário: está provado que a legal pode ser contestada com base na meticulosidade e seriedade de uma oficiosa. A este respeito, vide LE TRANSFERT DANS TOUS SES ERRATA suivi de POUR UNE TRANCRIPTION CRIPTIQUE DES SÉMINAIRES DE JACQUES LACAN, (mais) uma excelente publicação da École Lacanienne de Psychanalyse.

No campo da psicanálise não há razão, pelo menos proveniente do conteúdo da obra lida, para abdicar da mediação de transcrições, sempre em maior ou menor grau suspeitas. Presumíveis resistências a estas só ilusoriamente se autorizariam nos procedimentos de leitura estrutural, visto que, acriticamente, generalizariam algumas indicações supostamente válidas para todas as leituras, desvinculadamente do princípio de fidelidade aos critérios de "autorizabilidade" refletidos na obra estudada.

Pelo contrário: o que inspira a redação destas linhas é a obrigação de se manter fiel a um horizonte ético da técnica de leitura.

Com elas, ao mesmo tempo se expressa uma profissão de fé num método que por seus resultados progressivamente se transforma em tradição respeitável (e que aqui se pretende respeitada) e se explicita a sua operacionalização num caso específico.

Contudo não se presume que, numa obra que no conjunto se estende por muitas décadas — sendo que o seminário, por si só, abrange mais de um quarto de século —, a parte oficiosa e uma ou outra declaração jornalística ou intervenção em congresso mereçam a mesma consideração que a literatura pelo próprio editada (até pela posição subalterna que os improvisos orais devem preferencialmente ocupar sempre que seja possível encontrar-lhes escritos equivalentes).

Não obstante, ainda que tarefa praticamente insana — não apenas pela extensão, como também por dignificá-los com um cuidado que, comparativamente ao restante da obra, de direito, no máximo não lhes convém e no mínimo é polêmico —, decidiu-se trabalhar a totalidade do material atribuído a Lacan que foi possível colecionar, ainda que privilegiando as passagens que pudessem contribuir insubstituivelmente para o esclarecimento de pontos específicos. Ou seja, sempre que se pode contar com um escrito ou uma versão autorizada recorreu-se a ela, embora sem deixar de rastrear e avolumar informações encontradas noutros contextos, mas elucidadoras de aspectos cruciais do pensamento do psicanalista e portanto norteadoras do rumo da investigação.

Uma outra dificuldade, relativa não propriamente à legitimidade do procedimento seguido, mas à enorme extensão da obra de Lacan, merece ainda ser discutida.

Já foi mencionado que seria vão esperar encontrar num único lugar — em parte devido ao caráter conjuntural de sua feitura, em parte palas idéias do autor quanto à função de suas falas e à teoria da significação que desenvolve e em que acredita — respostas concluídas para qualquer questão. Pelo que, em princípio, a única garantia de que nenhum ponto atinente ao objeto da investigação escape seria percorrer a ficção da obra inteira: crer na ilusão da totalidade da obra.

Não é preciso muita convivência com os textos para se perceber que isso não faz sentido. O que caracteriza a produção lacaniana é a constância, a insistência em certos problemas (ou de certos problemas) permanentemente retomados por ângulos diversos, em função de variadas estratégias intentadas para a sua solução.

Perscrutando-se além da aparência não se encontra nunca um fechamento peremptório ou conclusivo de questões, que permita uma sistematização completa de resultados.

O próprio Lacan ressalta ser condição de uma leitura que se definam limites[48]. Noutros termos (que poderiam ser seus), que se façam cortes. Porém, ainda que se admitindo o caráter assistemático do seu trabalho intelectual, reconhecendo-se ser a sua "obra inteira" uma fantasmagoria, obrou-se todo o empenho em, tanto quanto à parcela da obra escrita e aos anos do seminário oficialmente editados, como quanto à obra oficiosa, lê-la na íntegra.

O critério seguido foi o da perseguição, sem pressa mas sem tréguas, do problema proposto e de suas metamorfoses onde quer que fosse necessário e possível segui-los. Optou-se por ensejar que, na mais estrita fidelidade à letra dos escritos, e com o auxílio dos transcritos, o seu espírito possa responder à questão-objeto de interesse da investigação,

---

48 *... la condition d'une lecture, c'est évidemment qu'elle s'impose à elle-même des limites...* (LE SÉMINAIRE – LIVRE XX: ENCORE, p.62)

elucidando os pontos de interrogação sem preocupações com a extensão. Se necessário, sacrificando inclusive a leveza e a elegância, em prol da metodicidade.

Talvez de fato se pudesse retomar, quiçá em termos mais elegantes, o que a este estudo interessa. Tem-se no entanto a convicção de que o acompanhamento da exposição dos resultados deixará o leitor seguro de dispor de todos os momentos logicamente necessários à elucidação do encadeamento temático.

7. METAS

Todas as providências supramencionadas buscam propiciar a exploração feliz do pensamento lacaniano, com vistas ao esclarecimento das linhas de força que o suportam, num empreendimento mais preocupado em resgatar para o debate as suas teses do que almejante de uma inviável totalização sistemática.

Imodestamente, o estudo se pretende pioneiro, não na utilização do pensamento lacaniano como fonte de subsídios para especulações de terceiros, mas no reconhecimento de uma inquietude especulativa subjacente ao psicanalista. Irrequietude que não o põe ao lado, e sim o inclui na história do pensamento. Quer dizer, independentemente de se poder "filosofar" a respeito da psicanálise de Lacan, aqui se defende a tese de que esta comporta em si uma explícita dimensão filosófica, a qual se pretende provar e resgatar.

Inicialmente descreve-se o entusiasmo da vocação especulativa do psiquiatra pela descoberta de uma psicologia, sob a denominação de psicanálise, adequada à sua fundação científica. Bem como a crise em que o impasse da irredutibilidade de uma noção fundamental ao tratamento epistemológico pretendido a faz naufragar.

Em seguida dá-se conta da reversão de orientação do projeto lacaniano, mudança a grosso modo exemplificadora do dito popular que propugna a adesão ao que não se pode vencer: a epistemologia é abandonada. O irredutível, inconceptualizável, exclui do horizonte da cientificidade a disciplina na qual é imprescindível.

Neste ponto a análise alarga a reflexão do psicanalista a âmbitos não epistêmicos[49], ampliando a percepção do verdadeiro alcance da obra lacaniana.

Investigando a insensatez, domínio dos fenômenos mentais[50], Lacan depara-se com a aparentemente não menor insensatez de, em função de impasse que desemboca na problematização da psicologia como ciência e na problematização da noção de sujeito, ter de rever a dignidade epistêmica do campo a que se dedicara.

Nessa direção é levado além do que se imaginaria. A crise da psicologia, que escancara a inviabilidade da objetivação do sujeito, culmina numa crítica ao conhecimento. E vice-versa: a inviabilidade do conhecimento traduz-se na psicologia como impossibilidade do conhecimento do sujeito.

Em função da impossibilidade (do conhecimento), assinala-se como verdadeira natureza subjetiva um princípio de (sua) ação, a conceber como seu determinante. O sujeito unicamente é "concretizável" considerando-se em ato, como "ator", única forma de ser fiel à dimensão da experiência que assinala seus atos como imediatamente a si imputáveis. Portanto sujeito a uma empiricidade insubstantiva dependente da dimensão da moralidade, que é o ponto basilar a partir do qual Lacan diferencia criticamente sua escola de outras denominações psicanalíticas[51].

Não basta no entanto, para o tratamento adequado dos processos mentais, constatar a necessidade de preservar uma linguagem que interpele o sujeito (na primeira pessoa) no plano

---

49 Melhor, descobre o seu alargamento a esses âmbitos.

50 *... on pourrait définir concrètement la psychologie comme le domaine de l'insensé...* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHHIQUE – ÉCRITS, p.167)

51 *Il faut dire là que cette voie n'est pas suivie, en toute technique qui se prévaut de la seule catégorisation psychologique de son objet, comme c'est le cas de la psychanalyse d'aujourd'hui hors d'un rétour à la découverte freudienne.* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT – ÉCRITS, p.527)

dos "seus" atos... O esclarecimento em minúcia das linhas de pensamento que se espraiam por causa dessa insuficiência guarda-se para o curso da análise.

Adende-se apenas que, como não poderia deixar de ser em se examinando obra tão vasta e complexa, longe de se pretender conclusiva, esta investigação pretende fermentar o surgimento de outras. Propõe-se como um mero mapeamento, em forma de leque, de muitas direções a serem percorridas.

PRIMEIRA PARTE

EPISTEMOLOGIA E PSICOLOGIA

Car un caractère beaucoup plus décisif, pour la réalité que le sujet confère à ces phénoménes, que la sensorialité qu'il y éprouve ou la croyance qu'il y attache, c'est que tous, quels qu'ils soient, hallucinations, interprétations, intuitions, et avec quelque extranéité et étrangeté qu'ils soient par lui vécus, ces phénomènes le visent personnellement: ils le dédoublent, lui répondent, lui font écho, lisent en lui, comme il les identifie, les interroge, les provoque et les déchiffre. Et quand tout moyen de les exprimer vient à lui manquer, sa perplexité nous manifeste encore en lui une béance interrogative: c'est-à-dire que la folie est vécue toute dans le registre du sens.

PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, 165/6

Nesta parte desenvolvem-se os considerandos lacanianos a respeito da psicologia.

O que no momento orienta a investigação, de certa maneira, é uma arqueologia do pensamento lacaniano.

Primeiro, introduzem-se as teses julgadas convenientes à fundação da psicologia científica humana. Em seguida, descreve-se brevemente o perfil conceitual do ramo do conhecimento resultante da aplicação daquelas. E, finalmente, apresenta-se a demolição da disciplina antes construída.

O aproveitamento das ruínas é abordado nas partes subseqüentes.

I

CIÊNCIA E PSICOLOGIA

Il n'est pas inutile de poser ainsi ces problèmes sur le plan de rigueur gnoséologique qui leur convient. On tend trop en effet, dans l'étude des symptômes mentaux de la psychose, à oublier qu'ils sont des phénomènes de la connaissance, et que, comme tels, ils ne sauraient être objectivés sur le même plan que les symptômes physiques: tandis que ceux-ci, en effet, sont directement objetivés par le procès de la connaissance, le phénomène de la connaissance lui-même ne saurait être objetivé qu'indirectement par ses causes ou par ses effets, qui en révèlent l'illusion ou le bien-fondé.

DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, 338

8. CRÍTICA DA PSICOLOGIA PRÉ-PSICANALÍTICA

O delineamento da pré-história das idéias do psicanalista é rigorosamente imprescindível para a sua elucidação. Pois é na fundamentação epistemológica da psicologia que se propusera cumprir que se vislumbra o engatinhamento de questões que perdurariam, bem como o impasse em que estacionaria, e que culminaria no afiançamento da irredutibilidade da psicanálise.

Portanto, não se pode apresentar satisfatoriamente a meditação lacaniana sobre a subjetividade, se não se a dimensionar pelo pensamento que desenvolve no período de sua obra rotulável de psicológico. Quer dizer, sem se remontar às teses do tempo em que, médico, intentava reduzir a psicanálise à psicologia.

A decisão de adentrar o universo conceitual lacaniano por este viés deve-se, principalmente, à prioridade e à meticulosidade com que aborda as questões metodológicas. Com justeza, posto que — o que pelo menos parcialmente explica a necessidade de fundar em bases sólidas a psicologia como ciência — o rigor metodológico aprimora e amplia o alcance da teoria[52].

Na realidade, o trabalho de Lacan no período não se reduz a isso. O empreendimento é mais radical: o seu maior ônus consiste em forjar os instrumentos conceituais necessários para tanto, o que é possível acompanhar na tese, bem como nos trabalhos aproximadamente contemporâneos a ela.

Logicamente anterior ao entusiasmo lacaniano por uma versão psicanalítica da psicologia é a insatisfação com as rivais, e em especial com a psicologia então dominante.

É plausível que a melhor maneira de introduzir a psicologia lacaniana seja por intermédio da crítica às demais, pela insuficiência destas assinalando o contraste que beneficiaria a primeira.

A falta de rigor metodológico, a descrição insatisfatória dos fatos, são também solidárias de uma técnica eticamente recriminável — o que avoluma a lista de críticas à psicologia então reinante.

Descrever como a percebia, e em que não lhe servia, a par de se afinar com a prioridade dedicada à extrema preocupação crítica do autor, é um modo de, por contraste, introduzir a especificação da que desejava. Ainda que ao preço de extensas citações, dada a importância desta polêmica epistemológica, caracterizadora com nitidez das implicações do projeto psicológico lacaniano na esfera da teoria do conhecimento, vale a pena se deter atentamente no delineamento da (má) psicologia. Fazendo-o, verificar-se-á nas suas falhas, além da necessidade de a substituir, as exigências que a "boa" deve suprir.

Em LE PROBLEME DU STYLE ET LA CONCEPTION PSYCHIATRIQUE DES FORMES PARANOÏAQUES DANS L'EXPÉRIENCE, o autor, a partir do seu crivo, expõe uma avaliação sintética da situação, ao tempo, da ciência. Na ocasião faz um "diagnóstico" dos limitados limites da psicologia, os quais são atribuídos às suas condições históricas de desenvolvimento, as quais a disciplina se mostra incapaz de superar. Também delineia um prognóstico quanto à sua impotência para erguer qualquer conhecimento efetivo quanto ao humano, além de uma sumária referência "histórica" às influências, do ponto de vista doutrinário, na época constituintes do campo que lhe interessa averiguar:

> *La psychologie d'école, pour être la dernière venue des sciences positives et être ainsi apparue à l'apogée de la civilisation bourgeoise qui soutient le corps de ces sciences, ne pouvait que vouer une confiance naïve à la pensée mécaniste qui avait fait ses preuves brillantes dans les sciences de la physique. Ceci, du moins, aussi longtemps que l'illusion d'une infaillible investigation de la nature continua de recouvrir la réalité de la fabrication d'une seconde nature, plus conforme*

---

52 ... *l'aplication d'une méthode théoriquement plus rigoureuse mène à une description plus concrète, en même temps qu'à une conception plus satisfaisante des faits...* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.15)

aux lois d'équivalence fondamentales de l'esprit, à savoir celle de la machine. Aussi bien le progrès historique d'une telle psychologie, s'il part de la critique expérimentale des hypostases du rationalisme religieux, aboutit dans les plus récentes psychophysiques a des abstrations fonctionnelles dont la réalité se réduit de plus en plus rigoureusement à la seule mesure du rendement physique du travail humain. Rien, en effet, dans les conditions artificielles du laboratoire, ne pouvait contredire à une méconnaissance si systématique de la réalité de l'homme. (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ suivit de PRÉMIERS ÉCRITS SUR LA PARANOÏA, p.383/4)

Às cegas, subserviente ao espírito da época, a psicologia então vigente seria tributária da cosmovisão do mundo industrial burguês — o mecanicismo —, cuja verdade lhe escaparia. Ainda que, a partir de escombros do pensamento religioso, para substituir a experiência do espírito pela mais lucrativa medida (da exploração) do trabalho, se propusesse a modernidade do artificialismo laboratorial, culmina, à sua revelia, em resultados não menos metafísicos. Lacan sugere ser precisamente o experimentalismo, transposto acriticamente das ciências físicas, o determinante da ironia.

O texto, ainda que bastante claro, é de uma contundência plausivelmente ocasionadora de escrúpulos quanto à decisão de acatar a tese para além da conjuntura de sua redação. Pelo que é importante observar o situamento da mesma propositura noutras paragens, confirmando-a como fundamental para a intelecção do veredicto lacaniano contra a psicologia de que dispunha.

Para tanto, recorrendo a escrito um pouco posterior à tese, elucide-se melhor a psicologia então reinante, cujas limitações faziam o autor sentir-se obrigado a procurar outra:

La révolution freudienne, comme toute révolution, prend son sens de ses conjonctures, c'est-à-dire de la psychologie régnant alors; or tout jugement sur celle-ci suppose une exégèse des documents où elle s'est affirmée. Nous fixons le cadre de cet article en demmandant qu'on nous fasse crédit, au moins provisoirement, sur ce travail fondamental, pour y développer le moment de la critique qui nous semble l'essentiel. En effet si nous tenons pour légitime de faire prévaloir la méthode historique dans l'étude elle-même des faits de la connaissance, nous n'en prenons pas prétexte pour éluder la critique intrinsèque qui pose la question de leur valeur: une telle critique, fondée sur l'ordre second que confère à ces faits dans l'histoire la part de réflexion qu'ils comportent, reste immanente aux données reconnues par la méthode, soit, dans notre cas, aux formes exprimées de la doctrine et de la technique, si elle requiert simplement chacune des formes en question d'être ce qu'elle se donne pour être. C'est ainsi que nous allons voir qu'à la psychologie qui à la fin du XIX^e^ siècle se donnait pour scientifique et qui, tant par son appareil d'objectivité que par sa profession de matérialisme, en imposait même à ses adversaires, il manquait simplement d'être positive, ce qui exclut à la base objectivité et matérialisme. (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.74)

Não basta explicar as condições da psicologia anterior à revolução psicanalítica. Deve-se criticá-la enquanto insuficiente para suprir exigências básicas requeríveis de uma teoria científica. Além de a encarar como fato histórico, é preciso enfocá-la pela parte de reflexão que enquanto fato histórico comporta, analisando os recursos conceituais com que dá forma ao seu objeto e verificando a sua incapacidade para se manter à altura das suas pretensões de objetividade e de materialismo.

No geral, o "pecado original" da psicologia prender-se-ia a algo que, posteriormente, no ano sexto do seminário, diagnostica como a pregnância do significante, despercebida nas teorias clássicas devido ao seu momento histórico, mas onipresente até nas explicações formuladas quanto à percepção:

... tout ce qu'on apporte dans la théorie associationniste dite structuré, pour concevoir la progréssivité de l'appréhension psychologique à partir de l'ascension jusqu'à la constitution ordonnée également au réel, n'est rien d'autre en fait que le fait de doter d'emblée ces champs du réel du caractère fragmenté et structuré de la chaîne signifiante. (26-11-58)

Na mesma sessão do seminário, Lacan admite a importância que julga que a crítica e a reconceituação da psicologia em novas bases (que ao tempo ora descrito apoiou e promoveu) tiveram para o desenvolvimento da psicologia:

> *Chacun sait que nous n'en sommes plus là, à l'associationnisme comme on dit, et que nous avons fait des progrès considérables depuis que nous avons fait entrer la demande de la totalité, l'unité du champ, l'intentionnalité et autres forces avant considération.* (26-11-58)

No período reportado, no entanto, a noção de significante e a simplificação da análise possibilitada pela remissão a este como "causa" dos equívocos da psicologia ("associacionista") ainda estão fora do horizonte.

Passe-se por isso, sem mais delongas, à exposição dos fundamentos da psicologia que combate:

> *On peut tenir en effet que cette psychologie se fonde sur une conception dite associationniste du psychisme, non point tellement parce qu'elle la formule en doctrine, mais bien en ce qu'elle en reçoit, et comme données du sens commun, une série de postulats qui déterminent les problèmes dans leur position même. Sans doute apparaît-il dès l'abord que les cadres où elle classe les phénomènes en sensations, perceptions, images, croyances, opérations logiques, jugements, etc, sont empruntés tels quels à la psychologie scolastique que les tient elle-même de l'élaboration de siècles de philosophie. Il faut alors reconnaître que ces cadres, loin d'avoir été forgés pour une conception objective de la réalité psychique ne sont que les produits d'une sorte d'érosion conceptuelle où se retracent les vicissitudes d'un effort spécifique qui pousse l'homme à rechercher pour sa propre connaissance une* ***garantie de vérité****: garantie qui, on le voit, est transcendante par sa position, et le reste donc dans sa forme, même quand le philosophe vient à nier son existence. Quel même relief de transcendance gardent les concepts, reliquats d'une telle recherche? Ce serait là définir ce que l'associationisme introduit de non-positif dans la constitution même de l'objet de la psychologie. Qu'il soit difficile de le démêler à ce niveau, c'est ce qu'on comprendra en se rappelant que la psychologie actuelle conserve maints de ces concepts, et que la purification des principes est en chaque science ce qui s'achève le plus tard.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.74/5)

A argumentação é clara: a psicologia pré-psicanalítica é tributária de uma tradição metafísica. Longe de a superar, se mantém como seu resíduo, pois não é suficiente proclamar a falta de vocação para a transcendência para que os conceitos automaticamente se positivem. Isso não obstante o padrão de explicação científica a que recorre, dado o seu surgimento tardio e por não haver ainda como disciplina científica amadurecido o suficiente, ter sido herdado do vigente nas ciências da natureza. Longe de permitir uma apreensão da realidade, consiste na sua reapresentação em moldes segundo o modelo da máquina, artificiais, e do ponto de vista da vivência humana, abstratos.

Subjacente a uma terminologia positiva, campeiam na forma e no conteúdo conceitos e modelos explicativos umbilicalmente vinculados à transcendência (da qual a cientificidade visa se separar). A sua erradicação é praticamente impossível no quadro do associacionismo, visto que a este mesmo são intrínsecos, conforme a atenção à gênese histórica dessa psicologia pode revelar.

Não há pois, no âmbito dessa psicologia, esperança de cumprir com as suas próprias metas. O que por ela se propõe como uma descrição empírica objetiva dos fatos não passaria de construção artificiosa.

Posto que em princípio não soaria impróprio adotar métodos e critérios de ciências mais antigas e bem sucedidas, obviamente, a plausibilidade da crítica lacaniana depende de apreciação favorável ao seu critério de facticidade.

Há em Lacan uma indiscutível valorização do factual, porém acompanhada da crítica ao que, ingenuamente, se configure como tal a dado momento da história da cultura. Os fatos não são imediatamente evidentes, o que mais do que em qualquer outra parte se patenteia em

psicanálise, e por isso o psicanalista, epistemologicamente motivado, não se furta a pensar a facticidade.

A princípio, o estatuto dos fatos, para Lacan, distancia-se bastante da objetividade, que comumente se pensaria que comportam:

> *Les faits n'ont pas en eux-mêmes la valeur que leur accordent... La preuve est que ces fameux <<faits>> s'offrent à l'observation des hommes depuis Adam, mais qu'ils leur sont apparues, **en tant que faits**, sous des aspects bien différents, depuis cette époque lointaine: de nos jours même, le sauvage mélanésien prétend lui aussi, n'en doutons pas, <<s'en tenir aux faits>>.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.308)

Desde a tese a descrença na facticidade do que (à luz do senso comum) são fatos, a desconfiança da sua pétrea imobilidade, não se veria abalada. As divergências ficam por conta, não da posição de fundo quanto aos fatos, mas do novo horizonte em que posteriormente se moveria o pensamento lacaniano.

No fundamental há uma solução de continuidade, o que se pode verificar comparando-se a citação anterior, da década de trinta, com uma passagem (do seminário) da década de setenta:

> *Q'est-ce qu'un fait? C'est justement lui qui le fait. Il n'y a de fait que du fait que le parlêtre le dise.* (LE SINTHOME, 13-01-76, Ornicar 7, p.12)

Perdura pois na obra lacaniana, para além do momento inicial, uma questão quanto ao próprio da facticidade. Uma questão suficientemente central para já estar na raiz da sua crítica à psicologia.

Para argumentar em prol da inépcia da psicologia então vigente, não basta lastimar a sua presunção factualista. O passo seguinte, empreendimento para o qual não mede esforços, é mostrar as suas conseqüências deletérias para as ambições positivas da disciplina. Evidenciando-as no âmago mesmo do que se crera garanti-las:

> *... l'associationnisme va nous révéler ses implications métaphysiques sous un jour éclatant...*
>
> *Cette théorie est fondée sur deux concepts: l'un mécaniste, celui de l'**engramme**, l'autre tenu fallacieusement pour donné par l'éxperience, celui de **liaison associative** du phénomène mental. Le premier est une formule de recherche, assez souple au reste, pour désigner l'element psycho-physique, et qui n'introduit qu'une hypothèse, mais fondamentale, celle de la production passive de cet élément. Il est remarquable que l'école ait ajouté le postulat du caractère atomistique de cet élément. C'est en effet ce postulat qui a limité le regard de ses tenants au point de les faire <<passer à cotê>> des faits expérimentaux où se manifeste l'activité du sujet dans l'organisation de la **forme**, faits par ailleurs si compatibles avec une intérpretation matérialiste que leurs inventeurs ultérieurement ne les ont pas autrement conçus.*
>
> *Le second des concepts, celui de la **liaison associative**, est fondé sur l'expérience des réactions du vivant, mais est étendu aux phénomènes mentaux, sans que soient critiquées d'aucune façon les pétitions de principe, qu'il emprunte précisément au donné psychique, particulièrement celle qui suppose donnée la forme mentale de la **similitude**, pourtant si délicate à analyser en elle-même. Ainsi est introduit dans le concept explicatif le donné même du phénomène qu'on prétend expliquer.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.75)

Em suma, a teoria associacionista é inconsistente por se suportar em dois conceitos, dos quais o primeiro é uma hipótese manifestamente incongruente com a experiência, por supor uma atomicidade dos elementos em jogo no psiquismo e a passividade do sujeito na sua composição, e o segundo não passa de uma petição de princípio, justificando-se pelo que visa explicar...

A ligação associativa é "esclarecida" pela forma mental da similitude, e das duas uma: ou a similitude não pressupõe o reconhecimento de uma forma comum de disposição de elementos, a percepção de uma mesma forma de ligação associativa, e portanto não explica mas antes é explicada por esta, ou a experiência psíquica originária não se reduz a unidades

atômicas. Um dos conceitos básicos do associacionismo, o de ligação associativa, se fundamenta numa compreensão da experiência inviabilizada pela concepção atomista e passiva do outro, o engrama.

Portanto, a doutrina não se destaca propriamente pela qualidade dos seus serviços à verdade em psicologia, mas está bem implantada e é resistente ou sobrevivente a críticas e à sua própria fragilidade. Por isso Lacan se interroga sobre o que lhe garante fôlego:

> *Dès lors il faut se demander ce que signifient ces carences dans le développement d'une discipline qui se pose pour objective. Est-ce le fait du matérialisme, comme ont l'a laissé dire à une certaine critique? Pis encore, l'objectivité même est-elle imposible à atteindre en psychologie?* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.76)

Para esclarecê-lo, julga necessário considerar o compromisso epistemológico da doutrina para com as teses ... *dites empiristes de Locke*[53]:

> *... la thèse <<nihil erit in intellectu quod non prius fuerit in sensu>>, réduit l'action du réel au point de contact de la mytique* ***sensation pure****, c'est-àdire à n'être que le point aveugle de la connaissance, puisque rien n'y est reconnu, — et qui impose d'autant plus fortement, explicitée ou non dans le <<nisi intellectus ipse>>, comme l'antinomie dialectique d'une thèse incomplète, la primauté de l'esprit pur, en tant que par le décret essentiel de l'identification, reconnaissant l'objet en même temps qu'il l'affirme, il constitue le* ***moment vraie*** *de la connaissance.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.76)

Tal como se apreendem, os objetos dependem inteiramente do intelecto, que por sua vez se exceptua da exigência de primeiramente se encontrar na sensação... A epistemologia pressuposta pelo associacionismo, ao reduzir a ação do real à sensação pura, e dado ser esta fenomenicamente inencontrável na experiência cognitiva, acaba confessando-se idealista. Compromete-se com a primazia do espírito puro, pois os objetos apenas se conhecem e são reconhecidos já produzidos como sensações derivadas, composições que, segundo o raciocínio da escola, são montagens de elementos atômicos, os engramas, os quais em si se excluem da apreensão cognitiva primeira, inobjetivável:

> *C'est la source de cette conception atomistique de l'engramme d'où procèdent les aveuglements de la doctrine à l'égard de l'expérience, cependant que la* ***liaison associative****, par ses implications non critiquées, y véhicule une théorie foncièrement idéaliste des phénomènes de la connaissance.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.76)

Na análise de fenômenos (como os perceptivos, por exemplo, contrapostos à alucinação), ainda que se pretendendo materialista e positiva, a psicologia associacionista não pode senão retomar análises metafísicas. Com a agravante de, em função do abandono do entorno transcendente, as manter desprovidas de coerência interna. A um tempo trai suas pretensões positivas e esvazia de sua intrínseca riqueza de sentido os fenômenos a que se dedica.

Seu fracasso é especialmente patente quando considera o conceito da psicologia que, em parte em função do que se aprende com o fiasco do associacionismo, Lacan julga mais básico: reduz a imagem a ser uma função de ilusão, quando com ela se pode construir toda uma psicologia, nem aditora nem supressora de nada, fiel ao proporcionar-se da experiência. Isto porque obviamente o atomismo do engrama é incompatível com a "organicidade" (ou sinteticidade formal) intrínseca à presença da imagem, por inerente a cada uma.

Com tanto obsta-se uma psicologia de fato não idealizante, ao contrário da associacionista que, ainda que distraidamente, sub-repticiamente se compromete com variáveis transcendentes. Inviabiliza-se uma psicologia atenta ao sentido imanente aos fenômenos mentais, a qual, seguindo uma orientação que não inaugura, Lacan rotula de concreta.

---

53 AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.76.

Além de inconsistente, dado o achatamento da significatividade imanente aos fenômenos psíquicos que promove, o associacionismo é incapaz de dar conta da pluralidade e profundidade dos mesmos:

> *En fait un très grand nombre de phénomènes psychiques sont tenus dans les conceptions de cette école pour ne signifiant rien. Ceci les exclurait des cadres d'une psychologie authentique, qui sait qu'une certaine intentionalité est phénoménologiquement inhérente à son objet. Pour l'associationnisme, ceci équivaut à les tenir pour insignifiants, c'est-à-dire à les rejeter soit au néant de la méconnaissance, soit à la vanité de <<l'épiphénomène>>.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.78)

Desta forma, uma decorrência assaz perniciosa da concepção associacionista é a incapacidade de resgatar a especificidade da realidade psíquica. Tendente a reduzir a realidade ao que as ciências naturais como tal objetivem, detrata como ilusórios, irreais, a maior parte dos fenômenos que haveria de explicar:

> *Une telle conception distingue donc deux ordres dans les phénomènes psychiques, d'une part ceux qui s'insèrent à quelque niveau des opérations de la connaissance rationnelle, d'autre part tous les autres, sentiments, croyances, délires, assentiments, intuitions, rêves. Les premiers ont nécéssité l'analyse* ***associationniste*** *du psychisme; les seconds doivent s'expliquer par quelque déterminisme, étranger à leur <<apparence>>, et dit <<****organique****>>, en ce qu'il les réduit soit au support d'un objet physique, soit au rapport d'une fin biologique.*
>
> *Ainsi aux phénomènes psychiques n'est reconnue aucune réalité propre: ceux qui n'appartiennent pas à la réalité* ***vraie*** *n'ont de réalité qu'illusoire. Cette réalité vraie est constituée par le système des références qui vaut pour la science déjà établie: c'est-à-dire des mécanismes tangibles pour les sciences physiques, à quoi s'ajoutent des motivations utilitaires pour les sciences naturelles.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.78)

Essa dificuldade incapacita tal psicologia para reconhecer que — o que não é o caso do fenômeno físico — o implicado no humano, em si, comporta a dimensão do sentido. Longe de serem fatos a serem meramente observados, coletados e descritos, os fenômenos mentais comportam um sentido.

A incompetência, devida à preconcepção supramencionada, para reconhecer a especificidade do fenômeno psíquico é motivo poderoso da sua inconformação para com o estado da psicologia de que dispunha, e não é outra a linha diretriz que guia e impele Lacan na via da sua refundamentação: a orientação científica então disponível, que especifica pelo traço epistêmico do associacionismo, por pura e simplesmente se alhear da especificidade da fenomenalidade pertinente ao campo da ciência psicológica, seria insatisfatória.

Fenomenalidade que, no que importa para o psiquiatra, distingue-se da física por, em si, se apresentar constituída por conhecimento[54] — o que torna incabível objetivá-la nos moldes adequados àquela.

9. LOUCURA E CONHECIMENTO

Como se a manifesta restrição do campo da experiência, bem como as limitações epistemológicas de tal psicologia não bastassem, ainda por cima a concepção é manifestamente incompatível com a **praxis** psiquiátrica conforme é concebida por Lacan. E provavelmente nisso reside o golpe de misericórdia que, além do repúdio, o leva a motivar-se a participar da elaboração de outra.

O que a loucura sugere ao pensador não será em hipótese alguma a destruição da validade da experiência de que depõem aqueles que elege, desqualificação aliás equivalente à destituição destes da dignidade de sujeitos, por na prática excluí-los do âmbito de reconhecimento mútuo no qual se pactua a realidade humana.

---

54 Vide epígrafe.

O escopo da psicologia (humana) que pretende visa evitar esse desvario[55]. Em vez de desqualificar a loucura, promove-a à condição de propriedade intrínseca, ainda que apenas como possibilidade, da realidade humana:

> *Car le risque de la folie se mesure à l'attrait même des identifications où l'homme engage à la fois sa vérité et son être.*
>
> ...
>
> *Et l'être de l'homme, non seulement ne peut être compris sans la folie, mais il ne serait pas l'être de l'homme s'il ne portait en lui la folie comme la limite de sa libérté.* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.176)

Considerando o insensato uma possibilidade essencial, Lacan extrai como decorrência da continuidade entre "normalidade" e loucura um vínculo entre conhecimento e "patologia mental", ambos bem característicos, e exclusivos, do humano. Certamente por isso, o estudo de um caso de paranóia, nas mãos de Lacan, torna-se a ocasião para uma penetrante interrogação epistemológica[56].

O sistemático desconhecimento da verdadeira natureza do conhecimento é mais facilmente desmistificável quando os traços da personalidade nitidamente se espelham na realidade circundante.

Desenvolve a idéia em verbete redigido para uma enciclopédia:

> *Le progrès de notre recherche devait nous faire reconnaître, dans les formes mentales que constituent les psychoses, la reconstitution de stades du moi, antérieurs à la personnalité; si l'on caractérise en effet chacun de ces stades par le stade de l'objet qui lui est corrélatif, toute la genèse normale de l'objet dans la relation spéculaire du sujet à l'autrui, ou comme appartenance subjective du corps morcelé, se retrouve, en une série de formes d'arrêt, dans les objets du délire.*
>
> *Il est remarquable que ces objets manifestent les caractères constitutifs primordiaux de la connaissance humaine: identité formelle, équivalence affective, reproduction itérative et symbolisme anthropomorphique, sous des formes figées, certes, mais accentuées par l'absence ou l'effacement des intégrations sécondaires, que sont pour l'objet sa mouvance et son individualité, sa relativité et sa réalité.* (LES COMPLEXES FAMILIAUX, p.79)

Os objetos do delírio, as formas que se apresentam nos fenômenos mentais, têm as mesmas propriedades primárias que o conhecimento humano. Apenas se irrealizando por lhe faltarem integrações secundárias, as quais pressupõem um momento mais evoluído do continuo de constituição da realidade e do conhecimento. A saber, a resolução favorável do conflito edipiano:

> *La limite de la réalité de l'objet dans la psychose, le point de rebroussement de la sublimation nous paraît précisément donné par ce moment, qui marque pour nous l'aura de la réalisation oedipienne, à savoir cette érection de l'objet qui se produit, selon notre formule, dans la lumière de l'étonnement. C'est ce moment que reproduit cette phase, que nous tenons pour constante et désignons comme phase féconde du délire: phase où les objets, transformés par une étrangeté ineffable, se révèlent comme chocs, énigmes, significations. C'est dans cette reproduction que s'effronde le conformisme, superficiellement assumé, au moyen duquel le sujet masquait jusque-là le narcissisme de sa relation à la réalité.* (LES COMPLEXES FAMILIAUX, p.79/80)

Por sua vez, este caráter narcísico da realidade (humana) assentar-se-ia na

---

55 A ponto de afirmar:
... on pourrait définir concrètement la psychologie comme le domaine de l'insensée... (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.167)

56 *Nous avons nous-même montré dans la dialectique sociale qui structure comme paranoïaque la connaissance humaine, la raison qui la rend plus autonome que celle de l'animal du champ de forces du désir, mais aussi qui la détérmine dans ce <<peu de réalité>> qu'y dénonce l'insatisfaction surréaliste.* (LE STADE DU MIROIR COMME FORMATEUR DE LA FONCTION DU JE — ÉCRITS, p.96)

... insuffisance organique de sa réalité naturelle, si tant est que nous donnions un sens au terme de nature. (LE STADE DU MIROIR — ÉCRITS, p.96)

Insuficiência que derivaria de uma prematuração específica do nascimento do homem:

Mais cette relation à la nature est altérée chez l'homme par une certaine déhiscence de l'organisme en son sein, par une Discorde primordiale que trahissent les signes de malaise et l'incoordination motrice des mois néonataux. La notion objective de l'inachèvement anatomique du système pyramidal comme de telles rémanescences humorales de l'organisme maternel, confirme cette vue que nous formulons comme la donnée d'une véritable ***prématuration spécifique de la naissance*** *chez l'homme.* (LE STADE DU MIROIR — ÉCRITS, p.96)

É essa insuficiência que, dada a dependência do **infans**, coagirá à interação com o outro. Num grau tal que, por em muito extravasar a mera sociabilidade com a própria espécie — por, devido à insuficiência orgânica, o outro entrar na cadeia da realização de funções biologicamente necessárias —, o inscreve para sempre (como outro) no âmago do ser próprio. O que lhe poderá proporcionar um lugar na (precária) realidade humana. Confia-se o destino do sujeito a uma série de felizes ou trágicos acasos nos quais se vai inscrevendo sua história, sendo o momento edípico, como foi referido, a etapa fundamental de resolução deste processo. A impossibilidade de sofisticar-se em termos dos recursos adquiríveis pelas etapas anteriores define o destino psicótico. Mas obviamente, mesmo a sua ultrapassagem em condições razoáveis não pode escamotear que mesmo na normalidade a elaboração do objeto pressupõe, ou se estabelece, sobre formas de conhecimento intrinsecamente identificáveis com os mesmos processos em jogo na psicose. Eis, a par da garantia da profunda humanidade da loucura, a raiz das teses do conhecimento como, de princípio, paranóico, e da realidade como cristalização de significações.

Lacan afiança que na clínica se constataria que a produção de sintomas remeteria ao conjunto de fatores que a psicanálise denomina de complexo. O dito de Édipo, por exemplo, responsável pela marcação e demarcação da realidade objetiva, seria capaz, pelas suas incidências atípicas, de provocar todos os efeitos somáticos da histeria.

No verbete supramencionado equaciona as patologias psíquicas a partir das "desestruturas" complexas que relacionam o eu à realidade. O critério é sempre definir, no contexto do desenvolvimento histórico do sujeito, o grau de maior ou menor avizinhamento da capacidade de objetivar coisas — a habilidade em sintetizar a realidade —, a partir de uma montagem imagético-cognitiva progressiva:

On voit ici l'influence du complexe psychologique sur une relation vitale et c'est par là qu'il contribue à la constitution de la réalité. Ce qu'il y apporte se dérobe aux termes d'une psychogenèse intellectualiste: c'est une certaine profondeur affective de l'objet. Dimension qui, pour faire le fond de toute compréhension subjective, ne s'en distinguerait pas comme phénomène, si la clinique des maladies mentales ne nous la faisait saisir comme telle en proposant toute une série de ses dégradations aux limites de la compréhension. (LES COMPLEXES FAMILIAUX, p.57)

As "perturbações" da inteligibilidade "sensata" do mundo, embora fenômenos psíquicos, são também notoriamente interpretações incomuns do significado das coisas. E por lidar com elas, por abordar as afecções "empíricas" do conhecimento, a psicanálise apresenta (novos) fatos para a especulação epistemológica.

A patologia mental não importa unicamente na perspectiva da importância do seu estudo para o seu tratamento. Apresenta eminente valor epistemológico, porque permite discernir a realidade da realidade como constructo mental, por possibilitar discernir a profundidade afetiva do objeto da sua compreensibilidade (subjetiva), com a qual na normalidade se confunde:

Pour constituer en effet une norme du vécu, cette dimension ne peut qu'être reconstruite par des intuitions métaphoriques: densité qui confère l'existence à l'objet, perspective qui nous donne le

sentiment de sa distance et nous inspire le respect de l'objet. Mais elle se démontre dans ces vacillements de la réalité qui fécondent le délire: quand l'objet tend à se confondre avec le moi en même temps qu'à se résorber en fantasme, quand il apparaît décomposé selon l'un de ces sentiments qui forment le spectre de l'irréalité, depuis les sentiments d'étrangeté, de ***déjà vu****, en passant par les fausses reconnaissances, les illusions de sosie, les sentiments de devinement, de participation, d'influence, les intuitions de signification, pour aboutir au crépuscule du monde et à cette abolition affective qu'on désigne formellement en allemand comme perte de l'objet (****Objektverlust****).* (LES COMPLEXES FAMILIAUX, p.57)

Enquanto descrição, bastante clara, a explanação merece alguns comentários atinentes aos critérios que, na época, permitem sustentá-la.

Note-se o quanto aqui Lacan está comprometido com a noção de afeto, servindo-se da mesma como conceito básico. Aliás, tratamento da noção comum em psicanálise, mas que o psicanalista repudiaria posteriormente por deixar impreciso o fenômeno. Sob um único rótulo, com a noção de afeto subsomem-se irredutíveis particularidades, as quais exclusivamente podem ser ditas por serem dizeres diversos.

Na época, o pensador não havia ainda assumido que o afetivo em Freud pode ser

... conçu comme ce qui d'une symbolisation primordial conserve ses effets jusque dans la structuration discursive. (RÉPONSE AU COMMENTAIRE DE JEAN HYPPOLITE — ÉCRITS, p.383)

É bem verdade que no afeto há algo de originário (do ponto de vista do sujeito, obviamente). Nesse originário não se trata porém de algo cuja natureza seja avessa ao simbólico (ainda que aceite que uma "sobre-estruturação" intelectual se preste a uma forma de desconhecimente[57]).

Em Freud, Lacan o sublinharia posteriormente, a atitude em relação ao assunto está na contramão da que aqui parece subscrever. Se o afeto no âmbito do simbólico não tem plena cidadania, o que requeriria a capacidade de ser significante, de se apresentar enganoso — ou seja, habitado pela dimensão do verdadeiro, e portanto capaz de ser mentiroso —, nem por isso se alça a uma ordem de outra natureza, a essa irredutível:

A propos des affects, Freud donne au passage des touches toujours significatives et indicatives à leur psychologie. Il insiste toujours sur leur caractère conventionnel, artificiel, sur le caractère, non pas de signifiant, mais de signal auquel en fin de compte on peut les réduire. (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.122/3)

Se afinal se trata de um código, mais ou menos convencional, em vez de se cuidá-los como substância em jogo no psiquismo cumpre levar em conta o que sinalizam e sua dimensão sinalizante. O que, também no sentido de entidade ponto de partida para a reflexão teórica, deixa a noção menos primitiva.

Não substância, mas sim verdade, primordial, é o que a escuta atenta dos afetos pode proporcionar. O que posteriormente se mantém na teoria é a insistência em conceber o afeto como alicerce privilegiado, nunca no nível da referência de uma substância afetiva, mas como um plano de significação tão primordial que se torna insuscetível de mentir.

O afeto não é a substância originária, mas uma simbolização perpetuada na estrutura (do ser sujeito) correlata do que mereça de fato ser tomado como substrato. De certa maneira o afeto é a verdade da substância primeva, mas não é ela. Apenas uma via de sua dicção. Nessa medida está próximo de o ser, mas não o é.

Assim sendo, aquilo que os afetos sinalizam está muito próximo do real. O real primordial, anterior a distinções como exterior-interior, padece do significante — este co-emerge com o surgimento do sujeito —, por não ser senão em relação ao sujeito. Em outros

---

57 *Cette structuration, dite encore intellectuelle, étant faite pour traduire sous forme de méconnaissance ce que cette première symbolisation doit à la mort.* (RÉPONSE AU COMMENTAIRE DE JEAN HYPPOLITE — ÉCRITS, p.383)

termos, o que como real incipientemente quase se objetiva — sumariamente, a Coisa[58] —, aparece sofrente de uma simbolização primordial.

Para além do limite que a esse tempo o pensador havia alcançado, ao sumariamente delinear-se a temática do afeto pretende-se mostrar como, procedendo conforme o citado em LES COMPLEXES FAMILIAUX, o autor se priva do conceito de significante, que futuramente lhe permitirá prescindir da contraposição entre realidade natural (ou efetiva) e realidade humana.

Como se faz patente (neste caso, ilustrativo de uma regra), o que se encontra no Lacan posterior é menos uma rejeição das teses precedentes do que a sua reapresentação em termos mais trabalhados e, pela sua originalidade, de certa forma mais sofisticados. Acompanhada do consolo de encontrar em Freud prenúncios ou a garantia do horizonte mais rigoroso a que destina a psicanálise.

Não se imagine que, entre a fidelidade a si e o entusiasmo por Freud, Lacan não perceba as dificuldades em que tropeça. Nas restrições interpretativas a que, na leitura de seu antecessor, progressivamente vai procedendo, claramente se vislumbram tanto o reconhecimento de dificuldades como o tateamento de soluções.

Recrimina o fundador da psicanálise, por exemplo, por haver inventado a expressão, contraditória, de instinto de morte:

> *... l'explication... par un* ***instinct de mort****, pour éblouissante qu'elle soit, n'en reste pas moins contradictoire dans les termes; tellement il est vrai que le génie même, chez Freud, cède au préjugé du biologiste qui exige que toute tendance se rapporte à un instinct.* (LES COMPLEXES FAMILIAUX, p.33)

Ressignifica a dita expressão — precisamente distanciando-a da referência à positividade biológica, para associá-la à falha desta —, dizendo que

> *... la tendence à la mort, qui spécifie le psychisme de l'homme, s'explique de façon satisfaisante par la conception que nous développons ici, à savoir que le complexe, unité fonctionelle de ce psychisme, ne répond pas à des fonctions vitales mais à l'insuffisance congénitale de ces fonctions.* (LES COMPLEXES FAMILIAUX, p.33)

Insuficiência pela qual se hiperdimensiona no homem a importância das imagens, as quais por sua vez, em última instância, no operar do psiquismo, só assumem relevância particular por responderem àquela.

Abre-se a via pela qual o instinto de morte ganharia vida na leitura lacaniana de Freud: a desterritorialização que vai desnaturalizá-lo em exigências para além do prazer. Num primeiro momento, pela desregulação da ordem natural aberta pela insuficiência congênita, e posteriormente, pelos imperativos da lei (simbólica). O que prepara o caminho para que, na maturidade do seu pensamento, os riscos de perturbações mentais — que em última instância podem levar o sujeito à inexistência psíquica e no mundo animal estão ausentes — possam ser relacionados a uma falha da falha. Ou seja, possam atribuir-se a um prejuízo da função simbólica, que determinaria a desorientação e a ausência de significado, dimensões por ela ordenadas:

> *Loin donc que la folie soit le fait contingent des fragilités de son organisme, elle est la virtualité permanente d'une faille ouverte dans son essence.* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.176)

---

58 *... cette Chose, ce qui du réel – entendez ici un réel qui nous n'avons pas encore à limiter, le réel dans sa totalité, aussi bien le réel qui est celui du sujet, que le réel auquel il a affaire comme lui étant extérieur – ce qui, du réel primordial, pâtit du signifiant.* (LE SÉMINAIRE – LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.142)

A loucura é a permanente possibilidade introduzida por uma falha essencial na essência humana. Falha primordial, pensada por Lacan como subsidiária do fato (biológico) da pré-maturação do **infans**, que é incapaz de dominar, integrando, as partes em que as tendências concretas dividem o seu corpo.

Na hipótese favorável, especularizado por outro, o sujeito imaginará unificar-se pela assunção de sua imagem, como eu. Se o encaminhamento desta resolução for precário, e alguma circunstância desmontar a construção, segue-se, retorna-se, na direção oposta. O que explicaria os fenômenos típicos do adentramento na loucura: despersonalização, a solidária fragmentação da realidade (sempre simbolizada por referência ao corpo), e a sensação de estranhamento e de perda do sentido.

Neste caso, a falta imanente ao simbólico, faltando, paralisaria o jogo das imagens, precipitando o sujeito num abismo real, mais ou menos disfarçado pela realidade de uma ou outra imagem (fixa). A falha se caracterizaria pela estereotipia, pela fixidez, bem como pela realização — delírio, alucinação — que geralmente a acompanha.

10. CIÊNCIA E PSIQUISMO

Lacan não encontra a psicanálise casualmente, ou a ela adere despreocupadamente. Descobre-a no bojo do serviço que crê prestar-lhe na tarefa de refundar a psicologia. Não acontece pois uma "conversão" do psiquiatra à psicanálise, mas uma continuação, com os meios proporcionados por Freud, de uma reflexão epistemológica própria. O rastreamento das adaptações requeridas, que ficará claro na exposição sistemática da psicologia, é uma maneira objetiva de introduzi-la e de desmentir a imputação de má fé ou incompetência ao procedimento intelectual do psicanalista. É a melhor oportunidade para os críticos equivocados, sem abrirem mão dos seus escrúpulos, verdadeiramente obedecerem à honestidade que os inspira...

Portanto, na medida em que a problemática que motiva Lacan é outra que não a que orientou a Freud, certos "ajustes" tornam-se inevitáveis. Ele propõe-se a reformular os componentes da teoria que não satisfaçam os seus critérios epistemológicos. Empreendimento que se pode distorcer em incompreensão de Freud — a tese do pensador como mau intérprete —, ou na má fé de furtivamente disfarçar e impingir idéias próprias, sob a auréola de respeitabilidade de uma autoridade consagrada.

Porém a insistência nesta linha de raciocínio pura e simplesmente se faz desatenta, tanto à tranqüilidade com que Lacan explica o seu projeto, quanto à franqueza com que aponta os pontos da psicanálise que acha que devem ser revistos. No fundo pura e simplesmente "encaixa" Lacan na história da psicanálise, entendida como a história do pensamento de Freud e de seus continuadores, deixando em branco que Lacan nunca foi pura e simplesmente um discípulo, a ser avaliado em função do grau de fidelidade.

As dificuldades de codificação das teses freudianas, segundo os critérios epistemológicos que julga convirem a uma sã epistemologia da psicologia, releva-as pela sua grande importância para o desenvolvimento de métodos conforme àqueles. Tudo parece passar-se como se Freud tivesse o mérito de fundar a psicologia adequada, até em patamares além da sua restrição ao humano, mas não a tivesse sabido fundamentar. Imputação de não saber que, não sendo uma crítica à psicanálise propriamente dita[59], é discórdia para com os parâmetros epistemológicos falsamente materialistas e positivos que a norteariam.

---

59 *... la valeur objective d'une recherche se démontre comme la réalité du mouvement: par l'éfficacité de son progrès. Ce qui confirme le mieux l'excellence de la voie que Freud définit pour l'abord du phénomène, avec une pureté qui le distingue de tous les autres psychologues, c'est l'avance prodigieuse qui l'a porté <<en pointe>> de tous les autres dans la réalité psychologique.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.88)

Aliás, Lacan sempre tematiza em paralelo, sem ser à margem, os aspectos psicológico e epistemológico da problemática que enfrenta. Para bem se equacionar o seu projeto pessoal, é conveniente pois verificar de que maneira pretende instaurar na psicologia uma positividade verdadeira. Quer dizer, é necessário verificar como, para poder adequá-la a suas exigências epistemológicas, interpreta palavras do vocabulário científico em uso na psicanálise.

Interpreta noções epistemológicas básicas para o estabelecimento de uma ciência, como "fato", ou científicas igualmente básicas, como "energia", como necessárias ao entendimento para estabelecer equivalências: não objetivam nada fora do procedimento de cognição.

É na mesma perspectiva que as pensa no quadro particular da psicanálise, adaptação aliás imprescindível para a deixar sob medida para o seu entusiasmo.

A tarefa de apontá-lo, dada a maior clareza que subsidiariamente fornece do arsenal epistemológico a que o pensador submete o projeto de fundação da psicologia, apenas aparentemente se dá à margem do percurso que se cumpre na obra. Basta verificar a intersecção entre conhecimento e fato psíquico, para admitir que para Lacan as leis do psiquismo não podem ser estranhas às operações do entendimento.

A linha de raciocínio que o faz convergir para esta articulação, que não é uma psicologização da epistemologia, nem uma intelectualização do psíquico, nesse tempo consiste em fazer com que termos em uso na psicologia como ciência, em vez de conceituarem parcela da experiência objetiva, em vez de se prenderem a fatos, sejam uma construção do espírito segundo procedimentos gnosiológicos da razão humana, necessários para poder ordenar, segundo a sua expressão, a diversidade irredutível da experiência. Impõem-se epistemicamente, e não factualmente. No que talvez não seja absurdo localizar uma das fontes da confiança do psicanalista em que, de algum modo, uma ciência dos fatos mentais, por tratar do fenômeno do conhecimento, pode esclarecer muito mais a necessidade do emprego de certos termos do que a listagem sumária das situações de uso das palavras, que os achatam em evidência do mundo dito natural (ou da esfera suposta natural do mundo humano).

Exemplar é a noção de energia, que se pode tomar como ilustração.

Para não rejeitar sumariamente uma parcela do atraente modelo de psicologia concreta que a psicanálise lhe sugere, Lacan é obrigado a interpretar o termo de maneira a esvaziá-lo de qualquer referência fisicalista, rejeitada como "abstratizante":

> *Nous ne pouvons nous étendre sur la présence du* ***concept énergétique*** *dans toute* ***compréhension*** *manifestée du comportement; il nous serait facile de la révéler sous mille formes tant dans les* ***fixations*** *et* ***investissements*** *libidinaux de la doctrine freudienne, que dans les diverses conceptions sur la* ***schizoïdie*** *ou l'****introversion****, qui sont issues de l'école zurichoise.*
>
> *C'est que l'introduction de ces concepts énergétiques tient non aux faits, mais aux nécessités mêmes de l'esprit. Les recherches épistémologiques les plus récentes*[60] *ont démontré surabondamment qu'il est impossible de penser scientifiquement, et même seulement de penser, sans impliquer de quelque façon les deux principes fondamentaux d'une certaine* ***constance*** *et aussi d'une certaine* ***dégradation*** *d'une entité, laquelle joue un rôle substantiel par rapport au phénomène. Cette entité, la notion d'****énergie*** *lui donne son expression la plus neutre et la plus communément employée. Relevons-y en passant pour notre part l'****aura*** *qu'elle nous semble conserver de la genèse, qu'il faut lui attribuer comme à tant d'autres formes des structures conceptuelles, d'une* ***intentionnalité primitivement sociale****.*
>
> *Cependant, dans leur portée* ***gnoséologique****,* ***principe de conservation*** *de l'énergie et* ***principe de la dégradation*** *de l'énergie, on l'a démontré*[61]*, ne sont rien d'autre en dernière analyse que les affirmations issues de la* ***fonction identificatrice*** *de l'esprit d'une part, de l'****irréductible diversité*** *du phénomène d'autre part, c'estàdire des fondements phénoménologiques les plus généraux de la connaissance. Comme tels, ils échappent à toute genèse de fait.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.327/8)

---

60 Em nota de rodapé Lacan explicita referir-se aos trabalhos epistemológicos de Meyerson, IDENTITÉ ET RÉALITÉ e CHEMINEMENT DE LA PENSÉE.

61 Vide nota anterior.

A propósito da ciência física, em AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> retoma o tema, sempre insistindo no caráter desta categoria de conceitos como exigência intelectual, e nunca como nome genérico de uma classe de coisas a serem cognitivamente representadas:

> *Sans nous égarer sur le terrain épistemologique, nous poserons d'abord que la science physique, si purifié qu'elle apparaisse dans ses modernes progrès de toute catégorie intuitive, n'est pas sans trahir, et de façon autant plus frappante, la structure de l'intelligence qui l'a construite. Si un Meyerson a pu la démontrer soumise en tous ses procès à la forme de l'**identification** mentale, forme si constitutive de la connaissance humaine qu'il la retrouve par réflexion dans les cheminements communs de la pensée...* (ÉCRITS, p.86/7)

Em síntese, certas condições de assimilação cognitiva do mundo se impõem como uma necessidade da estrutura do espírito humano, sendo despropositado empreender uma cruzada contra a intuição. A proximidade da forma intuitiva é fidelidade ao fenômeno e reconhecimento da dependência deste da mente.

Do contrário, o esforço de depuração de qualquer subjetivismo no conhecimento referenda o equívoco da transposição de formas "subjetivas" do conhecimento em substância objetiva do mundo: desconhece-se o objeto, o conhecimento e as suas condições, ou seja, as condições do objeto.

E sendo o conceito de energia na ciência em geral uma exigência do espírito para conhecer, e não uma questão de fato, não haveria porque ser diferente em psicologia:

> *L'innovation de Freud nous paraît capitale en ceci qu'elle apporte en psychologie une notion **energétique**, qui sert de commune mesure à des phénomènes très divers. C'est la **libido**, dont la base biologique est donnée par le métabolisme de l'instinct sexuel.*
> *... Divers faits de l'observation biologique avaient permis dès longtemps d'entrevoir cette prépondérance comme une propriété fondamentale de toute vie.*
> *Pour l'imprécision relative du concept de la **libido**, elle nous semble faire sa valeur. Il a en effet la même portée générale que les concepts d'**énergie** ou de **matière** en physique, et à se titre réprésente la première notion qui permette d'entrevoir l'introduction en psychologie de **lois de constance** energétique, bases de toute science.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.256)

Numa disciplina como a psicologia, a noção de energia entendida como garantia de constância, por funcionar no nível do sujeito cognoscente e os fenômenos psíquicos serem intrinsecamente cognições, não poderia deixar de reproduzir-se, enquanto sentido da equivalência, na equivalência do sentido:

> *Le terme "libido" est une notion qui ne fait qu'exprimer cette notion de réversibilité qui implique celle d'équivalence, d'un certain métabolisme des images; pour pouvoir penser cette transformation, il faut un terme énergétique à quoi a servi le terme de libido.* (LE SYMBOLIQUE, L'IMAGINAIRE ET LE RÉEL — PETITS ÉCRITS ET CONFÉRENCES, p.405)

O mesmo estratagema permite reinterpretar em bases "concretas" a totalidade da metapsicologia. Lacan confirma-o por ocasião da consideração da agressividade em psicanálise:

> *Passer maintenant de la subjectivité de l'intention à la notion d'une tendance à l'agression, c'est faire le saut de la phénoménologie de notre expérience à la métapsychologie.*
> *Mais ce saut ne manifeste rien d'autre qu'une exigence de la pensée qui, pour objectiver maintenant le registre des réactions agressives, et faute de pouvoir le sérier en une variation quantitative, doit le comprendre dans une formule d'équivalence. C'est ainsi que nous en usons avec la notion de **libido**.* (L'AGRESSIVITÉ EN PSYCHANALYSE — ÉCRITS, p.110)

Quanto à perdurabilidade desta análise, é importante ter em mente que o mais frequente no transcurso diacrônico do pensamento lacaniano não é a redefinição em si dos conceitos. As alterações que sofrem devem-se mais à substituição do fundo em que se localizam.

No caso de energia, a exigência de identificação intrínseca à apreensão pelo espírito da multiplicidade factual se verá substituída, enquanto fundo, pela tópica dos registros.

O simbólico, reconversão radical e cheia de conseqüências da problemática noção de espírito, é que se prestará a dar conta das questões vinculadas à identificação e à medida, neste e em tantos casos aplicadas à esfera do real. Termo este que nomeia idéia, se não mais complexa, certamente menos familiar do que a mera somatória de fatos; e cujo manejo é solidário de uma sísmica reavaliação da realidade, aliás já claramente esboçada desde esta época:

> *... la notion de* ***libido****... qui n'est point autre chose que l'énergie psychique du désir, c'est quelque chose, s'il s'agit d'énergie, dans quoi... certaines conjonctions du symbolique et du réèl sont nécessaires pour que même subsiste la notion d'énergie.* (12-11-58)

Em contrapartida, se uma parcela significativa dos conceitos psicanalíticos visam atender a necessidades gnosiológicas, ou seja, se delineiam de forma a satisfazer o entendimento, por sua vez a psicanálise, conforme previamente se salientou, tem o que esclarecer no terreno da epistemologia.

Uma demonstração cabal da proficuidade do recurso à psicanálise para refletir o conhecimento é mui precocemente desenvolvida, logo na tese.

O objeto, na realidade humana construído significativamente, parece apoiar-se sobre uma referencialidade prévia, que seria dada pela coisa natural. Pressuposto que se não for contraditório com a idéia da prematuração precipitadora do sujeito no circuito alienante de substituição do real pelo imaginário (já que o entendimento da realidade humana como sendo pouca parece preservar algum acesso àquele), pelo menos exige que se explique o porquê do organismo se orientar objetalmente em função de um referencial extrínseco ao movimento de progressiva objetivação dos objetos.

Quer dizer, não parece evidente que apesar da objetalidade não estar psiquicamente dada à partida, desde o início a realidade exterior sirva de orientação para a sua constituição.

Há que explicar qual o mecanismo intrapsíquico que garante o direcionamento do psiquismo para algo radicalmente extrínseco, pois não se pode falar em construção progressiva do objeto e, sem mais, pensar que o objeto em algum nível, mais do que dado, para poder dirigir a sua própria edificação psíquica, esteja representado no psiquismo.

Dificuldade de que o autor se dá conta, e ensaia contornar na tese, lá pela altura da página 323, por meio de uma interpretação da discussão da gênese da realidade feita por Freud, e que aqui, rápida mas fielmente, se resenha.

A oposição entre o eu e o isso parece padecer da confusão entre as definições científica e gnosiológica do eu. A primeira relativa às tendências concretas, que Lacan pensa no quadro de uma intencionalidade que se suporta sobre as pulsões, e a segunda vinculada a considerações formais da síntese do conhecimento. Explique-se: Freud faria da consciência-percepção o nó do eu, entendendo-o como superfície do isso. O eu teria assim apenas uma gênese tópica. Não obstante, Freud invoca também como condição genética do eu o princípio de realidade. Que só é diferenciável do de prazer se comportar ao menos a raiz de um princípio de objetividade. Isto é, só se distinguiria do último num plano gnosiológico, e como tal seria ilegítimo fazê-lo intervir na gênese do eu, pois ele implicaria o eu nele mesmo como sujeito do conhecimento — até porque a realidade seria o limite de um processo de progressiva configuração de uma experiência enformada cognitivamente.

A facticidade em que o pensador aposta, de uma historicidade dialética — uma historicidade, por assim dizer, "logicista", que vincularia o saber de um sujeito ao seu objeto

—, bem como a consideração intelectual que o fundador da psicanálise lhe inspira, levam-no a recusar-se a atribuir a Freud o erro banal da petição de princípio, aparentemente manifesta.

Pelo contrário, a pretensa petição de princípio teria o mérito de ressaltar

> ... *la valeur* ***positive*** *de sa doctrine sur la gênese du* ***Sur-moi.*** (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.324)

Lacan ressalta que Freud a situa num momento ulterior à diferenciação (na superfície do **id**) do eu e do mundo exterior, logicamente posterior à pulsão, forma cega de manifestação da vida na sua aderência primordial ao mundo. Apesar de comportar em si uma fonte, raiz do sujeito, e um objeto, paradigma da realidade, a pulsão a princípio nada reconhece que, como exterior, dela seja distinto.

O super-eu é pensado como incorporação ao eu de uma parte do mundo exterior, a saber, a incorporação especificamente dos objetos que resumem neles todos os constrangimentos que a sociedade exerce sobre o sujeito, sejam eles os pais ou os seus substitutos. Essa incorporação deve poder explicar-se em termos puramente econômicos, ser inteiramente submetida ao princípio de prazer.

A identificação é totalmente feita em benefício de si e apraz duplamente: nela o **id** encontra uma compensação parcial da perda dos objetos parentais a que se agregariam as pulsões parciais e por outro lado seria aliviado do confronto repressor com os objetos externos, cuja função passa a ser cumprida por suas reproduções internas. Obedecer-lhes, ainda que ao preço da contenção de impulsos vitais, não deixa de ser um ato de amor. No conjunto o processo poderia se caracterizar como uma introjeção libidinal e permitiria a Freud falar em narcisismo secundário.

Um lucro adicional da exposição, por se fazer presente na teoria, é que o mesmíssimo processo esclareceria a gênese econômica da intencionalidade. Esta derivaria das tensões energéticas criadas pela repressão social das pulsões orgânicas inassimiláveis à vida grupal. Lacan denuncia sua equivalência do ponto de vista funcional, propugnando que se submetem ao mesmo princípio de economia: mínima tensão, ou máximo prazer.

Pela somatória dos dois aspectos abre-se a possibilidade de compreender o princípio de objetividade — indissociável do princípio de realidade — com base em critérios estritamente econômicos, ordenados intencionalmente.

A intenção, ainda que firmada fenomenicamente na modulação da força enunciativa no dizer, que por si só depõe da presença do sujeito, tem como horizonte o lugar (do) objeto. O princípio de objetividade inscreve a ação humana numa forma teleológica, porque o princípio de prazer é de fato a base sobre a qual se alicerça, impondo-lhe a finalidade da descarga.

Há pois uma elaboração que, por processos puramente econômicos, quantitativos, leva da finalidade de descarga à intencionalidade. O princípio de realidade, em princípio, não passaria do imperativo do prazer conjugado à ordenação da motilidade. Como a constituição da realidade se articularia no processo de sua cognição, pode considerar-se que a imitação é um dos pilares, vital, do conhecimento.

Aliás a determinação social da produção do conhecimento parece ser sugerida, ou mesmo confirmar-se, no fato do antropomorfismo que reveste o conhecimento nos seus primórdios, reconhecível tanto na criança quanto nas culturas ditas primitivas. Por isso o conhecimento, antes de ser de coisas, foi conhecimento de pessoas.

A noção de objeto deve ter sido uma aquisição tardia da humanidade. Pelo menos é o que dá a entender a onipresença do animismo nos povos ditos primitivos, bem como, levando a sério o paralelismo onto-filogenético, se infere das características da inteligência infantil.

A resenha do argumento lacaniano faculta que se visualize a efetuação do projeto intencionado. Por esta altura, de fato, a reflexão filosófica sobre o conhecimento e a imperiosidade de fundação de uma psicologia se imbricam. E como o pensador não é propenso a abandonar os grandes eixos da sua reflexão, confirma-se a suspeita de convir a uma sólida

perquirição das suas idéias psicanalíticas, o recuo à sua pré-história. Principalmente se se quiser proceder com atenção ao esclarecimento do inegável pendor filosófico que, por toda a parte, preenche o seu labor de fundamentação da psicanálise.

11. INTRODUÇÃO DA PSICANÁLISE COMO PSICOLOGIA

Depois de se tratar do como deve ser uma ciência que estude o conhecimento como um fenômeno, é chegada a hora de preparar-se para o como pode ser.

Note-se que, na tese, a invenção freudiana ainda não é interpretada como a psicologia que se faz necessária. A psicanálise aparece como contribuição relevante para a fundação de uma psicologia:

> *C'est le mérite de cette discipline nouvelle qu'est la psychanalyse, de nous avoir appris à connaître ces lois...* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.248)

Na página 320, a exterioridade do autor em relação à disciplina — pois escreve como psiquiatra — faz-se patente. Refere-se às contribuições desta para o seu trabalho...:

> *La seule donnée de la technique psychanalytique dont nous ayons directement fait état, c'est la valeur significative que nous avons accordée aux* ***résistances*** *de la personnalité du sujet, soit particulièrement à ses méconnaissances et dénégations systématiques. Mais c'est là une réaction psychologique dont la portée, pour avoir été utilisée fort brillament par la psychanalyse, n'est pas sans avoir été reconnue bien antérieurement à l'apparition de cette science. Du reste, la valeur critique des* ***résistances*** *de la personnalité a été posée par nous comme un des points fondamentaux de notre étude dialectique de sa phénomenologie...*
>
> *Reste la question de l'emprunt, que nous avons fait ou pourrions faire, à la* ***doctrine*** *propre de la psychanalyse.*
>
> *A un examen sérieux, cet emprunt se réduit à deux postulats dogmatiques qui ont la valeur de concepts extrêmement généraux, à savoir:*
>
> *1. Qu'il existe une certaine* ***typicité du développement*** *de la personnalité, c'est-à-dire une certaine cohérence typique entre sa* ***genèse*** *et sa* ***structure****;*
>
> *2. Qu'il existe une certaine* ***équivalence*** *ou* ***commune mesure*** *entre les divers phénomènes de la personnalité, équivalence qui s'exprime dans l'usage commun du terme, imprécis mais imposé par les nécessités de la pensée, <<d'énergie psychique>>.*
>
> *Ces deux postulats, nous y reviendrons, sont identiques aux postulats dont nous avons déjà établi la valeur fondamentale pour la science de la personnalité, et s'imposent, plus au moins implicitement, à tous les psychologues qui touchent à la conduite humaine concrète, par leur nécessité épistémologique.* (p.320/1)

Não se pode confundir a aproximação da psicanálise, proporcionada pelo seu labor epistemológico e psicológico, com uma adesão.

Embora seja verdade, e Lacan expressamente o declara[62], que é nesta época, e pelas razões ora descritas, que o pensador é seduzido pela obra de Freud, só em 36 se desloca da posição do psiquiatra que conta com uma psicologia que se inspira na psicanálise para o lugar do psicanalista que classifica sua disciplina como psicologia, desde que interpretando alguns termos técnicos freudianos de maneira (mais) agradável às suas opções metodológicas.

Confessa a tese da psicanálise como psicologia ao declarar, por exemplo, que

> *La révolution freudienne, comme toute révolution, prend son sens de ses conjonctures, c'est-à-dire de la psychologie régnant alors.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.73)

---

62 *... le fil qui nous a conduits à l'aventure freudienne. Soit cette tranchée ouverte avec notre thèse...* (PRÉSENTATION DES MÉMOIRES DE SCHREBER, Ornicar 38, p.7)

Pois aqui não trata apenas de assinalar conjunturas à revolução freudiana: a par disso afirma que as suas são as da psicologia. E para se contrapor a uma eventual ambigüidade suposta a esta interpretação — se para abalar a convicção na existência de um abismo permanente entre Lacan e a psicologia o implícito for insuficiente — pode-se recorrer na mesma oportunidade, e até no mesmo lugar, à letra explícita do autor:

> *La psychologie nouvelle ne reconnaît pas seulement à la psychanalyse le droit de cité; en la recoupant sans cesse dans le progrès de disciplines parties d'ailleurs, elle en démontre la valeur de voie de pionnier.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.73)

Caracterizada a especificidade da fenomenalidade psiquicamente relevante — pela perspectiva (psiquiátrica), que na época a que se reportam os trabalhos agora examinados era a do futuro psicanalista —, é possível estudá-la de modo que possibilite sua subseqüente sistematização em prol da refundação da psicologia:

> *Reconnaître donc, dans les symptômes morbides, un ou plusiers* ***cycles de comportement*** *qui, pour anomaliques qu'ils soient, manifestent une tendance concrète qu'on peut définir en* ***relations de compréhension****, tel est le point de vue que nous apportons dans l'étude des psychoses.*
>
> *Les cadres les plus généraux de ces* ***rélations de compréhension****, nous les avons donnés dans notre définition des phénomènes que nous appelons* ***phénomènes de la personnalité****.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.312/3)

A observação do fato psíquico permite reconhecer ciclos de regularidades comportamentais, organizadas em torno de um sentido decomponível em relações de compreensão. A esse respeito Lacan esclarece:

> *Nous y définissons en effet un ordre de phénomènes par leur essence humainement* ***compréhensible*** *— c'est-à-dire par un caractère social, dont la genèse elle-même sociale (lois mentales de la participation) explique l'existence de fait.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.313)

A sociabilidade é condição imprescindível à possibilidade de estabelecimento de relações de compreensibilidade, pois estas não adquirem essa qualidade em abstrato, e sim na dependência de alguém que as compreenda.

É marcante neste período a confiança na facticidade da sociabilidade como a arena do acontecer psíquico. A palavra, vetora de mensagens, garante a transmissibilidade do fato psíquico, estabelecendo a comum unidade de significação asseguradora da comunidade humana, que é o que permite o reconhecimento do sentido.

Como na psicanálise bem se patenteia, o âmbito próprio ao equacionamento do suceder psíquico não poderia ser outro que a interlocução:

> *Mais le psychanalyste, pour ne pas détacher l'expérience du langage de la situation qu'elle implique, celle de l'interlocuteur, touche au fait simple que le langage avant de signifier quelque chose, signifie pour quelqu'un.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.82)

Se a sociabilidade é fundamental para o estabelecimento do psíquico como objeto, por outro lado o caminho que se estabelece é de mão dupla, determinando por sua vez a relevância do estudo da psicologia para a sociologia[63]. Mais precisamente, pelo estudo da

---

63 Convicção perduradoura, conforme se pode inferir de pronunciamento do autor na Sociedade Psicanalítica de Paris:

> *<<Le Dr Lacan est d'accord sur tous les points de vues de l'exposé. Ce que la psychanalise peut apporter à la sociologie, dit-il, c'est un appareil convenable pour attaquer le sujet ("je ne dis jamais l'individu") sur le plan de l'expérience subjective.>>* (PSYCHANALYSE ET SOCIOLOGIE (1948) — INTERVENTIONS DE LACAN À LA S.P.P., Ornicar 31, p.20)

personalidade[64], pois o conjunto do gênero especificamente psíquico de fenômeno, imbuído de significações, merece ser esclarecido pela sua pertinência a esta.

Por especificar o seu objeto, a personalidade é conceito-chave na elaboração da teoria psicológica. O termo tem a vantagem de implicitamente precisar a extensão do empreendimento de fundação da psicologia: o sujeito humano. E é por deste se tratar que o laço social em jogo não poderia deixar ao largo a linguagem.

Eis um primeiro critério, suprido pela técnica freudiana, de especificação da metodologia conveniente à psicologia requerida por Lacan:

> *Le premier signe de cette attitude de soumission au réel chez Freud fut de reconnaître qu'étant donné que le plus grand nombre des phénomènes psychiques chez l'homme se rapporte apparemment à une fonction de relation sociale, il n'y a pas lieu d'exclure la voie qui de ce fait y ouvre l'accès le plus commun: à savoir le témoignage du sujet même de ces phénomènes.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.81)

Certamente por isso, na mesma ocasião (do ano de 1936) e na mesma página intenta descrever — segundo as suas palavras, fenomenologicamente —, já por meio da análise da palavra e nos termos codificadores da experiência psicanalítica, as dificuldades que a codificação da personalidade levanta para a psicologia[65]:

> *Le donné de cette expérience est d'abord du langage...* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.81)

É graças ao papel que a psicanálise concede à linguagem que Lacan a pensa capaz de das definições passar ao ato de produção de uma psicologia. O maior trunfo da primeira no desempenho desta tarefa seria a sua competência para incluir uma condição **sine qua non** da captação e adequada representação dos fenômenos mentais: a dimensão do sentido.

É a existência de conexões de sentido nos fenômenos psíquicos que possibilita a especificação de um determinismo apropriado aos fenômenos mentais, e neste momento torna a psicanálise relevante para a fundamentação de uma psicologia[66]. Para tanto, será necessária uma leitura da obra freudiana engajada em nela recortar os elementos imprescindíveis à especificação daquele, e portanto também interessada no modo de disposição que é intrínseco àqueles fenômenos. O grande mérito da psicanálise é ensinar a conhecer as leis do sentido[67].

Sentido que, por esta altura, já é entendido no entrecruzamento entre o animal e o simbólico. Pois é imprescindível ter em mente que este organismo falante carrega consigo o que é próprio da sua corporalidade, sob pena de se incorrer numa psicologia de espectros desencarnados, o que está (bem) longe de ser a intenção do autor:

---

64 *... la part proprement humaine de la psychologie: nous l'appelons* ***science de la personnalité.*** (DE LA PARANOÏA DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.315)

65 Na mesma oportunidade testemunha das questões que se podem levantar sobre a relação da palavra com sujeito:

... un langage, c'est-à-dire, un signe. De ce qu'il signifie, combien complexe est le problème, quand le psychologue le rapporte au sujet de la connaissance, c'est-à-dire à la pensée du sujet. Quel rapport entre celle-ci et le langage? N'est-elle qu'un langage, mais secret, ou n'est-il que l'expression d'une pensée pure, informulée? Où trouver la mesure commune aux deux termes de ce problème, c'est-à-dire l'unité dont le langage est le signe? Est-elle contenue dans le mot: le nom, le verbe ou bien l'adverbe? Dans l'épaisseur de son histoire? Pourquoi pas dans les mécanismes qui le forment phonétiquement? Comment choisir dans ce dédale où nous entraînent philosophes et linguistes, psycho-physiciens et physiologistes? Comment choisir une référence, qui, à mesure qu'on la pose plus élémentaire, nous apparaît plus mythique. (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.81)

66 *Ce qui nous semble en effet original et précieux dans une telle théorie, c'est le déterminisme qu'elle permet d'établir dans certains phénomènes psychologiques d'origine et de signification sociales, de ceux que nous définissons comme* ***phénomènes de la personnalité.*** (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.252)

67 *... pour illusoire qu'il soit, ce sens, non plus qu'aucun phénomène, n'est sans loi.* (DE LA PARANOÏA DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.248)

Nous observons la conduite d'un organisme vivant: et cet organisme est d'un être humain. En tant qu'organisme il présente des réactions vitales ***totales****, qui, quoi qu'il en soit de leurs mécanismes intimes, ont un caractère* ***dirigé*** *vers l'harmonie de l'ensemble; en tant qu'être humain, une proportion considérable de ces réactions prennent leur* ***sens*** *en fonction du milieu social qui joue dans le développement de l'animal-homme un rôle primordial. Ces fonctions vitales sociales, que caractérisent, aux yeux de la communauté humaine, de directes* ***relations de compréhension****, et qui dans la représentation du sujet sont polarisés entre l'idéal subjectif du moi et le jugement social d'autrui, ce sont celles-là mêmes que nous avons définies comme* ***fonctions de la personnalité****.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.247)

Ora, se a chave para se localizar no âmbito das relações de compreensão é o sentido, e se aquelas no confronto intersubjetivo apenas são imediatamente apreensíveis pelo fato de neste se posicionarem indivíduos de uma mesma espécie, agrupados por desenvolvimento biológico e história cultural comum, deverá ser possível encontrar na noção de sentido relações de compreensão correspondentes ao nível propriamente natural das leis. Portanto, as leis do sentido devem poder significar as leis naturais.

Só assim o fenômeno psíquico a um só tempo é objeto do conhecimento e fenômeno cognitivo.

Haveria pois como que uma meta-legalidade constituída por leis:

... à savoir celles qui définissent le rapport entre le sens subjectif d'un phénomène de conscience et le phénomène objectif auquel il répond: positif, négatif, médiat ou immédiat, ce rapport est en effet toujours déterminé. (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.248)

Não fosse possível correlacionar fenômenos objetivos — sintomas, por exemplo — com sentidos (subjetivos), ou a psicologia permaneceria um infeliz arremedo das ciências da natureza, desatento à especificidade essencial dos fenômenos com que trata, ou se despistaria em especulações sem objetividade nem concretude[68]. Donde se explica e deduz a necessidade de elaborar em parâmetros dualísticos as bases da psicologia.

A afirmação de duas realidades, uma pessoal e outra efetiva, permite apreender os componentes da personalidade como assentes em um pilar de ordem física, e outro da esfera da significatividade[69]. O que Lacan ilustra recorrendo ao mais simples fenômeno psicológico, a imagem[70]. E repare-se, concomitantemente apontando o seu compromisso com a consciência...:

Le phénomène de conscience le plus simple, qui est l'image, est symbole ou est désir. (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.247)

Dicotomia, diga-se de passagem, no futuro insustentada. Principalmente porque não terá sentido preservá-la nesta formulação mínima — a alternativa excludente entre símbolo e desejo. Mas que por enquanto, a esta altura, é assegurada pelo duradouro conceito de imagem[71]. Conceito que é um bom exemplo da permanência de muitas idéias da época no pensamento posterior.

---

68 *Par la connaissance de ces lois, on a pu rendre ainsi leur valeur objective, même à ces phénomènes de conscience qu'on avait pris le parti si peu scientifique de mépriser, tels les rêves dont la richesse de sens, pourtant frappante, était considérée comme purement <<imaginaire>>, ou encore ces <<actes manqués>> dont l'efficacité, pourtant si évidente, était considérée comme <<dépourvu de sens>>.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.248)

69 *Mis à part un certain nombre d'****états*** *d'ailleurs discutés, tout phénomène de conscience en effet a un* ***sens****, dans l'une des deux portées que la langue donne à ce terme: de signification et d'orientation.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.247)

70 *Lié à l'action, il devient perception, volonté, et dans une synthèse dernière, jugement.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.248)

71 *... nous définissons l'image comme tout arrangement physique qui a pour résultat entre deux systèmes de constituer une concordance biunivoque, à quelque niveau que ce soit.* (22-11-61)

O dualismo entre realidades, ciências, e tipos de fenômenos, não perduraria no pensamento do autor. Repudiará a ciência no momento em que, por razões que na continuação adiante se verificam, for levado a pensar a psicanálise como irredutível a qualquer psicologia.

Pode-se sugerir que a dicotomia só é mantida nesta (primeira) fase pela clara consciência do pensador quanto à insuficiência, no trato com a realidade do homem, dos modelos epistemológicos elaborados para fundar as ciências naturais. O desenvolvimento de uma psicologia acompanhado de especulações epistemológicas sobre as ciências humanas e o esboçamento de um determinismo específico à primeira adequado vão ser apenas um passo na direção de alcançar um patamar apropriado à reflexão sobre o universo humano, inclusive culminante numa revisão da concepção de naturalidade em vigor nas ciências físicas.

Quando a materialidade da realidade efetiva for tratada como literalidade simbólica — direção para a qual, pensa o autor, aponta o desenvolvimento da ciência — e a intencionalidade for denunciada como denegação do descentramento do sujeito, revelada com a revolução psicanalítica a não transparência à consciência das suas razões, Lacan não terá mais por que manter essas dicotomias.

Unificará uma teoria do determinismo sob o patrocínio da noção de causa, radicalmente repensada, de maneira não apenas a ressignificar a sua acepção tradicional, mas a até "diagnosticá-la".

12. PSICOLOGIA E DETERMINISMO

A consideração psicológica dos fenômenos psíquicos, segundo Lacan, exige que se encontre um determinismo que lhes seja específico, e cuja formulação possa, no âmbito da epistemologia conveniente à psicologia, merecer ocupar um lugar equivalente ao que a concepção de causalidade ocuparia nas ciências físicas. Talvez por simetria, propõe que se a denomine de causalidade psíquica, e aos fenômenos que determina, de psicogênicos[72].

A sua marca distintiva, em primeiro lugar, prende-se ao fato dos objetos (psíquicos) apresentarem-se como objetos do conhecimento, e em si mesmos comportarem uma dimensão cognitiva. O que redundaria na necessidade de pensar o determinismo psíquico de maneira tal que ao mesmo tempo dê conta do conhecimento do fenômeno psíquico, e do conhecimento como fenômeno psíquico.

Aí reside tanto a possibilidade de, pela especificação dos momentos da constituição do sujeito em correlação ao objeto, pensar um contínuo entre a normalidade e a patologia, como — dado o fato de o último incorporar um sentido vivido, isto é, vincular umbilicalmente realidade humana e conhecimento — a possibilidade de diferenciar o campo de estudo da personalidade do da animalidade.

A dependência do sintoma de mecanismos complexos da personalidade, não obstante, não exclui a presença de outro nível de determinação[73]. Justaposição de determinismos

---

72 *Est* ***psychogénique*** *un symptôme — physique ou mental — dont les causes s'expriment en fonction des mécanismes complexes de la personnalité, dont la manifestation les reflète et dont le traitement peut en dépendre.*

Tel est le cas:

— quand l'événement causal n'est déterminant qu'en fonction de l'histoire vécue du sujet, de sa conception de lui-même et de sa situation vitale par rapport à la société;

— quand le symptôme reflète dans sa forme un événement ou un état de l'histoire psychique, quand il exprime les contenus possibles de l'imagination, du désir, ou du vouloir du sujet, quand il a un valeur démonstrative qui vise une autre personne;

— quand le traitement peut dépendre d'une modification de la situation vitale correspondante, que cette modification se produise dans les faits eux-mêmes, dans la réaction affective du sujet à leur égard ou dans la représentation objective qu'il en a. (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.45)

73 *Le symptôme dont il s'agit n'en repose pas moins sur des bases organiques, physiologiques toujours, pathologiques le plus souvent, parfois sur des lésions notables.*

solidária de uma concepção dualista, cúmplice da dicotomia alma-corpo, na qual talvez se deva fazer residir a distinção, tipificante deste período, entre ciências humanas, assentes em dupla natureza, e ciências naturais, as pura e simplesmente relacionadas à natureza.

Sendo os fenômenos mentais, ao contrário dos naturais, em si mesmos fenômenos de conhecimento, devem ser objetivados em diferentes níveis de realidade.

Um resultado curioso desta condição é que as ciências humanas, na medida em que se traduzem em comportamentos do seu objeto, se dando a apreender como fenômenos do conhecimento, podem constituir-se em fatos a explicar por elas mesmas[74].

Em última instância, a distinção é reportável à diferença de qualidade entre o tipo de fatos com que lidam. Mas tem conseqüências que largamente a extravasam.

Dada a interação do conhecimento com a sua produção, por os objetos a conhecer comportarem um nível de objetivação do conhecimento — de maneira tal que tanto as ligações na personalidade como as explicações dos fenômenos psíquicos possam se traduzir em termos de relações de compreensibilidade —, abre-se a possibilidade de fusão (e de confusão) entre o saber sobre a realidade (pessoal) e a realidade efetiva.

Note-se que a duplicidade não supõe nenhum tipo de paralelismo simétrico, mas tão somente a existência de dois tipos de cadeias causais presentes na ordem psíquica, cada uma das quais submetida a leis próprias. A dualidade determinística apenas reproduz a natureza dúplice do sujeito da psicologia, pois o Lacan psicólogo jamais negou a relevância do somático no âmbito do que caracteriza o psíquico:

> *La personnalité... joue sur des mécanismes de* ***nature organique***...(DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.44)

Apesar de recusar um paralelismo psico-orgânico no nível de fundamentação da psicologia, o autor aceita a idéia de causalidades distintas, que se interligariam pela natureza dual do humano, solidária da articulada duplicidade das realidades em que se encontra.

Lacan não exclui que, sob as relações de compreensão captáveis nos fenômenos mentais, se encontrem (também) razões estritamente econômico-energéticas. Nem pretende estender a psicogênese a todas as realidades, mas apenas àquela humanamente investida.

Resumindo Lacan com suas próprias palavras, o sentido buscado, as relações de compreensão, teriam um valor objetivo inquestionável por permitirem ordenar e encontrar ordem nas reações emocionais, nas representações, nos atos, e no simbolismo expressivo. **Stricto sensu**, a causalidade psíquica se reduziria a uma espécie de concepção instrumental da determinação dos fenômenos, conveniente às exigências de compreensão da mente humana:

> *Rien de plus positif que notre problème: c'est éminemment un problème de faits, puisque c'est un problème d'****ordre de faits****, ou pour mieux dire, un problème de* ***topique causal***e. (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.14)

Restringindo sua reflexão sobre causalidade à ordem de sucessão dos fatos, Lacan imediatamente a reduz a uma dimensão temporal, e protege-se do terreno escorregadio de interpretações realistas de conexões causais.

A causalidade é mera tópica. Como ordem de fatos, atém-se aos lugares em que os fenômenos se vinculam. Porém, na medida em que os nexos de sentido exigidos são objetivamente constitutivos da personalidade e da realidade habitada pelo sujeito, trata-se de

---

Autre chose est pourtant d'etudier sa causalité organique, lésionnelle ou fonctionnelle, et sa causalité psychogénique. (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.45/6)

74 *Si la théorie dans les sciences physiques n'a jamais réellement échappé à cette exigence de cohérence interne qui est le mouvement même de la connaissance, les sciences de l'homme parce qu'elles s'incarnent en comportements dans la réalité même de leur objet, ne peuvent éluder la question de leur sens...* (INTRODUCTION THÉORIQUE AUX FONCTIONS DE LA PSYCHANALYSE EN CRIMINOLOGIE – ÉCRITS, p.125)

um "instrumentalismo" singular. Um instrumentalismo encarnado na objetalidade dos fenômenos que intenciona explicar.

A ordem de fatos, por uma espécie de contra-golpe, se desvenda ordem nos fatos: o instrumento constrói o real, pois a ordem de fatos necessariamente tem de ser concebida como a ordem de compreensão dos fatos. Esta em si mesma é constitutiva dos fatos eles mesmos. Posto o que vale a pena indagar como se faria consistir um determinismo em princípio tão bizarramente apresentável.

Lacan começa a caracterizá-lo afirmando não se dispor a se extraviar em

> *... une de ces vaines recherches sur les inconnues d'une chaîne causale, qui font en médecine la mauvaise réputation du terme pathogénie.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.14)

A decisão em nada surpreende, se se cuida de evitar a objetivação dos fenômenos mentais no mesmo plano que os sintomas físicos, a serviço da qual se propos a demolição da psicologia então dominante. É a fidelidade à pretensão de repensá-la que constrange a refletir uma causalidade na espaço-temporalidade imaginária.

Ainda na tese, Lacan apresenta-a como imprescindível à fundação da disciplina, que não poderia abdicar de um determinismo apropriado aos fenômenos que objetiva. Para tanto formula uma hipótese:

> *Cette hypothèse, c'est qu'un déterminisme existe qui est spécifique de l'ordre défini dans les phénomenes par les* ***relations*** *de compréhensibilité humaine. Ce déterminisme, nous l'avons appelé* ***psychogénique****. Cette hipothèse mérite le titre de* ***postulat****; indémontrable en effet et demandant un assentiment arbitraire, elle est en tout point homologue des postulats qui fondent en droit toute science et définissent pour chacune à la fois son objet, sa méthode et son autonomie.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.314)

Lacan sabe não poder demonstrar a validade da hipótese na experiência desprevenida (da sua intrínseca modelagem pela cognição), e se defende preventivamente de ataques ao seu procedimento, assimilando-a a um postulado — como tal, sem que se ameace a lisura científica do procedimento, insuscetível de comprovação empírica.

O (do ponto de vista empírico) arbitrário, fundamenta-se, aquém da cientificidade, no terreno da especulação epistemológica. Nesta embasada, a psicogênese nada teria em comum com a idéia de descobrir leis de sucessão causal segundo o modelo explicativo, **Erklären**, vigente para dar conta dos fenômenos nas ciências da natureza. Visaria responder à necessidade de (na personalidade) compreender, **Verstehen**, a sucessão dos fenômenos.

A dicotomia entre explicar e compreender, solidária da oposição entre as noções de causa e de motivo — que aliás Lacan não considera terminologicamente, visto que usa sempre o primeiro termo, "causa" —, será superada quando do abandono da duplicidade de realidades: a intencional, pessoal, dotada de sentido e habitada pelo humano e, subjacente a ela, a realidade efetiva, suportada em processos energéticos e cega ao operar do espírito.

Ao tempo do ano terceiro do seminário, a decisão pelo abandono da dicotomia explicação-compreensão já havia sido consumada, não sem uma certa dose de violência contra a tradição a que, despendendo árduo labor intelectual, o pensador havia servido:

> *Vous connaissez la prétendue opposition de l'****Erklarën*** *et du* ***Verstehen****. Là, nous devons maintenir qu'il n'y a de structure scientifique que là où il y a* ***Erklären****. Le* ***Verstehen****, c'est de l'ouverture à toutes les confusions. L'****Erklären*** *n'implique pas du tout de signification mécanique, ni des choses de cet ordre. La nature de l'****Erklären****, c'est le recours au signifiant comme seul fondement de toute structuration scientifique concevable.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.216)

No entanto, no momento anterior, a que estas linhas se reportam, não há nenhuma razão para restringir as considerações que tece na tese, tão gerais, ao estudo particular que ali desenvolve. Autoriza-se a interpretação das mesmas como explicitação global da sua posição na época.

Faltava esta rápida introdução à problemática determinística para se dispor do suficiente para visualizar o porquê da insatisfação de Lacan com a psicologia com que, psiquiatra, se defronta. Insatisfação pelo menos em parte devida às suas inaceitáveis implicações mais radicalmente especulativas.

Por sua vez o diagnóstico das suas limitações é o melhor procedimento para se identificar os problemas que pretende resolver com a recriação, em outras bases, da disciplina. Pois a avaliação dos méritos da psicologia "nova", que promove, depende da paciência em examinar a coleta interpretativa — a que procede, principalmente, por meio da psicanálise — de subsídios para a sua fundamentação.

Estabelecidas tais coordenadas, sabe-se o que se procurar na sua doutrina psicológica cabe explorá-la com vistas a esclarecer a formação do psicanalista.

II

PSICOLOGIA E PSICANÁLISE

La personnalité est d'abord le fait d'une expérience psychologique naïve. A chacun de nous elle apparaît comme étant l'élément de synthèse de notre expérience intérieure. Elle n'affirme pas seulement notre unité, mais encore elle la réalise; et, pour ce faire, elle harmonise nos tendances, c'est-à-dire les hiérarchise et rythme leur action; mais aussi elle choisit entre elles, adoptant les unes et reniant les autres.

Son opération est donc complexe. Elle se présente d'abord sous un mode intellectuel le plus élevé qui soit, celui du jugement, de l'affirmation catégorique. Mais ce jugement ne se rapporte pas à une réalité éffectué; il se rapporte à une réalité intentionnelle. La personnalité n'est pas seulement un constat; elle oriente l'être vers un certain acte futur, compensation ou sacrifice, renoncement ou exercice de sa puissance, par lequel il se conformera à ce jugement porté sur lui-même.

DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, 32

13. CIÊNCIA DA PERSONALIDADE

Já se sabe da genérica "impregnação" da psicologia científica anterior à psicanálise pela metafísica. É o que se via ocorrer com a psicologia baseada no que Lacan denomina de associacionismo, desconhecedora desse comprometimento, pois tal destino se cumpre à revelia das intenções manifestas.

Ao avaliar que uma boa garantia de abrigar o pensamento no terreno metafísico é propor-se a ignorá-lo, Lacan tem em mente o patético desse fiasco[75].

No caso particular da noção de personalidade, especificadora do sujeito da disciplina, os problemas que emergem partilham a mesma dificuldade da ciência como um todo:

> *Les difficultés relèvent de deux risques. Le premier est celui d'une combination subreptice par des implications métaphysiques qui sont dans la nature même de l'esprit...* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.35)

De fato, embora a especulação metafísica acabe informando o patrimônio cultural no qual a personalidade encontra subsídios para estabelecer valores e elaborar juízos[76], precisamente por isso infiltra toda a sorte de distorções em análises que, em nome da positividade, se proponham a ignorá-la. Lacan não presume encontrá-las longe:

> *... c'est là le pain cotidien des théories psychiatriques.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.35)

Ainda assim, em anuência com o autor, esta digressão por entre as ponderações lacanianas sobre o sujeito da psicologia não se alonga no seu pouco demorado comentário, embasado nas contribuições da metafísica, a respeito da personalidade[77].

Se, por obra e graça da habituação cultural, a infiltração na ciência psicológica de pressupostos metafísicos, confundidos com a imediatez da experiência, por si só é fonte de prejuízos, o extremo zelo na sua prevenção não necessariamente redunda em resultados melhores:

> *Le deuxième risque menace ceux qui, poursuivant en connaissance de cause l'éxtraction de tout résidu métaphysique, finissent par perdre de vue la réalité expérimentale, que recouvrent les notions confuses de l'éxperience commune, et sont amenés à la réduire au point de la rendre méconnaissable, ou à l'éxtrême à la rejeter totalement; telles se revèlent ces théories extrêmes da la psychologie scientifique, où le sujet n'est plus* ***rien*** *que le* ***lieu*** *d'une succession de sensations, de désirs et d'images.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.35)

Logo, tanto a metafísica como a excessiva preocupação em nela não incorrer são fontes de distanciamento do modo como o sujeito psicológico se apresenta na experiência. Ambas abstratizam a ciência por, a primeira metafisicizando e a segunda escamoteando, não se prestarem à conceituação de personalidade, crucial para a fundamentação rigorosa da disciplina psicológica.

---

75 *... ceux qui y tombent à plein sont le plus souvent les mêmes qui, soi-disants fidèles aux seules <<faits>>, croient se garder de la métaphysique en en ignorant les données.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.35)

76 *Rien dans ces spéculations n'est en effet sans attache avec le réel, ceci d'autant plus que le développement historique qu'elles reflètent n'est pas sans avoir laissé quelques traces dans ce plan le plus élevé de la nature humaine.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.34)

77 *Nous ne pouvons nous étendre sur les développements de la métaphysique traditionnele. Leur exposé sort de notre sujet, et nous ne l'aurions même pas abordé, si le seul fait qu'un tel développement ait existé, et que ses caractéres soient tellement calqués sur les données immédiates de notre conscience, n'était à l'origine des difficultés que présente l'épuration scientifique de la notion.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.34/5)

Em ambos os casos torna-se impossível operacionalizar o conceito na fundação de uma psicologia[78]. Haveria de procurar-se pontos de articulação mais sólidos para refleti-lo; pontos que também não se encontram entre os resultados do procedimento introspectivo[79], que em vez de proporcionar subsídios interessantes para refletir a personalidade, parece pôr em causa a subsistência, no limite, de algum contínuo pessoal[80].

Não obstante, o autor é explícito em asseverar a

> *... impossibilité de saisir aucun phénomène psychique positif (c'est-à-dire comprenant un contenu) qui surgirait sous une forme irréductiblement indépendante du fonctionnement du tout de la personnalité.* (EXPOSÉ GENERAL DE NOS TRAVAUX SCIENTIFIQUES — DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ suivi de PREMIERS ÉCRITS SUR LA PARANOÏA, p.400)

Por esta altura assim pensava, embora este seja um traço menos permanente da sua reflexão. Pois como fenômeno psíquico positivo, entre a abstração metafísica atomista e a dissolução da personalidade, o que propõe é a imagem e, no futuro — o que é uma entre outras razões a condenar a psicologia a um destino secundário —, o imaginário, desde sempre avizinhado da loucura, perde o estatuto de nuclear ao humano.

No ano do seminário denominado LE SINTHOME, sessão de 16-12-75, comenta a razão da mudança:

> *Il fut un temps où j'avançais dans une certaine voie, avant que je ne sois sur celle de l'analyse, dont ma thèse porte témoignage — de la psychose paranoïaque dans ses rapports, disais-je, avec la personnalité. Si j'ai si longtemps résisté à la republication de ce livre, c'est simplement que la psychose paranoïaque et la personnalité non pas de rapport. Parce que c'est la même chose.* (Ornicar 7, p.7)

Não há relações entre a personalidade e a paranóia porque são o mesmo! A identificação só é chocante se à falta de intimidade com a naturalidade da loucura ao humano, se adendar a desinformação quanto à posterior inflexão das idéias lacanianas no sentido de diferenciar o imaginário do simbólico e na perspectiva de, à revelia do eu, conferir à palavra um papel determinante[81]. Ao modo de um aparente não senso, Lacan marca o abismo (relativo) entre o privilegiamento da imagem (e portanto da significação), característico da década de trinta, centrada no que especifica como atinente ao registro do imaginário, e a obra posterior, em que real e simbólico nomeiam registros claramente diferenciados do anterior e permitem inscrever componentes essenciais do humano, aos quais o paranóico (como Lacan o pensa) não teria acedido convenientemente.

Porém, pela altura da reflexão por enquanto abordada, o agregado imagético que enforma a personalidade persiste como o amplo núcleo que comporta e importa a toda a experiência psicológica humana.

A citação que encabeça o capítulo, selecionada do momento em que intenta descrever o conceito segundo a experiência (do senso) comum, possibilita uma primeira apreciação global da noção.

---

78 *La croyance commune sur la personnalité, sa substantialisation par la métaphysique, l'impossibilité de fonder sur elle une définition scientifique rigoureuse, voici le chemin que notre exposé vient de parcourir.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.35)

79 *... l'introspection disciplinée ne nous donne que des perspectives bien décevantes.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.36)

80 *Le jeu est trop facile, pour la critique psychologique, sur ces nouvelles données de l'introspection, de concevoir la personne comme le lien toujours prêt à se rompre, et d'ailleurs arbitraire, d'une succession d'états de conscience, et d'y appuyer sa considération théorique d'un moi purement conventionnel.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.37)

81 *La fin de notre enseignement, pour autant qu'il poursuit ce qui se peut dire et s'énoncer du discours analytique, est de dissocier le* **a** *et le* **A** *en réduisant le premier à ce qui est de l'imaginaire, et l'autre à ce qui est du symbolique.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.77)

Em princípio se ressalta a importância da função de síntese. Aspecto tão relevante que, às vezes, mesmo na tese, sutilmente se infla ao ponto de a si se reduzir a (complexa) noção de personalidade, ou pelo menos "metonimicamente" assim se a nomear. A ambigüidade — conforme se comprovará adiante, quando se explanar a interligação dos fatores da personalidade — está longe de ser despropositada ou assinalar uma contradição. Acontece em especial quando Lacan trata de aplicar o conceito à esfera da psicopatologia[82].

Tal função não deve ser apreendida estaticamente, mas como uma operação dinâmica nitidamente orientada, ajuizada segundo um sentido que estabelece uma ordem. Concepção que por si só faculta dar conta do determinismo especificamente psíquico, pois por esta época, para o autor, a causalidade se reduz à ordenação de fatos[83].

A respeito do julgamento nela embutido, é marcante que a realidade sobre a qual o mesmo se exerce é concebida não como **Wirklichkeit**, a realidade efetiva, o âmbito da **physis**, objetivado nas ciências da natureza, mas sim como realidade intencionada. Portanto, orienta o ser menos na apreensão passiva do operar da realidade feita, e mais conformando-o a um ato futuro:

> *... la personnalité est alors la garantie qui assure au-dessus des variations affectives, les constances sentimentales, au-dessus des changements de situation, l'accomplissement des promesses. C'est le fondement de notre* ***responsabilité.*** (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.32/3)

Este aspecto é bem importante, pois mostra na raiz o compromisso da psicologia lacaniana com uma reflexão sobre a ação, meio caminho andado para o posterior adentramento do autor e das suas teses pela ética.

Sob pena de operar com uma psicologia insuficiente e abstratizada, incorrendo na situação comum à psiquiatria, que destitui os loucos da sua humanidade ao tomar como fenômenos naturais as suas produções, há que se ter o cuidado de introduzir a noção de responsabilidade, que permite o reconhecimento do outro, ou seja, a admissão de outra personalidade:

> *C'est dans la mesure où cette fonction de continuité est suffisante, et la pratique montre que nous l'admettons telle dans une mesure très large, qu'on nous confère une responsabilité personnelle et que nous en attribuons une égale à autrui. La notion de responsabilité joue probablement un rôle primordiale dans le fait que nous reconnaissons l'existence de la personnalité chez les autres.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.33)

O "instrumento psíquico" de "percepção" da personalidade é, pois, a responsabilidade, e esta é na verdade uma composição de dois aspectos daquela: a já mencionada função de síntese (ou lei de evolução da personalidade) e a intencionalidade[84].

Lacan pensa o modelo como factualmente evidente, distinto de uma mera especulação teórica. Para tanto bastaria observar a experiência da loucura como ela é: diferente de uma coisa inerte e sob pena de, caso contrário, escamotear a cognição intrínseca aos fenômenos

---

82 Por exemplo, na introdução da tese, afirma logo nas primeiras páginas:
... il existe des troubles mentaux qui, rapportés, selon les doctrines à l'<<affectivité>>, au <<jugement>>, à la <<conduite>>, sont tous des troubles spécifiques de la synthèse psychique.
C'est pourquoi, sans une conception suffisante du jeu de cette synthèse, la psychose restera toujours une énigme: celle qu'ont exprimé sucessivement les mots ***folie, vésanie, paranoia, délire partiel, discordance, schizophrénie.***
Cette synthèse, nous l'appelons ***personnalité***... (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.13/4)

83 *... un problème d'***ordre de faits** *ou, pour mieux dire, un problème de* **topique causale.** (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.14)

84 ***Synthèse, intentionnalité, résponsabilité,*** *tels sont les trois attributs que reconnaît à la personnalité la croyance commune.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.32)

mentais, no louco haveria de apreender-se uma intencionalidade significativa imanente, uma produção de sentido, e portanto teria de se o admitir uma pessoa[85].

Admitida a personalidade na loucura, como é na dissociação entre intencionalidade e síntese que se podem apreender as disfunções psíquicas, a segunda se revela vantajosa para o seu estudo. Nela se encontrariam dissociados os seus componentes, permitindo discriminar o que na experiência comum se mantém indiscernível.

Anteriormente disse-se que por vezes a função de síntese coincide com a totalidade da noção de personalidade, mas só agora se pode esclarecer a razão dessa ampliação. Os outros aspectos de alguma maneira, por alguma faceta, são subcomponentes do anterior: a intencionalidade garante a função de síntese e sem responsabilidade a intencionalidade não tem densidade.

O esmiuçamento da análise indica, pois, que o estudo da personalidade no quadro de uma consideração científica passa pela consideração destes elementos recolhidos da experiência comum. E introduzidas a função de síntese e a responsabilidade, falta apresentar a intencionalidade.

A respeito (da personalidade), Lacan interroga-se:

> *Que devient son **intentionnalité**?...* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.39)

A elucidação da questão, dentre as que se travam a propósito do sujeito da psicologia humana, é a mais trabalhosa. De imediato há que se enfrentar a seguinte dificuldade:

> *Assurément, d'aucune <<donnée immédiate>> on ne peut déduire l'existence objective de l'acte volontaire et de l'acte de liberté morale. De plus, dès qu'il s'agit de connaissance scientifique, le déterminisme est une condition **a priori** et rend une telle existence contradictoire avec son étude. Mais il reste à expliquer l'existence **phénoménologique** de ces fonctions intentionnelles: à savoir, par exemple, que le sujet dise <<je>>, croie agir, promette et affirme.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.39)

Perante a mesma haveria duas possibilidades, ambas inviáveis. Impor-se a exigência de submeter a um princípio de determinismo todos os fenômenos, visando investigá-los cientificamente, é incompatível com a necessidade de cogitar uma ação responsável, cuja condição é a possibilidade de pensá-la a partir da própria razão auto-determinada, sem a influência da experiência sensível. Pois caso contrário não se deveria falar em ato voluntário, nem em ato moralmente livre, já que sequer caberia falar em ato moral.

Pelo menos, a largos traços, é nestes termos que o problema se formula para Kant, pensador que visivelmente neste e noutros momentos influencia o procedimento especulativo lacaniano. Mas não se pretende entrar no mérito da fidelidade das considerações lacanianas nele inspiradas, pois tudo indica que este, autor de obra (também) tão importante para a ética, como tantos outros explícita ou implicitamente referidos, meramente se constitui em contraponto para um pensamento independente.

A psicanálise se encarrega de denunciar à exaustão que o que parece e aparece como autonomia está longe de o ser. Redu-la à imaginação de uma auto-suficiência intencional — narcísica, poderia se afirmar.

Uma diferença drástica vincula-se ao fato de, para o "psicólogo", o que, por se ver no outro (que intenciona) objetivado, aparece empiricamente, não é percebido como intencional à luz da consciência "intencionadora" examinada. Quer dizer, em especial na patologia, patenteia-se uma "heteronomia da vontade".

De qualquer modo, no futuro o paradoxo nem sequer se sustenta, por se terem retificado as diretrizes em função das quais ocorre. O psicanalista se aproximaria de uma

---

85 *Seul un sujet peut comprendre un sens, inversement tout phénomène de sens implique un sujet.* (L'AGRESSIVITÉ EN PSYCHANALYSE – ÉCRITS, p.102)

posição em que este gênero de fidelidade à experiência — rente a esta, mas objectivante do outro — seria abandonado, não havendo mais de se colocar o problema, por não ter sentido objetivar sujeito algum. A dificuldade será reformulada em termos de conflito (moral) sofrido na primeira pessoa.

Mas o futuro não elimina os impasses do presente. E o atual sugere que na experiência onde em princípio só se deveria encontrar fenômenos — enquanto tal, submetidos a um preciso determinismo e portanto fora do âmbito não empírico em que kantianamente se equaciona a determinação (autônoma) da vontade, que, por livre, pode ser distinguida como moral — se encontram fatos que sugerem uma auto-determinação do sujeito.

Assim, haveria de se abdicar do determinismo imprescindível à explicação dos fenômenos num contexto científico, o que equivale a desistir da fundação de uma ciência e portanto significa abandonar o empreendimento que aqui se acompanha de fundação de uma psicologia. Ou então há que se redimensionar a noção de responsabilidade, componente inescamoteável da personalidade enquanto terreno global da psicologia, de uma maneira determinística.

O pensador jamais conferiu seriedade à primeira opção. Rigorosamente nunca tentou levá-la em conta. Em parte subseqüente do trabalho se verifica que o que sucede é que, ao pensar o sujeito além da ciência, fundará por um objeto incompatível com os que o entendimento necessariamente supõe, e inobjetivável na acepção deste, um outro gênero de determinismo, que torna vã a referência à liberdade moral e se constitui em ruptura com a naturalidade "cientificável".

Entre as duas opções, Lacan fica com a segunda:

> *L'acte volontaire peut assurément être défini par un enchaînement causal plus complexe que celui de l'acte reflèxe. La croyance peut être décrite comme un sentiment lié à des dispositions émotionnelles et actives, de structure acquise et élévée.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.39)

Para bem se avaliar a decisão aqui tomada, convém proceder com brevidade à revisão da especificidade da "cientificização" do psiquismo que se trata de estabelecer.

Lacan parte em primeiro lugar da afirmação de uma singularidade dos fenômenos mentais, ou psíquicos, em contraposição aos demais. Embora para qualquer leitor psicanaliticamente prevenido a semântica do termo "mental" não recubra a de "psíquico" — não são sinônimos —, é bom recordar que por esta altura estamos lidando com um psiquiatra simpático à fenomenologia. A imprecisão se explica pela coincidência entre os usos dos termos, motivada pelo estilo de questões que a prática psiquiátrica se coloca.

Psíquicos ou mentais, os fenômenos são fenômenos de conhecimento, comportam um sentido. Nesta fase, por assim dizer, psicológica, o sentido destes fenômenos pode ser capturado por uma contextualização imaginária genérica, comprometida com a obviedade e o senso comum, nos termos de relações de compreensibilidade.

Para bem se o apreender é importante demarcar-se o procedimento lacaniano do mapeamento do sujeito pela psicologia não psicanalítica (proporcionado pelo senso comum), submetendo-o à consideração, mais fina, do que denomina de ponto de vista objetivo[86]. Ponto de vista que, no prolongamento da objetivação garantida pela crença comum, garante o seu resgate da dissolução a que a introspecção tende a condenar a noção de personalidade.

Por este, as relações de compreensibilidade se percebem ordenadas numa graduação de complexidade que justifica a invocação da idéia de desenvolvimento:

> *Il constate d'abord le* ***développement*** *de la personne. La personnalité, qui se perd mystérieuse dans la nuit du premier âge, s'affirme dans l'enfance selon un mode de désirs, de besoins,*

---

86 *C'est ici que doit intervenir le point de vue objective qui redonne son poids véritable à la notion qui paraît s'évanouir.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.37)

de croyances, qui lui est propre et a été comme tel étudié. Elle bouillonne dans les rêves et les espoirs démesurés de l'adolescense, dans sa fermentation intellectuelle, dans son besoin d'absorption totale du monde sous les modes du jouir, du dominer, et du comprendre; elle se tend chez l'homme mûr dans une aplication de ses talents au réel, un ajustement imposé aux efforts, dans une adaptation efficace à l'objet, elle peut s'achever au plus haut dans la création de l'objet et le don de soi-même. Chez le vieillard enfin, dans la mesure où jusque-là elle a su se libérer des structures primitives, elle s'exprime en une sécurité sereine, qui domine l'involution affective. (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.37/8)

A noção de desenvolvimento ora apresentada não sobreviveria à contundente crítica que sofreria posteriormente. No bojo do repúdio às ciências do homem — que, conforme se "sintomatiza" na própria denominação, alienam o sujeito na vertigem de uma objetivação em direção a um fim genérico, totalmente extrínseco a um sentido particular, unicamente mapeável pela singularidade da palavra enformadora da subjetividade — Lacan virá a excluir da sua teoria esse modo de exclusão do sujeito que consiste em pré-definir estágios e metas coletivos de sua adequação na ordem do tempo.

Não terá passado despercebida a tipificação, de algum modo regradora, da normalidade da personalidade em cada fase da vida apontada. A generalização normalizante criaria inclusive dificuldades para o autor: raras vezes terá sido menos sereno do que no final da vida e, portando, aplicando-se o critério, o resultado do seu encaixe no estereótipo sugerido não lhe é favorável.

A propósito, é curioso que Lacan não pareça tomar as críticas acerbas que posteriormente emite contra a concepção "desenvolvimentista" (por exemplo, a propósito da antropologia de Lévy-Brühl, da psicanálise anglo-saxônica ou da psicologia "epistemológica" de Piaget), como também uma autocrítica. Tudo se passa como se de tal modo estranhasse a tese, que é como se nem sequer admitisse nela se reconhecer. Ou pelo sumário desconhecimento denunciasse uma espécie de inautenticidade, confessasse uma antiga complacência para com influências padecidas na juventude.

É importante ressaltar este traço bizarro da conduta de Lacan perante sua assinatura, por, em medida quase grotesca, justificar a divisão a que se procede de sua obra em (pelo menos duas) épocas. Na prática é como se o autor de suas primeiras obras fosse outro.

Por enquanto, não obstante a sua inaceitabilidade futura, a noção de desenvolvimento é benquista e certamente ocupa uma posição nuclear na sua psicologia.

Falar de desenvolvimento da pessoa é referir-se a um tipo específico de progresso:

Dans ce progrès, les événements, qui sont les chocs et les objections de la réalité (de la réalité affective et de la réalité objective) ont une influence déterminante. Mais c'est une influence ordonnée: ce progrès est un ***développement****, c'est-à-dire qu'il repose sur des structures réactionnelles typiques et que celles-ci ont une succession fixe, commune à la normal des hommes. Elles engendrent les attitudes, qui modèlent le sens selon lequel ces événements sont vécus; cependant qu'elles reçoivent d'eux des déterminations progressives ou régressives. Ces structures et leur succession forment le fonds* ***régulier*** *des évolutions atypiques et des crises anachroniques.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.38)

Prescindindo de insistir no pouco fôlego destas concepções, cumpre (sem economia de referências) prosseguir a sua apresentação, para mostrar como a função de síntese se equivale a uma lei evolutiva da personalidade, cujo modo de operar põe em jogo relações de compreensibilidade:

Nous trouvons donc ici une loi évolutive, en place d'une synthèse psychologique.

Mais cette dernière elle-même se retrouve jusqu'à un certain point sous une forme objective. En effet, ces états successifs de la personnalité ne sont pas séparés par des ruptures pures et simples, mais leur évolution, et les passages de l'un dans l'autre, sont, pour nous observateurs, ***compréhensibles****. Même si chez autrui nous n'allons pas jusqu'à y participer affectivement* ***(einfühlen)****, ils ont pour nous un sens* ***(verstehen)****, sans que nous ayons besoin d'y découvrir la loi de*

succession causale qui nous est nécéssaire pour expliquer ***(erklären)*** *les phénomènes de la nature physique.*

Ce sens se rapporte, par exemple, à l'accord de telle nuance sentimentale avec tel contenu représentatif (de la tristesse avec l'idée de la perte d'un être aimé) —, à l'adaptation à un but, d'une série d'actions —, à la compensation idéo-affective qu'entraîne une certaine contrainte des tendances.

Ce sens est peut-être aussi peut fondé que l'interprétation homogène ***(participationniste)*** *que donne le primitif à l'ensemble des phénomènes naturels. Mais il est assurément la commune mesure des sentiments et des actes humains.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.38)

Resumidamente, o que se encontra objetivamente sob a função de síntese atribuída à personalidade é um mecanismo evolutivo de desenvolvimento, progressivo, cuja chave organizadora se encontra na dependência da compreensibilidade. O sujeito personalidade, objetivado pela ciência psicológica, tem a peculiaridade de, em si mesmo, se estruturar com base em cognições.

Nesse tempo, a prática psicanalítica ainda não o havia despertado para a radical inapreensibilidade ou inutilidade do sentido quando se o vê achatado em generalidades imaginárias — quer dizer, quando se o encontra reduzido a significações compreensíveis.

Pelo contrário, para o pensador, a esta altura

Ces ***relations de compréhension*** *ont une valeur objective certaine...* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.39)

E Lacan assevera que:

Les donnés objectives rendent donc à la personnalité une certaine unité, celle d'un ***développement régulier et compréhensible.*** (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.39)

Sua obra (psicanalítica) se insurgirá contra este modo de tratamento do sentido. Um momento dessa reformulação encontra-se na primeira sessão do ano do seminário sobre a psicose, quando Lacan salienta o quanto, perante contextos compreensivos idênticos, sujeitos diversos reagem diferentemente.

Mesmo no plano das generalizações o modelo não funciona. Exemplifica indagando como se explicaria, em termos de relações de compreensão, o maior índice de suicídios na primavera, quando a depressão deveria associar-se ao outono.

Tudo indica que a confiança na transparência dos verdadeiros motivos às intenções é fruto de pouca intimidade com a realidade tratada, e não há no Lacan posterior como supor o sentido como aparente, colado às relações imaginárias apresentadas sob a rubrica de relações de compreensão:

Le progrès majeur de la psychiatrie depuis de l'introduction de ce mouvement d'investigation qui s'appelle la psychanalyse, a consisté, croit-on, à restituer le sens dans la chaîne des phénomènes. Cela n'est pas faux en soi. Mais ce qui est faux, c'est de s'imaginer que le sens dont il s'agit, c'est ce qui se comprend...

La notion de compréhension a une signification très nette. C'est un ressort dont Jaspers a fait, sous le nom de rélation de compréhension, le pivot de toute sa psychopatologie dite générale. Cela consiste à penser qu'il y a des choses qui vont de soi, que, par exemple, quand quelqu'un est triste, c'est qu'il n'a pas ce que son coeur désire. Rien n'est plus faux — il y a des gents qui ont tout ce que leur coeur désire et qui sont tristes quand même. La tristesse est une passion d'une toute autre nature.

Je voudrais insister. Quand vous donnez une gifle à un enfant, eh bien! ça se comprend, il pleure — sans que personne réfléchisse que ce n'est pas du tout obligé, qu'il pleure. Je me souviens du petit garçon qui, quand il recevoit une gifle, demandait — ***C'est une caresse ou une claque?*** *Si on lui disait que c'était une claque, il pleurait, ça faisait partie des conventions, de la règle du moment, et si c'était une caresse, il était enchanté. Ça n'épuise d'ailleurs pas la question. Quand on reçoit une*

*gifle, il y a bien d'autres façons d'y répondre que de pleurer, on peut aussi dire — **Frappe, mais écoute**. Une très grande varieté de séquences se présente, qui sont négligées dans la notion de relation de compréhension telle que l'explicite M. Jaspers.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.14/5)

Em síntese, cumpre verificar-se o sentido como uma operação de palavras, impossível de captar pelo olhar, mas a escutar na enunciação em que se articula. Há que buscá-lo numa articulação significante que vai além do significado imaginário (aparente).

A ruptura entre compreensão e sentido inspira o nome de um seminário. Na pronúncia de seu título há homofonia entre a referência aos "nomes do pai", garantes do "amarramento" do sujeito no simbólico, e a estultice dos "compreendedores", achatados no imaginário[87].

Introduzida a apreensão objetiva do que a experiência comum evidencia como função de síntese, uma lei de desenvolvimento apoiada em relações de compreensibilidade, é chegado o momento de verificar do mesmo ponto de vista os demais aspectos da personalidade. A manter-se rigorosamente o paralelismo entre a consideração objetiva da personalidade e as sugestões a propósito da mesma proporcionadas pela experiência ingênua, a primeira deve ter algo a dizer a este respeito.

Quanto à responsabilidade, o que a consideração objetiva pode ofertar em termos do seu esclarecimento?

Como os componentes da personalidade não simplesmente se justapõem, implicando sua interdependência numa interação sofisticada, à responsabilidade cumpre reforçar o componente função de síntese da personalidade — até porque a primeira evolutivamente se manifesta plenamente no ápice da segunda.

Em princípio enfrenta-se o mesmo gênero de dificuldade que problematizava o seu equacionamento pelo senso comum: como objetivamente contornar a dicotomia a seu respeito antes exposta, quando da sua apresentação pela experiência ingênua?

*... la notion de **responsabilité** personnelle, ne paraît-elle pas se dissoudre dans cette analyse? Ou garde-t-elle quelque contenu objective?* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.40/1)

Para resgatar a noção da diluição a que parece se submeter no bojo de uma explicação naturalizante da personalidade, não hesita em propor uma espécie de análise dos usos do termo "personalidade":

Revenons à l'éxperience; cherchons-la dans les acceptions communes du langage. Qu'entend-on d'un individu qui, dit-on, <<a une personnalité>>? Cette formule ne signifie-t-elle pas avant tout l'autonomie de la conduite, quant aux influences accidentelles, et en même temps sa valeur exemplaire, c'est-à-dire morale? (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.41)

A evidência proporcionada pela experiência do uso ordinário da linguagem, há que reconhecê-la onipresente na vivência humana:

*C'est l'oeuvre de chaque jour et la partie la plus précieuse de l'éxperience des hommes que d'apprendre à distinguer, sous les promesses qu'ils formulent, les promesses qu'ils tiendrons. Celles-ci, toutes différentes souvent des premières, sont la réalité **personnelle** qu'un oeil exercé reconnaît, et à laquelle tout un chacun rend hommage en se targuant de la reconnaître.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.41)

Mesmo na experiência ingênua da personalidade, era à responsabilidade que se imputava a capacidade de reconhecimento da alteridade. O tu não se discerne pela percepção

---

87 Em francês, **les noms du père** soa aproximadamente do mesmo modo que **les non dupes errent**.

objetiva, que só apresenta coisas, e sim pela empática atribuição ao outro dos "sentimentos" morais pessoais: as resistências morais são mais "sentidas" do que percebidas em outrem.

A capacidade de assim proceder é atribuída à herança de interesses ancestrais, inscrita num patrimônio afetivo comum, vivido e exercido em conformidade com as análises de Lévy-Brühl sobre a mentalidade primitiva — especificamente, o modo de pensamento "participacionista":

> *... sous ce crédit moral, cette valeur représentative que nous accordons à l'individu, il y a bien une garantie et, pour ainsi dire, une valeur-or. Nous la sentons plus que nous ne la percevons chez autrui, sous forme de ces* ***résistances*** *<<morales>> qui, en nous, imposent des limites aux influences du réel. Nous éprouvons au reste ces résistances sous une forme ambivalente, soit qu'elles nous assurent contre l'émotion qui nous saisit ou la réalité qui nous presse, soit qu'elles s'opposent à ce que nous nous conformions à tel idéal, à ce que nous nous soumettions à telle discipline, pour normatifs qu'ils puissent paraître. Pierres d'achoppement de la personnalité, sources de conversions et de crises, elles sont par ailleurs la base d'une synthèse plus solide. C'est pourquoi nos actes nous appartiennent et nous <<suivent>>.*
>
> *De ces actes, on nous tient légitimement pour responsable, parce que cette apparente autonomie de l'individu est essentiellement relative au groupe, soit qu'elle s'appuie clairement sur le jugement qu'ont ou auront les autres de nous, soit qu'elle repose sur le mode de pensée* ***prélogique*** *de la* ***participation****, qui a pétri les origines de la race et qui, restant inscrit dans les mécanismes affectifs de ces résistances morales, y conserve la trace d'intérêts ancestraux.*
>
> *Cette genèse social de la personnalité explique le caractère de haute tension que prennent, dans le développement personnel, les rapports humains et les situations vitales qui s'y rattachent. Elle donne très probablement la clef de la véritable nature des* ***relations de compréhension****.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.41/2)

Ao possibilitar o acesso ao outro (sujeito) no bojo de relações de compreensão, pelo reconhecimento de um sentido a apreender, a responsabilidade permite assentar relações essenciais à definição de um nível de determinismo ligado à cognição dos fenômenos mentais, até por simpático a esses fenômenos como cognição. Porém, ao especificar a realidade pessoal em referência à noção de responsabilidade, não há como evitar a sutil sugestão de concebê-la como pelo menos limítrofe ao campo ético.

Talvez aqui se marque, no campo da psicologia, o ponto de tangência que permitirá a inversão pela qual a psicanálise pode ser pensada ética, e não cientificamente, sem que se haja de recorrer a maiores desfigurações conceituais. Bastará trocar alguns termos e redefinir outros, mas mantendo-os em posições relativas aproximadas.

Para tanto é suficiente não calar a conseqüência que quase espontaneamente se deixa entrever nestas linhas: se as resistências morais são a realidade pessoal do homem, não seria absurdo derivar que a verdadeira (falta de) substância desta é ética. Este passo[88] não será dado aqui. Parece o avesso da posição presente, mas a uma mente aberta se sugere quase imediatamente.

Por enquanto o que se manifesta é o contrário, uma psicologização da esfera ética.

O descrédito nesta via de naturalização do sujeito, sofisticada mas objetivante, leva-o a condenar a psicologia, denunciando-a (no ano sétimo do seminário) como um estratagema para eludir a especificidade (ética) do agir[89].

Tese que, por sua vez, cria a necessidade de partir para um outro projeto de investigação, com ela congruente, e cuja radicalidade e originalidade, pelo menos novidade, se podem depreender da sua própria adesão, neste período, ao disfarce que seria capaz de desmascarar.

A responsabilidade há-de conceituar-se em dois níveis: um natural — cujos elementos organizadores, ainda que apareçam compreensíveis, conjugam leis do desenvolvimento e reações psico-vitais —, dado freudianamente pelo registro da evolução filogenética, e outro

---

88 Passo?

89 Vide subcapítulo 45.

propriamente aparentado com as exigências de autonomia, exigências de autodeterminação da ação, especificamente éticas, a serem relativizadas por se orientarem estritamente na dimensão da interação social.

Para bem se o entender é necessário ter em mente a apreensão objetiva da intencionalidade.

Um grande mérito que o psiquiatra reconhece na psicanálise, fator de peso na sua aproximação da disciplina da qual se tornaria um luminar, é o modo como a mesma permite equacionar a intencionalidade na perspectiva de sua apreensão cognitiva. Fá-lo, além do mais, propiciando as condições de submissão dos fenômenos mentais às exigências determinísticas que são condição imprescindível para a sua compreensão, e por isso, também para a sua explicação científica.

A intenção, como factualmente se apreende, dada a sua pregnância na totalidade da experiência e a sua legibilidade em condições particulares, ocupa nesta leitura psicológica (da psicanálise) o ponto que virá a ser ocupado pelo desejo.

O termo "intenção" não convém a um momento da teoria em que há um radical desprivilegiamento da consciência e no qual o sujeito perde uma posição senhorial, para se reduzir a um assujeitado. Isto é, não convém num tempo em que a irredutibilidade do inconsciente leva o autor a substituir a concepção de um sujeito da intenção por um sujeito ao desejo.

No nível da linguagem, a pregnância do desejo deve assinalar-se nos procedimentos pelos quais a enunciação modula o enunciado e é precisamente uma listagem destes que, a propósito de sua manifestação como agressividade, Lacan apresenta para sugerir a provação da pressão intencional:

> *Nous pouvons quasiment la mesurer dans la modulation revendicatrice qui soutient parfois tout le discours, dans ses suspensions, ses hésitations, ses inflexions et ses lapsus, dans les inexactitudes du récit, les irrégularités dans l'application de la règle, les retards aux séances, les absences calculées, souvent dans les récriminations, les reproches, les craintes fantasmiques, les réactions émotionnelles de colère, les demonstrations à fin intimidante...* (L'AGRESSIVITÉ EN PSYCHANALYSE — ÉCRITS, p.103)

Mais do que o arrolamento de índices fenomenais da intencionalidade[90], na tese busca teorizar um modelo de funcionamento psiquico que a explicaria, permitindo operar a sua determinação e, ao mesmo tempo, dando conta do duplo estatuto da responsabilidade.

Os fenômenos intencionais devem ser compreendidos em dois níveis. De um lado como reações psico-vitais objetivas, cujos elementos (componentes) podem especificar-se, constituindo-se este plano na sua organicidade propriamente natural (que os capacita a serem reconhecidos como fenômenos). Por outro, podem imediatamente ser traduzidos em termos de compreensibilidade: para além do nível por assim dizer energético, vital, que os estrutura, comportam a possibilidade de uma leitura compreensiva. É esta que os articula com o aspecto anteriormente isolado da personalidade — o fato de se desenvolver segundo uma lei evolutiva, numa ordem cuja sucessão pode, ela também, ser compreendida —, e que é irredutível a mera transposição de processos biológicos.

Além disso, havendo intencionalidade, cumpre orientar o sujeito para atos futuros (consoante juízos sobre uma realidade intencionada, na qual o ajuizar põe os objetos), movimento prospectivo na historicidade, solidário do fato de, nas palavras de Lacan, tais atos acompanharem e seguirem ao sujeito, compondo sua realidade.

---

90 *L'expérience analytique nous permet d'éprouver la pression intentionnelle. Nous la lisons dans le sens symbolique des symptômes, dès que le sujet dépouille les défenses par où il les déconnecte de leurs relations avec sa vie quotidienne et avec son histoire, — dans la finalité implicite de ses conduites et de ses refus, — dans les ratés de son action, — dans l'aveu de ses fantasmes privilégiés — dans les rébus de la vie onirique.* (L'AGRESSIVITÉ EN PSYCHANALYSE — ÉCRITS, p.103)

Por sua vez, como se salientou, é a gênese "biologizada" das resistências morais, às quais a exigência naturalizante reduz o ético, que dará base empírica às relações de compreensão, o ponto de articulação da lei evolutiva do desenvolvimento e da intencionalidade. Eis como esta se encontra com a responsabilidade:

> *... ces fonctions intentionnelles affirment, de par leur nature même, leurs contenus comme des objets: c'est ainsi que l'exprimaient spontanément ces croyances mêmes sur la personnalité d'où notre analyse est partie.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.40)

A pressão intencional pode-se pois acompanhar em todos os aspectos fenomênicos relevantes da experiência analítica, sempre ordenada em um sentido, sempre implicante de um sujeito.

Mas não basta propugná-lo, é imprescindível demonstrá-lo. E o modo de o fazer é passando da descrição do sujeito da psicologia científica à sua explicação.

Que o organismo comporte pressões oriundas da sua natureza biológica, é algo de que não se precisa pedir contas à psicologia. Esta é convocada a explicar como, à revelia do determinismo somático, surge brecha para uma certa autonomia que instaure uma outra determinação centrada nos termos da intencionalidade; uma determinação ao estilo de uma decisão "livre", compreensivamente fundamentada. Também é imprescindível poder articular as duas.

Mais do que de qualquer outro ângulo, é aqui que a psicanálise evidencia o seu valor:

> *L'image idéale du moi qui fait partie de notre expérience intérieur est réductible à des complexes affectifs qui tiennent à la ontogenèse du psychisme (sinon à la phylogenèse). Ceci explique qu'elle puisse être l'un des pôles d'une tension intérieur au moi — c'est le conflit de l'**Ich** et de l'**Über-ich**, qui en Freud est saisi à partir de données d'expérience concrète —, et cette tension semble liée à certaines déterminations du phénomène lui-même de la conscience.*
>
> *Ces phénomènes intentionnels se revèlent donc avant tout comme une organisation de réactions psycho-vitales. Ils sont les fruits d'une **éducation** où se traduit tout le développement personnel. D'autre part, ces phénomènes tombent bien plus immédiatement sous les **relations de compréhension** que les réactions élémentaires qu'il nous faut dégager d'eux par l'analyse. Ils se révèlent ainsi conformes à la première définition que nous a livrée notre essai d'objectivation de la personnalité.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.39/0)

Para bem o apreender é necessário esclarecer o objeto científico estudado pela ciência cujo sujeito é a personalidade, pois o devido alcance do que aqui se adianta a propósito do papel da intencionalidade na constituição do conceito de personalidade só poderá ser devidamente avaliado depois dessa empreitada.

14. DO OBJETO DA PSICOLOGIA

À sumária apresentação da personalidade sucede-se portanto a descrição dos conceitos básicos que organizam a sua significatividade. Segue-se um mergulho na consideração dos elementos que materializam a evolução e desenvolvimento da personalidade, que regem a orientação da intencionalidade, e que "vetorializam" as exigências ideais que concretizam a responsabilidade.

Convém considerar tanto a ligação entre desenvolvimento e conhecimento, como a constituição da realidade, bem como os distúrbios relacionados a estes processos concomitantes.

Este detalhe é fundamental para a não estigmatização da experiência da loucura. Melhor, é a chave para se apreender as vicissitudes da constituição e manutenção da realidade humana, as quais não permitiriam estabelecer cisões drásticas entre normalidade e patologia.

O conceito de personalidade se prolonga interpretativamente, no léxico freudiano, como eu: a totalização da experiência fragmentária de si, da realidade e do corpo, por uma imagem-síntese de imagens, unificante e prefiguradora de uma organicidade funcional, a qual, dada a fragmentação do **infans**, dilacerado pela pulsão, é sintetizada alienadamente pelo olhar de outrem:

> *L'histoire du sujet se développe en une série plus ou moins typique d'**identifications idéales** qui représentent les plus purs des phénomènes psychiques en ceci qu'ils révèlent essentiellement la fonction de l'**imago**. Et nous ne concevons pas le Moi autrement que comme un système central de ces formations, système qu'il faut comprendre comme elles dans sa structure imaginaire et dans sa valeur libidinale.* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.178)

Eis, referidas ao termo psicanalítico "ego", as duas faces do conceito de personalidade — a voltada para a dimensão do sentido, imanente ao que aqui se poderia denominar de estruturação imaginária, e a orientada segundo as relações energéticas, referida à libido —, conjugadas na história (de desenvolvimento) do sujeito. História marcada por uma série de identificações ideais vinculadas à inclusão psíquica de traços reveladores da função da imago.

A definição do eu como sistema central, produto dessa história, não coincide rigorosamente com a definição de personalidade, entendida como o conjunto de relações que sintetizam, orientam intencionalmente, e se estabelecem no conflito entre ideais e realidade corporal (que engendra a noção de responsabilidade). Sua diferença, aproximadamente comparável com a existente entre uma circunferência e o seu centro, apenas salienta mais a comum pertinência ao círculo. A personalidade é síntese, o eu é sistema; a personalidade orienta a ação, os atos seguem ao sujeito que por eles se responsabiliza. O eu é produto de uma história e medeia os conflitos entre as exigências morais e os impulsos, também mediando a satisfação das necessidades no meio circundante. A nuance semântica, que opõe uma totalidade (a personalidade) a um centro, parece insuficiente, dadas as evidências, para que se prive de perceber que, essencialmente, se trata de "metonimicamente" designar o mesmo objeto teórico por partes distintas.

O rumo da explanação permite adivinhar o papel privilegiado que terá a imagem na organização das relações entre a descoordenação orgânica originária e o mundo circundante. Para entendê-lo é necessário previamente dar conta do elemento mínimo que cimenta toda a realidade (pessoal) humana, em si mesmo capaz de incluir os fenômenos desta na dimensão do sentido, como fenômenos de conhecimento: nem mais nem menos do que a própria imagem. Pois a imago outra coisa não é que a organização segundo padrões de funcionalidade do que responde àquele nome comum.

Portanto, sem se conceituar imagem, não há modo de, de dentro da psicologia e levando à risca a problemática epistemológica que Lacan tanto valoriza, apreender o núcleo do psiquismo que é a imago.

Como adiante se perceberá, além de imago conceituar um tipo de objetos psíquicos fundamentais, as imagens, também é crucial na especificação de um tipo de determinismo apropriado à explicação dos fenômenos mentais, por não descurar de sua singularidade.

Vale esclarecer que aqui o único interesse é pensar a imagem do ponto de vista da sua importância epistemológica na fundação de uma psicologia. A problemática imagética é bem mais vasta em Lacan, mas não importa diretamente ao fim proposto. Quem se interesse pelo operar empírico das imagens na psicologia ou psicanálise lacanianas deve recorrer a outros trabalhos, pois o que se segue só se detém nos modelos psicológicos que tratam de <u>como</u> as imagens podem instalar-se psiquicamente e contituírem-se em fatos psicológicos. Aqui só se cuida da relevância epistêmica da imagem.

Da mesma Lacan proporciona uma descrição — se não exaustiva, bastante geral — elucidadora dos traços relevantes para a sua conceituação, na forma de uma definição tão sucinta quanto a riqueza do objeto tratado o permite:

*Considerons maintenant les problèmes de l'**image**. Ce phénomène, sans doute le plus important de la psychologie par la richesse de ses données concrètes, l'est encore par la complexité de sa fonction, complexité qu'on ne peut tenter embrasser sous un seul terme, si ce n'est sous celui de **fonction d'information**. Les acceptions diverses de ce terme qui, de la vulgaire à l'archaïque, visent la notion sur un événement, le sceau d'une impression ou l'organisation par une idée, expriment en effet assez bien les rôles de l'image comme forme intuitive de l'objet, forme plastique de l'engramme et forme génératrice du développement. Ce phénomène extraordinaire dont les problèmes vont de la phénoménologie mentale à la biologie et dont l'action retentit depuis les conditions de l'esprit jusqu'à des déterminismes organiques d'une profondeur peut-être insoupçonné...* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.77)

A imagem é uma função de informação. Gravura de uma experiência — selo de uma impressão —, marca de um acontecimento, deve ser pensada no âmbito de historicidade do vivente. Introduzida no indivíduo, o leva a sofrer os efeitos da sua significação. É forma intuitiva do objeto, forma plástica do traço mnêmico, e forma geratriz do desenvolvimento.

Além disso o conceito permite explicar porquê e como as relações sociais são essenciais para a realidade humana: devido à prematuração perdido o acesso biológico direto ao real, o imaginário passa, no seu lugar, a ocupar posição central na constituição da realidade. Em especial algumas imagens, representando semelhantes adultos, por intermédio da identificação delineiam e prefiguram um modelo de realização que norteia e facilita o desenvolvimento.

Dada a onipresença e preponderância do papel da imagem, é cabível defender ou constatar sua intervenção nos mais remotos níveis do psiquismo. Desde os biologicamente mais inconscientes, até aos intelectualmente mais sofisticados.

Lacan mostra-se particularmente impressionado, e estimulado na orientação que propugna, com as evidências da determinação por imagens de funções orgânicas. Argumenta a favor da utilidade, também na psicologia animal, do conceito de imago, pelo menos em relação aos animais que evidenciam hábitos sociais:

*... notre **imago** doit s'y rencontrer au moins chez les animaux dont l'**Umwelt** comporte sinon la société, au moins l'agrégation de leurs semblables...* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.189)

Fá-lo pretendendo salientar a fecundidade da imagem, mesmo em biologia:

*... il y a dix ans, quand j'ai désigné l'**imago** comme l'<<objet psychique>> et formulé que l'apparition du complexe freudien marquait une date dans l'esprit humain, en tant qu'elle contenait la promesse d'une psychologie véritable, — j'ai écrit en même temps, à plusieurs reprises, que la psychologie apportait là un concept capable de montrer en biologie une fécondité au moins égale à celle de beaucoup d'autres qui, pour y être en usage, sont sensiblement plus incertains.* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.189)

De um lado, trata-se de um conceito introduzido pela psicologia, e de outro é merecedora do destaque de ser referida como o objeto psíquico por excelência. As manifestas possibilidades contidas na unidade prototípica do imaginário, que a imago é, permitem o entusiasmo de cogitar encontrar nela a unidade mínima concreta a partir da qual se poderia calcular a possibilidade de construir unificadamente o campo de investigação dos fenômenos psíquicos:

*Nous croyons donc pouvoir désigner dans l'**imago** l'objet propre de la psychologie, exactement dans la même mesure où la notion galiléenne du point matériel inerte a fondé la physique.* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.188)

E, conforme visto, ao se transformar a imago em objeto próprio de uma psicologia verdadeiramente positiva, esta potencializa-se a ponto de interessar ao desenvolvimento da biologia. Dada a abrangência de suas funções, a imagem alcança o cerne da vida:

*L'**imago** a-t-elle donc cette fonction d'instaurer dans l'être un rapport fondamental de sa réalité à son organisme?* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.182)

A positiva resposta a esta questão, ao resolver as dificuldades de fundação de uma psicologia levanta a de saber como pode operar dessa forma, a qual não poderá ser respondida por nenhuma experiência, nem a psicanalítica.

Esta, no máximo, permite responder negativamente à seguinte pergunta:

La vie psychique de l'homme nous montre-t-elle sous d'autres formes un semblable phénomène? (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.182)

Não é improvável que este impasse da reflexão lacaniana tenha ocasionado o posterior e fortíssimo arraigamento do seu pensamento a um real (radicalmente) distinto da realidade.

Por enquanto, Lacan tenta respondê-la.

É importante ter em mente que, no movimento da problemática equacionada no nível da psicologia, os fenômenos mentais são realizações de conhecimento e especificação teórica do mesmo.

Se por causa da prematuração, ponto inicial do desenvolvimento, o humano é privado de uma representação direta de si e do meio, e a mais alta evolução do pensamento leva a dissolver a realidade em cálculos matemáticos, entre uma e o outro, a realidade (humana) constitui-se na historicidade, pela qual, pelos recursos disponíveis para a sua cognição, progressivamente se objetiva. O que faz com que não haja uma cisão entre sentido e real, mas que na realidade se encarnem relações de compreensibilidade.

Sabendo-se que a informação que representa e significa a realidade se processa por imagens, a concepção de que a realidade é embutida de sentido — a tese de que os fenômenos são "fatos cognitivos" — obriga a que se responda à questão sobre como pelo imaginário se pode estabelecer a realidade.

Inicialmente a resposta parece simples: a realidade é um constructo imagético, e a imagem é carregada de sentido.

Um traço fundamental do objeto psíquico, da imago, seriam

... les effets observables d'une forme au sens le plus large qui ne peut être définie qu'en termes de ressemblance générique, donc qui implique une certaine reconnaissance. (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.181)

Porém, posto que afinal a realidade ela mesma deve ser construída, como entender por originária uma semelhança genérica, se na origem não é dado o termo de comparação?

*... à travers les images, objets de l'intérêt, comment se constitue cette **réalité**, où s'accorde universellement la connaissance de l'homme?* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.92)

Constatada a centralidade do imaginário até na biologia e na psicologia animal, o enfrentamento da problemática da realidade da realidade é inescamoteável em psicologia. Pelo que, e disso Lacan não se furtará, progressivamente vai surgindo uma interrogação fundamental sobre o que para o olhar ingênuo parece menos incerto, a realidade. O que também obriga a pensar a espacialidade e temporalidade nas quais se objetariam as imagos, de modo a demarcá-las das adequadas ao equacionamento dos fenômenos físicos[91], com tanto abrindo-se uma tradição da sua reflexão perduradoura.

---

91 O que permite reforçar de outro ângulo a conveniência de emancipar a psicologia e a sua epistemologia da subordinação às ciências "mais naturais" — em última instância à física, por intermédio da biologia e da fisiologia. Por uma inversão de perspectivas se poderá perceber o quanto, ao contrário, a primeira pode fertilizar o desenvolvimento da biologia.

Neste momento, sem pensar o problema muito detalhadamente, apenas substitui a atomicidade radical suposta ao espaço infinitamente divisível das ciências naturais, por uma propriedade de composição em formas irredutíveis da espacialidade (psíquica), propriedade pertinente à imago:

> *Elle me paraît corrélative d'un espace inétendu, c'est-à-dire indivisible, dont le progrès de la notion de* ***Gestalt*** *doit éclairer l'intuition, — d'un temps fermé entre l'attente et la détente, d'un temps de phase et de répétition.* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.188)

Em L'AGRESSIVITÉ EN PSYCHANALYSE é menos econômico nas sugestões que incipientemente inauguram o seu pendor a repensar a tradição quanto à espaço-temporalidade. E como seria de se esperar — dada a imaginariedade da espacialidade em psicologia e o modo como a intenta refletir — é aqui que sua meditação se rende à facilidade cedida pelos modelos físicos, embebendo-se em referências óticas:

> *La notion du rôle de la symétrie spatiale dans la structure narcissique de l'homme est essentielle à jeter les bases d'une analyse psychologique de l'espace, dont nous ne pouvons ici qu'indiquer la place. Disons que la psychologie animale nous a révélé que le rapport de l'individu à un certain champ spatial est dans certaines espèces socialement repéré, d'une façon qui l'élève à la catégorie de l'appartenance subjective. Nous dirons que c'est la possibilité subjective de la projection en miroir d'un tel champ dans le champ de l'autre qui donne à l'espace humain sa structure originellement <<géometrique>>, structure que nous appellerions volontiers* ***kaléidoscopique****.* (ÉCRITS, p.122)

Obviamente a menção a uma análise psicológica do espaço é força de expressão. Deve entender-se como uma liberdade estilística para se referir à análise epistemológica do espaço em que se movem os objetos psíquicos. Pois, na sua literalidade, a expressão não tem sentido: qualquer espaço, salvo prova em contrário, é destituído de psiquismo. Quando se "comporta", na realidade o que se "move" é a mente do geômetra.

Embora a análise do espaço possa convir, isso não inclui que o estudo do espaço que convém ao psiquismo convenha de maneira afim com a em curso nas ciências naturais. Lacan precisamente demarca o "espaço psíquico" do "espaço físico", concomitantemente enunciando linhas de força da sua reflexão posterior, que no futuro lhe permitirão reunificá-los pela assunção da natureza imediatamente simbólica das espacialidades. Isto é, pela determinação dos espaços por uma calculabilidade que os unifica, desconectados de qualquer sensibilidade pensada autônoma, pois as medidas que lhes convêm não lhes são imanentes, mas cálculos racionais:

> *Tel est du moins l'espace où se développe l'imagerie du* ***moi****, et qui rejoint l'espace objectif de la réalité. Nous offre-t-il pourtant une assiette de tout repos? Déjà dans l'<<espace vital>> où la compétition humaine se développe toujours plus serrée, un observateur stellaire de notre espèce conclurait à des besoins d'évasion aux effets singuliers. Mais l'étendue conceptuelle où nous avons pu croire avoir réduit le réel, ne semble-t-elle pas refuser plus loin son appui à la pensée physicienne? Ainsi pour avoir porté notre prise aux confins de la matière, cet espace <<réalisé>> qui nous fait paraître illusoires les grands espaces imaginaires où se mouvaient les libres jeux des anciens sages, ne va-t-il pas s'évanouir à son tour dans un rugissement du fond universel?* (L'AGRESSIVITÉ EN PSYCHANALYSE — ÉCRITS, p.122/3)

A presumível adesão à percepção do progresso da ciência moderna interpretado pelo prisma de A. Koyré — assento do raciocínio que lhe faculta progressivamente buscar na lingüística subsídios para pensar a espacialidade —, e quiçá uma certa ambiência surrealista, em nada afetam a plausibilidade da hipótese, suficientemente suportada nos avanços da ciência física contemporânea.

Aliás, a interrogação assinala a via pela qual, no seu entender, historicamente se liquidaria a possibilidade de pensar o espaço como algum depósito de coisas, afastando-se um

materialismo substancialista. A ciência, ao retalhar infinitamente a matéria em partes cada vez menores, ou ao estender seu domínio sobre paragens cada vez mais longinquas — dissipando a base sensível sobre a qual operaria, e sem jamais "tocar o fundo" em que o real, por espacialmente bem especularizado, seria transparente —, num procedimento que se orienta pelo respeitável cálculo da razão, não poderia supor-se menos verdadeira que a "evidência" intuitiva da experiência comum, levando a última, solidária da concepção antes apontada, a ser denunciada como imaginária.

15. DA PSICANÁLISE COMO PSICOLOGIA

O esboço do projeto epistemológico de "salvação" da cientificidade da psicologia por meio da sua refundação na noção de imagem, rigorosamente derivado do desgosto com o estado da disciplina na ocasião, tem nesta investigação o papel de mostrar as razões para a aproximação de Lacan da psicanálise. O que nesta o pensador encontra é uma aplicação (quase) sob medida das suas exigências metodológicas.

O sucesso da psicologia de Freud, Lacan crê que deve atribuir-se principalmente a

> *... l'usage génial qu'il a su faire de la notion de l'**image**. Que si, sous le nom d'**imago**, il ne l'a pas pleinement dégagée de l'état confus de l'intuition commune, c'est pour user magistralement de sa portée concrète, conservant tout de sa fonction **informatrice** dans l'intuition, dans la mémoire et dans le développement.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.88)

Afinal, o âmbito das relações sociais no qual se desenvolve o teatro humano, a personalidade, definidora da psicologia do homem, é eminentemente um conjunto de relações entre posições imaginárias.

Por isso chega a pensar a personalidade como repartição de postos imaginários:

> *... une répartition a été définie de ce qu'on peut appeller les **postes imaginaires** qui constituent la **personnalité**, postes que se distribuent et où se composent selon leurs types les images plus haut évoquées comme informatrices du développement: ce sont le **ça**, le **moi**, les instances archaïque et secondaire du **surmoi**.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.92)

No mesmo escrito explicita o âmbito de realidade a que remetem os conceitos psíquicos. O que assegura a coesão do mundo humano é a exclusão de uma realidade rigorosamente estranha à sociabilidade e à forma do corpo humano. O reconhecimento fundamental é o do outro, adulto, cuja imagem (introjetada) ocupa o posto imaginário do super-eu, operando na subjetividade um direcionamento rumo à realidade, que denomina de princípio de objetividade.

Mas para que este processo se desencadeie é, no mínimo, necessária a apreensão de uma semelhança genérica originária, uma **Gestalt** do corpo no corpo do outro. Se o corpo como imagem de si, sendo um produto (final) do ordenamento imagético, enquanto realidade não estiver constituído, há que se perguntar ao que (fora da realidade) se vincula a relação de similaridade.

O que é originário não são tanto os elementos que se vinculam em pares ordenados, quanto a função que os relaciona. O espelhamento, e portanto o antropomorfismo, são primordiais (e a intersubjetividade reina soberanamente):

> *C'est dans cette réalité spécifique des **relations inter-humaines** qu'une psychologie peut définir son objet propre et sa méthode d'investigation. Les concepts qu'impliquent cet objet et cette méthode ne sont pas subjectifs, mais **relativistes**. Pour être anthropomorphiques dans leur fondement, ces concepts, si leur extension, indiquée plus haut, à la psychologie animale, se démontre comme valable, peuvent se développer en formes générales de la psychologie.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.88)

O aspecto inter-relacional da realidade seria respeitado na estrutura mesma da experiência analítica, habilmente fiel às condições da existência humana. A técnica é construída em prol da descoberta das imagens informadoras e formadoras do sentido e é precisamente adequada ao seu desvendamento.

> *Dans l'analyse un sujet se donne comme pouvant être compris et l'est en effet: introspection et intuition prétendue projective ne constituent pas ici les viciations de principe qu'une psychologie, à ses premiers pas dans la voie de la science, a considérées comme irréductibles. Ce serait là faire une impasse de moments abstraitement isolés du dialogue, quand il faut se fier a son mouvement: c'est le mérite de Freud d'en avoir assumé les risques, avant de les dominer par une technique rigoureuse.*
>
> *Ses résultats peuvent-ils fonder une science positive? Oui, si l'expérience est contrôlable par tous. Or, constituée entre deux sujets dont l'un joue dans le dialogue un rôle d'idéale impersonnalité..., l'expérience, une fois achevée et sous les seules conditions de capacité exigible pour toute recherche spéciale, peut être reprise par l'autre sujet avec un troisième. Cette voie apparemment initiatique n'est qu'une transmission par récurrence, dont il n'y a pas lieu de s'étonner puisqu'elle tient à la structure même, bipolaire, de toute subjectivité.* (L'AGRESSIVITÉ EN PSYCHANALYSE — ÉCRITS, p.103)

Ao descrever a situação de análise, Lacan indica a experiência como sendo a de uma interlocução na qual um dos participantes, o analista, ao restringir-se à posição de ouvinte, permite que se constitua em sentido o que lhe é dito.

Sentido que progressivamente se desvendará pela transferência, a posição (simbólica) em que o paciente põe aquele a quem fala:

> *... dans sa réaction même au refus de l'auditeur, le sujet va trahir l'**image** qu'il lui substitue. Par son imploration, par ses imprécations, par ses insinuations, par ses provocations et par ses ruses, par les fluctuations de l'intention dont il le vise et que l'analyste enregistre, immobile mais non impassible, il lui communique le dessin de cette image. Cependant, à mesure que ces intentions deviennent plus expresses dans le discours, elles s'entremêlent de témoignages dont le sujet les appuie, les corse, leur fait reprendre haleine: il y formule ce dont il souffre et ce qu'il veut ici surmonter, il y confie le secret de ses échecs et le succès de ses desseins, il y juge son caractère et ses rapports avec autrui. Il informe ainsi de l'ensemble de sa conduite l'analyste qui, témoin lui-même d'un moment de celle-ci, y trouve une base pour sa critique. Or, ce qu'après une telle critique cette conduite montre à l'analyste, c'est qu'y agit en permanence l'**image** même que dans l'actuel il en voit surgir. Mais l'analyste n'est pas au bout de sa découverte, car à mesure que la requête prend forme de plaidoirie, le témoignage s'élargit de ses appels au témoin; ce sont des récits purs et qui paraissent <<hors du sujet>> que le sujet jette maintenant au flot de son discours, les événements sans intention et les fragments des souvenirs qui constituent son histoire, et, parmi les plus disjoints, ceux qui affleurent de son enfance. Mais voici que parmi ceux-là l'analyste retrouve cette **image** même que par son jeu il a suscité du sujet, dont il a reconnu la trace imprimée en sa personne, cette image, qu'il savait certes d'essence humaine puisqu'elle provoque la passion, puisqu'elle exerce l'oppression, mais qui, comme il le fait lui-même pour le sujet, dérobait ses traits à son regard.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.84)

Portanto, muito obviamente, a posição em que o paciente põe o analista deve entender-se como localização psíquica. No lugar de quem o escuta, quem fala vai depor a imagem que subliminarmente, de fato, para si o consubstancia; e é precisamente por causa disso que, habitante do imaginário da pessoa que trata, o analista vai poder agir de modo a transportar imagens, transformando o estado do sujeito.

Assim, ao sentido não é estranha uma dinâmica imagética. O que, pela interação analítica, paulatinamente se lhe descortina subjacente é uma imago:

> *Ces traits, il les découvre dans un portait de famille: image du père ou de la mère, de l'adulte tout-puissant, tendre ou terrible, bienfaisant ou punisseur, image du frère, enfant rival, reflet de soi ou compagnon.*
>
> *Mais cette image que le sujet rend présente par sa conduite et qui sans cesse s'y reproduit, **il l'ignore**, aux deux sens du mot, à savoir: que ce qu'il répète, qu'il le tienne ou non pour sien, dans sa conduite, il ne sait pas que cette image l'explique, — et qu'il méconnait cette importance de l'image*

quand il évoque le souvenir qu'elle représente. (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.84/5)

Ora, a se admitir que o que motiva Lacan a combater outras psicologias é a inconcretude dos elementos com que operam, tal solução não deixa de causar espécie. Qual seria a positividade de uma imagem ignorada?

O mistério se desfaz se se levar em conta que não se trata de adivinhar um conteúdo psíquico verdadeiro, "subterrâneo" ao aparente. Cada momento da interação analítica depõe um aspecto, sensível, da imago, a qual se infere por partes, cada uma sensivelmente disposta a cada tempo.

Por enquanto a dificuldade é contornada, pois é possível conduzir o sujeito, por meio dos lampejos em que a mesma se refracta na sua vivência, a reconhecer reconstrutivamente a integridade da imago:

> *... l'analyste agit en sorte que le sujet prenne conscience de l'unité de l'**image** qui se réfracte en lui en des effets disparates, selon qu'il la joue, l'incarne ou la connaît.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.85)

Portanto, ainda que ignorada, nem por isso a imago se furta do horizonte fenomênico. E é por este entre-jogo entre o perceber sem saber e o saber sem perceber que, no plano do sentido, se estabelecem e se podem discernir conexões causais.

16. DETERMINISMO PSÍQUICO

Como a imago se apresenta na experiência em frações de sentido suportadas em imagens — lembranças, impressões, fantasias... — temporalmente dispostas, não há cabimento em achatar a forma da sua concretude num instante que abstrativamente a transporte do momento da sua totalização compreensiva ao começo da sua incidência. Quer dizer, não há por que concebê-la como imagem inconsciente; não é absurdo admiti-la como um esqueleto de imagens — lembranças, etc — e portanto como uma forma de formas imagéticas, um modo de forma.

Como este modo de forma habita e é habitual do tempo, é importante desvendar o mecanismo que lhe permite que (se) direcione como modo de ação, ou seja, como determinante do comportamento. Para tanto há que atentar ao que Lacan especifica na imagem, matéria informe da imago, como função informadora na intuição, na memória e no desenvolvimento e por cujo emprego em psicologia, que qualifica de genial, ele responsabiliza Freud:

> *Cette fonction, il l'a démontrée en découvrant dans l'expérience le procès de l'**identification**: bien différent de celui de l'**imitation** que distingue sa forme d'approximation partielle et tâtonnante, l'**identification** s'y oppose non seulement comme l'assimilation **globale** d'une structure, mais comme l'assimilation **virtuelle du développement** qu'implique cette structure à l'état encore indifferencié.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.88/9)

No plano da personalidade, a imitação é uma aparência de filiação, esta sim, indício de uma inscrição simbólica, marca identificatória. Ainda que possa facultar arsenal à comédia perversa, sem verdadeira identificação a mera colagem de imagens não oferece garantias contra o descalabro psicótico. O autor diferencia identificação e imitação basicamente por dois traços. A primeira é assimilação global da totalidade de uma forma (existente), delineada pelas posições efetivas dos elementos na estrutura, que recebem feição definitiva pelo lugar relativo que ocupam. Por outro lado, além de forma modo de ação, a identificação assimila virtualmente um desenvolvimento futuro, inscrevendo o humano numa historicidade que tende a realizar o fim virtualmente traçado no evento identificatório.

É esta peculiaridade da identificação, propiciada pela imago, que abre a possibilidade de cogitar o ingrediente derradeiro necessário à fundação científica da psicologia. A saber: o princípio motor da conduta, segundo a representação das relações ordenadas pela imago. Pois para a instauração científica da disciplina não basta dispor de uma ordem de fenômenos mensuráveis — um objeto — e de um aparato conceitual adequado à sua intelecção. Também se faz necessário um determinismo que permita a apresentação dos resultados em forma de explicações[92].

A verdadeira causa dos fenômenos (psíquicos) é dada pela posição imagética que objetos psíquicos, imagens, ocupem. Essa estrutura imagética, pela qual se concretiza uma forma que orienta o determinismo, uma imago, é o que propriamente merece denominar-se de complexo[93].

A seu respeito Lacan emprega o termo constelação e, abreviadamente, se poderia dizer que é ele que determina a conduta, se se tiver em mente que não se trata do complexo enquanto forma abstrata, mas enquanto em cada caso se preenchendo de imagens que, embora sendo relativas ao tipo de imago que concretizam, em sua peculiaridade sempre são únicas:

> *Il résulte de ce processus que le comportement individuel de l'homme porte la marque d'un certain nombre de relations psychiques typiques où s'exprime une certaine structure sociale, à tout le moins la* ***constellation*** *qui dans cette structure domine plus spécialement les premières années de l'enfance.*
>
> *Ces relations psychiques fondamentales se sont révélées à l'éxperience et ont été définies par la doctrine sous le terme de* ***complexes***... (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.89)

Sublinhe-se que a estrutura social, cuja forma (constelação) é o complexo, é psiquicamente inscrita na forma das imagens representativas da ambiência. O seu conteúdo (significativo) — a um tempo particular, por relativo a um sujeito, e típico, por determinativo de um momento do desenvolvimento (de que atualiza um modo de configuração) — é que haveria de se especificar pelo termo imago.

Embora o funcionamento das imagos permita descrever o determinismo psíquico, elas mesmas constituem-se na indecomponível (falta de) substância da alma:

> *Ainsi, point essentiel, le premier effet qu'apparaisse de l'****imago*** *chez l'être humain est en effet d'****aliénation*** *du sujet. C'est dans l'autre que le sujet s'identifie et même s'éprouve tout d'abord.* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.181)

O que permite operar a unificação entre causalidade e substância é a já familiar identificação, propriedade irredutível do objeto imago:

> *Une forme de causalité la fonde qui est la causalité psychique même: l'****identification****, laquelle est un phènomène irréductible, et l'****imago*** *est cette forme définissable dans le complexe spatiotemporelle imaginaire qui a pour fonction de réaliser l'identification résolutive d'une phase psychique, autrement dit une métamorphose des relations de l'individu à son semblable.* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.188)

---

92 *Pour le fondement d'une telle science des faits concrets de la psychologie, nous disposons, venons-nous de dire, d'une armature conceptuelle et d'un ordre spécifique de phénomènes mesurables. Une condition nous manque encore, sans laquelle nous ne saurions fonder aucune science d'un tel objet, mais seulement nous livrer à une sorte de lecture purement symbolique de ces faits, c'est la condition d'un* ***déterminisme****, qui soit* ***spécifique*** *de ces phénomènes.*

C'est ici, et ici seulement, que nous faisons une hipothèse: si nous avons repoussé celles des doctrines classiques, nous n'avons au reste jamais prétendu n'en pas forger nous-même. Cette hipothèse, c'est qu'un déterminisme existe qui est spécifique de l'ordre défini dans les phénomènes par les rélations de compréhensibilité humaine. (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.314)

93 *... il faut y voir le concept le plus concret et le plus fécond qui ait été apporté dans l'étude du comportement humain, en opposition avec le concept de l'instinct...* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.89)

Portanto, o determinismo em jogo no psiquismo não põe em jogo regularidades temporais extrinsecas à objetalidade psíquica. Curiosamente, e na exata medida em que a imagem é o objeto por excelência da psicologia, o determinismo conveniente à disciplina introduz-se com o objeto da ciência em causa. O que retira a surpresa provocada pela presença num escrito subordinado ao esforço de equacionar a causalidade psíquica, da maciça apresentação, exploração e elucidação da noção de imagem.

Certamente não é casual que o trabalho onde se esperaria encontrar referências mais explícitas sobre causalidade, na realidade se subordine ao esforço de

> *... dessiner le concept de l'objet où se fonderait une psychologie scientifique. C'est la définition d'un tel concept que j'ai toujours déclaré nécessaire, que j'ai annoncée comme prochaine, et qu'à la faveur du problème que vous me proposez, je vais tenter de poursuivre aujourd'hui...* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.161/2)

Numa perspectiva menos minuciosa do que comprometida com os aspectos (mais) pertinentes à teoria da causalidade é conveniente deter-se um pouco na noção de imagem. Especificamente ressaltando a função da imagem enquanto imago, vinculada à função de informação especificada como identificação, pois é a partir desta que se pode esboçar uma reflexão quanto à posição do determinismo psíquico no edifício epistemológico da psicologia. Para tanto considere-se o seguinte:

> *... le caractère d'un homme peut développer une* ***identification*** *parentale qui a cessé de s'exercer depuis l'âge limite de son souvenir. Ce qui se transmet par cette voie psychique, ce sont ces traits qui dans l'individu donnent la forme particulière de ses rélations humaines, autrement dit, sa* ***personnalité***. (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.89)

A causação psíquica, por um lado se modela pela introjeção de imagens representativas do meio, por uma antecipação de metas por um organismo impedido de nele se dispor instintivamente, devido à prematuração fisiológica. E por outro ordena-se teleologicamente em direção a um fim que mais ou menos deveria aproximar o sujeito de uma relação de maior domínio sobre o meio, o qual sempre é eminentemente social: permite-lhe encontrar um lugar na economia das circunstâncias culturais em que existe.

Tudo parece encaixar-se à perfeição. O que um tipo especial da função de informação (da imagem) — não referível à imitação, pertinente provavelmente ao determinismo psicológico animal, mas sim à identificação — permite operar, é a assimilação de uma meta sobre a qual se determinará teleologicamente o desenvolvimento da criança. Essa meta só pode consistir na representação de traços de um modelo adulto, provavelmente os pais, e por isso Lacan denomina o processo de identificação parental. O que se assinala pela via deste tipo particular de identificação é o sujeito da psicologia humana, a personalidade, ora entendido como forma particular de suas relações humanas e cujas determinações foram consideradas previamente. Logo, o que se impõe ao humano pela causalidade psíquica é nada mais nada menos que a sua natureza de homem.

A relação com o semelhante, enquanto operação de instauração de imagos no psiquismo, metamorfoseante do ser humano, é o que se chama de "complexo". Pelo que, do ponto de vista da forma da ação — não mais na esfera do espaço, acolhedor da extensão imagética, mas antes vinculada às propriedades do tempo —, é a este e não à imago que deve associar-se a função causal.

É o que se patenteia quando se refere a importância da imago para a elucidação das relações do organismo ao meio:

> *Nulle expérience plus que la psychanalyse n'aura contribué à le manifester et cette nécessité de répétition qu'elle montre comme l'effet du complexe...* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.182)

Importa pois esclarecer como, e em que medida, o complexo possa ser causa de quaisquer efeitos:

> *C'est par la voie du* ***complexe*** *que s'instaurent dans le psychisme les images qui informent les unités les plus vastes du comportement: images auxquelles le sujet s'identifie tout à tour pour jouer, unique acteur, le drame de leurs conflits.* (AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> — ÉCRITS, p.90)

O complexo é a via pela qual no organismo se instauram as imagens com as quais o sujeito se identifica, orientadoras do comportamento[94].

O complexo processa conexões causais, mas uma vez instituído, o seu núcleo, orientador da determinação identificatória, é uma imago (que é "substância" psíquica).

É o complexo que articula o sujeito ao mundo circundante, por desenhá-lo para o sujeito na exata medida da sua constituição numa determinada fase do desenvolvimento, correspondente a um complexo. E vice-versa, o complexo dinamicamente atualiza a realidade consoante o prisma a si equivalente, de maneira por assim dizer cristalizada, eventualmente impedindo reações mais adequadas a circunstâncias novas[95].

No complexo concretizam-se operações que originam traços marcantes da psicologia humana. Enquanto complexo, diferencia-a da psicologia animal, o estudo de comportamentos dominados pelo instinto, remetendo-a a uma ordem cultural. Como dependente da cultura, opõe-se ao instinto, vinculado ao biológico.

O que permite distinguir a ciência da personalidade da psicologia animal é a combinatória variável, aberta pela não fixidez do comportamento proporcionada pelo fato da (má) relação na origem do organismo humano com a ambiência. Distinção que pode clarificar-se por uma apresentação simultânea dos conceitos de complexo, reservado ao âmbito do humano, e de instinto, vinculado ao comportamento zoológico e que na teoria resgata a predefinição rígida do desenvolvimento animal.

Dado que ocupam posições simétricas nas duas subdivisões da ciência psicológica, os conceitos podem ser relacionados, intento em que se trai a orientação antropocêntrica que embasa o projeto lacaniano.

Uma maneira de apreender o complexo é descrever a rigidez biológica em que se encadeia a propulsão instintiva e revirá-la pelo avesso. Porém,

> *... fait curieux, en raison des obscurités qu'oppose à la critique de la biologie contemporaine le concept de l'instinct, le concept du complexe, bien que récemment introduit, s'avère mieux adapté à des objects plus riches; c'est pourquoi, répudiant l'appui que l'inventeur du complexe croyait devoir chercher dans le concept classique de l'instinct, nous croyons que, par un renversement théorique, c'est l'instinct qu'on pourrait éclairer actuellement par sa référence au complexe.* (LES COMPLEXES FAMILIAUX, p.23)

Ressalte-se a originalidade de tomar como termo de referência para a comparação a noção de complexo: supõe-lhe não apenas maior abrangência, como certamente, devido aos critérios epistemológicos previamente descritos, mais concretude e maior clareza que à de instinto. Pois as considerações que se seguem permitem ilustrar a especificidade da

---

94 *L'histoire du sujet se développe selon une série plus ou moins typique d'***identifications idéales** *qui représentent les plus purs des phénomènes psychiques, en ceci qu'ils révèlent essentiellement la fonction de l'***imago**. (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.178)

95 *Le complexe, en effet, lie sous une forme fixée un ensemble de réactions qui peut intéresser toutes les fonctions organiques depuis l'émotion jusqu'à la conduite adaptée à l'objet. Ce qui définit le complexe, c'est qu'il reproduit une certaine réalité de l'ambiance, et doublement.*

1) Sa forme représente cette réalité en ce qu'elle a d'objectivement distinct à une étape donnée du développement psychique; cette étape spécifie sa genèse.

2) Son activité répète dans le vécu la réalité ainsi fixée, chaque fois que se produisent certaines expériences qui exigeraient une objectivation supérieure de cette réalité; ces expériences spécifient le conditionnement du complexe. (LES COMPLEXES FAMILIAUX, p.22)

personalidade em confronto com a base da conduta animal, mas aparentemente apenas esclarecem o conceito reconhecidamente obscuro de instinto do ponto de vista semântico. Fica-se sabendo o que é o instinto, mas não como ou porquê opera organizando efetivamente o comportamento animal.

> *Ainsi pourrait-on confronter point par point: 1) la relation de connaissance qu'implique le complexe, à cette connaturalité de l'organisme à l'ambiance où sont suspendues les énigmes de l'instinct; 2) la typicité générale du complexe en rapport avec les lois d'un groupe social, à la typicité générique de l'instinct en rapport avec le fixité de l'espèce; 3) le protéisme des manifestations du complexe qui, sous des formes équivalentes d'inhibition, de compensation, de méconnaissance, de rationalisation, exprime la stagnation devant un même objet, à la stéréotypie des phénomènes de l'instinct, dont l'activation, soumise à la loi du <<tout au rien>>, reste rigide aux variations de la situation vitale.* (LES COMPLEXES FAMILIAUX, p.23/4)

Por o sujeito no início estar impossibilitado de alcançar o meio, inclusive a si mesmo, a não ser por intermédio (de imagens) do outro — tanto no sentido das imagens que tem do outro, quanto no das imagens que o outro tem, em especial aquelas em que o sujeito é visto, vitais à sua conformação subjetiva —, é o complexo que, por uma relação ao objeto (que futuramente será fonte de impasses), medeia a conduta.

Atento ao perigo de, por excessiva generalidade, ocorrerem equívocos, o autor comenta a sua definição:

> *Cette définition à elle seule implique que le complexe est dominé par des facteurs culturels: dans son contenu, représentatif d'un objet; dans sa forme, liée à une étape vécue de l'objectivation; enfin dans sa manifestation de carence objective à l'égard d'une situation actuelle, c'est-à-dire sous son triple aspect de relation de connaissance, de forme d'organisation affective et d'épreuve au choc du réel, le complexe se comprend par sa référence à l'objet. Or, toute identification objective exige d'être communicable, c'est-à-dire repose sur un critère culturel; c'est aussi par des voies culturelles qu'elle est le plus souvent communiquée. Quant à l'intégration individuelle des formes d'objectivation, elle est l'oeuvre d'un procès dialectique qui fait surgir chaque forme nouvelle des conflits de la précédente avec le réel. Dans ce procès il faut reconnaître le caractère qui spécifie l'ordre humain, à savoir cette subversion de toute fixité instinctive, d'où surgissent les formes fondamentales, grosses de variations infinies, de la culture.* (LES COMPLEXES FAMILIAUX, p.22)

Da manifesta subordinação do "feitio" do complexo a fatores culturais e lingüisticamente interativos, se depreende a posição obrigatoriamente relevante da sociabilidade nesta teoria. Só no quadro dela se pode refletir a dialética (social) que estrutura (como paranóico) o conhecimento humano. É também devido à sua natureza cultural que os complexos se apresentam em formas fundamentais que, na sua atualização individual, assumem modos vários, singularizando cada sujeito.

A sua maleabilidade deve-se ao fato de se tratar, ele mesmo, de uma forma temporal de organização de imagens, uma formação (e conformação) imagética, e portanto comportando a substância estruturante da unidade concreta mínima vigente no psiquismo, a imagem, cuja irredutível contingência, dada a sua infinita variabilidade, explica a singularidade do resultado individual como função da diversidade das impressões que se registram nas histórias diferentes de cada indivíduo. A extrema variabilidade das suas determinações justifica-se pelo fato de se constituir numa série de relações que orientam processos organizados por imagens, estas extremamente variáveis:

> *Ces phénomènes mentaux qu'on appelle les images... la psychanalyse la première s'est révélée à niveau de la réalité concrète qu'ils représentent. C'est qu'elle est partie de leur fonction formative dans le sujet et a révélé que si les images courantes déterminent telles inflexions individuelles des tendances, c'est comme variations des matrices que constituent pour les <<instincts>> eux-mêmes, ces autres spécifiques, que nous faisons répondre à l'antique appellation* ***d'imago.*** (L'AGRESSIVITÉ EN PSYCHANALYSE — ÉCRITS, p.104)

Mas a variabilidade tem limites. Não são quaisquer imagens que operam em qualquer complexo: apenas aquelas que sejam atualizações necessárias, em determinadas situações, de um liame entre o indivíduo e o meio, ou seja, aquelas que possam referir-se a determinadas matrizes[96] de imagens, vinculadas à necessidade de tais gêneros de atualizações. Quer dizer, não são quaisquer experiências ou percepções que permitem o desenvolvimento da personalidade, mas apenas aquelas que, a cada momento da história do sujeito, se apresentem como significando um passo necessário na objetivação da realidade.

Pode-se melhor apreender o mecanismo ilustrando-o. Um possível exemplo é proporcionável por meio do complexo de intrusão. A matriz (ou imago) desse complexo refere-se ao reconhecimento da presença de semelhantes, em geral irmãos. O que se fixará dessa experiência, as imagens, dependerá da (diferença de) idade entre o sujeito e os (ou o) demais, da posição que ocupe na família, do seu sexo, e do caráter mais ou menos fortuito de eventos que signifique como maior ou menor dedicação amorosa do objeto (pais) aos rivais[97].

Há uma ordem de sucessão de complexos na história do sujeito e pode inclusive bloquear-se o progresso do indivíduo se ele for privado de experiências cujo saldo imagético ocuparia posições segundo as linhas de sentido — a direção e o significado — no esquema (matriz de imagens) denominado imago, que resgata a memória, geralmente inconsciente, das circunstâncias que lhe dariam conteúdo.

Uma decorrência lógica da natureza do objeto psíquico, a imago, e do espaço e tempo em que se localiza, a realidade, — ou seja, do tipo de fenômenos com que a psicologia lida — é nesta ciência tratar o determinismo também em termos de relações de sentido.

Há um determinismo específico do psíquico, que vai além da mera organização de aparências em séries repetidas, porque no nível da experiência psíquica é o sentido informado por e em imagens que organiza o seu funcionamento. As seqüências ordenadas temporalmente no psiquismo, mais do que por exigência de inteligibilidade imposta pela razão humana, são montáveis pelas conexões de significação imanentes ao objeto da psicologia, a imago, ele mesmo descritível como função de informação. Os fenômenos determinados pela causalidade psíquica são relações de conhecimento. Donde a conveniência de proceder à análise do destino da causalidade psíquica (derivável da sua composição, ora descrita), no sentido de pensá-la unificada no (e unificante do) campo da ciência da personalidade.

A causa, exigência de sentido, é o sentido que a causa. O sentido da causa é a causa do sentido. Não há nenhuma circularidade, apenas a extração rigorosa das conseqüências de se assumir como objeto do conhecimento um objeto que ele mesmo é conhecimento. O que por tabela impede que se pense a verdade como adequação do intelecto às coisas: as relações de conhecimento só podem registrar-se como fantasia.

Em psicologia, a crítica formulável à suposição da presença na natureza de mecanismos simétricos à sintaxe (mais ou menos particular a cada cultura) do entendimento humano, o antropomorfismo, releva-se com extrema elegância: se a realidade se modela em boa parte segundo os critérios de compreensibilidade, não haveria por que recriminar a exigência de subsunção dos fenômenos aos mesmos.

A extrema relevância da tese para uma história antropo-epistemológica da causalidade não escapa a Lacan, que não ignora o quanto animisticamente a determinação dos eventos fica

---

96 A noção de matriz e a de variabilidade são uma oportunidade de reforçar a exclusão da possibilidade de pensar a imago como uma proto-imagem. A palavra matriz indica que se trata de um esquema de atualização do complexo pela experiência de captação de imagens da (e na) realidade, a serem reproduzidas e fixadas segundo configurações, préconfigurações, cujo conjunto de possibilidades se assinala pelo termo imago.

97 *Le complexe de l'intrusion représente l'expérience que réalise le sujet primitif, le plus souvent quand il voit un ou plusieurs de ses semblables participer avec lui à la relation domestique, autrement dit, lorsqu'il se connait des frères. Les conditions en seront donc très variables, d'une part selon les cultures et l'extension qu'elles donnent au groupe domestique, d'autre part selon les contingences individuelles, et d'abord selon la place que le sort donne au sujet dans l'ordre des naissances, selon la position dynastique, peut-on dire, qu'il occupe ainsi avant tout conflit: celle de nanti ou celle d'usurpateur.* (LES COMPLEXES FAMILIAUX, p.35/6)

por conta da vontade de alguém — alma, espírito, pouco importa —, em última instância bastante semelhante ao sujeito.

Em sua obra não deixará de apontar a gênese, em metáforas do trabalho do artesão, dos modelos causais que se desenvolveram e se prestaram ao erguimento da ciência[98].

Esta sua fidelidade às primeiras intuições, ou perseguição tenaz do aprofundamento do núcleo de verdade presente nas formas incipientes de suas teses, não se evidencia imediatamente ao olhar desabituado a percorrê-las, tendente a diluí-las no contexto imediato, em vez de medi-las pelos seus antecedentes ou inseri-las no contexto da sua posteridade. Por exemplo: o laço social, que aqui ocupa posição de primeiro plano, posteriormente seria concebido como a mera superfície imaginária de lugares que, verdadeiramente, são posições significantes, isto é, letras.

Posto o caráter "imaginário" da inserção da causalidade ora teorizada — e aceitando-se a noção psicanalítica de eu como até certo ponto continuadora do conceito de personalidade, ou mais precisamente adstrita à função de síntese, com a qual por razões já vistas por vezes o segundo se confunde —, pode-se pensar o determinismo conforme agora foi descrito como um modelo não necessariamente substituído pela reflexão sobre causalidade (inconsciente) que se lhe seguirá. Pois a noção de (sujeito do) inconsciente se estabelece num terreno próprio, o simbólico, ao qual o imaginário não é redutível, mas com o qual é articulável. Não substitui portanto o conceito de eu, que se mantém.

Haverá por isso que se pensar, se não em duas teorias da causalidade, pelo menos na complexa articulação entre dois momentos da sua teorização, não excludentes: é necessário verificar como a causalidade imaginária, psíquica, se subsome na elaboração posterior. Não apenas na perspectiva de salientar nuances da última que, se não fosse a palavra teorizadora da primeira (preservada na versão original do seu pensamento sobre o psiquismo) permaneceriam caladas, como também na de avaliar até que ponto sobrevivem linhas de força da reflexão mais antiga, ou inclusive ela mesma, transformada e transtornada no quadro da mais recente.

Obviamente sem se distrair de que — e por isso tal continuidade é ainda mais surpreendente — o que segue o período que no momento se descreve, tudo o indica, está profundamente enraizado noutro terreno que não o da cientificidade.

17. O IMPASSE DA PSICOLOGIA

A fidelidade da teoria psicológica elaborada aos parâmetros da argumentação propriamente epistemológica que propugna, pode por sua vez achar-se prejudicada, se não inviabilizada, em função do retorno de implicações do modelo científico elaborado sobre o terreno da análise epistemológica.

Lacan intenta fundar uma psicologia, para o que se requer uma teoria do conhecimento que justifique o saber psicológico, uma epistemologia da psicologia. Mas o objeto da psicologia, ele mesmo, comporta uma dimensão cognitiva: de certa forma a psicologia objetiva o conhecimento. Assim poderia cogitar-se em esclarecer a teoria do conhecimento da psicologia, já que esta se reporta a relações de conhecimento, com a psicologia. Pareceria construir-se um círculo vicioso entre uma epistemologia da psicologia e uma "psicologia" da epistemologia.

O conhecimento dos fenômenos esbarraria com o conhecimento como fenômeno, e os resultados da psicologia afigurar-se-iam pertinentes ao desenvolvimento de uma epistemologia. Mas como garantir a boa fundamentação daquela, sem previamente contar com uma epistemologia sólida?

O único modo de contornar a dificuldade é pela distinção lacaniana entre um nível gnosiológico e um empírico. O conhecimento como fenômeno depende de um princípio de

98 Explicitamente, aponta como exemplo o caso de Aristóteles.

objetividade que vincula o organismo à realidade e que epistemologicamente pode ser pensado como tendo origem num interesse e ser descrito em bases estritamente econômicas.

Na origem da realidade, intrinsecamente cognição encarnada, deve reconhecer-se um impulso não cognitivo: a construção da realidade na qual se objetiva um saber se assenta em bases desiderativas. Pela vantagem que encontra em prever o outro que o constrange, incorporando-o o sujeito acede a um princípio de objetividade[99].

Esta solução resolve a circularidade apontada mas levanta novos problemas. Ao marcar a realidade humana, onde aparecem fenômenos de conhecimento, como dependente do desejar, abre brecha para que, no intento de escapar da circularidade acima apontada, se revele noutro contexto a textura dos problemas apontados: para salvar a fundamentação e a psicologia em si mesma, procede-se a uma operação que, a assumir-se radicalmente todas as suas conseqüências, pode aniquilá-la. E não será o pensador Lacan que se furtará a coagir o médico ou o psicólogo a tal sacrifício...

O esforço intelectual dispendido com a causalidade psíquica, bem como todo o aparato conceitual científico aplicado à psicologia, aponta para o horizonte de uma reflexão sobre a ação enquanto suscetível de consideração pela ética.

Aliás, prevenido pela psicanálise para ficar atento à História e a estórias, não escapa a Lacan que importantes termos teóricos ou teorizadores da psicologia, como é o caso de "causa" e de "coisa", têm origem jurídica.

Em texto do mesmo ano da tese, republicado com ela e intitulado LE PROBLEME DU STYLE ET LA CONCEPTION PSYCHIATRIQUE DES FORMES PARANOÏAQUES DE L'EXPÉRIENCE, já assinala como programa para a psiquiatria o desenvolvimento de um trabalho tendente a delinear, ainda que no âmbito de uma psicologia, uma causalidade a pensar avizinhadamente à esfera ética:

> *Ce devait être le rôle des psychiatres, que cette réalité sollicite de façon autrement impérieuse, de rencontrer les effets de l'ordre éthique dans les transferts créateurs du désir ou de la* ***libido****, et les déterminations structurales de l'ordre nouménal dans les formes primaires de l'éxperience vécue: c'est-à-dire de reconnaître la primordialité dynamique et l'originalité de cette éxperience (****Erlebnis****) par rapport à toute objectivation d'événements (****Geschehnis****).* (p.384)

Onde parecia haver uma petição de princípio, na realidade se impõe, por razões estritamente econômicas, a introjeção de um dado de realidade investido da capacidade de facilitar ou dificultar as descargas de tensão. O princípio de objetividade, que orienta para a realidade, quem diria, é modelado pela instância (psíquica?) do super-eu, correspondente na linguagem psicanalítica ao componente de matiz ético da personalidade, a responsabilidade.

É da caraterização desta que aquele herda um vínculo indissociável com a realidade (pessoal) que Lacan sustenta no que chama de dimensão da promessa, crédito moral, e valor representativo acordado ao indivíduo.

Neste momento ainda se preserva a oposição entre as exigências da dimensão ética e as imposições do real — as primeiras, na forma de resistências obstaculizadoras dos caminhos de descarga que levariam ao mínimo desprazer. A incapacidade de suportar tais tensões, implicada no fracasso da função de síntese da personalidade, abriria o caminho ao descalabro das patologias mentais.

Mais tarde, para além desta construção (de cunho fantasmático obssessivo), atribuirá ao super-eu a tarefa de zelar por um mais-gozar transgressivo dos laços que atam a realidade imediata. Estabelecê-lo-á como garante cruel da lei de um impossível gozo desmesurado, tensão de mergulho sem mediações no real, enfim, o fim associado à pulsão de morte.

Episódios como este — por se levar a sério a pregnância do pensamento pelo desejo, realçada por sua teoria —, a certa altura reforçariam, por uma meditação diagnosticante sobre as razões de certos equívocos, a crença no fato de ser o sujeito (desejante) o mesmo no

---

99 Vide, no capítulo anterior, o final do subcapítulo 10.

inconsciente e na ciência. Pois a partir da psicanálise não mais se confunda o sujeito (da ciência, em particular) com um olhar perante o qual se objetaria o mundo, mas se o reduza a um efeito de uma combinatória (pleonasticamente qualificável de significante) que, provocando o desejo, causa o sujeito.

Por enquanto, a teoria das relações entre moralidade e realidade é nitidamente solidária do mito neurótico que vê as resistências (do super-eu) como impeditivas do gozo, cego ao fato de que isso — em vez de se assentar lá, no lugar em que se o vê previsto — se goza, se faz presente, exatamente nessas resistências. A astúcia do olhar (driblante da censura ao proteger o já visto pela remissão de sua presença ao futuro) repete-se na teoria.

O sintoma na teoria cega a teoria do sintoma, fato que inspira o maior cuidado crítico do psicanalista quanto aos métodos de escritura, leitura e transmissão em psicanálise.

O engajado — e por interessado, enganado, — esboço de articulação entre a realidade e a ordem moral, não o pensa Lacan apenas a partir de Freud.

A relevância do plano ético vai escorar-se também na obra psiquiátrica de Kretschmer, que ao discutir a etiologia da psicose destaca um acontecimento que revelaria ao sujeito

> ... *<<sa propre insuffisance, l'humilie dans le plan éthique>>.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.92)

Esse acontecimento é caracterizado como uma **Erlebnis**, termo que Lacan criteriosamente diferencia de **Geschenis** e que tanto em francês (como **expérience**) como em português pode ser traduzido por experiência, mas cuja especificidade semântica é melhor preservada se se o traduzir como "vivência". Até por a última tradução, além de manifestar muito mais a carga de implicação do sujeito na experiência, ser fiel na língua de destino à raiz de **Leben**, vida, sendo por isso, poderia se dizer, "radicalmente" equivalente ao termo de origem.

> ... *Kretschmer place au premier plan les conflits éthiques d'ordre sexuel (conflits de conscience des masturbateurs, amour tardif des vieilles filles, chute dans une perversion combattue). Mais ils n'ont pas un rôle exclusif: dans certains cas par exemple, ce sont les échecs professionnelles qui jouent le rôle déterminant.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.93)

Posteriormente, por intermédio dos conceitos de função do Nome-do-Pai e de préclusão — a "forclusão" dos tradutores "atravessadores" da língua portuguesa —, Lacan poderá conjugar essas duas linhas de precipitação na psicose.

Na altura da sua vida em que redige a tese o pensador confia em seus mestres em psiquiatria, até porque sua experiência investigativa, centrada na paranóia, só poderia, aliás com certa facilidade, confirmar a natureza (paranóica) do conhecimento humano, centrado no estabelecimento de relações formais de semelhança (imaginárias) com o objeto, e também reafirmar a etiologia "ética" dos distúrbios mentais.

Apesar do centro de gravidade dos conceitos se deslocar, como é o caso de todo o seu pensamento, do imaginário para o simbólico, cada vez mais se evidenciará a importância da moralidade (ou da responsabilidade) na constituição da personalidade.

Afinal, o conhecimento visa a realidade graças a um princípio de objetividade que, não obstante se justificar economicamente, no nível da síntese de sentido se instaura como introduzido pela moralidade:

> *Nous avons montré que la psychose paranoïaque, telle qu'elle a été définie par les progrès de la nosologie classique, ne saurait se concevoir autrement que comme un mode réactionnel de la personnalité, c'est-à-dire hautement organisé, à de certaines situations vitales qui ne peuvent se définir que par leur signification humaine elle-même très élevée, à savoir le plus souvent par un conflit de la conscience morale.* (EXPOSÉ GÉNÉRALE DE NOS TRAVAUX SCIENTIFIQUES —

DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PARANOÏA suivit de PREMIERS ÉCRITS SUR LA PARANOÏA, p.400)

Eis os primórdios de uma orientação de reflexão cuja "matéria-prima" são as conexões que ora se introduzem, e que em momento posterior se desdobrará aprofundadamente numa meditação original quanto à natureza, tão umbilicalmente ligada ao conhecimento, da realidade.

O subseqüente revolucionário passo do pensamento lacaniano será pensar o referido princípio não meramente como constituído pela moralidade, mas além disso, a moralidade como constitutiva da realidade.

Como a apreensão objetiva da realidade depende da prévia introdução da instância moral, não deve constituir-se em surpresa que Lacan, invocando a seu favor a autoridade de Freud[100], privilegie o complexo de Édipo como momento decisivo da sua edificação:

> *Le complexe d'Oedipe s'avère dans l'expérience... capable... de constituer normalement le sentiment de la réalité.* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.182)

Por esta altura Lacan teoriza esse complexo com base na teoria da imago[101]. Porém, ao longo da obra, à revelia do destino do privilegiamento do imaginário, se não o super-eu, certamente a eticidade, preservará e até ampliará o seu papel.

O super-eu deixará de ser concebido como a introjeção de imagos parentais, propiciadoras e (ou) interditoras — possibilitadoras de pré-avaliação ou referendadoras dos atos do sujeito —, para se encarnar na palavra[102]. Mas o que agora importa, mais que considerar os efeitos do Édipo, é entender como o complexo (enquanto forma de ligação entre imagens) pode justificar uma causalidade — a qual se sabe que, para Lacan, é imprescindível à fundamentação de uma ciência —, de maneira congruente com a preservação dos parâmetros epistemológicos que o autor se propusera, o que parece pouco garantido pelo entendimento da imago como representação inconsciente.

O esforço para fundar uma psicologia humana concreta, que leva a priorizar o que se afigure ser a unidade mínima não abstrata do fato psíquico, a imagem, não deixa de levantar problemas quanto à própria intelecção do conceito de complexo.

É desnecessário insistir quanto ao modo como nele se organizam, pela presença nuclear da imago, relações de cognição e de instauração de uma realidade, em cujo circuito, dada a temporalidade específica da subjetividade, se inclui também a memória, o esquecimento e a repetição.

A noção de imago como matriz de imagens (conforme visto acima), por não recorrer à suposição abstratizante de entidades psiquicamente existentes, mas não fenomenais, permite manter a concretude da ciência. Mas Lacan, mesmo reconhecendo os avanços que proporciona à fundação de uma psicologia, mesmo apreciando o fato de se avizinhar empiricamente do cumprimento das exigências que formula, não pode esquivar-se dos impasses que a psicanálise de Freud levanta às metas metodológicas que propugna.

Observe-se a tergiversação quanto à significação de imago anteriormente esboçada:

> *Nous avons défini le complexe dans un sens très large qui n'exclut pas que le sujet ait conscience de ce qu'il représente. Mais c'est comme facteur essentiellement inconscient qu'il fut*

---

100 *... Freud d'autre part ne fait-il pas du Surmoi le premier garant d'une expérience de réalité?* (VARIANTES DE LA CURE-TYPE — ÉCRITS, p.335)

101 *Une fonction de puissance et de tempérament à la fois, — un impératif non plus aveugle, mais <<catégorique>>, — une personne qui domine et arbitre le déchirement avide et l'ambivalence jalouse qui fondaient les relations premières de l'enfant avec sa mère et avec le rival fraternel, voici ce que le père représente... Les effets de cette apparition... me paraissent pouvoir s'exprimer sous leur forme la plus générale ainsi: la nouvelle image fait <<floculer>> dans le sujet un monde de personnes qui, en tant qu'elles représentent des noyaux d'autonomie, changent complètement pour lui la structure de la réalité.* (PROPOS POUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.182)

102 Vide subcapítulo 47.

d'abord défini par Freud. Son unité est en effet frappante sous cette forme, où elle se révèle comme la cause d'effets psychiques non dirigés par la conscience, actes manqués, rêves, symptômes. Ces effets ont des caractères tellement distincts et contingents qu'ils forcent d'admettre comme élément fondamental du complexe cette entité paradoxale: une représentation inconsciente, désigné sous le nom d'imago. (LES COMPLEXES FAMILIAUX, p.24)

O que se pensara poder reduzir a possibilidade combinatória de imagens, a imago, é aqui concretizado como uma representação qualificada de inconsciente.

Se a reflexão sobre a real natureza da realidade, por extravasar o âmbito de uma meditação sobre os fundamentos da psicologia (ainda que por esta sugerida), não adquiria um caráter premente, os sinais de integração de uma relação psíquica dados pelo hábito e o esquecimento[103] acabam merecendo da doutrina psicanalítica uma conceituação de imago, noção tão central na psicologia que Lacan visa fundar na primeira, com característica que não apenas viola as exigências metodológicas que propõe à disciplina, como também as regras supostas a um são pensar:

... la doctrine l'exprime dans la notion, inerte et impensable de l'inconscient... (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.182)

O projeto de fundação de uma ciência concreta da personalidade se vê por isso ameaçado no seu pilar básico. A imago, se por um lado permite erguer com elegância e clareza todo o edifício da ciência psicológica e pode tranqüilamente ser descrita no seu operar e na espaço-temporalidade que habita, é, em si, impensável!

Na ambiência fenomenológica em que se move a meditação lacaniana, nada afeita a ceder ao inaparente, é impensável uma representação inconsciente. A representação, sendo de alguma coisa, o deve ser para alguém. E, portanto, deve apresentar-se (consciente) na consciência.

A única maneira de salvar a unidade do texto é cogitar que uma combinação de imagens, permitida e atualizada pela imago matriz, pode por suas articulações sintetizar-se numa totalidade, cujos nexos escapem à consciência.

Interpretação que, numa passagem a propósito da loucura, parece confirmar-se:

*Et pour y définir la causalité psychique, je tenterai maintenant d'appréhender le mode de forme et d'action qui fixe les déterminations de ce drame, autant qu'il me paraît identifiable scientifiquement au concept de l'**imago**.* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE — ÉCRITS, p.177)

Fica-se sabendo que as representações inconscientes, as imagos, são um modo de forma e de ação. Note-se: modo de ação, e portanto uma lei do suceder da conduta do sujeito; mas também modo de forma (e não forma!).

Logo, a representação inconsciente não representaria uma forma, mas seria uma forma de representação.

Enquanto forma, sem conteúdo, não haveria como a imago ser consciente e justificar-se-ia o qualificativo "inconsciente" para representação. O que é inconsciente não é alguma representação — alguma imagem (enquanto forma recortada na realidade ou guardada na memória) —, mas o representar: uma lei, pelo sujeito desconhecida, que determina a ação de associação de representações conscientes.

Posto que dificilmente uma forma de ação de um modo de forma poderia ser imaginada como uma entidade, salva-se a exigência metodológica de fundar uma psicologia que evite recorrer à suposição de entidades abstratas, esquivas à apreensão pela consciência.

---

103 *L'habitude et l'oubli sont les signes de l'intégration dans l'organisme d'une relation psychique: toute une situation, pour être devenue au sujet à la fois inconnue et aussi essentielle que son corps, se manifeste normalement en effets homogènes au sentiment qu'il a de son corps.* (PROPOS SUR LA CAUSALITÉ PSYCHIQUE – ÉCRITS, p.182)

Ainda assim sobrevêm dúvidas quanto à "concretude" de uma teoria baseada em malabarismos que excluem da consciência, se não as imagens, pelo menos a imago compositora das imagens que se responsabilizaria por toda a causação de fenômenos psíquicos.

Tudo vai depender do fôlego (que se impõe verificar com urgência) da interpretação de inconsciente que qualifica a imago. Pois, aparentemente, corre-se o risco de chegar a uma psicologia "concreta", com uma teoria da causalidade "abstrata".

Dificuldades deste gênero aconselham um percurso na obra do psicanalista como o aqui intentado. Evitá-lo seria desperdiçar a possibilidade de se dar conta do destino posterior de certas teses, aparentemente mal justificado quando se as decepa do seu passado.

Afinal é pouco crível que impasses como o sugerido sejam estranhos ao desenvolvimento de teses que, ao se desconhecer a história do pensamento lacaniano, parecem gratuitas.

De um lado dimensionam o relevo que sempre vai conferir a uma reflexão sobre causalidade e, por outro, justificam a necessidade de des-substancializar a noção de inconsciente.

Exigência que, a se dar crédito ao desconhecimento de sua pré-história psicológica (por se ignorar a razão dessas alterações), abusivamente se poderia acreditar ser somente requerida pela vontade de mimetizar, adaptativamente à psicanálise, tendências da moda intelectual então dominante.

Estes problemas não se põem isoladamente. Ou se se os interpreta por um trabalho de desvendamento dos impasses sobre os quais vêm erguer-se, ou se é condenado a uma descrição superficial do lacanismo, de pendor dogmático. Esquivar-se de enfrentá-los é privar-se, por exemplo, de interpretar o modo como a certa altura pensará o fantasma: não algo (dado) a revelar-se, mas cena a construir-se pela análise[104].

É imprescindível que se perceba a sutileza reflexiva que leva Lacan, fiel a si próprio, a jamais abdicar de tomar a imagem, o sentido, bem como a palavra enquanto sua veiculação, como horizonte permanente da sua interrogação quanto ao sujeito. Na dinâmica da qual, ao mesmo tempo emergem conversões e reconversões que alteram desde a posição dos conceitos no espaço teórico, até a redefinição do campo em que opera.

Não por outra razão, mesmo concebendo delimitações diferentes da psicologia em momentos distintos, concordará consigo mesmo no ano terceiro do seminário, ao enunciar que

> *De la psychologie humaine, il faut dire ce que disait Voltaire de l'histoire naturelle, à savoir qu'elle n'est pas si naturelle que cela, et pour tout dire, qu'elle est tout ce qu'il y a de plus antinaturelle.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.16)

Quanto ao projeto primeiramente ambicionado e ora descrito, a construção de uma psicologia humana científica, rigorosa e concreta, talvez se conceda que se trate de bela e elegante construção, de coerência e exatidão irrepreensíveis. Infelizmente, seu fundamento subterrâneo repousa na areia movediça de conceito, menos que pensado, afirmado impensável. O que sub-repticiamente pode introduzir na teoria uma fissura que ameace fazer fracassar a pretensão de fundar a disciplina, abrindo caminho à construção, em boa parte a partir dos restos conceituais deixados pelo insucesso, de uma concepção de psicanálise irredutível a qualquer psicologia e mesmo problematizadora da cientificidade.

---

104 Pois, na verdade, des-substancialização e construção só podem pensar-se devidamente se se atentar à sua necessidade de princípio.

III

DA EPISTEMOLOGIA DA PSICOLOGIA À CRISE DA EPISTEMOLOGIA

... comment une science encore est-elle possible après ce qu'on peut dire de l'inconscient?

LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, 95

18. DO IMPASSE AO FIASCO

A princípio o projeto lacaniano parece transcorrer bem. É visível o cumprimento das exigências metodológicas formuladas pelo autor. Preserva a qualidade cognitiva dos fenômenos mentais (pois as imagens comportam um sentido), a intencionalidade (da consciência) assegura-se na implicação do sujeito cognoscente na realidade conhecida, e também é possível traduzir as exigências morais, ou seja, a responsabilidade, em termos do esforço para corresponder, identificar-se, a uma imagem ideal. Além disso, a historicidade dos processos descritos permite interpretá-los temporalmente e registrá-los nos termos de uma linguagem sobre a ação.

Evitam-se assim os escolhos de outras formulações da psicologia — o idealismo e a abstratividade, como falta de uma base a um tempo concreta e unificante do campo da ciência —, podendo mesmo compreender-se o entusiasmo que o pensador se permite dedicar à psicanálise, pois é nela que encontra instrumentos que tornam plausível cogitar-se uma psicologia fundamentada no conjunto de exigências epistemológicas que considera indispensável.

Cumpre pois averiguar de perto o fator ou fatores que possam comprometer um projeto tão promissor, ameaçando afundá-lo tão drasticamente, que não se exclui a hipótese de, mais do que abandonar, ter de rejeitar qualquer possibilidade de fundação de uma psicologia, e até negar o conhecimento em geral.

Quer dizer, delineado o projeto lacaniano de fundar uma psicologia segundo critérios epistemológicos bem precisos, agora, a partir dos resultados, vai-se averiguar o que arrisca o seu abandono e mesmo problematiza o intento da sua fundamentação epistemológica, além da possibilidade do conhecimento.

Em rápidas pinceladas reponha-se a situação até ao ponto em que se a deixara.

Relembre-se que a ordem de razões de insatisfação do pensador para com a psicologia ligava-se à sua dependência de um modelo epistêmico desenvolvido para as ciências da natureza.

Lacan recrimina a psicologia pela desatenção para com o fato de os fenômenos aos quais se dedica serem em si cognições, comportarem um sentido. O que quer dizer que tais fenômenos implicam a subjetividade, pois para Lacan desde o princípio e até sempre a dimensão do sentido inclui o sujeito. Tal sentido, implicado nos fenômenos na medida em que estes se objetivem para o observador, pressupunha necessariamente uma comunicabilidade que o inscreve na interação, pensada nesse período no quadro de uma sociabilidade e compondo-se num conjunto de circunstâncias que evidenciam, já nessa fase, o papel saliente da linguagem. Bem como, tratando-se de psicologia, pressupunha o comportamento, a especificar como humano, e por isso Lacan define o campo que trata de desenvolver como ciência da personalidade.

Inicialmente aproxima-se da psicanálise pelo mérito, que nela encontra, de levar o sentido a sério. A ciência psicológica anterior não poderia alegar a seu favor o ater-se às exigências que se fazia de objetividade e de adoção de um ponto de vista materialista, que justificariam seu descaso para com o sentido, pois fracassa em ambas as direções: Lacan pensa ser demonstrável a sua profunda dependência de doutrinas psicológicas metafísicas, sem a coerência de que se revestem nesse terreno.

O defeito se traduz numa perda de objetividade, implicada na inconcretude de seus conceitos fundamentais — o de engrama e o de ligação associativa —, que implicitamente a faz deslizar para a esfera de uma concepção idealista dos processos psíquicos. Portanto, a desconsideração da significatividade embutida nos fenômenos mentais, longe de garantir o estabelecimento de uma ciência material e objetiva, é incompatível com esse ideário e afasta de um estudo atento aos fatos psíquicos, tal como eles realmente se constatam na experiência.

Constatada a insuficiência da psicologia científica disponível, o psiquiatra, que não pode prescindir de uma, especifica-a como ciência da personalidade e propõe-se a averiguar as circunstâncias da sua construção.

A personalidade é antes de mais nada uma função de síntese: o psiquismo integra em níveis de complexidade sucessivos, segundo leis, o conjunto das tendências e experiências que o vão afetando. A ligação entre os vários níveis articula-se no plano da significação, pelo que não obstante em última instância devam e possam se referir ao orgânico, pelo menos no nível da totalização das vivências (do sujeito) a esfera do sentido é constitutiva da personalidade.

Outro elemento a considerar umbilicalmente vinculado a esta função integrativa — especialmente manifesto na realização superior da personalidade, o pensamento judicativo — é a intencionalidade. O sujeito, longe de passivamente receber impressões prontas do mundo exterior, participa da constituição da realidade que o circunda: habita um mundo de sentido e (psiquicamente) produz os objetos do seu mundo.

Por isso não é possível supor que a experiência e o conhecimento da realidade sejam impermeáveis entre si. Configuram-se como duas faces da mesma moeda, o que caduca o intento de arbitrar a verdade a partir de um (ilusório) terreno neutro, a experiência sensível.

Finalmente, dimensão fundamental para a percepção da alteridade, a personalidade é condição de reconhecimento do propriamente moral no humano. Como tal, embora descritível nos seus termos, não é redutível a um conjunto de reações energético-biológicas.

Pela intencionalidade o sujeito está implicado na realidade, compromete-se com a espacialidade circundante, e pela responsabilidade vincula-se ao tempo. Nas palavras (metafóricas) do autor, pela intencionalidade o indivíduo, por ativamente (pelo conhecimento) participar da construção da sua realidade, esta como que o "envelopa", e a responsabilidade faz com que seus atos se lhe "afixem", compromete-o com sua historicidade.

Explorado o próprio do sujeito da psicologia, o pensador tematiza-o objetivamente. Para assentar em bases concretas a ciência, especifica na imagem a unidade sensorial-significativa que se constituiria no elemento mínimo que permitiria soerguê-la.

O conjunto das funções psíquicas é referível ao operar de imagens, que teriam uma função de informação — na intuição, na memória e no desenvolvimento —, bem como também se constituiriam no núcleo do processo de identificação, que é a assimilação global de uma estrutura, e mesmo virtual de um processo de desenvolvimento.

Seria impossível encontrar qualquer fenômeno psíquico que não se pudesse reduzir a uma composição de imagens. A sua decomposição em unidades menores (como os engramas), por lidar com elementos que escapam à experiência, lança a pesquisa para fora do campo concreto.

Em AU-DELÀ DU <<PRINCIPE DE RÉALITÉ>> explora as acepções disponíveis do termo "imagem". Relata que as várias concepções visam-no sobre um acontecimento, como selo de uma impressão, pela qual o organismo por meio de uma idéia experimenta a imagem como forma intuitiva do objeto — ou seja, a percepção —, como forma plástica do engrama — isto é, a memória — e como forma geradora do desenvolvimento. A imagem apresentaria conseqüências tanto no nível de maior rarefação material — o dos fenômenos intelectuais mais sofisticados —, como no das profundezas da determinação de fenômenos orgânicos, aparecendo numa extensão de território equivalente ao âmbito da psicologia.

A par da sua empiricidade, possui dupla face, imprescindível à demarcação dos fenômenos enquanto psíquicos: é função de informação e sentido, e é sensação, pois dá-se na experiência no mesmo registro dos fenômenos naturais.

Além disso comporta a grande vantagem de suas operações carregarem explicitamente a dimensão da historicidade: referindo-se a um acontecimento, se fixam em algum ponto de uma seqüência temporal, o que é indispensável em qualquer consideração de um agir de fato, e portanto obrigatório se se quiser pensar a ação.

A regulação da ação das imagens fica na psicologia lacaniana a cargo dos complexos. Que podem ou não, em função das circunstâncias — isto é, da história do indivíduo —, instaurar-se completamente. A largos traços reproduzem uma certa ambiência da realidade circundante e fazem repetir-se a experiência da realidade assim fixada.

O complexo estabelece em cada um, de maneira fixa, fatores constantes, mas cuja combinatória é muito variável — por exemplo ser o filho mais velho ou o mais novo, ter ou não ter irmãos, do mesmo ou de outro sexo. É um dispositor da experiência, determinando a captação da realidade — o que vale tanto para a externa, como para a realidade do sujeito —, construindo-a e estabelecendo critérios para o seu reconhecimento. Sua instalação depende de uma seqüência de experiências vitais, pelas quais o indivíduo recebe a impressão de algumas imagens essenciais que vão reformular a elaboração da sua experiência e para as quais Lacan reserva a denominação de imagos.

A efetivação de cada um altera correspondentemente a estrutura do psiquismo, reformula o conhecimento e a percepção da realidade, enriquece a apreensão do sentido. Com a consumação do último (na linha de desenvolvimento), o complexo de Édipo, o indivíduo, pelo divórcio mais bem estabelecido entre o eu e os objetos, alcança um grau consolidado de objetiva demarcação de si e do mundo.

O modelo parece funcionar bem. Com a psicanálise Lacan espera haver encontrado uma perspectiva feliz para suprir a necessidade de uma psicologia.

No entanto, do ponto de vista das suas exigências epistemológicas, surgem dificuldades no momento em que a sua viabilidade se assenta na suposição da existência de representações tão fundamentais quanto as imagos, operando e determinando o funcionamento do psiquismo.

Lacan se encontra num impasse quando, depois de haver constatado a onipresença da imagem e suas múltiplas funções — abrangendo e permitindo explicações no nível da descrição do que concretamente é acessível na experiência dos fenômenos psíquicos —, percebe a necessidade de supor a algumas delas a (falta de) qualidade da inconsciência.

A questão se apresenta duplamente embaraçosa. Se a sua meta é manter a teoria psicológica integralmente suportada na tese da eficiência de relações de compreensão, assentadas na consciência, que abranjam a justificação e "existenciação" dos conteúdos intencionados na mesma, no plano estritamente epistemológico e metodológico, a aceitar-se esta situação, ruí a concretude da psicologia que tentara erguer.

Se a psicologia dita associacionista, do ponto de vista do que se pode acompanhar na apreensão dos fenômenos, recorre a abstrações como o engrama, não se vê qual seria a grande vantagem de substituir este pela noção, igualmente irredutível à experiência, de representação inconsciente.

O pensador obriga-se a refletir o dilema, em princípio contornando o que se afigura ser a sua única tradução possível: a suposição de que algo se passa na experiência, mas não é objeto para o sujeito; a concepção de que algo está fora da consciência, mas ainda assim é determinante da mesma.

Mas o pior é que a fórmula tem ainda a agravá-la a inconsistência intrínseca à sua própria formulação. O que seria uma representação inconsciente?

Uma representação, muito sumária e toscamente, sem maiores sofisticações, geralmente é entendida como a apreensão de um conteúdo por uma consciência — seja pela sensação, pela memória, pelo pensamento, etc. É pois a apresentação mediada de algo, sendo implícito que, se ao sujeito se apresenta, este dela deve ser consciente.

A possibilidade de teorizar a partir de uma noção tão despropositada quanto representação inconsciente é incompatível com a necessidade, até psicológica, de que os modelos científicos sejam inteligíveis. Falar em representações inconscientes soa disparatado.

Lacan não pode deixar de estranhar o caráter, impensável, da noção. A representação ou é consciente, ou não é representação. Pouco interessa se, o que a rigor seria um uso

impreciso da expressão, na experiência se possa falar de representações inconscientes como sinônimo de eventos imperceptíveis.

Imperceptíveis, por exemplo, por por sua instantaneidade, dimensões ou natureza cromática escaparem ao espectro humano de captação sensorial (por se esquivarem da possibilidade de registro perceptual).

Além de deste modo a expressão por em jogo algo que contraria a epistemologia lacaniana, mantém-se a dificuldade anterior, puramente lógica. Aquém da experiência, importa avaliar se o vocabulário que a teoriza é suficientemente correto, ou seja, se pode significar alguma coisa, se permite a construção de enunciados coerentes.

Para tanto trate-se de verificar se os conceitos empregados são compatíveis... o que não pode ser o caso!

Representação inconsciente é um "conceito" que provoca no entendimento convulsões de gênero próximo às sugeridas por expressões como espírito material ou alvura das trevas: trata-se à primeira, e provavelmente a todas as vistas, de uma contradição.

Pois a única possibilidade de admissão lógica da expressão é aceitar que o inconsciente da representação, se se representa, o faz para um sujeito igualmente inconsciente. Eis a verdadeira dificuldade de fundo, de cogitação tão remota que só futuramente se explicitaria:

> *... cette énigme, cette véritable contradiction* ***in adjecto*** *qu'est le sujet comme inconscient.* (27-11-68)

Admitir representações inconscientes, sugerir que na consciência possa haver conteúdos que lhe sejam inacessíveis, e aceitando-se a intrinsecabilidade da intencionalidade (de um conteúdo) na definição daquela, parece equivaler-se à afirmação da não identidade da consciência consigo mesma.

A não ser que se introduza algum princípio "lógico" de não identidade, na medida em que representação se entenda como conteúdo intencionado por uma consciência, excluída esta qualidade, a primeira não é (representação).

Um espírito erudito e (bem) pensante como Lacan não poderia deixar de ser afetado por impasses tão fundamentais quanto este.

Rejeitar em bloco a teoria que faça uso de tamanha originalidade seria uma reação compreensível. Mas na medida em que demonstra contribuir para um efetivo desenvolvimento do campo a que se dedica, e se concretiza numa descrição mais minuciosa dos fatos, produzindo resultados práticos quando guia a intervenção clínica, o repúdio sumário pode ser substituído pelo esforço de redefinir os termos inaceitáveis — procurando evitar que aqueles que se obriguem a pronunciá-los sofram da impressão de arranhar as cordas vocais com a razão —, de modo a torná-los palatáveis aos pouco afeitos a indigestões conceituais.

Em síntese, a noção de inconsciente levanta dificuldades sérias ao cumprimento do programa lacaniano de fundação de uma psicologia, e a tomar-se a psicanálise a largos traços como seu modelo, problemas para o estabelecimento de qualquer psicologia. Há o risco de ter de revolucionar as perspectivas da tradição científica e filosófica na qual Lacan se imbuía, devido à inércia e impensabilidade da noção de inconsciente.

Num primeiro momento o problema parece contornável. Para driblar a dificuldade é providencial esquivar-se de trabalhar com a suposição de imagens que escapem da representação consciente.

A noção de representação inconsciente deriva da tese de que os complexos sejam formas fixas de organização das relações sujeito-mundo, assentes em esquemas de imagens que orientam o conhecimento, a representação da realidade, e tipificam o desenvolvimento. Tal tese pressupõe que haja um parâmetro para o reconhecimento de traços de similitude entre o que se apresente à consciência e a forma cristalizada pelo complexo, a imago. Por exemplo, que se possa explicar uma xenofobia a partir da imago do semelhante — quer dizer, recorrendo ao complexo de intrusão.

Porém, se a imagem pode efetivamente ser tomada como unidade mínima concreta compositora dos fenômenos psíquicos, esta concretude está perdida de fato na imago se se a conceber como uma proto-imagem típica subjacente às manifestações imagéticas conscientes, que empiricamente se poderia inferir pela posição em que o interlocutor analista vai (pela transferência) sendo posto na interação discursiva.

A solução se afigura possível graças ao aspecto temporal de constituição do complexo. Evita-se a abstração entendendo-a como uma síntese integralmente insubstantiva de uma forma de ordenação de imagens que historicamente se foi constituindo. Em outros termos, é necessário conceber a imago não como uma entidade imagética, mas apenas como uma forma de imagens, orientadora de um modo de ação.

Para tanto bastaria interpretá-la como tipo fixo, universal, de imagens concretas sempre particulares, dependentes da historicidade singular de cada indivíduo.

Como não há sentido em falar de representações inconscientes — posto que presenças extrínsecas à representabilidade consciente são por definição inobjetiváveis —, a imago, representação inconsciente, não seria um substrato positivo organizador da experiência, mas a mera forma determinadora do que nela se sucede. A partir das imagens conscientes não se substancializaria a inacessível atualização de um objeto que, pela imago, se faria representar inconscientemente. Pois caso contrário se abandonaria o concreto, por se admitir uma suposição teórica promotora de uma abstração a núcleo explicativo da determinação dos efeitos psíquicos.

A propriedade do emprego do impróprio termo "inconsciente" seria servir para impedir que se utilize a expressão para positivar a (não) experiência de objetos referíveis a representações que mereçam aquele qualificativo.

Em outros termos — estratégia cujas conseqüências jamais serão abandonadas, o que será repensado é o seu alcance —, o inconsciente seria pura forma, não substância.

Para se referendar uma solução no plano da conceituação do objeto da psicologia como esta, fica faltando verificar se é factível no terreno do sujeito da ciência em pauta, a personalidade.

Lembre-se que esta é perspectivável por três aspectos: uma lei do desenvolvimento ou função de síntese, a intencionalidade e a responsabilidade. O Édipo expressa o completamento da articulação demarcadora entre o eu e a realidade, mas esta função do complexo é a culminância de um longo processo de delimitação recíproca entre eu e não eu, pelo qual a realidade progressivamente se segrega da mesmidade. Por sua origem, portanto, a sua circunscrição depende da intencionalidade orientada segundo um princípio de economia energético-biológico — o que, repete-se, leva Lacan a dizer que a realidade envelopa o sujeito —, a qual é nada mais nada menos, como intencionalidade "empiricizada", o desejo. Subjacente a esse princípio, e portanto estruturante do seu funcionamento, encontra-se a introjeção de um outro, suporte dos constrangimentos a que o eu é submetido pelo fato da individualidade corpórea no mundo. Este fundamento da objetividade, plenamente consumado no Édipo, é psicanaliticamente conceituado como super-eu. É o garante da historicidade do sujeito, implica-o no tempo, e por isso, desde o início, embasa a dinâmica do funcionamento das imagos nos complexos. Satisfaz ao componente responsabilidade da personalidade.

Posto o que é chegado o momento de verificar se a interpretação da representação inconsciente que a imago é, efetivamente dá conta do que precisa dar: a personalidade, em sua síntese, tríplice.

A serviço dos seus fins, Lacan destaca a relativa pouca importância da consciência[105]. Mas, afinal, quando labora na meta de substitui-la, o que para si pode importar que a psicologia moderna, proliferando inconscientes[106], faculte a desconsideração da primeira?

---

105 *La conscience, on le sait, n'est dans la psychologie moderne qu'une propriété presque contingente du fait psychique.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PÉRSONNALITÉ, p.40)

Seu procedimento substantivo deve ser outro. A estratégia a seguir, fortemente marcada pelas exigências de método expostas anteriormente, consistirá basicamente no evitamento do problema.

Admitida a dificuldade, tenta escamoteá-la atribuindo-a à inadequação do conceito:

> *Il serait tout a fait possible d'éliminer, dans certains cas, cette complication, bien caractéristique des concepts inadéquats. L'opposition des désirs conscients et inconscients en particulier, que conserve la psychanalyse, nous semble disparaître si l'on définit le désir de façon objetive par un certain cycle de comportement.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PÉRSONNALITÉ, p.44)

O conceito de desejo responde à necessidade de traduzir na experiência psíquica a intencionalidade. Preserva a indissociabilidade entre a (forma da) qualidade da consciência e o conteúdo desejado, intencionado. Pode-se de certo modo afirmar que um desejo inconsciente, ancorado numa imago, é portanto uma intenção com meta ignota (e como tal, do ponto de vista da vivência, abstrata).

Como indubitavelmente é inegável que o mais das vezes os sujeitos demonstram não saber o que querem, o fato em si é inquestionável. Mas muito questionável é a sua codificação em termos tão absurdos como a expressão "desejo inconsciente", que só pode significar desejo movido por uma representação inconsciente.

Como a representação inconsciente, a imago, se pode esvaziar num esquema de imagens — em si mesmo sem conteúdo, mas tipificante de padrões de ação (que são o complexo) —, a saída coerente com o tratamento destes conceitos é re-significar o desejo como um ciclo de comportamento: dispensa-se a ilusão subjetiva de uma finalidade (inconsciente) à partida. É a concretude de imagens conscientes classificáveis segundo padrões que, **a posteriori**, permitiria construir insubstancialmente a imago que estaria em jogo.

Exemplificando: não seria a imago do seio que eventualmente subjazeria à drogadicção. A reiteração do fato da drogadicção, dada a sua ciclicidade, pela tangibilidade da sua repetição, comportaria um padrão esquemático, que seria a imago.

Passando das intenções aos fatos, é caso de verificar se a reciclagem da noção de desejo, a fim de esvaziar a de inconsciente, é factível. Poderia o desejo ser objetivamente redefinido como um ciclo de comportamento?

Contra a pretensão pesa em paralelo o escamoteamento de um dos traços fundamentais da personalidade (evidenciado pela experiência da interação humana): a responsabilidade moral.

É possível traduzir em termos de conflito moral o choque entre desejos, apreendido de alguma maneira como oposição entre intenções subjetivas incompatíveis. Mas não pode se dizer o mesmo se for necessário substituir a linguagem do conflito, preservadora da (e fiel à) experiência de dilaceramento do sujeito dividido (entre impulsos, a si imputáveis, e a resistência aos mesmos), pela da descrição de ciclos de comportamento.

Não obstante, o maior distanciamento terminológico da vivência da personalidade pela perda de conotações semânticas adequadas à sua expressão está longe de ser o maior defeito

---

106 *La conscience au reste est actuellement le concept le moins sûr en psychologie. Il s'oppose en effet comme tel a des réalités psychiques aussi diverses que celles-ci:*

- *l'**inconscient psychico-phisiologique** (effets dynamogéniques de la sensation),*
- *l'**inconscient automatique** (ou subconscient, automatisme de Janet),*
- *le **coconscient** (Morton Prince) (seconde personnalité),*
- *l'**inconscient latent actif** (Patini) (qui comprend le refoulé de Freud),*
- *l'**inconscient de mémoire** (qui se confond en partie avec le préconscient de Freud),*
- *enfin, l'**inconscient dans l'acte de l'esprit** (tel qu'on le constate en toute recherche parente de celle de Meyerson sur le CHEMINEMENT DE LA PENSÉE).* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PÉRSONNALITÉ, p.44)

deste procedimento, que no entanto é rigorosamente coerente com a prévia construção conceitual da psicologia. As suas vantagens são mais do que duvidosas, já que não permite uma real redefinição conceitual da noção de imago, mas apenas o evitamento do emprego do vocábulo.

Deixa-o claro a seguinte citação, cuja relevância dificilmente poderia ser exagerada:

> *Nous définirons par exemple le* ***désir*** *par un certain* ***cycle de comportement****. Il se caractérise par de certaines oscillations organiques générales, dites affectives, par une agitation motrice, qui selon les cas est plus au moins dirigée, par certains fantasmes enfin, dont l'intentionnalité objetive, sera, selon les cas, plus au moins adéquate; quand une expérience vital donnée, active ou subie, a déterminé l'équilibre affectif, le repos moteur et l'évanouissement des fantasmes représentatifs, nous disons par définition que le désir a été assouvi et que cette expérience était la* ***fin*** *et l'****objet*** *du désir. Peu nous importe que les fantasmes aient étés conformes ou nom a l'image de cet objet, autrement dit que le désir ait été conscient ou inconscient. Le concept même de l'****inconscient*** *répond à cette détermination purement* ***objetive*** *de la fin du désir.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.311)

Colocando o problema em termos de conformidade, Lacan se trai. Dizer que pouco importa que os fantasmas tenham ou não sido conformes à imagem do objeto não elimina a referência a uma representação inconsciente orientadora do enfocamento do desejo. Pelo contrário, confirma-a.

Confirma a necessidade de, para poder dar conta da experiência, referir-se a objetos que escapam ao sujeito. Não adianta invocar a desimportância da conformidade da imagem do objeto visado com o mesmo. Qualquer princípio de objetividade, em funcionamento, de algum modo supõe um objeto da objetividade. Como a satisfação não sucede por ensaio e erro arbitrários, se o objeto buscado não se conforma ao imaginado, de alguma maneira, entre o objeto "verdadeiro" e as fantasias representativas deve haver algo que a norteie.

Afinal, recorde-se que, entre outras funções, a imago é investida do papel de antecipar um desenvolvimento futuro. Numa circunstância social específica, o sujeito recorta na ambiência elementos com os quais se identifica, e esta identificação, ao contrário da imitação, tem implicações tanto no seu agir como no seu ser.

A marca circunstancial que nele se imprime, como impressão, é a imago. E se antecipa um desenvolvimento futuro, fica difícil ignorar a sua incidência de princípio na ação, diluindo-a numa suposição **a posteriori**, inferida de um padrão comportamental.

Parece portanto que o modelo de psicologia exemplar proporcionado pela psicanálise, a tantos títulos tão satisfatório, inclui no âmago do psiquismo algo irredutível, e tão ideal quanto, por exemplo, um engrama...

A desistência deste em prol da fundação da psicologia com o conceito de imagem, lembre-se, visava escapar de abstrações, o que não se garante pela exclusão da experiência de uma classe (tão importante) dessas imagens.

Poderia se admitir que o movimento do comportamento se oriente à revelia da cognição, segundo índices de outra natureza — por exemplo, sinais de prazer ou de desprazer. Esta linha de raciocínio, ainda que incipientemente já se insinue na explicação do princípio de objetividade pelo super-eu, é (por enquanto) obstaculizada porque nesta fase a concepção de fenômeno mental tem a abrangência de fenômeno de conhecimento.

O papel do super-eu é entendido como o de dar conta da objetividade num plano gnosiológico. Portanto, qualquer índice de meta, inexoravelmente inclui em alguma medida uma cognição.

Uma cognição que, como tal, se descobre falha na vivência, abstrata na teoria psicológica, e (no quadro da epistemologia almejada) epistemologicamente impossibilitada.

Em síntese, a solução encontrada permite descrever a experiência em termos concretos. Mas não interessa saber apenas o que se diz quando o desejo é satisfeito, e sim como o desejo encontra o caminho da satisfação. O esvaziamento da imago na forma de uma

forma de imagens não permite explicar o que garante a regularidade de funcionamento do complexo, o que assegura que a experiência se suceda segundo fantasias que se ordenam em direção a uma meta, em vez de se dispersar em colagens de imagens arbitrárias.

Tal circunstância precipita o empenho especulativo lacaniano numa guinada radical.

19. CRÍTICA DA CIÊNCIA

A perpetuação de esforços no sentido de epistemologicamente fundamentar a psicologia será atribuída a manifesta má fé.

O drama é desencadeado pela falha de objeto, na qual obrigatoriamente deve ser traduzida a noção de representação inconsciente, a fim de se ser fiel à exigência epistemológica de concretude.

A combinação dos princípios com os resultados da lacaniana incursão pelo terreno da epistemologia da psicologia — devidamente temperados com um misto, respectivamente, de fidelidade e de radicalidade —, levam o autor a derivar decorrências totalmente decepcionantes quanto à viabilidade do seu projeto inicial, mas que, ao mesmo tempo, proporcionam subprodutos preciosos.

Um deles — a falta de fé na cognoscibilidade em geral (lacanianamente concebida) e portanto também na ciência, não do ponto de vista da sua factibilidade, mas da veracidade da interpretação que de si proporciona, — contribui para fortalecer a reorientação do tateamento conceitual lacaniano, segundo diretrizes implicitamente abertas pelo encerramento do ciclo anterior.

Resultado involuntário que se constitui em importante subproduto (positivo) do labor findo, o esgotamento das ilusões epistêmicas instrui-o e assegura-o quanto ao (novo) horizonte no quadro do qual se deva e se possa iniciar uma reflexão que não valha somente pela prova da negação do que se intencionara. E cujas injunções, a esta altura, torna-se possível perspectivar a traços largos.

Recorde-se que, para Lacan, a par de um vocabulário adequado, as condições exigidas para o estabelecimento de uma ciência, conforme as expõe na tese, seriam duas. Em primeiro lugar, a definição de um objeto que especifique o âmbito de investigação. Em segundo lugar, que se possa precisar algum modo de ordenação dos fenômenos, quer dizer, a possibilidade de estabelecimento de leis.

A primeira das condições está problematizada. O estudo concreto da personalidade, objeto da psicologia, obriga a que se considere, a fim de poder formular leis, a irredutibilidade no âmago da personalidade da presença de uma abstração. Sem a qual, note-se, não se poderá cumprir a segunda exigência.

Havia-se visto que era possível obedecê-la entendendo a imago como protótipo de imagens, e não imagem inconsciente — isto é, reduzindo-a a pura forma. Perdia-se a substância mas mantinha-se a forma. Ou seja, em relação à representação inconsciente, o que empiricamente se podia estabelecer era uma forma de incidência enformadora da experiência psíquica.

O objeto perde qualquer conteúdo, mas — atenção! — preserva um lugar. Pois não tomar o inconsciente como um objeto de conhecimento[107] — ou seja, excluir a possibilidade de uma ciência psicológica, teorizar a psicanálise fora da ciência — obviamente não elimina a importância de assinalar a ocorrência dos eventos ditos inconscientes e, naturalmente, a necessidade de um modo empírico de localizá-los, e portanto de supô-los (e dispô-los) posicionalmente.

---

107 *Nulle prétension de connaissance ne serait de mise ici, puisque nous ne savons même pas si l'inconscient a un être propre, et que c'est de ne pouvoir dire "c'est ça" qu'on l'a appelé du nom de ça.* (LA MÉPRISE DU SUJET SUPPOSÉ SAVOIR, Scilicet 1, p.35)

Dado os ditos eventos não serem suscetíveis de objetivação, haverá que referi-los não a uma trama de coisas dispostas em algum nível de realidade, mas na sua literalidade como ato (subjetivo). O **locus** onde concretamente podem expor-se é a forma discursiva concretamente proferida pelo sujeito.

Em suma, é mais razoável referir o inconsciente ao que se diz do que a uma inobjetivável substância nomeável. Por isso os "fenômenos" inconscientes, os eventos do inconsciente, têm (um) lugar, mas não devem e não podem referir-se a um objeto.

O que fica faltando é exatamente a possibilidade de, de dentro do psiquismo, representar para o sujeito o objeto.

O sujeito não pode ter-se como objeto, e a mais rigorosa descrição concreta do objeto psiquismo parece culminar na constatação da inconcretude do objeto para o psiquismo.

Para Lacan é um desafio pensar as decorrências da perda de concretude do objeto. As conseqüências que daqui se derivam extravasam em larga medida o âmbito da psicologia. É o conhecimento em sentido forte que agora está problematizado.

O que interdita a possibilidade do conhecimento é a falta de um dos seus pilares: o objeto enquanto tal está em falta no psiquismo humano, e faltando introduz uma falta na própria possibilidade de definir o estudo do psiquismo como objeto (de uma ciência).

Como não poderia deixar de ser, as conseqüências mais espetaculares não poderiam deixar de recair com veemência sobre a concepção de sujeito: um lugar que não apenas sempre remeterá a objeto algum — não obstante a implicação do sujeito nos fatos do inconsciente (ou melhor, no ato inconsciente) —, como também que interpela pessoalmente o sujeito quanto a si mesmo.

Por este estar dividido entre sujeito objeto da análise e sujeito analisante, não basta compreender a moralidade como aspecto objetivo da realidade do sujeito, mas também — e daí as recriminações de tom moral contra o "comportamento" da pesquisa psicológica — como critério que permite avaliar a atitude subjetiva do pesquisador. A desconsideração do sujeito como sujeito é uma imoralidade que, longe de inócua, se apresenta solidária de uma psicologia, do ponto de vista epistemológico, péssima. Pois não basta "esvaziar" o mundo da substância, desmaterializando-o: é imprescindível precisar que a descrição do sujeito (na terceira pessoa), ainda que se interdite uma substancialização, epistemologicamente seria objetivante, sendo a seu respeito impertinente[108].

No momento em que os fatos passam a ser fatos discursivos, ou atos identicamente discursivos — entre aqueles o inconsciente[109] —, haverá de repensar-se a concepção de sujeito.

Fica interditada a possibilidade de dispô-lo em relação a um objeto. Mais precisamente: torna-se inviável assinalá-lo relativamente a um objeto cognoscível.

---

106 *Bien loin donc qu'il faille maintenir le sujet dans un état d'observation, il faut qu'on sache qu'à l'y engager, on entre dans le cercle d'un mal entendu que rien ne pourra briser dans la cure, pas plus que dans la critique. Toute intervention dans ce sens ne pourrait donc se justifier que d'une fin dialectique, à savoir de démontrer son valeur d'impasse.*

Mais j'irais plus loin et pour dire: vous ne pouvez à la fois procéder vous-même à cette objetivation du sujet et lui parler comme il convient. Et ce pour une raison qui n'est pas seulement qu'on ne peut à la fois, comme dit le proverbe anglais, manger son gâteau et le garder: c'est-à-dire avoir vis-à-vis des mêmes objets deux conduites dont les conséquences s'excluent. Mais pour le motif plus profond qui s'exprime dans la formule qu'on ne peut servir deux maîtres, c'est-à-dire conformer son être à deux actions qui s'orientent en sens contraire.

Car l'objetivation en matière psychologique est soumise dans son principe à une loi de méconnaissance qui régit le sujet non seulement comme observé, mais comme observateur. (LA CHOSE FREUDIENNE – ÉCRITS, p.419)

109 *Car il faut le dire, l'inconscient est un fait en tant qu'il se supporte du discours même qui l'établit...* (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, p.35)

O sujeito, há que supô-lo: é a um só tempo uma suposição teórica e uma produção discursiva.

Eis a razão de alguns dos principais traços do pensamento lacaniano.

Um deles, na medida em que o lugar empírico dos eventos inconscientes é a fala — o discurso concretamente proferido —, é a permanente referência ao discurso como a única matéria da experiência analítica. O que pode surgir em toda uma gama de formulações equivalentes: por exemplo, na afirmação da experiência da análise como dialética, ou na afirmação de que as cadeias da experiência são as cadeias do discurso.

Se o objeto que enformaria as representações escapa à possibilidade de ser representado, as imagens — ou melhor, seu encadeamento — se sustentam sobre o mesmo **locus** do objeto faltante, uma vacuidade essencial. Portanto uma decorrência do trajeto reflexivo do autor é a afirmação da natureza discursiva da realidade vivida.

Mais do que nunca, torna-se fundamental levar em conta uma discriminação a propósito de realidade que se encontra na língua alemã,

> *... la différence qu'il y a entre la **Wirklichkeit**, à savoir la réalisation possible de mes relations avec le psychanalyste pour autant qu'il me laissa à la place où je suis et où j'essaye de serrer en certain type de formules, et la **Réalität** qui est au-delà en tant que comme impossible, elle est ce qui détermine notre commun échec.* (8-12-65)

A partir daqui o desafio será, por fidelidade ao ideal de conhecimento que norteia o autor, pensar o que seja uma experiência em que, no intento de auto-objetivação (pela projeção narcísica no mundo como espelho[110]), o objeto está perdido.

Em última instância não é outro o sentido da tese lacaniana do real como impossível.

Se o objeto enquanto objeto a conhecer se reduz a um impossível, isso ocorre em função da radical fidelidade de Lacan às exigências epistemológicas que se propõe, causando espécie que, a partir disso, se possa cogitar o lacanismo como uma possibilidade de desconsideração eufórica, ou alegre relativização, dos ideais de cientificidade.

A impossibilidade de cumprimento dos mesmos é no pensamento lacaniano vivida no registro da tragédia — basta ver em que lugares aparece o termo impossível —, e não no de uma comédia que, pela relativização do saber, se permitiria afiançar qualquer coisa.

Não se creia ser por acaso que na maturidade vai centrar seus esforços exatamente no empreendimento (quase patético) de pensar o real. Lacan, mesmo considerando a sua impossibilidade, redobra a fidelidade a ideais que não se podem cumprir e em função dos quais é levado a tirar uma série de conseqüências quanto à natureza do espaço. Por exemplo, a afiançar a sua natureza simbólica, em divergência com a idéia kantiana de pensá-lo como forma da sensibilidade externa. Pouco importam as formas e as medidas que representariam os objetos. Exatamente por não se tratar de representar alguma coisa, deixa de ser pertinente refleti-lo a partir da geometria. O importante é analisá-lo sem compromissos com a intuição, proceder à consideração das posições relativas e da sua combinatória. Isto é, estudar o espaço a partir do que originalmente se denominou de **analisis situs** e modernamente responde à denominação de topologia.

Acima de tudo, pensá-lo de maneira tal que seja possível comprometer o sujeito, dividido, com a espacialidade. Ou seja, há que, no quadro de uma definição de lugares, poder situá-lo.

O espaço a partir de agora não será uma forma de sensibilidade "possuída" pelo sujeito: deve incluí-lo e simultaneamente excluir a possibilidade de conteúdos extrínsecos à mera espacialidade, as bordas marcando meramente a posição de recortes na textura espacial.

---

110 *... un objet qui le rend, lui sujet, à lui-même transparent.*
L'extension de cette ilusion, qui constitue radicalement, en elle-même l'illusion de la conscience, à toute espèce de connaissance est motivée par ceci que l'objet de la connaissance sera désormais construit, modelé à l'image de ce rapport à l'image spéculaire, et c'est précisément en quoi cet objet de la connaissance est insuffisant. (12-12-62)

Se toda a determinação da experiência deve compreender-se no quadro de uma sintaxe que inclusive descreve as leis da realidade — não por esta ser redutível à palavra, mas por aquilo que a ultrapassa ser incognoscível —, não tem cabimento manter a formulação clássica da verdade como adequação do intelecto às coisas. Como dessa maneira concebê-la, num universo vácuo da coisa? Como aplicá-la a uma experiência "concretamente" retórica?

Isso impele ao desenvolvimento de uma nova semântica, apropriada a esta situação. Pois sem proceder a tal revisão não é possível ser coerente com a descoberta de que, se há um lugar para a experiência do inconsciente, esse lugar é a palavra.

O resultado terá amplas implicações ontológicas, o ser das coisas dependendo da Palavra que verdadeiramente as enuncia, e a verdade sendo o sentido com valor significante[111].

Conforme se mostrou no capítulo anterior, psiquiatricamente Lacan distingue um nível orgânico de causação dos fenômenos, que assinalaria a sua determinação biológica, de uma causalidade que denomina psicogênica.

O segundo pilar necessário para o estabelecimento de uma ciência, a causalidade, embora pareça encontrar um destino melhor — melhor do que o do pilar objeto, e melhor do que aquele que podia receber no terreno da (inviável) cognoscibilidade —, também não escapa incólume da revolução conceitual a que o pensador é (pela lógica) coagido.

Pensá-lo exigirá que se repense o dualismo soma-psique, obrigando a revisar a teoria (dupla) da causalidade.

A partir da psicanálise encontram-se condições melhores para pensá-la[112]. As relações de determinação deixam de levar em conta coisas particulares — por definição, extralingüísticas — que ocupem a posição de variáveis. Como o problema da causalidade é uma questão de tópica causal, uma questão de ordem de fatos, será possível (e é necessário) pensar na sintaxe do discurso uma ordem definidora de uma causalidade, com a ressalva de que a mesma não mais se refira a fatos, mas a atos, que em última instância são discursos.

É interessante acompanhar as decorrências extraídas por Lacan de uma causalidade que se mantém à revelia do soçobramento do objeto, as quais necessariamente terão de ser equacionadas em paralelo com a reflexão sobre a natureza do campo a que a psicanálise esteja relegada desde a sua exclusão da cientificidade; uma causalidade favorecida pela sua necessária redução a uma determinabilidade que só não é puramente formal porque é (formada e) informada pela carne.

A causalidade inconsciente, antes de mais nada, em vez de descrever relações objetivas refere-se à subjetalidade. É pura e simplesmente atinente à subjetalidade. Não na forma do seu conhecimento, mas com o sentido da sua constituição.

Em princípio, preservar o termo causalidade para pensar esta outra coisa que deve acontecer fora da esfera de sua aplicação usual — e Lacan, é sabido, mantém mesmo outros termos, inclusive "objeto" —, pela confusão que possa suscitar, parece no mínimo imprudente, ou pelo menos inadequado. Mas há que ressalvar o comportamento do pensador levando em conta que provavelmente não apenas não dispos de outro vocabulário para dizer o que descobria, como também, radical, de índole polêmica, sempre pretendeu levar às últimas conseqüências os resultados a que chegava, inclusive revendo a compreensão habitual das idéias que mobilizava.

Outro motivo a adendar-se a estes é o impacto que o inusitado provoca, propício, se não à realização da ambição de validar as suas redefinições para além do âmbito da psicanálise, pelo menos a facilitar o primeiro passo nessa direção: atrair a atenção surpresa das mentes abertas que laborem nas áreas conexas e garantir-se contra as mais enrijecidas.

---

111 O qual, na qualidade de efeito da correlação de letras, "entifica" — ou se se preferir, "ficciona" — as coisas.

112 ... *le grand secret de la psychanalyse, c'est qu'il n'y a pas de psychogenèse.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.15)

Resta afastar-se dos caminhos da epistemologia **stricto sensu**: seja lá o que for que a partir daqui a reflexão lacaniana produza, estará fora da possibilidade de se referir a alguma justificação da cognição, a partir de agora, no sentido forte, constatada como impossível.

Se anteriormente se tratou de fundar epistemologicamente a psicologia, a inutilidade desse esforço (do ponto de vista da obrigação de pensar a psicanálise) conduzirá agora a empreendimento muito mais grandioso: a exigência de cogitar o impensável.

A experiência do inconsciente obrigará a uma revisão das disposições de campos na cultura. Haverá de pensar-se o que seja a ciência a partir da psicanálise, bem como o campo dos fenômenos do inconsciente na sua pertinência a um âmbito, ou da cientificidade redefinida, ou não científico, e se o não for, investigar em que horizonte se o assenta. Bem como, a decidir-se por esta via, preservar ainda assim (novas) concepções de verdade, de causalidade, de uma certa nova forma de (não) saber, repensar o estatuto do humano, problematizar o ser da realidade e pensar uma possibilidade de objetalidade do sujeito não objetivante.

A fim de que a leitura se mantenha à altura do empreendimento lacaniano é necessário prestar serviço à psicanálise e à reflexão filosófica — sob pena de desconhecer, caricaturar, ou ridicularizar seu pensamento —, não abdicando de acompanhar a elaboração do psicanalista nas diversas frentes acima assinaladas. Pelo que neste estudo se tematizam em tópicos os aspectos acima mencionados, tarefa assaz difícil, por ser praticamente impossível isolá-los.

Quanto à ordem de sua sucessão, embora qualquer trajeto explanativo comporte o risco de uma certa carga de arbitrariedade e de alguma equivocidade interpretativa, acredita-se havê-los reduzido ao mínimo estabelecendo um roteiro guiado pela temática do inconsciente, nuclear em psicanálise e, afinal das contas, determinante da reviravolta teórica lacaniana sobre tudo, e sobretudo sobre o sujeito.

20. DESISTÊNCIA

É insuficiente constatar o fiasco do empreendimento epistemológico, que também é o fracasso da psicologia. As conseqüências do insucesso logo se fariam claras: não basta bravatear contra a suposta impensabilidade da noção de inconsciente, nem há como evitá-la nem às implicações que dela derivam.

A par disso, impõe-se a Lacan, apesar de tudo, pensar o inconsciente. E o primeiro passo será proceder a uma análise epistemológica não meramente constatativa, lamuriosa, da inviabilidade trágica de uma ciência do sujeito, deduzindo positiva e rigorosamente as conseqüências dessa impossibilidade. Há que, sob o imperativo de refletir sobre o inconsciente, abrir-se aos horizontes de pensamento a essa reflexão favoráveis.

Muito menos se deverá abandonar os princípios epistemológicos asseguradores da correção do conhecimento em que confia e que desde o início o guiam. Afinal nada de errôneo se passa no nível dos critérios de cientificidade a que se propõe. Simplesmente tudo indica que se se depara com um campo ao qual não se aplicam. Explique-se: a noção de representação inconsciente supõe a não informação concreta de uma imagem que informa a relação do eu com os objetos! O disparate de conceber representações inconscientes significa o inadmissível de algo se fazer representar sem ser representado.

Se o conceito de inconsciente, exigido pela experiência e não redefinível redutivamente — quer como abreviatura de processos psico-energéticos objetiváveis psicologicamente, quer inutilmente desobjetivado, generalizado, como negativo da consciência —, ainda assim tem de ser pensado, será necessário ou abdicar das exigências intrínsecas à cientificidade tal como a concebe em psicologia, ou preservá-las forçando-se a pensar o conceito noutro âmbito.

Elimina-se com isso qualquer veleidade de pensar o conceito na esfera da psicologia (pelo menos tal como se viu Lacan pretender defini-la), pois não há razão para se supor que as ponderações então tecidas quanto à necessidade de definição de um método e de um objeto concretos para essa ciência tenham perdido a sua força.

Tanto mais que, como é fácil depreender-se do assinalado nestas páginas, longe de um descaso irracionalizante para com a ciência, o que move sua pesquisa é precisamente o esforço de, a partir da experiência racionalmente pensada, fundar uma teoria dos fenômenos clínicos apropriada.

É nesse quadro que a preservação do termo psicanálise e a afirmação da sua irredutibilidade à (sua) psicologia podem ser úteis.

Para dimensionar no conjunto da obra lacaniana o destino de suas teses iniciais, cuja agonia do ponto de vista diacrônico ora se acompanha, é interessante perspectivá-la retrospectivamente, no que afinal se é fiel ao procedimento de precisamento e decisão do sentido previsto pelo psicanalista.

O que se facilita por numa conferência o autor proceder a uma explícita avaliação de seu percurso[113]. Aí comenta o que julga superado no seu ensino, de passagem especificando o modo como apreciaria fosse lido o período inicial de sua obra:

> *Ce qui revient à mon nom, ce sont ces parties caduques de mon enseignement dont j'entendais qu'elles restassent à une propédéutique réservées: puisque aussi bien elles ne sont rien que ce qui m'est échu d'une charge préliminaire: soit de décrasser l'ignorance dont il n'est pas défavorable qu'en ait procédé de toujours le recrutement pour la psychanalyse, mais qui a pris valeur de drame de ce qu'elle y emporte ses installations premières: dans la médicine et la psychologie nommément.*
>
> *C'est là ce qui dans le recueil des* ***Écrits*** *est le plus reconnaissable à une critique, dont c'est tout dire qu'elle ne soit plus un métier, mais une crècelle: de ce fait je n'ai pas à me plaindre, elle n'a pas ralenti l'intérêt que son effort eût tempéré.*
>
> *Il arrive en effet que quelqu'un s'aperçoive qu'il s'agit là-dedans de la dialectique de Hegel, puis de la communication intersubjetive. N'importe: elles sont tenues pour faire bon ménage, et d'en déduire incontinenti que ce sont les références où j'entends ramener la psychanalyse.*
>
> *Donnant résonnance nigaude à ce qui se rabâche, en toute mauvaise foi cette fois, dans les milieux avertis.* (DE ROME 53 A ROME 67: LA PSICHANALYSE. RAISON D'UN ÉCHEC, Scilicet 1, p.45/6)

Fantasticamente descobre-se que a meta inicial do psicanalista tão somente se reduzia a polir a ignorância dos novos discípulos de Freud. O que, ao acompanhar-se a sua argumentação no período, não é crível.

Ainda que — se se pensar que aparentemente gerações inteiras de analistas poderiam ter convivido com o disparatado da noção de "representação inconsciente" sem se darem conta de que, por mais que seja útil à sua prática, sob pena de deixá-la sem nexo, exige uma explicação — quanto à ignorância não deixe de ter razão, Lacan intenta mesmo fundar uma psicologia, no sentido forte do termo.

Primeiramente partira da hipótese, mais simples, de imprecisão terminológica por parte de Freud. Bastaria redefinir o emprego dos termos para se chegar a uma concepção justa. Ao convencer-se da correção semântica da expressão em pauta, desenvolve uma reorientação do seu trabalho teórico, não mais na perspectiva de definir um vocabulário apropriado que elimine a dificuldade, mas subordinada à imperiosidade de pensar a natureza do objeto, condicionadora da da disciplina que, na história da cultura, obriga a que o homem se submeta a tal paradoxo.

Pela inversão do estratagema, propõe-se a pensar a psicanálise e o inconsciente na sua irredutibilidade.

Empreendimento que, quiçá pela impossibilidade de princípio de o cumprir, talvez jamais tenha sentido bem realizado. Pelo menos a se crer no seu depoimento no encerramento do congresso de Paris da E.F.P., em 1975:

---

113 Ainda que trate-se de pronunciamento mais centrado em textos quase de transição, menos típicos do período até agora abordado, talvez em função da maior rejeição que estes lhe inspirem, ou quiçá, também, de alguma polêmica datada, que o tenha especialmente irritado.

... Freud a inventé cette histoire, il faut bien le dire assez loufoque, qu'on appelle inconscient; et l'inconscient est peut-être un délire freudien. (PETITS ÉCRITS ET CONFÉRENCES, p.175)

Não obstante a evidente perduradoura disponibilidade para dúvidas, entrementes empenha-se. E passa então a falar na revolução desencadeada pela descoberta freudiana, que poderia traduzir-se na revelação de que aparentemente há saber sem sujeito, umbilicalmente vinculada à recíproca, a da existência de sujeito sem saber[114].

Não há possibilidade de uma reunificação do que fenomenal e impressionisticamente se poderia dizer saber sem sujeito, o inconsciente, com o sujeito sem saber, a consciência.

A assim ser, resulta disparatado teorizar a psicanálise a partir de uma positivação do sujeito na subjetividade. De um lado a noção de intencionalidade da consciência não se presta ao equacionamento da representabilidade inconsciente, dado que, a levar a sério o que se diz na expressão, a qualidade da última exclui a presença da primeira. Doutro, não se poderia sequer recentrar a conceituação daquela num aspecto que, se viu, lhe é pertinente: o de constitutiva de uma dimensão cognitiva no objeto, imbricada na cognição do mesmo, e traduzida na suposição de um sujeito da cognição suposto ao saber — ou seja, na crença em um eu para o qual se apresente a representação. Pois afirmar a inconsciência desta, no âmbito gnosiológico, implica aceitar a opacidade do saber (para o sujeito).

De quebra, por esta altura também soçobra a garantia da objetividade da experiência psicanalítica na intersubjetividade, conforme intentara Lacan. Não é crível que quem se tenha preocupado, com a intensidade que lhe é própria, em combater o abstracionismo de noções elementares na psicologia que combateu, fosse agora conformar-se a aceitar referir a concretude da sua investigação a um sujeito inconsciente.

Não é outra coisa o que o autor assinala — num período já marcado pela prudência de se referir neutramente, descomprometendo-se de implicações gnosiológicas, à matéria literal com que lida, denominando-a simplesmente de discurso — em sessão do seminário num ano justificadamente intitulado D'UN DISCOURS QUI NE SERAIT PAS DU SEMBLANT:

> *... ce qui est à proprement parler discours ne saurait d'aucune façon se référer d'un sujet bien qu'il le détermine. C'est là sans doute l'ambiguité de ce par quoi j'ai introduit ce que je pensais devoir faire entendre a l'intérieur du discours psychanalytique. Rappellez-vous mes termes au temps ou j'intitulais un certain rapport de la fonction et du champ de la parole et du langage dans la psychanalyse: intersubjectivité, écrivai-je alors et Dieu sait à quelle fausse trace l'énoncé de termes tels que celui-là peut donner occasion. Qu'on m'excuse d'avoir eu, ces traces, a les faire prémières. Je ne pouvais aller au devant que du mal entendu.* (13-1-71)

O sujeito, longe de encontrar no discurso um veículo de comunicação com outros sujeitos, muitos menos de a seu bel-prazer dispor da linguagem, é formado pela estrutura da significância:

> *Inter certes en effet, c'est ce que seule la suite m'a permis d'énoncer d'une intersignifiance, subjectivité de sa conséquence, le signifiant étant ce qui représente le sujet pour un autre signifiant où le sujet n'est pas. C'est bien en cela que pour ce que là où il est représenté le sujet est absent, que représenté tout de même il se trouve ainsi divisé.* (13-1-71)

O campo de realização da experiência psicanalítica, diverso do da psicologia, não é a intersubjetividade, mas uma intra-subjetividade pela qual o eu, cindido, parece estar onde não está. Isto é, aparece na posição de sujeito de significações intencionadas nas quais desconhece a si e ao lugar em que se encontra. Esta divisão é a condição da afirmação da opacidade do saber ao sujeito e da inobjetividade do sujeito no saber. É dado de estrutura da estrutura do discurso.

---

114 Aliás, do ponto de vista da clínica, a mais imediata, a que diretamente se vincula ao sofrer sem razão.

Agora, o rejeitado é o extremo oposto do inconsciente, a autoconsciência[115]. Donde ser necessário pensar uma divisão do sujeito, em função da qual sua vertente inconsciente é constituída — no vocabulário lacaniano, mesmo causada — pelo que no emprego da palavra não se reduz à expressão pretendida[116].

Se num primeiro momento, por implicações como as acima, Lacan estranha o termo inconsciente, a sua irredutibilidade leva-o a clarificar a sua acepção, contrapondo-se à tentativa psicológica comum de o apreender como negativo da consciência:

> *L'inconscient* ***n'est pas*** *une espèce définissant dans la réalité psychique le cercle de ce qui n'a pas l'atribut (ou la vértu) de la conscience.*
>
> *Il peut y avoir des phénomènes qui relèvent de l'inconscient sous ces deux acceptions: elles n'en restent pas moins l'une a l'autre étrangères. Elles n'ont entre elles de rapport que d'homonymie.* (POSITION DE L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.830)

Enquanto mera negação da consciência, "inconsciente" não define nenhum objeto de interesse teórico.

> *Dire que l'inconscient pour Freud* ***n'est pas*** *ce qu'on appelle ainsi ailleurs, n'y ajouterais que peu, si l'on n'entendait pas ce que nous voulons dire: que l'inconscient d'avant Freud n'est pas purement et simplement. Ceci parce qu'il ne dénomme rien qui vaille plus comme objet...* (POSITION DE L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.830)

É após Freud que algo adequadamente designável como inconsciente se defronta à razão como objeto a refletir. Mas está longe de se poder objetivar sensivelmente, o que inviabiliza a possibilidade de preservar a psicanálise no quadro da cientificidade.

Paradoxalmente, o que valoriza o inconsciente freudiano é a sua positividade impossível. O inconsciente que merece ser pensado não é um negativo da consciência. Tem uma realidade própria.

Talvez por na sua trajetória intelectual haver um momento pré-freudiano, e Freud dever assinalar-se como marco zero do que verdadeiramente lhe importa, o autor repudie as partes (ultrapassadas) do seu ensino. Refere inclusive que, a se estar bem informado, é má fé considerar determinadas teses que então explicitara como momentos do seu pensamento.

Desde sempre teria sido possível encontrar evidências que desmintam a sua adesão sumária às teses de outrora — aliás, segundo ele, em si mesmas pouco compatíveis entre si —, na forma da sua crítica, explícita ou implícita:

> *Le fait que s'étale au titre d'une année de mon séminaire (60-61) le terme de "disparité subjective"*[117] *pour en connoter le transfert, n'y change rien. Non plus qu'il n'en sera de ce que j'aie donnée hier à Naples une conférence sur "la méprise du sujet supposé savoir", qui apparemment ne laisse pas le "sujet supposé savoir absolu" sûr de rejoindre son assiette.* (DE ROME 53 A ROME 67: LA PSICHANALYSE. RAISON D'UN ÉCHEC, Scilicet 1, p.46)

---

115 ... *le* ***Selbst-bewusstsein*** *que je vous ai appris à nommer le sujet supposé savoir, est une illusion trompeuse. Le* ***Selbst-bewusstsein*** *considéré comme constitutif du sujet connaissant est une illusion, est une source d'erreur. Car la dimension du sujet supposé transparent dans son propre acte de connaissance ne commence qu'à partir de l'entrée en jeu d'un objet spécifié qui est celui qu'essaie de cerner le stade du miroir, à savoir de l'image du corps propre pour autant que le sujet d'une façon jubilatoire a le sentiment en effet d'être devant un objet qui le rend, lui sujet, à lui-même transparent.* (12-12-62)

116 Eis uma razão da importância da palavra:

> *Le poids que nous donnons au langage comme cause du sujet...* (POSITION DE L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.830)

117 Quem apenas conheça a edição da Seuil estranhará este *disparité subjective* associado ao título do seminário. É que algumas das denominações dadas por Lacan aos anos do seu ensino oral vêm sendo "simplificadas" (ou adulteradas?) na sua edição oficial. É o caso do terceiro, onde a referência às psicoses se vê privada da sua relatividade à psicanálise, e do oitavo, cujo título original é LE TRANSFERT DANS SA DISPARITÉ SUBJECTIVE, SA PRÉTENDUE SITUATION, SES EXCURSIONS TECHNIQUES.

De fato, a "impropriedade" do sujeito pela consciência é estridente na experiência psicanalítica. No entanto estas evidências não são mais evidentes que o previamente averiguado neste estudo. E como o acontecimento (segundo Lacan) é a letra, não há por que apagá-la em prol da vontade de representar-se linearmente a sua obra.

Persistente, adenda:

> *Au reste un article de 60 précisément: "subversion du sujet", met les points sur les i. Non sans que, dès l'origine, le stade du miroir n'ait été présenté comme la vétille qui pourrait réduire la lutte dite de pur prestige comme dissension originaire du Maître et de l'Esclave, au patatras*[118]. (DE ROME 53 A ROME 67: LA PSICHANALYSE. RAISON D'UN ÉCHEC. Scilicet 1, p.46)

Em suma, é possível considerar que as partes superadas do seu ensino sempre estiveram superadas. Mas então como interpretá-las? A que atribuir a sua presença na obra?

O mestre fala mais alto que o pesquisador, e insiste na já mencionada necessidade de corrigir a ignorância:

> *Alors pourquoi en fai-je état? — Justement pour signaler au psychanalyste le Jourdain qu'il franchit aisément pour revenir à cette prose: sans le savoir. Quand ce Jourdain n'est rien que l'aune qu'il transporte avec lui et qui l'annexe, sans même qu'il l'imagine, à la non-coexistence des consciences, tout comme un simple Jean-Paul Sartre.*
>
> *Et puis comment rectifier l'analyse proprement sauvage que le psychanalyste d'aujourd'hui fait du transfert, sinon à démontrer, ce que j'ai fait une année durant, en partant du* ***Banquet*** *de Platon, qu'il n'est aucun de ses effets qui ne se juge, mais pour s'en soutenir aussi, de ce que nous appellerons ici (pour aller vite) ce postulat du sujet supposé savoir? Or c'est le postulat dont c'est le cas de l'inconscient qu'il l'abolisse...* (DE ROME 53 A ROME 67: LA PSICHANALYSE. RAISON D'UN ÉCHEC. Scilicet 1, p.46)

A insistência em esclarecer as considerações do período inicial — cujo cerne poderia pensar-se ser uma teoria da intersubjetividade, bem como algumas concessões àquelas, pelo menos no linguajar, na fase subseqüente — como teoricamente irrelevante, mera propedêutica preambular à introdução da verdadeira dificuldade levantada pela psicanálise, mais do que outra coisa, significa o abismo entre o período posterior e aquele cuja agonia agora se acompanha.

A falta do saber, ou o saber como suposto, é o que se indica ao se pensar — numa terminologia (ainda) freudiana — o que possam ser representações inconscientes (ou seja, que a representação não se represente para sujeito algum).

Contra o psicólogo, o psicanalista desacredita um sujeito que, ao imaginar-se saber, longe de refletir o outro, sem perceber, coloca-se a si mesmo lá. Como?

A ambigüidade proporcionada pelo significante "aune", na língua francesa ao mesmo tempo vara e jarda, presta-se a que metaforize o falo, padrão (lacaniano) de toda a significação. O sujeito põe-se lá por sua "vara" — jarda, medida — e, a preservar-se outra ambiguidade do texto francês, o tumor na pata do cavalo[119] com que se atravessa o rio — da palavra? — Jordão, que o atravessa...

Esmerando-se na potência da palavra para mais e melhor persuadir do valor do falo na fala, sublinhe-se a presumível alusão a um certo senhor Jourdain, personagem de Molière tipificante de uma prosa vazia, mas relativamente à qual a sutileza dos meandros reflexivos lacanianos leva a que se evoque que Jordão é o rio em que Deus, como Verbo (personificado em Cristo, como o senhor Jourdain personifica uma retórica), foi batizado e, portanto, nomeia o Outro, o lugar da Palavra[120].

---

118 Onomatopéia que "indica" queda para trás, aproximável do português "catrapus".

119 Tumor na pata que, ao jogo da medida - da razão! - fálica, adenda a evocação de Édipo, unindo ao defeito - à falta -, a ferida (da castração).

120 Sempre que o termo "palavra" não se aplique a uma qualquer, mas antes indique o patrimônio do Outro, o substantivo grafar-se-á com maiúscula.

Para os avisados com o estilo e a biografia de Lacan, a presença de imagens fortemente imbuídas da tradição religiosa cristã, como a evocação do rio em que João (Batista) batizou o Verbo encarnado, não deve surpreender. Se bem que Lacan fosse ateu, "seu" Outro certamente celebrava a eucaristia, pelo que em vez de se surpreender é mais cabível surpreendê-lo em imagens, motivos, metáforas, e mesmo referências intelectuais ou não, imputáveis à cultura católica. O prosseguimento da investigação, a diversos títulos e por facetas distintas, facultará o reencontro com o imaginário comum a esse berço simbólico. O esclarecimento não pretende trazer à baila peculiaridades psíquicas do autor, mas tão somente contribuir para, demarcando-as, concentrar o leitor no que aqui interessa: a elucidação do impasse do desconhecimento do primeiro Lacan pelo segundo.

A ambigüidade acima apontada, fonte de múltiplos mal-entendidos, pode ser solucionada se se a remediar por uma adequada apreeensão do que julga consistir na descoberta freudiana, considerando a introdução (que atribui a Freud) de uma distinção vital no (e para o) pensamento lacaniano:

> *Seulement, Freud apporte un lien essentiel qui manquait entre ces deux ordres qu'il reconnaît au coeur même de son expérience, à savoir sa découverte, qui est celle de la connaissance et de l'insistance d'effets symboliques provenant de l'inconscient dans le sujet...* (DIALOGUE AVEC LES PHILOSOPHES FRANÇAIS. ORNICAR 32, p.10/1)

Estas duas ordens são a imaginária, tematizada por Lacan a propósito da fundação da psicologia, e a simbólica, o terreno efetivo da psicanálise:

> *Puisqu'il s'agit du discours,... que nous soyons dans l'ordre symbolique est donc manifeste.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.19)

Aqui se está já bem longe do privilegiamento do imaginário, e neste, da imago como campo da psicologia.

Torna-se legítimo, a se ater a uma leitura minuciosa do psicanalista, suspeitar que a evolução cronológica da obra, na verdade, dispõe momentos sincrônicos de sua reflexão, não incompatíveis, mais do que representa a evidência de transformações excludentes dos diacronicamente antecedentes, ainda que o lugar destes no novo contexto implique de algum modo sua reinterpretação. Sem levar em conta a nova dimensão, a verdade unilateral da primeira fase opõe-se às descobertas da segunda.

A fim de bem discriminar os dois registros, requere-se diferenciar o eu, sujeito (do) imaginário, consciência intencional, de **eu**, sujeito (sujeitado pelo) simbólico:

> *Le sujet est le signifié de la pure relation signifiante.* (PROPOSITION DU 9 OCTOBRE 1967 <primeira versão>, Analytica 8, p.10)

Se no que se poderia chamar de psicologia lacaniana o inconsciente, no nível da significação entendido como representação inconsciente, é uma noção inerte, impensável, isso se deve a não ser esse o estrato de complexidade do humano conveniente à sua teorização.

O que no imaginário (psicológico) era impensável, pela psicanálise (enquanto irredutível à psicologia) terá destino distinto:

> *On sait en effet que nous ne nous référons pas ici au sens vague du sujet psychologique qui est précisément ce que l'inconscient met en question.* (PROPOSITION DU 9 OCTOBRE 1967 <primeira versão>, Analytica 8, p.10)[121]

---

121 Esta, bem como a anterior e a subseqüente notícias deste pronunciamento, não se baseiam no texto retificado, publicado em Scilicet, mas sim na transcrição da comunicação oral. Na versão posterior, "corrigida", recalca-se "sujeito psicológico".

O inconsciente é impensável se para tal se contar apenas com o imaginário, condenando-se a, por se invisibilizar a imagem, se perder o rastro do vidente.

A dificuldade prende-se à inobjetividade da cognição[122], que remete o sujeito a nada menos que a si mesmo, levando o pensador a repensar a objetalidade na ciência em geral[123], bem como a recriminar eticamente os intentos de objetivá-lo como objeto da psicologia, além de concomitantemente o induzir a discutir a possibilidade do conhecimento.

É nisso que se resume o desafio que Lacan topou pensar: um lugar do sujeito não objetivante. O que vale tanto para terceiros quanto para si mesmo. Por introspecção alguma poderia por-se ou depor-se o sujeito.

Outra é a situação quando, fiel à prática efetiva da psicanálise, não perdendo "de vista" o dicente, o psicanalista adendar à vista a palavra:

> *L'inconscient* ***est*** *ce que nous disons...* (POSITION DE L'INCONSCIENT — ÉCRITS. p.830)

Porém, tão somente na exata medida em que o que dizemos nos determina,

> *L'inconscient* ***est*** *un concept forgé sur la trace de ce qui opère pour constituer le sujet.* (POSITION DE L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.830)

O fato de ser o que dizemos não quer dizer que seja dito por nós e é fato que no discurso há um sentido além do intencionado, ao qual não se poderia supor o sujeito da significação manifesta.

Antes de encerrar a dedicação à psicologia lacaniana, como, para além do esgotamento de uma aposta intelectual, esta (Primeira) Parte visou propedeuticamente facilitar uma convivência mais pacífica com as novidades subseqüentes, a fim de prevenir descaminhos, não se deve omitir um resultado que é como que um corolário do percurso efetuado até ao momento: a afirmação de que o inconsciente se estrutura como uma linguagem é uma imposição teórica e não uma constatação empírica.

Nem poderia ser de outra forma, se é pela linguagem que se pode posicionar o desconhecimento essencial da subjetividade. Aqui Lacan não afirma nada que não se possa derivar da lógica do seu pensamento. A se levar a sério seus critérios epistemológicos, rigorosos quanto à exigência de não abstratizar a experiência, apenas assinala uma homologia, inevitável, entre a linguagem e o inconsciente. Os detalhes do seu procedimento relativamente a este ponto são descritos na continuação. Por enquanto basta sublinhar que não se trata pois de uma questão de fato, mas de direito (da razão). Não se autoriza em Lacan o absurdo de pretender justificar tal tese pela experiência proporcionada pela clínica.

---

122 *Disons que le savoir référentiel, celui qui se rapporte au référent... n'est bien entendu pas absent du savoir analytique, mais il concerne avant tout les effets du langage, le sujet d'abord, et ce qu'on peut désigner du terme large de structures logiques.* (PROPOSITION DU 9 OCTOBRE 1967 <primeira versão>, Analytica 6, p.10)

123 *C'est... à la restitution du sujet en tant que divisé par l'opération du langage que l'analyse trouve sa diffusion. C'est qu'elle met par là la science comme telle en question, pour autant que celle-ci, d'un objet, fait un sujet, alors que c'est le sujet qui est de lui-même divisé.* (LE SINTHOME, 9-12-75, Ornicar 6, p.16)

SEGUNDA PARTE

EPISTEMOLOGIA E PSICANÁLISE

Si mon dire s'impose, non, comme on dit, d'un modèle, mais du propos d'articuler topologiquement le discours lui-même, c'est du défaut dans l'univers qu'il procède, à condition que pas lui non plus ne prétende à le supléer.

L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, 33/4

A psicanálise, previamente distinguída como direção promissora ao advento do estudo científico da personalidade, na verdade presta outro serviço. Pela evidência racional proporcionada na perquirição daquela meta, mostra como se se a perseguir conseqüentemente, e se se obedecer às indicações e aos cuidados requeridos, no lugar da fundação desemboca-se no resultado oposto: a impossibilidade da psicologia e, pior, do conhecimento em geral.

Nesta (Segunda) Parte apresentam-se as decorrências do fracasso do empreendimento epistemológico, explorando-se os produtos sólidos da demolição da psicologia, em prol da fundação de outra coisa.

Primeiramente, enfocando as conseqüências da peculiaridade do "espírito humano", que o torna inapto ao conhecer, e na continuação especificando essa condição pelo determinante inconsciente.

O fruto desta introdução à verdadeira problemática lacano-psicanalítica é um amplo painel do que, subseqüentemente, se haverá de detalhar. Enquanto esclarecimento do patamar em que se tece a reflexão psicanalítica, além de propiciar uma visão de conjunto do que se lhe segue, propõe-se como matriz ordenadora do arrolamento dos problemas próprios a este momento e definição do horizonte cabível ao intento de esmiuçamento de soluções.

I

INCONSCIENTE E EPISTEMOLOGIA

... pour nous il n'y a pas d'impensée. La nouveauté pour la psychanalyse, c'est que là où... il y a cette impensée, ça pense...

18-5-66

21. SABER E INCONSCIENTE

A não pressuposição de qualquer grau de conaturalidade entre sujeito e objeto torna, em psicanálise, mais necessária a clara demarcação entre conhecimento e saber, freqüentemente desprezada pelo senso comum. Lacan preserva a distinção.

O que o motiva é o que descobre com a aventura epistêmico-psicológica.

A psicologia desvenda que o sujeito, pelo conhecimento, mais do que representar, participa da constituição do mundo. Se o mundo é construído pela atividade psíquica, não é propriamente uma realidade objetiva representável como conteúdo psíquico. A des-realização do que se produz como suposto referente, na medida em que o conhecimento não se modela por uma facticidade prévia, mas é esta que **a posteriori** é psiquicamente forjada, contribui para avantajar o papel do funcionamento puramente formal do pensamento e reduz o suposto conhecimento a algo a que o conceito não mais cabe.

Não obstante o (confuso) senso comum apostar no inverso[124], o paradigma do conhecer seria o instinto. O conhecimento é apanágio da condição animal. É precisamente a incapacidade de dizer o instinto que o alça à condição de caso puro de conhecimento:

> *... nous insistons à promouvoir que, fondé ou non dans l'observation biologique, l'instinct parmi les modes de connaissance que la nature exige du vivant pour qu'il satisfasse ses besoins, se définit comme cette connaissance qu'on admire de ne pouvoir être un savoir.* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.803)

Se a familiaridade do sujeito ao objeto, intrínseca no instinto, surpreende por nem minimamente levar em conta a possibilidade de codificar informações sobre o objeto (por passar ao largo do procedimento de descrevê-lo proposicionalmente) e portanto não ser saber, no nível do que sucede ao que sucede a psicologia, a psicanálise, a situação é radicalmente diversa:

> *Mais autre chose est ce dont il s'agit chez Freud, qui est bien un savoir, mais un savoir qui ne comporte pas la moindre connaissance, en ce qu'il est inscrit en un discours, dont, tel l'esclave-messager de l'usage antique, le sujet qui en porte sous la chevelure le codicille qui le condamne à mort, ne sait ni le sens ni le texte, ni en quelle langue il est écrit, ni même qu'on la tatoué sur son cuir rasé pendant qu'il dormait.* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.803)

Agora conta-se com um poder razoar sobre o objeto, um saber, mas não se conta (cognitivamente) com o objeto que proporciona o razoar.

A exclusão da possibilidade de objetivação realista, em primeiro lugar, da imago, e posteriormente de qualquer coisa, compromete genericamente a cognoscibilidade. Que por sua vez compromete a aceitabilidade de

> *... la formule traditionnelle du sujet, à savoir ce qu'il peut avoir d'éxhaustif dans tout rapport avec l'objet.* (16-1-63)

Compromete-a, porque em psicanálise o sujeito

> *... n'est pas simplement le corrélatif noétique de l'objet.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.370)

---

124 *Populairement, l'idée de l'instinct est bien l'idée d'un savoir – d'un savoir dont on n'est capable de dire ce que ça veut dire, mais qui est censé, et non sans titre, avoir pour résultat que la vie subsiste.* (LE SÉMINAIRE – LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.15)

E não o pode ser, precisamente porque o objeto está perdido. Sua representação objetiva, por inconsciente, escapa ao sujeito. E escapando-lhe, indetermina-se o sujeito que haveria de posicionar-se em relação ao objeto:

> *... le savoir est ce terme opaque où vient, si je puis dire, se perdre le sujet lui-même...* (27-11-68)

O sujeito se perde no sentido de não poder se correlacionar a um objeto, o que o impossibilita inclusive de poder referenciar-se especular e intersubjetivamente a si mesmo:

> *... être sujet, c'est autre chose que d'être un regard devant un autre regard, selon la formule que j'ai appelée psychologiste...* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.299)

Não que a partir da psicanálise não se possa falar a respeito de objeto. Só que o estatuto do objeto se diferencia drasticamente do objeto do conhecimento. O objeto, por definição incognoscível, incide em relação ao sujeito, não como ente a ser conhecido, mas como algo que escapa, está em falta, associado a um saber sem objeto, um não conhecimento.

É objeto a falta de objeto.

A mesma falta de objeto faz com que no psiquismo e na (sua) realidade sempre nos deparemos única e exclusivamente com o sujeito e, além de explicar a dura conseqüência da impossibilidade do conhecimento (anteriormente antevista), afeta a natureza do que passe a realmente revelar-se ser o que se imaginara como tal.

O que há de objetal não se acessa cognitiva e conscientemente e, marcando-se como falta, existencia um sujeito desejante[125]. Como falta de objeto traduz-se numa feitura social do que, em função da interação (sempre equívoca) entre subjetividades, valha como tal: um objeto negativo, solidário da essência do sujeito como desejo.

Ora, assim sendo, o estatuto epistêmico do objeto vê-se abalado (e abalar-se...):

> *L'objet humain se distingue par sa neutralité et sa prolifération indéfinie. Il n'est dépendant de la préparation d'aucune coaptation instinctuelle du sujet, comme il y a coaptation, emboîtement d'une valence chimique avec une autre. Ce qui fait que le monde humain est un monde couvert d'objets est fondé sur ceci, que l'objet d'intérêt humain, c'est l'objet du désir de l'autre.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.50)

O objeto do interesse não coincide necessariamente com o objeto do conhecimento, e se todo o sentido do tópico anterior se poderia sintetizar na afirmação de que este falta, cumpre constatar que o que falta é o conhecimento.

O conhecimento, que na psicologia se supunha imbricado na constituição da realidade, agora vê a sua natureza conformar-se à natureza do sujeito, especificar-se como prova ilusória do acesso à meta do desejo, disfarce da presença da falta. Como a natureza do sujeito, por este fato, é da ordem do desejar[126], o que fenomenicamente se apresenta como conhecimento, em vez de captura representativa de um impossível referente objetivo, é ficção, a serviço do querer aceder ao objeto.

Trocando em miúdos, Lacan, com e como a psicanálise, também compreende que, imediatamente, a percepção é da ordem da alucinação.

Assim como a representação supõe a presença, a inconsciência ou não representabilidade deixa o objeto sem lugar, impossibilita-o. E falta também o sujeito onde sempre se o imaginara, pois ao supô-lo sujeito do conhecimento, miragem que não deve ser confundida com o sujeito estrito senso, coloca-se-o na ilusão (do conhecimento):

---

125 *... le sujet humain, le sujet du désir qui est l'essence de l'homme...* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.99)

126 *S'il est vrai qu'avec Spinoza nous pouissions dire que cet être essentiel c'est son désir.* (7-1-59)

... le sujet auquel nous avons affaire, par le fait qu'il est essentiellement un sujet qui parle, ne saurait se confondre avec le sujet de la connaissance. (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRANSFERT. p.435)

Por isso, a fidelidade ao entendimento dos fenômenos "mentais" como de natureza cognitiva apenas se pode preservar na forma de sua aproximação de um saber sem cognição.

A partir da necessidade de compreender o inconsciente como um processo da ordem da cognição, mas absolutamente desligado de qualquer uma, não há outra maneira de proceder que não esta.

Posto que a noção de representação inconsciente diz simplesmente da irrepresentabilidade do objeto, falta o conhecimento, pelo menos na medida em que se tome a (possibilidade de) representação do objeto como sua condição necessária[127].

Em conseqüência, algumas alterações na concepção tradicional de sujeito tornam-se imprescindíveis. Todas determinadas pela perda do objeto.

A largos traços podem resumir-se a uma necessária restrição do sujeito clássico:

... le modèle nous est donné par la conception classique du sujet à cette seule condition que nous le limitons au fait qu'il parle, et dès qu'il parle, il se produit quelque chose... (28-11-62)

A restrição apenas explicita o abandono da pretensão cognitiva. Na ausência de um referente objetivo, se não se se o determinar pela (mera) articulação verbal, o sujeito ficará (e fica) à deriva.

A propriedade de falar, independentemente, principalmente, do que se diga, e sequer de que se saiba o que se diga, passa a ser o traço decisivo na caracterização do sujeito.

Característica que, longe de se restringir ao âmbito psicanalítico, a fim de explicar a subjetividade é generalizada:

... rien d'autre ne supporte l'idée traditionnelle philosophique d'un sujet, sinon l'existence du signifiant et de ses effets. (15-11-61)

Mais adiante se dedica um capítulo inteiro[128] ao desvendamento da razão pela qual, para expressar a vinculação do sujeito à palavra, Lacan recorre ao termo técnico "significante". Por enquanto, antes da consideração sistemática do assunto, basta saber que "significante" vale como a especificação (a ser esclarecida) da incidência potencialmente subjetivante da linguagem. Entrementes, a generalidade desta explicação provisória não prejudica o alcance e em nada interfere na argumentação ora desenvolvida, bem como é o suficiente para que se compreendam as próximas aparições do mesmo termo, ainda neste e nos capítulos mais próximos.

O saber, enquanto esvaziado de qualquer objetividade substantiva, mera forma verbal, implica o sujeito simplesmente como dicente. Nada da (imaginária) ordem substancial pode oferecer estabilidade — quer dizer, não pode paralisar o discurso. Ou seja, pelo ato da dicção, tal como a palavra que o posiciona e dinamicamente o reposiciona, o sujeito só se encontra móvel.

Pois se, psicanaliticamente tratado, o sujeito necessariamente apresenta a característica negativa de excluir o conhecimento, a resultante é também se o excluir do conhecimento.

Logo, ser feito inconsciente:

... le sujet n'est pas pour nous le sujet de la connaissance, mais le sujet de l'inconscient. Il ne s'agit pas de spéculer de lui comme de la pure transparence à soi-même de la pensée, puisque c'est justement là contre que nous nous élevons. Que la pensée soit transparente est une pure illusion. (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.435)

---

127 Pois ninguém seriamente duvidaria da possibilidade de ficcionar qualquer algo no lugar da falta do objeto...

128 O terceiro da terceira parte.

A conseqüência primeira da insubstantividade da cognição não é outra. Aspecto fundamental da vivência (do) inconsciente, o sujeito está perdido — ou, como prefere Lacan, subvertido — no encalço das vicissitudes do seu destino, gravado nesse razoar (segundo linhas cujo traçado e conseqüências adiante se consideram).

Por este viés se ressalta a relevância da psicanálise para uma meditação sobre a subjetividade: o reconhecimento de algo tão ou mais admirável que um conhecimento desprovido de saber, um saber totalmente destituído de conhecimento.

Postas estas generalidades, é importante especificar, por mais vago que por ora possa soar, o tipo específico de saber, nos antípodas do instinto, colocado em jogo pela especificidade humana.

Menos que deduzir, não é difícil explicitar que

> *... le savoir en question n'était ni plus ni moins que l'inconscient.* (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE BÉVUE S'AILE À MOURRE, 11-1-77, Ornicar 14, p.5)

Importa marcar que, de alguma maneira, há um saber que pode ser metaforizado pela designação de inconsciente. Um saber que, mesmo sem o saber, desde sempre instigou Lacan:

> *... je ne me suis jamais attaché à autre chose qu'a ce qu'il en ait de ce savoir dit inconscient.* (11-6-74)

Em função do imperativo de pensar o inconsciente, mesmo quando o autor ainda nem o suspeitava, o projeto lacaniano progressivamente se descobriu sendo coagido a, para estabelecer-se, requerer uma rigorosa demarcação entre saber e conhecimento. De modo a, no limite, estabelecer o inconsciente como um saber radicalmente sem conhecimento. Ou seja, um saber cuja especificidade merece ser referida discriminativamente, demarcando-o dos demais por sua desvinculação de qualquer representação do objeto:

> *Bon, alors ce dont il faut partir... c'est cette forte affirmation que l'inconscient n'est pas une connaissance: c'est un savoir, et un savoir en tant que je le définis de la connexion de signifiants.* (11-6-74)

A dedução ora efetuada assegura a coerência do trajeto seguido: queria-se encontrar uma maneira de não reduzir o inconsciente e, pelo visto, o isolamento do saber incognitivo abre a via para o pensar.

Pensar a um só tempo o não conhecimento do objeto e um saber de certo modo sem sujeito. Sem o sujeito que se antepõe a todo o gênero de vínculos discerníveis com o objeto.

À primeira vista o saber fala sozinho (na acepção de que o sujeito não aparece):

> *... le savoir est chose qui se dit, qui est dite. Eh bien, le savoir parle tout seul, voilà l'inconscient.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.80)

Assim sucede perante o olhar descritivo. Mas posto que, enquanto saber, pressupõe um sujeito (inconsciente), logicamente se impõe concebê-lo como um saber que não se sabe saber:

> *... le vrai nerf de la recherche sur l'identité du sujet est de savoir comment un sujet se soutient devant l'accumulation du savoir. C'est précisement cet état extrême que la découverte de Freud bouleverse. Découverte qui veut dire, et qui dit, qu'il y a <<une pensée>> qui est savoir sans le savoir.* (10-6-65)

Eis uma razão, além do frenesi substancializante do desejo de obturar a falta, do fato do saber parecer coisa (já que aparece como tal). O saber (inconsciente) não se sabe nem ao menos saber, pois quem o saberia, o sujeito, está perdido. E por isso (na clínica psicanalítica)

surge em toda uma vasta gama de queixas sobre pseudofatos que lhe sucedem, sem perceber que é "ele" que é o acontecimento.

A dificuldade de trato com esse saber, tanto clínica quanto teórica, prende-se ao que propriamente justifique o que faça admissível o (abusivo) uso do termo inconsciente: a mera referência ao que para o sujeito não é referível, ou o paradoxo da sua feitura — tanto como ação de referir um sem referência, quanto como ato gerador de um saber. Noutros termos: pensar o inconsciente é propor-se como objeto o por definição inobjetivável. Ambigüidade que, se se verificar de perto, culmina em paradoxos que não estão na articulação razoante do psicanalista, e sim na singularidade do tipo de saber que "inconsciente" especifica:

> *... nous savons que quelque part — en cette part que nous appelons inconscient — une vérité s'énonce qui a cette propriété que nous n'en pouvons rien savoir. Ceci, j'entends ce fait même, c'est là ce qui constitue un savoir.* (5-3-69)

Para Lacan, o saber assim entendido instaura-se em ruptura com a tradição. A ponto de justificar-se a afirmação de que

> *L'émergence de l'inconscient comme un savoir, un savoir propre à chacun particulier, est de nature à changer la notion du savoir qui a dominé dès l'Antiquité.* (R.S.I., 18-2-75, Ornicar 4, p.105)

A referência ao inconsciente como saber, longe de ocasional, é constante. Mais do que a forma de precisar o inconsciente, razão da investigação psicanalítica, esse saber explicitamente é dimensionado de modo que não apenas repercute a pertinência da sua consideração no campo da reflexão epistemológica (em sentido lato), como indica ser este o ponto de partida conveniente ao seu tratamento:

> *... l'inconscient ne se conçoit d'abord que de ceci: que c'est un savoir.* (23-4-74)

O pensador radicaliza as profundas implicações da descoberta freudiana para uma epistemologia (em sentido estrito), ironicamente asseverando que elas são nulas:

> *... l'inconscient subvertit d'autant moins la théorie de la connaissance qu'il n'a rien à faire avec elle pour la raison que je viens de dire: à savoir, qu'il lui est étranger.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.84)

Mas precise-se o significado da passagem com a ponderação que desnuda o sentido efetivo que sua retórica, para mais o ressaltar por uma difusividade que o onipresentifica, aqui encobre:

> *C'est sans qu'il y soit pour rien qu'on peut dire que la théorie de la connaissance n'est pas, pour la raison qu'il n'y a pas de connaissance qui ne soit d'illusion ou de mythe.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.84)

Lacan é peremptório:

> *Pas de connaissance. Mais du savoir, ça oui, à la pelle, à n'en savoir que faire, plein des armories.*
>
> *De là, certains (de ces savoirs) vous crochent au passage.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.85)

Portanto, para destrinchar o inconsciente conta-se com uma concepção do saber e uma experiência, a da linguagem, cujo conteúdo é mera forma. Quer dizer, encontram-se prontos os meios para tratar o inconsciente como um lugar insubstantivo.

Graças ao fiasco do empreendimento fundacionista da psicologia, a partir de então a natureza (do universo dos objetos), a constituição do conjunto articulado que para o sujeito

(humano) valha como referencialidade objetal, sabe-se ser arquitetura insubstantiva. Diga-se ser, e não ter (arquitetura insubstantiva), por não haver como especificar uma substância que possibilite tomar a forma como seu predicado. Quer dizer, o formalismo sugerido não é dualisticamente pensado em contraposição a algum conteúdo substantivo a que a forma se possa referir. A forma em si mesma é ilusionisticamente suficientemente capaz de gerar todos os efeitos aparentemente não formais.

Do lado do objeto este é o quadro. Porém, o que aí se delineia, rigorosamente, não é simétrico com o que ocorre do lado do polo sujeito.

É bem certo que de algum modo ao dizer se suponha um dicente:

> *... du moment qu'il y a savoir, il y a sujet...* (17-1-68)

Afinal o saber nada mais é do que uma articulação significante e, enquanto Palavra, não obstante a opacidade, pressupõe um sujeito:

> *... tout savoir implique sujet...* (25-6-69)

A obviedade não pode obnubilar que freqüentemente o saber aparece contrariando a intencionalidade da subjetividade que aparentemente o suporta (num ato falho, por exemplo). São precisamente estes casos que interessam à psicanálise. São eles que empiricamente atualizam o inconsciente e é em função deles que o termo, metapsicologicamente, é preservado.

Em tais circunstâncias, embora pareça que se lida com um saber sem sujeito, o que de fato se passa é que a falta do suposto sujeito desse saber é inteiramente solidária de uma sua proliferação imprevisível. "Transtorna-se" o entendimento do sujeito, a ponto de Lacan asseverar:

> *Si je maintiens le terme de sujet pour ce que construit cette structure, c'est pour que ne reste aucune ambiguité sur ce qu'il s'agit d'abolir, et qu'il s'abolisse, au point que son nom soit réaffecté à ce qui le remplace.* (PETIT DISCOURS À L'O.R.T.F., Ornicar 35, p.11)

Claramente, em diferentes momentos, Lacan joga com demarcações distintas do sujeito. Quando fala do saber (inconsciente) sem sujeito, refere-se à concepção tradicional deste, que imprescinde do objeto. Quando insiste na inerência do sujeito ao saber, já ressalta o que, além do enganoso na tradição, lhe é intrínseco. O autor não cuida apenas de uma correção, pela qual se apontaria o foco sobre o mais pertinente na determinação do sujeito. Faz questão de sublinhar o seu procedimento como uma decisão, para realçar a inadmissibilidade da concepção que a (sua) psicanálise se encarregou de abolir.

Neste tópico, a argumentação lacaniana visa a uma meta bem específica. Como a delimitação do âmbito de incidência do inconsciente efetuada por Freud, ainda que pragmaticamente de algum modo permita a clínica, por si só não permite que se julgue definido o inconsciente, Lacan pensa justificar-se, dado o seu esmero na consideração da problemática enfocada, o atribuir-se, que não a descoberta, a fundamentação do campo a ele relativo:

> *L'inconscient donc n'est pas de Freud, il faut bien que je le dise, il est de Lacan. Ça n'empêche pas que le champ, lui, soit freudien.* (OUVERTURE DE LA SECTION CLINIQUE, Ornicar 9, p.10)

A confissão tem uma importância excepcional. Até para apaziguar os atormentados pela fidelidade ou pela traição do psicanalista a Freud. Clarissimamente, com independência, o pensador continua nutrindo a sua reflexão por entre as trilhas abertas pelo seu ilustre antecessor. Mas não pretende repeti-lo.

O que, relativamente ao ponto ora tratado, colhe em primeiro lugar da frequência aos textos freudianos é a (sua) constatação de que, quanto ao inconsciente, o material positivo de que se dispõe é o exercício (a que se supõe um sujeito) da palavra.

Portanto, para a fundação do campo do inconsciente é necessário pensar-se

> *... un domaine isolable dans le champ appelé jusqu'ici psychologique qui est le domaine de ce qui est déterminable comme champ du langage et excelle dans ce champ qui est la parole, que ceci est définissable. C'est la fonction du sujet, fonction du sujet qui n'est pas... fonction d'absence mais fonction au contraire de la présence intense de quelque chose de caché, ce qui est ce qui nous ramène au fondement freudien de l'inconscient...* (23-3-66)

Como esta função, dada a impossibilidade de verificar o sujeito fora da fala, apenas se depõe pela facticidade desta — e sob pena de, saindo da experiência, mal pensar a subjetividade — é legítimo cogitar a sua dependência da palavra:

> *Le signifiant détermine le sujet, vous dis-je, pour autant que nécessairement c'est cela que veut dire l'expérience psychanalytique.* (30-5-62)

Ou seja, do viés da psicanálise (lacaniana) é relevante introduzir prioritariamente a problemática da linguagem.

Em si mesmo, sem esse passo, o inconsciente é inabordável:

> *Je dis: l'inconscient n'est pas une notion. ...*
> *Il doit nous suffire de poser que l'inconscient est. Ni plus ni moins.* (RADIOPHONIE. Scilicet 2/3, p.84)

Deste "nem mais nem menos" interessa por enquanto averiguar o "nem mais": o inconsciente, há que pensá-lo fora do registro de qualquer terminologia, ainda que diluída, atinente ao registro epistêmico.

Não é outra coisa o que, após o trabalho de expurgo de restos de teorias agora mortas e de preparação dos meios, se visa agora empreender.

22. SABER E LINGUAGEM

A pertinência da reflexão sobre estrutura e linguagem, bem como o seu correto encaminhamento, só é possível em função da posição epistemológica a que, devido ao inconsciente, se é coagido.

É importante assinalar a curiosa manobra pela qual Lacan dissocia o inconsciente de qualquer pertinência ao âmbito do conhecimento, como meio ou como objeto.

A noção de estrutura presta-se a tanto a vários títulos. É, enquanto pura forma, modo conveniente de, sem o substancializar, aperceber o lugar do objeto:

> *La structure, **elle**, c'est une notion: d'élaborer ce qu'il s'ensuit pour la réalité, de cette présence en elle des formules du savoir, dont je marquais plus haut qu'elle est son avènement notionnel.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.84)

Porém, exatamente por não se mover no horizonte da dicotomia forma-conteúdo, tal "formalismo" requer cuidados. Por a estrutura enquanto tal preencher excluindo qualquer veleidade substancializante, nesta acepção, é importante não confundi-la com uma concepção não estruturalista de forma[129]. Pois, além do mais, presta-se também a equivaler-se ao campo verdadeiro da experiência possível a partir da descoberta revolucionária de Freud, a

---

129 ... *la structure n'est pas la forme...* (REMARQUE SUR LE RAPPORT DE DANIEL LAGACHE – ÉCRITS, p.649)

linguagem[130]. Equivalência que, não sendo um paralelismo isomórfico, também não é uma identidade, cabendo assinalar suas nuances.

Em primeiro lugar há que claramente determinar a direção da equivalência:

> *... ce n'est pas la même chose de dire que l'inconscient est la condition du langage, ou de dire que le langage est la condition de l'inconscient.* (LE SÉMINAIRE, LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.45)

O pior equívoco, o mais irracionalizante, seria confundir a linguagem **como** condição de qualquer possibilidade de experiência — como, em tese, a única base da experiência, a partir do modo como esta em função do (saber) inconsciente se desvenda —, com a afirmação positivizante de um saber cognitivo — psicologizante, predicativizante e erroneamente fundamentada na experiência (da qual não se pode derivar nenhum saber positivo) —, que consistiria na afirmação do inconsciente como suporte da linguagem.

Quando se parte da última tese confessa-se a ingenuidade, incompatível com o percurso descrito, de imaginar conhecer o inconsciente. Até ao ponto de saber como condiciona a linguagem!

Ora, pelas razões vistas, o sentido do cuidado lacaniano é não objetivar o inconsciente. Não tem cabimento por isso estabelecê-lo como uma instância reguladora da linguagem.

Teses como a descartada (que não obstante os cuidados do pensador vez por outra se insinuam no meio psicanalítico) são tão mais absurdas por se proporem à luz do dia na psicanálise, o campo que historicamente se prestou a denunciá-las. Tal grosseria é surda à delicadeza com que, pela linguagem, Lacan intenta concretizar um modo de incidência do inconsciente, uma maneira empiricamente acessível de verificação dos seus efeitos.

A par da ênfase, a fidelidade a si mesmo e a esta idéia mantém-se com grande nitidez ao longo dos anos, sendo surpreendente que se tenha podido mal interpretar o psicanalista quanto a um aspecto tão nuclear ao espírito de sua obra. Ainda mais quando não se furta a explicitá-lo reiteradamente:

> *Si je dis que tout ce qui appartient à la comunication analytique a structure de langage, cela ne veut justement pas dire que l'inconscient s'exprime dans le discours. La TRAUMDEUTUNG, la PSYCHOLOGIE DE LA VIE COTIDIENNE et le MOT D'ESPRIT le rendent transparent — rien n'est explicable des détours de Freud si ce n'est que le phénomène analytique comme tel, quel qu'il soit, est, non pas un langage au sens où ça voudrait dire que c'est un discours — je n'ai jamais dit que c'était un discours —, mais structuré comme un langage. C'est en ce sens qu'on peut dire qu'il est une variété phénoménale, et la plus révélatrice, des rapports de l'homme au domaine du langage. Tout phénomène analytique, tout phénomène qui participe du champ analytique, de la découverte analytique, de ce à quoi nous avons affaire dans le symptôme et dans la névrose, est structuré comme un langage.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.187)

Quem se ativer a uma leitura atenta não somente aos resultados a que Lacan chega, mas também aos impasses que o guiam — podendo remeter-se não apenas a uma descrição do sistema pronto, mas também apreciar devidamente cada decisão construtora da teoria, contrastando avaliativamente as alternativas desprezadas com cada tese assumida — não deixará passar a profunda sintomaticidade da reflexão do inconsciente como saber, amplamente sugestiva da correção da prioridade de razões que aqui é defendida. Aquele que assim proceder, discernirá no empreendimento lacaniano esta ordem. Ordem capaz de, além de descrever, explicar a obra nela mesma, não a reduzindo à aplicação de idéias mais ou menos vulgarizadas pelo estado de outras disciplinas contemporâneo ao seu desenvolvimento.

A justificar-se o trajeto que se vem cumprindo não se justifica a concepção vinculadora da psicanálise ao destino da teoria lingüística que adote como disciplina auxiliar. Ao contrário, há razões para crer que a adesão lacaniana à concepção estrutural em lingüística decorra da

---

130 ... *la structure, soit le langage.* (TÉLÉVISION, p.18)

sua utilidade para o equacionamento da situação a que, no bojo de uma original e profícua reflexão epistemológica, é conduzido.

A lingüística estrutural aparece sob medida para cumprir o papel de falar de uma experiência do humano em que este é implicado numa experiência de que, no sentido clássico do termo, não é sujeito:

> *Un psychanalyste doit s'assurer dans cette évidence que l'homme est, dès avant sa naissance et au-delà de sa mort, pris dans la chaîne symbolique, laquelle a fondé le lignage avant que s'y brode l'histoire, — se rompre à cette idée que c'est dans son être même, dans sa personnalité totale comme on s'exprime comiquement, qu'il est en effet pris comme un tout, mais à la façon d'un pion, dans le jeu du signifiant, et ce dès avant que les règles lui en soient transmises, pour autant qu'il finisse par les surprendre, — cet ordre de priorités étant à entendre comme un ordre logique, c'est-à-dire toujours actuel.* (SITUATION DE LA PSYCHANALYSE EN 1956 — ÉCRITS, p.468)

Um dos argumentos em prol da interpretação aqui defendida é o caráter dogmático que seria conferido à teoria lacaniana se se a assentasse numa adesão acrítica ao estruturalismo lingüístico, da qual se derivasse o conjunto das suas teses. Caráter pouco conforme com a profunda inquietude e insistente preocupação epistemológica que desde sempre trespassam seus textos, e expressamente desmentido pela tranqüilidade "instrumental" evidenciada na distinção entre as virtudes do método[131] e a efemeridade da doutrina[132].

A desinibição com a qual o autor altera ou pelo menos imprecisa as concepções lingüísticas, também parece afigurar-se argumento em prol do caráter utilitário do recurso à disciplina, inessencial no plano das razões.

Adapta sem cerimônia os resultados do estudo estruturalista da língua à necessidade de teorizar o que descobre no seu campo[133], chegando até a inverter a situação e garantir que a psicanálise é imprescindível à lingüística:

> *... à énoncer que Freud antecipe la linguistique, je dis moins que ce qui s'impose, et qui est la formule que je libère maintenant: l'inconscient est la condition de la linguistique.* (RADIOPHONIE. Scilicet 2/3, p.58)

Note-se o óbvio: dizer que o inconsciente é a condição da linguagem é muito diferente de afirmar que é a condição da lingüística. A linguagem é a base empírica em função da qual concretamente se pode cogitar qualquer saber, mesmo o não sabido. Porém, do ponto de vista psicanalítico, como linguagem necessariamente pressupõe um sujeito, ainda que não se o encontre. Admitir a importância do inconsciente para a lingüística é levar em conta aquele dado, tão fundamental, e este fato, tão óbvio, a ponto de, na falta de clareza quanto a isso, distorcer-se a concepção de linguagem e comprometer-se o seu estudo.

O que se encontra até este momento de exposição da problemática aberta pelo inconsciente freudiano é suficiente para discutir uma orientação interpretativa da obra lacaniana, antagônica à que se constata ser a inferível do manuseio dos documentos do pensamento do autor. Poder-se-ia abordar o lacanismo, em especial a problemática do inconsciente tal como é trabalhada por Lacan, descritivamente a partir de constatações de natureza lingüística quanto ao modo de funcionamento da linguagem, condições de produção da significação, etc. Enfim, poder-se-ia trabalhar a partir da suposição do caráter evidente da perversão que a inaturalidade do simbólico provocaria nas relações do eu com o mundo, o que equivaleria a reduzir a psicanálise lacaniana a um exercício de ilustração das conseqüências no

---

131 *La structure, elle, n'est pas près de passer parce qu'elle s'inscrit dans le réel, ou plutôt qu'elle nous donne une chance de donner un sens à ce mot de réel, au-delà du réalisme qui, socialiste ou non n'est toujours qu'un effet de discours.* (PETIT DISCOURS À L'O.R.T.F., Ornicar 35, p.11)

132 *Le structuralisme durera ce que durent les roses, les symbolismes et les Parnasses: une saison littéraire, ce qui ne veut pas dire que celle-ci ne sera pas plus féconde.* (PETIT DISCOURS À L'O.R.T.F., Ornicar 35, p.11)

133 Por exemplo, o fato da inconsciência condu-lo a negar uma conexão transparente entre um significado e um significante.

psiquismo de teorias da língua bastante recentes, cuja verdade seria tomada como inquestionável.

Porém, precisando com o pensamento lacaniano a fonte desta linha de subprodutos da sua argumentação, verifica-se que, nuclearmente, não procede. Dizer que a linguagem está ligada ao saber é dizer que a análise se prende ao inconsciente. E não, invertendo a ordem de razões, crer que a linguagem determina o inconsciente.

Ainda que momentos do seminário pareçam comportar a leitura contrária[134], isso sugere-se apenas superficialmente. Tais momentos, há que equacioná-los pela real relevância que assumem num contexto mais amplo. O que querem dizer não é que, por nele se tratar de dar conta da sugestão de coisas imanente ao fato da fala, à linguagem se reduza o inconsciente. Mas sim que a incidência dela no sujeito atualiza esse tipo de saber que o inconsciente é. Subsídios mais contundentes para o esclarecimento deste ponto encontram-se e só podem ser apreciados no próximo capítulo.

Por enquanto há que deixar dois pontos bem claros: não é o inconsciente que fundamenta a linguagem, é pela linguagem que há notícia do inconsciente. Contudo, ainda que panoramicamente se constate na palavra as possibilidades de dicção do inconsciente, este não se reduz a quaisquer efeitos daquela: a linguagem não o fundamenta, sendo apenas condição epistêmica da sua empiricidade.

Nem o inconsciente é a condição da linguagem, nem a esta o primeiro se reduz. As duas teses são equívocos complementares, unânimes na grosseria de achatar uma condição epistêmica em (pretenso) conhecimento de fato.

Em verdade a única razão dessas confusões é o descaso, por desatenção ou por ignorância, para com a dimensão epistemológica da reflexão lacaniana. Pois é deste patamar que, a fim de assegurar a concretude do inconsciente, se exige que a sua forma não se distinga da da linguagem.

É na perspectiva de, ao mesmo tempo, salvaguardar a fenomenalidade dos efeitos inconscientes e a inobjetivação do inconsciente, que Lacan mobiliza a noção de estrutura. E no intuito de ressaltar a homologia entre a estrutura e a linguagem, imprescindível à salvaguarda do primeiro aspecto, Lacan chega a nomear a primeira pela segunda:

> ***Le** langage ne peut désigner que la structure dont il y a effet de langages, ceux-ci plusieurs ouvrant l'usage de l'un entre autres qui donne à mon **comme** sa très precise portée, celle du **comme un** langage, dont justement diverge de l'inconscient le sens commun.* (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, p.45)

A aparente ambigüidade entre a identidade da estrutura com a linguagem e a distância entre ambas esclarece-se facilmente levando-se em conta o terreno (epistêmico) no qual se traça o raciocínio lacaniano. O fenômeno discursivo subordina-se a um ordenamento equacionável pela noção de estrutura, a qual cada linguagem atualiza, mas que não se confunde com a empiricidade de cada uma delas. A estrutura só se confunde com a linguagem quando esta designa não uma linguagem, mas **a** linguagem. Então porquê, dado o risco de mal entendidos, o psicanalista insiste em nomear a estrutura de linguagem?

Mais uma vez por razões não empíricas. Não fazê-lo seria, no plano da codificação lingüística de uma prática que também visa transmitir-se, correr o risco enorme de perder o rastro do que na ausência substantiva do objeto marque a forma da (sua) falta. Seria incorrer em abstrações, não mais no plano do conhecimento como experiência empírica, mas no da teorização da falta deste tipo de experiência.

Siga-se o cabal esclarecimento da posição de Lacan quanto a estes pontos:

> *Si l'inconscient est structuré **comme** un langage, je n'ai pas dit: par —.L'audience, s'il faut entendre par là quelque chose comme une acoustique mentale, l'audience que j'avais alors était mauvaise, les psychanalystes ne l'ayant pas meilleure que les autres. Faute d'une remarque suffisante*

---

134 *L'inconscient, c'est ça, c'est qu'on a appris à parler, et que, de ce fait, on s'est laissé, par le langage, suggérer toutes sortes de choses.* (10-1-78)

*de ce choix (évidemment pas un de ces traits qui les touchaient, de les é-pater — sans plus d'ailleurs), il m'a fallu auprès de l'audience universitaire, elle qui dans ce champ ne peut que se tromper, faire état de circonstances de nature à m'empêcher de porter mes coups sur mes propres élèves, pour expliquer que j'aie laissé passer une extravagance telle que de faire de l'inconscient "la condition du langage", quand c'est manifestement par **le** langage que je rends compte de l'inconscient: **le** langage, fis-je donc transcrire dans le texte revu d'une thèse, est la condition de l'inconscient.* (L'ÉTOURDIT. Scilicet 4. p.45)

Bem entendido, condição epistêmica — pois é por meio da linguagem que pode dar conta do inconsciente —, embora destituida de repercussão cognoscitiva, porque dar conta das suas operações não significa conhecê-lo (pois isto significaria propor como objeto do conhecimento o "multi-absurdo" de uma representação inconsciente). A diferença entre **como** e **por**, afinal, é que pelo último se expressa uma determinação "empírica" afirmada do inconsciente, ou seja, um determinismo objetivo (e objetivante...).

Pelo segundo se expressa um saber **sobre** — um conhecimento positivo do inconsciente —, enquanto pelo primeiro meramente se assinala as circunstâncias das manifestações em que se faz acessível, sem se entrar no mérito da sua natureza ou dos seus predicados.

A linguagem é a "carnalidade" da estrutura. É o meio de concretizar a estrutura na experiência:

... <<la distance à l'expérience>> de la structure s'évanouit, puisqu'elle y opère non comme modèle théorique, mais comme la machine originale qui y met en scène le sujet. (REMARQUE SUR LE RAPPORT DE DANIEL LAGACHE — ÉCRITS. p.649)

O discurso, matéria da experiência unicamente formal, em relação à estrutura deve não apenas nomeá-la — referenciar posições estruturais —, mas prestar-se à sua "encarnação". A composição entre as duas exigências, que reproduz a já mencionada conciliação da fenomenalidade com a ausência de conhecimento, é expressa por Lacan pelo recurso à metáfora da língua estranha:

Traduisant Freud, nous disons — l'inconscient, c'est un langage. Qu'il soit articulé, n'implique pas pour autant qu'il soit reconnu. La preuve, c'est que tout se passe comme si Freud traduisait une langue étrangère, et même la reconstituait par découpage. Le sujet est tout simplement, à l'endroit de son langage, dans le même rapport que Freud. Si tant est que quelqu'un puisse parler dans une langue qu'il ignore totalement... (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.20)

Os crentes na presença de conteúdos extrinsecos à mera forma, que nesta medida vale como (única) matéria, por desequivalerem real e estrutura concretizados fenomenicamente no dizer, se assemelhariam a alguém que concebesse uma estrada como distâncias entre pneus: não se pode hipostasiar sob a empiricidade da palavra uma outra forma, a estrutura, sob pena de reintroduzir a abstratabilidade ou incorrer numa regressão ao infinito (visando a forma da forma da forma...).

A estrutura corporifica-se na linguagem. Mas não é pura e simplesmente a linguagem, pois nem toda a palavra depõe (e põe) o sujeito. Para isso é necessário um discurso que aponte para o impossível objeto, que por ser impossível apenas se pode referir estruturalmente e portanto (além da forma lingüística) depreender-se insubstantivo[135].

23. CIÊNCIA E LINGUAGEM

---

135 *... c'est bien du côté du trou qu'il vous faut chercher la cause matérielle... ... seul le trou, en fin de compte, peut passer pour ceci qui, effectivement nous importe, c'est-à-dire la fonction de cause matérielle.* (8-12-65)

O projeto epistemológico de fundação de uma psicologia vê-se comprometido pela impossibilidade de reduzir "representação inconsciente" a algo, do ponto de vista do sujeito, não abstrato.

A inviabilidade duplica-se entre a reflexão epistemológica e o escopo da psicologia. Ocorre tanto por conta da impossibilidade empírica de dar conta da imago, representação inconsciente, e portanto de fundar cientificamente a psicologia, como pelo disparate estritamente semântico intrínseco à impensável noção de "representação inconsciente". Abala tanto o sujeito "empírico", objetivado no psiquismo, como o sujeito teorizante.

Representação inconsciente, paradoxalmente, apenas pode significar a inapreensibilidade do representado para o sujeito. Portanto, falta o objeto verdadeiro. Mas há uma possibilidade de rigorosamente preservar a descrição concreta: se, por a representação ser inconsciente, a captura representativa do objeto escapa, a forma da sua menção, a palavra representante, é factível. Se se quiser preservar a concretude, a saída é pois desistir de encontrar qualquer correspondência entre as fantasias e os conteúdos verdadeiramente intencionados. Divorciar a forma lingüística do conteúdo semântico.

Para tanto, inúmeros cuidados são requeridos: prossegue o combate do psicanalista à concepção representacionista (cuja obrigatória referência é a abstratizante suposição, como quase exaustivamente se vem sublinhando, de representações não representativas).

Lacan principia assegurando o papel determinante da palavra, para concomitantemente afiançar a incognoscibilidade, asseverando que aquela não pode ser pensada como reprodutora da forma de objetos cuja substância se assinalaria no real:

> *Suivre la structure, c'est s'assurer de l'effet du langage.*
>
> *Ça ne se fait qu'à écarter la pétition de principe qu'il la reproduise de relations prises au réel. Au réel qui serait à entendre de ma catégorie.*
>
> *Car ses relations font partie aussi de la réalité en tant qu'elles l'habitent en formules qui y sont aussi bien présentes.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.60)

Assim é, se não porque de fato, pelo discurso, do real se saiba tudo o que se possa saber sem conhecer, pelo menos porque, fora do que em contexto venha à luz do dia, a sua experiência se reduz ao impensável[136].

O psicanalista não titubeia em extrair as necessárias conseqüências práticas do seu raciocínio, as quais se podem ilustrar com o modo como aborda os afetos — flanco pelo qual falsos conhecedores da pretensa "deficiência" do seu pensamento nesse terreno "pensam" dever e poder criticá-lo.

Freqüentemente esgrimida como prova do caráter supostamente intelectualista de suas idéias sobre psicanálise, a atitude que adota a respeito daqueles deve ser devidamente apreendida:

> *... c'est incorporée que la structure fait l'affect, ni plus ni moins, affect seulement à prendre de ce qui de l'être s'articule, n'y ayant qu'être de fait, soit d'être dit de quelque part.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.61)

Enquanto efeito de uma simbolização, o afeto merece mais que uma classificação generalizante que o objetive:

> *Il n'y a pas d'états d'âme. Il y a dire à démontrer.* (13-5-75)

Quer dizer, o afeto deve ser tomado como especificidade da vivência subjetiva enformada e, mesmo sem que o sujeito o saiba, só precisável pela palavra implicadora dele mesmo.

---

136 *... le réel, c'est ce qui est strictement impensable.* (R.S.I., 10-12-74, Ornicar 2, p.91)

Lacan não admite que se dissocie qualquer experiência, e sequer o ser, do fato da fala (e portanto da estrutura). A idéia de que haveria uma esfera intelectual separada das emoções e da realidade, longe de facultar um equacionamento mais preciso dos afetos, ela sim, por escamotear a correlação significante que os enforma, furtando-se à sua singularização pela enunciação que especifique o seu colorido idiossincrático, merece ser denunciada como abstratizante:

> *C'est pure dérobade que d'en extérioriser ce réel de standards, standards dits de vie dont primeraient des sujets dans leur existence, à ne parler que pour exprimer leurs sentimente des choses, la pédanterie du mot affect n'y changeant rien.* (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, p.34)

Intelectualista é quem troque a concretude direta da vivência afetiva por quaisquer classificações exteriores — inveja, ciúme, ansiedade, etc —, generalizando-os pasteurizadamente em categorias inevitavelmente desabitadas do seu sabor; referindo-os conceitualmente, teorizando-os, mesmo que na forma de loas tecidas à relevância da sua vivência, ou proclamações auto-contraditórias da sua inefabilidade.

Como sempre, em psicanálise importa menos o que as pessoas acham que dizem do que o que fazem com as palavras. E, desde Freud, o obnubilamento da presença (sempre indissociável do sujeito) do afeto, mais ou menos disfarçado em generalizações que, longe de o captar, o amordaçam, em sua opinião não se autoriza:

> *Ce que Freud désigne ici par l'affectif, n'a donc, est-il besoin d'y revenir, rien à faire avec l'usage que font de ce terme les tenants de la nouvelle psychanalyse, en s'en servant comme d'une* ***qualitas occulta*** *psychologique pour désigner ce vécu, dont l'or subtil, à les entendre, ne serait donné qu'à la décantation d'une haute alchimie mais dont la quête, à les haleter devant ses formes les plus niaises, n'évoque qu'un flairage d'aloi peu relevé.*
>
> *L'affectif dans ce texte de Freud*[137] *est conçu comme ce qui d'une symbolisation primordiale conserve ses effets jusque dans la structuration discursive.* (RÉPONSE AU COMMENTAIRE DE JEAN HYPPOLITE — ÉCRITS, p.383)

Enquanto remanescência de uma simbolização primordial perpetuada na estruturação do discurso, o afeto, de alguma maneira, impõe o sujeito: é irresponsável escamotear este nível do afeto, disfarçando-o pela referência coisificante a padrões vitais. Teoricamente irresponsável, pelo pouco caso para com a verdade descoberta por Freud. E irresponsável por irresponsabilizar o sujeito de sua vivência.

O acento no enfoque da responsabilidade não apenas é importante em si, mas também por marcar que a ênfase lacaniana nesta problemática não consiste em, por meio dos afetos, imaginar uma via de cognoscibilidade do real:

> *... la structure du langage est capable, non pas bien sûr de l'adéquation absolue du langage au réel, mais de ce qui, dans le langage, introduit dans le réel tout ce qui nous y est accessible d'une façon opératoire. Le langage entre dans le réel, et il y crée la structure...* (16-12-64)

Se por um lado a estrutura é a linguagem, por outro, a estrutura no real deve-se entendê-la como um dado colocado no real por uma linguagem, por sua vez a conceber como fenômeno ordenado pela estrutura.

Anteriormente se introduziu a razão da pseudo-ambigüidade entre a linguagem e as linguagens, solidária de um estilo estimulante de impasses de leitura, que são pausas reflexivas, protetoras do sentido verdadeiro do pensamento lacaniano, por assegurarem do lado do leitor um tempo de amadurecimento, sem o qual, por ligeireza, quase seguramente escapam detalhes essenciais.

---

137 O texto em pauta é DIE VERNEINUNG.

O impacto retórico da pretensa ambigüidade, no caso, visa facilitar que, quanto à estrutura, não se a conceba como modelo representativo (nessa medida possibilitador de uma cognição).

Há que conciliar equilibradamente a exigência de não afirmar peremptoriamente nada de conclusivo quanto ao real com a obrigação de a este só se referir de modo não cognitivo; ou seja, concretizando-o num saber que não seja conhecimento, tomá-lo no conjunto de operações que, para o homem, o apresentem não representativamente.

A ocasião se presta à resposta de dúvida comum quanto ao estatuto dos esquemas a que recorre na exposição de suas teses: seriam ilustrações ou modelos?

> *... je vous invite à vous méfier plutôt des propriétés imaginatives de ce que j'appelais improprement <<modèle>>.* (6-1-65)

O autor reconhece que por vezes usou "modelo" como significando figura, o que dá razão a quem defenda Lacan empregar certos esquemas como facilitações da intelecção do texto corrido, sem maiores pretensões teóricas. Mas a distinção reconhecida, e mais ainda a qualificação desse uso da palavra como impróprio, parece confirmar que, pelo menos nesta altura, quando palavras e matemáticas são essenciais, visaria progressivamente abandonar o uso intuitivo daqueles, encarado como mera escala rumo ao máximo rigor.

Outra razão para essa desistência prende-se à desconfiança inspirada por certas decorrências psicológicas da utilização de modelos, em si mesmas alheias à sua conceituação.

Não é apenas o temor de reintroduzir o equívoco da representabilidade, a ilusão de acesso aos objetos pelo conhecimento, que inspira a determinação lacaniana de evitar modelos (até porque, em si, os modelos não pressupõem cognição alguma, consistindo tão somente no conjunto de objetos que satisfaçam as propriedades que os definam).

Porém, psiquicamente,

> *... il semble que notre conscience, que notre pensée, notre pouvoir de signifié redouble comme une doublure interne ce qui l'envelopperait, moyennant quoi, vous n'avez qu'à retourner l'objet et vous créerez cet objet de la connaissance qui est l'enveloppe de ce qu'il contourne.* (6-1-65)

Ou seja, o pensamento parece obrar em moldes propícios ao equívoco da representação. Copiando internamente (à "mente") a "realidade" objetal dentro da qual o sujeito se situa. A presuntiva cópia, por sua vez conceitualmente recobrindo o objeto, envelopando-o — imaginariamente, representando-o —, induziria à credulidade no conhecimento (e especificamente no objeto do conhecimento, pois lógica e ingenuamente a representação pressupõe o representado).

A sinuosidade do percurso que, por uma dobradura, faz a cópia interna recobrir o objeto externo, visa evitar a duplicidade entre objeto e linguagem, mesmo no plano formal, pelo artifício da linguagem-objeto. É importante assegurar um percurso que não duplique a realidade entre coisas e imagens, objetos e nomes.

Aqui, como em geral na obra lacaniana, a fim de esclarecer sinuosidades da teoria, o importante é tomar como chave a problemática do equacionamento da subjetividade. Lacan sempre recusará repetir no nível da forma o esquema sujeito-objeto. Para tanto exclui a possibilidade de qualquer metalinguagem — em outras palavras, de tomar a forma como objeto —, pois na medida em que qualquer discurso se suporte e seja suporte de um sujeito, a necessidade de tomar este na sua especificidade subjetiva (na primeira pessoa, nunca sequer para si própria objetivável, e portanto **isso** cognitivamente inacessível, inconsciente), obriga-o a supor o sujeito sempre em ato em todo o ato de palavra, inclusive no discurso pretensamente mais "des-subjetivado", o matemático.

Se a matemática se exclui das ambigüidades, polissemias, duplos sentidos, onde viceja o sujeito (inconsciente), mesmo assim, por coerência, isso não acontece por a subjetividade de

todo se ausentar das suas plagas. No caso, o lugar do dizer é da ordem do real — exclui-se do simbólico e portanto não se "mostra":

> *La place du dire est en effet l'analogue dans le discours mathématique de ce réel que d'autres discours serrent de l'impossible de leurs dits.* (L'ÉTOURDIT. Scilicet 4. p.32)

O ato atualizador da linguagem no qual concretiza o lugar real — não o além da fala, mas o seu limite —, a propósito do eminente discurso que se avizinha do real — o matemático —, compara-o ao real ele mesmo:

> *Cette dit-mension d'un impossible qui va incidemment jusqu'à comprendre l'impasse proprement logicienne, c'est ailleurs ce qu'on appelle la structure.*
>
> *La structure c'est le réel qui se fait jour dans le langage. Bien sûr n'a-t-elle aucun rapport avec la "bonne forme".* (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4. p.33)

O recurso à aproximação entre real e impossível, o segundo como meio de referir o primeiro na sua qualidade de isento de qualidades para o humano, em nada surpreende. Desde os primeiros ensaios de subsidiar a reflexão psicanalítica, como não podia deixar de ser devido às circunstâncias do óbito da psicologia — a impossibilidade de garantir a conformação da cognição ao objeto —, o real aparece sob o signo do impossível. Verifique-se-o, por exemplo, já implícito na "proto-definição" que sugere no texto inaugural sobre os registros[138]:

> *Le réel est ou la totalité, ou l'instant évanoui...* (LE SYMBOLIQUE, L'IMAGINAIRE ET LE RÉEL — PETITS ÉCRITS ET CONFÉRENCES. p.419)

Porém, no momento, o que está em pauta não é a identificação do real ao inidentificável[139]. Discute-se algo preambular a (a possibilidade de entender) isso, a oposição lacaniana ao viés de reproduzir, de algum modo e em qualquer nível, raciocínios "objetivantes". A oposição, por exemplo, a que se possa falar de linguagem-objeto e de metalinguagem.

Em última instância, senão por grave equívoco, à palavra não se deve sobrepor um sujeito (pois este sempre nela está implicado). A psicanálise ensina que o sujeito não dispõe da palavra, não a usa. Pelo contrário, é com ela disposto.

O sujeito não se sobrepõe à palavra. Esta originariamente sempre é discurso, quer dizer, de algum modo, mais ou menos implícito, (mesmo excluindo-o) o inclui no seu âmbito.

A "filosofia" lacaniana da linguagem, por ter de rejeitar a distinção forma-conteúdo, subordina-se a uma teoria do sujeito "real" (na peculiar acepção do termo já introduzida); assim como submete a lingüística à antropologia (em sentido lato), a ponto de chegar a afiançar (em L'ÉTOURDIT) que todo o discurso é modal. O que, a prestar-se atenção à maneira como (para dar conta da determinação dos gêneros e portanto definir posições subjetivas) Lacan se apropria da lógica modal, simplesmente é outra maneira de dizer que no discurso sempre se apresenta um sujeito: psicanaliticamente, a modalização explicitaria uma posição subjetiva em ligação com o conteúdo proposicional.

A apreensão do sujeito sempre em ato (discursivo) visa substituir a concepção de modelo por algo que impeça a cristalização, o "congelamento", do sujeito por uma função

---

138 Em discordância com o uso (mais) comum, nesta investigação os registros não se nomeiam como substantivos próprios. Embora seja defensável escrever Real, Imaginário e Simbólico (até para melhor diferenciar os registros dos adjetivos correspondentes), assim procedendo há o perigo de dignificá-los com uma pomposidade despropositada, "entificando-os" e passando a tratá-los como coisas teóricas, e portanto esquecendo que, fundamentalmente, são um modo de classificar e registrar o "material" da experiência psicanalítica. Simbólico é o dito, o que se diz, mesmo que não se compreenda. Em princípio, é a palavra, ou mais precisamente, a sua dimensão. Imaginário é o que se (acha que se) compreende, o que se agarra como significado e que até se imagina (ser alcançável) como substância. Real é o que (ainda que no horizonte da palavra) não se compreende e escapa do dito. Psicanaliticamente falando, delimita-se como o que extrapola o dito.

139 A Quinta Parte da investigação ocupa-se mais especificamente do assunto.

inativa, subsumível a qualquer viés tendente a imaginarizar o objeto. Pelo contrário, a estrutura em ato no dizer, segundo Lacan, é constituidora do sujeito e de cada objeto recortado no discurso: é verbo encarnante.

Deste modo pode-se temer que a psicanálise se avizinhe da religião (cristã), na forma da crença em um **logos**, Deus criador.

Há uma certa diferença:

> *Je ne dis pas que le verbe soit créateur. Je dis tout autre chose parce que ma pratique le comporte: je dis que le verbe est inconscient — soit malentendu.* (DISSOLUTION: LE MALENTENDU, Ornicar 22/3, p.12)

Quer dizer, os excessos semânticos inerentes à linguagem, a equivocidade, não precisam ser onticamente validados.

Também facilmente se poderia objetar que o projeto lacaniano assim concebido, se afigurando um intento de elevar à dignidade ontológica o projeto de radical matematização do real, se afasta da cotidianidade prática das ciências, nas quais a matematização da descrição do real tende a ser mero instrumento facilitador de descrições estatisticamente adequadas, não passando de uma idéia reguladora. Mas a objeção pressupõe o que imediatamente o autor recusa: matéria dada fora do discurso, cuja substância preencheria verdadeiramente a forma-estrutura. Ora, essa separação é insustentável:

> *... le peut de réel que nous savons, qui se réduit au nombre, s'il est si peut, ça tient au fameux trou, au fait qu'au centre il y a ce, ce* ***topos,*** *qu'on ne peut que boucher, qu'on ne peut que boucher avec quoi? Avec l'imaginaire...* (9-4-74)

Portanto o real — por definição incognoscível, sob pena de validar a ilusão de conferir a ficções o estatuto de real —, epistemologicamente haverá de se precisar à revelia de conceitos e de teorias:

> *Ainsi le réel se distingue de la réalité. Ce, pas pour dire qu'il soit inconnaissable, mais qu'il n'y a question de s'y connaître, mais de le démontrer.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.60)

Encontra-se no real o que previamente lá foi depositado pelo ato de fala que diga da realidade particular de cada sujeito, informada (e não formada) da substância do objeto:

> *Ainsi fait fonction de réel, ce qui se produit effectivement, le fantasme de la réalité ordinaire.* (L'ÉVEIL DU PRINTEMPS, Ornicar 39, p.6)

Em síntese: diz o pensador que ser de fato é ser dito de algum lugar. O lugar que diz, "analogiza-o" ao real, espaço de um dizer[140] que atualiza em dito o que valha como experiência, a qual haverá de pensar-se como formal: a experiência da estrutura que, ainda que não seja possibilitadora do conhecimento do que possa demarcar-se objeto, permite o equacionamento do seu lugar. Sendo nessa medida que, curiosamente, suas propriedades formais são próximas do que no real não seja inefável (ou seja, possa informar-se):

> *... le réel n'est pas simplement une masse brute et opaque, le réel est apparemment structuré.* (2-12-64)

Incrivelmente, é pela experiência da palavra, com a análise e estritamente em termos de lugares, que a questão do real se coloca.

---

140 *Toute manipulation d'un réel se situe dès lors dans un espace dont c'est un fait que nous savons très mal le manier en dehors des techniques qui imposent de lui donner trois dimensions. J'ajoute qu'il est frappant que ce soit une technique — l'analyse — qu'on peut réduire à ce qu'elle est apparemment, à savoir le jaspinage, qui me force à moi la main, me force à soupeser la question de l'espace comme tel.* (R.S.I., 14-1-75, Ornicar 3, p.100)

Somente por meio de uma consideração do espaço em si, sem o tomar como horizonte de coisas, como forma de substâncias, se pode tratá-lo com rigor[141].

Porém, havia-se visto que o campo da experiência é a palavra. Da necessidade de na experiência da palavra dar conta da inconsciência da representação, da exigência de descrever o furtar-se do objeto à cognição em termos dos lugares onde falta, se impõe o encontro da experiência com o rigor da sua descrição concreta.

A forma do real depende da forma lingüística, sem que seja conteúdo da primeira. A forma da forma é a mesma forma. Mais que isomorfismo, coincidência, mas não identidade.

Contudo, uma identidade paradoxal:

> *La structure, c'est donc réel. Ça se détermine par convergence vers une impossibilité, en général. Mais c'est comme ça, et c'est par ça que c'est réel.* (20-11-68)

Para a psicanálise a forma enquanto tal é marca de tudo o que para o sujeito valha por real e Lacan desautoriza com veemência qualquer possibilidade de equívoco quanto à inviabilidade do objeto. Porém, sem admitir a identificação do impossível real com a dita forma.

O real não pode ser percebido como substancial além da estrutura, e sequer a estrutura pode ser entendida como uma cópia de relações nele presentes. O real tem de valer pela estrutura ela mesma. Como a noção nada mais informa do que posições (lugares) inter-determinados e operações da sua produção, deste modo assegura-se a fidelidade à incognoscibilidade. Do real nada se conhece, apenas se sabe da tangência, ou melhor, coincidência, da sua forma com o que desta logicamente se torna sensível na linguagem. Porém sem a presunção (cognitiva) de assimilar o primeiro à segunda: o fiasco do empreendimento cognitivo assimila ao impossível o ponto limite de remissão da identificação da estrutura com o real.

Haverá que se pensar a este, não apenas pelos termos das vantagens obtidas pela desimaginarização proporcionada pelo formalismo — o que é insuficiente para justificar o exílio do conhecimento —, mas principalmente como inscrito negativamente nos impasses da formalização:

> *Le Réel ne saurait s'inscrire que d'une impasse de la formalisation. C'est en quoi j'ai cru pouvoir en dessiner le modèle à partir de la formalisation mathématique en tant qu'elle est l'élaboration la plus poussée qu'ils nous ait été donné de produire de la signifiance.* (LE SÉMINAIRE, LIVRE XX: ENCORE, p.85)

Como o tipo de pensamento intentado por Lacan para dar conta do inconsciente deve interditar-se repetir o que mergulha outros discursos na ilusão ou mito, apenas o significante — tal como é trabalhado pelas matemáticas, nada significando — pode prestar-se ao equacionamento do real.

O puro cálculo formal — melhor, as fraturas que assinalem seus impasses, suas debilidades —, por a um só tempo apontar o limite do simbólico e não pactuar da ilusão representacionista na qual naufraga o conhecimento, é o que propriamente pode assinalar o impensável (como borda).

Não espelhamento, mas operação constituinte, por psicanaliticamente o modelo, por se "encarnar" no modelado sem lhe pré-existir, não ser além mas aquém deste, não é contraditório que a formalização matemática como elaboração da significância seja também uma matemática da significância:

> *Il s'agit dans le savoir de ce que nous pouvons appeler effet de signifiant.* (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE-BÉVUE S'AILE À MOURRE, 11-1-77, Ornicar 14, p.5)

---

141 *C'est justement de précision, c'est-à-dire de réel, que j'ai fait état...* (9-1-79)

O porquê do recurso às linguagens matemáticas, desta feita possibilitando entrever em que consiste a inscrição — negativa, como falta — do real pela linguagem, fica mais claro no seguinte momento:

> *Si j'ai recouru cette année au premier, soit à la théorie des ensembles, c'est pour y rapporter la merveilleuse efflorescence qui, d'isoler dans la logique l'incomplet de l'inconsistant, l'indémontrable du réfutable, voire d'y adjoindre l'indécidable de ne pas arriver à s'exclure de la démontrabilité, nous met aussi au pieds du mur de l'impossible pour que s'évince le "ce n'est pas ça", qui est le vagissement de l'appel au réel.* (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, p.8)

No simbólico, enquanto palavra e (sua) lei, está inscrito o limite do dizível — limite determinável pelo cálculo significante[142] —, que na experiência (do) inconsciente marca o impasse a partir do qual se balbucia o apelo ao real. Apelo que se dirige a um dizer que, por definição, completamente não se diz...

Tanto na lógica como (por lógico) no inconsciente, no operar (do) significante evidencia-se a impossibilidade de, não obstante o primoroso funcionamento da palavra segundo regras, completamente se poder dizer tudo.

Apesar das "propriedades" do real serem como que "imaginarizáveis", e portanto estarem sujeitas a serem preenchidas de sentido — deposição de "quereres-dizeres" afetos ao sujeito —, a tendência deve ser fortemente combatida pelo tratamento topológico da espacialidade geométrica, imaginária, num primeiro momento lá ingenuamente embutida.

A razão deve-se a ser necessário garantir que não haja nenhuma substância além da forma, nem que seja outra forma. Do contrário se introduziria sorrateiramente uma distinção entre forma "substancial" e forma "formal", em tudo (menos na terminologia) restauradora da dicotomia (que o psicanalista visa denunciar como imaginária) entre coisa e posição: a coisa não se destaca da posição que ocupa porque, dada a sua falta substancial, apenas ficticiamente é "substancializada" pela palavra.

Mesmo à revelia do desconhecimento que disso os lógicos comportem[143], Lacan assegura que à psicanálise cabe revelar a lógica na sua verdadeira dimensão de ciência do real:

> *Je rappelle que c'est de la logique que ce discours touche au réel à le rencontrer comme impossible, en quoi c'est ce discours qui la porte à sa puissance dernière: science, ai-je dit, du réel.* (L'ÉTOURDIT — Scilicet 4, p.5/6)

A recusa, à revelia (da filosofia) dos lógicos, a pensar uma formalidade que não seja a (única) matéria possível, induz Lacan a cogitar a lógica como ciência do real. Pela lógica não se trata de conhecer — incorrendo no imaginário —, mas de demonstrar (como ao real convém).

Exatamente porque um dos (negativos) "atributos" do real é a falta de sentido[144], a linguagem matemática presta-se a ser o campo do impossível (encontro da palavra com o real). Pois no limite, na borda, a significância (matemática) significa nada:

> *Cette formalisation de la mathématique de la signifiance se fait au contraire du sens, j'allais presque dire à* ***contre-sens****. Le* ***ça ne veut rien dire*** *concernant les mathématiques, c'est ce que disent, de notre temps, les philosophes des mathématiques...* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.85/6)

---

142 ... *le Symbolique soit ce que j'en dis, à savoir tout entier dans la parole...* (19-1-72)

143 *Qu'ici me pardonnent ceux qui d'y être intéressés, ne le savent pas.* (L'ÉTOURDIT — Scilicet 4, p.5/6)

144 *Il y a une chose qui est en tout cas certaine, si tant est qu'une chose puisse l'être, c'est que l'idée même de réel comporte l'exclusion de tout sens.* (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE BÉVUE S'AILE À MOURRE: NOMINA NON SUNT CONSEQUENTIA RERUM, Ornicar 16, p.12)

Havia-se visto o cuidado do autor em preservar a não referencialidade, fundamental no universo humano, ao evitar pensar a estrutura como modelo das linguagens. Será que o equívoco que consistiria em reintroduzir sub-repticiamente a abordagem representacionista, cuja equivocidade desde o fracasso da psicologia se pudera denunciar, agora seria permitido por um deslize na teorização das relações entre as estruturas e *... cette science qui s'appelle topologie...*[145]? Poderia Lacan permitir-se pensar a topologia como uma teoria das estruturas?

Para efetivamente se responder a questão é fundamental bem compreender a insistência lacaniana em diferenciar a articulação topológica do discurso, do recurso a modelos.

A radicalidade e coerência não lhe permitem facilidades desse gênero. A exclusão do conhecimento — a impossibilidade de fundamentar a ciência psicológica do ponto de vista empírico —, leva à exclusão (mesmo em níveis mais rarefeitos do espírito, como a investigação matemática) de quaisquer esquemas de pensamento inspirados numa objetivação desavisada da impossibilidade, da qual se produz e se deriva a recusa do pensamento teórico e se induz a assunção subjetiva da sua inviabilidade, de correspondência da presença à representação.

Pois, para ser rigorosa, a descrição das implicações do inconsciente para a cientificidade não pode se restringir ao âmbito das suas conseqüências para a conceituação teórica da psicologia empírica. Tem implicações também no plano do procedimento epistemológico.

Não é coerente des-substancializar o real, nem adianta assegurar a vacuidade da forma não lhe dando como conteúdo uma forma ao segundo grau, para depois objetivamente os tratar numa descrição teórica, pois a falta como tal não pode ter medidas — o que seria próprio de objetos positivos. A "ciência" da falta de objeto contraditaria a falta como objeto. Por isso não há como conceituá-la no quadro de uma geometria (que permitiria situar coisas num espaço). Apenas se pode pensá-la em termos de (vácuas) posições espaciais, o que esclarece o privilégio conferido à topologia, bem como a imposição de a pensar no discurso.

Estruturas topológicas são pura e simplesmente apresentações da espacialidade simbólica, **habitat** do sujeito, que é o lugar (do) significante — este sendo a noção basilar do conceito de estrutura. Como o que aqui importa é esclarecer a tarefa reservada à topologia, e não dar conta das tentativas de cumpri-la, não se detalha como possam precisar o real. O fundamental é salientar que a ciência formal topológica não se alça a teoria:

> *Ma topologie n'est pas d'une substance à poser au-delà du réel ce dont une pratique se motive. Elle n'est pas théorie.* (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, p.34)

O único papel da topologia é permitir abordar determinadas tranformações, pela ação analítica, suscetíveis de serem (feitas) na estrutura:

> *... elle doit rendre compte de ce que, coupures du discours, il y en a de telles qu'elles modifient la structure qu'il accueille d'origine.* (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, p.34)

Como presença não representativa,

> *La topologie n'est pas "faite pour nous guider dans la structure". Cette structure, elle l'est — comme retroaction de l'ordre de chaîne dont consiste le langage.* (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, p.40)

Exatamente. A topologia faz-se equivaler à estrutura:

> *... je crois démontrer la stricte équivalence de topologie et structure.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.14)

---

145 (7-3-62)

Tal equivalência é possibilitadora de um tratamento preciso da estrutura, uma consideração matemática da mesma, preciosa mas facilmente deteriorável em abandono da verdade da experiência como falta, se se incorrer no erro de sair do âmbito da cientificidade formal para considerar a primeira como teoria, no sentido (comum às ciências empíricas) de captura conceitual — o mesmo é dizer, imaginária — de objetos.

Com a topologia nada se descreve, nada se conceitua. A falta não é um conteúdo que preencha uma forma e, portanto, como na forma ela mesma o que se pode operar são cortes, operações de limites, não tem sentido achatar o cálculo formal das estruturas a teoria geral das mesmas.

Por sua vez, enquanto cálculo de lugares da máxima relevância ao aplicar-se à experiência da linguagem, a topologia vai ressaltar, no campo da palavra, a importância da apresentação espacial do signo verbal:

> *... cette science du réel, la logique, s'est frayée, n'a pu se frayer qu'à partir d'où on a put assez vider des mots de leur sens pour leur substituer des lettres purement et simplement. La lettre est en quelque sorte inhérente à ce passage au réel.* (9-4-74)

A recusa de pensar a estrutura como modelo representativo — erradicando qualquer veleidade de tomar a imagem como imagem do real —, a determinação de pensá-la em ato "encarnada" no real, leva-o a pensar a face real do objeto da única maneira não impensável. Como espacialidade concebida como conjunto definido pela inscrição de letras:

> *... une face qui est aussi réelle que possible, seulement de ce fait que ça s'écrit. Vous voyez ce que j'essaye de faire, là, j'essaye de vous situer l'écrit, et ça va loin d'avancer là, comme ce bord du réel, situé sur ce bord.* (9-4-74)

É muito importante ressaltar a ação de inscrição. Para que nenhuma forma se proponha conteúdo de uma meta-forma, a única garantia é pô-la (e expô-la) no tempo. A "borda" do real inscreve-se como buraco, como falta, modo radical de eliminar qualquer veleidade substancializante do que não seja (forma) no espaço.

Numa sessão do seminário, o psicanalista deixa patente, especialmente no tocante aos cuidados contra a imaginarização, porque a escritura se adequa ao intento de pensar a confluência acima descrita:

> *L'écriture, ça m'intéresse. ... Moi, je pense qu'historiquement, c'est par des petits bouts d'écriture qu'on est rentré dans le réel, à savoir qu'on a cessé d'imaginer. L'écriture des petites lettres, des petites lettres mathématiques, c'est ça qui supporte le réel.* (LE SINTHOME, 13-1-76, Ornicar 7, p.13)

Entre o impossível e a escritura, negativamente marcado como sem sentido, no limite do simbólico e avesso ao imaginário, o real unicamente se faz presente, na esfera humana, como fimbria, fragmento, em que letras sem sentido (como equações matemáticas) tangenciam e exploram o limite da significatividade. A escritura lhe interessa exatamente na perspectiva da possibilidade que, por seu intermédio, encontra de refletir o problema epistemológico, fundamental, do modo de acessar não equivocamente o real.

As matemáticas, trabalhando o significante como escritura, labutam do (único) modo conveniente ao equacionamento do real:

> *La mathématique fait référence à l'écrit, à l'écrit comme tel, et la pensée mathématique, c'est le fait qu'on peut se représenter un écrit.* (10-1-78)

O real, artificiosamente acessível, não remete a nenhuma esfera "trans-formal", e sim é tratado pela linguagem que cuida das estruturas topológicas. Uma linguagem que não descreve: calcula e demonstra. Mais: como não se trata de representar objeto algum, tal

cálculo e demonstração, menos ou mais que a reprodução ou descoberta de alguma coisa, pode até ser pensado como a sua produção (simbólica), isto é, a sua perda real.

O (real) que agora importa, o não dito, (graças ao fato de que nem tudo pode ser dito) se deriva e se precisa entre-linhas.

Mais precisamente, o real inscreve-se entre nós feitos com toros:

> *... je dis: le réel c'est l'écriture. L'écriture de rien d'autre que ce noeud tel qu'il s'écrit pour se dire...* (14-5-74)

Por sua vez, o significante, matéria formal da vacuidade da representação, não se faz valer isoladamente. Por definição é-lhe intrínseca a correlação, o que justifica o interesse do psicanalista, no âmbito da topologia, pelo estudo dos nós:

> *Le noeud borroméen est ici justifié de matérialiser, de présenter cette référence à l'écriture. Le noeud borroméen n'est, dans l'occasion, que mode d'écriture. Il se trouve en somme présentifier le registre du réel.* (21-5-74)

Portanto, o que não surpreende, a escritura é a condição da empiricidade do real. Repise-se, uma empiricidade estritamente formal. É na qualidade de presentificadora do registro do impossível que pode ser identificada, como Lacan o faz, ao real. Não tem outra alternativa, pois negá-lo pressuporia algum conhecimento sobre o mesmo.

O real, como registro, apresenta-se graças à escritura. Mas pela mesma razão antes apontada, não se julgue que com isso positivamente se informe algo sobre a sua hipotética natureza:

> *L'écriture est un artifice. Le réel n'apparaît donc que par un artifice, un artifice lié au fait qu'il y a de la parole, et même du dire...* (10-1-78)

Embora Lacan se defronte com esta situação a contragosto[146], a opção é entre nada (ou desvarios imaginários, que por abstratizantes também nada são) e a redução do dado real ao que se depreenda pelo artifício simbólico:

> *Le noeud borroméen est une écriture. Cette écriture supporte un réel.*
>
> *Le réel peut-il donc se supporter d'une écriture? Mais oui, et je dirais plus, du réel il n'est pas d'autre idée sensible que celle que donne l'écriture, le trait d'écrit.* (R.S.I., 17-12-74, Ornicar 2, p.100)

Porém, muita atenção. Insista-se em que, assim como a estrutura não representa a linguagem, a escritura não representa o real. Fiel à delimitação e atento à limitação do simbólico, cônscio da impossibilidade de dizer (todo) o real, Lacan ora o restringe à escritura, ora a denuncia artifício.

Seria sumamente perigoso dizer que o real é um artifício, não apenas por superficiais associações semânticas com ilusoriedade facilmente se vincularem ao termo, mas principalmente porque, de qualquer modo, seria pouco provável que se conseguisse impedir que a idéia deslizasse da única esfera em que (enunciada dessa maneira) a tese seria pertinente — a esfera do agir, entendendo-se artifício como feito —, para o âmbito de uma imprópria e inaceitável "compreensão" do que o real seja.

Do ponto de vista do real, a relevância do simbólico não é teorizá-lo. Ainda que esse risco, mesmo tentação, se faça presente no horizonte, enquanto escritura, o real "em si mesmo" é suposição:

---

146 *Le langage est un mauvais outil, et c'est bien pour ça que nous n'avons aucune idée du réel.* (10-1-78)

Un modèle est une écriture. De ce seul fait, il se situe de l'imaginaire. Or, pas d'imaginaire sans substance. Ces questions qui se formulent, s'imaginent à partir de cet écrit, fondées sur lui, sont secondement posées au réel. Mais ce réel, ce n'est rien que supposition. Cette supposition consiste précisement dans le sens de ce mot, réel. (R.S.I., 17-12-74, Ornicar 2, p.100)

A suposição de uma real substancialidade translingüística diagnostica-se como um efeito da natureza imaginária da escritura. É ela que cria a ilusão da substancialidade objetivável, e portanto epistemicamente cognoscível.

Apresenta-se a mesma ilusão que propicia que sobreviva o mito do conhecimento; a crença em que, sob a formalidade dos modelos, estes se referindo a ela, se assente uma materialidade "metaliteral":

Nous avons la suggestion que le réel ne cesse pas de s'écrire... il faut le dire, comment le réel apparaîtrait-il s'il ne s'écrivait pas?... Il est là par ma façon de l'écrire. (10-1-78)

Para prosseguir o esmiuçamento da questão é bom lembrar o trivial. De nada adiantaria contornar a insubstancialidade da experiência especificando-a factível na matéria da letra, se por sua vez o campo definido por sua inscrição se pensar abstrato.

Como a estrutura é (o) real, equacionável topologicamente, e a topologia não se pode conceber como uma forma da forma lingüística, uma decorrência inevitável da corporificação da escrita (também implícita na significantização do corpo) é, pela escritura, fundir espacialidade e simbolização:

Loin d'en être distincte, comme le suppose Descartes, la pensée n'est que l'étendue. (R.S.I., 18-2-75, Ornicar 4, p.101)

Solução que, além do mais, revoga por antecipação lógica qualquer dificuldade em lidar com a (mal) propalada espacialidade "psíquica".

A apresentação (logo nos primórdios da disciplina psicanalítica) do inconsciente em camadas não é um recurso instrumental qualquer, ou uma ilustração constrangedora. Impõe-se pela (falta de) natureza do sujeito. Como saber, o saber inconsciente, como articulação de letras, apreende-se e depreende-se espacialmente:

Pour revenir à l'espace, il semble bien faire partie de l'inconscient — structuré comme un langage. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.122)

O real se sabe que se presenta escritura. Porém, como real, a escritura não deve confundir-se com uma datilografia qualquer, devendo levar-se em conta o sentido que o termo recebe na esfera (jurídica) do estabelecimento de contratos entre os homens, bem como a natureza viva[147] do corpo que é o papiro.

A "pró-moção" do sujeito, a sua animação, há-de ser pensada pela inscrição da palavra como escritura. Poder-se-ia dizer, pela "realização simbólica" que o corpo é. O real é a escritura na medida em que esta, ao fazer a palavra viver, dá corpo ao sujeito:

La structure s'attrape de là.
De là, c'est-à-dire du point où le symbolique prend corps. (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.60)

E (uma página) adiante esclarece:

Je reviens d'abord au corps du symbolique qu'il faut entendre comme de nulle métaphore. A preuve que rien que lui n'isole le corps à prendre au sens naïf, soit celui dont l'être qui s'en soutient

147 Note-se que (em LA TROISIEME) Lacan explicitamente refere a vida ao real. Vide subcapítulo 54.

ne sait pas que c'est le langage qui le lui décerne, au point qu'il n'y serait pas, faute d'en pouvoir parler.

Le premier corps fait le second de s'y incorporer.

D'où l'incorporel qui reste marquer le premier, du temps d'après son incorporation. (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.60)

O corpo do simbólico incorpora-se, de uma massa viva fazendo um corpo. Tese a apreender em duas direções compatíveis e concomitantes: a estrutura encarna-se no corpo e literaliza-se como corpo.

Numa terminologia unificante e (mais) exata, de índole jurídica — terminologia que parece convir mais à psicanálise do que a inerente a um balbucio epistêmico, positivamente condenado a não sobreviver —, a escritura outorga o corpo.

Apenas os afeitos (por da descoberta freudiana desavisados) ao equívoco da imaginarização substancializante do objeto se chocarão com este resultado.

Outra faceta da mesma questão é a desautorização da suposição de desta maneira estar-se desmaterializando o corpo. Ao contrário, é a literalidade que de per si este encarna que garante a sua realidade além da imaginação.

Nem o corpo vê a sua matéria rarefazer-se, nem a estrutura enquanto forma deve (por se "densificar" como corpo) imaginar-se transformada em sua natureza.

A psicanálise está destinada a corrigir o fracasso — ou melhor, a impropriedade — de tais dicotomias[148].

A possibilidade inerente ao escrito de se definir como borda[149] é coerente com a exigência de não abrir minimamente a possibilidade de reintrodução em psicanálise de alguma concepção (ou de seu vestígio) de inspiração representacionista. Lacan vai claramente identificar o corpo com o lugar concreto em que a estrutura é. Precisamente, vai fazer coincidir o corpo com a borda (real) do espaço em que os elementos da estrutura topologicamente calculáveis, as letras, se inscrevem:

Le corps, à le prendre au sérieux, est d'abord ce qui peut porter la marque propre à le ranger dans une suite de signifiants. (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.61)

Ora, uma ordem significante, como se sabe, pressupõe um sujeito. O real, pelo menos do ponto de vista que se impõe à psicanálise, apresenta-se como o âmbito de um dizer que não é dito. Portanto, o corpo, que suporta o real (demarcado e purificado da imaginação), é o que suporta o sujeito. Não por outra razão, menos e mais do que conhecido, este é função da estrutura como linguagem, ... *ce monde topologique, celui sur lequel se fonde toute instauration du sujet...*[150]

O inusitado deste modo de refletir estas questões de modo algum deveria ser imputado a uma originalidade excêntrica de uma personalidade psicanalítica dissidente e com forte vocação especulativa. As teses que se vêm concatenando derivar-se-iam rigorosamente da letra fundante da psicanálise. O psicanalista assegura extrair as bases da argumentação que desenvolve, estritamente, de proposições de Freud. E especifica a circunstância por este inaugurada, renovadora quanto à problemática do saber, no ano sétimo do seminário:

C'est bien d'un discours, en effet, qu'il s'agit. Et Freud accentue qu'après tout nous n'en savons rien d'autre, que ce discours. Ce qui vient à la ***Bewusstsein****, c'est la* ***Wahrnehmung****, la perception de ce discours, et rien d'autre. C'est là exactement sa pensée.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.76)

---

148 ... *je m'en fous du matérialisme. Ce certain matérialisme... qui est là de toujours, qui consiste à baiser le cul de la matière au nom de ceci que ce serait quelque chose de plus réel que la forme, enfin ça, bien sûr on l'a déjà maudit.* (9-4-74)

149 ... *ce que je trouve de mieux pour vous situer la fonction de l'écrit... il se définit avant tout d'une certaine fonction, d'une place de bord.* (9-4-74)

150 (4-5-66)

O saber, em si mesmo, nada mais é que discurso. O que atinge a consciência, a percepção, outra coisa não é que a impressão de marcas significantes que, sem que substância objetiva alguma venha a preencher a suposição, fazem um sentido, ao qual se supõe e imaginariamente se subpõe alguma coisa.

Nem mesmo haveria de cogitar-se qualquer outro tipo de saber.

Longe de restrição, a psicanálise inaugura um mergulho no desvendamento da natureza do (conhecimento como) desconhecer. No que ficticiamente se afigure representação da realidade, na realidade há letras, sendo elas o suporte bastante da (posição e) suposição do real. Ademais do saber inconsciente, o saber é inconsciente.

Não se sabe nada mais que esse saber, mas o que poderia soar uma limitação, melhor pode ser tomado como aprofundamento na sua natureza:

> *Il y a sûrement de l'écriture dans l'inconscient. Ne serait-ce que parce que le rêve, principe de l'inconscient, — ça, c'est ce que dit Freud — le lapsus, et même le trait d'esprit, se définissent par le lisible. Un rêve, on le fait, on ne sait pas pourquoi, et puis, après coup, ça se lit; un lapsus de même; et tout ce que dit Freud du trait d'esprit est bien notoire comme étant lié à cette économie qu'est l'écriture, économie par rapport à la parole. Le lisible, c'est en cela que consiste le savoir.* (10-1-78)

O real, impossível na experiência humana, o real em que não se dão objetos para o sujeito, tudo o que dele se possa ler — ou seja, saber —, é saber. Saber não do sujeito, mas que o implica. Não saber sobre algo, mas algo que (também) é saber (inconsciente).

A solução é rigorosamente menos surpreendente a partir do momento em que se aceite que a materialidade sensível é pura literalidade. Na realidade, a letra suporta o real, assegurando a sua (sempre problemática) evocação (não cognitiva):

> *Le réel, celui dont il s'agit dans ce qu'on appelle ma pensée, le réel est toujours un bout, un trognon, un trognon certes autour duquel la pensée brode, mais son stigmate, à ce réel, comme tel, c'est de ne se relier à rien.* (LE SINTHOME, 16-1-76, Ornicar 9, p.36)

A característica de não se ligar a nada infere-se pela sua negatividade epistêmica. Traduz o seu cunho não simbólico. Em função do que, por sua vez, dada a afinidade entre real e sujeito inconsciente — prenhe de conseqüências para o estatuto teórico da psicanálise[151] —, se justifique que o segundo (também) se sugira como uma insistência irrepresentável.

O realmente inconsciente, como saber, nada descobre. Apenas demonstra o limiar da falta.

Não há nada coberto! E, coerentemente com o que se marcou relativamente ao real, a respeito do inconsciente também é importante não confundir demonstração com descoberta:

> *... sans ce qui fait que le dire ça vient à s'écrire, il n'y a pas moyen que je vous fasse sentir la dimension dont subsiste le savoir inconscient. Et ce qu'il faut que vous fassiez comme pas supplémentaire, c'est de vous apercevoir que ce qui je vous rends sensible en vous disant que l'inconscient ça ne découvre rien, puisque il n'y a rien à découvrir dans le réel, puisque là il y a un trou. Si l'inconscient là invente, c'est d'autant plus précieux de vous apercevoir que dans la logique c'est la même chose...* (19-2-74)

Temporalmente, o inconsciente não se descobre. No que se demonstra real, inventa-se. Subsiste do (e no) ato de sua feitura. Lacan nega qualquer pretensão à sua pré-existência. No ápice da investigação epistemológica suscitada e exigida pelo advento da psicanálise, o saber sem conhecer se anuncia como comprometido com a experiência (lógica) da palavra. É invenção:

> *... je ne découvre pas la vérité, je l'invente. A quoi j'ajoute que c'est ça, le savoir.* (19-2-74)

---

151 Melhor dizendo, para a sua falta.

A verdade, como saber que se inventa, ainda que produção, não é feita pelo sujeito, que não é sujeito do saber. Logo, ainda que o saber objetivamente não corresponda a algo (e portanto não signifique uma descoberta do real), apresenta-se concretamente como uma cena, até habitável pelo eu: oferece-se como um lugar em que, em vez de conhecer, se pode ler.

E como a não invenção do saber des-atualizaria o inconsciente, apagando o sujeito, a psicanálise, ao contrário de servir ao conhecimento, promove a produção do sujeito:

> *Alors si ce savoir, il faut l'inventer pour qu'il y ait savoir, c'est peut-être à ça que peut servir le discours psychanalytique*. (12-3-74)

A psicanálise não é proposta como uma teoria do inconsciente. Em vez de uma teoria do sujeito, consiste em operações com o sujeito: um tratamento, que não é psicológico! Eis o horizonte da psicanálise em vistas da cientificidade. Melhor: da perspectiva do conhecimento, horizonte fora de vista...

O que escape aos liames da fala, inclusivos do sujeito, escapa como objeto não equacionável visual-refletivamente. E com isso escapa a fantasiosa possibilidade, facultada pela pulsão escópica, de crer no conhecer.

Contra o senso comum científico, evita-se em psicanálise o uso teórico — ou seja, imaginário — do pensamento, em função do que faz-se exigível fazer a psicanálise ser enfocada como uma prática, e não como teoria[152]. Uma prática da experiência do (ser) sujeito.

No máximo, conforme soeu a Lacan salientar, seus enunciados "teóricos" sistematizam essa prática[153].

24. REAL E SABER

Finalmente conta-se com os elementos necessários para se apreciar a tese da experiência como suportada no dizer — delineada a partir da facticidade discursiva do inconsciente —, sob o ângulo da sua relevância para uma epistemologia geral.

O inconsciente pode constituir-se num ponto de partida para que se averigúe as condições que sustentam a expectativa científica de que a natureza cumpra a sua palavra, não "minta".

Confiança na qual, no entender de Lacan, repousa todo o edifício da ciência moderna, e que de alguma maneira alguns impasses contemporâneos em áreas de investigação de ponta parecem atualizar sob suspeita.

A solução proposta é simples. As dificuldades surgem por não se reconhecer que o real, enquanto tal, é solidário do saber:

> *Le réel, il faut que ça marche. Et on ne voit pas comment ça marcherait, sans qu'il y ait dans le réel du savoir*. (23-4-74)

Lacan intenta pensar o fato de no real se suporem processos discerníveis e enunciáveis em leis formuláveis como proposições[154]. E a condição para isso é não se somar ao preconceito, inaceitável tomada de partido, que insiste em dicotomizar saber e real.

Preconceito que se expressa numa mentalidade psicanaliticamente desprevenida e dela é solidário, pois é a partir do inconsciente que a questão do saber no real, isto é, da regularidade dos fenômenos segundo fórmulas lingüísticas, pode ser pensada:

---

152 Veja-se um exemplo das conseqüências do descaso para com isso: *Parler de théorie de l'inconscient, c'est vraiment ouvrir la porte à cette sorte de déviation bouffonne que j'espère barrer, qui est celle qui s'est étalée déjà de longues années sous le terme de "psychanalyse apliquée", qui a permis toutes sortes d'abus...* (4-12-68)

153 *Qu'il y ait théorie de la pratique psychanalytique assurément, de l'inconscient non...* (4-12-68)

154 Suposição que, como se sabe, é o sentido do termo real, quando não se diz que não tem nenhum.

L'inconscient au sens de Freud, c'est au nom de quoi je pose la question du savoir dans le réel. Mais je ne la pose pas en donnant à l'inconscient de Freud toute sa portée. Je dis seulement que l'inconscient ne se conçoit d'abord que de ceci: que c'est un savoir. Mais je me limite à ça. Ç'est au nom de ça que la question du savoir dans le réel prend son sens. (23-4-74)

O inconsciente se define pelo legível e é saber. Nosso único e escasso quinhão de saber[155]. Um saber a ser lido nada mais nada menos que no real.

A psicanálise se revela uma disciplina excepcional para a investigação do mistério, freqüentemente despercebido, de no real se pensarem processos discursivos.

Atente-se pois à diferença existente entre o saber no real — o recalque enquanto realização do simbólico — e o que importaria às ciências como simbolização do real — a teoria como impossível saber do real. A ligação entre ambos não deve conduzir a conclusões precipitadas, abrindo apenas um campo de encaminhamento da reflexão do tema.

Os pontos de proximidade não devem confundir quanto à divergência, fundamental, entre o saber inconsciente, no real, e o saber do real. Para ambos está fora de cogitação a possibilidade do objeto, mas o primeiro implica o sujeito.

O inconsciente vincula-se à parcela do simbólico exterior ao enunciado, mas, sob pena de se incorrer em abstrações, rastreável no dizer.

Também é por este dizer que o real, enquanto radicalmente "fora", se pode marcar na experiência que, portanto, intrinsecamente é discursiva.

Experiência sempre a conceber como experiência do inobjetivável, tanto por impossibilidade, como por inconveniência ética[156].

Outra razão da (quase) identificação prende-se à propriedade, comum aos saberes inconsciente e do real, de serem desprovidos de sentido. Com uma diferença: a desrealização do simbólico insere esta característica numa dimensão temporal que a relativiza.

O real é sem sentido, o saber (enquanto inconsciente) é sentido em falta. A falta de sentido, equivalente à exterioridade ao sujeito, é definitória e definitiva quanto ao real. Mas em relação à possibilidade única de este se posicionar para o sujeito, a exterioridade é apenas relativa à dimensão consciente.

No inconsciente, o que está em jogo é uma cisão subjetiva entre a consciência e uma classe de representações. É em função desta exata posição que se pode entender o inconsciente como saber radicalmente dissociado do impossível conhecer.

Já em relação ao saber do real, não fosse excessivo extrair qualquer informação sobre o real, poderia se cogitar o radicalmente extra-subjetivo como tão dividido quanto o sujeito: coisa sem saber, o impossível, e saber sem coisa, fórmulas.

Apesar de, do lado do sujeito, a confiabilidade do discurso só se encontrar pelas avessas[157], o inconsciente, como impasse do sujeito perante o real, é porta única de perspectivação do que valha como tal: permitirá orientar o sujeito na direção do real porque o objeto — enquanto ele mesmo, para o sujeito, impossível — remete ao lugar fora da consciência; e como do objeto apenas se pode assinalar uma posição, o real só poderá ser apreendido como um lugar outro que o da consciência. Um lugar (negativamente) da mesma ordem que o inconsciente.

Têm em comum que, na medida em que se excluem da cognição, apenas se podem (indiretamente) enunciar. Logo, — em coerência com que se verificou relativamente ao real,

---

155 ... *cet inconscient, qui en fin de compte est notre seul lot de savoir.* (13-11-73)

156 Ambas vinculadas, devido à "natureza normativa" da orientação epistemológica lacaniana a propósito da orientação subjetiva quanto ao real, a qual é entendida como determinada pelo querer, e não pelo conhecer.

A propósito da inconveniência ética – a denúncia da psicologia como meio de controle do sujeito por um desejo alheio que o anula –, é bom ter em mente que muitas vezes as imprecações anti-psicológicas lacanianas bem poderiam ser dirigidas a ele próprio, em outras épocas. Os interessados em comprová-lo podem, por exemplo, consultar na Ornicar (de número 44) o remoto (artigo de 1931) STRUCTURE DES PSYCHOSES PARANOÏAQUES.

157 ... *le sujet n'affirme la dimension de la vérité comme originale qu'au moment où il se sert du signifiant pour mentir.* (LE SÉMINAIRE – LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.273)

referindo-o a um lugar demarcável do símbolo e da significação, por remeter ao prévio enunciar — não é de admirar que, também o inconsciente — na medida em que, na acepção de simbólico "realizado", se encontra excluído da acessibilidade — seja concebido fato enquanto se suporte num dizer[158].

O argumento desenvolve-se a propósito do sintoma, que é precisamente um modo de presença simbólica no real. Presumivelmente — em função da razão, muito simples, de no sintoma o sujeito (inconsciente) se fazer presente como sofrente, aparecer realizado enquanto "coisificado" no sintoma — o único modo de presença no real (indiretamente) acessível ao sujeito:

> *Le symptôme est réel. C'est même la seule chose vraiment réelle, c'est-à-dire qui conserve un sens dans le réel. C'est bien pour cette raison que le psychanalyste peut, s'il a de la chance, intervenir symboliquement pour le dissoudre dans le réel.* (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE BÉVUE S'AILE À MOURRE: VERS UN SIGNIFIANT NOUVEAU, ORNICAR 17/18, p.9)

O real não depende do imaginário, de uma significação[159]. Em si, escapa ao sujeito, e é nessa medida que se aparenta ao sintomático. Com a fundamental diferença de que, com a palavra, a este pode conferir-se um sentido, decompondo-se-o. Quer dizer, desfazendo-se (no real) o sem sentido sabido — o para o sujeito sem sentido, ou com uma significação mentirosa —, pois de fato a possibilidade de com o dizer dissolver ou alterar o sintoma pressupõe que este, à revelia da intencionalidade (consciente) — como sempre é o caso do que subjetivamente valha por real —, se articule pela palavra.

É precisamente a resolução do sintoma, na forma da dissolução de significações arraigadas — resistentes, se se preferir —, alcançada com a psicanálise, que justifica que Lacan considere que

> *... l'inconscient démontre... que* ***la parole est obscurantiste.*** (DISSOLUTION: LUMIERE!, Ornicar 22/3, p.7)

A assim ser, a psicanálise, lacanianamente concebida como prosseguimento da reflexão sobre subjetividade, ao descobrir o sintoma como real (e mesmo como o único real acessível ao sujeito) e ao enquanto prática operatória no real desvendar essa acessibilidade, ao mesmo tempo promove uma crítica do conhecimento e revela-se como, para o sujeito, verdadeira e única via de perspectivação do real:

> *... l'inconscient... peut-être il nous mène à un peu plus de ce réel qu'à ce très peu de réalité qui est la nôtre, celle du fantasme, qu'il nous mène au-delà: au pur réel.* (11-6-74)

Porém, como em função do inconsciente o procedimento lacaniano culmina na constatação de que toda a experiência se suporta no dizer, a restrição do sujeito da frase ao inconsciente tem como contrapartida, no lugar do objeto, a ampliação da fantasia ao abarcamento de toda a realidade. Ampliação que — na medida em que na experiência, quer se o saiba quer não, ou na qualidade da consciência se é enganado quanto ao objeto, ou na determinação inconsciente sequer se acede a um substituto — não assegura nenhum conhecimento:

> *L'univers, c'est une fleur de rhétorique. ...*
>
> *C'est ça que je dis quand je dis que l'inconscient est structuré comme un langage. Il faut que je mette les points sur les i. L'univers... c'est là où, de dire, tout réussit.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.53)

---

158 Vide subcapítulo 19, quinta nota de rodapé do terceiro capítulo da Primeira Parte.

159 *Dans le réel, ça veut dire: ce qui ne dépend pas de l'idée que j'en ai.* (23-4-74)

Dada a experiência do real na palavra, apesar das aparências, o pouso em que repousa a retórica não tem maiores garantias. E do ângulo do objeto, para bem marcar a impossibilidade do real com a qual sublinha a irredutibilidade da falta para além da sua marcação nos traços da palavra, na linha de vincar a dependência da realidade do discurso, o pensador chega a cometer tão drástica metáfora.

Não se pode no entanto abandonar a problemática tratada neste ponto. Se o inconsciente é um saber porque se constitui em fórmulas que habitam o real sem a ele se referirem, já que do real só temos as fórmulas que lhe são supostas, poder-se-ia identificá-lo àquele.

Trate-se pois de, definitivamente, esclarecer em que medida o inconsciente é ou não é o real.

25. REAL E INCONSCIENTE

Só agora é devidamente possível apreciar a tentativa epistêmica menos incompleta de definição do inconsciente:

> *Il n'y a pas d'autre définition possible à mon sens de l'inconscient. L'inconscient, c'est le réel. Je mesure mes termes si je dis — c'est le réel en tant qu'il est troué.* (R.S.I., 15-4-75, Ornicar 5, p.50)

O real é o inconsciente tão somente na medida em que é furado. O que é um buraco na realidade humana, o que se exclui da experiência, por sua vez é furado. Logo, no que está fora (de alcance), o real, algo está fora, o inconsciente:

> *... l'inconscient c'est le réel en tant qu'il est affligé chez le parlêtre de la seule chose qui fasse trou, qui du trou nous assure, à savoir ce que j'appelle le symbolique, en l'incarnant dans le signifiant dont, en fin de compte, il n'y a pas d'autre définition que le trou. Le signifiant fait trou.* (R.S.I., 15-4-75, Ornicar 5, p.50)

Eis a maneira sintética de caracterizar a realização do simbólico — o recalcado, saber inconsciente — como vinculado ao real por um furo no real (que é o significante), imanente ao simbólico[160] na sua amarração ao real. Havendo apenas de adendar-se ao explicitado o implícito do desejo, assegurador do sujeito (no "seu" devir), perpetuado por esse furo, que simboliza a falta real do objeto.

Haveria melhor maneira de expressar o que escapa no que escapa? Como doutro modo expressar o caráter, tão medularmente inclusivo do sujeito, do que se exclui da consciência?

A psicanálise, no dizer de Lacan procedente de um defeito no universo e determinada a não completá-lo, solidariza-se com a falta, ou melhor, o furo, que realmente o inconsciente é. O inconsciente é uma negativização do negativo.

E como o real, graças à linguagem e ao sujeito, só não escapa da experiência por faltar, não se pense que se possa reduzir o inconsciente a uma sub-espécie do gênero real. Para o sujeito, este é necessariamente furado, pelo que, como se viu, a falta instanciadora do desejo, ao atualizar o sujeito, torna-se também condição de possibilidade de orientação em direção ao real.

Melhor, o que supõe o real, o que o põe, é o inconsciente. É com ele que o real, como suposição, se presentifica[161].

Com tanto se tem delineado, do ângulo epistêmico, o interesse do pensamento psicanalítico lacaniano no inconsciente. O próximo desafio é, ponto por ponto, explorar o tratamento do sujeito pela palavra e examinar a palavra como letra.

---

160 *Le symbolique,... ça a affaire avec le trou.* (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES, Scilicet 6/7, p.40)

161 *... pour voir où est le trou, il faut voir le bord du réel.* (19-02-74)

Quer dizer, estabelecer o corpo conceitual que permita elucidar em termos justos algo que psicanaliticamente muito interessa: o que do corpo não é conceito. Pois, para devidamente avaliar o alcance das definições a que a empreitada crítica lacaniana conduz — o que se pode fazer sem maiores riscos de se embrenhar por descaminhos se se estiver prevenido por estas considerações —, é conveniente abordar positivamente o sujeito. É necessário enveredar pelo território do "nem menos", a propósito do inconsciente pronunciado por Lacan em RADIOPHONIE. Abordá-lo no nível não propriamente do que se possa saber (do saber), mas do ser (do inconsciente), na medida (precária) em que, para fins de análise, esta cisão seja viável.

É ao que na continuação se procede. Não sem antes esgotar, precisando, o que no nível epistêmico restou (sujeito) a dizer. Pois antes disso, para completar o quadro, falta o ajuste, da máxima importância, entre inconsciente e sujeito.

II

SUJEITO E INCONSCIENTE

L'inconscient n'est pas subliminal, faible clarté. Il est la lumière qui ne laisse pas sa place à l'ombre, ni s'insinuer le contour. Il représente ma représentation là où elle manque, où je ne suis qu'un manque du sujet.

LA MÉPRISE DU SUJET SUPPOSÉ SAVOIR, Scilicet 1, 36

26. INCONSCIENTE E LINGUAGEM

No capítulo anterior o inconsciente foi apresentado como um saber, e este foi definido como uma sucessão articulada de significantes[162]. Mas tal especificação, a grosso modo suficiente para o seu esclarecimento nocional, é insuficiente para dar conta da sua facticidade. Para tanto, requer-se levar em consideração o proferimento dos significantes em cada caso encadeados em saber, o discurso.

Praticamente, o que interessa é (o) discurso, o encontro do sujeito no significante. É aquele que, enquanto série significante devidamente habitada pela irrupção involuntária de sentidos, na qualidade de acontecimento do traço (significante), opera para constituir o sujeito, prestando-se à especificação "literal" do que valha como inconsciente:

> *L'inconscient, c'est qu'en somme on parle...* (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE-BÉVUE S'AILE À MOURRE, 11-1-77, Ornicar 14, p.7)

Nessa medida, como exaustivamente se vem ressaltando, o inconsciente se aproxima da natureza da linguagem. Mas diferencia-se por um detalhe fundamental:

> *L'inconscient est cette partie du discours concret en tant que transindividuel, qui fait défaut à la disposition du sujet pour rétablir la continuité de son discours conscient.* (FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE — ÉCRITS, p.258)

A menção à transindividualidade discursiva indicia, desde o início, a exclusão da problemática do inconsciente, e portanto da reflexão psicanalítica, do âmbito psicológico. A síntese, que se sabe tão fundamental na composição da totalidade da experiência psíquica, induz à compreensão do eu como unitário, o que a partir da irredutibilidade do inconsciente não se sustenta. E nessa medida, a adjetivação transindividual aposta à parcela do discurso vinculada ao inconsciente, além de despsicologizar o sujeito da psicanálise, presta-se a renegar a denegação intrínseca ao termo indivíduo.

A referência imediata ao discurso, excluindo a mediação pelo psiquismo, tem um papel muito preciso: a "despsicologização" é providência necessária à evitação de impasse inevitável quando se pensa o inconsciente como representações:

> *Ainsi disparaît le paradoxe que présente la notion de l'inconscient, si on la rapporte à une réalité individuelle. Car la réduire à la tendance inconsciente n'est résoudre le paradoxe, qu'en éludant l'expérience qui montre clairement que l'inconscient participe des fonctions de l'idée, voire de la pensée. Comme Freud y insiste en clair, quand, ne pouvant éviter de la pensée inconsciente la conjonction de termes contrariés, il lui donne le viatique de cette invocation:* ***sit venia verbo.*** (FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE — ÉCRITS, p.258/9)

Prosseguindo a análise, há que ter em mente que transindividual qualifica no discurso uma parte. O inconsciente é parte do discurso, precisamente uma parte em falta no discurso.

A definição merece ser minuciosamente analisada, primeiramente pelo ângulo "parte do discurso", para em seguida avaliar a aparente contradição acima referida, ressaltando o aspecto parte do discurso que falta.

Enquanto parte,... *l'inconscient participe des fonctions de l'idée, voire de la pensée*[163]. E há que não reduzir isso a uma redundância. Idéia e pensamento apontam na teoria lacaniana para noções interligadas, mas independentes.

O pensamento é uma trama discursiva. É a efetiva articulação de uma sucessão de significantes, de entre as várias possibilidades combinatórias que potencialmente se poderiam produzir. Sob pena de se interditar pensar por seu meio o inconsciente, é importante sublinhar

---

162 *L'inconscient, à partir de Freud, est une chaîne de signifiants...* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR – ÉCRITS, p.799)

163 FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE – ÉCRITS, p.259

que o ser articulado não quer dizer que se explicite. Para esclarecer a parte do discurso que o inconsciente é, como parte em falta, uma primeira indicação é precisamente levar a sério esta distinção. Isso é necessário, pois conforme Lacan salienta — até invocando a autoridade da letra de Freud —, é importante vincar que ... *l'inconscient... c'est des pensées*[164].

Em primeiro lugar, a atividade pensante é referida ao inconsciente:

> *Pour nous particulièrement, la pensée commence à l'inconscient.* (15-11-61)

O pensamento está pois do lado do simbólico, e poderia se indagar porque não simplesmente designá-lo pelo que neste importa, o significante. A resposta é simples: como concretização de uma possibilidade articulatória de entre as na língua abertas, enquanto processo de atualização do saber o pensamento se constitui no simbólico encarado pelo prisma da produção do sujeito. A nuance semântica comportada pelo termo "pensamento" importa na maneira subjetiva, mesmo subjetivante, de nomear o significante.

Já a idéia é pelo autor encarada como referível ao imaginário — o termo genérico que agora significa o que antes se viu designado de função de informação — e, na medida em que a realidade intrinsecamente se carrega de significações, trata-se da "indumentária" inerente à realidade[165].

O aparecimento de ambos associados deve-se atribuir ao momento a que pertence a fonte citada, FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE, de um período em que Lacan começava a refletir as condições (simbólicas) de produção da significatividade, geradoras da compreensibilidade e desse modo constituintes da realidade acabada, antecipando e referindo o seu completamento ao registro do simbólico, devidamente especificado do significante e do operar a este inerente.

Recorde-se que a certa altura, preservando a dimensão da significatividade que torna o mundo habitável, Lacan centrara na sociabilidade e na intersubjetividade um fundamento das relações de compreensibilidade, que, a partir da interação entre sujeitos, progressivamente seriam supostas e se subporiam na realidade ambiente, acabando-a. A partir de certo momento o modelo não se sustenta, havendo a necessidade de substituir a relação intersubjetiva por uma dinâmica intra-subjetiva. O outro, interlocutor, se desloca da interioridade para um outro lugar, o da palavra. Autorizando Lacan a pensar o sujeito, relativamente a si, também como alteridade:

> *L'Autre, qui est le lieu de la parole, qui est le sujet de plein droit...* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.274)

O papel de construção da realidade pelo depósito ordenado de impressões imagéticas, a um só tempo constituintes da realidade do eu e da realidade como outro, constatado o seu fundo falso, é agora confiado aos elementos da linguagem que arquitetam a verdade do imaginário. Cabe pois a expressão "realidade acabada" em duas acepções. Em sentido forte, a realidade acabou. E, imaginariamente, a realidade é construída segundo determinações significantes[166].

O significante é reconhecido como seu determinante:

---

164 LA MÉPRISE DU SUJET SUPPOSÉ SAVOIR, Scilicet 1, p.35

165 ... *le nommé Platon s'était rendu compte qu'il y fallait le tiers de l'idée, de l'**eidos**, qui traduit très bien ce que j'appelle l'imaginaire, puisque ça veut dire l'image. Il a très bien vu que sans l'**eidos** il n'y avait aucune chance que les mots collent à une chose.* (R.S.I., 11-3-75, Ornicar 5, p.19)

166 *Il n'y a pas la moindre réalité pré-discursive, pour la bonne raison que ce qui fait collectivité, et que j'ai appelé les hommes, les femmes et les enfants, ça ne veut rien dire comme réalité pré-discursive. Les hommes, les femmes et les enfants, ce ne sont que des signifiants.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.34)

Une idée, ça a un corps. C'est le mot qui la représente. Le mot a une propriété tout à fait curieuse — c'est qu'il fait la chose. (LE MOMENT DE CONCLURE: UNE PRATIQUE DE BAVARDAGE. Ornicar 19, p.6)

A coisa é feita pela palavra enquanto operação significante, mas sua aparência[167], imaginária, é a idéia. Portanto, a participação da idéia no inconsciente tem de ser precisada na dependência que a aparência da realidade, discursivamente constituída, mantém relativamente ao significante.

Conseqüentemente as coisas seriam outras, e haveria outras idéias, se diferente tivesse sido a incidência do significante, determinadora do significado. Isto é, se (nas duas acepções) outro fosse o sentido.

Ressalte-se que, no léxico lacaniano, não se deve confundir o sentido com o significado. O segundo se remete estritamente à órbita do imaginário, o que não é o caso do primeiro, do qual o psicanalista diz que ... *je l'ai définit par l'effet de lalangue sur l'idée, soit sur l'imaginaire...*[168]

Embora incidente no imaginário, o sentido escora-se no simbólico, pois a **lalangue**, a "alíngua", são as peculiaridades discursivas mais ou menos habituais ou normais numa comunidade lingüística — etimologias "selvagens", trocadilhos socializados, etc — particularmente concretizadas na dicção dos indivíduos e cujo "banco de dados" o inconsciente percorre. Como a sua gramática é a livre associação de significações pela sugestão fonética, corresponde ao simbólico conforme, sem cerimônia, se o vê operando nas chamadas formações do inconsciente.

Tais variações e as suas implicações só têm conseqüências por se sucederem, isto é, acontecerem temporalmente. A importância da noção de discurso reside em especial no fato de que possibilita a temporalização da estrutura condicionante da emergência de sentido. A temporalidade como **a posteriori** enformadora da imago continua presente aqui, no que se perpetua um aspecto da teorização da psicologia, embora reduzido ao equacionamento do imaginário. Ou melhor, é a psicanálise que se amplia para além da função de informação, inerente à imagem, à qual a psicologia se restringia.

O imaginário, enquanto âmbito das idéias, tem a seu cargo as funções de informação e significação descritas na ciência da personalidade a propósito da intencionalidade, enformadora da realidade e do conhecimento. Nesta acepção, está ligado ao significado, à percepção concreta e ao completamento consciente da interpretação de um enunciado. Liga-se à percepção concreta porque, dada a vacuidade do que ao sujeito se apresenta, a percepção ela mesma, como realidade imediata, reduz-se a captação imaginária. Ou seja, limita-se a ser seqüência, certamente organizada, de sensações que preenchem aparências, do ponto de vista do objeto (impossível) que interessa ao sujeito, essencialmente insubstantivas.

Trata-se de duas faces da mesma moeda. A realidade é imaginária porque o objeto que interessa realmente, lá não é captável. Este não sendo, sua concretude imagética não pode corresponder senão ao ciclo temporal-discursivo de fechamento da significação e é este que **a posteriori** torna habitável a realidade humana. As perturbações desse ciclo constituem o catálogo das perturbações psíquicas.

Não soa imediatamente claro, mas pode-se esclarecer, em que medida o inconsciente participa das idéias: exatamente na mesma medida em que delas participava na psicologia. A forma fixa de sucessão de imagens — ou regra de sua construção —, a qual lá se denominava de complexo e aqui é resolutamente identificada à forma (significante) que é a matéria do discurso, faz surgir (ou sugerir) um padrão de imagens, (a imago) representação inconsciente.

Ora, como anteriormente foi possível acompanhar, isso é o que, desde o fracasso da psicologia, já se sabia.

---

167 Também como aparição.

168 R.S.I., 11-3-75, Ornicar 5, p.20

Pensar os atributos do inconsciente, logo, equivaler-se-á à dedução de obviedades analíticas da verdade (freudiana) despertada por aquele momento: a verdade da existência de representações inconscientes irredutíveis — cujo saber não se pode conhecer, só se sabe não se saber[169] —, em relação às quais a experiência, por isso mesmo, só poderá ser conforme.

No entanto, o que seria produto, em função da busca do apaziguamento do desejo pelo encontro com o objeto, parece possuir uma aderência à coisa propícia a desencaminhar a perquirição do saber no equívoco da sua (ilusória) viabilidade como conhecimento. Descaminho lastimável, que a conversão da psicologia em psicanálise pode obstar. Na segunda não haverá necessidade de objetivar a falta de objeto numa abstração estática — se fixar na mitologia nostálgica de um objeto ausente —, pois a remissão à vacuidade literal como única substância permite representar positivamente a falta como consubstancial ao simbólico, e dinamicamente mapeável.

Pode-se agora prosseguir entendendo exatamente o que está em jogo quando se refere o inconsciente a uma cadeia de significantes — ou melhor, à parte faltante na cadeia.

Para trabalhá-lo mais detidamente — pois afinal não é outra coisa o que aqui se visa, subordinando-se as demais incursões na decifração do universo conceitual lacaniano a este objetivo — tomar-se-á como fio condutor uma citação excepcionalmente propícia ao seu detalhamento e síntese absolutamente exemplar da sua reflexão.

Lacan é levado a sustentar que

> *L'inconscient, à partir de Freud, est une chaîne de signifiants qui quelque part (sur une autre scène, écrit-il) se répète et insiste pour interférer dans les coupures que lui offre le discours effectif et la cogitation qu'il informe.* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.799)

Aqui se encontram os três traços fundamentais que orientam a meditação lacaniana sobre tal sujeito, os quais vão ser considerados pela perspectiva da sua articulação. Em primeiro lugar, o inconsciente é uma cadeia de significantes. Significância entendida não como significação acabada, mas como o que opera para produzi-la, pois a significância produto, o sentido, é outra coisa: produz o ser sujeito. O completamento de um sentido na cadeia promove o significante a pensamento, a cogitação, precisando uma efêmera mas efetiva situação para o sujeito (estar). Em segundo lugar, reencontra-se (implícita na anterior) a sempre recorrente tese de que o inconsciente se organiza como uma linguagem. E em terceiro, a tese de que a referida cadeia significante se estabelece em outro lugar que não a cena corrente.

Lacan afiança a irredutibilidade do inconsciente à palavra, possível por o "como" excluir a identidade, mas insiste na sua estruturação <u>como</u> linguagem. O que parece soar redundante:

> *Para ser mais preciso, há aqui uma redundância, pois para mim "estruturado" e "como uma linguagem" significam exatamente a mesma coisa. Estruturado significa minha fala, meu léxico, etc., que é exatamente o mesmo que linguagem.*[170] (DA ESTRUTURA COMO INTROMISTURA DE UM PRÉ-REQUISITO DE ALTERIDADE E UM SUJEITO QUALQUER — A CONTROVÉRSIA ESTRUTURALISTA, p.200)

---

169 ... *le savoir sur l'inconscient, à savoir qu'il y a un savoir qui dit "il y a quelque part une vérité qui ne se sait pas" et c'est celle qui s'articule au niveau de l'inconscient, c'est là que nous devons trouver la vérité sur le savoir.* (26-2-69)

170 A referência ao texto em português é de somenos importância, desde que, segundo os organizadores da primeira edição (em inglês) da coletânea de conferências de que se extrai esta tradução, o original não foi proferido em língua definida:

> *Dado que o Dr. Lacan, como ele mesmo diz na introdução, optou por fazer sua comunicação em inglês e francês, alternativamente (e, em alguns pontos, combinando as duas línguas), este texto representa uma transcrição e uma paráfrase de sua exposição.* (DA ESTRUTURA COMO INTROMISTURA DE UM PRÉ-REQUISITO DE ALTERIDADE E UM SUJEITO QUALQUER – A CONTROVÉRSIA ESTRUTURALISTA, p.198)

Porém atenção! Assim sendo, como interpretar a fórmula "estruturado como uma linguagem"?

Se estruturado significa como uma linguagem, estruturado como uma linguagem só pode querer dizer que o que não é propriamente linguagem, mas como uma linguagem, é como uma linguagem, aproximando vertiginosamente o raciocínio da identidade em primeira instância negada.

Na realidade a fórmula lacaniana comporta precisamente a sutileza de o inconsciente se afiançar como parte do discurso, e nessa medida linguagem, ao mesmo tempo que parte que falta.

O inconsciente é palavra em falta, e é enquanto falta, palavra não dita, que pode ser dito como uma linguagem, em princípio não correspondendo positivamente a linguagem alguma[171].

A razão maior da nuance acima tratada, esclarecedora do fundamento do recurso a tal malabarismo, é o real âmbito da meditação sobre o inconsciente, que se vinha evidenciando e se confirma ser uma reflexão sobre a subjetividade[172]:

> *Não é só porque o material do inconsciente é um material lingüístico — ou, como se diz em francês,* ***langagier*** *— que o inconsciente se estrutura como uma linguagem. A questão levantada pelo inconsciente é uma questão que toca no ponto mais sensível da natureza da linguagem: é a questão do sujeito. O sujeito não pode ser simplesmente identificado com o falante ou com o pronome pessoal numa sentença.* (DA ESTRUTURA COMO INTROMISTURA DE UM PRÉ-REQUISITO DE ALTERIDADE E UM SUJEITO QUALQUER — A CONTROVÉRSIA ESTRUTURALISTA, p.200)

Epistemicamente o material inconsciente precisa ser um material lingüístico, sob pena de não ser material, pelo menos na acepção modesta de concretamente determinável para o sujeito. Mas o fundamental é que assim procedendo se estabelece, pela linguagem, uma base concreta para tratar do que psicanaliticamente mais importa: ... *ce centre, ce coeur parlant du sujet que nous appelons "l'inconscient"*.[173]

Se se desconsiderar a indicação da co-incidência (tópica) do sujeito com o inconsciente não se pode devidamente avaliar a asserção lacaniana do último como sendo a exterioridade do simbólico ao homem[174]. Por exterioridade do simbólico em relação ao homem entenda-se a remissão de uma (parte da) cadeia significante a outro lugar que não a consciência[175]. Afirmá-lo, portanto, equivale a dizer que o sujeito está, a princípio, ainda que esta o implique e na medida em que habitualmente a consciência se lhe associe, excluído da referida cadeia:

> *... le sujet n'est rien d'autre que ceci, que la conséquence de ceci qu'il y a du signifiant et que la naissance du sujet tient en ceci qu'il ne peut se penser qui comme exclu du signifiant qui le détermine.* (2-5-62)

A sutileza, longe de ser capricho escolástico lacaniano (ou comprazimento na complicação retórica, fruição do gosto barroco) reveste-se de tamanha importância que, sem ela, certamente jamais o pensador conseguiria reivindicar ser quem depois da descoberta de Freud pode marcar a posição do inconsciente, pois o pseudo-malabarismo assinalado é o ovo de Colombo que plausibiliza a pretensão.

O sujeito, ainda que só cogitável a partir da forma da "matéria lingüística", o campo do inconsciente sendo inteiramente definível pelo significante, não é redutível de forma alguma a

---

171 Até porque *Dans la structure de l'inconscient, il faut éliminer la grammaire. Pas la logique, mais la grammaire.* (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE-BÉVUE S'AILE À MOURRE, 11-1-77, Ornicar 14, p.6)

172 *... l'inconscient, c'est le lieu du sujet où ça parle...* (10-1-62)

173 (10-1-62)

174 *Cette extériorité du symbolique par rapport à l'homme est la notion même de l'inconscient.* (SITUATION DE LA PSYCHANALYSE EN 1956 — ÉCRITS, p.469)

175 *... la conscience est la surface par où ce quelque chose qui est coeur du sujet, reçoit, si l'on peut dire du dehors ses propres pensées, son propre discours.* (10-1-62)

uma posição positiva nesta[176], pois nem tudo o que se determina desse campo é significante. Dele, o sujeito exclui-se. Não por qualquer arbitrariedade, ou ocasionalmente, mas porque a falta de objeto, preservada na vacuidade formal natural da linguagem, não pode ser preenchida pela inclusão do sujeito:

> *Tout ce qui est de l'inconscient, ne joue que sur des effets de langage. C'est quelque chose qui se dit, sans que le sujet s'y représente, ni qu'il se dise, — ni qu'il sache ce qu'il dit.* (LA MÉPRISE DU SUJET SUPPOSÉ SAVOIR, Scilicet 1, p.36)

O inconsciente é parte do discurso em falta. É a parte da cadeia significante efetivamente proferida que falta. Conforme se evidenciou em capítulo anterior, o saber consiste numa cadeia significante. Portanto o inconsciente, parcela da cadeia em falta, é saber despossuído.

O próximo passo é averiguar como tal tipo de saber, saber inconsciente ou, simplificando, o inconsciente, na medida mesma da exclusão do sujeito da cadeia e da despossessão do saber pelo sujeito, não obstante, ainda assim constrange a uma reconsideração da subjetividade. Cumpre pois dar conta das operações que propiciam a tão desarticulada articulação assinalada, a qual, a princípio, nada na natureza aparentemente díspar do designado por cada um dos termos, "sujeito" e "inconsciente", pareceria assegurar.

27. SABER E SUJEITO

Agora o ponto analisado pode formular-se da maneira seguinte:

> *La structure du langage une fois reconnue dans l'inconscient, quelle sorte de sujet pouvons-nous lui concevoir?* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALÉCTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.800)

Assim equacionado, o problema do inconsciente imediatamente se revela o (sujeito) que realmente em psicanálise tem de ser pensado[177]. O inconsciente é (outro[178]) lado do sujeito:

> *Il paraît, à juste titre, nouveau que je me sois référé au sujet quand il s'agit de l'inconscient. J'ai cru avoir réussi à vous faire sentir que tout cela se passe à la même place, à la place du sujet...* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.44)

Só a admissão de que inconsciente e sujeito se abordam no mesmo lugar coloca o interlocutor na trilha adequada à intelecção da reflexão lacaniana sobre subjetividade.

Em passagem dos ÉCRITS já mencionada — a propósito da impossibilidade do conhecimento, manifestante da não conformidade da representação com qualquer objeto real, e homóloga da impossibilidade de supor ao sujeito o saber inconsciente —, não deve ter passado despercebida a menção à posição do sujeito em relação ao saber inconsciente. Estaria na posição do escravo-mensageiro da antiguidade, que sem saber carregaria um veredicto sobre o seu destino. Correlato desta situação do sujeito no saber, sem conhecimento, é o posicionamento indeterminado — quer dizer, presente de modo indefinido, como se pode constatar pela incoincidência de si com a posição em que estaria nas operações que o supõem[179] — do sujeito do saber. O sujeito suposto ao inconsciente é sujeito enquanto nada sabe.

---

176 ... *le sujet n'est que cela: cette part exclue d'un champ entièrement défini par le signifiant...* (2-5-62)

177 *Il est impossible de ne pas considérer comme première l'incidence du sujet dans la pratique psychnalytique.* (14-5-69)

178 ... *un sujet, strictement, en est un autre.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.174)

179 ... *le sujet en sait plus qu'il ne croit, en dit plus qu'il ne veut...* (19-5-65)

Tal ignorância é cheia de conseqüências. Sabe-se que o saber (inconsciente) é como que sem sujeito: este escapa tanto quanto o objeto. Mas a sua falta é condição da sua captação, pois é ela que o estabelece na não relação com a consciência que o torna pertinente ao objeto perdido.

A perda do objeto do conhecimento implica-se com a perda do sujeito do saber relativo a esse objeto. Logo, pelo avesso, pode-se referir o sujeito — perdido em relação ao saber, como sujeito intrinsecamente sem saber — como relação com um não saber:

> *... ce que Freud nous définit comme sujet, c'est ce rapport nouveau, original, impensable avant sa découverte, mais affirmé d'un sujet à un non savoir.* (12-5-65)

Em suma, no plano epistêmico falta o objeto e o sujeito propriamente dito. O sujeito que verdadeiramente diz, não podendo senão depor a verdade do desejo — ou seja, testemunhar da falta de objeto —, apresenta-se em falta. Mas o sujeito que não se sabe, exatamente por ser verdade que nada se conhece, sequer ele próprio a si mesmo[180], é verdadeiramente o sujeito.

No intento de dizer o dizer, o quase paradoxal da dicção a respeito do inconsciente não pode senão insuflar a exploração quase patética das fronteiras lógicas, com efeitos na dilação dos parâmetros costumeiramente aceitos da razão:

> *Quelque chose qui aura cette propriété essentielle à définir la conjonction de l'identité et de la différence. Voilà ce qui nous paraît le plus approprié à supporter pour nous structuralement la fonction du sujet.* (12-1-66)

Na impossibilidade de saber o saber — ou melhor, de definitivamente conhecer o saber —, para o saber o sujeito é constituído no ato da sua concretização nos tropeços que o fazem ser onde não sabe.

O mesmo recurso que, segundo as operações de produção de sentido, na matéria do dito permite recortar o objeto, a partir da diacronia significante possibilitará a determinação do sujeito. Quer dizer, o que haveria a saber não se representa (pelo que se inviabiliza o conhecimento), mas a este saber, que representa inconscientemente o objeto, deve-se supor o sujeito de uma maneira não cognitiva, isto é, inconsciente. Nada se lucra quanto à acessibilidade do objeto, mas se descobre uma dimensão de inconsciência do sujeito, anunciada na interrogação quanto ao tipo de sujeito a supor ao saber (inconsciente).

Dimensão rigorosamente imprescindível ao ser subjetivo, sob pena da sua dissolução objetivante. Portanto, para ser (sujeito), há que não aparecer.

Além de ser um não saber e um saber não sabido, ... *l'inconscient... c'est sa fonction d'effacer le sujet.*[181]

Essa perda (do sujeito) deve ser precisada. Retome-se o que a respeito Lacan pondera no duodécimo ano do seminário:

> *L'inconscient est un savoir où le sujet reste indeterminé...* (19-5-65)

Aquém da mera desaparição do sujeito, sua indeterminação. A qual, em paralelo com o adiantado a propósito do inconsciente, legitima pensar-se o segundo termo da dicotomia "saber sem sujeito" versus "sujeito sem saber", por um lado de uma maneira reflexiva: o sujeito não se sabe. E por outro objetiva: o sujeito não sabe.

O sujeito não sabe porque o conhecimento é impossível. Mas como isso não obsta ao saber (pois este prescinde do sujeito), o que este desconhece ao desconhecer o saber é a sua posição de sujeito desse saber. Posição que apenas lhe poderá aparecer, nas duas acepções, como assujeitamento pelo saber: submissão ao saber e ação de se fazer sujeito.

---

180 Vide epígrafe do primeiro capítulo da próxima Parte.

181 LA MÉPRISE DU SUJET SUPPOSÉ SAVOIR, Scilicet 1, p.35

No mundo sem objeto revelado pela psicanálise, a dicotomia acima mencionada — "saber sem sujeito" versus "sujeito sem saber" — tende a ser pensada, além da impossível relação do sujeito ao objeto, como divisão do sujeito consigo mesmo:

> *... quelque chose est du sujet divisé: d'un coté sujet, de l'autre savoir, mais pas ensemble...* (19-5-65)

Ora, de alguma maneira, mesmo sem saber, o sujeito é função do saber e o saber é impensável sem um sujeito (mesmo que perdido). A dicotomia é no entanto imprescindível para que, inconsciente, se preserve o sujeito como tal: é condição da inconsciência do inconsciente que o saber inconsciente se afigure fenomenicamente como sem sujeito, e ainda assim, saber:

> *Nous parlerons d'une pensée qui n'est pas <<je>>. Tel est d'un premier abord flou, ce comme quoi se présente l'inconscient. La formule est certainenent insuffisante, elle a ce prix qu'elle met au pivot de ce que Freud produit pour nous de décisif, ce terme du je.* (18-1-67)

Reencontra-se o termo pensamento, aqui devidamente destituído de qualquer veleidade de pretender com o mesmo dizer mais do que o significante, devidamente destacado da abstratabilidade da língua e presentificado num discurso concreto:

> *... il n'y a ici aucun inconvénient à faire intervenir le terme de pensée. Car Freud désigne de ce terme les éléments en jeu dans l'inconscient...* (L'INSTANCE DE LA L'ÊTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.517)

Lacan, que a partir do impasse da psicologia não mais teme paradoxos, ousa (apesar da ausência em princípio de um pensador) fazer intervir (a propósito do inconsciente) o termo pensamento, que é um modo de assegurar o saber, desconsiderando o conhecer — ou seja, de tratar do inconsciente.

Trata-se de ser fiel à descoberta de Freud,

> *Découverte qui veut dire, et qui dit, qu'il y a <<une pensée>> qui est savoir sans le savoir.* (10-6-65)

A nova apreensão da subjetividade imposta pela questão do inconsciente, assim equacionado, implica portanto um exame das relações entre o significante e o sujeito. Necessária, a fim de que se possa pensar o que seja (o) saber inconsciente.

O inconsciente, como um tipo de saber (sem sujeito determinado), vai depender da propriedade articulatória da língua. Ou, mais precisamente, do modo como os significantes estejam articulados em cada caso. Pois é possível fazer equivaler os significantes e seus mecanismos, no seu todo, ao conjunto de recursos da linguagem. Como se trata de pensar um pensamento sem pensador determinado **a priori**[182], em si mesmos, estes podem dispensar toda a cogitação:

> *... le signifiant se passe de toute cogitation, fût-ce des moins réflexives, pour exercer des regroupements non douteux dans les significations qui asservissent le sujet...* (SITUATION DE LA PSYCHANALYSE EN 1956 — ÉCRITS, p.467)

Em passagem um pouco extensa, mas esclarecedora, o autor concede uma boa introdução à eficácia significativizante das operações dos elementos do pensamento:

---

182 *A questão que a natureza do inconsciente coloca diante de nós é, em poucas palavras, a de que alguma coisa sempre* ***pensa****. ... o inconsciente... Trata-se de um palavras, a de que alguma coisa sempre* ***pensa****. ... o inconsciente... Trata-se de um pensar com palavras, com pensamentos que burlam nossa vigilância... A questão é descobrir o* ***status*** *exato desse outro sujeito, que é exatamente o tipo de sujeito que podemos determinar partindo da linguagem.* (DA ESTRUTURA COMO INTROMISTURA DE UM PRÉ-REQUISITO DE ALTERIDADE E UM SUJEITO QUALQUER — A CONTROVÉRSIA ESTRUTURALISTA, p.200)

C'est à celui qui n'a pas approfondi la nature du langage, que l'expérience d'association sur les nombres pourra montrer d'emblée ce qu'il est essentiel ici de saisir, à savoir la puissance combinatoire qui en agence les équivoques, et pour y reconnaître le ressort propre de l'inconscient.

En effet si des nombres obtenus par coupure dans la suite des chiffres du nombre choisi, de leur mariage par toutes les opérations de l'arithmétique, voire de la division répétée du nombre originel par l'un des scissipaires, les nombres résultants s'avèrent symbolisants entre tous dans l'histoire propre du sujet, c'est qu'ils étaient déjà latents aux choix où ils ont pris leur départ, — et dès lors si l'on réfute comme superstitieuse l'idée que ce sont là les chiffres mêmes qui ont déterminé la destinée du sujet, force est d'admêtre que c'est dans l'ordre d'existence de leurs combinaisons, c'est-à-dire dans le langage concret qu'ils représentent que réside tout ce que l'analyse révèle au sujet comme son inconscient. (FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE — ÉCRITS, p.269)

Embora pensar o inconsciente implique levar a sério a tese da inexistência do objeto para o sujeito — o que inviabiliza o conhecimento —, ainda assim, a empiricidade da determinabilidade de efeitos inconscientes pela mera sintaxe discursiva leva a reconhecer um pensamento que, embora (por prescindir do objeto) não se possa constituir em conhecimento, é um saber.

A partir deste contexto os produtos da significância não podem ter a significação referida a coisas extrínsecas ao universo contextual: nem podem ser pensados como conhecimento, nem o sujeito pode conceber-se como suporte da representação. Sob pena da qualidade da consciência, por si só, determinar o sujeito, tão somente devem cogitar-se como pensamentos sem sujeito definido, que denomina de saber inconsciente. Pois o conhecimento, consciente, pressuporia a representação (consciente) de uma coisa para um sujeito, e portanto localizaria o sujeito.

Descobre-se assim que o inconsciente, como parte do discurso em falta, mesmo assim é saber, porque não é a "matéria" significante que está em falta, mas sim o "discursor", que subpostamente se lhe suporia, que está indeterminado.

Como saber que não se sabe saber, cifrador do sujeito (do inconsciente), dado que a cifrabilidade bem caracteriza a oportunidade de uma simétrica decifração, no tempo da análise o inconsciente é um saber decifrador do sujeito:

... l'inconscient c'est un savoir dont le sujet peut se déchiffrer. C'est la définition du sujet qu'ici je donne. Du sujet tel que le constitue l'inconscient. (13-11-73)

O sujeito e o inconsciente travam-se no mesmo lugar porque, o segundo, parte em falta do discurso, cifra constitutivamente o sujeito. A tese cobra uma análise mais minuciosa: a idéia de decifração pressupõe uma posição possível para o sujeito. Melhor dizendo, um sentido capturável da orientação em que (o sujeito) se coloca em relação à falta (de objeto). Mas esse sentido está em parte nenhuma antes do ato discursivo, antes da atualização de uma combinação de significantes (testemunhada por uma escuta) que o recolha.

O sujeito, aquém e além de uma obviedade transparente a si mesma, mera potencialidade de subjetivação não realizada, não deve ser pensado na esfera do mero não ser.

No saber, subvertido, é o sujeito que gravita em potência. Dada a essência do humano, potência a aludir tanto ao estado de não manifestação, logicamente anterior à existenciação do sujeito em ato (pela ação), como (não podendo atribuir-se ao acaso as casualidades na língua) à possibilidade de exercer-se o desejo.

O conhecimento pressuporia a objetivação do ser (desejante). Mas, no campo que ao sujeito interessa, o objeto está em falta, faltando pois a possibilidade de conhecê-lo, que é a causa e a garantia da perpetuação do desejo (de conhecer):

Nous ne croyons pas à l'objet, mais nous constatons le désir. De cette constatation du désir nous induisions la cause comme objectivée. Le désir de connaître rencontre des obstacles. (LE SINTHOME, 9-12-75, Ornicar 6, p.16)

Observe-se de passagem que, a partir do contexto psicanalítico, o termo causa, por estruturalmente indicar o misterioso, não oferece mais mistérios:

> *La cause donc, la cause surgit toujours en corrélation du fait que quelque chose est omis dans la considération de la connaissance, quelque chose qui est précisément le désir qui anime la fonction de la connaissance. La cause, chaque fois qu'elle est invoquée, ceci dans son registre le plus traditionnel, est en quelque sorte l'ombre, le pendant, de ce qui est point aveugle dans la fonction de cette connaissance elle-même.* (8-5-63)

No âmbito nuclear da meditação sobre inconsciente e sujeito, o naufrágio de qualquer veleidade cognoscente tem um corolário da maior relevância. Como só há sentido quando o saber que não se sabe (saber) de alguma maneira se faz saber, e como sem este, além do objeto, escapa a essência do sujeito — quer dizer, a explicitação da sua situação (como) desejante[183] —, constata-se que a decifração do sujeito, paralelamente, é a sua construção.

Havia-se visto que, em relação ao real, o que se pode experimentar é o discurso. O inconsciente, que já se sabia ser condição de equacionamento do real na realidade, torna-se a porta para uma referencialidade inobjetiva, não cognitiva; a porta para uma referencialidade subjetiva, vinculada ao desejo. E é nesta medida que importa ao andamento desta investigação tematizar a questão do inconsciente pelo ângulo da essencialidade do desejo como instanciador do sujeito, e por este, da referencialidade ao real.

Para tanto, tudo o indica, ninguém se pode furtar a considerar a singular ontologia[184] (com) que (Lacan) trata do inconsciente, realizando, longe das expectativas usuais, o ideal da teoria do conhecimento. Pois só pelo ser (do) sujeito (no) inconsciente poderá haver uma aproximação efetiva do que concretamente, na vivência do sujeito, valha por experiência do real.

Lacan é cauteloso ao enunciar a tese:

> *... l'inconscient est peut-être sans doute dys-harmonique, mais que peut-être il nous mène à un peu plus de ce réèl qu'à ce très peu de réalité qui est la nôtre, celle du phantasme, qu'il nous mène au-delà: au pur réel.* (11-6-74)

O inconsciente, além de plano da produção do sujeito, herda do fracasso da psicologia o papel de instrumento de diagnóstico da humana irrealidade, o que não é suficiente para obstar à tentação de ir além da constatação da impossibilidade. Como a hesitante asseveração da desarmonia intrínseca ao saber inconsciente não parece proporcionar garantia suficiente contra tal perigo, o risco do luto do conhecimento descambar em núpcias metafísicas é suficientemente grande para, a respeito, Lacan nuançar as suas diferenças:

> *... la question est pour nous d'élaborer un statut tel a ce sujet, que nous ne soyions pas forcés de lui donner une substance...* (12-5-65)

A ontologia a ser introduzida, essencialmente tributária do ato verbal, o que a embasa é, como sempre, a idéia de que a coisa, ou pela menos a sua substância, está em falta. Faltando, o que sobra como base da experiência é meramente a linguagem e a sua combinatória, a qual nessa medida, sub-repticiamente vai assumindo uma função aparentemente essencializante:

> *... le savoir est ce qui s'articule. On aurait pu s'en apercevoir depuis un bon bout de temps, puisqu'à tracer les chemins du savoir, on ne faisait rien qu'articuler des choses et, pendant longtemps, les centrer sur l'être. Or, il est évident que rien n'est, sinon dans la mesure où ça ce dit que ça est.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.125/6)

---

183 *Dans son désir, le psychanalisant peut savoir ce qu'il est.* (PROPOSITION DU 9 OCTOBRE 1967 <primeira versão>, Analytica 8, p.16)

184 Ontologia?...

Em hipótese nenhuma o ser é invocado para preencher a vaga do conhecer. Porém, como a prioridade é desvencilhar-se do segundo, há que correr algum risco conexo ao fato do verdadeiro ponto ser pensar o sujeito, menos na esfera de um não ser, do que a partir de um não saber:

> *... l'inconscient, c'est que le sujet refuse un certain point de savoir, le sujet se désigne de faire exprès de ne pas savoir...* (12-05-65)

Sequer se poderá referir a substância ao saber, pois ainda que o sujeito se faça representar por significantes na cadeia destes que se constitua em saber, não é ele próprio um significante, estando em exclusão em relação à mesma. A indeterminação do sujeito no lugar do sujeito que é o inconsciente pôde por isso ser pensada em relação ao saber (inconsciente) como paradoxalmente um não saber. Mas seria um equívoco supor que essa indeterminação, que é condição da inconsciência do inconsciente, se possa reduzir a uma pura constatação da negatividade da posição subjetiva do ser (do) sujeito.

Não se trata de um mero desligamento do sujeito do saber, condição tanto da inconsciência do saber, quanto, em relação ao saber, da indeterminação do sujeito, e ambos desdobramentos necessários da exclusão do objeto. Tal desligamento faz-se patente sob o signo da necessidade. Caso contrário, com a hipotética presença casual do objeto, probabilisticamente cogitável, não haveria obstáculos à representação (consciente) do mesmo, e o conhecimento seria possível:

> *... le savoir de l'inconscient est inconscient, en ceci: que du coté du sujet il se pose comme indétermination du sujet, nous ne savons pas en quel point du signifiant se loge ce sujet présumé savoir, mais d'un autre coté, ce savoir, même inconscient, est d'une référence d'interdit fondamental au regard de ce pôle qui se determine dans sa fonction de savoir, il y a quelque chose que ce sujet, ce savoir, ne doit point savoir.* (19-5-65)

Ademais de cadeia significante, discurso, o saber é verbo que, como tal, expressa a ação de saber. Para ser, aquele que se presume saber o saber, constitutivamente tem de não saber. O que logicamente é necessário, para o sujeito à palavra, faz-se obrigatório. Tal desligamento haverá de tomar-se como imperativo, obrigando a ir além do nível (epistemológico) a que este estudo (por enquanto) se vem limitando.

A obrigatoriedade da desvinculação do sujeito do saber, a sua indeterminação no discurso que é esse saber — a qual Lacan não casualmente traduz como um dever de não saber, algo que pode ser pensado como interdição no nível do saber — inova por, quanto ao inconsciente, ter de se levar em conta algo da ordem do dever, algo da esfera do normativo.

O ser posto em causa pelo dever não saber é menos vacuidade, e mais esvaziamento. Não é a letra proferida — a posição nomeante do sujeito —, nem a palavra não dita. É o dito que não, o interdito.

O que se possa achar (de) substância, está do (outro) lado do sujeito, pois a posição positiva do objeto apenas assinala a negativa...

Curiosamente, no bojo e no ápice de uma interrogação sobre o ser (do) sujeito a partir da psicanálise, o leitor vê-se remetido para fora da epistemologia. E por intermédio da ontologia, a nada mais nada menos que à ética:

> *Le statut de l'inconscient, que je vous indique si fragile sur le plan ontique, est éthique.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRES CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.34)

No entanto aqui se adianta o passo. Para bem se adentrar com rigor neste desdobramento da investigação é necessário esgotar a descrição do terreno, único, por meio do qual e graças à psicanálise se encontra o sujeito: a linguagem, ou mais exatamente o significante.

A interpolação de uma secção dedicada a essa tarefa é o mais curto atalho para o esclarecimento do, por ora, impressionisticamente vislumbrado.

TERCEIRA PARTE

LINGUAGEM E PSICANÁLISE

Il arrive que nos élèves se leurrent dans nos écrits de trouver <<déjà là>> ce à quoi notre enseignement nous a porté depuis. N'est-ce pas assez que ce qui est là n'en n'ait pas barré le chemin? Qu'on voie dans ce qui ici se dessine d'une référence au langage, le fruit de la seule imprudence qui ne nous ait jamais trompé: celle de nous fier à rien qu'à cette expérience du sujet qui est la matière unique du travail analytique.

DE NOS ANTÉCÉDENTS — ÉCRITS, 67

Agora, não há como postergar o estudo, segundo sua interpretação psicanalítica, de alguns conceitos lingüísticos. Anteriormente, por se estar desprevenido quanto ao lugar que a psicanálise lhes reserva, teria sido pouco útil fazê-lo, já que a sua abordagem de maneira profícua para o cumprimento das expectativas neles depositadas depende do esclarecimento do papel que se lhes reserva no quadro do pensamento lacaniano.

Afinal, a par da fidelidade a princípios epistemológicos, o devotamento à palavra é a linha de continuidade entre os lacanianos tempo da psicologia e a subseqüente época psicanalítica. Não obstante se avolumarem as evidências de transformações radicais, a atenção à linguagem é como que um eixo comum entre os dois momentos.

Dado o conjunto de implicações entre a palavra e a subjetividade (psicanaliticamente ampliada), mais ainda sendo a primeira vetor da empiricidade da segunda, não é de admirar que o desenvolvimento e a elucidação das conexões entre conceitos comuns à psicanálise e aos estudos da linguagem se constitua em desafio acatado. Principalmente quando a reverente displicência do psicanalista para com o resultado dos estudos da língua parece levar a conclusões paradoxais quanto à suposta identidade dos conceitos nas respectivas disciplinas.

Posto que, também nessa direção, Lacan não encontrou as coisas prontas, é imprescindível observar a sua reflexão sobre tão importante ingrediente da mesma.

As razões que o obrigam a não se poupar de refletir a temática igualmente não permitem ao estudioso de sua obra abreviar a tarefa de o acompanhar nessa tarefa. É necessário acompanhar as teses lacanianas sobre a palavra, entendendo-as como o procedimento que se impõe ao esclarecimento da subjetividade, e portanto apreendendo-as como um prolongamento implícito do tratamento da última.

Em princípio, mais genericamente, convém ressaltar a habilidade que psicanaliticamente torna o dizer importante: o fato de ser habitado pelo sujeito. Depois, discutir o conceito de signo à luz da psicanálise, preâmbulo importante do que se lhe segue, o fundamental estudo do significante. Sem este, mesmo havendo se localizado a boa vertente para o tratamento do inconsciente, não é possível sistematizar a sua exploração.

I

LINGUAGEM E SUJEITO

Ne boudez pas, j'évoque de biais ce que je répugne à couvrir de la carte forcée de la clinique.

A savoir la juste façon de répondre à la question: Qui parle? quand il s'agit du sujet de l'inconscient. Car cette réponse ne saurait venir de lui, s'il ne sait pas ce qu'il dit, ni même qu'il parle, comme l'expérience de l'analyse tout entière nous l'enseigne.

SUBVERSION DU SUJET ET DIALÉCTIQUE DU DÉSIR, ÉCRITS, 800

28. PSICANÁLISE E SUJEITO

O caráter e a imperiosidade analíticos que presidem a reflexão "lingüística" lacaniana, além de serem impostos pela especificidade do objeto (que é o sujeito) da disciplina, são condição inequívoca para a necessária fundamentação da mesma. Permitem também elevá-la à possibilidade de, mais do que se equiparar, prolongar a filosofia. Prolongamento este na acepção de continuação amplificante, em particular, da reflexão sobre o sujeito.

O problema por excelência da psicanálise, a subjetividade, não é alheio ao interesse filosófico, sendo aí que mais claramente, do ponto de vista do psicanalista, se podem esclarecer as conexões entre ambas.

A estranheza perante um certo descaso da filosofia para com a psicanálise — em especial o de um pensador que admira, como Heidegger —, somada ao reconhecimento da primeira como importante interlocutora, certamente influiram nas reflexões de Lacan sobre os limites da mesma. É tempo de se clarificar a ambigüidade à primeira vista existente entre estes e a propugnação da continuidade da filosofia noutros termos, no fundo a solução de compromisso que encontra para satisfazer a pessoal vocação especulativa, sem, no estrito terreno filosófico, abandonar a fidelidade a um pensamento que respeita.

A problemática não tem aqui maior importância, mas para não se ficar no escuro quanto ao assunto, à guisa de breves indicações, vale lembrar que, tematicamente, a interpelação lacaniana da filosofia se distribui em três níveis. Um deles é o do (desejo do) filósofo quanto a si mesmo: "por que filósofo?", indaga. Outro o da filosofia enquanto discurso coerente, mas que não tem como decifrar e a que reportar, para além da especulação (imaginária), idéias fundamentais como verdade, ser ou Deus. E o terceiro, relativo à humanidade não filosofante, que faria filosofia sem o saber: o neurótico, quase sempre toscamente, formula questões quanto ao (seu) ser.

Pode-se resumidamente apontar a direção que sintetiza estes três aspectos pelo viés de uma ilustração: a filosofia pode dar conta do conceito de desejo, mas só a psicanálise permite alcançar o desejo de conceitos.

A interrogação do filósofo quanto a si, os impasses do analisante consigo mesmo e o sentido "desencarnado" das significações filosóficas são modos de pôr em questão o próprio eu relativamente à sua verdade, não em termos semânticos, mas, por assim dizer, viscerais.

O fio que une os três temas é notoriamente a problemática da subjetividade, que na filosofia Lacan prioritariamente referencia em Descartes. Por isso, um bom ponto de partida para esclarecer o monólogo da sua psicanálise com a filosofia é o pensamento cartesiano.

Os comentários do psicanalista acerca do filósofo, tanto são um meio de verificar o quanto interpela a filosofia, como revelam o nucleamento deste interesse na questão do sujeito.

A respeito do **cogito**, afirma que

> *... n'est pas seulement la formule où se constitue, avec l'apogée historique d'une réflexion sur les conditions de la science, la liaison à la transparence du sujet transcendental de son affirmation existentielle.* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.516)

Que mais o **cogito** é?

Para repondê-lo, há que destrinchar um pouco a análise do problema herdada da filosofia:

> *Peut-être ne suis-je qu'objet et mécanisme (et donc rien de plus que phénomène), mais assurément en tant que je le pense, je suis, absolument. Sans doute les philosophes avaient apporté là d'importantes corrections, et nomémment que dans cela qui pense (**cogitans**), je ne fais jamais que me constituer en objet (**cogitatum**). Il reste qu'à travers cette épuration extrême du sujet transcendental, ma liaison existentielle à son projet semble irréfutable, au moins sous la forme de son actualité, et que: **<<cogito ergo sum>> ubi cogito, ibi sum**, surmonte l'objection.*

Bien entendu ceci me limite à n'être là dans mon être que dans la mesure où je pense que je suis dans ma pensée... (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.516)

Em alguma instância, o **cogito** determina o sujeito a ser onde pensa que é — aonde penso, aí sou[185].

A remissão do sujeito ao pensamento — o mesmo é dizer, ao significante[186] — é portanto um exemplo de algo a partir da psicanálise inegavelmente afiançável, mas que se herda da filosofia:

*Je pense: <<**Donc je suis.**>> Ce **Donc je suis** est une pensée.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.180)

O sujeito se imbrica e se produz com o significante. Lacan explicita o ser eu como pensamento, declarando que

*... l'**ergo**, qui n'est rien d'autre que l'**ego** en jeu, est à mettre du côté du **cogito**. Le **Je pense donc: <<je suis>>**, voilà qui donne sa vraie portée à la formule. La cause, l'**ergo**, est pensée.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.181)

Portanto, a tradição filosófica, especificamente a sua vertente cartesiana, abre caminho à tese do sujeito feito (efeito) da conseqüência do dito. A palavra, além de campo da experiência, se descobre horizonte da "substância" subjetiva, exigindo atenção mais meticulosa.

Porém, mesmo este extremo de depuração do ser sujeito é psicanaliticamente insuficiente. Afinal, Freud emprega explicitamente o termo pensamento a propósito dos elementos em jogo no inconsciente, e neste o que se joga é o sujeito. O que o advento da psicanálise acarreta — problema que não se poderia pôr sem o labor prévio da filosofia, mas que é posto pela psicanálise —, é a descoberta de que geralmente o que o sujeito pensa de si não coincide com o que ele é:

La place que j'occupe comme sujet de signifiant est-elle, par rapport à celle que j'occupe comme sujet du signifié, concentrique ou excentrique? Voilà la question. (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.516/7)

Lacan ressalta não se tratar da conformidade do sujeito com a sua representação — o que obviamente seria absurdo, posto que o sujeito, enquanto tal, é no ato de pensar. O sujeito não se reduz à objetivação que, pensando, produz de si:

Il ne s'agit pas de savoir si je parle de moi de façon conforme à ce que je suis, mais si, quand j'en parle, je suis le même que celui dont je parle. (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.517)

Eis a irredutível divisão que caracteriza o sujeito. Ao pensar-se, o sujeito se divide, e é a reflexão sobre esta cisão, homóloga de procedimentos significantes, que a lingüística é convocada a instrumentar.

Com esta finalidade Lacan adota o privilégio conferido por Jakobson à metáfora e à metonímia. Do lado da segunda, posto que ao se dizer objetiva-se[187], encontra-se o sujeito em falta para ser:

---

185 O derradeiro subcapítulo do último capítulo desta Parte subsidia elementos para uma mais ampla decodificação do tratamento lacaniano do **cogito**. Mas para um exame mais específico e sistemático deste ponto pode recorrer-se a obras como a de Sipos e a de Le Gaufey – vide bibliografia –, indicação que não significa que se concorde com as suas conclusões.

186 Vide capítulo anterior, subcapítulo 26.

187 Ao dizer-se, no dito, o sujeito destitui-se de ser sujeito.

... si, retournant contre la nostalgie qu'elle sert, l'arme de la métonymie, je me réfuse à chercher aucun sens au-delà de la tautologie, et si... je me décide à n'être que ce que je suis, comment ici me détacher de cette évidence que je suis dans cet acte même. (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.517)

O sujeito como todo é impossível de ser dito. O ato, mesmo aquele em que se decide ser o que se é, supõe o sujeito de uma maneira irredutível à palavra. O dicente é irredutível ao dito, sendo esta a verdadeira acepção em que se deve interpretar, do ponto de vista da subjetividade, a metonímia definida como operação em que se toma a parte pelo todo.

Note-se — o que posteriormente, ao se estudar o conceito de significante, se retomará —, esta parte e este todo nada têm a ver com o (inacessível) real das coisas:

La partie prise par le tout, nous disions-nous en effet, si la chose est à prendre au réel, ne nous laisse guère d'idée de ce qu'il faut entendre de l'importance de la flotte que ces trente voiles pourtant sont censées évaluer: qu'un navire n'ait qu'une seule voile est en effet le cas le moins comun. (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.505)

O oposto da metonímia, a metáfora, movimento de renúncia ao significante no dizer — ou seja, o recalque —, não pode produzir melhores resultados. Pois embora aí se desista da palavra que tautologicamente diga o sujeito idêntico a si mesmo como objeto — quer dizer, se abdique da palavra que o des-subjetive —, ela se perde para se recuperar noutra.

Não obstante, é precisamente graças a essa perda que, tanto no anterior como neste caso, o sujeito enquanto tal se sustenta:

Non moins qu'à me porter à l'autre pôle, métaphorique, de la quête signifiante et me vouer à devenir ce que je suis, à venir à l'être — je ne puis douter qu'à m'y perdre même, j'y suis. (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.505)

A perda de si é constitutiva do ser. Porque o sujeito está perdido ao se pensar, quando há certeza absoluta também não há quem fala. O que de forma alguma significa a ausência absoluta de subjetividade, mas apenas que esta está estruturalmente "desligada" da posição enunciativa e portanto, enquanto subjetividade "absoluta", é absolutamente "insubjetivável". Neste caso, fora de qualquer empiricidade possível, o sujeito é menos ou mais do que a pregnante e escorregadia presença do eu na palavra, uma construção hipotética, eticamente justificada:

... si pour nous, le sujet n'inclut pas dans sa définition, dans son articulation première, la possibilité de la structure psychotique, nous ne serons jamais que des aliénistes. (2-5-62)

Excluindo este caso, no campo do subjetivamente possível[188], todo o esforço de se dizer sujeito apenas repete a perda, repondo o desejo. Num movimento que, presentificando a morte[189], perpetua a ausência na palavra de um absoluto subjetivo:

... ce jeu se joue, jusqu'à ce que la partie soit levée, dans son inexorable finesse, là où je ne suis pas parce que je ne peux pas m'y situer. (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.517)

A morte é o lugar (impossível) em que o sujeito, ao preço de não existir, seria. É portanto a presença virtual, permanente, coextensiva à historicidade do sujeito, da possibilidade da sua ausência. Abismo de fascínio e de horror concomitante e consubstancial ao tempo da palavra, a incidência mortífera da palavra também se faz valer, além de como ameaça presente ao futuro, como registro do princípio (lógico) do vir a ser.

---

188 Tanto o sujeito possível quanto a subjetivação do eu.

189 A qual, conforme abaixo se informa, está longe de ser o término imaginado da existência. Maiores detalhes encontram-se na Quinta Parte.

O vértice que vincula a psicanálise à linguagem na vertigem do sujeito ser e do não ser, do viver e morrer, por isso mesmo clarissimamente se vincula à filosofia e apenas muito tecnicamente, em segundo plano, ao estudo científico da linguagem. A palavra "instrumento", aplicada à lingüística em relação à psicanálise, assume neste contexto todo o seu peso. A saber, o pouco peso da primeira no esclarecimento das verdadeiras razões da segunda, em função do seu conveniente achatamento dimensional a um formalismo sem alma.

Para prevenir confusões a esse respeito, cujas conseqüências equivocantes são pouco evidentes e talvez por isso mesmo mais funestas, é prudente delinear o modo como Lacan concebe as relações entre as duas disciplinas.

29. PSICANÁLISE E LINGÜÍSTICA

O estudo não se atém a uma descrição sistemática das nuances que permitam descrever a correlação entre as duas, o que por si se desdobraria em trabalho independente. Apenas se vão listar algumas das peculiaridades do emprego dos conceitos lingüísticos em psicanálise (requeridas pela coerência da reflexão), as quais na medida em que progressivamente esta se revele mais do que o empreendimento da fundamentação do campo do inconsciente, a invenção de uma disciplina cheia de conseqüências para o conjunto do saber, tenderão a ser consideradas pertinentes mesmo dentro do campo em que originalmente foram encontradas. Mas peculiaridades que se avalia serem decisivas, devidamente perspectivadas no conjunto do pensamento lacaniano, para definitivamente abrir, além do horizonte cego de uma descrição, o campo da explicação das semelhanças e diferenças existentes entre os dois campos.

A questão que antes de mais nada precisa ser enfrentada, para que se possa esclarecer na sua especificidade a atenção à linguagem, é o sentido da sua inclusão no quadro global do pensamento do autor. De outra maneira se prosseguiria uma busca fragmentada, cujo disparate levianamente tenderia a ser-lhe atribuído.

Há que resgatar o movimento da reflexão lacaniana para situar adequadamente o seu interesse lingüístico, pois o entusiasmo do autor pelas possibilidades abertas para a psicanálise com o estudo da língua não pode confundir-se com um interesse direto no assunto.

Em capítulos anteriores delineou-se o conveniente contexto do inconsciente. Deve-se reconhecê-lo como uma divisão subjetiva "empiricizável" pelos meios da linguagem, desde que não há outro modo de rastrear o sujeito no saber sem o saber. Isto é, não há outro modo de testemunhar o inconsciente, finalidade precípua a que se subordina todo o interesse e reflexão lacanianos sobre os estudos lingüísticos.

Vale a pena introduzir a temática pelo simétrico prisma da peculiaridade da subjetividade que a torna dócil ao tratamento na linguagem, pois só assim se poderá justificar a não arbitrariedade, no tratamento conceitual dispensado à disciplina psicanalítica, da introdução das noções lingüísticas que compreendem os "fatos subjetivos".

Não é difícil reconhecer que, se o impasse epistemológico despertado pela noção de inconsciente parece contornável pelo recurso à palavra, o estudo da função desta e do campo da linguagem torna-se necessário para que, da mera caracterização do inconsciente, se aceda à sua conveniente explicitação intelectual.

A utilidade da lingüística redu-la à importância de uma disciplina auxiliar[190], e portanto, ainda que historicamente (em relação à psicanálise) atrasada, intelectivamente exigida por antecipação. Para o sublinhar — assegurando ser a psicanálise que verdadeiramente propulsionou o desenvolvimento da lingüística —, chega até, conforme foi exposto anteriormente, a priorizar de maneira aparentemente invertida a dívida entre as disciplinas, asseverando ser o inconsciente condição da lingüística[191].

---

190 *... j'ai pris de Saussure comme on s'empare d'un instrument, d'un appareil, et à l'usage de biens d'autres fins...* (18-6-69)

191 Vide subcapítulo 22.

A ordem lógica entre as disciplinas obedeceria a sua sucessão cronológica, conforme aliás ao atraso da lingüística por ocasião do surgimento da psicanálise, em si mesmo deplorável, mas quiçá inevitável:

> *Dès l'origine on a méconnu le rôle constituant du signifiant dans le statut que Freud fixait à l'inconscient d'emblée et sous les modes formels les plus précis.*
>
> *Ceci pour une double raison, dont la moins aperçu naturellement est que cette formalisation ne suffisait pas à elle seule à faire reconnaître l'instance du signifiant, car elle était, à la parution de la* ***Traumdeutung****, très en avance sur les formalisations de la linguistique auxquelles on pourrait sans doute démontrer qu'elle a, par son seul pesant de vérité, frayé la voie.* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.512/3)

Para enfatizar a primazia da psicanálise sobre a lingüística, ousa até referir à segunda o trabalho de seu mais ilustre predecessor:

> *Il est difficile de nier que Freud, tout au long de la* ***Science des Rêves****, ne parle que de mots, de mots qui se traduisent. Il fait de la linguistique sans le savoir, sans en avoir la moindre idée.* (OUVERTURE DE LA SECTION CLINIQUE, Ornicar 9, p.10)

Como não basta falar de palavras para se fazer lingüística e como o que nesta e noutras obras Freud intenta tratar não é exatamente a língua, o excesso certamente motiva-se na imperiosidade de, quanto a um ponto tão importante, não deixar de gravar no espírito dos discípulos a verdadeira ordem de razões a que se subsome a sua reflexão.

Mesmo assim, por vezes sem sucesso. É o que se patenteia quando, quiçá inspirando-se na idéia de o inconsciente ser condição da lingüística, intentam inverter a tese que (nas palavras mesmas do autor) se enuncia: *Le langage est la condition de l'inconscient...*[192]

Se Freud antecipa a lingüística, se se antecipa a Saussure, não é por haver "descoberto" o inconsciente. É por só se poder equacionar o inconsciente "concretizando-o" de alguma maneira na linguagem. Cuida-se dessa forma tão somente de buscar dar conta da problemática da subjetividade, de modo atento à revelação do sujeito em níveis inaparentes.

Sem a necessária clareza quanto ao ponto está-se condenado a errar à toa, longe de um conveniente esclarecimento da importância e do papel da linguagem e das concepções a ela relativas que elabora; bem como, e por isso mesmo, se sacrifica o sentido geral da obra lacaniana.

Ainda mais provindo de pessoas por ele formadas e bem informadas a respeito do seu ensino — o que explica o tom indignado de Lacan quando critica este tipo de revisão de suas teses —, confundir uma exigência epistemológica com uma questão de fato, de mais a mais evidenciando um profundo desconhecimento do que direciona a meditação lacaniana, redunda em mais do que uma apreciação grosseira, numa grosseria.

A desatenção a este ponto é tão menos justificável quanto é certo que Lacan não se poupou de explicitar a sua centralidade. A anterioridade da linguagem não se resolve no plano dos fatos, mas sim como uma exigência, por assim dizer, de direito epistêmico.

Como a empiricidade da letra é a única possibilidade de articulação da psicanálise com o campo da ciência, embora excluída da cientificidade e excluidora de uma compreensão psicanaliticamente desprevenida da mesma, os estudos da linguagem assumem para a psicanálise lacaniana o papel de a situar epistemicamente:

> *La linguistique est ce par quoi la psychanalyse pourrait s'accrocher à la science.* (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES, Scilicet 6/7, p.53)

A lingüística permite situar a psicanálise relativamente à cientificidade. O que no entanto, sublinhe-se, não basta para a incluir nesse campo[193].

---

192 LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.45

30. ENUNCIAÇÃO DO SUJEITO

Lacan não se ocupa de semiótica ou de lingüística, apenas constata a subjetividade como um furacão "entoupeirado" na linguagem. O desejo esburaca a semântica e viola a gramática, e, no seu encalço, não resta ao psicanalista senão pensá-lo no terreno que lhe é próprio.

Por isso a atenção à palavra pelo viés do sujeito, ou melhor, a exploração da subjetividade pela sua inscrição literal, por não ser uma possibilidade, entre outras, de pensar a codificação da psicanálise, está longe de ser um capricho intelectual do autor.

Por outro lado a problemática da subjetividade é imanente ao campo da linguagem. Não há como extrapolar o âmbito da palavra para tematizar o sujeito, pois este paradoxalmente existe graças ao verbo. E se outros se permitem ignorar o que a época lhes põe debaixo do nariz, esse não é o caso de Lacan, atento à crucialidade e ao privilégio da psicanálise no prolongamento, a que é sensível, de uma inquietação filosófica.

Que outro acesso, senão a palavra, haveria à disposição subjetiva? E como poder ignorar Freud, que tão magistralmente descobre "estares" em "aís" insuspeitáveis?

Se a subjetividade é dócil ao tratamento pela linguagem, e de uma maneira inevitável, é porque no seu conjunto a segunda é a matéria que enforma a primeira. E propedeuticamente ao precisamento rigoroso da terminologia pela qual Lacan se esforça por generalizar as suas análises, a fim de preservar o leitor da sensação de se defrontar com um inexplicável furor formalizante, convém propiciar alguma intimidade com o "material empírico" com que a psicanálise se defronta.

Primeiramente importa apresentar constatativamente os recursos que, para além do lugar que ocupe no enunciado, vão permitir ao psicanalista reconhecer o sujeito no discurso. A largos traços, trata-se de perseguir os rastros da inscrição do sujeito em moldes menos óbvios do que os seus índices lingüisticamente reconhecidos.

Nos ÉCRITS encontra-se uma excelente apresentação do que se cuida examinar nesta fase da investigação.

Sinais óbvios não bastam ao alcance das implicações do sujeito:

> *On peut ici tenter, dans un souci de méthode, de partir de la définition strictement linguistique du Je comme signifiant: où il n'est rien que le* ***shifter*** *ou indicatif qui dans le sujet de l'énoncé désigne le sujet en tant qu'il parle actuellement.*
>
> *C'est dire qu'il désigne le sujet de l'énonciation, mais qu'il ne le signifie pas. Comme il est évident au fait que tout signifiant du sujet de l'énonciation peut manquer dans l'énoncé, outre qu'il y en a qui diffèrent du Je, et pas seulement ce qu'on appelle insuffisamment les cas de la première personne du singulier, y adjoignît-on son logement dans l'invocation plurielle, voire dans le* ***Soi*** *de l'auto-suggestion.* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.800)

A atenção lacaniana à distinção entre significado e sentido — o segundo sempre ampliando a significação, muitas vezes contrariando a explícita —, responde à exigência psicanalítica de, à revelia das dissimulações, reconhecer o sujeito.

Um primeiro exemplo é proporcionado, na língua francesa, pelo **ne** dito expletivo. Com ele se sublinha a força enunciativa em casos em que ao sujeito repugne coabitar com a significação, ou em ato convenha sobrecarregá-la com um sentido em paralelo:

> *Nous pensons par exemple avoir reconnu le sujet de l'énonciation dans le* ***ne*** *dit par les grammairiens* ***ne*** *explétif, terme où s'annonce déjà l'opinion incroyable de tels parmi les meilleurs qui en tiennent la forme pour livrée au caprice. Puisse la charge que nous lui donnons, les faire s'y reprendre, avant qu'il* ***ne*** *soit avéré qu'ils n'y comprennent rien (retirez ce* ***ne****, mon énonciation perd*

---

193 *Mais la psychanalyse n'est pas une science, c'est une pratique.* (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES, Scilicet 6/7, p.53)

sa valeur d'attaque Je m'élidant dans l'impersonnel). Mais je crains ainsi qu'ils ***n'****en viennent à me honnir (glissez sur cet* ***n'*** *et son absence ramenant la crainte alléguée de l'avis de ma répugnance à une assertion timide, réduit l'accent de mon énonciation à me situer dans l'énoncé).* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.800)

A habilidade para discernir o sujeito neste recurso da língua, quando tantos se atrapalham, não é um produto intuitivo da clínica. Como sempre, Lacan escora-se em bases menos voluveis. O modo de assinalamento do sujeito no expletivo — melhor, de assinalamento da enunciação no enunciado —, marca na esfera da língua o imbricamento do mesmo com o real, em especial o real da inscrição do sujeito.

Na ocasião do seminário de 7-3-62 este ponto fica claro. Lacan argumenta quanto à necessidade do estabelecimento de classes, possibilidade inerente ao simbólico, depender da capacidade de marcar traços diferenciadores no real. Como a gênese do símbolo é função da carência que, como afirmação simbólica da presença, nele se rememora, e portanto denúncia da falta em que a primeira realmente se suporta, a classe dos mamíferos — exemplo a que recorre — vai ser definida como aquela na qual não pode haver não mama. Assim, a identidade em que se assinala a inscrição do sujeito no significante, a identificação[194], depende, sempre, de uma afirmação que já é um resguardo contra uma falta. Depende de uma enunciação que se positiva no contraste com a imputação de uma carência:

C'est donc le sujet, comme il fallait s'y attendre, qui introduit la privation et par l'acte d'énonciation qui se formule essentiellement ainsi: "se pourrait-il qu'il n'y ait mamme?" ***ne*** *qui n'est pas négatif,* ***ne*** *qui est strictement de la même nature que ce que l'on appelle explétif dans la grammaire française — "se pourrait-il qu'il n'y ait mamme? Pas possible, rien peut-être". C'est là le commencement de toute énonciation du sujet concernant le réel.* (7-3-62)

O expletivo retoma o sujeito no que é da ordem dos primórdios da simbolização, mas ainda não esgota a perseguição lacaniana ao sujeito inscrito na palavra, que vai bem além da mera modulação da força enunciativa promovida por este.

A caça aos índices lingüísticos de pregnância subjetiva espraia-se por terrenos ainda menos óbvios. Amplia-se por ressonâncias que, dada a sua particularidade, por não generalizáveis, sequer poderiam ser gramaticalmente catalogáveis.

Por exemplo, **eu** pode se situar no significante que no léxico designa diretamente a outrem. O sujeito pode se fazer representar pela palavra "tu":

Mais se je dis <<tue>>, pour ce qu'ils m'assoment, où me situé-je sinon dans le tu dont je les toise? (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.800)

É necessário conhecer um pouco dos meandros das trilhas reflexivas lacanianas para devidamente apreciar a especialidade do exemplo. O outro enquanto mediação enformadora da imagem do eu — o outro como espelho — aprisiona o sujeito num reflexo que, por limitante, o mantém no espelho em tensão agressiva contra si[195]. **Eu** está lá, refletido no tu.

Este exemplo das estratégias de caça lacanianas ao sujeito — bem como das leis da palavra que a garantem — é eco da frequência do psicanalista aos seminários kojevianos sobre a hegeliana dialética do senhor e do escravo — em especial, do comentário sobre o confronto mortal entre consciências que visam se fazer reconhecer.

Lacan evoca Hegel, por exemplo, na sessão do seminário de 11-12-68. Então se dedica a explorar uma vertente deste exemplo, esclarecedora de outros aspectos da "encarnação" da estrutura na palavra.

---

194 *... ce dont il s'agit doive être proprement dans l'identification le rapport du sujet au signifiant.* (15-11-61)

195 Vide teses lacanianas sobre agressividade e narcisismo nos ÉCRITS. Ou o curto trabalho sobre as irmãs Papin: MOTIFS DU CRIME PARANOÏAQUE: LE CRIME DES SOEURS PAPIN in DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ suivi de PREMIERS ÉCRITS SUR LA PARANOÏA; Éditions du Seuil, Paris, 1975.

Na altura — explorando um viés, do ângulo da temática da paternidade simbólica, bastante fértil — recorda que os mandamentos da Lei de Deus pressupõem, sob cada interpelação divina, uma determinação de ser, um "**Tu es**..."[196], homófono em francês de "**tuer**"[197] e de "**Tu hais**"[198], ilustrativo da vivência passional suscitada pela restrição inerente à especificação do próprio ser, do Outro recebida. Dever amar a Deus ou ao próximo implica, pelo confronto com o outro — Outro! —, vir a ser algo: passa-se no registro (do) mortífero.

O exemplo não pode surpreender, posto que desde sempre não escapou ao pensador o vínculo do constructo metapsicológico do super-eu com a simples segunda pessoa verbal do modo imperativo, a estrutura sintática na forma da qual o Outro determina o **eu**.

Porém, por estas alturas psicanalíticas, o mais interessante não é esse vestígio bem conservado do Lacan psicólogo, e sim o fato da mesma tese se literalizar na língua francesa na homofonia entre "tu és", "matar" e "odeias".

Poderia se objetar que o exemplo é muito particular, demasiado "francofonocêntrico". No entanto a crítica não cabe, porque não se trata de sustentar que haja em todas as línguas um vínculo significante entre a designação do outro, com quem o eu se defronta, e a forma do confronto, que desse encontro é constituinte.

Como as línguas são habitadas pelos corpos vivos que as falam, em cada uma a experiência das gerações — logo, da sexualidade — ao longo do tempo deve precipitar cristalizações que, pulsionalmente organizadas, armazenam a experiência:

> *Le signifiant ne signifie absolument rien. C'est comme ça que de Saussure a exprimé la chose — il a parlé d'arbitraire, et en effet il n'y a aucune espèce de lien entre un signifiant et un signifié, il y a seulement une sorte de dépôt, de cristallisattion qui se fait, et qu'on peut aussi bien qualifier d'arbitraire que de nécessaire, au sens où Benveniste agitait se mot. Ce qui est nécessaire, c'est que le mot ait un usage, et que cet usage soit cristallisé, cristallisé par ce brassage qu'est la naissance d'une nouvelle langue.* (OUVERTURE DE LA SECTION CLINIQUE, ORNICAR 9, p.9)

O importante é ressaltar a capacidade do significante para fazer confluir significações aparentemente independentes, subordinando-as a uma estrutura concretizada nele mesmo.

As soluções obtidas em cada caso serão arbitrárias, mas a sua fixação não pode deixar de se vincular ao seu sucesso. No caso, marcar que o sujeito, mais que depender do outro, concretamente, está inscrito no Outro — o lugar das palavras e dos seus elementos —, ao ponto de se dizer falando "tu". Afinal é ao fragmento de palavra comum ao ti e ao mata que se prende o afeto da raiva que assinala onde o sujeito está (raivoso) e que mais prosaicamente se pode também simplesmente testemunhar na entonação do dizer.

Os exemplos convêm, porque não há como encontrar uma via de generalização, mas a sua multiplicação não contribuiria para reforçar o efeito de convicção que estes, exemplares, possam ocasionar. Lacan está convencido de que se é constrangido pela matéria da clínica a acompanhar o sujeito onde e como sem saber se inscreve, à revelia da coerência e conforto supostos da perspectiva psicanalítica a teorizações da clínica "mais fáceis", até pela habituação a pontos de vista da tradição filosófica harmônicos com concepções da subjetividade mais simples.

A se almejar o rigor em psicanálise, há que arcar com o ônus do reconhecimento da inexistência da transparência do sujeito perante si mesmo, correlata da constatação da ausência de univocidade na significação. Não por uma ambigüidade suscetível de ser "curada" por alguma terapia, algo atribuível ao mau desempenho do falante, mas por razões astuciosas imanentes à linguagem humana. Razões que, no seu conjunto, põem e depõem o sujeito:

> *Ce que cette structure de la chaîne signifiante découvre, c'est la possibilité que j'ai, justement dans la mesure où sa langue m'est commune avec d'autres sujets, c'est-à-dire où cette*

---

196 Tu és.
197 Matar.
198 Odeias.

langue existe, de m'en servir pour signifier ***tout autre chose*** *que ce qu'elle dit. Fonction plus digne d'être soulignée dans la parole que celle de déguiser la pensée (le plus souvent indéfinissable) du sujet: à savoir, celle d'indiquer la place de ce sujet dans la recherche du vrai.* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.505)

O que se assinala nada mais é que o reencontro, em termos lingüísticos, da conceituação do inconsciente exposta em capítulo anterior. Encontra-se o sujeito dividido entre dois aspectos do saber sobre si, um dos quais interdito — quer dizer, tanto entre-dito quanto não dito. Note-se, não dito, mas implícito saber. Um não dito que é um não saber de direito e não um não saber de fato.

Determinado pelos meandros do dizer, o sujeito invade a palavra, habita-a, sem a ela se reduzir. Como se sabe, nem poderia ser de outro modo, sob pena de se alcançar uma plena objetivação do sujeito — quer dizer, de o anular.

Condição inequívoca da perpetuação do discurso, o sujeito, enquanto inobjetivável, está em falta. Por isso, o momento vacilante do ser subjetivo que se obtém na interpretação, ainda que rigorosamente dependendo das associações abertas pelo verbo, é experimentado como um reviramento da palavra sobre o que se imagina que lhe subjaz.

Em síntese, a psicanálise contribui para a investigação da problemática subjetiva introduzindo uma radical negação da identidade entre eu e si mesmo, e uma renúncia à identificação do sujeito com qualquer termo.

Mas essa recusa, por restritiva, longe de minorar e simplificar a explicitação da subjetividade, como que se faz acompanhar de um fenômeno compensatório que a clínica psicanalítica habitua a ver.

A supressão torna-se uma amplificação à exaustão, onde menos se o esperaria, do que se cria perdido. O sujeito não está onde se o imaginava, mas perdido, insiste por toda a parte, e essa insistência se chama inconsciente.

Deste se tratando, não deve surpreender que a matéria—prima que a análise encontra no discurso seja valorizada numa forma defeituosa aos olhos da eficácia comunicativa:

... ce sur quoi j'ai toujours mis l'accent dès mon départ à la référence au langage, c'est qu'il est de la nature du discours... non seulement d'être équivoque, mais d'être essentiellement fait du glissement radical, essentiel sous tout discours, de la signification. (8-1-69)

Com tanto, preparou-se o terreno para, contra a adesão irracional, compreender argumentativamente as inovações lacanianas. A largos passos, está definido o quadro no qual há que reperspectivar o conceito de signo.

II

SIGNO E INCONSCIENTE

Il y a des savoirs dont les suites peuvent rester en souffrance, ou bien tomber en désuétude.

Il y en a un dont personne n'avait l'idée avant Freud, dont personne après lui ne l'a encore, sauf à en tenir de moi par quel bout le prendre. Si bien que j'ai pu dire tout à l'heure que c'est au regard des autres savoirs que le terme d'inconscient, pour celui-ci, fait métaphore. A partir de ce qu'il soit structuré comme un langage, on me fait confiance avec fruit: encore faut-il qu'on ne se trompe pas sur ceci que c'est plutôt lui, si tant est que ce ne soit abus de le pronommer, lui, l'inconscient, qui par ce bout vous prend.

RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, 85/6

31. O SIGNO À LUZ DO INCONSCIENTE

As críticas que o psicanalista possa haver formulado às concepções lingüísticas predominantes não devem ser tomadas como descaso para com as questões levantadas pela disciplina.

Causa de fato espécie que Lacan por um lado arrole tantos reparos e adendos aos resultados que servem à disciplina auxiliar mas ao mesmo tempo lhe teça tantos elogios. Mais do que isso, apesar de parecer estar falando de outra coisa, insiste em que os conceitos a que se reporta são tal como têm guarida na disciplina de origem.

Explicitamente desautoriza qualquer interpretação que, baseando-se na primazia e na anterioridade, desde o começo freudiano, de uma semiótica implícita na psicanálise, imagine que se possa prescindir da mesma e de repensá-la:

> *Ce que j'ai dénoncé d'une sèmiotique implicite dont seul le désarroi aurait permis la linguistique, n'empêche pas qu'il faille la refaire, et de ce même nom, puisqu'en fait c'est de celle à faire, qu'à l'ancienne nous le reportons.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.65)

Lacan mostra-se grato. Se o trabalho de Saussure, por uma compreensão insuficiente do papel e da posição do significante no signo, desorganiza uma concepção que julga já vigente em Freud, sem ele não aconteceria de se pôr esta à luz do dia. Sem ele não se destrincharia a semiótica[199] à qual a desordem tematizada pela psicanálise pode ser referida.

Pois se ao falar sobre signo a psicanálise sustenta teses em que os estudos da linguagem não se reconheceriam, não é por proporem semióticas antagônicas. As diferenças não se encontram no nível da conceituação dos termos, mas no tratamento, de ângulos diversos, do mesmo objeto teórico.

O caminho da dissolução da dificuldade abre-se ao se ter em mente — conforme anteriormente amplamente se sublinhou, tanto na ordem dos fatos como numa ordem de direito — a primazia da psicanálise sobre a lingüística. Como esta tese não é um apêndice supérfluo ao pensamento do psicanalista, é tendo-a bem presente que agora se vai tratar de a aplicar ao exame dos conceitos comuns a ambas.

O pretenso paradoxo sugerido pela presença de afirmações de convergência do pensamento lacaniano com o dos lingüistas, desmentidas pelas formulações particulares dos conceitos comuns com que Lacan nos brinda, deslinda-se ao se compreender que a diferença não está no nível das noções tomadas atomisticamente, mas sim no dos diferentes lugares em que ciência e psicanálise se permitem pensar o sujeito. E por isso o que se insinuara incongruente pode agora ser devidamente compreendido.

Em si, não há diferença nenhuma entre o signo semiótico e o psicanalítico. No nível factual da investigação lingüística e da prática psicanalítica, ambas se debruçam sobre o mesmo objeto, visto de diferentes perspectivas.

A boa maneira de enfocar as distinções perceptíveis entre as análises dos dois campos consiste em compreender os diferentes ângulos por onde abordam o mesmo. Para a psicanálise, o seu é mais penetrante.

As formulações aparentemente diversas dos mesmos conceitos nas duas disciplinas devem-se não a oposições que se possam situar do mesmo terreno, mas ao fato do aparato "teórico" lacaniano se refletir dissociado da crença no conhecimento, se demarcar do âmbito das ciências humanas, e principalmente descrer da possibilidade de, por qualquer linguagem, algo que não o sujeito poder realisticamente se fazer representar. Psicanaliticamente, este descobre-se o (único) referente verdadeiro da linguagem. As supostas incompatibilidades — ou melhor, a incompreensão por parte da lingüística de certas teses relativas ao tratamento do signo pela psicanálise — ficam por conta da imperiosidade de nesta privilegiar o sujeito.

---

199 Lacan prefere e mantém este nome.

Se algum confronto deve ser buscado, não é no terreno das divergências de pormenor, solidária de uma concordância de fundo, mas antes num plano muito mais radical: o das decisões éticas e das apostas filosóficas.

Algo menos que isso condena a errar à toa, sem compreender.

Não por isso, no entanto, se pode prescindir, agora devidamente preparado o terreno por se haver assimilado a posição de onde o signo é tratado, de considerar com algum pormenor o conjunto das propriedades que o pensamento lacaniano, no intuito de bem caracterizar o modo como a noção se presta aos fins que teórica e praticamente a psicanálise lhe confia, nele pode encontrar. No momento, a meta é esclarecer as conceituações de termos da área de investigação da linguagem que o psicanalista privilegia no transcurso de seu trabalho.

Como a produção lacaniana é pródiga em referências lingüísticas, equacioná-las é uma tarefa extensa que, se possível, por prudência, dado o risco de alongar o procedimento de garimpagem da subjetividade, se contornaria. Mas a alternativa da evitação é inviável.

A fim de menos incorrer neste perigo, é fundamental ter em mente o motivo da incursão, bem como poder definir uma linha de abordagem que a um só tempo possa organizar compreensivamente a dispersa multiplicidade das menções ao assunto e, se possível, alcançá-lo de um modo econômico. E para consegui-lo, melhor do que selecionar o conceito básico de signo é averiguá-lo temperando a sua apresentação com o clima de estranheza que contamina o pesquisador desavisado, sempre que se depara com referências lingüísticas em Lacan.

O que se segue deverá ser entendido apenas como uma sensibilização, de forte apelo polêmico, para o papel destinado ao signo no âmbito das teses do pensador. Trata-se apenas de mostrar e de justificar a necessidade de submeter a noção de signo às retorsões a que, via a conceituação de significante, o psicanalista procede.

É sobejamente sabido o privilégio que, no signo saussuriano, Lacan concede ao termo significante. O que não é tão conhecido é a razão que o leva a assim proceder.

Dado o destaque que lhe confere, o cuidado exaustivo no trato do conceito exige tratamento (em capítulo) à parte. Por isso adia-se por enquanto o exame meticuloso da noção de significante, para, seguindo o princípio de descer ao particular partindo do mais geral — entendidos segundo a tradição lingüística, que subordina o significante ao signo —, estudar a análise lacaniana do último, no intuito de posteriormente, mais do que descrever, poder explicar o privilegiamento do primeiro.

Posta a questão nestes termos, o passo próximo é esclarecer a intelecção de signo que culmina no tratamento a que Lacan submete o significante. Se bem que realmente é inegável que, sem a explicitação rigorosa deste, não há como no trato do tema transpor o liminar da intuição, no momento basta ater-se à sua insistente definição.

O tema sendo recorrente, poderia-se enfrentá-lo a partir de muitos lugares de sua obra. No entanto em parte alguma a ele se dedica com tanta sistematicidade e afinco quanto em RADIOPHONIE, que, por isso, nas passagens pertinentes à elucidação da sua concepção em contraste com a em curso nos estudos lingüísticos, se vai comentar.

Para esse efeito, um bom ponto de partida é a preocupação em não confundir o sumo interesse pela temática do significante com descaso ou abandono teórico da célula em que, pelo menos na sua pertinência à lingüística, originalmente se aloja:

> *... sous prétexte que j'ai défini le signifiant comme ne l'a osé personne, on ne s'imagine pas que le signe ne soit pas mon affaire! Bien au contraire c'est la première, ce sera aussi la dernière.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.65)

O privilegiamento do significante não quer dizer que abandone o projeto de explicitar o signo, pois é imposto pela obrigação de esclarecê-lo[200]:

---

200 *Mais il y faut se détour.* (ibid.)

Le signifiant, à l'envers du signe, n'est pas ce qui représente quelque chose pour quelqu'un. C'est ce qui représente précisément le sujet pour un autre signifiant. (6-12-61)

Em princípio a sua compreensão de signo não peca por heresia, verificando-se pelo menos num primeiro momento a identidade dos conceitos nas disciplinas. Segundo Lacan, signo é o que representa alguma coisa para alguém.

Tão interessante quanto a definição aqui isolada é o fato de estar correlacionada à de significante. Lacan se refere a signo também para expor o que pensa sobre significante, e um entendimento de signo que em si é habitual gera estranheza na medida em que o autor se permite omitir que, na lingüística, o significante não é nem contraponível nem desmembrável do signo. Pelo contrário, juntamente com o significado, é um componente indissociável do mesmo.

Não é o que aqui transparece:

... si le signe représente quelque chose pour quelqu'un, le signifiant est autrement articulé. Il représente le sujet pour un autre signifiant. (24-1-62)

Porém não se creia que Lacan introduza uma cisão entre signo e significante, ou melhor, entre duas acepções do segundo. A questão, desculpe-se a insistência, não se resolve neste plano: não se trata de multiplicar conceitos, mas de enriquecer um mesmo objeto teórico, discriminando nele outra articulação.

O "adendo" nada acrescenta nem retira do objeto teórico. Restringe-se a uma troca de perspectivas. Significativamente, Lacan praticamente nunca aborda signo sem se referir a significante.

É pois legítimo crer que a plena clareza quanto a este ponto dependerá de um cuidado específico dedicado à noção de significante (que se aborda no capítulo subseqüente). Ainda assim, proceder a tal, elidindo a prioritária consideração de signo — aliás justificada no fato do conceito estar, como se aventou, no princípio (e no fim) — implicaria em andar às cegas.

O maior ou menor sucesso do autor no seu intento melhor se poderá avaliar confiando à sua palavra, ao modo como é mobilizada para este fim, o papel de neste momento crucial o defender.

Para segui-lo ao pé da letra, nada melhor, mais do que o já habitual, que iniciar-se pela apresentação da temática se fiando no que diz.

Além do mais, argumentando, Lacan se esmera, concedendo de seu punho, do ponto de vista do prazer na leitura, algumas das suas mais bem sucedidas linhas.

Como incluir o significante, lacanianamente definido, dentro da concepção tradicional de signo?

Si le signifiant représente un sujet, selon Lacan (pas un signifié), et pour un autre signifiant (ce qui veut dire: pas pour un autre sujet), alors comment peut-il, ce signifiant, tomber au signe qui de mémoire de logicien, représente quelque chose pour quelqu'un? (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.65)

A indagação supõe a sensibilização do interlocutor para a crucialidade do signo em psicanálise, e igualmente para o reconhecimento do privilégio em que a disciplina se encontra para capturar aspectos da problemática sígnica, não visíveis de outros ângulos.

Eis-nos, sem rodeios, introduzidos ao problema. A par da noção de significante não se apresentar interdependente da de significado, menos ainda de representá-lo, há o fato da unidade sígnica tradicionalmente representar uma coisa para um sujeito.

Na psicanálise há como que uma inversão. É o sujeito que se faz representar, e, também por a coisa em sentido estrito ser impossível, representado não para um (outro) objeto — o que seria um disparate —, mas para outro significante — o que em princípio não soa menos absurdo.

A psicanálise descobre o significante como a dimensão do signo sequer suficiente para a representação do sujeito, mas tão somente bastante, por um processo que lhe é inerente, para ser seu representante.

O signo é enganoso, pois como se poderia representar uma coisa para alguém, se psicanaliticamente se patenteia não haver garantia da coisa subjacente à representação? A única coisa que literalmente se assinala é a própria divisão do sujeito, que surge outro para si, assim feito pelo significante.

Suposto e subposto ao cenário natural, o que realmente vai interessar é o sujeito, que vai pensar-se como uma espécie de eixo dimensional inerente à linguagem, eixo alçado pelo significante que, na forma de vestígio de percepção objetiva, aponta para o que no signo acessa aos bastidores (subjetivos):

> *Psychanalyste, c'est du signe que je suis averti. S'il me signale le quelque chose que j'ai à traiter, je sais d'avoir à la logique du signifiant trouvé à rompre le leurre du signe, que ce quelque chose est la division du sujet: laquelle division tient à ce que l'autre soit ce qui fait le signifiant, par quoi il ne saurait représenter un sujet qu'à n'être un que de l'autre.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.65)

Outrora, em tempo em que a representabilidade da coisa, a objetivação do real, fora suposta possível, Lacan tentara fundar uma psicologia. Quer dizer, sonhara com a possibilidade do conhecimento e procurara no sujeito, como inconsciente, uma unidade objetivável cognoscitivamente. Crença que agora recorda, curiosamente, sem (o que não chega a ser incomum) reconhecer-se autocriticamente:

> *Mais qu'il veuille en faire quelqu'un est la même chose: ça va à la personnalité en personne, totale, comme à l'occasion en dégueule.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.65)

É sabido que o inconsciente está destinado a obstar a tais esperanças de unificação subjetiva e de garantias cognitivas...:

> *Le moindre souvenir de l'inconscient exige pourtant de maintenir à cette place le quelque deux...* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.65)

O depuramento da idéia de inconsciente culmina na constatação da incompletude do sujeito, verificação da impossibilidade de uma totalização, e portanto no asseguramento da divisão do sujeito. A lembrança do inconsciente obriga a manter no lugar do sujeito algum dois — **quelque deux** —, o que em francês soa idêntico a algum deles — **quelque d'eux**. Sempre um ou outro.

A divisão é consubstancial ao sujeito como a diferença é constitutiva do significante. Lacan sublinha-o, marcando que só há (um) significante por causa de Outro, este a se decifrar como a mera forma da alteridade: tanto é o semelhante em que o eu se especulariza, como o outro significante perante o qual um representa o sujeito, ou genericamente o Outro como a esfera da palavra.

A forma com que se o indica ilustra em si mesma a tese a demonstrar. Mais ao pé da letra, não é que o Outro cause o significante. A plurivocidade potencial de sentido inerente a este é que causa (o) outro e, sem isso, não haveria nem um.

Como não há garantias da coisa, também falta solidez ao sujeito que se lhe anteponha[201]. Na obra lacaniana, atrás da aparência significante, por todos os lados determina-se sempre o "sub-estar" do sujeito, nunca objetivável. Quanto ao possível, o sujeito reduz-se a mera significância, se fazendo representar por e para significantes:

---

201 *Ce quelque chose où le psychanalyste, interprétant, fait intrusion de signifiant, certes je m'exténue depuis vingt ans à ce qu'il ne le prenne pas pour une chose, puisque c'est faille, et de structure.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.65)

... le sujet c'est ce que le signifiant comme tel représente auprès d'un autre signifiant, ceci qui est sous la trame du signifiant pour autant que nous devons considérer tout système de signifiant comme constituant une batterie cohérente qui, implicitement, doit suffire, et il ne faut pas beaucoup d'usage pour le dire — le sujet ainsi défini comme ce qui, du signifiant se représente à l'intérieur du système du signifiant, c'est là ce que nous entendons par le sujet. (13-1-65)

Aparentemente Lacan desmente a semiótica. Por desprevenida pela psicanálise, é na direção oposta que a ciência dos signos se dirige. Porém aquela não poderia simplesmente se reduzir a um erro, pois, além de grato, o psicanalista se mostra fiel (com adendos...) a suas proposições. Como compatibilizar o aparente paradoxo? De que maneira entender e explicar o equívoco que faz referir o significante ao significado (e não diretamente o sujeito), e o signo à coisa, sem o classificar simplesmente como um erro?

A fim de resgatar a elaboração do mero disparate contraditório, a que se reduziria se se mantivesse a análise no nível do contraste propiciado pela explanação atomizada dos conceitos, impõe-se a distinção entre erro e equívoco.

Se seu pensamento não se reduzir a um arrazoado contraditório, sem sentido — ponto em que se insiste por se tratar de uma alternativa de resposta fácil às dificuldades encontradas —, há que localizar a distinção que propicia conciliar os momentos diversos da sua explanação em outro patamar que não diretamente a definição dos termos.

A elucidação do problema passa longe de ser uma tentativa de salvar artificiosamente a coerência do discurso lacaniano. O que explica o suposto paradoxo é o não advento, no campo do estudo da linguagem, de um fator imprescindível à correta decifração crítica do equívoco. Este fator, no seu conjunto, é o corpo de saber desdobrado da psicanálise, o trato com a subjetividade em pontos onde fora insuspeita.

Mui explicitamente, e não apenas quanto ao tópico, não há outra maneira de interpretá-lo. Não apenas porque se infere essa posição do seu discurso, mas também porque se pronuncia claramente a seu favor:

... cette pratique non seulement a un sens, mais fait surgir un type de sens qui éclaire les autres types de sens au point de les remettre en cause, je veux dire de les suspendre. (14-5-74)

A diferença entre o que se possa enunciar desde a lingüística ou desde a semiótica, relativamente ao que se diga a partir da psicanálise, é um caso de suspensão do sentido das primeiras promovido pelo advento do inconsciente.

A revisão da subjetividade, que é nuclear na psicanálise, retira-a de um confronto horizontal com a ciência. Ao mesmo tempo instala-a num patamar superior ou subterrâneo, que como que acrescenta uma dimensão de inteligibilidade a mais ao horizonte em que se mantêm os outros tipos de sentido.

A psicanálise põe em causa o sentido geral das disciplinas cognitivas, que não as compreensões internas a cada qual de seus conceitos. Não abole o sentido particular de cada ciência, questiona-o do seu lugar próprio. Um lugar que, por lidar com a subjetividade e repensar a cognoscibilidade, está destinado a ter conseqüências drásticas na compreensão e revelação do ser sujeito. O pô-los em causa, o questioná-los, não avança no sentido de um confronto ou de uma negação, mas tão somente no de um diagnóstico. Lacan é fiel às conceituações lingüísticas porque elas, devido às suas limitações intrínsecas, são necessariamente equivocadas.

Nas narrativas científicas, em vez de coisas constatáveis o discurso psicanalítico encontra a nostalgia da sua presença na forma da "vontade" de construir objetos. "Vontade involuntária", desejo, que por isso põe em causa a ausência do referente. Pois a coisa, psicanaliticamente capturada, só tem sentido, só existe, a partir da sua produção num discurso em que, nomeada, se caracteriza criada como ausência (e ausente).

L'objet scientifique est passage, réponse, métabolisme (métonymie si vous voulez mais attention), de l'objet comme manque. (8-12-65)

No vazio do objeto desejado, naquilo (denominado de "a") que é desejado para além desse objeto, Lacan descobre o sujeito pelo avesso.

A tentativa de "possuir" o mundo pelo conhecimento, do ponto de vista psicanalítico, está mais comprometida com a acepção bíblica do verbo conhecer do que a assepsia epistemológica permitiria supor (e do que o imaginem os críticos da "frieza" desapaixonada da ciência):

... je me suis amusé pendant un moment à faire un jeu... En fait, c'était pour illustrer la vanité de tout coït avec le monde, c'est-à-dire de ce qu'on a appelé jusqu'ici la conséquence. Car il n'y a rien de plus dans le monde qu'un objet "a", chiure ou regard, voix ou tétine qui refend le sujet... (LA TROISIEME — PETITS ÉCRITS ET CONFÉRENCES, p.549)

No lugar do mundo, garantido pelo conceito de significante — é para isso que o elabora ao largo da lingüística —, o sujeito encontra o ("seu") desejo.

Lacan reconhece não ser a posição psicanalítica a mais propícia ao tratamento ingênuo da realidade:

... on peut dire que ce que nous appelons la réalité, la réalité naturelle, nous pouvons la prendre au niveau d'un certain discours et je ne recule pas à pretendre que le discours analytique ne soit celui-là. La réalité, nous pouvons toujours la prendre au niveau du fantasme. (19-4-72)

A partir do seu campo o psicanalista se permite compreender, ou interpretar, o que do real se permite capturar, estritamente no terreno da fantasia. Não com a modéstia falsa de restringir tal constatação a idiossincrasias do âmbito próprio do inconsciente, mas como, por este mesmo, uma explicitação de algo que, embora devido à humana vontade não se queira ver, estaria implicitamente embutido no método dos estudos da "natureza".

Do ponto de vista prático, a admissão de tal verdade já se propiciara nesses mesmos estudos, desde que se atribua a capacidade da ciência de alcançar progressos nos seus intentos ao acatamento das restrições que Lacan esclarece como inarredáveis:

... c'est justement dans la mesure où elle a tout à fait négligé le naturel des choses que la physique a commencé à entrer dans le réel. (13-12-61)

Ou seja, em psicanálise como na ciência, o caminho para o real não se detém na coisificação realista do sensível: mergulha no que psicanaliticamente resume a fantasia, submerge no operar e calcular, no jogar com letras.

A psicanálise apenas deixa "a coisa" às claras.

Portanto as determinações de significante explicitáveis a partir do advento do inconsciente, que se derivam da negação da apreensibilidade das coisas, formulam-se com base numa revisão da possibilidade do conhecimento que não deixa imune o estudo da linguagem, mas não se configuram como um desmentido direto das teses deste provindas. Expressam um movimento global de repensamento do sentido de conhecer, pelo qual o conjunto da problemática, em vez de se resolver no plano epistêmico, é transplantado em um patamar ético:

Si, être psychanalyste c'est une position responsable, la plus responsable, de toutes, puisqu'il est celui à qui est confié l'opération d'une conversion éthique radicale, celle qui introduit le sujet à l'ordre du désir... (5-5-65)

Não por outro motivo se suspende o sentido do signo como representação de coisas. Faz-se-o a partir do terreno de uma investigação que, por dizer respeito a tudo o que implique a subjetividade, não pode ser aprisionada "dentro" de uma prática. Como o que valha por

coisa fundamentalmente é irrepresentável — ainda que, no limite de uma circunscrição epistêmica, a sua objetivação, engodo inelutável, tenha "validade" —, a psicanálise, em vez de refutar, possibilita a interpretação do tipo de sentido que, em função do interesse do sujeito, se produz em cada campo.

Não basta o fumo poder representar o fogo, é importante saber que o fogo, desde há muito, está domesticado. Na ordem da cultura, onde há fogo, na realidade há homem. O exemplo mostra como um significante ao articular-se a outro representa para esse um sujeito.

As coisas, "dejetos" humanos, são meras marcas da presença subjetiva. No lugar da substância, dada a impossibilidade de presentificar não fantasmaticamente alguma coisa, se se depara com a falta. Falta que é menos nostalgia de um mundo que nunca foi, do que falha, desvio, engodo. Falta, negativo das coisas e positivante do sujeito como desejo. Falta como culpa e estrutural, isto é, consubstancial à palavra.

Se a articulação significante enfeixa a desiderabilidade num sentido que em dado instante expressa o que se quer e portanto explicita o apetente ao revelar o que apetece, este movimento só se pode pensar considerando o desejante suposto ao seu desejo.

Não por outra razão, é pela metonímia, essa vertente da cisão do sujeito na linguagem pela qual ele tenta capturar-se objetivamente, que estruturalmente o desejo se faz.

Na posição "resultado" dessa operação de produção do desejo, faz-se o sujeito (desejante) pela vertente da metonímia. Porém, no intento de superar a cisão, a operação metáfora induz a supô-lo antes do produto...

Pois o significante determina, revelando o desejo, situando o sujeito. Radicalmente constitui o sujeito. Mas o ato de o fazer, para que haja (e aja o) significante, só pode acontecer desde que o sujeito se suponha (logicamente) anterior ao obrar da palavra que o determina.

As ficções, que vão ao lugar do objeto como criações determinadas por um agir desiderativo, encontram a sua verdade no nível do que o sujeito (por carecer) requer, e não como descrições de regiões autônomas da realidade.

Com o gosto pela surpresa que lhe é habitual, Lacan propõe denominar a atitude ontológica que lhe parece apropriada de realismo do nome.

Das coisas tem-se o nome e nada (mais): a realidade é uma rede discursiva. O que aparece no lugar de objeto, como coisa, sempre vai se referir à estrutura da subjetividade. A realidade onde se visualizara o fato das coisas é revelada como fantasia, ficção subjetivamente enformada. A fidelidade à verdade não é tomada como adequação da representação às coisas, mas como deciframento do desejo[202].

Não é menos verdade que, na medida em que o sujeito se representa por significantes, estes — e não ele — admitem uma certa objetivação (assaz distinta de uma representação do mundo das coisas, mas matriz da ilusão correspondente).

Lacan nega a objetivação da coisa, mas aceita a objetividade da letra. É o caso especialmente do nome próprio, pelo qual o sujeito pode marcar-se objetivamente representado por um significante.

Diga-se marcado, quiçá identificado, mas nunca reduzido. Daí o psicanalista referir-se a ... *l'affinité justement du nom propre à la marque, à la désignation directe du signifiant comme objet*...[203]

Porém, qualquer (outro) significante pode estar na posição de representar o sujeito perante outros.

Em qualquer caso, a referência é direta à letra e nunca ao sujeito que, metonimicamente, na sua integralidade impossível, sempre escapa:

> *Tous les signifiants s'équivalent en quelque sorte, pour ne jouer que sur la différence de chacun à tous les autres, de n'être pas les autres signifiants. Mais c'est aussi par là que chacun est capable de venir en position de signifiant-maître, très précisément en ceci, que c'est sa fonction éventuelle que*

---

202 Operação que, por sua própria natureza, se confia à psicanálise.
203 (20-12-61)

de répresenter un sujet pour tout autre signifiant. C'est ainsi que je l'ai défini de toujours. Seulement le sujet qu'il représente n'est pas univoque. Il est représenté, sans doute, mais aussi il n'est pas représenté. A ce niveau, quelque chose reste caché en relation avec ce même signifiant. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.101)

O termo sujeito nunca se emprega numa acepção estritamente psíquica e individual, o que já se demonstrou cabalmente. Aceitar o sujeito como presente em lugar alheio ao processo de seu rastreamento significa recair em alguma psicologia das profundezas, num estudo objetivante de um sujeito abstrato, que por não ser interlocutor para ninguém, alheio de si, não é nada.

Embora a pregnância da subjetividade no discurso demarque na palavra o que a esta transcende, ainda que dependente do significante e só equacionável por ele, o sujeito não se confunde com o mesmo. Pela posição do querer onde (lhe) falta, só parcialmente se assenta no significante, condição mais do que suficiente para se encontrar perdido. Portanto, por definição, está fora de cogitação qualquer "acerto" assertivo conclusivo a seu respeito.

O sujeito não é dito de uma vez por todas, mas dizer a cada vez diferente. Por isso Lacan não hesita em incluir o analista no "conceito" de inconsciente:

... les psychanalystes font partie du concept de l'inconscient, puisqu'ils en constituent l'adresse. (POSITION DE L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.834)

Sem destinatário, como reconhecer o sujeito enquanto sujeito da e na enunciação?

O psicanalista, destinatário da mensagem inconsciente, não é quem social, escolar ou burocraticamente tal se proclame, ou seja declarado. Não se trata de o analista ser importante para se "conhecer" ou decifrar o inconsciente, pois assim se desprezaria tanto a exigência epistêmica da ciência — incluída a psicologia — de se propor objetos concretos, quanto a psicanalítica de não reificar o sujeito. Se desprezaria (o sentido de) toda a sua obra.

Sob pena de tropeçar no reconhecimento do sujeito confundido em conhecimento de coisas — encontrá-lo, por assim dizer, assubjetivado —, há que contar com o psicanalista. Há que contar com a possibilidade de se escutar em **isso** aqui significante, em vez da descrição de um estado de coisas, a historicidade de um eu em ato. Operação, a escuta, que depende de outro, de uma testemunha não ingênua que possa fazer de agora um encontro com este aqui.

Por isso, lacanianamente entendido, o papel do psicanalista é fundamental. Consiste em suportar uma prática que visa introduzir o sujeito na ordem do desejo.

Não é difícil apreender o alcance desta concepção. Sabendo-se que para Lacan o desejo é a essência do sujeito, ser psicanalista é introduzir o sujeito a si mesmo. Como? Pela decifração do querer do sujeito no saber inconsciente. Deciframento que, de alguma maneira, faz **hic et nunc** o sujeito[204]. Pelo menos, o faz mostrar-se estar sujeito. Condição em que — desde que o usual é velar-se enclausurado, objetivado, num contexto de desejo alheio, e portanto não ser, — dificilmente se situaria em outras condições. Pois por o sujeito só ser em ato, não subjetivado — coisificado —, pura e simplesmente não é. Paradoxalmente, introduzir o sujeito a si mesmo, reinstituir pela palavra a divisão, é introduzir o sujeito, em si mesmo intrinsecamente "divíduo".

É pois grave equívoco conceber a psicanálise como ciência psíquica. Longe de objetivar, de trazer à luz da contemplação o (sujeito) inconsciente, a prática analítica secreta-o: cria-o inconsciente e mantém-no em segredo.

Previamente a qualquer deciframento, o ato analítico institui o "material clínico" como significante: revela constituindo. Como proceder a essa operação delicada sem escorregar —

---

204 *Qu'il en soit ainsi du départ dont le signifiant vire au signe, où trouver maintenant le quelqu'un, qu'il faut lui procurer d'urgence?*
C'est le ***hic*** *qui ne se fait* ***nunc*** *qu'à être psychanalyste, mais aussi lacanien.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.66)

pela atávica tendência à reificação, herdeira da situação de total dependência infantil frente aos adultos — na objetivação do outro?

Dada a tendência a alienar-se[205], como subjetivar?

Não há modo de garanti-lo senão dando ouvidos ao discurso inconsciente. Não o enfocando como algo que afete o sujeito, coisas que lhe ocorrem, mas de maneira apta a garantir que essas coisas se escutem **eu**. Eu **me** enunciando no que quero.

A operação será bem sucedida desde que se se possa fazer-se reconhecer desejante perante um outro. É preciso que se consiga fazer-se verificar sujeito num saber não sabido, inconsciente, assumido como (não) dicente de si mesmo, em que se suporte **eu** dicente além do que sabia. Saber tecido em torno de uma temática cuja natureza é claramente apreensível se não se se furtar ao trocadilho que introduz a coloração pudica, erótica renegada, evocável na língua pelo fácil deslize de indicente para indecente.

Nessa medida, a tomar-se a sério a hipótese lacaniana da psicanálise como aprofundamento em paragens inusuais da problemática subjetiva — a tomar-se a sério a revolução freudiana como atinente à descoberta da subjetividade em posições insuspeitas —, há que reconhecer o psicanalista, condição da escuta do sujeito, como indissociável do inconsciente:

> *Ici parenthèse, l'inconscient implique-t-il qu'on l'écoute? A mon sens, oui.* (TÉLÉVISION, p.26)

Note-se bem: não há inconsciente sem escuta. O inconsciente, na acepção lacaniana, implica que se o escute. Pois sem escuta a medida que dimensiona a aparente desrazão jamais se decifrará. E escutá-lo, é estar em função de analista.

Como em tudo o que ao inconsciente diz respeito, também aqui se trata menos de contrapor conceitos e de comparar idéias, do que de levar em conta uma prática extrínseca ao conhecer. Assim sendo, não se podem criticar conceitos pelo mero fato de serem pré-analíticos. Aliás, pelo contrário: a verdade analítica garante-se tanto da confirmação que os discursos cujo sentido suspende — ao incorrerem no equívoco que prevê necessário — lhe asseguram, como da potência da psicanálise para diagnosticá-lo.

O desembaraço do analista no evitamento da degradação do signo e especificamente do significante em representação de coisa, concomitante do resgate da subjetividade na aparição do mundo, vai depender da possibilidade e da habilidade, não de conceituar desta ou daquela maneira os conceitos com que opere, mas em lidar com a falta de objeto promovida a falta como objeto. Isto é, depende da análise do analista, e não de um confronto entre idéias.

A desiderabilidade que subjaz à pseudocognoscibilidade do mundo não pode ser tratada, e portanto investigadas as suas determinações, senão pela análise particular.

A psicanálise simplesmente aponta os holofotes para os bastidores. Mostra como um cenário é cenário e que os atores, se analisados, podem apresentar outros papéis. Exatamente por isso, pressupõe a manutenção do teatro.

Porque o seu depende também deles para se exercer, a psicanálise não destrói outros tipos de sentido. No caso que ora mais interessa, isto quer dizer que a concepção saussuriana é necessária ao advento do seu tratamento pela psicanálise.

Mais! A promoção do significante, e seu desvendamento no signo lacaniano, só faz sentido por sobre o sentido de signo em semiótica.

32. COISA E SIGNO

---

205 Derivada da memória herdada de uma dependência que, tendo sido física, é também devida à necessidade de se fazer inscrever num discurso qualquer, já feito, condição **sine qua non** de, por sua vez, poder vir a (se) dizer.

Lacan pensa encontrar uma evidência do caráter "lingüístico" da realidade humana no achatamento, por uma paralisia enunciativa, do significante em signo:

> *... quand on n'y sait plus à quel saint se vouer (autrement dit: qu'il n'y a plus de signifiant à frire, c'est ce que le saint fournit) on y achète n'importe quoi, une bagnole notamment, à quoi faire signe d'intelligence, si l'on peut dire, de son ennui, soit de l'affect du désir d'Autre-chose (avec un grand A).* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.66)

Quando o Outro não motiva suficientemente uma interpelação do sujeito, quando a matéria-prima da metonímia (achatada a coisa) se esgota, nem assim a fetichização de qualquer carripana nos informa sobre o mesmo, e menos ainda, além da constatação pura e simples da alienação, sobre o indivíduo. Cada coisa querida, se se perder de foco a função de manutenção do sujeito (desejante), se se esquecer que o verdadeiro fato é estar em lugar de outra-coisa, apenas torna-se signo do entediamento do sujeito. Revela-se "engasgamento" da continuidade discursiva.

É que mesmo aí, apto a confundir o enunciado com a enunciação, o dito com a falta que alimenta o dizer, por mais achatado que ao imaginar o objeto como substancial e ao partilhar da concepção de signo como representante de coisas para si mesmo se revele, é ainda o sujeito que se faz representar. O ilusório avizinhamento da gratificação pela obtenção substantiva do que imagina ser seu objeto, ao entorpecer o desejo, apenas esmaece o sujeito.

A interrupção do discurso cristaliza as coisas, mas a psicanálise as verifica como um dizer paralisado:

> *... le symbole de l'objet, c'est justement "l'objet là".* (LE SYMBOLIQUE, L'IMAGINAIRE ET LE RÉEL — PETITS ÉCRITS ET CONFÉRENCES, p.24)

O objeto verdadeiro do desejo, por Lacan designado "a"[206], cuja descoberta julga atribuível a Winnicott, onde se encontraria clinicamente prefigurado sob o rótulo de transicional, é produzido pelo discurso analítico como esvaziamento de objetos. O objeto não vale pelo que é concretamente, pois nada se encontra como medida efetiva de seu valor, que não uma outra coisa que vá ao lugar da falta. O objeto falta na sua produção, e a intransitividade da angústia alude à falta de objeto que assinala a verdade do objeto em falta.

A falta de objeto como objeto em falta ordena uma espacialidade "de transição", onde a objetalidade excluída é paradoxalmente solidária do desencontro consigo que é garantia da instituição-introdução do sujeito propriamente dito.

Protótipo objetal indissociável dos seus avatares, a coisa-causa do desejo, se fosse objetivável, permitiria uma determinação precisa do (querer do) sujeito. Este escorregaria do seu campo próprio para um naturalismo onde não pode ter outra identidade que não a de coisa natural. Quer dizer, não haveria sujeito, que, afinal, deste destino (ou desta falta de destino) está protegido por "geneticamente", desde sempre, deslizar sob a linguagem:

> *Le désir naturel a cette caractéristique de ne pouvoir se dire d'aucune façon, et c'est bien pourquoi vous n'aurez jamais aucun désir naturel. L'Autre est déjà installé dans la place, l'Autre avec un grand A, comme celui où repose le signe. Et le signe suffit à installer la question* ***Che vuoi?*** *à laquelle d'abord le sujet ne peut rien répondre.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRASFERT, p.257/8)

Sob pena de promover todas as representações de coisas, ficções, a objeto "a" — o que permitiria reduzir a psicanálise a um discurso genérico, quiçá filosófico, sobre o desejo — tem de precisar-se que o objeto "a" não é o ursinho de pelúcia, nem a mera predileção pelo brinquedo. A noção de objeto "a" só se aplica a cada limite do discurso, exaurido pela análise,

---

206 A mesma letra que inicialmente designara o outro, interlocutor imaginário, que graças ao estudo da psicologia lacaniana, por ser a primeira manifestação da objetalidade, se sabe ser o protótipo da "coisidade".

quando se equaciona o conjunto das operações que levam à montagem de toda e qualquer cena.

Esse engodo, de regra no senso comum, é compartilhado pela tradição epistemológica e é tão mais evidente quanto maiores forem as precauções conceituais com que se o cerque. Como falar a seu respeito é insuficiente, posto que no terreno da generalidade não se faz a experiência das peculiaridades, a única escapatória desse desatinado destino é possibilitada pela análise particular. De cuja prática, enfim, se podem extrair os resultados epistemicamente transferíveis como correção de obviedades acolhidas pela investigação científica da linguagem.

É bem aqui, não pelo estudo da palavra, mas por seu exercício bem escutado, que se verifica que ... *l'évidence va être subvertie par l'empirique*.[207]

Na hipótese contrária, naufraga-se numa impotência razoada, permanecendo muito aquém tanto da meta da investigação, quanto das possibilidades com esse intuito mobilizáveis pela psicanálise.

O "a", ainda que a enformando, está fora de cena. Há pois uma distância enorme entre a mera assunção do horizonte do mundo como intrinsecamente compreensível e o departamento específico do que para cada um organiza, e como, as preferências.

O objeto "a" é o ponto limite da possibilidade de o sujeito se fazer elaborar pelo pensamento. Na medida em que o sujeito escapa de si, é como que centro de gravidade do eu exterior a si. É suporte do pensamento (e portanto do inconsciente) na medida em que se suporta no pensamento (inconsciente).

Nesta medida, por ser originariamente causa do pensamento, e não seu objeto, em rigor, e por rigor, furta-se a uma conceituação propriamente dita. Definir o objeto "a" — protótipo da falta, "causador" do sujeito (na palavra), o que o sustém dicente, logo, desejante — seria trabalhar com o objeto como conceito — portanto, imaginário — ou tomá-lo apenas como letra, abdicando de tratá-lo como a fimbria de presentificação do real de que o sujeito depende. Seria incorrer em grave desperdício, consumando a reificação do sujeito intrínseca à epistemologia e à semiótica — entendidas da maneira como o psicanalista as caracteriza, ou seja, supondo uma coisa-objeto no lugar do ser sujeito — com um discurso supostamente crítico, mas que se conformaria com as mesmas armas. Pois não basta negar a cognição: há que destituir tal negativa de qualquer dignidade epistêmica, sob pena de, no plano da enunciação, denegar o que se declara no enunciado.

Tais descaminhos, repise-se, só são sanáveis caso a caso, pela análise particular de cada um, que a cada qual possa auxiliar a decifrar a charada particular de seu desejo. Afinal, este é o recurso psicanalítico contra o risco do desejo de saber se revirar num saber (o desejo) que se cegue em conhecimento da impossibilidade do conhecimento.

O que do pensamento é inconsciente, se sabe, Lacan refere como significante. Assim, se a teoria do conhecimento que reputa como clássica precisou e induziu o desenvolvimento da concepção de signo vigente, posto que se viu a que (pela análise) em verdade afinal se reduz o objeto, a denúncia da representabilidade objetiva (no sentido da apreensão de coisas) terá de se fazer seguir de uma re-visão do signo.

Quer dizer, dado que se sabe que a posição-objeto é um pôr-se em cena, cabe verificar como o signo lacanianamente reconcebido pode estar à altura do objeto "a"; o mesmo é dizer, mais do que representar uma coisa para o sujeito, comportar que o significante possa representar a este perante outros significantes.

É possível aproximar-se intuitivamente do que o psicanalista visa — e conservando-se no terreno de instável geometria, típico das ilustrações, convenientemente correspondido pelas metáforas marinhas — permitindo-se evocá-lo no exemplo biográfico a que alude no ano XI do seminário. Exemplo, diga-se de passagem, datável de muitos anos antes da entrevista que suporta o grosso da análise que ora se desenvolve, o que ressalta a antigüidade e a perenidade desta preocupação em Lacan.

---

207 L'INSTANCE DE LA L'ÊTRE DANS L'INCONSCIENT – ÉCRITS, p.517

Os traços fundamentais da meditação lacaniana a propósito de sujeito e de realidade podem apreciar-se sinteticamente na leitura atenta desse momento do seminário, que além do mais é exemplificador do seu entendimento de experiência.

Lá descreve o pouco à vontade, durante um passeio no mar, de um citadino como ele numa bucólica aldeia de pescadores. Desconforto que se faz representar na perturbação inserida no meio (marítimo) pelo brilho de uma lata de conservas que, ao boiar, refletia a luminosidade solar. A interpelação de um companheiro de viagem, que lhe chama a atenção para o fato da lata que vê não o ver, é suficiente para catalisar o desajeitamento:

> *D'abord, si ça a un sens que Petit-Jean me dise que la boîte ne me voit pas, c'est parce que, en un certain sens, tout de même elle me regarde. Elle me regarde au niveau du point lumineux, où est tout ce qui me regarde, et ce n'est point là métaphore.*
>
> *La portée de cette petite histoire, telle qu'elle venait de surgir dans l'invention de mon partenaire, le fait qu'il la trouvât si drôle, et moi, moins, tient à ce que, si on me raconte une histoire comme celle-là, c'est tout de même parce que moi, à ce moment-là — tel que je me suis dépeint, avec ces types qui gagnaient là péniblement leur existence, dans l'étreinte avec ce qui était pour eux la rude nature — moi, je faisais tableau d'une façon assez inénarrable. Pour tout dire, je faisais tant soit peu tache dans le tableau. Et c'est bien de le sentir qui fait que rien qu'à m'entendre interpeller ainsi, dans cette humoristique, ironique, histoire, je ne la trouve pas si drôle que ça.*
>
> *Je prends ici la structure au niveau du sujet, mais elle reflète quelque chose qui se trouve déjà dans le rapport naturel que l'oeil inscrit à l'endroit de la lumière. Je ne suis pas simplement cet être punctiforme qui se repère au point géométral d'où est saisie la perspective. Sans doute, au fond de mon oeil, se peint le tableau. Le tableau, certes, est dans mon oeil. Mais moi, je suis dans le tableau.*
>
> *Ce qui est lumière me regarde...*
>
> *Et moi, si je suis quelque chose dans le tableau, c'est aussi sous cette forme de l'écran, que j'ai nommé tout à l'heure la tache.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.89/0)

Nos significantes o que se faz (representar) é o sujeito. **Eu** está lá, inscrito no espaço (sempre simbólico). E eu o descubro. Descubro-**me** lá porque, da cadeia significante que é o saber e para a qual o significante "lata de conserva" **me** representa, irradia-**me** o sentido "desajustado ao meio": sei-**me** destoante no quadro[208].

A insólita mancha na cena, recortada nas palavras do seu jovem interlocutor, ilumina o destoamento de Lacan naquele meio. Seu brilho, enunciando sentido, muito mais medularmente toca ao ser sujeito do que se ensimesma em objeto.

Neste instantâneo da memória encontra-se, na vivência recordada, exemplificada a totalidade do que analiticamente se vem dissecando: a realidade é constituída discursivamente, não porque o que nela haja de real seja feito verbalmente, mas por, sendo realidade para o sujeito, se fazer fazendo sentido. Aí se se depara não com objetos, mas com elementos significadores — donde o privilegiamento do significante no signo —, a fim de acabar de vez — sem o que não há como coerentemente desconsiderar a representabilidade objetiva — com a idéia de que pela linguagem se significam coisas.

Porém não se julgue que a tematização das coisas do mundo como significantes de estares subjetivos se reduza à consideração de memórias pessoais ou freudianas. O psicanalista, entre o exemplo e a sistematização, oferece explanações, ainda que também indiretas, mais generalizantes da natureza do signo que nestes casos se ilustra.

---

208 Do mesmo modo é interpretado o carretel do célebre relato de Freud em ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER:

> *Cette bobine, ce n'est pas la mère réduite à une petite boule par je ne sais quel jeu digne des Jivaros — c'est un petit quelque-chose du sujet qui se détache tout en étant encore bien à lui, encore retenu. C'est le lieu de dire, à l'imitation d'Aristote, que l'homme pense avec son objet... S'il est vrai que le signifiant est la première marque du sujet, comment ne pas reconnaître ici — du seul fait que ce jeu s'accompagne d'une des premières oppositions à paraître — que l'objet à quoi cette opposition s'aplique en acte, la bobine, c'est là que nous devons désigner le sujet. A cet objet, nous donnerons ultérieurement son nom d'algèbre lacanien — le petit "a".* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.60)

Pois conformado com a riqueza retórica que é mobilizada na enunciação do saber inconsciente e cônscio da conveniência de aproximar seus leitores dessa exuberância — que mais não seja, para avizinhá-los da possibilidade de interpretação do ciframento inconsciente no grau da sua real complexidade, mas também porque a maneira verdadeira da fala tratar diretamente dos assuntos são os desvios —, Lacan obriga-se a esclarecer a signicidade "parabolicamente"[209]:

> *A regarder de plus près le pas de fumée, si j'ose dire, peut-être franchira-t-on celui de s'apercevoir que c'est au feu que ce pas fait signe.* (RADIOPHONIE, SCILICET 2/3, p.66)

O *pas de fumée*, a um só tempo negação da presença de fumo e seu passo — "pegada", "rastro" —, "signa" o fogo. Nas duas acepções: como rastro, é signo do fogo, e como negação da coisa fumo, "descoisifica" o fogo, redu-lo a signo. Por sua vez, dada a negação da coisa (fumo) que o fogo representaria, decepado do referente objetivo, o signo vai importar estritamente como significante. Ou seja, o fumo, que no plano natural se poderia tomar como (signo) representante do fogo, pela negação faz do fogo significante. Como sempre, as coisas do mundo, negadas, se reduzem a letras, a significantes que, ou representam o sujeito para outrem, ou perante os quais outro (significante) o representa. O fogo faz-se significante pela negativa, que tem o poder de recolher seus traços em sua ausência.

O fumo representa o fogo. Mas este fogo não é coisa: como significante ou é representante do sujeito para outro significante ou é significante perante o qual outro representa o sujeito. Portanto, se o fumo "signa" o fogo, subjacente à "não coisa" de que é signo deve situar-se a "coisa" sujeito. E que sujeito se fará (representar) pelo fumo?

> *De quoi il fait signe, est conforme à notre structure, puisque depuis Prométhée, une fumée est plutôt le signe de ce sujet que représente une allumette pour sa boîte, et qu'à un Ulysse abordant un rivage inconnu, une fumée au premier chef laisse présumer que ce n'est pas une île déserte.*
>
> *Notre fumée est donc le signe, pourquoi pas du fumeur? Mais allons-y du producteur de feu: ce sera plus matérialiste et dialectique à souhait.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.66)

Segundo Lacan, desde que o fogo foi roubado dos deuses e entregue aos homens[210] — ou seja, desde que se inclui no Outro, patrimônio simbólico constitutivo do humano —, é a estes que perante aquele (significante) o fumo representa. O fumo "signa" o sujeito capaz de representar um fósforo para a sua caixa, é representante daquele que pode incendiar.

Na medida em que se trata de referir o que objetivamente está perdido, e dada a propriedade inerente ao desejo e à palavra de proceder na direção contrária, não é de admirar que Lacan se empenhe em acercar-se do problema parabolicamente. Como aliás confessa, fá-lo para desviar, para perturbar o leitor, contrariando o risco de o sujeito em questão se perder, situando-se como objeto de algum significado imediato. O dicente é, por sua própria (falta de) natureza, indizível. Por isso todos os recursos arregimentáveis para (não) se o dizer, explorando à exaustão os limites da palavra, não são depreciáveis. Cumpre aliás sublinhar o quanto a alegoria ígnea é excepcionalmente luminosa para expressar o olhar que, como tal, não se vê: ela é preciosa devido ao contraste entre a opacidade do fogo como materialidade relativa à significância do sujeito e a transparência das coisas na luz da aparência. Mais ainda quando é recolhida da pseudo-naturalidade da literalidade circundante, e principalmente colhida num dito popular, um enunciado do Outro, e nessa medida herança de todos e patrimônio de ninguém.

O fogo, escusa-se de comentá-lo como significante comumente enfeixador de múltiplas significações associadas à subjetividade: luz, consciência, espírito, paixão, vontade, criatividade, desejo, etc. O fogo só pode dar conta de todas por na realidade lhe haver sido

---

209 *Je parlerai donc en parabole, c'est-à-dire pour dérouter.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.66)

210 Conforme a alusão ao mito de Prometeu.

confiado um lugar, como diria Lacan, no Outro. Isto é, por menos e mais do que um fenômeno natural, devido a injunções culturais, disseminar-se com maleabilidade subjetiva...

Perdida a naturalidade, o fogo de fato é inegavelmente patrimônio simbólico excepcionalmente propício a significar a especificidade humana. Tanto pelo mito (de Prometeu) — abrindo um espaço de significância do fogo metafórico, multiplamente interpretável e interpretado, cujo denominador comum é a afirmação do humano como cultura, transcendente do natural —, como por efetivamente o domínio empírico do fogo ser um marco histórico de primordial importância na civilização.

Mas cuidado: perseguir uma simbólica do fogo só levaria a preservar o referente num lugar de "coisas" transcendentes, salvaguardando o conceito tradicional de signo. Neste caso, para se conhecer as coisas, apenas seria necessário recorrer a outros olhos, quiçá os da alma.

Em vez disso, muito empiricamente, qualquer aventureiro, ao se avizinhar de terra desconhecida, ao perceber fumo suporá não se tratar de paragem desabitada. O fumo é pois, conforme o dito popular ("onde há fumaça há fogo"), um sinal do fogo. Perante este, mais do que ser uma coisa, representa o produtor do fogo, o sujeito enunciador.

O caráter parabólico da explanação veda o risco de interpretar os personagens Prometeu ou Ulisses como o sujeito psicanaliticamente relevante. Lacan se interessa pelo produtor do fogo — o sujeito da enunciação —, e não por personagens desenhados em discursos — eventualmente até sujeitos do enunciado —, eles mesmos, afinal, meros pontos de confluência de significações.

Pois sujeitos em discursos, não são o sujeito do discurso:

> *Qu'Ulysse pourtant donne le quelqu'un, est mis en doute à se rappeler qu'aussi bien il n'est personne. Il est en tout cas personne à ce que s'y trompe une fate polyphémie.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.66)

Ulisses é alguém e ninguém. É ardil em que se enreda a fatuidade de muitas palavras[211].

Não se advertir de que os fumantes, ao se fazerem representar pelo fumo, não se dirigem a Ulisses, é ainda condenar-se ao engano epistemológico clássico, solidário de uma certa forma de teísmo. A mesma subjacente à teoria do conhecimento. É obrigar-se a assegurar a oni-significidade de tudo como sinalando coisas para alguém na garantia de um sujeito absoluto, uma inteligência que garanta a correspondência das idéias às coisas.

Porém, nada na ordem concreta destas se apresenta talhado para assegurar tal correspondência:

> *Mais l'évidence que ce ne soit pour faire signe à Ulysse que les fumeurs campent, nous suggère plus de rigueur au principe du signe.*
>
> *Car elle nous fait sentir, comme au passage, que ce qui pèche à voir le monde comme phénomène, c'est que le noumène, de ne pouvoir dès lors faire signe qu'au* ***nous****, soit: au suprême quelqu'un, signe d'intelligence toujours, démontre de quelle pauvreté procède la vôtre à supposer que tout fait signe: c'est le quelqu'un de nulle part qui doit tout manigancer.*
>
> *Que ça nous aide à mettre le: pas de fumée sans feu, au même pas que le: pas de prière sans dieu, pour qu'on entend ce qui change.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.66/7)

Ou seja, a garantia do objeto subjacente à representação é nula. É o significante que ficciona o objeto, tal como a oração ficciona Deus.

O sujeito, do ponto de vista do inconsciente, é tematizado precipuamente no nível da enunciação. E, para o sujeito enunciador, o Outro é sempre outro significante, perante o qual se representa, e não sujeito absoluto.

---

211 Lacan expressa-se por meio de alusões ao episódio da ODISSÉIA em que o herói ludibria o famoso e gabarola ciclope Polifemo — literalmente, muito falado ou muito falante —, fazendo-se chamar de Ninguém.

A variabilidade de suas possibilidades de representabilidade é enorme, bastando haver o que, instituído à dignidade significante, a partir da falta instaurante o marque desejante. Determinando-o posição enunciadora de um discurso que se diz para **personne**. Pondo-o sujeito de um saber que não conhece e que não o conhece.

Deus, se o termo for de alguma valia, é a capacidade de conjunto da palavra de ter efeitos[212]. De certa maneira, aliás de acordo com a tradição religiosa dominante, Deus é (feito) verbo:

> *L'Autre, l'Autre comme lieu de la vérité, est la seule place, quoiqu'irréductible, que nous pouvons donner au terme de l'être divin, de Dieu pour l'appeler par son nom. Dieu est proprement le lieu où, si vous m'en permettez le jeu, se produit le* ***dieu*** *— le* ***dieur*** *— le* ***dire****. Pour un rien, le dire ça fait Dieu. Et aussi longtemps que se dira quelque chose, l'hipothèse Dieu sera là.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.44)

A eficiência do verbo é a verbalização. Deus é a virtualidade maior do dizer.

Recorde-se que, na psicologia, as críticas à incongruência do associacionismo motivavam-se precisamente no abandono do aparato metafísico que lhe conferia racionalidade. A tarefa então iniciada permaneceria inacabada, para não dizer despropositada, se não se a completasse pela erradicação dos reflexos da metafísica na semântica. Lacan, porque quer prescindir da hipótese teísta e a seu modo é cartesiano, abdica do conhecimento.

Aceitá-lo implicaria fazer as coisas suportarem-se num supremo alguém que deveria urdir tudo de todos os lugares, e por isso, para o sujeito iludido do conhecimento, urdiria de parte nenhuma.

Alguém ninguém, por sequer se fazer representar na espacialidade, na estrutura empiricizada como linguagem:

> *Il est curieux que les incendies de forêt ne montrent pas le quelqu'un auquel le sommeil imprudent du fumeur s'adresse.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.67)

Rigorosamente, o problema se traduz em algo bem simples. O sujeito em pauta é garantido que não se trata de um Outro objetivo, personificado em Ulisses ou entificado em Deus. O sujeito está do mesmo lado, subjetivo, do enunciante:

> *Nous ne pouvons dès lors ne pas inclure notre discours sur l'inconscient dans la thèse même qu'il énonce, que la présence de l'inconscient, pour se situer au lieu de l'Autre, est à chercher en tout discours, en son énonciation.* (POSITION DE L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.834)

O privilegiamento da enunciação — posto que a língua só seria uma realidade concreta para um sujeito que pudesse suportar atualmente a totalidade das significações possíveis, Deus, uma ficção de plenitude não castrada, subjacente ao exercício da palavra — é um traço característico do tratamento lacaniano da linguagem:

> *Ainsi c'est d'ailleurs que de la Réalité qu'elle concerne que la Vérité tire sa garantie: c'est de la Parole. Comme c'est d'elle qu'elle reçoit cette marque qui l'institue dans une structure de fiction.*
>
> *Le dit premier décrète, légifère, aphorise, est oracle, il confère à l'autre réel son obscure autorité.* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.808)

É o conjunto destas injunções que, na sua coerência intrínseca, à luz da psicanálise plenamente justificam a aparentemente bizarra e despropositada análise do signo. Graças a ele, sob a concepção de signo tradicional, é possível reconhecer o sujeito onde se supusera conhecer coisas.

---

212 *Que le symbolique soit le support de ce qui a été fait Dieu, c'est hors de doute.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.77)

O sistema da linguagem desliza da esfera da possibilidade de representar coisas, do âmbito do conhecer, para a de uma economia da fruição subjetiva em que até a primeira atitude, criticada, descobre-se (com) valor.

A investigação dessas assombrosas investidas da psicanálise é o motivo maior, teórico e clínico, da aventura lacaniana. O que as determina está bem além de uma divergência paroquiana.

33. ORIGINARIEDADE DA ENUNCIAÇÃO

A psicanálise é excecionalmente sensível ao fato da língua ser uma ficção que só se atualiza ao ser exercida. A língua é um limbo que se materializa no discurso.

Lacanianamente é absolutamente inconcebível que se possa abdicar de tomar em primeiro plano o exercício concreto da língua como fala; quer dizer, deixar de tratá-la na ocasião da sua subsunção ao discurso. Um exemplo da estranheza provocada entre lingüistas por esta atitude — a qual, a se abreviar a análise mais global do pensamento lacaniano, fica sem sentido —, bem como uma possibilidade de confirmar o que aqui se sustenta, ilustrando-o, é proporcionado pela consideração de um trabalho que precisamente se dedica a estudar o uso psicanalítico de termos lingüísticos.

Na sua obra LINGÜISTIQUE ET PSYCHANALYSE, Michel Arrivès presta-se à elucidação do ponto, ao deter-se em tênue deslocamento operado por Lacan para, na teorização saussuriana da língua, introduzir a sutileza temporalizante, imprescindível ao equacionamento do discurso:

> *Il y a chez Saussure <<délimitation réciproque des unités>> (CLG, p. 156) du signifiant et du signifié... Rien de tel chez Lacan. Il y a au contraire <<autonomie>> (le mot est redondant: voir, par exemple, 1981, p. 223) du signifiant par rapport au signifié.* (p.128)

À delimitação da recíproca similitude — ou talvez, dissimilitude — das concepções de signo nas disciplinas, se segue fulcral passagem do CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL, a que Lacan se dedicou:

> *<<Nous pouvons donc représenter le fait linguistique dans son ensemble, c'est-à-dire la langue, comme une série de subdivisions contiguës dèssinées à la fois sur le plan indéfini des idées confuses et sur celui non moins indeterminé des sons>>.* (p.129)

Logo em seguida, o autor chama a atenção para o tratamento que ela recebe daquele:

> *On le remarque: les <<subdivisions>> découpent de façon identique les <<nébuleuses>> des deux plans. Or c'est précisément la possibilité même de ce découpage isomorphe qui est récusée par Lacan. Dans les termes suivants:*
>
> *<<M. de Saussure (on admirera au passage le ton cérémonieux de Lacan, M.A.) pense que ce qui permet le découpage du signifiant, c'est une certaine corrélation entre signifiant et signifié. Evidemment, pour que les deux puissent être découpés en même temps, il faut une pause (...)>>.*
>
> *Les points de suspension ne sont pas de Lacan. Car, insolemment, je prends le parti de lui couper la parole. Pour remarquer que, de façon délibérée, il substitue au* ***à la fois*** *de Saussure un* ***en même temps****, apparemment synonyme. Mais la substitution n'est pas innocente: car elle permet d'introduire subrepticement la notion de* ***pause****. Et s'il faut une pause, c'est qu'il y a glissement. Je rends la parole à Lacan:*
>
> *<<Ce schéma est discutable. On voit bien en effet que, dans le sens diachronique, avec le temps, il se produit des glissements, et qu'à tout instant le système en évolution des significations humaines se déplace et modifie le contenu des signifiants, qui prennent des emplois différents (...). Sous les mêmes signifiants, il y a au cours des âges de ces glissements de signification qui prouvent qu'on ne peut établir de correspondence bi-univoque entre les deux systèmes>> (1981, p.135).*

On a repéré comment Lacan a déclenché son dérapage: par un jeu sur ***à la fois*** *et* ***en même temps****. Il peut en effet introduire dans l'analyse saussurienne la notion de sens diachronique, qui n'y est pas. En somme, il assimile la linéarité à la diachronie:*

<<On ne peut pas ne pas mettre le discours dans un certain sens du temps, dans un sens qui est défini d'une façon linéaire, nous dit M. de Saussure (...). C' est dans se diachronisme que s'installe le discours>> (1981, p.66).

Cette assimilation est-elle conforme à l'enseignement de Saussure? Je ne le pense pas. Sans doute, il y a quelque connexion entre linéarité et diachronie. Poser le principe de la linéarité, c'est dire que parler, ça prend du temps: on met un signifiant après l'autre et on recommence. Et si on faisait ça de façon ininterrompue pendant quelques siècles, on apporterait sans doute à sa langue quelques modifications. Oui. Mais c'est un fait que Saussure, apparemment, n'établit pas explicitement cette rélation entre linéarité et diachronie: la linéarité — qui, il faut le rappeler, n'affecte que le signifiant — est pour lui de nature synchronique. Pas pour Lacan... (p.129/0)

Pode-se ficar satisfeito com a mera denúncia da sub-reptícia introdução da temporalidade na forma do deslocamento, até discretamente distorsivo, do sentido estrito que Saussure atribui aos conceitos que elabora?

Como criticar uma autonomia do significante relativamente ao significado se, concretamente, a decisão deste depende de um tempo de trabalho daquele, que, continuado após qualquer pausa, pode levar a novos resultados?

A gratidão a M. A. pelo meritório trabalho de elucidação da leitura de Saussure por Lacan não deve ter como efeito o ater-se às limitações da lingüística, que lhe são impostas pelo seu objeto. O que num nível estritamente descritivo se afigura uma má compreensão, uma atitude distraída perante a obra do mestre suiço, mais produtivamente deve ser tomado como uma leitura fértil.

O (sutil) deslize é imposto pela natureza da psicanálise. Nesta disciplina não há outra maneira de bem proceder com a obra saussuriana, senão resgatando-a neste outro terreno, levando em conta o que não havia pensado, mas é necessário ao cumprimento da missão de fundamentação da psicanálise, que lhe é confiada no âmbito do trabalho intelectual do leitor Lacan.

De fato, se para estudar a língua, entendida como um sistema de signos e de regras, patrimônio de todos os locutores de um dado idioma e mais ou menos abstraído do seu exercício lingüístico, não há necessidade de referir a linearidade à diacronia, outra é a história quando se trata de levar sempre em conta o sujeito suposto a cada ato lingüístico. Isto é, quando (em vez da língua) se privilegia o discurso.

As duas atitudes podem ser quase antagônicas: a estrita exibição verbal pode assemelhar-se à passagem de mão em mão de moedas cuja efígie esteja gasta pelo uso, conforme a metáfora mallarmeana apreciada por Lacan.

O silêncio, por exemplo, a recusa em empregar o código, pode ser de um clamor ensurdecedor no nível da manifestação do sujeito, a enunciação.

Aliás, via de regra, o emprego da palavra produz o efeito oposto. Dilui ou disfarça o sentido do desejo sob uma cortina de significações:

Qu'on dise reste oublié derrière ce qui se dit dans ce qui s'entend. (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, p.5)

Com este enunciado Lacan tenta expressar a condição de obnubilamento do sujeito, inerente ao exercício da língua, à qual docilmente a lingüística se curva. Sem se esquivar de, metadiscursivamente, a esclarecer:

Cet énoncé qui paraît d'assertion pour se produire dans une forme universelle, est de fait modal, existentiel comme tel: le subjonctif dont se module son sujet en témoignant. (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, p.5)

Ambos os pronunciamentos, embora merecedores de atenção sob o aspecto das noções que fazem intervir, como universalidade e modalidade, podem sem maiores delongas simplificadamente ser compreendidos como asseverando não haver enunciado sem enunciação. Bem entendido, como assegurando que o sujeito, lacanianamente concebido, é indissociável de qualquer proposição — a qual, por sua vez, nunca é impessoal.

Nem por ser universal uma proposição efetiva pressupõe menos o particular enunciante que a pronuncia, cuja pregnância se evidencia no que na forma do dito — a modalização, por exemplo — seja propício a demarcá-lo.

Sem sujeito, não pode haver nenhuma língua, nenhum discurso, nenhuma linguagem[213]. Pois aquele é posição enunciante, ainda que só sabida — e deste modo, existente — **a posteriori**.

Mesmo a conceituação lacaniana de língua, ainda que propriamente não se divorcie da concepção lingüística, é feita de modo a acentuar no discurso, quantas vezes invisibilizada, a pregnância do sujeito:

> *Une langue entre autres n'est rien de plus que l'intégrale des équivoques qui son histoire y a laissé persister.* (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, p.47)

Acentua-o a ponto de (no período quase inaugural da sua obra estritamente psicanalítica, no volume terceiro do Seminário) justificar o fracasso de línguas artificiais, exemplificado pelo esperanto, por não serem sedimentações das circunvoluções subjetivas.

Como a possibilidade de se fazer dizer e escutar outra coisa encontra-se precisamente nas brechas de imprecisão, por essas línguas serem construídas para servirem à expressão o menos ambígua do significado, não são facilmente "habitáveis" pelo sujeito.

A obra lacaniana é um longo enfileiramento do que possa prestar-se à "teorização" da subjetividade. Já em 1955/6, no tempo primordial de exploração da temática lingüística na sua utilidade para a psicanálise, mesmo paradoxalmente aventurando-se a referir o seu campo a uma cientificidade que não lhe serve a não ser como imprópria metáfora da adesão a um equacionamento rigoroso da subjetividade, Lacan não perdia o faro para o essencial. Não descurava da necessidade de, de alguma maneira, aí "enfiar" o sujeito. A ponto de sugerir para a psicanálise uma definição correlatamente à lingüística:

> *... quelle direction nous indique le retour à la vérité de Freud?*
>
> *C'est celle d'une étude positive dont les méthodes et dont les formes nous sont données dans cette sphère des sciences dites humaines qui concerne l'ordre du langage, la linguistique. La psychanalyse devrait être la science du langage habité par le sujet. Dans la perspective freudienne, l'homme, c'est le sujet pris et torturé par le langage.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.276)

Em todo o caso, o importante é que o foco da psicanálise não é pura e simplesmente a linguagem, e muito menos a língua. Visa o sujeito e por isso importa-lhe a palavra. Ou mais precisamente, a esfera sígnica, na estrita medida em que é subjetivamente modelada. Ou seja, interessa-se pelo discurso:

> *Les discours dont il s'agit ne sont rien d'autre que l'articulation signifiante, l'appareil, dont la seule présence, le statut existant, domine et gouverne tout ce qui peut à l'occasion surgir de paroles.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.194)

A ordem instaurada com a articulação de posições significantes, não necessariamente palavras, estabelece um quadro de relações em que o sujeito pode localizar-se, orientar-se e ser encontrado. Suporta-o com sentido, e até por isso pode constituir-se na boa base para o encetamento de dicções:

---

213 Excetuado o que receba esta denominação, suscitando equivocidade ou expressando equívoco, no reino animal.

Par l'instrument du langage s'instaurent un certain nombre de relations stables, à l'intérieur desquelles peut certes s'inscrire quelque chose qui est bien plus large, va bien plus loin, que les énonciations effectives. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.11)

Note-se que os discursos — que podem ser entendidos tanto como o fato efetivo da enunciação, quanto tecnicamente como classes de estruturas enunciativas — não se confundem com as palavras. Podem mesmo prescindir delas, o que facilmente se percebe exemplificando com a freqüentemente superior eloqüência do silêncio.

No que à psicanálise concerne, é até preferível que assim seja:

Il m'est arrivé... de distinguer ce qu'il en est du discours, comme une structure nécessaire qui dépasse de beaucoup la parole, toujours plus ou moins occasionelle. Ce que je préfère, ai-je dit, et même affiché un jour, c'est ***un discours sans paroles.*** (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.11)

Lacan proferiu o aparente contra-senso, em termos bem mais contundentes do que os desta rememoração, em sessão do seminário do ano anterior:

... j'ai pris soin soin d'écrire tout à l'heure au tableau...
(Phrase au tableau: "L'essence de la théorie psychanalytique est un discours sans parole")
... sur l'essence de la théorie: l'essence de la théorie psychanalytique est la fonction du discours et très précisément en ceci qui pourra vous sembler nouveau, à tout le moins paradoxal, que je le dirai sans parole. (13-11-68)

Dizer não necessariamente é falar. Com ou sem palavras, de todo o modo, este entendimento da enunciação do sujeito[214] como fulcral em psicanálise, introduz uma problemática que, até agora, apenas se tangenciara. A saber, a importância de, a propósito do inconsciente, ao eximir-se de tratar as palavras fora do seu uso, abstraídas em língua, ter sempre em mente o tempo suposto a cada ato enunciativo.

Desde que o factível se suporta na ação do dizer, não permite significações mais estáveis que o tempo de duração do dizer que as afirma. As injunções a que se submete a palavra falada traduzem-se em tempo vivido, o que resulta na necessidade de não discriminar substantivamente espacialidade de temporalidade. Rigorosamente, depara-se-se com a necessidade de não as tratar em separado, já que, no nível (do) inconsciente, disposição espacial e discontinuidade discursiva se equivalem.

O que faz a ocasião para um esclarecimento muito necessário. Por uma questão de maior generalidade e facilidade de exposição, não obstante se ter ressaltado a importância do discurso e da enunciação, até agora não se entrou no mérito da temporalidade, neles implícita. Porém, a temática da signicidade ora considerada, a descurar-se a análise de um aspecto tão saliente na reflexão lacaniana a ela atinente, por mais que se concedam exemplificações da ordem da espacialidade, apenas se toca muito parcial e insatisfatoriamente.

Cumpre pois examinar a especificação da localidade significante no tempo.

34. POSIÇÃO DA TEMPORALIDADE

Desde os trabalhos iniciais (a respeito do tempo lógico) até ao penúltimo seminário (quando intentava articular o tempo topologicamente), o pensador dedicou-se a estudar o papel da temporalidade, genericamente tematizando-a na forma do estudo da ordem como lugar do significante numa seqüência enunciativa.

Ainda assim, sendo sabida a tese freudiana da atemporalidade do inconsciente — tese que em si mesma obviamente já se constitui num pronunciamento quanto à problemática, e

---

214 Assim mesmo, preservando a ambiguidade entre o sujeito que diz e o dizer sujeito.

portanto a inaugura e a legitima —, se não necessária pelo desenvolvimento atual da investigação, necessitada por uma compreensível atenção para com o leitor, uma explicação é requerida pela introdução de um tópico com este título.

Nem de perto nem de longe Lacan se permite interpretar a concepção do seu precursor como uma generalização descritiva da facticidade do inconsciente. Segundo parece sugerir, a propositura deve ser reconhecida menos como uma afirmação positiva quanto à temporalidade inconsciente, do que como uma enfática negação da sua conformação aos parâmetros vigentes na consciência.

O inconsciente careceria de historicidade do ponto de vista da temporalidade própria aos processos lineares ou cronológicos, funcionais no nível da consciência e, de certa maneira, por isso válidos para as ciências da natureza.

Outra é a situação quanto ao inconsciente. O analista se depara com discursos. E não por acaso também com **scripts**, que nas patologias parecem determinar seqüências discursivas, ao modo do automatismo de repetição:

> *... le paradoxe de l'automatisme de répétition c'est que vous voyez surgir un cycle de comportement inscriptible comme tel dans les termes d'une résolution de tension..., et que néanmoins quelle que soit la fonction intéressée dans ce cycle, si charnelle que vous la supposiez, il n'en reste pas moins que ce qu'elle veut dire en tant qu'automatisme de répétition c'est qu'elle est là pour faire surgir, pour rappeler, pour faire insister quelque chose qui n'est rien d'autre en son essence qu'un signifiant...* (20-12-61)

Tudo se passa como se o doente, com o corpo, repetisse um texto:

> *... ce cycle là — et pas un autre — équivaut à un certain signifiant. C'est à ce titre que le comportement se répète pour faire ressurgir ce signifiant qu'il est commme tel...* (13-12-61)

Posto que o significante, psicanaliticamente entendido, se constitui na arquitetura da realidade humana e é determinador da subjetividade, não há como não apreender a circunjazida significante como acontecimento diacrônico.

Encontra-se com isso, a levar-se a análise "literalmente" a sério, a necessidade de equacionar a representificação do passado. E com ela, o tempo.

Note-se que não se cuida de um detalhe adendado à abordagem do signo por preocupações estritamente psicanalíticas, e portanto de um aspecto relativamente externo ao problema tratado. A questão do tempo é inerente à estrutura, quer dizer, à arquitetura sígnica:

> *Pourquoi le signifiant dans son incarnation corporelle, c'est-à-dire vocale, s'est toujours présenté à nous comme d'essence* ***discontinu****? Nous n'avions donc pas besoin de la surface: la discontinuité le constitue. L'interruption dans le successif fait partie de sa structure.* (16-5-62)

Afinal, se a estrutura sincrônica do Outro, enquanto arquitetura lógica, constitui o espaço da realidade humana, desde que o sujeito não pode senão ignorar-se ao se instalar em posição desencarnada, sobrepairante sobre a palavra que (o) diz, a perspectiva da sucessão significante no meandro discursivo remete à temporalidade.

Temporalidade que se patenteia não apenas na necessidade de dispor sucessivamente os significantes, como também, muito importante, na importância do tempo da sua sucessão:

> *Cette dimension temporelle du fonctionnement de la chaîne signifiante que j'ai d'abord articulé comme succession, a pour suite que la scansion introduit un élément de plus que la division de l'interruption modulatoire: la hâte que j'ai insérée en tant que hâte en logique. C'est un vieux travail: LE TEMPS LOGIQUE.* (16-5-62)

Realmente o interesse do pensador no assunto vem de sempre, evoluindo o enfoque conforme o tempo de amadurecimento das grandes linhas do seu pensamento. É possível fornecer em algumas pinceladas um painel do seu desenvolvimento.

No início de sua obra, em textos como LE NOMBRE SEIZE ET LA FORME LOGIQUE DE LA SUSPICION e LE TEMPS LOGIQUE ET L'ASSERTION DE CERTITUDE ANTECIPÉE, Lacan reflete o problema a partir de uma colocação em plano secundário do simbólico, fiando-se à imaginarização deste no quadro de uma dialética inter-subjetiva, alicerçada no caráter social do conhecimento.

Posteriormente, a promoção a primeiro plano da estrutura significante como determinante, inclusive das formas de sociabilidade, permitir-lhe-á precisar naquela a verdadeira arquitetura das mesmas, desvinculando a sua teoria sobre o tempo de qualquer compromisso com a intuição e a sensibilidade.

O tempo torna-se ainda mais o tempo lógico, não por depender de uma reflexividade (também na acepção especular) social, mas por se fundar na palavra mesmo.

De qualquer modo, a todo o tempo a temporalidade impõe-se ao pensamento lacaniano, não cabendo nem havendo como desconsiderá-la. Por isso a meditação a serviço da experiência (do) inconsciente sobre temporalidade é um aspecto da reflexão lacaniana que imprescinde de atenção acurada.

Como anteriormente se pôde acompanhar, Lacan obriga-se a interpretar o *à la fois* saussuriano como *en même temps*, a despeito do despeito de quem pense que ler seja repetir. Mais do que uma distorção, trata-se de "torção" teórica imprescindível ao aproveitamento do modelo para dar conta de fenômenos da clínica — como o ato falho, o esquecimento, ou o chiste —, que abre caminho à sugestão do permanente deslocamento do significado em função da ação (do) significante, eliminando a aceitabilidade de uma teoria da significação que, ainda que não remetesse a uma correspondência atemporal, autorizasse a desprezar a implicação da historicidade — quer dizer, da enunciação — na precipitação do sentido.

Embora para efeito de análise — por parte do sujeito teórico lingüista, alienado da verdade psicanalítica da "encarnação" subjetiva no universo (simbólico) — a sucessividade linear dos significantes possa ser vista sincronicamente, não pode ser este o caso para o sujeito desprovido da ilusão de asas que o façam crer numa sensibilidade não enformada logicamente. Este não se ludibria, achando que pode desprezar a vinculação entre a sucessão das palavras e o deslocamento temporal.

Afinal, tal orientação é solidária da não distinção conclusiva entre o nível do significante e o do significado. Lacan sugere a faixa de Moebius, caracterizante de um espaço sem avesso, como adequada à sua apresentação.

De fato, nesta só um evento temporal — topologicamente correspondido a um deslocamento na superfície una da faixa — permite que a um certo tempo, sem que se tenha passado para "outro lado", se esteja, sem sair da superfície, na posição que se afiguraria, a imergir-se a faixa no espaço euclidiano, o avesso da posição inicial. É o tempo discursivo, a diacronia, e não o espaço — que fundamentalmente é a disponibilidade sincrônica dos significantes —, que introduz a virtualidade da significação, fato que escapa à percepção do observador bem (mal) situado que contemple a superfície da faixa de confortável lugar no espaço tridimensional. Lugar que é descabido em se cogitando de um sujeito criado e representado na cadeia: a ser tratado enquanto sujeito, não poderia pairar sobre ela.

Mas quem se represente na superfície da faixa (e não sobre ela), não terá como chegar ao avesso da posição que ocupe em dado momento senão dando uma volta ao longo da qual não terá trocado de lado. Não terá saído da mesma superfície, que afinal não tem outro lado.

Portanto (e também por causa disso) é impensável separar a análise do significante da da situabilidade, que lhe é da máxima importância, por várias razões, e em todos os aspectos. Pois não fora a junção entre disposição espacial e temporal, tão característica e fundamental no pensamento lacaniano, seria impossível conceber uma abordagem estrutural da subjetividade, traço tão marcante da sua reflexão, sob o qual se abriga boa parte da sua originalidade, bem como da sua dificuldade.

Para captá-lo, basta avaliar o quanto a forma do tempo de encadeamento das significações asseguradas pela disposição significante, sem ser objetivante, garante o rastreamento objetivo da ação que é o discurso, propiciando um demarcamento efetivo de disposições subjetivas:

> *... la configuration subjective a, par la liaison signifiante, une objectivité parfaitement repérable, qui fonde la possibilité même de l'aide que nous apportons sur la forme de l'interprétation.*
> *... Cette objectivité, non seulement induit, mais détermine cette position, qui est position de sujet...*
> (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.101)

É da maior relevância bem apreender como a determinabilidade da posição do sujeito emerge como mera alteridade objetiva, mas não objetivante. O que se patenteia de dois modos:

Em primeiro lugar, não é o analista que "conhece" a posição do sujeito. Esta não meramente se infere do jogo significante, mas é este que a determina. E se deste prisma o significante joga o sujeito, paradoxalmente não é menos verdade que quem joga é o **eu**. Pois note-se que a posição determinada do sujeito é indicada pelo (seu) dizer.

Portanto tal objetividade não o propõe como coisa num cenário, mas o supõe encenador:

> *... ce que la psychanalyse nous permait de concevoir n'est rien d'autre que ceci... que le discours est lié aux intérêts du sujet.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.105)

Em segundo lugar, repare-se que o discurso, além de ser ligado aos interesses do sujeito, é dirigido a um interlocutor, visa afetá-lo. Tal aspecto lhe é suficientemente característico, a ponto de surgir em caracterizações definidoras do mesmo:

> *... cette sorte de structure que je désigne du terme de discours, c'est-à-dire ce par quoi, par l'effet pur et simple du langage, se précipite un lien social.* (4-5-72)

Quando (o discurso) é escutado pelo interlocutor como enunciação autêntica, com o ressaltamento da propriedade de estabelecer laços sociais, pressupõe-se um reconhecimento da outra subjetividade, imanente ao fato da palavra. O achatamento objetivante no plano discursivo processar-se-ia exatamente ao contrário: aconteceria se e quando se des-objetivasse o dizer, restringindo-o a palavras.

Recorde-se[215] que é da natureza do discurso não apenas ser equívoco, como também ser essencialmente feito do deslizamento radical da significação.

Tal postulado está para a vivência e sobrevivência subjetivas na linguagem como o oxigênio está para a vida dos peixes na água. O discurso linear, as frases gramaticalmente bem construídas, as construções proposicionais não ambíguas, as palavras de um só significado, no seu conjunto ou em partes, constituem um meio (para o sujeito) irrespirável.

O que vinculará — melhor, precipitará — a significação será fundamentalmente uma escansão temporal, uma pontuação, na sucessão de significantes em cadeia. Ou qualquer outro procedimento equivalente, assinalador duma certa delimitação frasal, mesmo que a princípio lexicalmente errada e ou gramaticalmente incorreta.

É a indeterminada determinabilidade da palavra que, preciosa, justifica que Lacan conceba o trabalho psicanalítico como uma prática que acompanha a ação discursora, evidenciando o sujeito que se lhe supõe. Tal prática, por as condições de produção do sujeito se prenderem ao dizer, culmina e resulta num exercício cujas condições mais específicas estão sob o signo do significante.

---

215 Vide final do capítulo anterior.

III

SIGNIFICANTE E INCONSCIENTE

Est-ce que ce qui résonne, c'est l'origine de la <<res>>, de ce qu'on fait la réalité?

6-1-72

35. REALIDADE, SUJEITO E SIGNIFICANTE

Por no fundo, no capítulo anterior, se haver explanado a argumentação favorável ao enfoque lacaniano da signicidade, centrado na subjetividade, não se espere encontrar neste mais do que uma descrição do que do signo é burilável nesta perspectiva. Tal tarefa praticamente se reduz à consideração e até à autonomização do componente sígnico que é o significante, aspecto daquele que para tal efeito se privilegia. Sua caracterização, na medida exata para essa finalidade, deve menos ser atribuída a evidências factuais e mais à necessidade especulativa de construir um conceito básico do tratamento do inconsciente.

Para tanto, principia-se descrevendo algumas propriedades requeridas do significante, e só depois se destrincha o objeto que satisfaz essas exigências.

O procedimento já foi justificado quando se referiu a razão puramente lógica e epistêmica da temática tratada. Sob pena de que não satisfaça as qualidades que dele se pretendem, é importante que o significante factualmente se apresente com as propriedades que o determinem em conformidade com o papel que, em psicanálise, dele se requer.

Sequer se entra no mérito de avaliar a propriedade das considerações lacanianas a respeito do "objeto" significante. Afinal, este não é um dado imediato, independente das construções teóricas que o elaboram e à disposição de descrições mais ou menos adequadas por parte das disciplinas que o conceituam. Como o ponto não é validar ou invalidar o que a seu respeito Lacan proponha, por razões de maior comodidade e clareza explanativa, bem como de sintonia com as metas e o método lacanianos, inverte-se o caminho, a princípio mais óbvio, de partir da descrição de fatos para explicar conseqüências.

A direção aqui deve ser a oposta, até porque a peculiaridade do tratamento do signo em psicanálise origina-se precisamente da vocação para afrontar a falta, em função da e contra a qual se ergue a realidade como ficção[216].

Como a intelecção da psicanálise lacaniana depende do empenho em fielmente perseguir os desdobramentos de um impasse epistemológico, no curso do qual a temática sígnica eclode como campo da sua possível resolução, instigado a se debruçar sobre a linguagem, Lacan se motiva a se informar dos resultados obtidos pelos estudos a ela consagrados. Interesse no bojo do qual, para solucionar a dificuldade em que se debate, surge a dedicação esperançosa quanto ao alcance da noção de significante.

Não por outra razão, a partir de certa altura, a terminologia correlata à lingüística aparece continuamente, e por isso, sob pena de superficialidade, não há como abdicar de lhe prestar atenção. Uma tarefa tão mais árdua quão é certo que em parte alguma sistematiza o recurso aos seus termos.

No capítulo anterior verificou-se não haver margem para dúvidas quanto à autonomia, em cada campo, dos conceitos da área de investigação do signo adotados pela psicanálise. Indicou-se que, paradoxalmente, a autonomia opera mais preservando de interferências a psicanálise; e constatou-se que a mútua independência não desobriga o psicanalista de, no plano prévio da fundamentação dos conceitos em cada um, compará-los, tomar decisões, manifestar preferências e — quiçá por isso mesmo —, sem que isso implique em restrições quanto à formulação regional dos conceitos.

Pois, ressalvada a autonomia, o enfoque psicanalítico é temperado por uma exigência de maior acuidade no tratamento dos assuntos comuns, que não chega a afetar a identidade dos objetos relativos aos conceitos correlatos. É como se, sempre que fosse necessário precisar a acepção em psicanálise de termos receptados da lingüística, os adendos introduzidos na sua significação em relação à que se lhes supunha na origem não resultassem em outros

---

216 Bem entendido, a fantasmática realidade neurótica, que simplesmente é toda a possível realidade e é correlata da caracterização dos significantes (e portanto do sujeito) como desenraizados na psicose, na qual a fantasia não tem estatuto de fantasia, não havendo sujeito inscrito porque não veio à luz a falta significante que o inclua como excluído da cadeia para a qual se representa.

conceitos, mas num esmiuçamento do objeto tratado, não apenas desnecessário do ponto de vista lingüístico, como também para o qual a disciplina estaria desaparelhada.

Uma analogia, tomada de um horizonte de modo algum ausente do espírito de Lacan, permite facilitar o entendimento deste ponto: tudo se passa como se o signo fosse um "objeto" achatado num espaço de "n" dimensões que, ao se espraiar pela imersão num espaço de "n+1" dimensões — a psicanálise —, apresentasse propriedades suscetíveis de transtornar a geometria a si aplicável.

Doutro modo a ambigüidade que quanto a este ponto percorre a obra se reduz a contra-senso.

Em ambos os casos parecendo não fazer justiça à novidade de Saussure, outras vezes reconhecida, ora o analista cede à tentação de enriquecer a história do conceito de significante remontando-o à antiguidade, ora permite a publicação de sessões do seminário sob o título VERS UN SIGNIFIANT NOUVEAU.

Objeto perene do pensamento, mais modernamente reconceituado numa continuidade, ou temática psicanaliticamente imprescindível, mas que apenas muito recentemente, em ruptura com a tradição, pôde ser devidamente elaborada? Posto que se a novidade implicar noutra coisa que não a percepção de novos detalhes na mesma, não há sentido em remontar o conceito aos estóicos, nem em identificar o seu com o de Saussure.

A dificuldade se dissolve pela atribuição do que se apresente inovador como atinente, não à caracterização do objeto, mas antes à perspectiva em que se põe o sujeito.

A definição lingüística de signo, estrito senso, não detalhada psicanaliticamente, se não induz, também não obsta a crença no acesso cognitivo às coisas, contra a qual se insurge o labor investigativo do psicanalista. A reformulação, radical a ponto de por vezes aparentar que o conceito de significante substitui e se contrapõe ao de signo, visa principalmente obstar a essa ilusão:

> *Suivez-moi un instant à remarquer l'affinité du signifiant à ce lieu de vide.* (DE LA PSYCHANALYSE DANS SES RAPPORTS AVEC LA RÉALITÉ, Scilicet 1, p.56)

Afora este condicionante, no campo estrito da consideração do signo em si mesmo, ou seja, despreocupando-se de se reportar ao reposicionamento do sujeito e portanto à enunciação, a divergência quanto a um subproduto do entendimento dos conceitos derivado não de uma discordância quanto ao que positivamente a lingüística enuncia, mas de estratos de análise que extravasam o seu âmbito, não tem o que modificar dos resultados nela encontrados. Tanto assim é que explicitamente Lacan o reconhece:

> *Le jeu complexe du signifiant et du signifié pose des questions au bord desquelles nous nous maintenons, parce que nous ne faisons pas ici un cours de linguistique...* (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.135)

Ou seja, quem quiser se adentrar no signo dirija-se à lingüística. O papel da psicanálise é outro, e o deslize (sem ser erro) que associa ao tratamento do termo pela lingüística é tão mais desculpável quanto apenas é evitável por um depuramento do olhar, corrigido pela escuta, só acessível à psicanálise.

A psicanálise está em posição de descobrir o equívoco que precipita a crença na subsistência das coisas à revelia da sua feitura significante.

Sucintamente, pode verificar-se que o encontro (psicanalítico) da realidade do significante é imposto pela necessidade de contrariar o impulso de não olhar a realidade habitada pelo sujeito como, além de significantemente relevante, constituída por significantes:

> *... la réalité à laquelle nous avons affaire est soutenue, tramée, constituée par une tresse de signifiants.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.283)

O inconsciente comporta uma interpretação da facticidade do mundo, e a psicanálise é convocada a revelar a concretude aparente do mundo como aparência. Quer dizer, a revelar a concretude como mediata, um constructo elaborado pela história (lingüística) da ação (e interação) discursiva, e não cópia imediata do real. Logo, a palavra não é película fotográfica em que se esquematize o mundo. Pelo contrário, o universo das coisas, tal como ilusoriamente se apresentam na sua imediatidade, é estabelecido pelo dom da fala:

> *L'expérience psychanalytique a retrouvé dans l'homme l'impératif du verbe comme la loi qui l'a formé a son image... Qu'elle vous fasse comprendre enfin que c'est dans le don de la parole que réside toute la réalité de ses effets; car c'est par la voie de ce don que toute réalité est venue à l'homme et par son acte continué qu'il la maintient.* (FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE — ÉCRITS, p.322)

O dizer não se conforma a nenhuma materialidade prévia que se tratasse de referir. É o oposto: a realidade brota do dizer. À luz da psicanálise, é mais exato concretizar a matéria no nível da linguagem[217] do que procurá-la do lado do mundo.

Neste quadro, a diretriz óbvia será encontrar uma maneira de coerentemente incluir na linguagem a exclusão da representação (a qual, para Lacan, se assimila à cognição):

> *Disons qu'il faut renverser la passivité impliquée dans le verbe signifier, et concevoir que le signifiant marque le réel autant et plus qu'il ne le représente.* (LETTRE À WINNICOTT, Ornicar 33, p.8)

As arestas do mundo, índices de diferenças marcadas perceptivamente, em hipótese alguma tratam da constatação da realidade. Não se prestam a ser decalques representativos das coisas. Tais marcas, desvinculadas da totalidade imaginada que reproduziria um objeto, são o suporte do significante na estrutura. Nada são senão elementos produtores de sentido, absolutamente desobrigados de corresponder às ruínas da crença na objetividade substantiva das coisas, conforme à sua aparição.

Indício inequívoco do sujeito, uma forma por excelência do agir intrinsecamente descomprometido com a impossível fidelidade à representação é ofertada pela negação. Não é relevante a forma do traço do ponto de vista da similitude com a representação, mas o traço como matéria-prima da ação subjetiva, dimensão que põe em jogo o ator sujeito:

> *Quand une trace a été faite pour qu'on la prenne pour une fausse trace, à nous savons qu'il y a comme tel un sujet parlant...* (12-12-62)

De fato o mero traço apenas remete a alguma coisa que o trace. Porque o significante representa o sujeito, no traço tanto posso saber da presença subjetiva, como simetricamente, enquanto sujeito, tentar ludibriar a outro. A mentira não é apenas solidária da verdade, indício da sua possibilidade. Ambas são inequivocamente evidências de que se está em campo includente da subjetividade. A tensão entre ambas sintoniza e é imanente à referência[218] subjetiva.

Nestre quadro, o efeito psicológico da garantia de coincidência entre o objeto e a sua representação assegura-se e se afirma radicalmente, pura e simplesmente, da ausência prévia do primeiro, e portanto da referida vacuidade da segunda. Depende de um critério de equivalência que se suporta no negativo: a unidade, que nada mais é do que o traço que, abstraindo do que falta, assinala qualquer falta.

Esse um, positivamente nada numera. Conta a falta do objeto ou, por inversão, refere o objeto em falta:

---

217 *La parole en effet est un don de langage, et le langage n'est pas immatériel. Il est corps subtil, mais il est corps.* (FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE — ÉCRITS, p.301)

218 *De cette permanence du sujet, je vous montre la référence et non pas la présence. Car cette présence ne pourra être cernée qu'en fonction de cette référence.* (13-12-61)

... pourquoi "un"? Car c'est "un", ce qu'il désigne, c'est toujours l'objet comme manquant. (8-12-65)

A isso — um modo de escapar da fundamentação do número na enumeração de coisas, que comprometeria o seu trabalho, e tendência contra a qual argumenta tenazmente — denomina de traço unário:

... "il en manque un". C'est ça, l'origine du trait unaire: un trou. (8-12-65)

Portanto, nas arestas do mundo que se prestem à enumeração do desencontro com a coisa, não importa o seu cunho de ruína de uma totalidade perdida, mas o aspecto negativo da falta que se reitera:

Ici prend sa valeur le fait que j'ai été amené, par le droit fil de la progression freudienne, à articuler d'une façon qui m'a paru nécessaire la fonction du trait unaire, en tant qu'elle fait apparaître la genèse de la différence dans une opération qu'on peut dire se situer dans la ligne d'une simplification toujours accrue, que c'est dans une visée qui est celle qui aboutit à la ligne de bâtons, c'est-à-dire à la répétition de l'apparemmment identique qu'est créé, dégagé, ce que j'appelle, non pas le symbole, mais l'entrée dans le réel comme signifiant inscrit... L'entrée dans le réel, c'est la forme de ce trait répété par le chasseur primitif de la différence absolue en tant qu'elle est là. (28-2-62)

O traço unário é a atadura entre o real e o simbólico. Do real marca a identidade da falta e como significante registra pura e simplesmente a diferença.

A diferença não inteira a coisa: estilhaça-a. Donde a necessidade de compreender a realidade como constructo de marcas significantes, por sobre resíduos de um real desencontrado.

Eis também a razão maior da desconsideração lacaniana pela meticulosidade com que geralmente se pretende opor semiótica a lingüística. Em geral o psicanalista parece mover-se no quadro dos conceitos da última, em especial referenciando-se na sua abordagem estruturalista.

O que o explica é que a falta de natureza substancial do mundo não permite distinguir uma realidade e signos de coisas essencialmente distintos dos termos da sua dicção (verbal). Não há um universo da linguagem verbal separado do mundo das coisas, e por isso, distinções entre a ciência dos signos, mais ampla, e o estudo das línguas, mais restrito, não fazem sentido. Fiel ao princípio no verbo, Lacan sempre faz semiótica, e nos termos da lingüística.

A nuclearidade da verbalização no quadro geral de uma teoria do signo patenteia-se, por exemplo, no modo como reflete a significação. O interesse maior em assegurar o significante (e portanto a verbalidade) como determinante do significado deriva de que, ao assim proceder, garante ao sujeito a possibilidade de revinculações. Autoriza a flutuação da significação, à revelia da hipotética coisa significada:

> *Mais tout ce signifiant, dira-t-on, ne peut opérer qu'à être présent dans le sujet. C'est bien à quoi je satisfais en supposant qu'il est passée à l'étage du signifié.* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.504)

Dado o cunho da prática clínica lacaniana, propenso a deixar a cargo do analisante as associações — permitindo que o próprio sujeito, graças à sobredeterminação, se interseccione, ou seja, se interprete —, tais recombinações, denomina-as de cortes.

Termo que com o tempo designará mais que uma estratégia clínica: o analista obra por cortes também porque no corte o que se recorta comporta o sujeito. O sentido que pelo corte se precipite, apresenta-se como a verdade de um "instantâneo subjetivo". Por isso o sujeito pode estar no discurso sem ser significante. Pode a um só tempo tanto corporificar-se

significantemente na forma da identificação, como, por esta se explicitar fugazmente e a significação deslizar continuamente, se marcar como falta significante[219].

Como nenhuma língua é incapaz de expressar qualquer coisa, no universo simbólico, descontínuo, a falta também é uma questão de combinatória: a posição do sujeito, e a da falta, faz-se uma questão de arranjos, de cortes e recortes... E, nessa medida, o sujeito é constitutivo do significante, tanto na verdade do enunciado, quanto na (sua) feitura da enunciação. É bem o sujeito que fala, e que (por exemplo) com reticências ou equívocos estabelece cortes.

Cortes cujas implicações se deslindam na promoção de recortes que é a escuta, a qual, portanto, segue a estrutura:

> *Pour que ne soit pas vaine notre chasse, à nous analystes, il nous faut nous ramener à la fonction de la coupure dans le discours...* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALÉCTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.801)

De fato, o enfoque psicanalítico vai ater-se muito mais àquilo que no discurso possa depor a singularidade do sujeito: o estilo, erros, pausas imprevistas, etc...

> *Par quoi l'on arriverait au paradoxe de concevoir que le discours dans la séance analytique ne vaut que de ce qu'il trébuche ou même s'interrompt: si la séance elle-même ne s'instituait comme rupture dans un faux discours, disons dans ce que le discours réalise à se vider comme parole, à n'être plus que la monnaie à la frappe usée dont parle Mallarmé, qu'on se passe de main à main <<en silence>>.*
>
> *Cette coupure de la chaîne signifiante est seule à vérifier la structure du sujet comme discontinuité dans le réel. Si la linguistique nous promeut le signifiant à y voir le déterminant du signifié, l'analyse révèle la vérité de ce rapport à faire des trous du sens les déterminants de son discours.* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALÉCTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.801)

A noção de corte (em superfície), propiciadora da feitura dos objetos, torna-se crucial na elaboração lacaniana. A operação de coleta no inefável real dos traços — por uma armadilha da linguagem, inescapável, pela qual o esforço de totalização anuncia a introdução da descontinuidade significante no real — até decididos para destacar entes inteiros é propriamente o momento originário do significante, a que convém o termo corte:

> *... le signifiant est coupure et ce sujet et sa structure il s'agit de l'en faire dépendre — cela est possible en ce que je vous demande d'admettre et de me suivre au moins un temps — que le sujet a la structure de la surface au moins topologiquement définie. Il s'agit donc de saisir — et ce n'est pas difficile — comment la coupure engendre la surface.* (30-5-62)

O entendimento do significante como corte é requerido antes do mais pelo fato do traço — perceptual, de memória, imaginário, etc. — em hipótese alguma remeter a uma totalidade objetiva.

Já que o mero esforço de obter totalizações implica em recortes no fluxo da vivência, e sob pena de se extinguir a representação, mantendo uma tela para a sua exposição, a inserção no real da marca significante, ao retalhar objetos no mundo, gera a espacialidade (como) estrutural, quer dizer, intrinsecamente simbólica. O corte define constitutivamente superfícies:

> *Ce n'est pas pour le plaisir du paradoxe que je dis que les surfaces sont des organisations du trou.* (13-6-62)

O corte, entre o desmascaramento da totalidade do objeto no mundo e o estabelecimento do significante nas linhas de fissura, é, dada a necessidade de redução da espacialidade ao significante, assumido como engendrante da superfície:

---

219 Ou seja, o sujeito (não) é dito por um significante (recalcado) que falta, e porque não se reduz a significante, se faz dizer na falta.

... c'est la coupure que nous pouvons concevoir, à prendre la perspective topologique, comme engendrant la surface. Et c'est très important. Car en fin de compte c'est là peut-être que nous allons pouvoir saisir le point d'entrée, d'insertion du signifiant dans le réel. Constater dans la praxis humaine que c'est parce que le réel nous présente, si je puis dire, des surfaces naturelles, que le signifiant peut y entrer. (30-5-62)

Impõe-se por isso justificar a gênese de superfícies por meio do significante: há que entender o espaço como engendrado pelo significante.

Para esse efeito, Lacan recorre à topologia, a abordagem estritamente simbólica da espacialidade:

... la notion de surface topologique doit être introduite dans notre fonctionnement mental parce que c'est là seulement que prend son intérêt la fonction de la coupure. (16-5-62)

Como as superfícies topológicas podem ser abordadas como cortes em superfícies, não é difícil para Lacan afiançar que ... *le sujet a la structure de la surface au moins topologiquement définie.*[220]

Efetivamente, o interesse da função de corte, a que com a topologia almeja proporcionar um tratamento rigoroso, é equacionar ... *cette coupure fondamental qui s'appelle le sujet.*[221]

Um significante é um corte num contínuo imagético inefável — seja de ordem sonora, visual, ou outras —, contínuo unicamente capturável já dilacerado como sucessão descontínua de (outros) cortes e recortes. Mas subjacente a cada corte, na impossibilidade da integralidade da coisa, o que se representa é o sujeito. Sujeito que, em si mesmo, é repartido. O corte, como significante, fundamentalmente representa o sujeito.

Ao mesmo tempo é a vinculação tão estreita do sujeito ao significante que permite suportá-lo no que dele é articulável na imanência significante, assegurando a divisão do sujeito, cindido graças à propriedade intrinsecamente significante de ser diferente de si próprio, a propriedade significante essencial, a diferença:

... le signifiant d'essence est différent de lui-même, c'est-à- dire que rien du sujet ne saurait s'y identifier sans s'en exclure.

Vérité très simple, presque évidente, qui suffit à elle seule à ouvrir la possibilité logique de la constitution de l'objet à la place de ce ***splitting****, à la place même de cette différence du signifiant avec lui-même, dans son effet, subjectif.* (20-6-62)

Daí poder entender-se o significante como determinante da cisão subjetiva[222], divisão que na imanência significante outra coisa não é senão o momento constituinte do significante que se denominou corte, a descontinuidade solidária da perda da coisa:

... le sujet ne peut fonctionner qu'à le définir comme une coupure, l'objet comme un manque... autrement dit, un trou... (8-12-65)

Assim é porque, afinal, o "funcionamento" do sujeito é o operar (do) significante. Operar movido pelo desejo desencadeado pela falta.

Por sua vez, o empenho em pensar um sujeito "unidividido"— intrinsecamente dividido, mas sem ser dois —, conduz, a respeito do sujeito, a priorizar uma peculiar superfície topológica:

La bande de Moebius dans son essence, c'est la coupure même. (15-12-65)

---

220 (30-5-62)
221 (8-12-65)
222 *Il s'agit du signifiant comme déterminant la division du sujet.* (15-12-65)

A faixa define uma superficie sem avesso, uma superficie sem dois lados. O outro lado é a continuação do mesmo[223].

Lacan que, conforme antes visto, propugnava a introdução da noção de superficie topológica no funcionamento mental por a mesma ser imprescindível à descoberta do interesse da função de corte, só poderia entusiasmar-se com um objeto matemático com propriedades tão ajustadas às "medidas" do sujeito.

Como sempre, a meticulosidade lacaniana prescinde de largar a clínica sem justificativa teórica. Mas a explicação do que rigorosamente possa querer dizer promover o corte a elucidador do sujeito exige o esclarecimento meticuloso da concepção de significante. Por tabela, da noção de signo na qual a primeira se subsome.

As superficies, organizadas pelo corte — tanto como definição espacial de limites dos entes, quanto como pontuação no fluxo temporal —, supõem-se ao significante.

Em última instância, as superficies, entrelaçamento de significantes, são a trama significante. As três dimensões em que se pensa existir o mundo não passam do resultado da torção de superficies (bidimensionais):

> *... si tant est que l'objection peut s'élever qu'une pierre lévée, une colonne grecque c'est un signifiant et que ça a un volume, n'en soyez pas si sûres, si sûres de pouvoir introduire la notion de volume avant d'être bien assurés de la notion de surface. Surtout si, en mettant les choses à l'épreuve, la notion de volume n'est pas saisissable autrement qu'à partir de celle de l'envellope. Nulle pierre levée ne nous a intéressés par autre chose, je ne dirai pas que son envellope — ce qui serait aller à un sophisme — mais par ce qu'elle envellope.*
>
> *Avant d'être des volumes, l'architecture s'est faite à mobiliser, à arranger des surfaces autour d'un vide. Des pierres levées servent à faire des alignements ou des tables, à faire quelque chose qui sert par le trou qu'il y a autour.* (16-5-62)

O espaço (como superficie) é suposto ao significante na mesma medida em que o corte se supõe engendrante da superficie. E por essa razão dissolve-se o aparente paradoxo de pensar as superficies como organizações do furo.

A falta não está no mundo. É introduzida pelo significante.

O corte é também (principalmente) a operação que introduz a possibilidade de quantificar a falta. Permite, se nunca positivamente marcar e reconhecer o objeto, indicar a sua falta. Identificá-lo na forma da falta, e reiteradamente:

> *Pour que quelque chose manque, il faut qu'il y ait du compté.* (7-5-69)

O número, em si mesmo, é concebido e introduzido como função da falta:

> *... les nombres nous fourniront quelque chose de très utile pour essayer de structurer ce dont il s'agit pour nous, à savoir la fonction du manque.* (8-12-65)

Dado que o contínuo inefável da nuance qualitativa se vê substituído pelo cálculo dos cortes, a descontinuidade introduzida pelo significante introduz a falta de um modo suscetível de equacionamento estrutural.

Mais: a garantia da não correspondência entre o traço significante e o que falta no mundo não se completa, garantindo a não identidade do significante consigo mesmo. É necessário que o furo introduzido pelo significante não assegure alguma correspondência negativa. Só assim o traço, em vez de reprodução do real, se apresentará como uma repetição da falta, assegurando a (sua) contabilidade; e o retorno ao mesmo somará desencontro.

---

223 Tais formulações (também) se citam para chamar a atenção para o nível de atenção à topologia neste trabalho. As proposições topológicas não se examinam matematicamente. A par de evidenciarem a profissão de fé do autor no rigor da sua reflexão, permitem o cotejamento do conceito matemático com a sua interpretação na psicanálise. Orientam-se não na perspectiva do cálculo, mas na da compreensão da relevância que lhe é conferida.

O corte possibilita a introdução de uma contabilidade da falta, assente na garantia de um sistema de equivalências cuja base é o supramencionado traço unário.

Independentemente das pretensas justificações (ou pelo menos associações) que se julgue produzir com a teoria matemática — que estão fora do foco da pesquisa, que não pretende julgar a filiação conceitual imaginada pelo autor para as suas idéias — o importante é reconhecer que o processo significante é apresentado de maneira a que, pelo estilhaçamento da crença na representação e na objetividade das coisas, se introduza uma contabilidade da falta.

Para tanto convém explicitar a articulação entre corte e traço com maior detalhe. Pois é excessivamente genérico deixar o problema no ponto de dar a entender que o traço simboliza a falta e o corte é o significante no seu momento constituinte.

O corte é um furo não dado desde sempre. É a feitura de uma falta, falta feita com a palavra que, compósito de elementos discretos, intrinsecamente secciona. Da operação surge o traço, a linha do corte, que dá o contorno negativo do que falta. Portanto o traço é recolhido do mundo não como fragmento de um esquema das coisas, mas como marca da forma da sua falta. Corte e traço são o avesso e o direito um do outro: falar em corte é supor o traço, perceber o traço é admitir o corte.

Deste modo, o conceito de corte é apresentado no âmbito de considerações de ordem epistemológica. No entanto, originalmente aporta-se ao pensamento psicanalítica de uma maneira mais imediatamente clínica, ou pelo menos técnica. Em princípio o corte nada mais é do que uma condição inerente à cadeia significante, e portanto vincula-se à temporalidade:

> *Effet de signifiant, la coupure a d'abord été, pour nous, dans l'analyse phonématique du langage, cette ligne temporelle, plus précisément successive des signifiants que je vous ai habitués à appeler jusqu'à présent la chaîne signifiante.* (30-5-62)

O seu tratamento em termos espaciais possibilita-se a partir da valorização da enunciação e, com ela, da diacronia significante, que ao incluir em caráter permanente o tempo no espaço (simbólico), também torna admissível que os conceitos àquele aplicáveis (como o de corte) também sejam neste operativos.

> *Mais que va-t-il arriver se maintenant je vous incite à considérer la ligne elle-même comme coupure originelle?* (30-5-62)

A resposta depende do repensamento da espaço-temporalidade, aquém ou além da sensibilidade, no terreno da signicidade. Revisão que leva Lacan a entusiasmar-se com a necessidade de refazer a estética transcendental, mas requer uma mais acurada consideração do significante — em especial, da conversão do fonema em letra, ou seja, em espaço.

Não basta dizer que o significante, determinante constituinte e determinado pelo sujeito, sujeito imanente e transcendente ao simbólico, se constitui pelo seccionamento por parte do significante, em termos discretos, da duração real. E paradoxalmente em termos do esforço para o estabelecimento de totalidades cujas demarcações tomam como divisórias linhas que, se casualmente são oferecidas pela disposição do traçado do imaginário, já são significadas de dentro do simbólico.

É necessário poder indicar onde no real do sujeito se "encarnam" tais linhas. E obviamente tal lugar só pode ser o corpo[224].

Os significantes devidamente "ex-corporados" na enunciação, não podem sediar-se senão no próprio corpo.

Não o corpo tomado passivamente como objeto, como coisa, mas o corpo-sujeito. Sujeito ao significante e sujeito do significante, o corpo (em) parte real e (em) parte simbólico (do sujeito). Como tal, corpo-sujeito, já no que se registra real enformado pela palavra.

---

224 Vide capítulo EPISTEMOLOGIA E INCONSCIENTE.

Conforme aliás se evidencia no fato de, subjacente a alterações do funcionamento biológico, se encontrarem determinações significantes:

> *Je dis que c'est en tant que ce qui est refoulé est un signifiant que ce cycle de comportement réel se présente à sa place.* (13-12-61)

Sincronicamente, como espaço, o significante é corpo, e na ordem do tempo, diacronicamente, "in-corporado", é voz.

Para Lacan o problema de cogitar a anterioridade da fala à escrita, ou vice-versa, não se coloca. O modo mais óbvio de conceber a anterioridade da fala é explicitamente recusado:

> *... l'écriture, loin d'être transcription, est un autre système, un système auquel éventuellement s'accroche ce qui est découpé dans un autre support, celui de la voix.* (14-5-69)

Enquanto corpo, da ordem do espaço, o corpo é escritura. Mas enquanto corpo-sujeito depende da enunciação. Depende, em princípio, de Outro que o nomeie.

A composição do ego na forma da unificação de uma imagem corporal é atribuição do discurso do Outro. É pelo discurso que as letras se "ligam":

> *... l'écriture est connotation signifiante, ... la parole ne la crée pas tant qu'elle la lie...* (17-1-62)

A palavra falada liga a escrita, que (redundante e literalmente) é co-notação significante, sem prioridades ou privilégios entre ambas. Tão somente funções específicas, no quadro das quais o sujeito, como ator, (agente) agido pelo significante, vai fazer-se originariamente pela enunciação. A dimensão da sincronia pode ser vista como perduração "cristalizada" de tempo (lógico) enunciativo.

Logo, a construção de uma realidade pressupõe um tempo da enunciação. Um tempo da palavra, dotada do poder de instar e instalar até um estado de coisas, mas precipuamente um estar sujeito:

> *... quoi que ce soit ne prend rang de fait que quand c'est dit, il faut dire que je n'ai pas dit <<quand c'est parlé>>: il y a quelque chose de distinct entre parler et dire. Une parole qui fonde le fait, ça, c'est un dire, mais la parole fonctionne même quand elle ne fonde aucun fait: quand elle commande, quand elle prie, quand elle injurie, quand elle émet un voeu, elle ne fonde aucun fait.* (3-2-72)

Encontra-se a textura do mundo como um dizer reiterado, mais ou menos cristalizado. Dizer que como ação não admite um tratamento meramente descritivo ou analítico da linguagem. Não o admite porque suporta as condições de "existenciamento"[225] de um mundo em que averiguar a palavra faça sentido. Pois, neste mundo da palavra, a dimensão modal e performativa é subjacente e onipresente, não se tratando de um caso eventual de seu emprego possível, mas a sua condição por excelência.

Mesmo e principalmente quando pareceria ser o caso de uma proposição descritora de um estado de coisas, pois estados de coisas ou se perfazem discursivamente, ou correspondem a uma situação independente, e, neste caso, se recupera a concepção tradicional de signo, incorrendo-se na ilusão da representabilidade.

36. DIFERENÇA E LITERALIDADE

Qualquer estudo psicanalítico do signo deve se prevenir do risco de se enterrar numa cega coleta de significações aparentemente díspares de significante, ignorante do papel que no pensamento lacaniano lhe é destinado. E o momento de o tratar é boa ocasião para, sem mais

---

225 O neologismo "existenciar", no lugar de tornar existente, como outros neste trabalho, visa privilegiar a ação (verbal) contra o seu produto, a substantivação, gramaticalmente implícita nos substantivos (como, por exemplo, "existência").

nenhuma necessidade de o justificar, rever o trajeto percorrido. Pois a obscuridade que eventualmente se lhe atribua é dispensável, mesmo a ter-se em conta a alegação, indevida, de não haver como melhor explicá-lo por se tratar de conceito psicanalítico básico, indefinível.

Nem os conceitos básicos podem ser "misteriosos", nem sequer é o caso do significante se incluir entre estes. Ao contrário, tudo indica que o seu equacionamento, longe de a iniciar, é requisitado por uma investigação que nele culmina. Melhor, que o invoca para resolver dificuldades racionalmente propostas durante um deambular reflexivo anterior.

Por isso é muito importante poder reconhecer como o conceito é desenvolvido por Lacan: não o recolhe como um botânico colhe flores, sem por isso se propor a remodelar o que encontra no campo dos estudos da língua. Lá como cá, o significante é unidade e diferença:

> *... ce qui distingue le signifiant, c'est seulement d'être ce que tous les autres ne sont pas; ce qui, dans le signifiant, implique cette fonction de l'unité, c'est justement de n'être que différence. C'est en tant que pure différence que l'unité, dans sa fonction signifiante, se structure, se constitue.* (29-11-61)

O significante é mesmo a insígnia por excelência da diferença, que lhe é "consubstancial", e cuja tradução psíquica é a estranheza[226].

Porém, a onipresença da noção de significante pode conduzir desavisados a procurar entender o "lacanismo" tomando-o como ponto de partida. Não é mesmo raro tentar explicar aspectos do pensamento mencionado tomando como ponto de partida o conceito. Mas com esse procedimento, sem esforço, se enclausura o "lacanismo" numa "escolástica" só inteligível[227] por iniciados, sobre a qual paira a mais que plausível suspeita de se afiançar em parcas luzes.

O único motivo pelo qual, no nível descritivo, as teses parecem desprender-se do termo significante, é que o mesmo, longe de ser um conceito primitivo evidente e indiscutível, é um produto acabado, construído sob medida a fim de poder preservar no exercício clínico os resultados de conjunto da investigação que o fundamenta.

Em primeiro lugar, é requerida do significante uma desejável inaptidão para dar conta da representação, atribulação que decorre inescapavelmente do desafio de pensá-lo ao largo da referencialidade objetiva:

> *... le signifiant comme tel sert à connoter la différence à l'état pur...* (6-12-61)

O significante, no plano da crença ingênua no mundo — e em decorrência disso, necessariamente também no teórico —, destrói a realidade da realidade, excluindo a possibilidade de qualquer totalização objetivante do real:

> *C'est le signifiant qui tranche, c'est lui qui introduit la différence comme tel dans le réel...* (6-12-61)

Lacanianamente enfocado, o significante ergue-se sobre os escombros das pretensões à representação. Com efeito, segundo Lacan, o que primeiro parece caracterizar um signo é uma marca objetiva do real, um traço. E este é uma unidade que, conservada no signo como totalidade, no significante se constrange a ser mera enumerabilidade e, deste modo, perde qualquer cunho referencial, para ser apenas um registro da diferença. Nem poderia ser doutro modo. Haja vista a dificuldade a que toda esta estratégia de abordagem do signo remonta.

Inicialmente o inconsciente se apresentou como o atributo de representações que, conscientemente irrepresentáveis, ainda assim orientavam a vida psíquica para a consumação de certos fins. Mesmo as fantasias representativas não correspondendo à coisa meta do

---

226 *L'altérité première, c'est celle du signifiant qui ne peut exprimer le sujet que sous la forme de ce que nous avons appris à cerner dans la pratique analytique d'une étrangeté particulière.* (14-5-69)

227 Inteligível?...

comportamento, não obstante há que aceitar que de algum modo, sem conhecimento, o sujeito encontra o caminho para ela. E por isso, apagado o objeto, ainda assim, do real dele mesmo apresentam-se marcas, traços que, sem o representar, orientam a ação subjetiva:

> *Un signifiant se distingue d'un signe d'abord en ceci qui est ce que j'ai essayé de vous faire sentir: c'est que les signifiants ne manifestent d'abord que la présence de la différence et rien d'autre. La première chose donc qu'il implique c'est que le rapport du signe à la chose soit éffacé.* (6-12-61)

O traço caracteriza o signo à maneira como a fumaça acompanha o fogo. Por estranho que soe, Lacan mantém o signo no quadro de uma naturalidade em sentido lato. O signo é quase um sinal e sua arbitrariedade é relativa. Lacan exemplifica:

> *Revenons à notre poin de départ, à notre signe, au point électif où nous pouvons le saisir comme représentant quelque chose pour quelqu'un dans la trace.*
>
> *Repartons de la trace pour suivre notre petite affaire à la trace. Un pas, une trace, le pas de Vendredi dans l'île de Robinson.* (24-1-62)

O traço é quase uma marca natural. Quase, porque desnaturalizada por ser sinal humano. Como significante, o traço representa um sujeito e, nessa condição, seguir à risca o seu traçado é percebê-lo no universo da linguagem e consubstancial à vacuidade a este imanente.

Vacuidade como falta solidária da desiderabilidade inerente ao humano, ambas inextricavelmente associadas na forma mesmo de ser significante e sujeito[228].

É o que Lacan, mais que explicar, exibe, bastando prestar atenção ao estilo, onde em ato se mostram as teses ora discutidas. Um passo, um traço, o passo de Sexta-feira, em francês significa também "não", *... le pas comme instrument de la négation...*[229] E portanto, com o traço passo de Sexta-feira, Lacan apresenta a tese da denegação (da falta) que instaura o traço como significante; quer dizer, como representante do sujeito, na medida em que este se apresenta (desejante) às voltas com a castração.

Mais uma vez não se perturbe o leitor com a aparente contraposição do significante ao signo, que é puramente retórica. Não existe a entidade teórica significante distinta da entidade signo, mas uma insistência em, tendo em vista o fiasco da representabilidade, salientar o papel "realizante" do significante. O que acontece é uma maneira de abordar o signo reperspectivando-o em função do papel que a prévia investigação epistemológica desenhou para o seu componente que é o significante; re-visão formalmente reproduzida pela tese da barra — cujo papel, por conta própria, Lacan fortalece — entre o significante e o significado, a fim de desassegurar correspondências fáceis entre os dois.

Naturalmente que nada obsta a que se entenda re-visão como reformulação conceitual. Mas parece preferível ser fiel a Lacan, mantendo as nuances discriminativas no campo que lhes é próprio, epistemológico.

A transformação não se opera na conceituação do signo, mas no fracasso da cognição, que não abole a ilusão da representação — e portanto a adesão ao signo como unidade representativa de uma coisa para alguém —, mas por isso mesmo conduz à revisão do estatuto do objeto, um desafio que se desdobra desde o fiasco da (sua) psicologia:

> *... qu'est-ce qu'il y a de plus détruit, de plus effacé qu'un objet. Si c'est de l'objet que le trait surgit, c'est quelque chose de l'objet que le trait retient: justement son unicité.* (10-1-62)

No nivel do significante está-se estritamente distante do engodo que consiste em pensar o traço como remetendo à coisa. Mais: não basta supor que o traço não remete à coisa

---

228 Pois desde que com a palavra nada se captura, a realidade, tramada pelo significante, erige-se em função do desejo. É o desejo de alguma coisa que se faz representar nos traços que desenham objetos.

229 (6-12-61)

apenas por alguma dificuldade de estabelecer uma referência, pois do ponto de vista simbólico isso poderia ser contingente. Sob pena de nostalgicamente se preservar a coisa na forma da sua inacessibilidade, a diferença pura não deve ser tomada como um negativo do idêntico, mas como positivamente consubstancial ao traço.

Para escapar da armadilha é necessário, ainda que reconhecendo a falta, incorporá-la à estrutura. É importante reconhecê-la "substancialmente" estrutural.

Caso contrário se enfraqueceria a tese ao reduzi-la a malabarismos superficiais sobre a diferença, incapazes de superar o luto pela identidade.

Sob pena de, não enfrentando a radicalidade do que na estrutura garante o empírico, se incorrer numa insustentável caricatura do signo, caracterizável como uma espécie de crítica de ilusões necessárias, o pensador enfrenta o desafio de estabelecer a irreferencialidade numa diferenciabilidade que se afirme em primeiro plano. Esquivar-se a tanto, no fundo, excluída a retórica, condenaria a meramente substituir pelo condicional o modo indicativo dos enunciados sintomáticos de credulidade na cognição.

Na linha do que ora se examina (e por conveniência de clareza sendo-se intencionalmente redundante), a primeira tese que se impõe afirma a originariedade da diferença, intrinsecamente ao ser próprio do significante:

> *... ce signifiant, dans sa fonction de différence, est quelque chose qui se présente ainsi sur le mode du paradoxe d'être justement différent de cette différence...* (6-12-61)

Há pois que garantir que a diferença não se pense como distinção por sobre um fundo (ausente) de similaridades, e o único meio é sustentar a diferença como radicalmente intrínseca ao significante. Como?

> *... le signifiant en tant qu'il peut servir à se signifier à lui-même doit se poser comme différent de lui-même.* (11-4-62)

Quando se chame "A" de "A" o primeiro é diferente do segundo. Em prol da originariedade da diferença, o significante que representa a si mesmo é outro significante, anulando-se qualquer (pretensa) identidade reflexiva. Mas como garanti-lo, se formalmente são idênticos?

Pela simples razão de os significantes, que são feixes de diferenças formais mútuas, em psicanálise não se poderem conceber relevando-se a posição em que se inscrevem:

> *... ce que nous répétons n'est différent que de pouvoir être inscrit.* (16-5-62)

O lugar ocupado pelo significante — o que só por si ilumina o destaque da topologia quando se cuida de pensar o significante — é pois tão significante, determinante e diferenciador, quanto a sistematização das distinções fonemáticas. O espaço não é uma virtualidade amorfa e homogênea, onde coisas ou traços se disponham arbitrariamente:

> *... l'espace n'est pas cette étendue ouverte et méprisable comme le pensait Bergson. L'espace a bien des mistères, n'est pas si vide qu'il croyait, il recèla bien des mistères.* (16-5-62)

Quando se pensa o significante (também) como localização — como singularizado pela posição que ocupa, único modo da sua concretização num discurso —, encontra-se-o denominado de letra, *... la structure essentiellement localisée du significant.*[230]

O entusiasmo pela tese, a ênfase retórica na crucialidade da letra, Lacan julga poder explicá-la pelo modo como o significante interessa à psicanálise:

---

230 L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT – ÉCRITS, p.501

... si j'ai pu parfois paraître prêter à ce qu'on croie que j'identifie le signifiant et la lettre, c'est justement parce que c'est en tant que lettre qu'il me touche le plus, moi, comme analyste, c'est en tant que lettre que le plus souvent je le vois revenir, le signifiant, le signifiant réfoulé précisément. (15-12-71)

Como a distância entre o formalismo potencial e a materialidade significante — que é o momento em que o significante desce da teoria para a eficácia — é dada pela literalidade, pode teoricamente referir-se a letra como lugar do significante. Mas se se o abreviar à concretude discursiva, única situação em que é efetivo, e portanto efetivamente é, o lugar (como letra) é o significante:

Elle vient là pour marquer une place, la place d'un signifiant qui, lui, est un signifiant qui traîne, qui peut tout au moins traîner partout. Mais on voit que la lettre, elle est faite en quelque sorte pour ça et on s'apperçoit qu'elle est d'autant plus faite pour ça que c'est comme ça qu'elle se manifeste d'abord. (15-12-71)

Entre a deferência e fidelidade para com o formalismo lingüístico e as exigências da psicanálise, Lacan inegavelmente hesita. O estatuto da conceituação de significante que desenvolve é mais ou menos acidental, relativamente ao que o distingue na matriz? A ambigüidade seria grave se se tratasse de fazer teoria. Porém o que o psicanalista tematiza é a sua prática e todas as suas formulações nada mais ambicionam que servi-la, isentando-se de se proporem como qualquer verdade última sobre a natureza do signo. E quanto àquela, nuançando momentos de radicalidade e solidária do reconhecimento de que o significante não necessariamente precisa ser pensado como letra, seu pensamento é claro: há que examiná-lo como letra.

Como a posição é determinante da significação, o significante o é plenamente, concretamente, como letra. Só tem valor pela sua posição, concretamente inserido num contexto.

Em síntese, a essência (formal) do significante é a diferença[231]. Mas factualmente acontece como letra[232].

É preciso ter ainda mais cuidado no estabelecimento da distinção entre letra e significante. A discriminação, ao sugerir a letra como composição de diferença e espaço, pode induzir a pensar que a posição do significante atualizada na estrutura, em si mesma, não se inclui como marca diferencial.

A diferença significante se restringiria a oposições fonemáticas. Ora, lacanianamente não é este o caso. Se não, não haveria como discriminar um "A" de um segundo "A". A diferença não pode reduzir-se à sonoridade, pelo menos também levando em conta a sua ordem de sucessão.

Afirmar a letra como um compósito de diferença e espaço, portanto, não significa excluir o espaço do campo de determinação da diferença. Mas adendar que a diferencialidade, pura e simplesmente "desincorporada", pode resumir o conceito de significante, mas não viabiliza empiricamente nenhum.

Caso contrário se introduziria um dualismo que operaria, ou como uma inaceitável meta-diferença, ou como diferenciamento entre o lugar do significante e ele mesmo, propiciando um direcionamento da construção do conceito igualmente nefasto, pois implicaria em admitir uma separação anterior à originária introdução da diferença com o significante.

A primeira possibilidade antepõe à diferencialidade algum critério de comparação entre níveis de diferença que, ao se reportarem a um fundo (mais) primitivo, autorizador da feitura de classificações por graus ou por "semelhanças" de diferença, implicitamente compromete a originariedade do diferencial. Um absurdo, em qualquer caso.

---

231 *... ce qui est l'essence du signifiant, à savoir, la différence.* (16-5-62)
232 *Il n'y a que la lettre qui fasse trou.* (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES, Ornicar 6/7, p.60)

A última alternativa reproduz o senso comum, capaz de distinguir entre coisas e o lugar em que aparecem. Não é difícil perceber quanto é inaceitável, por solidária da restauração da (filosofia da) representação. Quer o espaço seja forma da sensibilidade, quer (por exemplo) seja substância extensa, a posição é discriminada da coisa (ou do significante).

O mais que se alcançaria por esta via — dado efetivamente os traços colhidos como significantes, como é fácil constatar na origem da escrita e nos vocábulos onomatopaicos, serem encontrados na percepção — seria compreender o mundo como uma grande alegoria plástica, comprometida com totalizantes e confortadoras garantias de significação absoluta, e portanto, no essencial, tornando crível a representação.

Para contorná-lo é insuficiente dizer que não se trata de coisas, mas de letras, pois o problema não é terminológico. Não se trata de trocar termos, mas de averiguar conceitos. Quer dizer, o argumento não tem valia se as supostas letras se "comportarem" como coisas.

Além do que também a alternativa é incompatível com a análise do significante que vem sendo descrita, porque não há a mínima viabilidade de separar o significante do seu lugar, sob pena de admitir que, identicamente, possa estar em outro lugar, e portanto reabrir o caminho à injustificável credibilidade na representação.

Pelo que o primeiro absurdo se reduz ao segundo: se o lugar do significante não é (o) significante, a palavra pode tomar a palavra como objeto, e uma palavra em lugares diferentes poderá ter efeito de significação idêntico. E um computador equipado com os melhores dicionários dominaria uma língua melhor do que ninguém.

A fim de resguardar as diretrizes epistêmicas lacanianas, a única alternativa é resguardar-se de divorciar o diferenciar do localizar. E para tanto, na medida em que a posição diferencia, tem de se conceber o diferencial no âmago do situacional. Ou seja, a diferença é uma questão de lugar e o lugar é uma questão de diferença.

Sublinhe-se o não se poder pensar a letra se seguindo ao significante. Não há como geneticamente antecipar o sistema de diferenças à sua situação concreta. Portanto não há como pensar a imersão do significante no real, senão considerando superfícies. E é exatamente porque o significante não pode senão tomar-se como letra, quer dizer, situado, que a superfície pode reduzir-se ao significante.

Lacan fica encantado com a possibilidade de considerar os "objetos" topológicos, aos quais se dedicou, como cortes em superfícies. Isso lhe permite, na medida em que o corte constitui letra, entender as superfícies como escrituras:

> *Il n'en reste pas moins que la fonction de la coupure nous importe au premier chef dans ce qui peut être écrit.* (16-5-62)

De fato, superfície é como se pode conceber a espacialidade no nível da letra. A argumentação reforça a estratégia de garantir a indissociabilidade entre lugar e significante, a já conhecida decisão de entender a posição como suposta ao significante, isto é, de tomá-lo como letra:

> *J'ai déjà remarqué qu'apparemment il n'y a que signifiant, toute surface où s'inscrit lui étant supposée.* (30-5-62)

A espacialidade é constitutiva e intrinsecamente significante. Portanto, o conceito que aqui mais interessa mal se constrói se se asseverar uma espacialidade distinta do simbólico. O significante não é pura forma associada a traços perceptivos visuais, sonoros, ou outros quaisquer:

> *... le signifiant, non seulement c'est à prendre au pied de la lettre, mais* ***c'est*** *la lettre.* (DIALOGUE AVEC LES PHILOSOPHES FRANÇAIS, Ornicar 32, p.15)

Na medida em que o som se distribui na ordem do tempo e a letra se espraia no espaço, o psicanalista chega mesmo a privilegiar a segunda:

> *Le signifiant n'est pas le phonème.*
> *Le signifiant, c'est la lettre.* (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES, Ornicar 6/7, p.60)

Porém convém ter em mente que a garantia da diferença do que se repete é dada pela sua localização, localização que é também temporal. Só um sujeito não inscrito — e portanto inexistente — pode se deslocar na teia significante e voltar ao mesmo lugar sem ser diferente. O enredamento no trajeto, que do ponto de vista do sujeito enredado implica em tempo, faz (a) diferença.

Graças ao significante como letra, e especificamente à junção que propicia do tempo da enunciação com a objetivação significante de superfícies, a não anterioridade do mundo ao significante dispensa a discriminação, do ponto de vista estrutural, entre o que a tradição desde Kant aprendeu a conceituar como formas da sensibilidade. A ordem do tempo e a extensão, estruturalmente são consideradas na mesma forma.

Tese aliás implicitamente antecipada por ocasião da explanação relativa à necessidade de refazer a estética transcendental. Faltava empreendê-lo.

Ou, mais modestamente, (dado que Lacan parece não ter completado a tarefa[233]) apontar o projeto do empreendimento. Pois, em traços gerais, pode-se sustentar que a tarefa de construir o conceito de significante equivale ao estabelecimento das fundações da nova estética.

37. SUJEITO, REAL E SIGNIFICANTE

Embora a não figuratividade representativizante do real pelo significante esteja garantida também pela sua situação como letra, enquanto tal tão arbitrária quanto o significante, e não obstante a letra também não se prestar a representar objetivamente as coisas, por o espaço ser o modo (significante) de imaginarização do mundo e a letra ser o significante espacialmente situado, este, enquanto letra, se caracteriza por uma certa objetividade.

Apesar de Lacan insistir bastante em que, mesmo nas escritas ideográficas e nos pictogramas, as imagens são um suporte significante sem compromissos com o espelhamento do real, também refere a letra como signo posto perante os olhos:

> *... l'écriture, la fonction du signe en tant qu'il se lit comme un objet...* (10-1-62)

Mas a partir do momento em que o significante não é pura formalidade, ou melhor, que a forma lingüística é tudo o que para a subjetividade valha como matéria, o próprio autor admite que a sua concepção de letra não pode se restringir ao âmbito do escópico:

> *Nous désignons par lettre ce support matériel que le discours concret emprunte au langage.*
> (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.495)

No entanto deve-se esclarecer que tal materialidade está longe de comportar qualquer (real) objetalidade. Apenas decorre da existência factual do significante: por existir — portanto, letra —, o significante muito genericamente se objetiva. E essa não é certamente a propriedade menos interessante deste modo de ser significante, a letra. Haja vista que, conforme se referiu a propósito do automatismo de repetição, quando se considera a

---

233 Vale a pena frisar que no penúltimo ano do seminário, o imediatamente anterior aos encontros significantemente intitulados DISSOLUTION, Lacan se empenhava em pensar a topologia e o tempo.

articulação do sujeito com o real sempre vão estar em jogo letras, o modo mais específico de objetivamente se posicionar diante da falta.

Desde que o espaço é entendido topologicamente — isto é, não como extensão, mas como conjunto de posições com determinadas propriedades estruturais —, não há sequer como dissociar o significante do lugar que ocupa na estrutura. O significante é tomado como letra, e equacionado como contabilidade da falta.

De fato, se o traço é colhido do que a superfície natural oferece de propício a definir linhas, a mera transposição destas para letras em hipótese alguma evitaria a figuração realista do mundo.

Quer dizer, a diferença de si consigo do significante, asseguradora do desmantelamento da representação, pressupõe que nenhuma relação se possa estabelecer entre o significante, mesmo entendido desta forma, e as formas de cujas linhas proviria, como atribuídas ao mundo. Por que estas, afinal, para serem formas e linhas, já estão descontínuas e portanto são significantes.

O significante como tal só pode fundar-se sobre traços, já suficientemente demarcados do mundo. Traços que, por serem marcas, já não são do mundo. Traços que se prestam à definição de diferenças, as quais se imagina que se suportem sobre um fundo de identidade que, por necessariamente excluído da dimensão significante, só pode ser atribuído ao real.

A operação lógica da identidade se apresenta como suporte da apreensão de uma qualidade por excelência do real, negativa, porque nada informa de concreto quanto ao próprio desse inacessível, mas tão somente se modela em contraposição à propriedade, inerentemente simbólica, da diferença. É o que claramente se evidencia na aparição da identidade, do lado do sujeito, como identificação. Ou seja, como ação de identificar o eu a um representante, o que em si mesmo já denuncia a arbitrariedade da operação.

Portanto, dizer que a mesmidade remete ao real, pura e simplesmente significa dizer que o real é fundamentalmente diferente do âmbito da diferencialidade. É por este filtro que a tese de as formas do corte serem formadas pelo real, (falta de) garantia da identidade, deve ser avaliada. Sob pena de se extraviar na busca da verdadeira forma real do mundo, subjacente aos "vestígios" matrizes da significância, para mais drasticamente excluir qualquer perquirição da gênese do significante, Lacan pura e simplesmente a remete de imediato ao impossível desde sempre perdido. Neste sentido, o traço como matéria-prima do estabelecimento de sistemas de contraposições formais, de significantes, é estabelecido como limite e como princípio, devendo entender-se o segundo não apenas como origem, mas também como fundamento, e o primeiro não apenas como fronteira, mas também como castração. Por isso o traço só alcança verdadeira e positivamente o ser significante quando se o enfoca sem a pretensão de conseguir remetê-lo a uma marca do real, e sim articulando-o a outro traço.

O significante marca traços, é representante para outros significantes. É re-corte. Recorta o signo.

A mera marca não chega a ser significante, por não se destacar do assinalamento animal. Há significante quando o traço serve para mentir, quando se fingem pegadas para induzir outrem ao erro. Isto é, quando o traço leva em conta não a facticidade dos eventos, mas a credulidade do sujeito.

O significante está propriamente constituído quando se traça sobre traços e a forma por excelência disso é a tentativa de apagar um traço prévio. Traço já "trans-tornado" significante.

Em síntese, o significante é corte quando retraça um traço que se imagina ser o mesmo pela (excluída) garantia de mesmidade confiada ao real.

O atendimento da exigência é descrito num momento do seminário cuja maior dificuldade, ora sanada, seria encontrar a justificativa para o malabarismo conceitual a que então procede:

... le réel c'est lui qui introduit le même, ou plus exactement le réel est ce qui revient toujours à la même place. Qu'est-ce à dire, sinon que la section de coupure, autrement dit le signifiant étant ce que nous avons dit: toujours radicalement différent de lui-même — A n'est pas identique à A — nul moyen de faire apparaître le même, sinon du coté du réel. Autrement dit la coupure, si je puis m'exprimer ainsi, au niveau d'un pur sujet de coupure, la coupure ne peut savoir qu'elle s'est fermée, qu'elle ne repasse par elle-même, que parce que le réel, en tant que distinct du signifiant, est le même. En d'autres termes, seul le réel la forme. Une courbe fermée, c'est réel révélé, mais comme vous le voyez plus radicalement il faut que la coupure se recoupe, si rien déjà ne l'interrompt. Immediatemment après le trait, le signifiant prend cette forme qui est à proprement parler la coupure; la coupure est un trait qui se recoupe, ce n'est qu'après qu'il se forme sur le fondement que se coupant, il a rencontré le réel, lequel seul permet de connoter comme le même, respectivement ce qui se trouve sous la première, puis la seconde boucle. (30-5-62)

O que significa o traço como linha atribuída ao mundo é um segundo corte que o recorta no mesmo lugar. O primeiro traço, matéria literal aberta ao investimento de sentido, em si nada diz em termos da linguagem humana.

Não é que o homem recorra aos contornos das coisas perdidas para fazer letras. Ficciona as coisas como perdidas a partir do princípio do significante. É de lá que o traço, mera matéria bruta da letra, é retroativamente significado como cópia de parte destacada do mundo.

Razão tem pois a psicanálise em manter sob suspeição a necessária ilusão, consubstancial ao signo: há que inverter a direção do que parece caracterizar o signo como uma marca objetiva do real, o traço. É o significante que, ao retraçar o traço, empresta ao real uma marca subjetiva.

Porém, legitimamente cabe indagar: se o lugar é constitutivo do significante e não se concebe espacialidade distinta da significância, como saber que um traço se retraça? Como saber que uma linha se fechou?

Toda a análise se desmoronaria se agora se tratasse de fazer corresponder diferentes significantes a mesmos lugares reais. Não é o caso. O mesmo lugar sobre o qual certos significantes se sucedem é o lugar da falta. É porque o real é inacessível que o corte se coloca, colocando o sujeito no empenho de suturar a falta na qual o que encontra é ele mesmo, dividido. A reiteração do real, afigurada a identidade, é a repetição do desencontro.

Como não poderia deixar de ser, o real da identidade não orienta para uma dimensão objetiva, mas tão somente repõe a castração (subjetiva).

"Significantemente", a negatividade do real assim concebido denuncia-se como verdade nos modos prototípicos do empenho em se livrar da falta: dar o dito por não dito, agir como se o dito não fosse dito, excluir qualquer hipótese de o dito ser dito, apagar o dito dito — a denegação, a renegação, a rejeição e o recalque —, afinal são outros tantos modos de retraçar um corte que às vezes sequer se admitiu. O recorte acontece no mesmo lugar do traço, não porque por um olhar privilegiado sobre o real algum observador o possa assegurar. Mas pura e simplesmente porque o segundo implicitamente o afirma, ou se se preferir, estruturalmente se firma "sobre" o anterior.

Há empenho em tentar apagar as marcas para fazer aparecer a coisa, da qual aquelas miticamente reproduziriam os traços. O que proporciona ao psicanalista (mais) uma alusão ao parentesco do cristianismo com a verdade. A cruz seria o traçamento de um traço, um desdizer, e portanto símbolo particularmente adequado para expressar a dimensão (simbólica) do significante.

Acontece que o resultado do esforço em depurar a coisa do signo é cada vez mais a reprodução depurada, o retraçamento de marcas que, recortes de cortes, repõem (em circulação) o significante:

... la nature du signifiant est justement ceci de s'efforcer d'effacer une trace. Et plus on cherche à l'effacer, pour retrouver la trace, plus la trace insiste comme signifiante. (30-1-63)

O tão literalmente crucial recalque não se motiva noutra coisa:

L'idée que je me fais de l'écrit, pour le situer, pour partir de là, on pourrait discuter après, bon enfin, disons-le, deux points: c'est le retour du réfoulé. (15-12-71)

Recalcado que, é sabido, se pode noticiar como sintoma, às vezes no corpo. Portanto a coisa da ordem do corpo pode tratar-se nos termos da letra, com o que se conclui o desafio, que para a psicanálise é uma necessidade, de manter a experiência no plano da palavra.

A resposta encontrada, como se verifica, é a possibilidade de manter a letra como **locus** significante, e este em si mesmo como inerente ao significar. Não é que os significantes requeiram um lugar para "significarem", são significantes por estarem num lugar. Tanto assim é que o significante em falta, fora do lugar, é explicitamente concebido como falta de significante.

O problema é tão mais crucial quanto em psicanálise o que se pensa na concretude significante, e portanto na sua efetiva localidade, é o sujeito. O significante, psicanaliticamente há que enfatizar a conveniência de encontrá-lo em um lugar, pois o resultado do desencontro do significante no seu lugar é infeliz: quando a discriminação entre a forma e o fato, do plano da conceitualização, se desdobra no terreno da vida, há uma loucura...

Il faut qu'il y ait une espèce de transmutation du signifiant à la lettre. Quand le signifiant n'est pas là, est à la dérive... (15-12-71)

Bem entendidas as conexões do significante com o real, pelo corte e pelo traço, cabe finalmente avaliar a adequação do conceito delineado à meta em função da qual foi construído.

Pois se Lacan não hesita em se dedicar a uma descrição apurada do signo, que se pretende factualmente fiel, não é menos verdade que nisso reside a esperança de poder resolver o impasse desencadeado pela remissão do inconsciente ao ser sujeito e a redução da (sua) experiência à linguagem. Cabe pois agora, finalmente, avaliar se o resultado obtido frustra ou não as expectativas que se lhe confiaram.

Conta-se à partida com que o signo, recentrado no significante, indubitavelmente presta-se a não servir à representação. A garantia deriva menos da análise atômica da signicidade do que da mesma em solidariedade com uma revisão da interpretação da espaço-temporalidade como independente da linguagem.

Afinal, o espaço, como forma da sensibilidade, fora construído para assegurar a representação. Logo, estaria comprometido com a crença nela. Porém, a crítica desta é um caminho sem volta e Lacan tem de desvincular-se até das formas mais sutis da sua perpetuação:

... le signifiant, à la différence du signe, est ce qui représente un sujet pour un autre signifiant. Comme rien ne dit que l'autre signifiant sache rien de l'affaire, il est claire qu'il ne s'agit pas de représentation, mais de représentant. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.31)

A representação não é da coisa, e não pode ser do sujeito, sob pena de, objetivando-o, se perder o sujeito como sujeito. Portanto, em vez de representação, insiste-se, lida-se com representantes, com lugares-tenentes em absoluto modelados segundo os padrões, desconhecidos, do que representem. Como representante, e não representação, o significante não pode abstrair-se da natureza mesma do sujeito. O representante não pode espelhar uma outra realidade e, para tanto, o sujeito tem, de algum modo, em alguma medida, de participar da "matéria" sígnica.

A este respeito há que notar que o caráter determinante da pregnância subjetiva no estabelecimento do significante é uma via de mão dupla. O sujeito é condição do significante:

Le névrosé veut retransformer le signifiant en ce dont il est le signe. Le névrosé ne sait pas, et pour cause, que c'est en tant que sujet qu'il a fomenté ceci: l'avènement du signifiant en tant que le signifiant est l'effaçant principal de la chose, que c'est lui, le sujet qui en effaçant tous les traits de la chose, fait le signifiant. (14-3-62)

Por outro lado,

... le sujet n'est rien d'autre que ceci, que la conséquence de ceci qu'il y a du signifiant et que la naissance du sujet tient en ceci qu'il ne peut se penser que comme exclu du signifiant qui le détermine. (2-5-62)

O sujeito como consequência do significante não é outra coisa que a retomada, em termos técnicos familiares ao tratamento da palavra, do (único) estatuto (razoável) que por intermédio da linguagem o inconsciente pode auferir:

Freud n'avait que peu d'idées de ce que c'était que l'inconscient, mais il me semble qu'à le lire, on peut déduire qu'il pensait que c'était des effets de signifiant. (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE-BÉVUE S'AILLE À MOURRE, 11-1-77, Ornicar 14, p.5)

O resultado das duas vertentes ora expostas de interdeterminação entre significante e sujeito, de imediato soa paradoxal: o sujeito é sujeito do e sujeito ao significante.

Observe-se mais proximamente a aparente ambigüidade (se não contradição). Na direção do significante para o sujeito, a relação que se encontra é de determinação:

Le signifiant détermine le sujet, vous dis-je, pour autant que nécessairement c'est cela que veut dire l'expérience analytique. (30-5-62)

Ainda que determinado, quer dizer, à mercê do ponto de identificação em que se faz representar e sem o qual sequer tem sentido falar em sujeito — a ponto de a sua existência se fazer depender do significante[234] —, não se pode pensá-lo senão como excluído do mesmo:

Il y a un sujet qui ne se confond pas avec le signifiant comme tel, mais qui se déploie dans cette référence au signifiant avec des traits, des caractères parfaitement articulables et formalisables... (20-12-61)

O sujeito não se reduz ao significante, mas por ele é constitutivamente determinado. O que assegura a re-escisão do sujeito ao se deparar com a impossibilidade de possessão do real é que, no lugar da coisa, está ele, cindido.

Se o sujeito, existencialmente, é posto como produto da ação significante, não é menos verdade que tem de pensar-se como realmente lhe anteposto[235]. Não por outra razão, embora a determinabilidade seja referida ao significante, o sujeito é tomado como causa:

Quand une trace a été faite pour qu'on la prenne pour une fausse trace, à nous savons qu'il y a comme tel un sujet parlant, et là nous savons qu'il y a un sujet comme cause et la notion même de la cause n'a aucun autre support que celui-là.

Nous essayons après de l'étendre à l'univers, mais la cause originelle c'est la cause comme telle d'une trace qui se présente comme vide, qui veut se faire prendre pour une fausse trace. (12-12-62)

Se o sujeito é suposto causa, causa do re-traço significante, este por sua vez está destinado a ser o fiel depositário da expectativa de resolução do impasse a que a análise do conceito de inconsciente conduzira: apresenta-se como muito mais do que um suporte gerador

---

234 *... c'est de l'effet du signifiant que surgit comme tel le sujet.* (6-12-61)

235 Vide, nos capítulos anteriores desta Terceira Parte, os comentários relativos à metáfora e à metonímia.

de significações. Alça-se, por assim dizer, a uma função, se não ontológica, certamente ontologizante:

> *Les signifiants font du monde un réseau de traces... Ce qui veut dire quoi? Ce que je vous ai dit...: le signifiant engendre un monde, le monde du sujet qui parle...* (19-12-62)

Sem dúvida, nenhuma análise do conceito pode prescindir de explicar o fato significativo. No entanto, a crise do conceito de signo, solidária da agonia da representação objetiva e somada ao papel relevante que o significado como componente do conceito tradicional é chamado a desempenhar na sua solução, amplia muito além do âmbito estritamente semântico as implicações da sua análise.

A definição de significado, ... *ce signifié, qui est la relation de l'homme au signifiant...*[236], parece muito simples. Apenas pressupõe toda a análise das conexões entre sujeito e significante que, no bojo da descrição do destino e desatino da epistemologia, se vem expondo. E por sua vez conduz ao limiar da capacidade de trazer à luz da inteligibilidade a revolução da concepção da subjetividade promovida por Freud e, segundo Lacan, posteriormente fundamentada por si próprio.

Para consumá-lo é imprescindível especificar o que é que, depois do esmiuçamento do signo na sua atomicidade significante, se possa considerar como valendo extra-semanticamente, a partir do momento em que a realidade é uma questão de dizer e que se vislumbra que o que se encontra, ainda que referível na terceira pessoa, remete-**me** a **mim**.

Há que elucidar o que, na verdadeira circunstância que é a palavra, faça valer o significado e tenha valor de sentido. Ou seja, torna-se conveniente observar os cuidados que as gritantes implicações ontológicas da análise epistêmico-lingüística até agora desenvolvida inspiram à meditação lacaniana.

Neste momento, procedendo à preparação do campo para a introdução dos termos (do ser) que lhe convêm.

Para tanto, importa bem ter em mente os pontos nucleares que resultam da decifração lacaniana da signicidade.

Tratou-se de verificar como a linguagem oferecia uma base empírica para o tratamento da subjetividade e, para isso, fez-se necessário enfocar o seu estudo por perspectivas incomuns aos olhos dos seus cientistas. Não por outra razão, os mesmos objetos teóricos afiguram-se bizarros, que não na sua natureza objetiva, na retina dos desabituados ao novo ponto de vista. E isso independentemente destes se dizerem ou não psicanalistas.

O sujeito não pode se dizer todo, e por isso não há o significante que o diga. Qualquer um pode ser o seu representante para os outros, que também não podem ser todos. O sujeito (se) semidiz. Suposto à enunciação, se anuncia metaforicamente; parcialmente referido como objeto, se insinua metonimicamente. Num caso como no outro, tanto faz falar dos significantes, como do significante. É sempre um para os outros ou os outros para um, e é nesse eixo que psicanaliticamente sempre se deve operar.

Não há portanto nenhum mistério (perante o qual se justifique o assombro de algum estudioso da língua), nem significado especial na oscilação lacaniana entre plural e singular quando emprega o termo "significante", a não ser o inevitável da inconciliabilidade do dizer com a plenitude.

A incompreensão avoluma-se quando, em prol do equacionamento do sujeito, Lacan desconsidera o (bom) desempenho do falante.

Para a psicanálise as línguas são abstrações inferidas do comportamento verbal de comunidades — o laço social é mesmo constituído discursivamente — e as palavras enquanto conjuntos não enunciados, mas dicionarizados, não têm psicanaliticamente maior relevância.

---

236 DIALOGUE AVEC LES PHILOSOPHES FRANÇAIS, Ornicar 32, p.22

Importa menos o significado comum do que o desvio singular, e a mesma palavra outra vez dita é outro significante.

Se deste modo dificuldades tradicionais, como alguns célebres paradoxos (lógicos), sequer têm sentido, por outro lado a radical indistinção do formal com o literal, ou melhor, a afirmação do formal como a matéria da subjetividade, transtorna tão completamente o terreno habitual de reflexão sobre o signo e a lingua que há o risco de se ficar com a sensação de os atos-falhos, as reticências, os grunhidos e os neologismos — que fazem a festa em psicanálise e decorosamente são mantidos afastados do centro das atenções na lingüística — terem alguns dos seus atributos, como a incongruência e a dubiedade, promovidos a qualidades mesmas do novo terreno que a reflexão psicanalítica reserva para o signo e o significante.

A impressão, certamente errônea, deriva-se da não habituação, ou inconformação, com o à vontade do centramento da psicanálise no deciframento de um sujeito descentrado, ao qual inteiramente se subordina o tratamento da linguagem.

Em contraposição, espera-se que o trajeto percorrido tenha deixado claro que as semelhanças, mesmo identidades, apregoadas por Lacan entre as noções que encontra comuns à psicanálise e às ciências da linguagem, só não são diferentes por muito mais radicalmente a diferença estar no fundamento mesmo a partir do qual a sua atitude perante o assunto se constrói.

Posto isso, definitivamente a investigação se solta da semiótica para imergir no mais alto papel por Lacan conferido à letra.

QUARTA PARTE

PSICANÁLISE E ONTOLOGIA

... c'est du langage ***que nous tenons cette folie qu'il y a de l'être: parce que c'est sûre que nous y croyons, nous y croyons à cause de tout ce qui paraît faire substance; mais en quoi est-ce de l'être, en dehors du fait que le langage use du verbe être?***

CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES, Scilicet 6/7, 49

No período em que o jovem psiquiatra se apresentara disposto a fundamentar epistemologicamente uma psicologia à altura dos seus ideais de ciência, patenteara-se a determinação de preservar uma descrição fielmente precisa da experiência psicológica. Nesse intento, pelo menos para o humano, o conhecimento revelara-se impossível:

> *Si quelque part nous pouvons encore conserver la notion de connaissance, c'est assurément hors du champ humain.* (13-6-62)

Em decorrência deste resultado — ou seja, em função da razão do fracasso se estribar na facticidade da subjetividade tal como se desnuda a partir de Freud —, desdobrou-se uma conclusão nada otimista quanto ao papel da disciplina filosófica a que cabe tratar do conhecimento, a epistemologia.

A largos traços, retome-se o passo a passo de tal trajetória: deplorada a impossibilidade de fundar epistemologicamente a psicologia — a partir do esclarecimento minucioso do que passaria a (não) ser o conhecimento a partir do inconsciente freudiano — tratara-se de operar uma reconversão do estatuto do campo da análise em conformidade com a negação do conhecimento. Negação obviamente solidária da aposta perdida numa decifração transparente do real e que culmina numa crítica tão radical que o projeto epistemológico tradicional se vê comprometido.

Sela-se o seu destino, negando pura e simplesmente qualquer projeto de fundamentação do conhecimento, que não meramente com a recomendação de excluir a psicanálise da esfera de competência da psicologia.

As duas facetas desta dupla[237] conclusão são resultantes do imbricamento de dois[238] problemas. Um relativo à viabilidade epistêmica da psicologia: como teorizar o inaceitável, o impensável, que se traduz na expressão "representação inconsciente". O segundo sendo a epistemologia a partir da psicanálise: dada a necessidade de cogitar a representação inconsciente e portanto dada a inconsistência do conhecimento, como positivamente sobreviveria uma epistemologia? Pois o que legitimamente se apresente bastar-se como tal não passa da sua crítica, na forma da dedução da sua ilegitimidade de princípio.

No impasse encontrava-se o fato da linguagem como o lugar empírico e única possibilidade coerente e rigorosa de não alienar em conhecimento o pensar, em especial a respeito do inconsciente. Foi por isso que conveio que, à luz do projeto lacaniano, se descrevessem algumas "conseqüências" do estruturalismo lingüístico, previamente assumidas como antecedentes almejáveis. Além de sumariante do que do estudo da língua é fundamental para a investigação do inconsciente, esse momento visou deixar claro o quanto aquelas, como "decorrências" do estudo do signo, homologam coisas que se exigem pela análise puramente epistemológica previamente delineada.

Porém, exatamente na medida em que tal análise é insuficiente — e sob pena de não ter lugar nem parâmetros para guardar os resultados da tematização reflexiva a propósito do inconsciente, mas ainda assim acatando a imperiosidade de o refletir —, levanta-se a questão de em que termos o abordar. A atenção ao desenvolvimento do pensamento lacaniano propedêutico à consideração do inconsciente, verificadora da impossibilidade de pensá-lo em molde conforme aos parâmetros epistemológicos que nele se propõem como válidos, não permite deixar sem resposta a indagação quanto ao campo compatível com os enunciados a ele relativos. A impossibilidade de objetivação do que valha como objeto, desvendada no intento fraudado de, sem concessões, fundar a ciência da personalidade, deve redundar num pensamento original sobre o estatuto, irredutível à psicologia, da psicanálise.

Lacan desloca-se da tentativa, fracassada, de teorizar a constituição cognitiva da realidade, para uma renovação drástica da meditação sobre o sujeito. Com as conseqüências

---

237 Dupla?
238 Dois?

que foram vistas no plano de uma teoria do signo, solidárias do deslocamento da investigação do terreno da epistemologia para um estilo de perquirição de matiz ontológico.

Como a psicanálise — que para poder ocupar um lugar suportável no território da razão é levada a repensar o conhecimento — não pode se permitir o luxo de prescindir de desembaraçar-se de lastro tão duradouro no destino da cultura, enfoca-o não exaustivamente, mas na medida necessária ao equacionamento do "ser subjetivo". Tematiza-o na perspectiva do sobressalto da razão perante esse estado paradoxal de transição, impossível, entre ser, sem saber, e não ser, saber, que é o núcleo forte da revolução desencadeada pela descoberta freudiana e a razão verdadeira da resistência à análise.

Não obstante os protestos do psicanalista contra qualquer entendimento de suas teses como proposituras em campo nobre e tradicional da filosofia, trata-se de questão recorrente no pensamento lacaniano o que venha a ser "ser". Problema que de modo algum na sua reflexão apresenta tratamento equivalente ao que se espera da ontologia e por isso aqui é abordado sem que se incorra na ingenuidade de, contrariando o já estabelecido, intentar alcançar algum sentido (mais) verdadeiro.

Filosófica ou não, mas como toda a psicanálise, certamente filosoficamente relevante, a reflexão lacaniana pende, num crescendo não isento de certa radicalidade, a cada vez menos se permitir a tentação de objetivar a coisa de que o objeto é signo, o sujeito.

Ora, pelo almejado precisamento do sujeito, sabe-se que, distante de uma "entidade psíquica", o inconsciente se manifesta como negatividade insuficientemente positivável como negativo para assim se o poder predicar. É praticamente real na medida em que escapa a qualquer representação, sendo portanto nestes termos inacessível. Apenas se sabe do seu encontro **a posteriori**, quando até por se o haver testemunhado, o fato do testemunho o preservar numa memória constatativa que já se reduz a uma casca desabitada:

> *Vous verrez les difficultés que présente cette notion de l'inconscient, et je n'ai d'autre ambition que de vous les montrer. D'une part, l'inconscient est, comme je viens de le définir, quelque chose de négatif, d'idéalement inaccessible. D'autre part, c'est quelque chose de quasi réel. Enfin, c'est quelque chose qui sera réalisé dans le symbolique ou, plus exactement, qui, grâce au progrès symbolique dans l'analyse,* ***aura été.*** (LE SÉMINAIRE — LIVRE I: LES ÉCRITS TÉCHNIQUES DE FREUD, p.181)

Agora prevenido o risco de incorrer no sem sentido de se alhear do campo propício à reflexão psicanalítica, cumpre prosseguir a investigação considerando na sua generalidade as teses lacanianas. É o caso de apresentar os predicados negativamente "negativos" — explicitantes do que (não) seja o inconsciente —, e os que toma de empréstimo da estrutura (lingüística) — as propriedades estruturais que, por ser como uma linguagem, virtualmente reflete —, que permitam pensar nada mais nada menos que a novidade do sujeito, antes insuspeito em paragens que se descobrem subjacentes à idéia de subjacência do ser inconsciente:

> *J'ai indiqué, de façon maïeutique, éristique, qu'il fallait voir dans l'inconscient les effets de la parole sur le sujet — pour autant que ces effets sont si radicalement primaires qu'ils sont proprement ce qui détermine le statut du sujet comme sujet.*
>
> ...
>
> *L'inconscient est la somme des effets de la parole sur un sujet, à ce niveau où le sujet se constitue des effets du signifiant.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.115/6)

O empenho em proceder a uma descrição do signo segundo as minúcias que especificam a recriação lacaniana da lingüística melhor se pode avaliar pelo subsídio que aporta à temática ora tratada, pois além de uma descrição das condições de uma semântica, então se assentaram as bases para a compreensão do que psicanaliticamente valha por

ontologia. Clarissimamente o significante antecipa-se ao ser (do sujeito) e faz-se inteligível porque, para o psicanalista,

> *... le discours vise essentiellement quelque chose pour lequel nous n'avons pas d'autre terme que l'être.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.156)

Por fim, cumpre insistir em que, num pensamento deste gênero, questionamentos quanto à figura sempre problematizam o fundo. A temática da subjetividade, psicanaliticamente descoberta, inexoravelmente se faz acompanhar da imperiosidade de refletir o estatuto da psicanálise: é necessário dar conta da natureza das proposições que enunciem o próprio do inconsciente, sob pena de, dada a inércia no emprego da língua, incorrer na semântica do senso comum, como que embutida na forma gramatical, e dessa forma entificar o inconsciente na posição de objeto, ao enunciar proposições que sintaticamente o localizem.

A fim de bem evitar o desperdício das proposições a "ele" relativas, é imprescindível cuidar de explicitar o estatuto da disciplina em que se alinham. Aliás, na medida em que em tal campo o lugar não se discerne de um menos que presuntivo conteúdo, esse empreendimento também é uma maneira — indireta, como não poderia deixar de ser — de, à guisa de manutenção, pela extração de conseqüências quanto ao estatuto da psicanálise, abreviadamente recordar o "corpo" de postulados lacanianos relativos ao inconsciente exposto no decorrer do percurso desta investigação até agora consumado.

Como cada um dos capítulos desta secção visita um patamar do empreendimento de, resguardando a radical novidade psicanalítica, não a justapor irreflexivamente contra a cultura que a trouxe à luz, as suas justas apresentações não cabem em sumários: deixam-se a cargo de cada qual.

I

INCONSCIENTE E ONTOLOGIA

... en somme, je pose... que le sujet, ce ne peut être, en dernière analyse, rien d'autre que ce qui pense: <<donc je suis>>, ce qui veut dire que le point d'appui, l'ombilic comme dirait Freud, de ce terme du sujet n'est proprement que le moment où il s'évanouit sous le sens, où le sens est ce qui le fait disparaître comme être, car ce que <<je suis>> n'est qu'un sens. Est-ce que ce n'est pas là que peut s'appuyer la discussion sur l'être?

2-12-64

38. ENUNCIAÇÃO E ONTOLOGIA

Não obstante o lacaniano manifesto pudor em se permitir pronunciamentos que não os estritamente imprescindíveis ao estabelecimento da psicanálise, exatamente por isso e inevitavelmente, vez por outra a questão do ser aflora. Tangenciou-se, por exemplo, quando se mencionou que, para Lacan, o inconsciente sequer seria um conceito, nem uma noção, mas tão somente equacionável por intermédio da idéia de estrutura.

Embora certamente fosse mais cômodo esquivar-se da problemática que ora se aventura — ainda mais por causa das ressonâncias que os termos da mesma evoquem em espíritos formados na tradição filosófica —, em não se encontrando palavras melhores para designar tão destacado aspecto do empreendimento intelectual a que Lacan procede e por se tratar de um horizonte na mira do mais nuclear da psicanálise, a evitação como estratégia, se não fosse impossível, seria desaconselhável.

O psicanalista é o primeiro a identificar o perigo de, de algum modo, o que reflete o aproximar da filosofia:

> *Je ne crois pas faire de philosophie, mais on en fait toujours plus qu'on ne croit. Rien de plus glissant que ce domaine. Vous en faites vous aussi, à vos heures, et ce n'est certainement pas ce dont vous avez le plus à vous réjouir.* (L'INSU QUI SAIT DE L'UNE BÉVUE S'AILE À MOURRE, 11-1-77, Ornicar 14, p. 5)

A manifesta depreciação em nada é de molde a tranqüilizá-lo, desde que admite e reconhece, até com algum exagero, que a auto-negação é um modo peculiar e característico de se apresentar o espectro da filosofia que realmente teme, a metafísica:

> *... c'est que philosophie, ou même comme on dit mieux à l'occasion, métaphysique — elle n'a jamais fait que ça, la métaphysique, de se considérer comme à son terme.* (23-4-69)

De qualquer modo é importante, mesmo admitindo ser difícil assegurar-se de não incorrer no pecadilho, não identificar a temática ontológica, tal como é requerida pela psicanálise, com o tipo de enfoque, de utilidade ou interesse manifestamente pouco valorizados, que recebe dos filósofos. Não por uma peculiar fobia ou preconceito anti-filosófico, mas pela necessidade de exclusão de qualquer desvio da prática (de modéstia) que, em se tratando do sujeito, é o enfoque psicanalítico, sempre avesso a substancializações e a objetivações:

> *Nous nous occupons du discours analytique et, du discours analytique, j'ai pensé quand même que ce ne serait pas mal de ponctuer quelque chose... qui vous donne l'idée justement que, non seulement ce n'est pas ontologique, ce n'est pas philosophique, mais c'est seulement nécessité par une certaine position, une certaine position que je rappelle, qui est celle où j'ai cru pouvoir condenser l'articulation d'un discours et vous montrer quand même quel rapport ça a... avec quelque chose qu'on appelle l'être humain...* (21-6-72)

Não se trata de problema fácil. Afinal, no inconsciente o que está sempre em jogo é o sujeito, por assim dizer, em estado de não manifestação. O sujeito como que não estando, indeterminado, não constituído, mas ainda assim, de alguma (problemática) forma, sendo:

> *... ce que je vous ai représenté de l'essence du sujet, à savoir ce* ***fading****, ce perpétuel mouvement d'occultation derrière le signifiant ou d'émergence intervallaire, qui définit comme tel le sujet dans son fondement, dans son statut, dans ce qui constitue l'être du sujet.* (27-4-66)

Rigorosamente, deve dizer-se que Lacan pensa com a linguagem da ontologia o que, devido à conceituação poder estar excessivamente contaminada por referências objetivantes, e portanto cabendo evitá-la, sequer se permite teorizar como ser. Porém, o esquivamento é praticamente impossível a partir do momento em que admite que

... tout ce qui est de ce qui fait notre expérience ne peut que tourner, retourner et toujours revenir se pointer autour de la question de la subsistance du sujet... (11-6-69)

Em verdade sequer cabe discorrer sobre o sujeito, o que encaminha para uma espécie de ontologia, para um tratamento do ser subjetivo (com o perdão da palavra) na primeira pessoa. Note-se: não uma ontologia da primeira pessoa, mas uma ontologia na primeira pessoa. Uma primeira pessoa que, sem deixar de ser eu, em relação à consciência não é primeira, mas outra.

Outra primeira pessoa que, como inconsciente, é exercício enunciante. Porém, à revelia da consciência, e por isso extrapoladora do enunciado:

En toute rigueur, c'est bien là, contrairement à l'opinion de Politzer, le sujet de l'énontiation, mais en troisième personne... (22-11-61)

O inconsciente é instância subjetivante e, nessa medida, "existencializa" **a posteriori** o sujeito. Mas seu estatuto enquanto anterioridade à efetuação subjetiva, por qualquer ponto de vista — pois de todos deles é estruturante —, não pode deixar de ser problemático.

Ainda assim é possível nele reconhecer algo que, mesmo não realizado (e por isso mesmo), de alguma maneira se viabiliza no âmbito do ser. Embora referido à ontologia, é apresentado como lhe sendo extrínseco:

La béance de l'inconscient, nous pourrions la dire ***pré-ontologique***. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.31)

O condicional expressa e expressivamente reproduz no enunciado o não-realizado da enunciação. Preserva-se o sujeito indeterminando-se-o. Diz-se-o objetando qualquer auto-nomeação, a qual na prática sempre seria objetivante.

J'ai insisté sur ce caractère trop oublié — oublié d'une façon qui n'est pas sans signification — de la première émergence de l'inconscient, qui est de ne pas prêter à l'ontologie. Ce qui en effet s'est montré d'abord à Freud, aux découvreurs, à ceux qui ont fait les premiers pas, ce qui se montre encore à quiconque dans l'analyse accommode un temps son regard à ce qui est proprement de l'ordre de l'inconscient, — c'est que ce n'est ni être, ni non-être, c'est du non-réalisé. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.31/2)

A este conjunto de circunstâncias analíticas, transtornadoras da abordagem do (ser) sujeito — e por tabela, do (sujeito ser — em patamares e perspectivas assaz distintos da tradição, filosófica ou filosofante, devem-se protestos cujo teor ora vai no sentido de demarcar-se da ontologia[239], ora mesmo na direção de pura e simplesmente depreciar a disciplina[240]. E que se elucidam, rigorosa e facilmente, se se tiver em mente o ângulo donde Lacan discerne a situação em que manobra. Pouco está interessado na problemática em si mesma do ser. Não pode no entanto furtar-se às incidências inconscientes do verbo, pois não é algum tabu o que preserva a sua reserva ante a ontologia...:

... il ne s'agit pas non plus — ne vous y trompez pas — que je fasse ici la métaphysique de la découverte freudienne, que je tire les conséquences qu'elle comporte en ce qui concerne ce qu'on peut appeler, au sens le plus large, l'être. Ce n'est pas là mon propos. Ce ne serait pas inutile, mais je crois que cela peut être laissé à d'autres, et que ce que nous faisons ici en indiquera la voie d'accès. Ne croyez pas qu'il vous soit interdit de faire quelques battements d'ailes dans ce sens — vous ne perdrez rien à vous interroger sur la métaphysique de la condition humaine telle qu'elle nous est révélée par la découverte freudienne. Mais enfin, ce n'est pas l'essentiel, car cette métaphysique,

---

239 *Mais dire que je fais de l'ontologie, quand même c'est assez drôle...* (21-6-72)
240 *... l'ontologie, autrement dit la considération du sujet comme être, l'ontologie est une honte, si vous me le permettez!* (8-3-72)

vous la recevez sur la tête, on peut faire confiance aux choses telles qu'elles sont structurées — elles sont là, et vous êtes dedans. (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.86)

A confiança inabalável nas operações descobertas pela psicanálise desmobiliza o pendor a imaginarizá-las como doutrina. Há pouco interesse em tratar da ontologia suscitada pela psicanálise, entre outras razões por, como efeito da estrutura (inscritora do sujeito), ser rigorosamente involuntária, não depender de uma adesão consciente.

Outra tarefa, essa sim, da qual o pensador não se priva, é estudar as peculiares condições estruturais que fazem as metafísicas como que espontaneamente aflorar no discurso. Empreendimento árduo, porque da perspectiva ontológica o inconsciente ou não se pensa ou há-de cogitar-se nem realizado nem nascido — ou seja, inatual, sem ser passado ou futuro.

O inconsciente mal se pensa porque em si aponta o lugar que pensa, mas não obstante a dificuldade, é um fato que se impõe pensar. O (único) modo de o fazer é obliquamente, meditando na sua perturbante incidência na matéria do discurso, e para tanto se é constrangido a se ater à única via possível de superação do impasse, que é o fiel compromisso para com a observação do lugar em que pode haver a experiência psicanalítica. Tarefa à qual se consagrou a secção anterior, e graças à qual agora se dispõe da medida em que o inconsciente, desde então devidamente compreendido como território (a saber) da subjetividade, pode caber (na palavra).

Além disso, previamente à análise da literalidade, delineara-se como o inconsciente, enquanto saber, era saber cifrador e decifrador do sujeito. Pois, ainda que a posição indeterminada do sujeito implique na insubstancialidade (ou pelo menos inconcretude) do inconsciente, a indeterminabilidade inclui algum tipo de presença, indefinida.

O que conduz a retomar a já introduzida asserção em que se patenteia que o projeto de compreender a psicanálise como disciplina atinente à investigação da subjetividade será obedecido, mesmo no nível da definição de certos cuidados no campo do que da reflexão ontológica seja incontornável, por por ela ser suscitado:

> *Il doit nous suffire de poser que l'inconscient est. Ni plus ni moins.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.84)

Em capítulos anteriores cuidou-se das questões suscitadas pelo nem mais: viu-se como o inconsciente é inacessível a uma abordagem epistemológica, entendida a partir do que lacanianamente possa ser cogitado dessa ordem. Viu-se também que, no limite, na medida em que o conhecimento, ele mesmo, não existe, a proposta sequer se mantém.

Agora averiguar-se-á o nem menos: o inconsciente não pode ser tratado aquém da ontologia.

De uma ontologia singular, em que ser e conhecer, menos que não se recobrirem, se divorciam. Uma ontologia que, por razões que adiante se exclarecem, sequer deve nem pode ser cabalmente significada como tal, levantando pertinentes obstáculos ao efetivo reconhecimento do campo em que se trava esta outra faceta da reflexão lacaniana como, de direito, ontológico.

39. SUJEITO E ONTOLOGIA

Subterraneamente vinculadora de uma aparente dispersão de teses, faz-se presente, sempre, a preocupação[241] de Lacan com a problemática do **eu**, fio condutor do destino que imprime à psicanálise, tão evidente na vinculação entre saber e inconsciente, por um lado, e inconsciente e sujeito, por outro. E por isso, se alguma vez convier incluir o psicanalista na

241 Filosófica?

história do pensamento filosófico[242], a secção que melhor lhe convenha achar-se-á do lado da tradição meditativa da subjetividade.

O que introduz o ser, feito significantemente, é a capacidade de fazer sentido. Mas, intrajacente à dinâmica significante, o que realmente se perfaz, o único sujeito, representado por e para significantes, é um (alguém) posto enunciador. Nunca, a não ser ficticiamente, se fabula um (outro) sujeito — o ser, por exemplo —, que seria sujeito de uma linguagem que interpelaria sobre a questão que a cópula coloca para a existência (do sujeito).

Que cópula? A biológica, real — sexual —, ou a lógica, conjugação do verbo ser?

> *... on est de l'ordre, quand on est homme, de la copulation, c'est-à-dire de ce qui détourne la dite copulation dans la non moins dite, et significativement, copule constitué par le verbe être.* (LE SINTHOME, 16-3-76, Ornicar 9, p.36/7)

Efetivamente, em psicanálise as incidências e coincidências significantes nunca são aleatórias. Expressam um saber à revelia das consciências:

> *La métaphore copule n'est pas une preuve en soi. C'est la façon qu'a l'inconscient de procéder.* (LE SINTHOME, 16-3-76, Ornicar 9, p.37)

No caso, tal saber põe a problemática do ser nos únicos termos em que é cabível, a vacuidade (do) significante que denuncia a precariedade em ser.

Por isso não há como evitar pensar o inconsciente pelo prisma do sujeito como ser — correndo-se o risco de escorregar para especulações sobre o ser do sujeito. Um primeiro passo para o elucidar é levar em conta que a questão que o ser põe para o sujeito, a qual questão coloca o sujeito, é posicionada com o sujeito:

> *... et j'ai dit qu'il pose sa question pour le sujet. Qu'est-ce à dire? Il ne la pose* ***devant*** *le sujet puisque le sujet ne peut venir à la place où il la pose, mais il la pose* ***à la place*** *du sujet, c'est-à-dire qu'à cette place il pose la question* ***avec*** *le sujet comme on pose un problème* ***avec*** *une plume et comme l'homme d'Aristote pensait* ***avec*** *son âme.* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.520)

Sê-lo é questão de (o) dizer. O sujeito, momento real da arquitetura verbal no contexto sincrônico em que, como um raio, um sentido ilumina a diacronia enunciativa, vai apresentar-se como fundo e fonte do ser:

> *Nous posons que cela se produit toujours plus à mesure de la prétention toujours croissante du <<je>> à s'affirmer comme fond et* ***Origo*** *de l'Être.* (15-2-67)

Mas mesmo esta concepção, suportada no mais que precário ficticio fundamento que a estrutura sintática proporciona, por isso mesmo, é uma presunção. É o desvendamento dessa pretensão que permite dissolver a linguagem do ser — ilusório remetente de qualquer discurso — num diagnóstico do sujeito aí travestido.

Para precisar a tese, cumpre prosseguir a pesquisa com o desdobramento da ontologia naquilo de que é sintoma.

Certamente, como antes se mencionou, não há porque preocupar-se muito com a verdade em ontologia. Basta fiar-se na dependência do ser da estrutura, pelo que não é de admirar uma certa homologia entre a filosofia e a neurose, aquela produzindo (ou reproduzindo) questões que, sem saber, se colocam na segunda. Homologia que se sublinha, basicamente, por tanto ser um meio de conduzir a uma "despsicologização" e

---

242 Lugar em que (não) só se assentaria à sua revelia...:
... je ne vois pas ce qui me destinerait à ce qu'on ajoute expressément mon nom à la liste des philosophes, ce qui ne me paraît pas entièrement judicieux. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.169)
Como a partir da psicanálise há que duvidar do judicioso e desconfiar de inteirezas, a (paradoxal) "desautorização" está dada...

"despatologização" da neurose, quanto de implicar o (sujeito) filósofo no seu enunciado. O ser do sujeito é ser sujeito no enigma que o diga:

> *Car c'est une vérité d'expérience pour l'analyse qu'il se pose pour le sujet la question de son existence, non pas sous l'espèce de l'angoisse qu'elle suscite au niveau du* ***moi*** *et qui n'est qu'un élément de son cortège, mais en tant que question articulé: <<Que suis-je là?>>, concernant son sexe et sa contingence dans l'être, à savoir qu'il est homme ou femme d'une part, d'autre part qu'il pourrait n'être pas, les deux conjuguant leur mystère, et le nouant dans les symboles de la procréation et de la mort. Que la question de son existence baigne le sujet, le supporte, l'envahisse, voire le déchire de toutes parts, c'est ce dont les tensions, les suspens, les fantasmes que l'analyste rencontre, lui témoignent...* (DU TRAITEMENT POSSIBLE DE LA PSYCHOSE — ÉCRITS, p.549)

O homem crê no ser pelo sujeito, não apenas porque existe o verbo "ser", mas porque fala. Na "sua" fala, ainda que não evidentes, articulam-se as questões fundamentais quanto a si. Não somente pelo viés do saber, mas principalmente pelo papel do dizer no vir a ser.

O homem é sujeito numa fala que diz o ser, e dizendo-o, fá-lo ser, porque faz o ser:

> *Il croit à l'être, c'est grossier de dire que c'est uniquement parce qu'il y a le verbe être. Non, c'est pour ça que je dis l'être de parler. Il croit que parce qu'il parle, c'est là qu'est le salut.* (R.S.I, 8-4-75, Ornicar 5, p. 38)

Não há outro sujeito que não **eu**, sequer rigorosamente cabendo enfocá-lo, referi-lo, como objeto da reflexão. Para bem o pensar, ainda que surja como terceira pessoa (por estar à revelia da egoidade consciente), evite-se tratá-lo como "ele". Mesmo, ou principalmente, quando se trate de pensá-lo — e diga-se "pensá-lo", porque seria pensar mal imaginar conhecê-lo.

O que assegura, que não o conhecimento, a reflexão a respeito do (ser) **eu**, é o fato de, havendo inconsciente, e portanto sujeito, estarem também dados os termos da sua formulação:

> *Il faut donc insister sur ce que cette question ne se présente pas dans l'inconscient comme ineffable, que cette question y est une mise en question, soit: qu'avant toute analyse elle y est articulée en éléments discrets.* (DU TRAITEMENT POSSIBLE DE LA PSYCHOSE — ÉCRITS, p.549)

A descoberta da presença do sujeito em terrenos onde seria inimaginável antes da descoberta de Freud não lhe permitirá o equívoco de partilhar — no nível mesmo do discurso ontológico — da imaginação de uma substância referível ao **eu**, ainda que inobjetivável. Psicanaliticamente, a ontologia é como que uma plástica excrescência imaginária, parasitária da linguagem:

> *Ce que l'inconscient démontre est... que* ***la parole est obscurantiste****.* (DISSOLUTION: LE MAL ENTENDU, Ornicar 22/3, p.7)

Substancializar o sujeito seria um disparate. Se os objetos valem por ficções devidas ao poder sugestionante da palavra, por sua vez o que se julga ser (o) sujeito não passa de sentido aflorado nas circunvoluções da ação significante: uma posição transitória na espacialidade (do) significante. Posição que se obtém pela explicitação da verdade do desejo que, graças à construção do sentido, faz o sujeito ser na exata medida em que, orientadora do movimento discursivo, subjaz uma objetalidade que aponta para o vazio em que se confessa o querer.

Um momento de consideração sistemática da questão encontra-se no volume XI do seminário. Em primeiro lugar, o autor propõe a questão de maneira dramaticamente ilustrativa da dificuldade apontada:

> *L'inconscient, d'abord, se manifeste à nous comme quelque chose qui se tient en attente dans l'aire, dirait-je, du* ***non-né****.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.25)

A demarcação, a largos traços, do campo de contextualização do problema, de maneira que se afigure fazer justiça à orientação que segue, não se embasa em metáfora aleatória. Literalmente implica o contexto de geração do sujeito, e a vários títulos — tanto os do seu advento carnal, como os correlatos da sua realização simbólica —, aparentemente desconectados, mas ligados na língua:

> *Que le refoulement y déverse quelque chose, n'est pas étonnant. C'est le rapport aux limbes de la faiseuse d'anges.*
>
> *Cette dimension est assurément à évoquer dans un registre qui n'est rien d'irréel, ni de dé-réel, mais de non-réalisé.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.25/6)

Assinalado o campo, definidas as coordenadas que perspectivam a densidade dos enunciados subseqüentes, o pensador se permite, nesses termos, correlacionar o inconsciente com o sujeito, instaurando no seu verdadeiro âmbito o problema tratado:

> *A tous ces inconscients toujours plus ou moins affiliés à une volonté obscure considérée comme primordiale, à quelque chose d'avant la conscience, ce que Freud oppose, c'est la révélation qu'au niveau de l'inconscient il y a quelque chose en tous points homologue à ce qui se passe au niveau du sujet — ça parle et ça fonctionne d'une façon aussi élaborée qu'au niveau du conscient, qui perd ainsi ce qui paraissait son privilège.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.27)

No inconsciente "parece" perfazer-se uma (outra) subjetividade, cujas evidências (e o modo como se evidenciam) narra em seguida.

Não obstante o incômodo da recorrência a citações — mais ainda quando são extensas, como é o caso —, há momentos em que, a par de deixarem transparentes pontos de apoio das inferências expostas, constituem-se em cabal súmula de partes antes tratadas e da sua junção com a síntese do momento novo em que se adentra. Portanto, poupar-se é enfrentá-las:

> *Achoppement, défaillance, fêlure. Dans une phrase prononcée, écrite, quelque chose vient à trébucher. Freud est aimanté par ces phénomènes, et c'est là qu'il va chercher l'inconscient. Là, quelque chose d'autre demande à se réaliser — qui apparaît comme intentionnel, certes, mais d'une étrange temporalité. Ce qui se produit dans cette béance, au sens plein du terme* ***se produire****, se présente comme* ***la trouvaille****.*
>
> ...
>
> *Or, cette trouvaille, dès qu'elle se présente, est retrouvaille, et qui plus est, elle est toujours prête à se dérober à nouveau, instaurant la dimension de la perte.*
>
> ...
>
> *La discontinuité, telle est donc la forme essentielle où nous apparaît d'abord l'inconscient comme phénomène — la discontinuité, dans laquelle quelque chose se manifeste comme une vacillation. Or, si cette discontinuité a ce caractère absolu, inaugural, dans le chemin de la découverte de Freud, devons-nous la placer — comme ce fut ensuite la tendance des analystes — sur le fond d'une totalité?*
>
> *Est-ce que le* ***un*** *est antérieur à la discontinuité? Je ne le pense pas, et tout ce que j'ai enseigné ces dernières années tendait à faire virer cette exigence d'un* ***un*** *fermé — mirage auquel s'attache la référence du psychisme d'enveloppe, sorte de double de l'organisme où résiderait cette fausse unité. Vous m'accorderez que le* ***un*** *qui est introduit par l'expérience de l'inconscient, c'est le* ***un*** *de la fente, du trait, de la rupture.*
>
> *Ici jaillit une forme méconnue du* ***un****, le* ***Un*** *de l'****Unbewusste****. Disons que la limite de* ***Unbewusste*** *c'est l'****Unbegriff*** *— non pas non-concept, mais concept du manque.*
>
> *Où est le fond? Est-ce l'absence? Non pas. La rupture, la fente, le trait de l'ouverture fait surgir l'absence — comme le cri non pas se profile sur fond de silence, mais au contraire le fait surgir comme silence.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.27/8)

Lacan apresenta a ruptura no sujeito introduzida como deste originária. Afinal, no plano fenomênico, o inconsciente surge a princípio como a interferência de uma outra intencionalidade, que se materializa — literaliza! — pelas perturbações significantes que introduzem rupturas no contínuo discursivo intencionado, contrariando o sonho psicológico de tratar o sujeito como uma unidade. Sugere que o único um — em francês, **un** — com que no sujeito se se depara seria o prefixo em alemão indicador da negação, **Un**. O **in**-consciente se delimitaria pelo **in**-conceito, nem conceito do não nem falta de conceito, mas conceito da falta.

Falta, fenda, que há-de evitar-se conceber como contraponível a um fundo de presença, mas simplesmente como ruptura, correlativamente à qual se deriva a imagem enganosa de uma unidade perdida. Falta a conceber como descontinuidade de sentido, desencadeada por uma aparente incongruência — aparente não apenas por ser fatual, como também por ter valor significante:

> *Ce qui est ontique, dans la fonction de l'inconscient, c'est la fente par où ce quelque chose dont l'aventure dans notre champ semble si courte est un instant amené au jour — un instant, car le second temps, qui est de fermeture, donne à cette saisie un aspect évanouissant.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.33)

Na estrutura, a divisão do sujeito — este a um só tempo feito da marca e suporte da sua falta, efeito de linguagem[243] — é constitutiva do significante. A linguagem humana, articulada em significantes, propriamente simbólica, é impensável sem o sujeito que por ela se produz. É por isso que o "ôntico", quanto ao inconsciente, depende da literalidade significante. Aponta para o lugar em que virtualmente algo aparece e desaparece, permanecendo a falta... e em falta permanecendo o sujeito.

Se, dado o sujeito ser, houver que cogitar o ser sujeito, a necessitar-se o deslize para o ser do sujeito, modestamente há que também equacioná-lo nos termos da cisão que lhe cabe:

> *... que l'être du sujet soit refendu, Freud n'a fait que le redire, sous toutes les formes, après avoir découvert que l'inconscient ne se traduit qu'en noeud de langage, a donc un être de sujet.* (20-4-66)

Do sujeito algo se diz que escapa e algo escapa de ser dito. É esse semi-dito que concretiza a presença da carência de uma totalização do sujeito. O ser do sujeito vincula-se por isso à cisão entre o saber inconsciente e o que não se reduz a saber. Por outro lado, como o motor de si como presença é a irredutibilidade da falta, em si mesmo, o enfoque no ser sujeito — por necessariamente dever oscilar entre a duplicidade da cisão e a obrigatoriedade da adição que tenta recuperar a unidade desde sempre perdida — reproduz a fenda:

> *... on aperçoit que l'être du sujet est la suture d'un manque, précisément du manque qui, se dérobant dans le nombre, le soutient de sa récurrence, — c'est l'idée sur laquelle est fondée la théorie du nombre du successeur, mais en ceci ne le supporte que d'être, en fin de compte, ce qui manque au signifiant pour être l'Un du sujet...* (20-4-66)

A falta do dito pleno se assinala pela descontinuidade significante que o diz sem dizer totalmente, como o grito faz surgir o silêncio. Reúnem-se pois os elementos necessários e nucleares à explicitação da experiência do sujeito (inconsciente): o significante e a facticidade da divisão (do sujeito).

Insuficiente para ser e mais do que não ser, o sujeito "encontra-se" um estatuto na falta como falta de estatuto. Por se tratar de pensar o ser sujeito e a determinação ser essencial, é enquanto indeterminado que, inconsciente, acaba tendo um estatuto ontologicamente (menos) duvidoso.

---

243 *Le sujet se ressent d'être, à la fois, effet de la marque et support de son manque.* (20-4-66)

Lacan, a se prestar atenção, não faz mais do que corrigir uma tendência, inerente à reflexão, a inadvertidamente escorregar para a ontologia — ao mesmo tempo que, para simbolicamente explicitar o que imaginariamente tão bem se expressa como limbo, tenta se manter no imaginário fio de uma navalha sem lâmina.

O psicanalista discrimina entre o sujeito e a unidade subjetiva, definindo o primeiro como a parte desta simbolizada no significante que está em falta. O significante é mesmo o apagamento dessa falta:

> *La boucle se ferme sans se réduire à être un cercle, de supposer que le signifiant s'origine de l'éffacement de la trace.* (PROBLÈMES CRUCIAUX POUR LA PSICHANALYSE: RÉSUMÉ RÉDIGÉ POUR L'ANNUAIRE DE L'ÉCOLE PRATIQUE DES HAUTES ÉTUDES — PETITS ÉCRITS ET CONFÉRENCES, p.274)

A negatividade do significante consiste em ser falta da falta, traço que liga — "renega", sutura — a falta em que o sujeito é. Nesta medida, aquela é impensável sem a falta do sujeito, onticamente considerado:

> *Certes, ce sur quoi porte l'effet de tels discours peut bien être un étant qu'on appellera l'homme par exemple, ou bien un vivant dont on ajoutera qu'il est sexué et mortel, et l'on s'avancera hardiment à penser que c'est là ce sur quoi porte le discours de la psychanalyse, sous prétexte qu'il s'y agite tout le temps du sexe et de la mort. Mais d'où nous partons, s'il est effective que nous partons au niveau de ce qui se révèle d'abord, et comme premier fait, pour* ***structuré comme un langage****, nous n'en sommes pas là. Ce n'est de nul étant qu'il s'agit dans l'effet du langage. Il ne s'agit que d'un être parlant. Au départ nous ne sommmes pas au niveau de l'étant, mais au niveau de l'être.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.177)

À partida não nos encontramos no nível do ente, mas no do ser. Porém, além disso, o ponto de partida é extrínseco ao ser. Por estar-se em falta, não se sabe que se é lá onde se falta[244]. Como o sujeito é o que falta ao significante para ser o um do sujeito, o ser do sujeito é o sujeito vindo a ser numa tensão "tentante" de suturar o que falta, pela emergência do inconsciente. Mas tal tentativa, ao se produzir, por na falta haver sujeito e o que emerge serem significantes, reproduz a falta destes constitutiva, estruturalmente condenando o sujeito ao circuito infernal em que o desejo o engaja na repetição; marcando-o num intento de reencontro consigo, impossível por (para si) ser si mesmo como faltante.

Um mínimo deslize representacionalizante, um pequeno distanciamento do significante que viabiliza "seu" ser, e está-**se** perdido.

Afinal o discurso não é ele mesmo "criador", "fazedor" do ser? Sim, porém somente na medida em que a palavra como ausência permita nomear a ausência, permitindo inscrever a falta (em ser do sujeito). Falta que se denuncia "intrajacente" à aparência significante, sintomatizando-se no ficcionar-se o estar sujeito, "substrato" nunca objetivável, mas se fazendo representado por e para significantes.

Adiante-se que a riqueza do jogo (do) significante gerando ficções, semi-verdades habituais do sujeito, não permite que se despreze as nuances significativas de palavras como "falta" e "perdido", as quais haverá que tomar como relevantes também em outras acepções que possam comportar[245].

Pensa-se o inconsciente pela estrutura, lugar em que o sujeito é, mas este ser só é fibra do humano por ter lugar na (e ser função da) estrutura. Mais do que meio de conhecimento do sujeito, a palavra é a fibra com que se tece o sujeito. E as operações com ela, na medida em que dizê-lo é sê-lo, atingem medularmente o ser.

O desafio é pensar o ser que não é do sujeito, mas que é o sujeito, a essência não <u>do</u> ser sujeito, mas <u>de</u> ser sujeito: trata-se de cuidar do sujeito ele mesmo, e não de alguma

---

244 ... *l'inconscient, c'est ce lieu du sujet où ça parle...*(10-1-62)

245 Especificamente, importa seguir a pista do seu uso no contexto moral. Vide próximo capítulo.

predicação que supostamente lhe conviesse — o que, em se tratando de psicanálise, seria descabido.

A partir do momento em que tudo o que se tem do inconsciente é a manifestação de um sujeito não sabido — em enunciações impregnadas de intencionalidade, a qual já se sabe não valer a pena chamar por este nome, por o mesmo indicar uma propriedade da subjetividade notoriamente associada à consciência —, não há alternativa outra que não este procedimento.

Lacan é explícito: não se trata de conhecer alguma coisa sobre o sujeito, tomado como objeto, mas de trabalhar no nível do que o sujeito é.

> *L'inconscient est ce qui, de parler, détermine le sujet en tant qu'être...* (R.S.I., 21-1-75, Ornicar 3, p.105/6)

Eis o ponto crucial: se a psicanálise (lacaniana) algo realmente inova, é por aqui que se deve buscá-lo.

Sem ignorar a inevitabilidade de um segundo fator, desde logo inerente à temática, advindo de um dado intrínseco ao falar...:

> *Ontiquement donc, l' inconscient c'est l'évasif — mais nous arrivons à le cerner dans une structure, une structure temporelle, dont ont peut dire qu'elle n'a jamais été, jusqu'ici, articulée comme telle.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.33)

Mais adiante estuda-se a temática da temporalidade, não exaustivamente, mas na medida requerida pelo esclarecimento da indagação motivadora deste trabalho[246].

40. SIGNIFICANTE E ONTOLOGIA

Para além da aparência significativa — posta em jogo no signo e principalmente nas suas vacilações —, o sentido comporta implicações que, mais do que expressarem informações sobre alguma coisa, eventualmente o ego, revelam verdadeiras determinações do ser sujeito. Determinações que o pegam na sua própria insubstancialidade, "transtornando-o"; pois o que determina, o que importa à determinação ou decifração do sujeito, é o sentido por fazer — o novo sentido que surge pela fragmentação de uma significação intencionada.

A articulação requer atenção: "sentido" aparece como se opondo a "significado", mais precisamente como o que remete além do significado, por posicionar (de maneira surpreendente) o sujeito na enunciação. Porém, já acontecido, positivado num dito destacado do dizer — um significado —, o sentido jaz separado do sujeito (e portanto do ser sujeito). É o que Lacan, a propósito do sentido do ser eu, magistralmente registra na passagem do seminário que epigrafa este capítulo.

Logo, o sentido (feito) também pode ser tomado como sinônimo de significado na acepção anterior (e tomado como sendo exatamente o oposto do ser sujeito). Com a formulação continua-se relacionando sentido e ser, mas em vez de os aliar, determina-se-os pela mútua exclusão. A cada instante, o sentido, ao depor-se, reduzindo-se da operação da verdade a um acúmulo de saber, precipita-se em significações, desde logo desabitadas do ser (eu). Processo impensável à revelia da temporalidade, é nisso que consiste a evasividade do inconsciente. Por ser não realizado, ou não nascido, por estar sempre por acontecer, quando se torna acontecimento e se descobre uma significação antes insuspeitada, não é mais inconsciente... O que aliás é conforme com a necessidade, adiante examinada, de pensar o que por meio de tantas nuances e precisamentos terminológicos se trata de equacionar — o

246 Vide subcapítulo 54.

inconsciente como saber gerador do sentido (do desejo) e lugar relativo ao ser (sujeito), mas não ao mesmo tempo.

O sentido surge pela estrutura. Mais precisamente, produz-se (temporalmente) nos e pelos "buracos-interrupções" da cadeia significante[247], pausas que são tão importantes quanto os significantes, exatamente por (enquanto delimitadoras de uma seqüência significante) regerem a formação da significação[248] e por a cada dado momento serem imprescindíveis ao processo da precipitação do sentido.

Ora, aquém ou além de variações sobre o (sentido do) ser, o sentido ocasiona revelações quanto ao ser sujeito. Por intermédio da estrutura, dada no dito, verifica-se a posição em que o sujeito é[249]. Como a análise não visa ao conhecimento do **eu**, mas trata diretamente do ser **eu**, há uma experiência do ser sujeito na primeira pessoa que abre o horizonte, se não de uma nova ontologia, ao menos a um modo novo de tratá-la: amplia-se ainda mais a crucialidade do significante, doutras perspectivas já tão saliente.

Não custa recordar que, pela sua natureza, a letra facilmente pode descrever-se como saber. Mas é preciso pensá-la pela faceta em que não se a toma como saber sobre algo, meio, mas saber onde o sujeito é. Ou seja, é necessário abordá-la pela faceta, por assim dizer, "essencial" da subjetividade:

> *Vous verrez que, plus radicalement, c'est dans la dimension d'une synchronie que vous devez situer l'inconscient — au niveau d'un être, mais en tant qu'il peut se porter sur tout, c'est-à-dire au niveau du sujet de l'énonciation, en tant que, selon les phrases, selon les modes, il se perd autant qu'il se retrouve, et que, dans une interjection, dans un impératif, dans une invocation, voire dans une défaillance, c'est toujours lui qui vous pose son énigme, et qui parle, — bref, au niveau où tout ce qui s'épanouït dans l'inconscient se diffuse, tel le mycelium, comme dit Freud à propos du rêve, autour d'un point central. C'est toujours du sujet en tant qu'indéterminé qu'il s'agit.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.28)

A estrutura, por se encarnar discursivamente, extravasa o puro formalismo e, por ser elemento cuja combinatória integra o processo de geração do sentido, o significante aparece como implicativo do ser.

Portanto, não é de surpreender encontrar em Lacan declarações que vinculam o ser pura e simplesmente à significância:

> *L'être — si l'on veut à tout prix que je me serve de ce terme — ... c'est l'être de la signifiance.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.67)

Com isto já é possível sumariar os principais aspectos — no seu característico conjunto, quase merecedores do epíteto de "ontologia psicanalítica" — do tratamento psicanalítico da ontologia: a vacuidade do ser (reduzido ao vácuo pelo verbo), a interdição da objetivação da substância à luz do conceito[250] (por se tratar de ser sujeito, enquanto tal, jamais objetivável), a pregnância essencial da problemática do sentido, o lugar representante do sujeito como posição significante e a posição sendo condição **sine qua non** do sujeito em si mesmo.

Sob pena de prejudicar a clareza da explanação ao se abrir o flanco à feitura de concessões a teses propícias, quer a assinalar diferenças inexistentes ou irrelevantes, quer a (por surdas quanto à inserção das razões realmente pertinentes) ficarem mudas perante as distinções reais, é compreensível que, antes de se ter adentrado na averiguação com alguma minúcia desta "ontologia" crítica da ontologia, tenha sido conveniente que sumariamente se se

---

247 Entendida como coleção de elementos discretos que se "interdeterminam" num sistema de diferenças.

248 Vide Parte III.

249 *... le sujet, ... est effet de dit.* (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, p.29)

250 Cujas mais drásticas implicações se laboram no próximo capítulo.

demarcasse o conceito psicanalítico de signo. A razão, tão simples, é o reconhecimento de um tipo de saber que coage à assunção de que

> *Il faut le dire, le réalisme du nom, ça vaut mieux que le nominalisme du réèl.* (R.S.I., 11-3-75, Ornicar 5, p.20)

Afinal, do real tem-se apenas o nome. E para que o praticante não se perca, é imprescindível que não se o ponha no lugar por excelência em que jamais estará.

Outrossim é fundamental perceber que, no fazer-se sentido, não se gera substância:

> *Je ne dis pas que le verbe soit créateur. Je dis tout autre chose parce que ma pratique le comporte: je dis que le verbe est inconscient — soit mal entendu.* (DISSOLUTION: LE MAL ENTENDU, Ornicar 22/3, p. 12)

Caso contrário, passar-se-ia dos vestígios significantes do cristianismo a uma comunhão com os significados do mesmo. Ora, Lacan não ambiciona para a psicanálise o destino de rejuvenescer nenhuma teologia.

Por tudo isto, do patamar psicanalítico, na perspectiva do inconsciente, o ser só se poderá abordar com alguma precisão se, a par da sua investigação, previamente se averiguar o estatuto ontológico do inconsciente.

Estatuto de ser inconsciente que não poderia deixar de chamar a atenção reflexiva de Lacan, pois a omissão redundaria em grave lacuna na coerência do seu pensamento, e com as indicações disponíveis é perfeitamente possível não se equivocar no deciframento do programa lacaniano a este respeito, aliás a certo ponto magistralmente apresentado:

> *Il s'agit ici de cet être qui n'apparaît que l'éclair d'un instant dans le vide du verbe être...* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT OU LA RAISON DEPUIS FREUD — ÉCRITS, p.520)

O ser de que se trata em psicanálise é o que brilha no (vazio do) verbo ser. A um só tempo signo da indeterminação do sentido e vazio imanente à palavra:

> *L'homme parle-être, comme j'ai dit, ce que ne veut rien dire d'autre qu'il parle signifiant, avec quoi la notion d'être se confond.* (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE-BÉVUE S'AILE À MOURRE, 14-12-76, Ornicar 12/3, p.7)

No dizer o ser se produz dito, pois o fato de se falar ser não culmina em alguma transcendência da palavra, limitando-se aquele ao produto dos efeitos do significante. Daí advém a mencionada confusão, que só imaginariamente é uma identificação.

A única linguagem que diretamente interessa à psicanálise é o discurso "do" sujeito. As aspas, no caso, predicam a pouca propriedade do **eu** naquilo que diz — tanto como imperícia como pelo excesso de sentido extravasado, que resultam no mesmo:

> *Mais y a-t-il l'être?... ce que je dis, c'est qu'il n'y a pas. L'être est, comme on dit, et le non-être, n'est pas. Il y a, ou il n'y a pas. Cet être, on ne fait que le supposer à certains mots — individu par exemple, ou substance. Pour moi, ce n'est qu'un fait de dit.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.107)

O ser sabe-se uma questão de (o) dizer. Ora o sujeito fala, não é verbo. Logo, só é (sujeito) em ato; e ato sempre, diretamente ou pelo avesso, discursivo: ato significante, ação do significante causadora do sujeito ou encadeadora do efeito de fala efetuador do sujeito em falta.

Parece aqui residir (mais) um ponto em que Lacan se distancia da linguagem do ser, e por tabela da filosofia (heideggeriana). Não haja equívoco a este respeito, pois Lacan é explícito quando diz afastar-se da linguagem do ser:

Je me distingue du langage de l'être. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.107)

O ser não tem linguagem porque é na linguagem.

A mui explicitamente implícita alusão a Heidegger propicia a oportunidade de um parêntese para esclarecer o modo como Lacan acolhe a freqüente suspeita de que sua extrema consideração pelo filósofo se reflita diretamente em seu ensino:

> *... cet enseignement qui est le mien n'a véritablement rien de néo, ni de heideggérien, malgré l'excessive révérence que j'ai pour l'enseignement d'Heidegger.* (6-6-62)

Para desgosto dos dados à facilidade de interpretar uma influência, ocasião propícia para refletir originalmente, como mera adesão — concepção simplificadora, se não do pensamento de Lacan, certamente do dos espíritos dela adeptos —, tal eventualidade é mais de uma vez textual e explicitamente rejeitada:

> *Que ceci soit le symptôme et le prélude d'une remise en question de la situation de l'homme dans l'étant, telle que l'ont supposée jusqu'à présent tous les postulats de la connaissance, ne vous contentez pas, je vous prie, de cataloquer le fait que je le dise comme un cas d'heideggerianisme, — fût-il préfixé d'un néo, qui n'ajoute rien à ce style de poubelle par où il est usage de se dispenser de toute réflexion en un recours décrochez-moi-ça de ses épaves mentales.*
>
> ...
>
> *Si je parle de la lettre et de l'être, si je distingue l'autre et l'Autre, c'est parce que Freud me les indique...* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.527/8)

A argumentação lacaniana dá a entender que a negativa também se suporta, além do mais, do privilégio em que a psicanálise se encontra relativamente à filosofia. Por isso, a explícita confirmação desta tese não deve ser motivo de surpresa:

> *... j'ose dire que nous, psychanalystes, nous avons plus a en dire oui, plus a en dire, que ce que Heidegger dit du* ***Sein*** *même barré dans son rapport au* ***Wesen****.* (12-1-66)

A fim de devidamente apreciar-se a divergência de fundo, lacanianamente tão ressaltada, basta indicar que a psicanálise está mais bem aparelhada para a descoberta e perseguição do sujeito, dicente em circunstâncias filosoficamente insuspeitáveis.

Não se desatam os nós do sujeito tecendo considerações sensatas. Os sistemas e belas construções conceituais feitas por sobre a "matéria" da subjetividade, tão explicitamente inúteis na evidência clínica, são depreciados: a psicanálise não teria compromissos com a especulação, mas tão somente com a realidade (subjetiva)...

> *Je n'ai, conformément à la pensée de Freud aucune amitié pour la sagesse. Je ne fais pas de philosophie parce que c'est très loin de ce quelqu'un qui s'adresse à nous, pour que nous lui répondions par la sagesse.* (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES, Scilicet 6/7, p.53)

Lacan apresenta-se portanto como mero continuador e prosseguidor de Freud, ou seja, psicanalista e teórico da psicanálise:

> *... je n'ai jamais prétendu* ***dépasser*** *Freud,... mais le prolonger.* (DISSOLUTION: MONSIEUR A., Ornicar 20/21, p.20)

Não obstante, é patente em sua obra a presença de referências e mesmo influências filosóficas. Como conciliar tão constante labor sobre trabalhos de filósofos com a especificidade do lugar intelectual em que se compreende?

A explicação que o autor fornece aparenta extraordinariamente o que se visa no processo do trabalho psicanalítico com o que se encontra como produto involuntário do empenho intelectual filosófico:

On peut trouver que je m'occupe ici un peu beaucoup de ce qu'on appelle — Dieu damne cette dénomination — des grands philosophes. C'est que peut-être pas eux seules, mais eux éminemment, articulent ce qu'on peut bien appeler une recherche pathétique de ce qu'elle revienne toujours, si on sait la considérer à travers tous ses détours, ses objets plus ou moins sublimes, à ce noeud radical que j'essaie pour vous de desserrer, à savoir le désir... (28-2-62)

O que a psicanálise traz a mais, além de uma clareza quanto a este ponto — Lacan nunca deixa de diagnosticar os pensadores, mesmo que de raspão —, é a possibilidade de, tratando-o na sua literalidade particular, sem grandes cerimônias desnudar o desejo.

Como é sabido, este "a mais" a princípio produz-se de "um a menos", que é a causa primordial do fracasso da psicologia em estar à altura de certos ideais epistemológicos.

A condição do desejo, que é a condição do sujeito, torna inadmissível qualquer objetivação. Desde a crise do projeto lacaniano para a psicologia, numa radicalização progressiva, o pensamento do psicanalista veio-se evidenciando fiel aos seus postulados epistemológicos originais e se caracterizando por um interesse filosófico que se extravasa por esferas menos diretamente pertinentes ao ponto de vista científico. Pois a pretensão cognitiva, ilusão operante no vácuo significante, é desmantelada pela análise psicanalítica, deixando no seu vazio o esclarecimento da vontade de saber como mero desejo.

É bem verdade que a tese não é nova:

Déjà bien avant Freud... d'autres ont mis en question ce qu'il y a de désir sous la fonction de connaître... (8-5-63)

A novidade não reside na propositura do desejo como motriz do conhecer, se se a apresentar como saber sobre o conhecimento. A psicanálise, no que se distingue da filosofia, ultrapassa este patamar de descoberta cognitiva dos motivos da cognição, para praticar uma intervenção no plano mesmo da desiderabilidade, que não no da informação a seu respeito — pois esta, enquanto tal, em nada se distingue do privilegiamento e manutenção da crença no conhecimento.

Se ainda assim fosse possível manter o conhecimento — melhor dizendo, preservar o sujeito numa posição de sobrepairamento sobre um objeto reduzido a significantes —, se fosse congruente pensar em conhecer a estrutura, poder-se-ia confiar no suporte ofertado pela lingüística como ciência e, em conformidade, reduzir o signo à representação. Mas tal posição é inadmissível, pois ou denega a impossibilidade efetiva de emudecer o sujeito reificando-o em "coisa" no mundo quando se apresenta como objeto, ou presume uma resignação agnóstica com a perda de si na forma da aceitação da castração, conformismo incompatível com a facticidade do desejo, que é desejo de superar tal interdição. Na pretensa representação do mundo, enquanto espera encontrar "coisas", o homem apenas lida com o "seu" desejo.

Recorde-se que a dificuldade advinda da obrigatoriedade de pensar algo que não pode nem deve constituir-se em objeto de cognição é contornada pela suposição de ser o inconsciente estruturado como uma estrutura. Nos termos lacanianos, estruturado simplesmente pela fala como linguagem. Não por outra razão, é o sentido que, por ser indicativo do ser, delineia o referente:

... c'est d'un noeud de sens que surgit l'objet, l'objet lui-même... (9-2-72)

Por isso a estrutura, que pode ser (bem) pensada a partir da lógica e da topologia — as quais afinal nada mais são que a linguagem reduzida à sua arquitetônica essencial, no limite calculando-se depurada do imaginário, sob o peso do qual se a encontra na experiência (discursiva) —, é a mesma conveniente ao equacionamento da objetalidade sem objetos.

A ontologia lacaniana não poderia referir-se a objetos porque falta substância ao que valha como objeto e, pior, a tomar-se como objeto o sujeito, "esse" objeto nunca fica no lugar.

Qualquer objeto é feito[251] de sentido. O que se denomina de "ser" — enquanto tal, sem sentido — é a mais genérica possibilidade de sentido em latência, a mera possibilidade de "desvio" em uma significação dada e a particularidade de **si** irredutível ao (sentido do) predicado...:

> *L'ennui est que l'être n'a* ***par lui-même*** *aucune espèce de sens.* (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, p.29)

O que se objetiva na transitividade é um sentido que, embora enquanto tal faça a coisa no vácuo, uma vez feito, objetivado, não apenas está desabitado pelo sujeito como também é inexpressivo do ser (anterior ao ser qualquer coisa).

Note-se que o descrédito no ser fora da fala, conveniente à condução prática da análise, não deve nem precisa ser encarado como uma posição metafísica fechada. É apenas uma atitude pragmática, tendente a libertar o sujeito de um achatamento paralisante, que se revela imaginário.

Lacan, tão insistente na limitação de seu trabalho ao esforço de pensar a psicanálise e judicioso quanto à definição de critérios de cientificidade que não traiam o espírito de subsunção do conhecimento à dimensão do (perante o sujeito) empiricizável, empenhado na possibilidade de averiguar o **eu** sem o dessujeitar, não ousaria nem precisaria defender uma tese como aquela. A sua defesa pressuporia algum tipo de acesso a um tipo de realidade além de tudo o que do ponto de vista humano concretamente se construa e valha como tal. Como nem psíquica nem epistemicamente há condições de verificar e concluir algo a tal respeito, a dilaceração causada pela adesão fantasiosa e genuinamente sofrida à crença na imobilidade das condições de ser do sujeito — por estas no (único) nível em que se as pode alcançar terem a mobilidade da palavra — pode ser desmontada.

O psicanalista não se ocupa do ser como substrato que se imagine referível em palavras, nem sequer do ser sendo sentido, mas da possibilidade do verbo fazer sentido. É importante ter em mente esta chave a fim de (bem) abordar o que motiva as nuances interpretativas que devota a um pensamento que, por lhe permitir enfocar o ser como um sintoma do saber — o derivado por excelência do sentido —, reiteradamente alça a referência privilegiada:

> *... je tiens néanmoins à marquer que ce sur quoi j'ai mis l'accent, c'est que cette fondation du* ***sum*** *dans le* ***cogito****, n'est pas fondation première, qu'il faut se souvenir que ce surgissement du* ***cogito*** *dans cette division où l'analyse me marque de l'être, être je suis d'être où je suis de sens, je sais <<donc je suis>>.* (16-6-65)

No saber-se ser revela-se a natureza sintomática do ser, pois afinal

> *... l'essence du symptôme, notre position dans le symptôme, c'est que c'est un être de vérité.* (20-4-66)

Quer dizer, a insubstancialidade do ser reporta-se a uma verdade do sujeito, arquitetada pelo projeto significante que é o saber, imperativamente necessitado na lógica ontologizante — posto que, no nível da pessoa enunciante, a primeira, é vivido como desejo.

Por isso se exige a concepção de signo já delineada (e nela o papel do traço unário), a serviço da introdução da letra como "unidade" de ser, marca de um[252] em falta, e redutora das coisas a significantes. Como inscrição e marca da falta, o traço unário introduz a unidade na forma da ausência: é representante primordial do sujeito, pois é fundamento da palavra, formadora e enformante do sujeito, que o segura e reassegura numa trama de sentido em que

---

251 Efeito!

252 *... le trait unaire, c'est l'être marqué* **un**. (LE SÉMINAIRE – LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.180)

se perfaz o destino. De fato, embora sentido e ser coalesçam, como este depõe-se no horizonte daquele[253] — e precisamente por isso —, o significante, logicamente, antecipa-o:

> *... le signifiant est unité d'être unique, n'étant de par sa nature symbole que d'une absence.* (LE SÉMINAIRE SUR <<LA LETTRE VOLÉE>> — ÉCRITS, p.24)

Tal concepção é conducente à interpretação do sentido como "medida" do ser sujeito, pois o significante — ou melhor, a letra — não é unidade objetiva, mas representativa do **eu**. Ser incerto, precipitado sujeito da certeza correlativamente a um não (poder) conhecer, e sujeito em falta, pela impossibilidade (objetiva) de aceder ao real.

Da metafísica à psicanálise, por não ter como se sustentar objetivamente — não restritivamente, por excluir-se de qualquer positividade, mas por sequer poder se proporcionar à razão como objeto —, o ser se resigna a ser problematizado como sujeito. O que perenemente o remete a ser "ser desejante", impelido pela falta, que o repõe a cada vez como questão posta no nível do ser (sujeito) no saber (inconsciente): o impossível de conceituar e inviabilizador do conhecer, é! Há que pensá-lo sendo, o que introduz um tipo de preocupação ontológica que terá de ser congruente com a mencionada impensabilidade.

Na prática, o programa lacaniano será fiel a tal diretriz, asseverando a posssibilidade de traduzir toda e qualquer suposição de substancialidade objetivável no (ou do) inconsciente em assinalamento da posição representante do sujeito na estrutura, sempre concretizada como linguagem efetivamente falada — isto é, como discurso:

> *Le signifiant est signe d'un sujet. En tant que support formel, le signifiant atteint un autre que ce qu'il est tout crûment, lui, comme signifiant, un autre qu'il affecte et qui en est fait sujet, ou du moins qui passe pour l'être. C'est en cela que le sujet se trouve être, et seulement pour l'être parlant, un étant dont l'être est toujours ailleurs, comme le montre le prédicat. Le sujet n'est jamais que ponctuel et évanouissant, car il n'est sujet que par un signifiant, et pour un autre signifiant.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.130)

É a própria lógica imanente à significância que instaura uma posição (significante) como marcante do sujeito, e de maneira exclusiva. Pois Lacan reiteradamente define o significante de forma tal que nada mais se represente na linguagem que não o sujeito; o que, na perspectiva da significância, independentemente do suporte físico que veicule o discurso[254], permite investi-lo como campo de manifestação empírica da subjetividade.

Na medida em que, enquanto forma sem conteúdo, a estrutura garanta a substância do sujeito — não particularizado como um ou este, mas tão somente como mera fortuidade atual e atualizada graças à combinatória dos elementos daquela[255] —, pode-se depreender que a ontologia em pauta é determinação (do sujeito) pelas operações de significância. É na medida em que o substrato fictício suposto ao sujeito inconsciente é efeito significante — o que permite, como Lacan ambiciona, preservar o inconsciente onticamente frágil —, que o sujeito se resume a ser o que um significante representa para outro (significante), fórmula que o leitor se habitua a repisar exaustivamente nos textos do psicanalista.

Positivamente, o sujeito não se trata de algo existente à revelia e independentemente do dizer[256]. O que também se evidencia no fato de, no inconsciente (como o termo sugere), sempre se se deparar única e exclusivamente com a falta de consciência da presença subjetiva:

---

253 *Le sens, si je puis dire, a charge d'être. Il n'a même pas d'autre sens.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.64)

254 Sons, vozes, gestos, escrita, etc.

255 Eles mesmos, por definição, nada sendo nem valendo em si, mas apenas pela sua articulação com os demais.

256 *... c'est bien en tant que signifiant que vous existez, tous. Vous existez sûrement, mais ça ne vas pas loin. Vous existez en tant que signifiant.* (15-12-71)

Ceci rappelle que l'inconscient, ce n'est pas de perdre la mémoire; c'est de ne pas se rappeller ***de*** *ce qu'on sait. Car il faut dire, selon l'usage du non puriste: "je m'en rappelle", soit: je me rappelle à l'être (de la representation) à partir de cela. De quoi? D'un signifiant.*

Je ne m'en rappelle plus. Ça veut dire je ne me retrouve là-dedans. Ça ne me provoque à nulle représentation d'où se prouve que j'aie habité là. (LA MÉPRISE DU SUJET SUPPOSÉ SAVOIR, Scilicet 1, p.35/6)

O esquecimento não põe em jogo dificuldades de memória, mas a problematicidade do ser lá onde **eu**, esquecendo-**me** — ou vice-versa, lembrando-**me** —, sou ou deixo de ser. Ou seja, no que me escapa, escapo-**me** de mim mesmo, vindo a ser (sujeito) num saber à revelia da consciência.

Neste contexto, a subserviência do ser aos interesses do sujeito, por generalização, pode atingir implicações maiores e fundamentar declarações à primeira vista obscuras:

Le manque d'oubli est la même chose que le manque à être, car être, ce n'est rien d'autre que d'oublier. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.58)

Quer dizer, a partir da psicanálise, muito coloquialmente a metafísica é tributária do esquecimento do **eu**, e não diretamente (do) do ser.

O sujeito encontra-se perdido, lampejando em instantes de tropeços da memória, marcos que ecoam em sentido uma verdade do seu ser. A falta de esquecimento — a ausência de formações do inconsciente, e por conseguinte do próprio inconsciente, uma vez que suas formações são todo o seu alcance — em si mesma é falta em ser (desejante). Condição ambígua, pois se por um lado nega o sujeito ser, por esse mesmo ato o afirma, já que "ele" só pode ser em falta.

O ser (sujeito) brota precisamente da (sua) falta e é por isso que "desejo" vai assumir tamanha importância: a um só tempo nomeia uma vacuidade de essência e, na vacuidade, a essência. Portanto, é termo tão ambíguo quanto a expressão **manque à être**, tanto falta a ser, vir a ser falta, como falta em ser, ser faltante.

Lacan cogita que, à luz do inconsciente, o ser descobre-se uma (sintomática) tentativa de remendo da cisão omitida de um eu, a ser preenchida com o "cimento" do verbo, quantas vezes "imaginarizado" em substância.

A letra é em si com o que se trata, e não apenas melancolicamente, por não haver meio de ir além, conformando-a e conformando-se a tê-la como fim...

Numa ontologia deste tipo a posição é positivada, tese que se coaduna com a necessidade de pensar a redução da objetalidade — almejada, mas impossível — às marcas discursivas:

Si nous ne croyons pas d'une façon en somme gratuite, que les mots font les choses, la logique n'a pas de raison d'être. (LE MOMENT DE CONCLURE: UNE PRATIQUE DE BAVARDAGE, Ornicar 19, p.8)

Os objetos não podem conceber-se extrinsecamente ao discurso, conforme se patenteia na espontânea subsunção do natural à descrição racional. A inferência lógica e o cálculo matemático permitem contar a realidade com que o sujeito se defronta. Algo que (a partir da perspectiva psicanalítica) se traduz, por exemplo, no aporte ao desvendamento — insuspeitado pelos matemáticos — da lógica como base da experiência; e que justifica a metódica preocupação lacaniana com o tratamento formal do significante.

A própria constituição do objeto se processa dentro da linguagem:

Allons-nous serrer dans le langage la constituition de l'objet, nous n'y pourrons que constater qu'elle ne se rencontre qu'au niveau du concept, bien différent d'aucun nominatif, et que la ***chose****, à se réduire bien évidemmnt au nom, se brise en le double rayon divergent de la cause où elle a pris abri en notre langue et du rien à qui elle a fait abandon de sa robe latine* ***(rem)****.* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.498)

Lacan radicaliza, afirmando que "a coisa", encontrada na palavra reduzida a nada e ao nome, é para sempre adquirida graças à linguagem:

> *Car ce n'est pas encore assez dire que de dire que le concept est la chose même, ce qu'un enfant peut démontrer contre l'école. C'est le monde des mots qui crée le monde des choses, d'abord confondues dans l'**hic et nunc** du tout en devenir, en donnant son être concret à leur essence, et sa place partout à ce qui est de toujours: **ktéma eis aei**[257].* (FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE — ÉCRITS, p.276)

Mas atenção! Não se pense que a coisa, ao se reduzir ao nome, se deva pensar como substantivamente redutível à palavra. A redução não pressupõe que a matéria literal seja a substância do objeto, mas que este subsista a partir de efeitos de significação formalmente referíveis à linguagem:

> *... je vous ai articulé les choses pour vous faire entendre sans prêter à malentendu sur ce qui est sous la structure du langage, non pas sa substance, non pas **hypokeimenon**, mais le <<sens>>...* (13-1-65)

O que subjaz às coisas não é a estrutura da linguagem, porque qualquer subjacência é efeito imaginário da palavra, que se diagnostica em sentido.

Não se creia porém que Lacan incorra no reducionismo ingênuo de achatar o factível ao concebível:

> *Nous devons nous garder de désigner tout comme du langage sous le prétexte que le langage contienne en lui toutes les significations possibles.* (NOTES EN ALLEMAND, Ornicar 42, p.8/9)

Só imaginariamente se poderia crer que, alguma vez ou de alguma maneira, se pudesse ir além da letra, ser mais do que nome, ter mais do que sentido.

A restrição se impõe porque, verdadeiramente, o além da ficção não faz sentido[258]. Deriva-se de uma prudência agnóstica, não se alçando a opinião metafísica.

Repise-se que não é o sentido enquanto tal que é o ser. O sentido faz ser, mas não deve ser interpretado como substância:

> *L'opposition entre présence et absence, qui désigne la structure de l'être dans sa soustraction, doit être entièrement élevée en tant que telle à la duplicité du symbole de cette essence faite de rien...* (NOTES EN ALLEMAND, Ornicar 42, p.9)

A linguagem não esgota o ser, pois este não se reduz a à forma e letra daquela. Sutilmente, Lacan demarca o ser linguagem do ser como uma linguagem. A linguagem faz sentido que, em si, não tem sentido algum. Se tivesse, quer dizer, se o ser tivesse sentido, então sim, não se escaparia de uma ontologia "positiva", bem distinta de partir do não (ser) para vir a ser.

Pode haver sentido na falta de sentido — o real — e razão no entorpecimento alienante pelo significado — o imaginário. Como até nestas circunstâncias a significância permanece medula, e a linguagem pode assimilar-se ao simbólico, é cabível entender os (três) registros como traços:

> *Le langage est, comme l'imaginaire et le réel, un trait fondamental de l'être qui apparaît.* (NOTES EN ALLEMAND, Ornicar 42, p.9)

Afinal, o sentido do pensamento lacaniano repousa sobre o quase não sentido dos registros.

---

257 **ktéma eis aei**. Expressão célebre de Tucídides (I,22), para caracterizar a sua própria obra como historiador, e que significa "aquisição para sempre".

258 Em dois sentidos: não tem sentido nem produz sentido.

Não obstante a importância, tão visível, da noção de sentido, ressalte-se que o seu papel de "bainha", de essencial envoltório[259], já se prenunciava na tese de doutoramento, quando Lacan, psiquiatra, compreendia que

> *La **technique** de la psychanalyse a pris naissance, on le sait, dans l'étude des symptômes des névroses et s'exprime en grande partie dans une sémantique du comportement et des fantasmes représentatifs.* (DE LA PSYCHOSE PARANOÏAQUE DANS SES RAPPORTS AVEC LA PERSONNALITÉ, p.319)

Portanto, não é por ela que se pleiteará o caráter inovador da psicanálise.

O que determina mudanças revolucionárias é a desistência de tomar o sentido "objetivamente", conforme a referência na altura a fantasmas representativos deixava implícito, por então ainda não poder se esclarecer que o sujeito se representa de modo inobjetivável, o que deixa anacrônicas as menções a técnica e a comportamento, que pressupõem a objetivação.

41. CIÊNCIA E ONTOLOGIA

Estudar a subjetividade passa a ser revelar certas determinações da objetalidade, que a partir de Freud não se deveriam desconhecer: as relativas à constituinte implicação do sujeito no objeto, reveladora da interessada presença do primeiro no segundo.

A psicanálise não compete no mercado das metafísicas da ciência, e se de algum modo algo sobressai nessa linha, permanece subsidiário e excrescente relativamente ao tronco da argumentação. Ainda assim, é importante não deixar passar a oportunidade de situar alguns pontos atinentes a esse âmbito, principalmente ressaltados por a alusão à temática epistemológica, por contraste, auxiliar a discernir o campo da psicanálise.

Como o discurso psicanalítico não pode alhear-se das verdades que julga descobrir, seria erro grosseiro tomar suas teses como enunciados "metateóricos" que visassem descrever a natureza das coisas, permitindo, por exemplo, travar polêmicas epistemológicas sobre a realidade e o papel objetivo do significante. O antídoto para tamanho descaminho é ter em mente que Lacan dirige-se a psicanalistas e nessa medida sempre se expressa relativamente ao sujeito.

É nesta perspectiva que cabem e se esclarecem as críticas do autor ao empirismo, denunciado como viés imaginarizante, ilusoriamente crido como acessante ao real. O equívoco, só remediável por uma crítica adequada das condições de produção do significado, baseia-se na desprevenção quanto ao papel do signo no estabelecimento da realidade,

> *... l'expérience dite sensible, ce que je traduis: non avertie encore de la structure.* (RADIOPHONIE, Scilicet 2/3, p.76)

Por sua vez o acatamento desta redescoberta da importância da experiência tem as suas implicações.

Um resultado imediatamente associado e decorrente da deconstrução do empirismo é a crítica da ostensão:

> *Or, nous ne pouvons d'aucune façon considérer comme son point d'arrêt fondamental l'indication de la chose. Il y a une absolue non-équivalence du discours avec aucune indication. Si réduit que vous supposiez l'élément dernier du discours, jamais vous n'y pourrez substituer l'index — se rappeler la remarque très juste de saint Augustin. Si je désigne quelque chose par un geste du doigt, on ne saura jamais si mon doigt désigne la couleur de l'objet, ou sa matière, ou si c'est une tache, une fêlure, etc. Il faut le mot, le discours, pour le discerner. Il y a une propriété originale du discours par rapport à l'indication.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE III: LES PSYCHOSES, p.155)

---

259 Relativamente à "medular" significância.

A estratégia lacaniana não é fazer reconhecer a cientificidade da psicanálise, mas interrogar-se sobre o que, além do que seria uma cientificidade que inclua a nova disciplina, passe a ser ciência depois de Freud.

Tal atitude é a única coerente com o ponto que motiva esta digressão: o repúdio do destino da psicanálise, depois de Freud regredida em psicologia e portanto desatento à insuficiência desta para dar conta do que com a primeira se introduz como fundamental e grandiosa novidade. Vale a pena precisar este ponto com alguma minúcia, o que se pode fazer acompanhando a finalização de um escrito, (para o que aqui importa) muito significativamente denominado L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT OU LA RAISON DEPUIS FREUD:

> *... le freudisme si incompris qu'il ait été, si confuses qu'en soient les suites, apparaît à tout regard capable d'entrevoir les changements que nous avons vécus dans notre propre vie, comme constituant une révolution insaisissable mais radicale. Accumuler les témoignages est vain: tout ce qui intéresse non pas seulement les sciences humaines, mais le destin de l'homme, la politique, la métaphysique, la littérature, les arts, la publicité, la propagande, par là, je n'en doute pas, l'économie, en a été affecté.*
>
> *Est-ce là autre chose pourtant que les effets désaccordés d'une vérité imense où Freud a tracé une voie pure? Il faut dire là que cette voie n'est pas suivie, en toute technique qui se prévaut de la seule catégorisation psychologique de son objet, comme c'est le cas de la psychanalyse d'aujourd'hui hors d'un retour à la découverte freudienne.* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT OU LA RAISON DEPUIS FREUD — ÉCRITS, p.527)

Porém, em que consistiria efetivamente a inovação propiciadora da originalidade de um pensamento disposto a se manter à altura do mestre, não se permitindo facilidades? O autor responde a isso peremptoriamente, no parágrafo imediato, com uma fórmula que definitivamente insere a problemática ontológica no contexto epistemológico:

> *Freud par sa découverte a fait rentrer à l'intérieur du circle de la science cette frontière entre l'objet et l'être qui semblait marquer sa limite.* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT OU LA RAISON DEPUIS FREUD — ÉCRITS, p.527)

A separação entre ser e objeto (que marcava a cisão entre metafísica e ciência), por o ser ser uma questão de palavra, bem como o ser o objeto — portanto, graças à pregnância da subjetividade no campo do objeto —, autoriza-o a enunciar[260] que a separação entre ser e objeto, fronteira tradicional da ciência, depois de Freud é reintroduzida na última.

Como interpretar tal tese?

Levando em conta que o ser em causa é ser subjetivo: é preciso admitir a psicanálise como disciplina afeta à subjetividade, sendo fundamental lembrar da constituição da objetalidade e do recorte dos objetos na estruturação da mesma. Do contrário, não se encontra a necessária possibilidade de superar a barreira entre ser e objeto, superação cujo sabido preço é abdicar do conhecimento, por constatá-lo impossível:

> ***Kern unseres wesen**, le noyau de notre être, ce n'est pas tant cela que Freud nous ordonne de viser comme tant d'autres l'ont fait avant lui par le vain adage du <<Connais-toi toi-même>>, que ce ne sont les voies qui y mènent qu'ils nous donne à reviser.*
>
> *Ou plutôt ce cela qu'il nous propose d'atteindre, n'est pas cela qui puisse être l'objet d'une connaisance, mais cela, ne le dit-il pas, qui fait mon être et dont il nous apprend que je témoigne autant et plus dans mes caprices, dans mes aberrations, dans mes phobies et dans mes fétiches, que dans mon personnage vaguement policé.* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT OU LA RAISON DEPUIS FREUD — ÉCRITS, p.526)

---

260 Certamente ao preço de uma revolução conceitual e de expectativas quanto ao entendimento da cientificidade.

Efetivamente, por meio do saber, Lacan não visa nenhum conhecimento do eu. Longe do conhecimento, em oposição ao autoconhecimento, propõe-se a trabalhar no nível do ser, tomado a partir da significância que o enuncie:

> *C'est qu'a toucher si peut que ce soit à la relation de l'homme au signifiant... on change le cours de son histoire en modifiant les amarres de son être.* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT OU LA RAISON DEPUIS FREUD — ÉCRITS, p.527)

"Enuncie o quê?", é orientação que não vale a pena prosseguir, por a resposta necessariamente se submeter ao campo dos efeitos da palavra. Como é sabido, desde que a algo enunciado se supõe alguém enunciando, a boa questão é "enuncie a quem?"

Por isso a reflexão lacaniana sequer enfoca o ser do sujeito, mas o ser sujeito. Se, conforme amplamente se vem referindo, é afiançável que o desencadeamento da aventura intelectual psicanalítica lacaniana é precipitado pela inacessibilidade (para o humano) de experiência extra-discursiva objetiva, menos ainda se abriria uma exceção para o sujeito. Com o inconsciente, a psicanálise descobre na objetalidade uma função discursiva, dependente em última instância da posição subjetiva, e não por outro motivo condena-se desta forma a ter a inconcretude que caracteriza a fala:

> *C'est bien en quoi l'expérience analytique n'est pas décisivement objectivable. Elle implique toujours au sein d'elle-même l'émergence d'une vérité qui ne peut être dite, puisque ce qui la constitue c'est la parole, et qu'il faudrait en quelque sorte dire la parole elle-même, ce qui est à proprement parler ce qui ne peut pas être dit en tant que parole.* (LE MYTHE INDIVIDUEL DU NÉVROSÉ, Ornicar 17/18, p.292)

Obviamente tal tese e tanta insistência, em última instância remontam e são frutos do empenho, já familiar, em pensar não epistemicamente o inconsciente[261]. Lacan decide não o positivar como objeto teórico ou classe de objetos empíricos, o que na prática o leva a esquivar-se de o predicar. Aliás, recusa contundente, fiel a uma coerência suficientemente drástica para comprometer qualquer objetalidade realista.

42. VERDADE E ONTOLOGIA

Não havendo referente objetivo, Lacan obriga-se a repensar a concepção de verdade, esvaziando-a da veleidade de expressar qualquer adequação entre pensamento e "coisas". Não obstante, em momento algum a sua importância no âmbito da problemática psicanalítica sequer é questionada:

> *Qu'est-ce que la vérité est proprement la question que je pose et pour introduire ce qu'il en est de l'acte proprement psychanalytique.* (29-11-67)

Saliente-se que, manifestamente, a problemática não se move na esfera de algum interesse especulativo, por mais relevante que sejam as suas conseqüências do ponto de vista do ato analítico. A sua crucialidade manifesta-se no plano mesmo da clínica, onde se tropeça com a mesma sob a denominação de ... *symptôme, ce qui veut dire "vérité".*[262]

Portanto, trazer a verdade à baila, não é meramente apaziguar alguma intranqüilidade quanto a algo tão freqüentemente pensado em vinculação com a representabilidade, porém (devido ao inconsciente) condenado ao desuso. A verdade tem de ser pensada em função da clínica, pois graças ao inconsciente não apenas recrudesce a importância do veraz, como se proporcionam condições para, por assim dizer, uma revisão (mais "íntima") do sentido (do)

---

261 *Nulle prétention de connaissance ne serait de mise ici, puisque nous ne savons même pas si l'inconscient a un être propre, et que c'est de ne pouvoir dire "c'est ça" qu'on l'a appelé du nom de ça.* (LA MÉPRISE DU SUJET SUPPOSÉ SAVOIR, Scilicet 1, p.35)

262 (4-12-68)

verdadeiro. É pois também em função do inconsciente que se faz imprescindível cogitar o aparente paradoxo de uma verdade sem trânsito com o conhecimento, mas ficção que literalmente se noticia:

> *... la vérité de soi, disons, a structure de fiction.* (26-2-69)

Dizer que a verdade tem estrutura, e estrutura de ficção, pura e simplesmente indica que Lacan a interpreta no campo da linguagem. A verdade é sempre um efeito significante, em medida certa fazedor do sujeito, por o apropriar em sentidos.

Mas tropeça feio quem, incautamente, a partir disso se iluda, crendo que a verdade seja feita pelo sujeito. A verdade não é uma arbitrariedade subsumível em artes compreendidas no plano de qualquer voluntarismo egóico — até porque, lacanianamente, a idéia do ficcional não abriga em qualquer nível concessões à ilusão da autoria.

Para bem o apreender, convém observar de onde e como Lacan especifica o valor do termo ficção no seu pensamento: mantendo a devida e conveniente distância da teoria literária, apoia-se em peculiar leitura da obra filosófica de Jeremy Bentham.

> ***Fictitious** ne veut pas dire illusoire, ni en soi-même trompeur. ... **Fictitious** veut dire fictif, mais au sens où j'ai déjà articulé devant vous que toute vérité a une structure de fiction.*
>
> ...
>
> *... Le fictif, en effet n'est pas par essence ce qui est trompeur, mais, à proprement parler, ce que nous appelons le symbolique.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.21)

O fictício não é o ilusório porque o campo dos efeitos da linguagem é todo o campo desses nadas, as "coisas possíveis". O que ressalta no utilitarismo benthamiano é o papel da palavra como feitora de valores onde a coisa falta.

Lacanianamente, a ficção é concebida e construída no lugar em falta do real — em falta o lugar e o real — e portanto (devido à falta de determinação do lugar) não é de todo significável — ou seja, não é redutível ao que no simbólico seja imaginarizável. Logo, se se pretender encontrar na história da filosofia subsídios para esta elaboração, deve-se passar ao largo da auto-recuperação hegeliana da verdade no saber, solidária da identificação do real com o racional:

> *La vérité, c'est Kierkegaard qui la donne. C'est, non pas la vérité de Hegel, mais la vérité de l'angoisse qui nous mène à nos remarques concernant le désir au sens analytique.* (21-11-62)

De outra forma, como se poderia conceber a verdade como relação com a falta de objeto e, portanto, em função do desejo?

É também por isso que, assumido estritamente em nível "intradictivo", o "referente" passa a ser a verdade do desejo. Verdade do desejo que, na medida em que em certo sentido o desejo é a sua interpretação, é o desejo como verdade.

Dizer que o desejo é a sua interpretação importa em apontá-lo como verdade na estrita medida em que se possa expressá-lo significantemente, ou seja, formulá-lo em saber. A redução é cabível porque o psicanalista chega a identificar o desejo (inconsciente) ao desejo de saber:

> *... le désir (de savoir). C'est le désir inconscient tout court, dans sa structure.* (23-4-69)

Ora, do saber se verificou como a psicanálise o descobre não reprodutor de realidade que não a feita pelo (e afeita ao) deambular dicente. Por isso,

> *Que la vérité soit désir de savoir et rien d'autre n'est évidemment fait que pour nous faire mettre en question présisément ceci: s'il y en avait une vérité, avant...* (5-3-69)

Como sabidamente, no sentido, o relevante é a verdade[263], o sentido que põe o dicente sendo, de algum modo, é sempre a verdade do sujeito. Por isso, dado tanto a verdade — sentido feito significante — como o ser — significante feito sentido[264] — serem facetas do sentido, deve-se compreender

> *... le sujet en tant que marqué par le signifiant en présence de sa demande comme donnant le matériel, le code de ce discours véritable qui est le véritable discours de l'être à ce niveau.* (19-11-58)

O sujeito é marcado pelo significante que enuncia. Isto é, o sujeito enuncia o significante e enuncia-se pelo significante que articula em sua fala. É por isso que o discurso verdadeiro é o verdadeiro discurso do ser.

O discurso verdadeiro, sentido feito significante do sujeito, depõe o verdadeiro discurso do ser (sujeito).

Não é o ser que se põe como ponto de partida do sujeito. "Sujeito" não é uma interpretação do sentido do ser, mas antes é este que, graças a sua dependência (do) significante, propõe (e põe à deriva) um enunciante, logicamente anterior. Um enunciante que não precisa manter-se incógnito desde que se compõe com e como uma incógnita.

Obviamente o que aqui realmente importa não é nenhum significado dos termos "sujeito" ou "enunciante" — que, ao promovê-los a conceitos, confirmaria a sua subordinação ao ser —, mas tão somente o fato da dicção, secretora da presença e ausência do ser em todos e em nenhum sentido.

Não por outra razão, no nível psicanalítico importa menos a linguagem, geral, do que a fala, particular. É na palavra do sujeito que se encontram as letras que constituem o pessoal código que faz o ser falante[265].

Embora horizonte derradeiro e problemática filosófica por excelência, psicanaliticamente o ser se descobre com bastidores mapeáveis. Como questão, articula-se pelo significante, noção que, como se sabe, para Lacan de modo algum se reduz aos fonemas e às letras lingüisticamente reconhecidas, mas antes arquiteta e se entranha em todo o horizonte possível. Porém, a marca significante mínima — o traço (representante) do sujeito — não se confunde com a unidade mínima de sentido: posto que a unidade semântica mínima, o sentido feito, é função do significante — ou, mais precisamente, de vários significantes —, qualquer sentido depende já da articulação entre eles, e por isso são eles as células mínimas de causação do sentido, embora em si mesmos dele careçam[266].

> *... l'Un de sens ne se confond pas avec ce qui fait l'Un de signifiant.*
> *L'Un de sens, c'est l'être, l'être spécifié de l'inconscient...* (R. S. I., 21-1-75, Ornicar 5, p.105)

Cita-se a transcrição de uma sessão do seminário e portanto não há como deixar de levar em conta a alusão implícita à natureza desiderativa — a todos os títulos especificável como sexual — da origem do sujeito no saber inconsciente: "unidade de sentido" e "indecente", em francês, são homófonos. Trata-se de uma maneira de sublinhar que, da perspectiva psicanalítica, o ser vincula-se ao sexual[267].

Dado a empiricidade ser letra e a coisa (como falta) marcar o desejo, Lacan permite-se especificar mais restritamente o referente no plano do último, por meio dos significantes que do nada fazem sentido.

---

263 *... quand j'ai parlé de vérité c'est au sens que je me réfère.* (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE BÉVUE S'AILE À MOURRE: VERS UN SIGNIFIANT NOUVEAU, ORNICAR 17/18, p. 11)

264 Um mais meticuloso entendimento do dito ora solto depende de desenvolvimentos da Investigação que se guardam para o último capítulo da última Parte.

265 Falante porque o põe a falar e falante porque fala.

266 Nesta medida, *La vérité, ça implique déjà le discours.* (21-6-72)

267 Vide Quinta Parte.

Sendo a posição do sujeito posta por relação entre significantes — uma posição relativa entre significantes, sentido correspondente ao referente desejo, implicador do sujeito —, dado que a verdade se diz (por significantes), a referencialidade do sujeito se formula pela posição-presença de significantes, que é o saber.

Porém, nunca se reduz a um fechamento do saber:

> *... il n'y a pas de vérité qu'on puisse dire toute... La verité ne sert à rien qu'à faire la place où se dénonce ce savoir.* (NOTE ITALIENNE, Ornicar 25, p.11)

Enquanto mira do desejo, o dito enformante deduz-se palavra enunciante da verdade subjetiva (do desejo). Verdade da posição (significante) que o sujeito ocupa em relação à falta de objeto. Nem por isso — como saber em posição de verdade, dependente da discursividade — o desejo se reduz plenamente ao simbólico. É por isso que convém, relativamente ao sistema do significante, pensar a verdade como o seu limite;

> *... vérité qui est celle que nous interrogeons dans l'inconscient comme défaillance créatrice du savoir, comme pointe origine du désir de savoir, mais c'est le schéma qui vient d'un savoir condamné à n'être en quelque sorte jamais que le corrélat de cette défaillance...* (23-4-69)

A verdade a um tempo só é a pontuação que delimita um sentido[268] e é limitação que a este faz insuficiente, perpetuando o desejo. Pode mesmo apresentar-se como a coisa que escapa à ação de (e do) saber:

> *Il n'y a que ce qui résiste à l'opération du savoir faisant le sujet, à savoir ce résidu qu'on peut appeler la vérité.* (29-11-67)

Nesta acepção, na fronteira do saber — no limite do simbólico —, a verdade avizinha-se do real: a verdade sobre o saber é que o saber não se sabe. É por isso que a verdade se apresenta mantendo acesa a chama do desejo de saber, e não satisfazendo-o:

> *... ce qui est le plus communément reconnu de ce qu'il en est de la conquête analytique, qui est ceci: que nous savons que quelque part — en cette part que nous appelons inconscient — une vérité s'énonce qui a cette propriété que nous n'en pouvons rien savoir. Ceci, j'entends ce fait même, c'est là ce qui constitue un savoir.* (5-3-69)

Em verdade, o único saber articulável sobre o inconsciente é o asseguramento do não saber:

> *Ceci veut dire que le savoir sur l'inconscient, à savoir qu'il y a un savoir qui dit "il y a quelque part une vérité qui ne se sait pas" et c'est celle qui s'articule au niveau de l'inconscient, c'est là que nous devons trouver la vérité sur le savoir.* (26-2-69)

Embora seja saliente a distinção entre saber e conhecimento — reservando-se a pretensão de captura do objeto para o segundo —, não é menos notório que algo que assegura a irredutibilidade entre ambos é o fato do primeiro se manter inconsciente. Recorde-se que o saber inconsciente, articulação significante não explicitada, mais do que fornecer as coordenadas de localização do eu, é o modo de ser subjetivo. Logo, o desejo de saber — no limite potenciando-se como saber do desejo — aponta para a superação da cisão subjetiva e, dado esta ser consubstancial ao eu, erige a fantasia da supressão de si. Como o que se ergue contra tal ameaça é a desiderabilidade — à primeira vista, paradoxalmente —, a mesma apresenta-se inerentemente conflitante:

---

268 *Un savoir en tant que vérité – cela définit ce que doit être la structure de ce que l'on appelle une intérpretation.* (LE SÉMINAIRE – LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.39)

... le désir précisément se soutient de la crainte de se perdre lui-même... (27-4-66)

Note-se o termo ("**crainte**") empregue por Lacan. Não se trata de angústia, avizinhamento do real (sem sentido), mas do transitivo temor, já comportador de uma interpretação e portanto "apontador" de uma ficção. A mesma citação, se trabalhada com esse fito, permite esclarecer o sustentáculo imaginário do desejo — o temor em deixar de ser —, mas neste momento do trabalho não se insiste nessa vertente[269]. Quanto à verdade, que agora importa, o interessante neste detalhe é observar como o sujeito, por desconhecimento de causa, se escora em perigos irreais. Exatamente por não sabê-la, não sabe que não corre tal perigo por, estruturalmente, enquanto identidade consigo mesma, verdade da verdade, ser inconcebível saber o desejo de saber. Precisamente por isso, relativamente à sua incidência no dito, o autor se obriga a cindir a abordagem da verdade. Não é "toda" e, portanto, é pouco verdadeira...:

> *La façon la plus claire dont se manifeste la vérité, c'est le mensonge...* (OUVERTURE DE LA SECTION CLINIQUE, Ornicar 9, p.11)

A transparência obrigatoriamente veraz, o estilo dos anjos, passa muito ao largo do que se cuida no inconsciente... Haja vista a pouca paciência dedicada pelo analista a perquirições quanto à verdade da verdade:

> *Il y a quelqu'un qui, dans un temps, m'a interpelé, disant: Pourquoi ne dit-il pas le vrai sur le vrai? Eh bien, il ne dit pas le vrai sur le vrai, parce que dire le vrai sur le vrai, c'est dire: C'est un mensonge.* (LE SINTHOME, 11-5-75, Ornicar 11, p.8)

Exatamente por se constituir no limite, como feitura de um ser sujeito a certo instante lógico, a verdade se põe no lugar que fala e em nada se adequa a ser falada. É ao que Lacan atende no escrito LA CHOSE FREUDIENNE, pondo a verdade a falar na primeira pessoa. Não se trata de empreendimento lúdico, mas de exacerbação "literária", ressaltadora de descoberta psicanalítica das mais fundamentais:

> *<<Je suis donc pour vous l'énigme de celle qui se dérobe aussitôt qu'apparue, hommes qui tant vous entendez à me dissimuler sous les oripeaux de vos convenances. Je n'en admets pas moins que votre embarras soit sincère, car même quand vous vous faites mes hérauts, vous ne valez pas plus à porter mes couleurs que ces habits qui sont les vôtres et pareils à vous-mêmes, fantômes que vous êtes. Où vais-je donc passée en vous, où était-je avant ce passage? Peut-être un jour vous le dirai-je? Mais pour que vous me trouviez où je suis, je vais vous apprendre à quel signe me reconnaître. Hommes, écoutez, je vous en donne le secret. Moi, la vérité, je parle.* (LA CHOSE FREUDIENNE — ÉCRITS, p.408/9)

Numa análise, a verdade fala por ela mesma. Ressalta aos ouvidos devidamente treinados na modéstia de saber não conhecer. Aliás, do contrário a prática analítica se reduziria a alguma "filosofia aplicada":

> *Mais la chose, tout de même très extraordinaire, que nous révèle Freud: c'est que cette chose très différente de la réalité et qui s'appelle la vérité, a une action par quoi elle est indépendante de ceux qui font profession de sa recherche.* (DIALOGUE AVEC LES PHILOSOPHES FRANÇAISES, Ornicar 32, p.10)

Se, para além da verdade falar, fosse possível dizer a verdade, o mesmo seria dizer o desejo (de saber), e o sujeito se aniquilaria. O temor da perda de si redundaria em perigo real.

A psicanálise, como se vem expondo, não tem a vocação de inventar um sentido do ser e menos ainda de se pôr a falar da verdade. Nas suas circunstâncias, com isso apenas reeditaria

---

269 Mais ampla e nuclearmente o desejo é abordado em capítulo vindouro, o terceiro desta Quarta Parte.

uma versão "neo" da sofistica — pelo menos da sofistica carregada dos tons negativos com que, desde Platão, se coloriu aos olhos da tradição pensante. Pelo contrário, o seu procedimento é o de deixar falar, e com tanto deixá-la dizer-se.

Por razão similar, o fácil recurso à simetria não tem qualquer cabimento: se a verdade diz eu, porventura "eu" sempre refere a verdade?

> *... la vérité parle "je", mais la réciproque n'est pas vraie, tout ce qui parle "je" n'est pas la vérité, où irions-nous sans cela?* (4-12-68)

O absurdo é suficientemente óbvio para que se economizem comentários.

Um dos ônus de descobrir o sujeito em posições antes insuspeitas é pôr entre parênteses a conformação do sentido ao significado, principalmente sempre duvidando do referente suposto a "eu". Embora a verdade se diga na enunciação, quase nunca lá está como sujeito do enunciado.

Uma síntese cabível do ponto ora tratado — a posição da verdade a partir do inconsciente — poderia resumir-se na postulação de que, pela verdade, o sujeito se posiciona como desejo de saber, barrado pela verdade do desejo:

> *Le désir, dès son apparition, son origine, se manifeste dans cette intervalle, cette béance qui sépare l'articulation pure et simple, langagière de la parole, de ceci qui marque que le sujet y réalise quelque chose de lui-même qui n'a de portée, de sens que par rapport à cette émission de la parole et qui est à proprement parler ce que le langage appelle son être.* (12-11-58)

O mesmo é dizer que a verdade, referente do desejo, surge no limite como referível ao real e dependente do discurso:

> *Réel ou vrai? Tout se passe, à ce niveau tentatif, comme si les deux mots étaient synonimes. L'affreux, c'est qu'ils ne le sont pas partout. Le vrai c'est ce qu'on croit tel. La foi, et même la foi religieuse, voilà le vrai, qui n'a rien à faire avec le rèel.* (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE BÉVUE S'AILE À MOURRE, 14-12-76, Ornicar 12/3, p.11)

Se por um lado verdade e real se avizinham vertiginosamente, por outro há subsídios que permitem discerni-los.

Há pouco referiu-se a verdade no limite do simbólico, relativamente ao real. Um limite que disjunta real e verdadeiro, até porque de alguma maneira o verdadeiro, comprometido com o sentido do desejo e com o ser sujeito, põe em causa (o sentido) — algo que definitivamente se exclui de associação com o real.

O real, perdido, não se recupera com a somatória dos traços pelos quais o sujeito se marca existente. A integralização do universo significante só imaginariamente alcançaria a restauração de uma unidade, que seria uma anulação (do desejo). Não obstante, como este se apresenta intentando reunificar cisões, freqüentemente surge imerso em significações da ordem do imaginário da religação: a força da fé é a pregnância do desejo. Por isso, a ocasião faz a oportunidade, mesmo a necessidade, de um breve esclarecimento das ponderações lacanianas a respeito das conexões da psicanálise com a religião.

O lacaniano labor a este propósito meramente retoma a intenção de Freud de, por meio da psicanálise, viabilizar uma crítica veraz da religião. É importante esclarecer este ponto, para restabelecer a verdade do desejo que pode habitar algumas leituras, assimiladoras do psicanalista — favorável ou detrativamente, mas sempre equivocadamente — a projetos que ambicionem, com a psicanálise, interpretar ou resguardar a religião.

> *... il est claire que l'analyse se place sur le même terrain que la religion et est absolumment incompatible avec les réponses données dans ce champ par la religion pour la raison propre qu'elle leur apporte une intérpretation différente. La psychanalise, au regard de la religion est dans une position essentiellement démystifiante.* (23-3-66)

A psicanálise estabelece-se sobre o mesmo campo que a religião porque ambas — a primeira, com conhecimento de causa — são diretamente lidadas pelo desejo. Por isso, é bem verdade que

> *La psychanalise, il faut bien le dire, tourne dans le même rond — c'est la forme moderne de la foi, de la foi religieuse.* (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE BÉVUE S'AILE À MOURRE, 14-12-76, Ornicar 12/3, p.11)

Psicanálise e religião trafegam na mesma via, a da palavra, abrigo da verdade. Porém, quanto à ilusão — melhor dizendo, à ficção — imanente à fala, caminham em direções contrárias.

O psicanalista não desconhece o quanto a alteridade como palavra, tão cultivada pela religião, só pode exprimir o desejo. Desejo do Outro, ... *cet Autre qui est justement le Dieu des philosophes*...[270], Outro em que em várias acepções se pode reconhecer o Deus da especulação.

Outro especulador, tanto ao gosto do infantil — como alteridade especular (cujo primeiro avatar, no estádio do espelho, seria a mãe) —, quanto como antecedência suposta ao uso da fala, como lugar e guarda da palavra.

A respeito do Outro, o psicanalista admite que

> ... *n'est pas si facile à éliminer qu'on le croit, puisqu'en réalité il reste stable à l'horizon assurément en tout cas là de toutes nos pensées...* (4-6-69)

A admissão da dificuldade reporta-se a uma circunstância praticamente inevitável. Uma ilusão verdadeiramente necessária, a respeito da qual há que sublinhar o necessário:

> ... *ce Dieu dont il s'agit, se désigne de ceci qu'il parle ... le Dieu qui se définit par son rapport à la parole, c'est bien un Dieu qui parle.* (4-6-69)

Dada a presença da palavra, sempre é cabível supor Outro, dicente e (como testemunha) escutante:

> ... *ce qui est implicite, c'est que, quoi que vous disiez, il y a l'Autre, l'Autre qui sait ce que ça veut dire.* (4-6-69)

Porém, a palavra por si mesma, condição de garantias, não tem credenciais para garantir algum garante:

> *Partons de la conception de l'Autre comme du lieu du signifiant. Tout énoncé d'autorité n'y a d'autre garantie que son énonciation même, car il est vain qu'il le cherche dans un autre signifiant, lequel d'aucune façon ne saurait apparaître hors de ce lieu. ... aphoristiquement: il n'y a pas d'Autre de l'Autre.* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.813)

Alçando-se a profeta da impostura dos profetas, Lacan assegura não haver Outro do Outro. Todavia, sabedor de que qualquer concessão a garantias, mesmo a esta (garantia da falta de garantias), é ater-se a uma posição que se condena ao estabelecimento de uma fé (contrária à fé), tempera com um agnosticismo cauteloso a imprudência da fidelidade à tese (que já encontra em Freud) da religião como ilusão:

> *Le manque dont il s'agit est bien ce que nous avons déjà formulé: qu'il n'y ait pas d'Autre de l'Autre. Mais ce trait du Sans-Foi de la vérité, est-ce bien là le dernier mot qui vaille à donner, à la question: que me veut l'Autre?, sa réponse, quand nous, analystes, en sommes le porte-parole? — Sûrement pas, et justement en ce que notre office n'a rien de doctrinal. Nous n'avons à répondre*

---

270 (4-6-69)

d'aucune vérité dernière, spécialement ni pour ni contre aucune religion. (SUBVERSION DU SUJET ET DIALÉCTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.818)

A personificação do sujeito suposto do conjunto dos efeitos da linguagem, o Deus da teologia e da filosofia[271], nada O assegura para que por sua vez nos possa assegurar existentes. O empenho em prol da existência (de Deus), psicanaliticamente reflete menos uma especial consideração pelo Criador do que a angústia da criatura com a falta de garantias em ser.

Se fosse possível garanti-Lo, poder-se-ia suprimir a castração e superar a cisão subjetiva, e até estancar o desejo, contra o que se ergue toda a experiência do inconsciente. Por sua vez, a garantia negativada, o ateísmo, em vez de resolver o problema participa da mesma lógica, apenas invertendo a fé. Além disso, esta alternativa desperdiça o lucro secundário comportado pelo sintoma, pois se de alguma maneira, objetivamente, o fictício é o ilusório, não é menos verdade que, subjetivamente, é o verdadeiro.

A vontade de garantias e a carência delas como verdade, a situação da psicanálise, é excepcionalmente propícia para revelar na Revelação — ... *la dimension de la Révelation comme telle, à savoir de la parole comme porteuse de vérité...*[272] — as leis do desejo, que são as leis do significante, impulsionado pelo verdadeiro **logos** feito carne, a pulsão. O psicanalista ilustra-o em múltiplos lugares, que seria tedioso listar[273].

De qualquer modo, um dos mais importantes subprodutos do exame desta problemática certamente é a reatualização da reflexão sobre a psicanálise em paralelo com o contexto, a ciência, com o qual é mais habitual associá-la. A ora evidenciada corajosa aproximação da disciplina com a religião significa localizá-la em terreno drasticamente incompatível com aquela pretensão. Tal concepção, se de imediato exclui a psicanálise da ciência, deixa em suspenso o seu estatuto que, como se viu, ainda que com fundações no campo do Outro, não obedece à arquitetura da fé religiosa.

Por isso, aproveitando a deixa (e com o suficiente cabedal proporcionado pelo adentramento na ordem do psicanaliticamente ontológico), é conveniente e necessário, de uma vez por todas, esclarecer a posição da psicanálise em relação à ciência[274].

43. CIÊNCIA E PSICANÁLISE

Desde sempre, algo que na ciência seduz a Lacan é um aspecto aparentemente menos essencial: a sua publicidade, na acepção de ser pública. Decididamente não o fascinam os circuitos fechados, a transmissão restrita, o acoitamento protetor de verdades duvidosas em estufas, que desconfia em geral serem feitos para acobertar os seus "servidores". Ele próprio vítima de exclusão com base em critérios pouco afins com a sã competição entre idéias, aprende às próprias custas o alto preço para a pesquisa que resulta da sua restrição a meios acanhados, impróprios ao exercício franco de um diálogo em que, com liberdade, a verdade possa tornar-se interveniente bem vinda.

É bem certo que algo da experiência analítica se restringe aos que a ela se submetem, mas não é menos fato que a isso se limita o que é da ordem do privado. Mesmo entre analistas a exigência de análise não substitui a formação teórica. Quanto a este aspecto, inerentemente evidenciador de alguma comunicabilidade, não se vê porque burocraticamente restringi-lo a alguns. Mais ainda quando os adeptos do enclausuramento, não obstante a sua vivência, são

---

271 A não confundir com a numinosidade dita pagã, segundo Lacan modo primordial de aparição do real:
... les dieux, c'est bien certain, appartiennent au réel. Les dieux, c'est un mode de révélation du réel. (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.58)

272 (4-6-69)

273 Como "bom" ocidental, enfoca-o especialmente nas vertentes judaica e cristã, ignorando o Islão.

274 Empreendimento que tem, como sua outra faceta, a solidária consideração da situação da ciência a partir da psicanálise.

os primeiros a, em se adotando como padrão o rigor com que o francês o explicita, terem dificuldades para dar conta do papel do analista numa análise.

Segundo Lacan,

> *... l'analysant analyse* ***avec*** *cette merde que lui propose en la figure de son analyste l'objet "a".* (21-6-72)

A cabal decifração desta síntese relativa à posição do analista requer o contexto das teses de Lacan sobre objetalidade, cuja explanação adiante se aprofundará[275], mas já se iniciou em partes anteriores deste estudo, primeiramente de maneira geral, e progressivamente atendendo ao relevante para a conceituação do objeto humano.

Este subcapítulo debruça-se sobre uma linha de reflexão desde então tornada cabível, e mesmo necessária, mas apenas agora possível, quando as lacanianas crítica do conhecimento e reflexão sobre o ser estão minimamente introduzidas. Estão dadas as condições para se empreender a investigação da atitude lacaniana perante a ciência, preocupação em nada distante das motivações do pensador:

> *L'esprit et le but de notre enseignement visent une mise en question de la situation de la psychanalyse dans sa relation aux sciences, et en même temps à la formation des psychanalistes.* (NOTES EN ALLEMAND, Ornicar 42, p.11)

Não é por acaso que a temática da transmissão se associa ao exame das condições de cientificidade da psicanálise. Na medida em que a transmissão cabal depende do ato analítico, é na natureza intrínseca deste que se descobre um modo de operar suficientemente distinto do associado à cientificidade, para ser decisivo quanto à extração de conseqüências sobre o elo entre aquela e a psicanálise:

> *... l'analyste agit moins par ce qu'il dit et par ce qu'il fait, que par ce qu'il est.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.368)

Com tanto se depreende o teor do vínculo entre a reflexão sobre a situação da psicanálise relativamente ao campo das ciências e as condições da sua transmissão. A redução do analista (no discurso que lhe é próprio) à **res** é suficientemente veemente para que não pairem dúvidas quanto à necessidade de efetivamente se "in-corporar" a função dessa coisa em que o sujeito se faz desejar; situação bem diferente da do sujeito do conhecimento, perante o qual são as (outras) coisas que se objetivam. Ao extremo do autor especificar neste particular o que também alguma vez, mais genericamente, caracterizou como (falta de) natureza ética do inconsciente:

> *C'est à l'analyste, et seulement à lui, que s'adresse cette formule que j'ai si souvent commentée, du* ***Wo es war, soll Ich werden****... C'est là où c'était le plus de jouir, le jouir de l'autre, que moi, en tant que je profère l'acte psychanalytique, je dois venir.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.59)

Cabe analisar as conseqüências de tais circunstâncias, sem a pretensão de (devido à constatação de tanta ênfase quanto à subordinação do ser analista à natureza do objeto do desejo) esgotar ou excluir outros patamares (não incompatíveis com este) de interpretação desta indicação, tão importante, que se recebe de Freud nas NOVAS CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS SOBRE PSICANÁLISE[276]. De qualquer modo, circunstâncias para o psicanalista suficientemente preocupantes, a ponto de incessantemente o ocuparem na sua obra.

---

275 Vide, nesta Parte, o terceiro capítulo.

276 Mais precisamente, do parágrafo final da trigésima primeira conferência.

Se permanentemente oscila entre a exclusão da psicanálise da ciência e a redefinição desta de modo a rigorosamente poder incluir aquela, o faz porque (quase) se trata de questão de terminologia:

> *Permanente donc restait la question qui fait notre projet radical: celle qui va de:* ***la psychanalyse est-elle une science?*** *à:* ***qu'est-ce une science qui inclut la psychanalyse?*** (Résumé rédigé pour l'annuaire de l'École pratique des Hautes Études, 1965[277])

Não obstante, à primeira vista a psicanálise se restringe a ser um pouco menos que ciência:

> *La psychanalise, je dois le rappeler en préambule, est une discipline qui, dans l'emsemble des sciences, se montre à nous avec une position vraiment particulière. On dit souvent qu'elle n'est pas une science à proprement parler, ce qui semble impliquer par contraste qu'elle est tout simplement un art. C'est une erreur si on entend par là qu'elle n'est qu'une technique, une méthode operationnelle, un emsemble de recettes. Mais ce n'en n'est pas une, si on emploie ce mot, un* ***art****, au sens où on l'employait au moien-âge quand on parlait des arts libéraux...* (LE MYTHE INDIVIDUEL DU NÉVROSÉ, Ornicar 17/18, p.291)

Tal limitação, a sua delimitação como excluída do âmbito da cientificidade, ainda que sem a restrição ao técnico (na acepção contemporânea), em vez de déficit, de algum modo a valoriza. Associa-a ao brilho das coisas antigas, ungidas com o prestígio do artesanal, anteriores à produção em série. Vincula-a com uma classe de experiências em que o estilo, o manejo da palavra, e portanto o manejo do operador, são fundamentais:

> *... la psychanalyse est actuellement la seule discipline peut-être qui soit comparable à ces arts libéraux, pour ce qu'elle préserve de ce rapport de mesure de l'homme à lui-même — rapport interne, fermé sur lui-même, inépuisable, cyclique, que comporte par excellence l'usage de la parole.*
>
> *C'est bien en quoi l'expérience analytique n'est pas décisivement objectivable.* (LE MYTHE INDIVIDUEL DU NÉVROSÉ, Ornicar 17/18, p.292)

Como sempre, eis o terreno em que Lacan não se ilude. A psicanálise tem de caber a um campo em que palavra e sujeito caibam, chame-se-o ou não de ciência.

Por outro lado, como não é novidade, os desarranjos implicados pelas conseqüências da análise da subjetividade inaugurada com a psicanálise, de algum modo, no fundo, tornam esta caracterização compartilhável com todas as esferas de interesse humano, além da científica. Pois, no curso da coerente e radical tematização do inconsciente promovida pelo pensador, descobre-se na palavra o meio da realidade:

> *... la réalité découle très précisément du dire.* (21-6-72)

Bem entendido, a realidade à luz do inconsciente. Nem por isso, na prática, para todos os outros efeitos, a obviedade tão aparentemente natural da realidade no dia a dia — apenas prejudicada, e ao preço de grande sofrimento, em circunstâncias de descalabro psíquico — precisa deixar de ser imediatamente percebida tal como está enunciada:

> *C'est bien dans cette perspective qu'on peut dire que ce que nous appelons la réalité, la réalité naturelle, nous pouvons la prendre au niveau d'un certain discours et je ne recule pas à pretendre que le discours analytique ne soit celui-là.* (19-4-72)

De qualquer modo, porque a psicanálise comporta a maior atenção ao sujeito, suas descobertas não podem restringir-se setorialmente ao seu campo:

---

277 Reproduzido da contracapa do Livro XI do Seminário.

La réalité, nous pouvons toujours la prendre au niveau du fantasme. Ce réel dont je parle et dont le discours analytique est fait pour nous rappeler que son accès c'est le symbolique, le dit réel, c'est dans et par cette impossible que ne définit que le symbolique que nous y accédons. (19-4-72)

É a linguagem, a palavra no seu conjunto e nos seus efeitos, que permite definir um horizonte (lógico) do impossível, no qual se confina a impossibilidade de acesso ao real em si mesmo. Por uma delimitação que, paradoxalmente, é o que se indica como acesso único ao real, desde que qualquer outro, se possível, seria desrealizante.

Como essa descoberta, insiste-se, não se limita à especificidade da circunstância psicanalítica, por esta incluir o sujeito e uma crítica do conhecimento, universaliza-se em todos os âmbitos em que estes sejam invocados.

Por este contexto, a pretensão de objetividade, rigor e empiricidade pleiteáveis pela disciplina psicanalítica, até por esta esclarecer as condições da pretensão de aceder ao real, não é mais delirante[278] que a ilusão do conhecimento em geral:

C'est dans la mesure où le signifiant ne vous arrête pas que vous comprenez. Or comprendre, c'est être toujours compris soi-même dans les effets du discours, lequel discours en tant que tel ordonne les effets du savoir déjà précipités par le seul formalisme du signifiant. (4-5-72)

Porém, e é para isso que se averiguaram os termos psicanalíticos do significante, isso não lhe confere maiores privilégios no imaginário. Note-se:

La psychanalyse n'est ni une ***Weltanschauung****, ni une philosophie qui prétend donner la clé de l'univers. Elle est commandée par une visée particulière, qui est historiquement définie par l'élaboration de la notion de sujet. Elle pose cette notion de façon nouvelle, en reconduisant le sujet à sa dépendance signifiante.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.73)

Ainda assim, a admissão do inconsciente proporciona uma crítica das condições da realidade, o dizer, que de algum modo é toda a realidade possível. Por isso, num acesso de ênfase, sublinhando temerariamente o sentido do seu trabalho, o psicanalista ousa afiançar que,

Si étonnant que cela puisse paraître, je dirai que la psychanalyse, soit ce qu'un procédé ouvre comme champ à l'expérience, ***c'est*** *la réalité.* (DE LA PSYCHANALYSE DANS SES RAPPORTS AVEC LA RÉALITÉ, Scilicet 1, p.51)

Portanto, se valer a pena re-significar ciência para incluir as conseqüências da admissão do inconsciente, nada terá mais direito do que a psicanálise a nela ser incluída. Mais ainda por, com o depoimento da matéria significante que lhe é próprio, desvendar o vínculo profundo entre real e sujeito, destrinchando a arquitetura da cena da realidade a tal ponto que a descrição que a análise proporciona da experiência da mesma é isomorfa da sua construção.

Detalhando: se por um lado a disciplina psicanalítica tem em comum com as científicas a especificação de um objeto, por outro (dado ser o seu o protótipo de toda e qualquer objetalidade) ocupa uma posição privilegiada na demonstração das condições de verdade da cientificidade:

Tant que nous n'avons pas reconnu que cet objet de la castration c'est l'objet même par quoi nous nous situons dans le champ de la science, je veux dire que c'est l'objet de notre science comme le nombre ou la grandeur peuvent être l'objet de la mathématique, la dialectique de l'analyse, non seulement sa dialectique, mais sa pratique, son rapport même et jusqu'à la structure de sa communauté resterons en suspens. (27-6-62)

---

278 *La psychanalyse est une pratique délirante, mais c'est ce qu'on a de mieux actuellement pour faire prendre patience à cette situation incommode d'être homme.* (OUVERTURE DE LA SECTION CLINIQUE, Ornicar 9, p.13)

A (falta de) natureza intrínseca ao objeto, Lacan é insistente, ao ser ignorada precipita uma série de efeitos dramáticos sobre o exercício da psicanálise, e em todos os níveis: tanto o dialético como o prático, e mesmo no plano da organização das sociedades de analistas.

O estudo e a prática psicanalíticos, bem como os vínculos sociais em seu torno construídos, em hipótese alguma podem pensar-se dissociados do que está em jogo, ninguém se excluindo da sua incidência. O objeto está fora da alçada de qualquer determinação egóica e contra isso nem o "conhecimento" da psicanálise nem a "didática" da análise (didática) se constituem em vacinas, pois, quanto ao desejo, o psicanalista não deve alegar inocência.

Ressalte-se que o objeto da castração, o objeto perdido, em psicanálise é objeto precisamente na sua condição de impossível, e também por isso interdita-se qualquer veleidade psicologizante[279]. Como negativo da objetalidade (e por isso mesmo desiderativamente investido), em todas as circunstâncias em que o significante o posicione traz para o primeiro plano o ser sujeito. Mesmo na feitura da ciência em geral, e de cada uma em particular.

De que maneira? Ao mesmo tempo que faz a psicanálise — por incluir como as ciências um objeto que lhe é específico — partilhar do destino da cientificidade, simultaneamente desvela uma espécie de verdade da cientificidade. O que com esta genericamente se descobre na posição formal de referência objetal é o objeto de que especificamente se trata em psicanálise. Por isso, embora potencialmente permitindo à psicanálise satisfazer uma condição da cientificidade — o assinalamento de um objeto próprio —, não o faz adendando-a como uma disciplina a mais entre outras.

Em suma, o protótipo da objetalidade, denominado de "a", é o verdadeiro objeto da psicanálise. Objeto também em que a um só tempo se conciliam o paradigma da função objetal na experiência da subjetividade e, por isso mesmo, o sujeito do interesse científico psicanalítico:

> *... le petit "a"... est à la fois a proprement parler ce qui peut permettre de concevoir la fonction de l'objet dans la théorie analytique, à savoir cet objet qui dans la dynamique psychique est ce qui structure pour nous tout le procès progressif-régressif, ce à quoi nous avons affaire dans nos rapports du sujet à sa réalité psychique, mais est aussi notre objet, l'objet de la science analytique.* (27-6-62)

De todo o modo, o que nesta perspectiva de análise se patenteia é a ambigüidade da caracterização da psicanálise como ciência. Assim pode ser entendida desde que se redefina cientificidade, bem como também, na outra hipótese, dela pode excluir-se. A especificidade da disciplina psicanalítica, devida principalmente à peculiaridade do seu objeto[280], ora a apresenta fora e aquém, ora a situa dentro e além do campo científico.

Mais frutífero (em termos do acercamento de decisões menos imprecisas) é abordar este ponto de outro ângulo, cuja possibilidade é aberta com o entendimento do privilégio da psicanálise em relação ao esclarecimento, ora esboçado, da objetalidade. A saber, não mais tratando de refletir a questão sob o prisma da inclusão da psicanálise na ciência, mas sim pelo enfoque do esclarecimento que a psicanálise permite da ciência.

A psicanálise é uma prática de tagarelice que, por mobilizar e esclarecer a palavra, permite reposicionar à luz da linguagem os termos da cientificidade. No mais recôndito das pretensas representações de coisas, materialmente apenas se encontra o significante:

> *Ignorez-vous que l'énergétique, ce n'est pas autre chose, quoi qu'en croient les coeurs ingénus d'ingénieurs, que le placage sur le monde du réseau des signifiants?* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.54)

Aqui não se sustenta algo que seja propriamente uma novidade. O autor apenas aplica à credulidade dos mais ingênuos militantes da ciência, e portanto à compreensão menos prevenida da mesma, o que o percurso da sua análise permitiu verificar. As coisas, na sua

---

279 *... cet objet est un objet de la logique.* (27-6-66)

280 Mais detalhadamente examinada no subcapítulo 50.

realidade real, são incapturáveis. No seu lugar residem ficções que falam do desejo do sujeito, e por isso não é necessário ser adivinho para, a partir da impossibilidade de a cumprir no patamar de rigor epistemológico em que intenta alicerçá-la, prever o destino da cientificidade, tão cara a Lacan, e que tão meticulosamente a sua paixão pela verdade obriga a repensar. Destino cujo vaticínio se augura em sessão do ano do seminário significativamente denominado LE MOMENT DE CONCLURE:

> *L'important est que la science elle-même n'est qu'un fantasme et que l'idée d'un réveil soit à proprement parler impensable.* (LE MOMENT DE CONCLURE: UNE PRATIQUE DE BAVARDAGE, Ornicar 19, p.9)

A ciência é um fantasma porque a natureza dos seus objetos é "fantasiosa", ou se se preferir, porque a "natureza" dos seus objetos é a fantasia.

O mesmo é dizer que a ciência expressa o desencontro com o real, pelo qual o sujeito vê-se às voltas com letras:

> *L'homme sait plus qu'il ne croit savoir. Mais la substance de ce savoir, la matérialité qui est dessous, n'est rien d'autre que le signifiant en tant qu'il a des effets de signification.* (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE-BÉVUE S'AILE À MOURRE, 14-12-76, Ornicar 12/3, p.7)

Quase que ironicamente, Lacan invoca a noção de substância para esvaziá-la em ser efeito de significante. A materialidade é a literalidade e nessa medida reduz-se o real a saber, sem conhecimento. O real reduz-se a saber, não em razão de que se conheça ou reconheça que seja saber, mas porque apenas se alcança o significante. Afasta-se pois qualquer pretensão propriamente dita à cognoscibilidade:

> *La science est ce qui se tient, dans son rapport au réel, grâce à l'usage de petites lettres.* (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES, Scilicet 6/7, p.26)

Logo, no vazio da perda (desde sempre) do real, em lugar da representação de coisas pré-existentes e com o poder de ficção que as letras lhe conferem, a ciência redunda na sua feitura fantasiosa:

> *... la caractéristique de notre science n'est pas d'avoir introduit une connaissance du monde meilleure et plus étendu, mais d'avoir fait surgir un monde des choses qui n'y existaient d'aucune façon au niveau de notre perception.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.184)

Nessa produção, por subordinada a leis lógicas precisas, assaz incompatíveis com arbitrariedades, nada pode contabilizar um progresso, e muito menos se pode presumir um avanço rumo a uma descrição de estados de coisas mais verdadeiros.

Em síntese, a cientificidade não apenas não dá conta da psicanálise, como é esta que, na medida em que o significante se suporta da enunciação, em derradeira instância pode explorar seus determinantes em níveis que lhe são inacessíveis. Alça-se o fantasma de se haver encontrado, com a psicanálise, um substituto feliz da filosofia da ciência: uma vertente de determinação do valor e alcance dos enunciados teóricos de maneira mais rigorosa e (literalmente) empírica. Levanta-se a expectativa de fazer da psicanálise uma meta-ciência.

Pois se para ambas, psicanálise e ciência, o real está perdido, não é menos verdade que as condições dessa verdade, e portanto de todas, estariam sob a responsabilidade da primeira. Com tanto, introduz-se uma importante cisão entre o campo do real e o campo da verdade.

O "a"-substancial em que se configura o real, cuja única alusão inteligível é proporcionada como região demarcável pela literação, e portanto suscetível de ocasionar significações e sentidos, vai ser batizado pelo psicanalista.

*Ce lieu, ne l'appelons certainement pas la noosphère, qui serait peuplée de nous-mêmes. ...Mais en vous servant de l'**alèthéia** d'une façon qui, j'en conviens, n'a rien d'émotionnellement philosophique, vous pourriez, sauf à trouver mieux, l'appeller l'**alèthosphère**.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.187)

A "aletosfera" é a região "a"-substancial da situação do significante. Situação que, sem deixar de em si mesma ser o próprio significante, se incorpora em existências, aventuras e horizontes humanos que, só imediatamente, imaginariamente, se afiguram substantivamente consistentes:

L'alèthosphère, cela s'enregistre. Si vous avez ici un petit micro, vous vous branchez sur l'alètosphère. Ce qu'il y a d'épatant, c'est que si vous êtes dans un petit véhicule qui vous emmène vers Mars, vous pourrez toujours vous brancher sur l'alèthosphère. Et même, ce surprenant effet de structure qui fait que deux ou trois personnes sont allées se balader sur la Lune, croyez bien que, pour ce qui est de l'exploit, ce n'est certainement pas pour rien qu'elles restaient toujours dans l'alèthosphère. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.188)

Como a única Terra em que o sujeito põe os pés é o pé da letra sua representante, qualquer Lua em que se compreenda necessariamente está compreendida pelo significante. Não é à toa que Lacan se define por

... la priorité qui revient aux traits structuraux, dans tout essai d'atteinte ontique. (Résumé rédigé pour l'annuaire de l'École pratique des Hautes Études, 1965[281])

Neste contexto não parece de todo absurdo, pelo caminho da esfera da verdade, pensar-se afinal assegurado um terreno (formalmente) firme para a cientificidade e, quiçá, para uma psicanálise científica. Resta averiguar se o mérito crítico da disciplina, pelo esclarecimento da vivência da realidade por meio do significante como experiência subjetiva, tolera a associação com a cientificidade ora redefinida:

Le champ qui est le nôtre pour autant que nous l'explorons se trouve faire de quelque façon l'objet d'une science. La science du désir, allez-vous me dire, va-t-elle entrer dans le cadre des sciences humaines? (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.373)

Para se poder consumar tal esperança não é bastante que a verdade, sendo, opere. Seria necessário que se a pudesse refletir operativamente, com o que se tropeça na assimetria entre a verdade falar e o dizer a verdade, mesmo que quem diga seja a verdade...

Não é o caso:

L'alètosphère, c'est beau à dire. C'est parce que nous supposons que ce que j'ai appelé la vérité formalisée a déjà suffisamment statut de vérité au niveau où elle opère, où elle operçoit. Mais au niveau de l'opéré, de ce qui se promène, la vérité n'est pas du tout dévoilée. La preuve en est que la voix humaine, avec son effet de vous soutenir le périnée, si je puis m'exprimer ainsi, ne dévoile pas du tout sa vérité. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.188)

Por operar com a linguagem como matéria, como prática a psicanálise está de fato imersa no núcleo da matriz do verdadeiro, inclusive na cientificidade. O estatuto da cientificidade se faz ao seu alcance.

Porém, tal alcance restringe-se ao limite do sentido, que faz o corpo gravitar em função do desejo (sexual). Aliás, um dos interesses da aventura psicanalítica é poder explorar os bastidores do desejo como "vontade" de conhecer.

Na medida em que a psicanálise é a disciplina que pode esclarecer a fantasia, por ela se antevê que o objeto (perdido) se registra pelos traços limítrofes significantes no e do intento

---

281 Reproduzido da contracapa do Livro XI do Seminário.

de **eu** se assegurar. O sujeito não sabe que, ao refletir o mundo, de fato apenas se reflete no mundo:

> *... ceci qui est resté au fond au culot de la psychanalyse comme un reste de la vieille théorie de la connaissance et rien d'autre, l'idée de la fusion autoérotique...* (5-1-66)

Desconhece que no conhecimento do objeto é si mesmo que se produz. Subjacente à posse do objeto, solidária do domínio de si, pela psicanálise se diagnostica o apelo do narcisismo.

É este gênero de narcisismo epistêmico que desideративamente sustenta o sucesso das geometrias dos sólidos perfeitos, em desatenção ao fato de que, no espaço, longe de se abrir um âmbito de completude para uma relação harmônica com o eu-objeto, o que acontece é um tecimento da realidade como imaginária. Graças à topologia, tal tendência pode ser contrariada e substituída pela admissão da aletosfera como um "lugar" onde a secção, o corte, marca como real o impossível da identidade do sujeito:

> *... la science s'avère distincte de toute théorie de la connaissance.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.186)

Como o eu, ainda que suscetível de interesse pelo sujeito, não é objeto, na ciência deve encontrar-se outra coisa. Por isso a psicanálise (também) é convocada a desempenhar um papel de destaque no diagnóstico da própria cientificidade:

> *... par le seul jeu d'une vérité formalisée — voilà que se construit une science qui n'a plus rien à faire avec les présupposés que depuis toujours impliquait l'idée de connaissance. A savoir, la polarisation muette, l'unification idéale imaginée de ce qu'est la connaissance, où on peut toujours trouver, de quelque façon qu'on les habille, **endosuné** par exemple, le reflet, l'image, d'ailleurs toujours ambiguë, de deux principes, le principe mâle et le principe femelle.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.185/6)

Interessadamente desinformada da verdade, desprevenida quanto ao fato das linguagens rigorosas e mesmo formais a que se reporta estarem na dependência de uma análise do significante que culmina numa especificação do real como impossível, meramente noticiador do sujeito na forma de uma topologia[282], a ciência se dedica ao mundo com a intensidade de quem crê amar o outro:

> *... l'homme, la femme, c'est ça qu'on appelle valeurs sexuels. Au départ, qu'il y ait l'homme et la femme... c'est d'abord affaire de langage. Le langage est tel que, pour tout sujet parlant, ou bien c'est <<lui>> ou bien c'est <<elle>>. Ça existe dans toutes les langues du monde. C'est le principe du fonctionnement du genre, féminin ou masculin...*
>
> *Ceci dit l'homme et la femme, nous ne savons pas ce que c'est. Pendant un temps, cette bipolarité de valeurs a été prise pour suffisament supporter, suturer ce qu'il en est du sexe. C'est de là même qu'est résulté cette sourde métaphore qui, pendant des siècles, a sous-tendu la théorie de la connaissance.* (12-1-72)

Portanto, se a ciência pretender ainda de algum modo preservar algum papel, deverá decisivamente dissociar-se de qualquer compreensão de si mesma no sentido do conhecimento[283].

De fato, a verdade logicamente imanente ao significante mostra-se opaca e paradoxal. Em última análise, presumir encontrar para a psicanálise um estatuto de cientificidade a partir daquela seria, no ato da negação do conhecimento, reproduzir a forma do conhecimento negada.

---

282 *... cette topologie subjective qui est ici celle que nous explorons.* (12-6-63)
283 *... la théorie de la connaissance ne fut longtemps que métaphore des rapports de l'homme à la femme imaginée...* (...OU PIRE, Scilicet 5, p.7)

Em psicanálise a verdade está com o desejo (de saber) que a anima, que a faz mover letras, não sendo conveniente que se degenere no ilusório — identicamente condicionado pelo desejo, mas da verdade desprevenido — inerente à credulidade no conhecer:

> *L'univers, c'est une fleur de rhétorique. Cet écho littéraire pourrait peut-être aider à comprendre que le moi peut être aussi fleur de rhétorique, qui pousse du pot du principe du plaisir, que Freud appelle* ***Lustprinzip****, et que je définis de ce qui se satisfait du blablabla.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.53)

Ainda assim, pretender com a psicanálise fundar uma ciência, a ciência do desejo, é uma ficção inevitável. Uma tentação necessária, que pura e simplesmente comporta a verdade imanente aos delírios:

> *La psychanalise n'est pas une science. Elle n'a pas son statut de science, elle ne peut que l'attendre, l'espérer. C'est un délire — un délire dont on attend qu'il porte une science. On peut attendre longtemps! Il n'y a pas de progrès, et ce qu'on attend ce n'est pas forcément ce qu'on recueille.*
>
> *C'est un délire scientifique, mais ça ne veut pas dire que jamais la pratique analytique portera une science. Cette science a d'autant moins de chances de mûrir qu'elle est antinomique...* (L'INSU QUI SAIT DE L'UNE-BÉVUE S'AILE À MOURRE, 11-1-77, Ornicar 14, p.8)

A hesitação terminológica lacaniana não permite dúvidas. De dentro da disciplina pode-se redefinir ciência de maneira que permita a inclusão da psicanálise, mas uma investigação meticulosa indagará da sua conveniência e utilidade.

Dado o cunho do pensamento lacaniano, nada afeito a mover-se por imprecisões, uma hesitação como esta, por equivaler-se aos buracos, interrupções, ou dissonâncias geradores de sentido, deve articular-se significativamente na obra. É o caso. O que lhe subjaz é a tese da extrinsecabilidade da psicanálise da esfera da ciência, não como mera exterioridade, mas se tratando de um aquém do conhecimento que se mantém na esfera de um além interno à cientificidade.

Revel à fantasia, a psicanálise não é ciência, mas sim, pouco modestamente, uma prática:

> *Mais la psychanalise n'est pas une science, c'est une pratique.* (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES, Scilicet 6/7, p.53)

Em vez de ciência (do desejo), uma prática. Que tipo de prática? Uma prática de tagarelice:

> *... la psychanalise est à prendre au sérieux, bien que ce ne soit pas une science.*
>
> ...
>
> *C'est une pratique de bavardage.* (LE MOMENT DE CONCLURE: UNE PRATIQUE DE BAVARDAGE, Ornicar 19, p.5)

Mais especificamente, a psicanálise é uma prática de discurso que comporta um tipo de sentido que, sem os negar nem suprimir, põe em causa os demais.

Admitindo-se o inconsciente, ciências naturais tão sólidas como a física desnudam-se, descobrindo-se com qualidades previamente insuspeitáveis. Na ciência paradigma da cientificidade chega-se a revelar o desejo (como ciência):

> *Quant à ce qui peut se situer comme science à cette place que je désigne comme celle du désir, quoi cela peut-il être? Eh bien, vous n'avez pas à chercher très loin. Ce qui, en fait de science, occupe actuellement la place du désir, c'est tout simplement ce que l'on appelle couramment la science, celle que vous voyez pour l'heure cavaler si allègrement, et accomplir toutes sortes de conquêtes dites physiques.*

Je crois qu'au long de cette période historique, le désir de l'homme, longuement tâté, anesthésié, endormi par les moralistes, domestiqué par les éducateurs, trahi par les académies, s'est tout simplement réfugié, réfoulé, dans la passion la plus subtile, et aussi la plus aveugle, comme nous le montre l'histoire d'Oedipe, la passion du savoir... (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.374)

Não há como deixar de ser desejante para passar a conhecer o desejo. Quer dizer, não há como apaziguar a insatisfação com a incompletude.

Por uma decisão ética — embora inserida no âmago da cientificidade, por portadora da sua verdade —, Lacan se faz fiel ao desejo na origem. Obediente ao ser sujeito na enunciação, refuga qualquer concessão ao apaziguamento da falta, mesmo que sabidamente fantasioso. Pois mesmo que para viver se objetive o sujeito como coisa — mesmo sabendo do cunho fictício da sua causa —, garantida a impossibilidade de enunciar a enunciação enquanto tal, cabe (em fidelidade à verdade da ética do desejo) preservar a radicalidade psicanalítica, renunciando, em prol de nada, aos véus da falta:

La science, qui occupe la place du désir, ne peut guère être une science du désir que sur la forme d'un formidable point d'interrogation, et ce n'est pas sans doute sans un motif structural. Autrement dit, la science est animé par quelque mistérieux désir, mais elle ne sait pas, pas plus que rien dans l'inconscient, ce que veut dire ce désir. (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.374)

Se algo valer a ciência, não é como conhecimento, porque, subterraneamente a este, em vez dele, o que existe é desejo de (**se**) saber.

No desejo subjacente ao vínculo cognitivo entre sujeito e objeto, no objeto se desvela o sujeito. Encontra-se a repetição da velha nova tese de que no objeto se oculta e se descobre o sujeito.

O que pelo conhecimento se desejara encontrar era uma auto-captura subjetiva, escamoteante do fato do sujeito subsistir da impossibilidade de ser pensamento (**se**) pensando ser o que é. O que se assegura pela asserção de que

... il n'y a rien de commun entre le sujet de la connaissance et le sujet du signifiant. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.53)

Que conseqüências o instável estado intrínseco ao sujeito, bem distinguido da ilusão do conhecimento e reconhecidas as condições de sua produção, apresentaria para a ciência?

Sempre disposto a recomeçar tudo de novo, Lacan não garante que o desvelamento da realidade como metáfora do desejo, situando a verdade relativamente à subjetividade "realizada" estruturalmente, o deixasse satisfeito.

Sendo o sujeito o leito da palavra, o critério (ético) de (alguma) liberdade é a fruição das possibilidades imanentes às leis (lógicas) onde se determinam todo o pensamento, toda a paixão, toda a existência. Algo intrinsecamente incompatível com a psicologização reificante do eu.

Não contente com o mero diagnóstico do desatino das pretensões à cognoscibilidade — que aliás é apenas um caso particular da análise (que promove) das cosmologias antigas como assimilações da origem do mundo à origem (sexual) do eu —, Lacan preocupa-se ainda com o que do epistemicamente condenado desliza para o eticamente recriminável.

O tom das críticas aos projetos de conhecimento — em especial onde a objetivação do sujeito notoriamente se manifesta, as ciências ditas humanas —, a par do manifesto repúdio pela fragilidade das teses propriamente epistemológicas, assume tonalidade ética:

... je désirerais prendre position là-dessus une bonne fois. Je ne conçois pas qu'au train où se prepare ce cadre, qui va être soigné, je vous l'assure, il puisse constituer autre chose qu'une méconnaissance sistématique et principielle de tout ce dont il s'agit dans l'affaire, à savoir de ce dont je vous parle ici. (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.373)

A crítica, neste mesmo tom, exacerba-se a ponto de permitir-se indignar-se com a atitude subjetiva responsável pelo descompromisso para com a verdade, implicando-se o pensador, enquanto enunciante, numa condenação da objetivação do humano, até explicitamente moral:

> *Les programmes qui se dessinent comme devant être ceux des sciences humaines n'ont à mes yeux pas d'autre fonction que d'être une branche, sans doute avantageuse quoique accessoire, du service des biens, autrement dit du service de pouvoirs plus ou moins branlant dans le manche.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.373)

Verifica-se pois a insistência no ético tanto no plano do pensamento como no da ação, dois lados da mesma coisa. Além de não ser ciência por ser uma prática ética, a psicanálise propõe um critério ético para todas as práticas, inclusive a da ciência.

O que em nada é surpreendente, desde que se admita que a experiência analítica, por nuclear ao ser sujeito, não deixará de demonstrar as mais amplas conseqüências em todos os âmbitos, que são todos, em que **eu** esteja implicado:

> *... ce qui fait la difficulté, c'est la nécéssité de vous faire voire que dans ce discours vous y êtes compris; c'est à partir de là qu'il peut être trompeur, parce que vous y êtes compris de toute façon; et l'erreur peut venir uniquement de la façon dont vous concevez que vous y êtes compris.* (20-6-62)

Na medida em que, em hipótese alguma, em qualquer nível se traia a fidelidade à falta constituinte de que ela mesma é constituída, a psicanálise é, por assim dizer, o gênero de prática que permite a fidelidade à verdade desta espécie de inferno: **eu** ser sem poder ser **eu**. A única propriedade positiva do sujeito como inconsciente, ausente e (verdadeiro) referente, é o paradoxo.

Lacan, pouco propenso a figurar numa coleção de pensadores, ambiciona muito mais: quer ocupar na galeria da cultura o lugar de sistematizador de uma nova fronteira do real. Fronteira cheia de conseqüências para a reapreensão de larga parte dos impasses da aventura humana no xadrez em que a verdade se desafia. Psicanalista, propõe-se a tarefa de retificar o que presume desvarios até então encontrados no labor, predominantemente filosófico, sobre a subjetividade. Mais: decide-se a criticar os males proporcionados pela mui ampla mas inglória adesão a ilusões a esse respeito.

Fá-lo, como se vem apreciando, procedendo por uma revisão da sua própria reflexão, interligada a uma retomada re-significante dos momentos de indagação na cultura em que o problema é enfrentado. Como esta segunda tarefa em parte acompanha o seu percurso explícita ou implicitamente auto-crítico, a vários títulos há ocasião de seguir as suas análises a propósito de aspectos das obras de um ou de outro luminar do pensamento, no contexto tópico que o motiva.

No conjunto, o serviço da psicanálise condu-lo à denúncia da desiderabilidade subjacente ao ser; leva-o à magnífica apresentação do desejo de ser como raiz do proceder significante, existencializante da realidade; bem como faculta-lhe os meios para nunca assimilar as ficções verdadeiras a um estado (ilusório) de coisas. Havendo como resultado o desmascaramento do mistério do ser: o ser revela-se "descarado".

44. FILOSOFIA E PSICANÁLISE

Como (o) sujeito, o ser é produto da ação significante. Assim é em qualquer contexto em que apareça, merecendo destaque no quadro do diagnóstico proposto a análise da tradição filosófica, exemplificativa de um modo bastante específico de disposição do significante. Modo, como não poderia deixar de ser, afeto à particular natureza humana que a suportou; e a cujo domínio as operações de maestria (no) significante, que a prática psicanalítica deve propiciar, permitem furtar-se.

A posição sujeito, mesmo no nível sintático das proposições que reflitam sobre o ser, é a única que convém. Não propriamente por sua formal positividade, mero efeito da significância, mas principalmente por no universo ser o ponto tangente do sem lugar.

É o que se manifesta no fato da aporia estrutural consubstancial ao inconsciente inelutavelmente caracterizar o pensamento lacaniano no seu conjunto:

> *Ce que j'énonce du sujet comme effet lui-même du discours rend absolument exclu que le mien se fasse système alors que ce qui en fait la difficulté c'est d'indiquer, par son procès même, comment ce discours est lui-même commandé par une subordination du sujet, du sujet psychanalytique dont je me fais ici support par rapport à ce qui le commande et qui tient à tout le savoir.* (27-11-68)

Portanto, especular sobre o sujeito, mesmo ressaltando sua inobjetividade, é ser fiel ao significado da "filosofia" de Lacan, traindo (no plano da enunciação) a lógica da ("sua") ação, segundo a qual o sujeito não é "teorizável", sequer falável, mas fala. O psicanalista escuta-o.

O que poderia soar como diálogo com a filosofia, senão mesmo como ambiciosa especulação filosófica, na verdade tem uma importância prática e tradução clínica imediatas:

> *Comment faire pour que... le parlêtre, comme je l'appelle, ne crois plus, ne crois plus à l'être, hors l'être de parler.* (R.S.I, 8-4-75, Ornicar 5, p. 38)

Sem tal desmascaramento não pode consumar-se uma cura, pois esta requer que se produzam duas realizações. Em primeiro lugar, o descrédito no ser fora da fala. Em segundo lugar, por o ser ser na fala — ser (de) ficção —, poder "des-ser-se" o que a dado tempo se seja.

Por **eu** falar, e falando dizer o ser — por o ser ser dito —, o efeito de cura visado não se alcança propriamente desdizendo, ou redizendo-**se**, mas realizando-**se** mais radicalmente aquém do ser dito, como sujeito dicente. Quer dizer, realiza-se por uma operação que faça **isso** "mexer-se", "remexer-se", do estado de coisa indeterminada, posicionando-se como sujeito.

De que modo? Alcançando a possibilidade de, por uma redicção, transformar o desgosto com uma incerta determinabilidade na feliz descoberta de uma certa indeterminabilidade, a ventura de uma margem de liberdade. Quer dizer, caminhando ao encontro da única fimbria de independência em que, à revelia da sintaxe, pela assunção (ética) de **isso** como primeira pessoa — e acentuando a ação (verbal) e não o seu produto —, posso significar-**me**,

> *S'il est vraie que cette représentation du sujet, que ce en quoi le signifiant est son représentant, est ce qui se présentifie dans l'effet de sens et qu'il y ait entre cela tout ce qui se construit comme signification...* (9-12-64)

Noutros termos: a idéia de cura envolve substituir o apego neurótico a uma positividade, desde sempre perdida, pela possibilidade de se comprazer no que a impossibilidade abre de leveza e renovabilidade "asseguradas" pela inexistência de garantias ônticas, a qual é deficiência transfiguradora do defeito (também como falta) — o não saber de si (nem do objeto) — em virtude, mesmo liberdade.

Liberdade, não como valor positivo, afirmativo, mas negativamente, como carência que abra para um devir sem ser.

Apondo à cisão uma decisão, trata-se de, sem sair do lugar, reverter o determinismo objetivante em sujeito (desejante). Se no nível do significante se se depara com um determinismo implacável, a incompletude intrínseca ao simbólico, precipitando o palrar, proporciona o defrontamento com o limite, discursivamente dinâmico, que instiga o sujeito a, sem ser nem estar, (eticamente) refazer-**se** ao agir.

O que esclarece a mui propalada inexistência de relatos lacanianos de casos clínicos. A qual, aliás, pelo progressivo desconhecimento, ou afastamento da fonte, e quiçá também pela debilidade que conduz à feitura de concessões, possivelmente tende a progressivamente atenuar-se: não é improvável que alguns "lacanianos" sintam-se instados a mostrar serviço, sem perceberem que ao providenciarem "relatos de casos" de fato soçobram às críticas armadilhas que a eles e a Lacan são dirigidas, por se acumpliciarem com as (técnica e eticamente) inaceitáveis razões de seus antagonistas.

É perfeitamente possível tomar como objeto (de leitura), por exemplo, os textos de Lacan relativos à subjetividade. Porém, tratar sujeitos, pacientes, como objetos (de uma clínica) é algo que, não obstante a adesão superficial a um jargão e a uma mímese sem alma de alguns "recursos" técnicos, mais facilmente deixaria órfãos e ignorantes (até de sua ignorância) os supostos discípulos de um mestre de mestres que o intentem.

Em psicanálise — se não "lacaniana", pelo menos realmente fiel ao ensino de Lacan — a clínica deve ser outra coisa:

> *... être psychanalyste c'est une position responsable, la plus responsable, de toutes, puisqu'il est celui à qui est confié l'opération d'une conversion éthique radicale, celle qui introduit le sujet à l'ordre du désir...* (5-5-65)

Só assim a cura pode estatuir-se na esfera que Lacan lhe reserva:

> *... la cure psychanalitique... est une expérience proprement transcendante au regard de ce qui s'est exprimé jusqu'alors dans l'ordre de l'éthique...* (2-2-66)

Pela cura, o sujeito, produzido e amarrado na linguagem, por ser feito e efeito de ficção, pode desfazer-se de posições sofridas:

> *Ce qu'il faudrait, c'est que l'analyse, par une supposition, arrive à défaire par la parole ce qui s'est fait par la parole.* (LE MOMENT DE CONCLURE: UNE PRATIQUE DE BAVARDAGE, Ornicar 19, p.6)

Pode subsistir alguma dúvida quanto à falta de cabimento de qualquer descrição objetivante, quanto ao fora de lugar de toda a veleidade psicologizante?

Para obstá-lo, o pensador redobra os seus cuidados: esforça-se para demarcar o papel "ontologizante" que reconhece na linguagem, do modo como esta aparece na filosofia e na ciência. Para a psicanálise, o relevante são operações significantes, pouco importando a dimensão conceitual — atida ao registro do imaginário —, com a qual a filosofia sobreleva o papel do significado:

> *D'une façon générale, le langage s'avère un champ beaucoup plus riche de ressources que d'être simplemente celui où s'est inscrit, au cours des temps, le discours philosophique. Mais, de ce discours, certains points de repère sont énoncés qui sont difficiles à éliminer complètement de tout usage du langage. Par là, il n'y a rien de plus facile que de retomber dans ce que j'ai appelé ironiquement conception du monde, mais qui a un nom plus modéré et plus précis, l'ontologie.*
>
> *L'ontologie est ce qui a mis en valeur dans le langage l'usage de la copule, l'isolant comme signifiant. S'arrêter au verbe* ***être*** *— ce verbe qui n'est même pas, dans le champ complet de la diversité des langues, d'un usage qu'on puisse qualifier d'universel — le produire comme tel, c'est là une accentuation pleine de risques.*
>
> *Pour l'exorciser, il suffirait peut-être d'avancer que, quand on dit de quoi que ce soit que c'est ce que c'est, rien n'oblige d'aucune façon à isoler le verbe* ***être****. Ça se prononce* ***c'est ce que c'est****, et ça pourrait aussi bien s'écrire* ***seskecé****. On ne verrait à cette usage de la copule que du feu. On n'y verrait que du feu si un discours, qui est le discours du maître,* ***m'être****, ne mettait l'accent sur le verbe être.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.33)

Lacan não poderia ser mais explícito (e sintético) na apresentação da problemática do ser tal como a compreende. O que caracteriza o ser como ser é a cópula. Tanto como estrutura da significância, como (e principalmente) como "fogo" erótico.

Para acompanhar as limitações da orientação que o psicanalista critica, basta verificar o quanto línguas que não dispõem do verbo ser, línguas sem palavras com esse significado, podem no nível significante expressar o mesmo efeito. Pois o que importa é a combinatória significante que desencadeie certas conexões de sentido, e não o detalhamento dos conceitos no plano da significação — o que evidencia a volatilidade do significado, solidária da capacidade de propiciar a condensação de sentido à revelia do dicionário.

Esta tese é o verdadeiro pano de fundo da citação anterior, discernível pela atenção à insistência de resíduos significantes presentes na cultura — melhor, no Outro — comum ao autor e a nós. Não é casual que para o ressaltar Lacan escolha a autodefinição de Deus perante Moisés, aludida na seqüência fônica **c'est ce que c'est**.

É bem verdade que o Outro, absolutizado em Deus, pelo menos na tradição cultural semita — especificamente no Antigo e no Novo Testamento e no Alcorão — freqüentemente se apresenta como fogo, e particularmente o mesmo acontece no momento, implicitamente aludido pelo autor, em que na forma de uma sarça ardente Deus se Auto-refere da maneira acima destacada. Como nas línguas semitas não existe o verbo ser, o texto bíblico oferece uma boa oportunidade de, à revelia da catalogação positiva do significado julgável mais imprescindível ao estabelecimento de uma definição, por contraste, melhor ilustrar a independência do significante para significar.

Pois o fogo não seria mais nem menos do que apresenta de intensas mutabilidade e transitoriedade, se não se desejasse que o Fogo fosse notícia da serenidade e perenidade do ser Absoluto do Outro (requeridas pela absoluta necessidade de, no intuito do sujeito se assegurar de si, o Outro ser).

Um segundo notável exemplo do empenho em assegurar-se de si é a tentativa de substancializar o Outro via a sua concretização em "A Mulher", tradicional esforço em garantir uma identidade subsistente por meio da "invenção" do feminino. Segundo Lacan, empreendimento que, do imaginário erótico e do real da cópula, prossegue na dimensão da cópula lógica, simbólica, na forma do forjamento de ontologias:

> *C'est la plus vieille figure de l'infatuation du maître — écrivez-le comme vous voudrez — que l'homme s'imagine former la femme. Je pense que vous avez tous assez d'expérience pour avoir rencontré cette histoire comique à tel tournant de votre vie. Forme, substance, contenu, appellez ça comme vous voudrez — ce mythe est ce dont une pensée scientifique doit se dégager.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.186)

Como o verbo ser, melhor, as determinações a ele associadas, não são universais, a cristalização de uma concepção do mundo na forma da fixação em um sentido previamente dado — dominado, controlado —, corresponderia ao esforço de submeter o ser (sujeito) à intencionalidade humana. Ou seja, subordinar-se-ia à pretensão de, em última instância, afirmar-se em estado de plena posse de si mesmo — o que é frontalmente contrariado pela psicanálise.

O intento de (o sujeito) se fazer ser, o empenho em "ser-me", escuta-se em francês como **m'être**, sonoramente semelhante a **maître** — "mestre, amo". Homofonia que, como sói acontecer com palavras, lhe permite alguns trocadilhos, não distantes do elevado papel que se atribui.

O mestre verdadeiro não é o mero serviçal da palavra no discurso, que crê fazê-la. Sabe que é feito pelo verbo, jogado e gozado num devir orientado por letras:

> *Le développement se confond avec le développement de la maîtrise. C'est là qu'il faut avoir un peu d'oreille, comme pour la musique — je suis* ***m'être****, je progresse dans la* ***m'êtrise****, je suis*

m'être de mois comme de l'univers. C'est bien là ce dont je parlais tout-à-l'heure, le ***con-vaincu***. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.53)

Por essa medida, o verdadeiro mestre, o fiel da verdade, ao desvendar o segredo da obtusa vocação para um domínio fálico, é o único a ter condições de revelar a produção "hetero-potente" da maestria. O verdadeiro mestre, o que guia à verdade do ser si mesmo, **m'être**, é o convencido. O conformado com o dizer, que se admite vencido, subordinado à palavra. O convencido da palavra no âmago do ser.

Sarcasticamente, é também o "imbecil" — em francês, **con** — que sabe não estar em posição de mando. É aquele que, em vez de julgar compreender, admite que está compreendido (pois sabe que é ultrapassado pelo Outro). Um "idiota" que subverte a maestria, denunciando o buraco em que se (a) inventa.

Buraco especulador, mas real e psicanaliticamente em nada dependente de especulações até porque, sob a designação latina **cunnus** — que no vernáculo originou "cona" e em francês **con**, **conne** —, como que se "corporifica" na genitália feminina.

Como tornou-se viável constatar o ser como encarnado (pela estrutura) — ou seja, como por meio do significante se evidenciaram as fortes correlações entre a cópula lógica e a carnal —, abre-se a possibilidade de, tendo-o em mente, psicanaliticamente repensar o (querer) ser.

O caminho é subtraír-se da produção de ontologias para exercer a escuta do que as faz — nunca um sujeito mestre da palavra, mas o significante mestre do sujeito.

Quem o sabe? Quem pode denunciar como insuficiente o auto-domínio?

O psicanalista[284]. Devoto da palavra, Lacan é o mestre dos mestres[285], habilitado ao exercício desse papel por, justificadamente, se haver "emburrecido" o suficiente para estar apto ao exercício da psicanálise.

A presunção de compreender (e de controlar) o ser pela análise do significado equivale-se à pretensão de (se) dominar e pressupõe uma unidade do sujeito no nível da consciência, desmentida pelo inconsciente:

> *La promotion de la conscience comme essentiel au sujet dans la séquelle historique du* ***cogito*** *cartésien, est pour nous l'accentuation trompeuse de la transparence du Je en acte aux dépens de l'opacité du signifiant qui le détermine...* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.809)

Determinação do sujeito pelo significante que, no atinente ao papel deste em relação ao ser (do sujeito), agora há condições de explicitar de maneira menos genérica: estão forjadas as condições para "diagnosticar" o ser (inconsciente) por intermédio do saber articulado na estrutura,

> *... la parole.*
>
> *Car dans sa fonction symbolisante, elle ne va à rien de moins qu'à transformer le sujet à qui elle s'adresse par le lien qu'elle établit avec celui qui l'émet, soit: d'introduire un effet de signifiant.* (FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE — ÉCRITS, p.296)

Articulada com o julgamento da tradição metafísica, encontra-se no seminário XX uma explicitação da posição lacaniana a respeito do papel "ontologizante" da ação significante:

> *... ce discours de l'être — c'est tout simplement l'être à la botte, l'être aux ordres, ce qui allait être si tu avais entendu ce que je t'ordonne.*
>
> *Toute dimension de l'être se produit dans le courant du discours du maître, de celui qui, proférant le signifiant, en attend ce qui est un de ses effets de lien à ne pas négliger, qui tient à ceci*

---

284 *C'est une réponse suffisante, si l'on en limite la portée à ceci que j'ai d'un psychanalyste, la pratique.* (LA MÉPRISE DU SUJET SUPPOSÉ SAVOIR, Scilicet 1, p.40)

285 *... le maître des maîtres,... un type dans mon genre...* (LE SÉMINAIRE - LIVRE XX: ENCORE, p.104)

que le signifiant commande. Le signifiant est d'abord impérative. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE. p.33)

Ao inserir-se na corrente do discurso do mestre, o discurso do ser supõe o sujeito em posição de domínio, o que faz não por mérito de quem vá a esse lugar, mas pela capacidade imanente ao significante de ser determinante. Como é de sua natureza — com a agravante de se estar desprevenido pela crítica psicanalítica —, na ontologia o significante comanda, sem abolir o equívoco da auto-suficiência e completude cujo efeito seja alguém supor-se não feito da Palavra, antes imaginando-se posto no comando da ação (significante):

> *Nous sommes donc placés, aussi paradoxalement que cela vous paraisse,... nous sommes ramenés sur ce plan crucial, sur ce point crucial que j'appellerai le mythe de la loi morale, à savoir que toute position saine de la loi morale serait à chercher dans le sens d'une autonomie du sujet.* (27-2-63)

Pelo contrário, a situação humana, desconfortável, é a oposta, e é esse desconforto que fortalece o equívoco. A verdade da miséria da pretensa auto-suficiência e auto-subsistência do sujeito evidencia-se no que a psicanálise aporta de medular e mais basilar — a determinação do subjetivamente nuclear — à revelia do domínio subjetivo, recordado na continuação da mesma passagem do seminário:

> *L'accent même de cette recherche, l'accentuation toujours plus grande, au cours de l'histoire de ces théories éthiques, de cette notion d'autonomie montre assez ce dont il s'agit, à savoir d'une défense, que ce qu'il s'agit d'avaler, c'est cette vérité première, l'évidence que la loi morale est hétéronome...* (27-2-63)

Eis um momento em que a psicanálise é convocada a cumprir a missão de "diagnosticar". A exercer a função de, distinguindo-se, prolongar ultrapassativamente tudo o que, no terreno da ética e da filosofia em geral, até então se pudera articular.

II

PSICANÁLISE E ÉTICA

Si nous devons introduire et très nécessairement au niveau de la psychanalyse la fonction de l'acte, c'est pour autant que ce faire psychanalytique implique profondément le Sujet. Qu'à vrai dire, et grâce à cette dimension du sujet qui rénove pour nous complètement ce qui peut être énoncé du sujet comme tel et qui s'appelle l'inconscient, ce sujet, dans la psychanalyse, y est comme je l'ai déjà formulé, mis en acte.

15-11-67

45. ONTOLOGIA OU ÉTICA?

O inconsciente é indócil a definições. É de sua natureza uma mobilidade enunciativa pouco propícia à cristalização de significados, que contraria a expectativa de definitivamente dizer o que seja.

Longe de o termo referir um objeto ou classe de objetos antes desconhecidos, "inconciente" aponta radicalmente uma função subjetiva pressuposta em todos os ditos, que por isso mesmo escapa de qualquer objetivação, não havendo enunciado que definitivamente o capture.

Como não é sem problemas que a sua admissão se adenda ao corpo de saber que lhe pré-existe, não basta escutar a enunciação da subjetividade[286]. Há que ter ouvidos que a resguardem de tratamentos que não lhe servem e, para tanto, importa colocar em suspenso o significado dos enunciados desavisados das amplas conseqüências da novidade freudiana, sem excluir os proferidos pelos "psicanalistas" que o ignorem.

Também e principalmente para estes vale a descoberta de que não há como, no quadro do conhecimento, equacionar a problemática subjetiva tal como se desvenda a partir de Freud.

Caso contrário, envereda-se pelo terreno psicológico, inventando um objeto inconsciente que, por em verdade remeter a nenhum objeto, mas antes ao sujeito, segundo Lacan depõe contra a inteligência e contra o caráter de quem nisso se empenhe.

Por isso, querendo ir além — ou melhor, aquém —, o psicanalista sublinha que sequer se trata de uma noção. Como escapa ao imaginário, furta-se de conceituá-lo, para não perder a chance de tratá-lo sem escamotear a perda que lhe é inerente — sob pena de, na hipótese contrária, praticamente ignorá-lo.

É para não o evitar que desloca o seu enfoque para uma perspectiva não mais epistemológica, e sim ontológica.

Eventualmente um leitor menos atento poderia acusá-lo de reproduzir no plano teórico as circunstâncias dos fatos. O mesmo interlocutor poderia argüir ser perfeitamente possível anuir com a natureza radicalmente subjetiva do inconsciente e, em conformidade com isso, derivar um conceito que abarque tal propriedade. De certo modo Lacan parcialmente não o desautorizaria, pois desenvolve até ao impasse uma epistemologia. Mas tal empreendimento, recorde-se, é insuficiente.

Não se poderia descobrir no inconsciente a perda pela qual o universo se desvenda uma flor de retórica e o sujeito prolifera em todas as direções do não sabido, e renegá-lo reproduzindo na forma do reconhecimento desta verdade a rejeitada forma do conhecimento. Não tem cabimento afirmar a impossibilidade do conhecimento, afiançando a mútua impertinência entre objeto e sujeito nos termos de uma proposição epistemicamente verdadeira.

Se tais incongruências podem agradar espíritos menos exigentes é porque estes não se dispõem a trabalhar com a "matéria" do ser subjetivo, preferindo contemplar ilusões.

É claro que no plano das generalidades várias coisas sensatas podem ser (e são) ditas relativamente ao inconsciente. Mas há que não perder a perspectiva de estar lidando com "algo" que, por definição, é incapturável; quadro que obriga o psicanalista a renunciar ao seu conhecimento e à sua compreensão, vedando-se dizer o que seja, sem nem por isso deixar de admitir que é.

O inconsciente é!...

É uma parte em falta no discurso, definição cuja precisão resume-se à recusa em dizer o que falta. Esse papel é reservado ao sujeito em ato, nas enunciações por meio das quais produz sentido, falando ser e, dizendo-o, interpretando-se dicente e sendo capaz de redizer-se.

---

286 Nos dois sentidos, subjetividade que enuncia e subjetividade que é enunciada.

Logo, não se o encontra aquém do ser, mas tampouco algum preenchimento das reticências pode ser conclusivo e, por esta razão, vale a pena enfrentar a ontologia, não com a esperança de fundamentá-lo, mas na perspectiva da análise do que a faz desejável.

Porém, como na raiz do inconsciente ser se encontra o sujeito que diz o ser, por sua vez tal ontologia não se configura inultrapassável.

O ontológico é feito de dito. As indagações quanto ao ser — que, mesmo não explicitamente significadas, perpassam e atingem os cidadãos mais comuns, bastando para percebê-lo escutá-los (analiticamente) —, são interrogações coextensivas ao ser sujeito. São-no, não apenas porque questões "gerais" sobre o ser se circunscrevem ao ser sujeito, como também porque o sujeito se institui por tais questionamentos.

Note-se que o mesmo procedimento que, por explicitar o que é como incriado e recriável, deixa a ontologia entre parênteses, também obsta a quaisquer desenvolvimentos teológicos, por não atribuir a autoria a um incastrado sujeito absoluto. Refere-a, estruturalmente, ao totem.

Tal referência, ao situar "dentro" da linguagem, como ilusão imanente à dicção, o lugar Tu de um Outro testemunha do que se diga e de que se diga alguma coisa, não fundamenta nenhuma garantia de ser. Tem somente a utilidade de manter o dicente a falar, sem o assegurar além do que fala.

"Subjacente" ao ser, em perene desvio de qualquer co-incidência do que é consigo mesmo, o que realmente insiste é um "diz-ser", que é um fazer o ser: fá-lo e desfá-lo, ou refá-lo, e este particular coage a psicanálise a afastar-se de qualquer ontologia que aponte para um horizonte de essências que perdurem perenemente e mais ainda desaconselha que especulativamente se pretenda objetivá-las. Pois por "invisível" que seja o âmbito metafísico em que se as supõe, não se as exclui de uma expectativa de previsibilidade.

Ora, ser é imprevisível. Afeita à "desfeitura" do que é (sintoma), a psicanálise não incorre na incauta validação do que surge ser, recomendando persegui-lo no fazer-se, "antes" do seu acontecer.

À luz do inconsciente a ontologia requer uma atitude menos contemplativa do que interventiva, o que se possibilita com a descoberta do alcance do verbo. Animada pelo querer ser, a palavra que dita o ser desdobra-se em conseqüências, segundo leis da ação de dizer:

> *Eh bien! pour ce qui est de l'inconscient, Freud réduit tout ce qui vient à portée de son écoute, à la fonction de purs signifiants. C'est à partir de cette réduction que ça opère, et que peut apparaître, dit Freud, un moment de conclure — un moment où il se sent le courage de juger et de conclure. C'est là ce qui fait partie de ce que j'ai appelé son témoignage éthique.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.40)

Não co-testemunhar o testemunho ético de Freud, passando ao largo da psicanálise, é não reconhecer o proliferamento da pregnância subjetiva no universo significante.

Como este encontra-se em "movimento", acontece enunciado (por alguém), o pensamento psicanalítico encontra as condições favoráveis ao seu estabelecimento do lado do tratamento da ação:

> *... la question éthique de notre praxis est étroitement attenante de ceci que nous pouvons entrevoir depuis quelque temps, à savoir que l'insatisfaction profonde où nous laisse toute psychologie, y compris celle que nous avons fondée grâce à l'analyse, tient peut-être à ce qu'elle n'est qu'un masque, et quelquefois un alibi, de la tentative de pénetrer le problème de notre propre action, qui est l'essence, le fondement même, de toute réflection éthique.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.27)

Em conformidade, dever-se-á tomar as teses psicanalíticas como possuidoras do mesmo gênero de validade (não teórica) que os enunciados éticos: são (praticamente) necessárias ao desencadeamento da ação lógica em que consiste a lógica da ação que é o discurso psicanalítico.

S'il y a un lieu où le terme d'action, depuis quelque temps mis en question par les philosophes de notre époque moderne, peut être réinterrogé d'une façon peut-être décisive, c'est, si paradoxale que paraisse cette affirmation, au niveau de celui dont on peut croire qu'il s'abstient le plus là-dessus, à savoir l'analyste. (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.392)

A tese, subsidiária e decorrente da análise da ontologia desencadeada no capítulo anterior, crê-se razoavelmente bem justificável a partir do percurso então desenvolvido. Além de um de seus produtos, permite esclarecer qualquer ambigüidade que eventualmente paire quanto ao estatuto dos resultados então apresentados — como por exemplo a indicação de ser o inconsciente algo de não realizado, nem ser, nem não ser, que Lacan chega a afirmar pré-ontológico.

Em decorrência, como sinal de uma mutação fundamental na representação de si que a humanidade havia produzido, e segundo Lacan já em Freud, ao inaugurar-se a temática do inconsciente, no ato mesmo da sua feitura, confina-se à ética a sua averiguação:

Je veux marquer maintenant, si étonnante que la formule puisse vous paraître, que son statut d'être, si évasif, si inconsistant, est donné à l'inconscient par la démarche de son découvreur.

*Le statut de l'inconscient, que je vous indique si fragile sur le plan ontique, est éthique. Freud dans sa soif de vérité dit — **Quoi qu'il en soit, il faut y aller** — parce que, quelque part, cet inconscient se montre.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.34)

Psicanalista, Lacan não tolera interpretações distraídas. Não admite impressividades imprecisas, nem que imputem a Freud casualidades literais de menor valor hermenêutico.

Ainda antes de saber o que é, bem antes de dizer o que seja, deve-se alcançar o inconsciente. O que quer que (o inconsciente) seja, é necessário lá ir.

Pelo tom imperativo em que se formula, o procedimento mais imediato, a atitude conveniente relativamente ao enfrentamento da questão inconsciente, claramente relega a segundo plano a pretensão de conhecê-lo e a exigência de certeza quanto ao que seja. Ainda que não se o explicite, a princípio há que tratá-lo eticamente.

Antes do mais um clínico, perante o inconsciente Freud prioriza o dever agir, indefinindo postergativamente a questão do ser, não se detendo para salientar as suas implicações especulativas nem as suas decorrências do (e para o) ponto de vista teórico.

O exemplo e maior contribuição do pioneiro terá sido o dar ouvidos ao que grita no âmago da consciência:

... la conscience est la surface par où ce quelque chose qui est coeur du sujet, reçoit, si l'on peut dire, du dehors ses propres pensées, son propre discours. (10-1-62)

Porém, esse mérito não substitui a imperiosidade de promover a extração das devidas decorrências dessa descoberta. Tarefa verdadeiramente cumprida, na sua opinião, por Lacan ele mesmo:

L'inconscient donc n'est pas de Freud, il faut bien que je le dise, il est de Lacan. Ça n'empêche pas que le champ, lui, soit freudien. (OUVERTURE DE LA SECTION CLINIQUE, Ornicar 9, p.10)

A distinção é fundamental, desde que se admita que

Ce n'est tout de même pas du discours de l'inconscient que nous allons recueillir la théorie qui en rend compte. (LA MÉPRISE DU SUJET SUPPOSÉ SAVOIR, Scilicet 1, p.32)

Tomando-se por herdeiro, preservador e ampliador da obra do predecessor, convida-se a pensá-la no quadro de uma eticidade refletida dos dois lados da subjetividade: do lado do sujeito da "teoria" psicanalítica — sujeito enunciante da investigação da subjetividade — e do

lado de **isso**, a enunciante subjetividade que se escuta. Com tal empreendimento acredita que o segue e o prossegue, tomando a seu cargo a tarefa de explicitar e levar às últimas conseqüências lógicas as suas teses.

Pensa desse modo manter-se à altura da psicanálise, mantendo-a nos termos que entende melhor lhe convirem:

> *... notre projet. C'est celui de l'éthique qui prendrait fonds d'une logique.* (COMPTE RENDU AVEC INTERPOLATIONS DU SÉMINAIRE DE L'ÉTHIQUE. Ornicar 28, p.10)

O destino da psicanálise é a ética. Uma ética suportada na significância enquanto ação do verbo, que por isso mesmo incide na raiz das "ontologias feitas", visando a geração de sentidos e decompondo os significados prontos. O ser interessa-lhe na medida em que, como "diz-ser", dispõe-se com o sujeito, que é a sua verdadeira meta.

A psicanálise encontra na ética a possibilidade de não "se encantar" com o ser. Bem entendido, restringindo-se à ética, alcança a capacidade de não se deter no imaginarizado "ser" sonhado pela filosofia.

Este, apresentado como o horizonte mais geral da especulação, sugere-se uma inamovível pedra no retorno do pensamento ao **si**, nessa medida tendo um efeito paralisante sobre a reflexão. No (seu) limite acontece como uma muralha inspiradora de descrições contemplativas, que no máximo fomenta exortações de cunho sapiencial.

Em contraposição, além de ético no nível da conduta investigativa rigorosa — capaz de orientar na prática da trilha da atenção ao significante, quando o pioneiro nem dispunha do conceito —, o procedimento psicanalítico (freudiano) seria ético pela subalternidade, até não necessidade, de uma tomada de posição ontológica (quanto ao inconsciente).

Por isso é fundamental que o trajeto que leva à ética a partir da secundariedade de tais tomadas de posição, já devidamente equacionadas pelo "diagnóstico" das ontologias, se reforce pela determinação de inserir o tratamento do inconsciente no horizonte do ético.

Lacan não apenas o propugna, como postula que tal inclusão apresenta benefícios mútuos: tanto cria condições favoráveis a um enfoque adequado do inconsciente, como este, por sua vez, acarreta importantes contribuições para o desenvolvimento da ética:

> *Le discours freudien fraie, dans l'énoncé du problème éthique, quelque chose qui, par son articulation, nous permet d'aller plus loin qu'on n'est jamais allé dans ce qui est l'essentiel du problème moral.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.47)

Comparativamente com a filosofia, graças à sua maior intimidade com o ato, a psicanálise está em melhores condições para elucidar a ética, até abrindo uma via de equacionamento desta nos termos da segunda.

Também por isso mesmo, ao falar-se em ética e psicanálise, nem remotamente se visa algo que se possa diminuir em deontologia:

> *... l'éthique du psychanalyste telle qu'elle est constituée par une déontologie ne donnait mêmme pas l'ébauche, l'amorce, le plus petit trait de commmencement de l'éthique de la psychanalyse.* (26-2-69)

O exemplo de pesquisador fiel a uma novidade insubsumível ao conhecido e disposto a não recuar perante as resistências científicas e sociais que contra ele e o seu trabalho se levantaram, não deve pensar-se apenas como um traço da personalidade de Freud, importante para o seu sucesso, mas desvinculável da natureza da obra que empreendeu. Lacan não duvida de que seja condição do haver-se com o inconsciente um procedimento irredutivelmente ético:

> *Ce n'est pas sous un mode impressionniste que je veux dire que sa démarche est ici éthique — je ne pense pas à ce fameux courage du savant qui ne recule devant rien, image à tempérer, comme toutes les autres. Si je formule ici que le statut de l'inconscient est éthique, non point ontique, c'est précisément parce que Freud, lui, ne met pas cela en avant quand il donne son statut à*

l'inconscient. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.35)

Não é pois surpreendente que, a vários títulos, Lacan clame pela elaboração

... d'une éthique propre à la subversion du sujet qu'annonce la psychanalyse. (COMPTE RENDU AVEC INTERPOLATIONS DU SÉMINAIRE DE L'ÉTHIQUE, Ornicar 28, p.16)

Uma ética própria, porque a análise contribui para uma ultrapassagem das fronteiras anteriores da disciplina. A própria definição (de ética) com que nos brinda orienta quanto à fecunda originalidade da psicanálise. De que maneira?

Sem nenhum sobressalto. O fundamental é que a disciplina não cuida de ajuizar quanto a quaisquer ações. Considera apenas aquelas que, enquanto tais, em si mesmas também comportem juízos:

L'éthique consiste essentiellement — il faut toujours repartir des définitions — en un jugement sur notre action, à ceci près qu'elle n'a de portée que pour autant que l'action impliquée en elle comporte aussi ou est censée comporter un jugement, même implicite. La présence du jugement des deux cotés est essentielle à la structure. (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.359)

À ética, segundo Lacan, não importam quaisquer ações, nem estas lhe interessam de qualquer maneira. Não se trata de estudar ações — coisa que, a seu modo, psicólogos, etólogos e sociólogos podem fazer —, mas de medir ações elas mesmas procedentes e procedimentos de medida: ações racionalmente ordenadas, ações intrinsecamente carregadas de sentido.

É descabido abordá-las como comportamentos, introduzindo números, tabelas, estatísticas — quer dizer, medidas extrínsecas, não perpassadas do sentido que as ilumina.

Como a tarefa da análise é fazer o sujeito descobrir os juízos que são o sentido da sua ação, atinando com sua atividade mental "inconsciente" — e portanto consigo outro, dentro de fora de si —, o entendimento do ético é especificado de maneira tal que espontaneamente a psicanálise se subsome no campo, no mesmo introduzindo as novidades que a caracterizam. A primazia a atribuir-lhe — que, a confirmar-se, lhe garante o privilégio de revolucioná-lo — não consiste no emprego do termo para designar outra coisa. O seu mérito consiste em descobrir o sujeito em paragens insuspeitáveis e, com **isso**, descobrir ampliada a área de pertinência da ética.

Havendo descoberto o meio de encontrar sentido em meio ao suposto disparate, constatando cotidianamente a colocação em cena de significações na forma do **acting out** ou da passagem ao ato, desvendando em ações sem razões evidentes — freqüentemente repetitivas — reminiscências que permitem reconstituir histórias e opiniões, a psicanálise pode desvendar muitas "coisas" como ações humanas, carregadas de juízos inaparentes.

A fim de melhor recortar o alcance da discriminação entre ações sem sentido intrínseco e ações intrinsecamente consistentes de sentido, Lacan freqüentemente adopta o termo "ato" para designar as segundas.

O ato comportaria intrinsecamente um sentido, ao contrário da ação. Por isso, sempre que na ação se trate de privilegiadamente enfocar o sujeito, ato é termo que Lacan prefere, reservando — embora nem sempre — o último para usos (alheios à sua ética) em que a ação não possa encontrar significado em si mesma[287].

Psicanalista, interroga-se sobre

... l'acte... tel qu'il se lit dans la psychanalyse. Qu'est-ce pour le psychanalyste qu'un acte? (22-11-67)

---

287 Para mais detalhes, consultar as primeiras sessões do ano décimo quinto do seminário.

Como não se trata de se restringir ao significado pronto, mas de intervir no âmbito (significante) da sua feitura, tanto quanto o falar,

> *... l'acte est lui-même de sa propre dimension un dire. L'acte dit quelque chose.* (17-1-68)

Ato é modo de dizer (o significante). Nada mais óbvio, pois o ato, por comportar sentido, realiza-se como veículo da significância.

Dizer é a ação de enunciar, sendo relativamente secundário se o significante dito se apresenta ou não verbalmente. A relatividade mencionada, aliás, não se justifica por alguma prioridade da verbalização. Lacan não apenas ressalta a possibilidade de haver discurso sem palavras, como até chega a considerá-lo preferível[288].

A princípio pode haver palavras que não sejam atos e atos que não sejam verbais. Por exemplo, respectivamente, a "voz" de uma máquina eletrônica[289] e uma expressão facial. Mas a palavra, na análise, importa como ato.

Desde os primórdios em que a sua obra se admite como psicanalítica, Lacan apresenta a palavra como um ato:

> *... le mot "parole" signifie quelque chose qui va beaucoup plus loin que ce que nous appelons tel. C'est aussi bien une action. Et d'ailleurs aussi pour nous "parole donnée" est aussi une forme d'acte.* (LE SYMBOLIQUE, L'IMAGINAIRE ET LE RÉEL — PETITS ÉCRITS ET CONFÉRENCES, p.408)

Em suma, é ato toda e qualquer ação intrinsecamente arquitetada significantemente; isto é, aquela que, por ser dito, por dizer alguma coisa, em si comporta inquestionavelmente

> *... cette dimension que nous avons posée comme constitutive de tout acte, à savoir, sa dimension signifiante...* (22-11-67)

É por meio desta (dimensão) que, com o sujeito, se introduz a possibilidade de uma medida. Uma medida intrínseca, que divorcia a psicanálise de éticas que estabeleçam tribunais da ação superiores (e exteriores) à (significante) feitura da mesma.

Este é um dos seus trunfos: dado que, tanto quanto a noção de ato, o ajuizamento sobre o mesmo é nuclear, qualquer introdução de critérios para o seu precisamento é decisiva. Ora, como a ética psicanaliticamente concebida dedica-se aos atos, "com-postos" significantes, a psicanálise não encontra dificuldade para introduzir uma medida da ação:

> *S'il y a une éthique de la psychanalise — la question se pose —, c'est pour autant qu'en quelque façon, si peut que ce soit, l'analyse apporte quelque chose qui se pose comme mesure de notre action — ou simplement le prétend.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.359)

A psicanálise é uma prática de discurso, com a originalidade (da máxima importância) de possibilitar que se inaugure um equacionamento rigoroso da ação (humana), do ponto de vista de uma lógica que lhe seja imanente: uma determinação do sentido de ato (e de cada ato singular) embasada em procedimentos de inferência regulados pela cópula significante.

A maior importância dos instrumentos de análise do significante, aquém do seu resultado para o (precário) estabelecimento do ser sujeito, reside na exatidão que propiciam da análise da ação, feita equivalente a letras.

---

288 Vide Terceira Parte, capítulo II, subcapítulo 33: ORIGINARIEDADE DA ENUNCIAÇÃO.

289 Aqui o ato não está na voz, e sim na obra de tecnologia. Ou seja, o dizer não habita a fala.

Poder-se-ia ter exemplificado com situações similares que são desafios para a clínica. Dado o seu cunho delicado, (quase) polêmico, e em função da sua relevância psicanalítica mas desimportância para o ponto tratado, preferiu-se contorná-las.

Só por isso a psicanálise — rigorosamente, a prática psicanalítica, se não (mais especificamente) o discurso do analista — vem a conceber-se como, sequer uma, mas a lógica da ação:

> *Le discours de l'analyste... il faut bien entendu que je vous le dise, puisque en somme vous ne l'avez pas entendu, le discours de l'analyste n'est rien d'autre que la logique de l'action.* (17-2-71)

Porém, não se conceba tal lógica como lógica (da ação) do sujeito. Sob pena de escamoteamento do inconsciente, é importante compreender que o que age é o significante.

Graças à estrutura se garante

> *... le glissement du signifié sous le signifiant, toujours en action (inconsciente, remarquons-le) dans le discours.* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.511)

O sujeito não é senhor do ato. Deixa-se sempre surpreender pelo significante, a ponto de ter de se referir a posição de sujeito (agente) da ação à mera estrutura, efetuadora da substância (e afetante) do sujeito.

É importante tê-lo em mente, pois dizer que o sujeito não é senhor dos seus atos, mas antes sujeitado pelo significante, é imprescindível para reiterar a impossibilidade de uma unificação subjetiva e de uma auto-cognição:

> *La situation du sujet au niveau de l'inconscient... c'est qu'il ne sait pas avec quoi il parle, on a besoin de lui révéler les éléments proprements signifiants de son discours, et qu'il ne sait pas non plus le message qui lui revient réellement au niveau du discours de l'être...* (19-11-58)

Logo, a admissão de **eu** no lugar em que o significante o põe sujeito dos atos não é admissível como uma tese validável no horizonte epistêmico. Acatá-lo seria errôneo, pois, descritivamente, o "autor" também é feito[290] de estrutura.

O tratamento do sujeito nos atos (significantes) de modo algum descreve um fato ou indica um estado de ser, mas tão somente expressa a fidelidade à palavra que faz o sujeito... sujeito à palavra!

Não pode assim haver dúvida quanto ao fato da problemática da eticidade estar na raiz do estatuto dos enunciados psicanalíticos. Ao mesmo tempo que o inconsciente faz a epistemologia naufragar na praia da ontologia — ou, segundo o lacaniano dizer, faz reentrar o ser no círculo da ciência —, fá-lo ao preço de introduzir o sujeito no lugar do objeto, transmutando o estudo deste na verificação dos atos daquele.

Com efeito, em psicanálise não se cuida de atribuir um significado a qualquer comportamento, mas de recuperar um dizer "feitor" do sujeito.

A (boa) interpretação não é outra coisa. Longe de uma arbitrária atribuição de sentido, mais ou menos dependente da "capacidade mântica" de um "psico-adivinho", lacanianamente concebida a interpretação consiste na escuta de sentidos implícitos, cujo depoimento mapeia situações de estar sujeito.

O que está em jogo é uma determinação de ser pela qual não há como **eu** (que nada era) admitir-se ser o que é. Ao contrário: por ser decidido, "toma" a decisão de ser.

É por isso que este capítulo surge em continuidade ao anterior e, precisamente por versar sobre a conexão entre ética e psicanálise, tem cabimento em secção dedicada à ontologia.

46. AÇÃO E SIGNIFICANTE

290 Feito, tanto no sentido do verbo fazer, como no de façanha.

Do ponto de vista devido ao inconsciente, está-se sempre entre um "quase-ser" e no limiar do não-ser, o que poderia induzir a depreciar ou invalidar o intento de averiguá-lo, por tabela inibindo o deslinde do sujeito.

Mas o caso é o oposto. Além dessa análise ser uma herança do fracasso da psicologia — que a torna inevitável, se se quiser desenvolver a psicanálise —, o enfrentamento da debilidade em ser é imprescindível para (eticamente) estatui-lo.

Porém, se até agora se considerou a necessidade de tratar o inconsciente (e a psicanálise) em termos éticos, não se comprovou a viabilidade do intento. Quais as garantias de que, na esfera da ética, se evitem impasses como os anteriormente enfrentados nos âmbitos epistemológico e ontológico?

A resposta, verdadeiro ovo de Colombo, é muito simples: alcançam-se coerência, rigor e precisão restringindo o significante à significância. O mesmo é dizer que, em psicanálise, as condições da exatidão encontram-se na medida em que (mais) se saliente que os significantes — independentemente do suporte material que se preste à demarcação do sistema de correlativas diferenças em que se constituem — põem em ato o sujeito.

Se a necessidade de investigação do ato deriva da implicação profunda do (ser) sujeito na experiência analítica, o exame desta pelo ofício psicanalítico, implicante do sujeito, desvenda cada ato como a colocação em ato do sujeito:

> *L'expérience psychanalytique n'est pas autre chose que d'établir que l'inconscient ne laisse aucune de nos actions hors de son champ.* (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.514)

Na medida em que o sujeito, por um significante, se representa para outros, é neles que vai residir o essencial da ação, tal como psicanaliticamente é pensada:

> *Qu'est-ce pour le psychanalyste qu'un acte? Il suffit, je pense, pour me faire entendre à ce niveau, que j'articule, que je rappelle, ce que tous et chacun vous savez, nul n'en ignore en notre temps, à savoir ce qu'on appelle l'acte symptomatique, si particulièrement caractérisé par le lapsus de la parole ou aussi bien de ce niveau qui en gros peut être classé du registre comme on dit de l'action quotidienne, d'où le terme si fâcheux de PSYCHOPATHOLOGIE DE LA VIE QUOTIDIENNE, de ce qui à proprement parler a son centre de ce qu'il s'agisse toujours, et même quand il s'agit du lapsus de la parole, de sa face d'acte.* (22-11-67)

Recorde-se que a ação, na medida em que comporta sentido, é ação significante. Na acepção estrita de que, para que nela se encontre sentido, ela mesma deverá ter-se ordenado por significantes, mas também na de que, como traço "agido", tem em si mesma o valor de um significante, por assim dizer, "dramático". Logo, não há nenhum paralelismo disjuntivo entre o patamar da significância e o da ação, já que a restrição antes sublinhada elimina qualquer hipótese de se pretender delimitar uma natureza primeira da significância, gráfica ou fonética (por exemplo), distinta do ser (qualquer) traço representativo do sujeito.

Com tal concepção de ato pode-se perfeitamente ser fiel a Freud e, a serviço da importância que concede à ação na arquitetônica psíquica, permitir-se reinterpretar a sua concordância com uma alusão de Goethe ao Evangelho, na direção de negar que a posição do poeta contradiga a do Livro:

> *Je ne saurai trop revenir sur cette remarque qui, je le souligne n'est pas de moi mais d'Alexandre Koyré: <<Au commencemet était l'action>> dit Goethe, un peu plus tard, on croit que c'est la contradiction de la formule johannique: <<Au commencement était le verbe>>. C'est ce qui nécessite qu'on y regarde d'un peu plus près. Si vous vous introduisez dans la question par la voie que je viens d'essayer de vous ouvrir sous une espèce familière, il est tout à fait claire qu'il n'y a pas entre ces deux formules la moindre opposition...* (10-1-68)

De um lado,

L'action est bien au commencement parce qu'il ne saurait y avoir de commencement sans action. (10-1-68)

Por outro, por ser ação, por definição a ação é significante:

... il n'y a point d'action qui ne se présente avec une pointe signifiante d'abord et avant tout, que c'est ce qui caractérise l'acte, sa pointe signifiante et que son efficience d'acte n'a rien à faire avec l'éfficacité d'un faire. (10-1-68)

Repise-se, a ação é significante por implicar significações e por radicalmente comportar significantes. Em última instância os dois aspectos são facetas de uma única realidade: a ação é significante por ser um modo de ser (do) significante.

Tese que, aliás, a certo momento do seminário é bem explicitada:

J'essaye là de vous montrer que mon dire est orienté par le fait que la parole seule agit. ***Im Anfang war die Tat****, qu'il dit l'autre, et il croit que c'est contradictoire avec* ***das wort****. Mais s'il n'y a pas de* ***das Wort*** *avant la* ***die Tat,*** *il n'y a pas de* ***Tat*** *du tout.* (R.S.I., 15-4-75, Ornicar 5, p.52)

Sem o verbo no começo da ação, não há começo porque não há ação. A ação está no começo, e no começo da ação está o verbo. O verbo deve ser entendido como um tipo de ação, a ação que é o começo da ação e sem a qual a ética, lacanianamente concebida, seria impossível, por não haver como encontrar, nas ações, os juizos a serem eticamente julgados.

Ajuizamentos aliás que, por sua vez, dada a dependência — ou melhor, imanência — da palavra à esfera prática, sempre são atos:

La pensée moderne a montré que tout jugement est essentiellement un acte... (LE TEMPS LOGIQUE — ÉCRITS, p.208)

É graças ao ato, ação com sentido, que é possível enfocar o sujeito como tal, sem o objetivar. Por isso, a hipótese da ação propriamente humana fazer-se carregar de sentido é um pilar imprescindível ao estabelecimento do inconsciente como verdade:

Voilà qui, à soi seul, justifie que nous soyons dans la dimension morale. L'hipothèse freudienne de l'inconscient suppose que l'action de l'homme, qu'il soit sain ou malade, qu'elle soit normale ou morbide, a un sens caché auquel on peut aller. (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.360)

A ação, enquanto ato, "gera" sentido que, ao tomar-se factualmente, se ficciona em ser. Não há ser senão pelo sentido, e não há sentido senão pelo agir (do significante), razão pela qual a associação entre psicanálise e ética se impõe:

Pour nous en tenir à ce qui peut se dire au premier pas, que chacun sait depuis longtemps, et qui est ce qu'il y a de plus modeste dans notre pratique, disons que la psychanalyse opère par un retour au sens de l'action. (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.360)

Porém, como a palavra não é inconseqüente para o sujeito, o sentido da ação, regido pelo significante, é suscetível de incluir um modo de ação transformador do (ser) **eu**:

La parole pleine est celle qui vise, qui forme la vérité telle qu'elle s'établit dans la reconnaissance de l'un par l'autre. La parole pleine est parole qui fait acte. Un des sujets se trouve, après, autre qu'il n'était avant. (LE SÉMINAIRE — LIVRE I: LES ÉCRITS TECHNIQUES DE FREUD, p.125/6)

Faz ato a palavra não diminuída a lugar comum, não reduzida a moeda gasta pelo uso. É plena a palavra que toca o sujeito, que o refaz ser. E, no universo humano, cuja realidade é sabido ser discursiva, a ação se descobre discursora:

Dans l'acte de l'énonciation il y a cette nomination latente qui est concevable comme étant le premier noyau comme signifiant de ce qui ensuite va s'organiser comme chaîne tournante, telle que je vous l'ai représentée depuis toujours de ce centre, ce coeur parlant du sujet que nous appelons "l'inconscient". (10-1-62)

Como a ação verdadeiramente não é um comportamento, mas o encaminhamento de uma interrogação fundamental quanto ao (ser) **eu**, a enunciação é um operar que monta e remonta o ser (sujeito). Uma interrogação em que o sujeito necessariamente tropeça, não (se) sabe, e na vertigem de não ser, se encontra sendo (dito) — o que não deve causar surpresa, pois é sabido que, à sua revelia, o sujeito é sentido no nível da significância.

Na medida em que pela ação — eventualmente um ato analítico — se atinjam as "cordas significantes" que são as "amarras do ser" (sujeito), "troca-se" de destino: tocar as "amarras do ser"[291] é fazer a palavra agir e, assim sendo, a ação do significante é ação significante, não meramente porque no discurso o sujeito sempre esteja se deslocando, mas porque o deslocamento o faz ser (onde não era).

A divisão do sujeito, afinal, consiste precisamente no ser (do) sujeito não ser o sujeito sendo. A primeira pessoa não pode nem deve nunca "outrificar-se". Nem no nível do sentido (irruptante) a que se supõe um sujeito, nem sequer no nível da objetivação de uma posição (formal) para o sujeito (ser).

Esta é uma exigência para que o tratamento do inconsciente se mantenha à altura da tarefa e, para tanto, não há outro recurso que não afiançar uma cisão insubstantiva e inobjetiva, porém praticamente "acessível".

Não há outro meio para o inconsciente. Como o haver a coisa freudiana deve se apreender como um fazer, sem ato (analítico) eis que não o há:

... ce savoir n'est pas du tout cuit. Car il faut l'inventer. (NOTE ITALIENNE, Ornicar 25, p.10)

Ora, este saber a inventar, a geração do sujeito pelo inconsciente, é a produção em que, discursivamente, pela ação significante, se gera como ser tudo o que valha para o humano:

Par le mot qui est déjà une présence faite d'absence, l'absence même vient à se nommer en un moment original dont le génie de Freud a saisi dans le jeu de l'enfant la recréation perpétuelle. Et de ce couple modulé de la présence et de l'absence... naît l'univers de sens d'une langue où l'univers des choses viendra à se ranger. (FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE — ÉCRITS, p.276)

O processo nunca é completável, não apenas pela precariedade em ser das coisas — dependentes do sentido que as dita, criado na e pela ação discursiva —, mas porque o sentido é incompletável — ou, ao gosto otimista, inesgotável. Incompletude ou inesgotabilidade que asseguram, dada a precariedade ôntica do mundo, a perenidade do vir a ser sujeito.

Nestas circunstâncias, não é difícil admitir que a única via cabível para a abordagem da subjetividade enquanto tal se resuma à investigação dos atos, o que é aliás assaz e suficientemente elucidador da dependência do inconsciente da escuta analítica:

L'Autre est donc le lieu où se constitue le je qui parle avec celui qui entend, ce que l'un dit étant déjà la réponse et l'autre décidant à l'entendre si l'un a ou non parlé. (LA CHOSE FREUDIENNE — ÉCRITS, p.431)

A escuta, sendo imprescindível para que a palavra faça sentido além do conhecido, faz o sujeito em outro lugar que não a imediatidade intencionada.

Logo, o sujeito, há-de-se sempre "colhê-lo" em ato nas circunvoluções da ação significante. Quer dizer, desiste-se de, em qualquer hipótese, captá-lo como tu:

---

291 Vide subcapítulo 41: CIÊNCIA E ONTOLOGIA.

Nous choisissons l'être, le sujet disparaît, il nous échappe, il tombe dans le non-sens — nous choisissons le sens, et le sens ne subsiste qu'écorné de cette partie de non-sens qui est, à proprement parler, ce qui constitue, dans la réalisation du sujet, l'inconscient. En d'autres termes, il est de la nature de ce sens tel qu'il vient à émerger au champ de l'Autre, d'être dans une grande partie de son champ, éclipsé par la disparition de l'être, induite par la fonction même du signifiant. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.192)

Contra qualquer positividade, o significante — cuja função, recorde-se, é representar (constitutivamente) o sujeito — constrói e, principalmente, "esburaca" as teias de sentido que servem ao ser.

Qualquer procedimento que ponha em primeiro plano (via a atenção ao sentido) a investigação do ser, desde logo se reporta a um tu, uma segunda pessoa promovida a primeiro plano pelo "esquecimento" com que se intenta dissipar a "interpertinência" entre **eu** e morte, entre sujeito e não ser. Porém, graças à irrupção de sem sentido com que o significante perturba o ser, "impertinentemente" o sujeito (inconsciente) insiste.

Como notoriamente substantivos e objetos aqui são outra coisa, é imprescindível bem discriminar o abismo entre a abordagem científica da linguagem, e mesmo o seu tratamento rigoroso em prol da ciência, e a sua consideração psicanalítica. Perante o inconsciente, a palavra é o modo de ação que põe a ação, abrindo a dimensão do agir à esfera da verdade:

La fonction de la parole, il y a très longtemps que j'ai avancé ça, c'est d'être la seule forme d'action qui se pose comme vérité. (3-2-72)

À psicanálise interessam as incongruências, as ambigüidades, os resíduos, os impasses, onde se possam traçar os desígnios do sujeito.

À psicanálise interessa tudo aquilo que, — como se denuncia pelo furor formalizante —, de outras perspectivas se evita:

... dans la voie de la formalisation, ce que nous cherchons à exclure c'est le sujet. Seulement, nous analystes, notre visée doit être exactement contraire, puisque c'est là le pivot de notre praxis. (2-12-64)

O interesse pela formalização, dada a idéia de uma forma a distinguir dos seus "preenchimentos", evidencia o enredamento da ciência na noção de substância. Já no "estruturalismo" psicanalítico não pode caber sombra de nostalgia por qualquer substancialismo. A letra, como estrutura geradora de sentido, interessa-lhe como campo de invenção da verdade.

Note-se, a letra é campo de invenção da verdade, mas não álibi para arbitrariedades. Por fazer sentido, sua inscrição é produtora e re-produtora do sujeito ser, mas não reproduz, no sentido de cópia, um ser (algo) que lhe seja anterior. Muito menos se põe à disposição do ego para que este faça qualquer coisa.

As regras do seu acontecer não são voluntárias. São leis que propõem o ser sujeito e a sua realidade e, nesta medida, a ação de "nosso" espírito — mais rigorosamente, a ação significante, permanentemente recolocadora da divisão do sujeito — é pilar insofismável da "ontologia" lacaniana:

Comment la parole, en effet, épuiserait-elle le sens de la parole ou, pour mieux dire avec le logicisme positiviste d'Oxford, le sens du sens, — sinon dans l'acte qui l'engendre? Ainsi le renversement goethéen de sa présence aux origines: <<Au commencement était l'action>>, se renverse à son tour: c'était bien le verbe qui était au commencement, et nous vivons dans sa création, mais c'est l'action de notre esprit qui continue cette création en la renouvelant toujours. Et nous ne pouvons nous retourner sur cette action qu'en nous laissant pousser toujours plus avant par elle. (FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE — ÉCRITS, p.271)

Permita-se por isso a irreverência de relatar o curso do pensamento lacaniano (depois do abandono da psicologia) como âmbito, mais do que de uma ontologia "eticizada", de uma ética "ontologizante".

Tese a enfrentar com a radicalidade suficiente para levantar a questão do que "o ser" possa ser a partir do estatuto ético do inconsciente. Ou, dito maliciosamente, inquirir quanto ao "inconsciente" no ontológico...

47. ÉTICA E INCONSCIENTE

A fim de equacionar a ética ontologizante em que, por obra e graça da inobjetividade do inconsciente, redunda a ontologia eticizada, talvez não seja descabido correlacioná-la com o discurso ético pré-psicanalítico. Convém compará-la, em especial, com a seleção do mesmo que serve de apoio e de contraponto a Lacan.

Neste particular, Kant é um interlocutor fundamental. O psicanalista encontra ânimo para sugerir uma vasta "re-reflexão" da problemática tratada pelo filósofo, a qual abreviadamente em seguida se resenha.

Segundo Lacan, como potencialmente a palavra comporta a interpelação de Outro, as únicas vozes que nos interpelam na imensidão cósmica são as dos cientistas ou de outros sujeitos que o habitem. Pois, em coerência com o refletido a propósito do signo, em vez de forma da sensibilidade o espaço é estrutura significante e, enquanto tal, implicador do sujeito, efeito do significante que se realiza como espaço:

> *Si la proposition de Kant s'y confirme qu'il n'est que deux instances où le sujet puisse voir figurée l'hétéronomie de son être, pour peut qu'il les contemple <<avec étonnement et respect>>, et ce sont <<la route étoilée au-dessus de lui, et la loi morale au dedans>>*[292]*, les conditions pourtant ont changés d'où cette contemplation est possible.*
>
> *Les espaces infinis ont pâli derrière les petites lettres, plus sûres à suporter l'équation de l'univers, et la seule voix au chapitre que nous puissions y admettre hors nos savants, est celle d'autres habitants qui pourraient nos adresser des signes d'intelligence, — en quoi le silence de ces espaces n'a plus rien d'effrayant.* (REMARQUE SUR LE RAPPORT DE DANIEL LAGACHE — ÉCRITS, p.683/4)

Atente-se ao movimento da argumentação: "intrajacente" ao espaço há que reconhecer letras, mais próprias a equacionar a vastidão do real. Letras no entanto que, em desafio à abordagem científica, haverá que pensar enquanto palavras (proferidas e com sentido) e não como mero código, assim assegurando a pregnância subjetiva, a sua inscrição por suposto sujeito e elas como a ele relativas. Algo que claramente se pode reconhecer e apreciar de patamar comum ao significante e ao sujeito (e portanto ao espaço):

> *Il en est de même pour la loi morale, et pour la même raison qui nous fait cheminer de langage à parole. Et découvrir que le Surmoi en son intime impérative est bien <<la voix de la conscience>> en effet, c'est-à-dire une voix d'abord, et bien vocale, et sans plus d'autorité que d'être la grosse voix: la voix dont un texte au moins de la Bible nous dit qu'elle se fit entendre au peuple parqué autour du Sinaï, non sans que cette artifice y suggère qu'en son énonciation elle lui renvoyait sa propre rumeur, les Tables de la Loi n'en restant pas moins nécessaires à connaître son énoncé.*
>
> *Or sur ces tables, rien n'est écrit pour qui sait lire hormis les lois de la Parole elle-même. C'est dire qu'avec la* ***per-sona*** *commence bien la personne, mais où la personnalité? Une éthique s'annonce, convertie au silence, par l'avenue non de l'effroi, mais du désir...* (REMARQUE SUR LE RAPPORT DE DANIEL LAGACHE — ÉCRITS, p.684)

Não há mistério quanto à voz da consciência: é o sujeito, agora tomado intra-subjetivamente por uma divisão constitutiva (que o subjetiva herdeiro da tradição simbólica suportada no Pai), que aparece como voz de Deus. Na medida em que a palavra comporta leis

---

292 CRÍTICA DA RAZÃO PRÁTICA, p.183

próprias, não se amolda ao bel-prazer da intencionalidade, como Outro (e no Outro) há que reconhecer o próprio rumor subjetivo; e se o Outro se reduz ao lugar e letra necessário à enunciação dessas leis, o reconhecimento da palavra como enunciação sem se saber do **eu** deverá reconverter o temor (do Outro) em constatação do "meu" desejo, em revelação do **eu** (como desejante).

É vital salientar o cunho eminentemente enunciador do **eu**, totalmente incompatível com o seu isolamento objetivante, ainda que diferido na forma da fundamentação de uma ontologia com base no desejo. Usando neologicamente um palavrão em curso noutras plagas (mas sem a menor pretensão de lhes ser fiel), aqui **eu** deve interpretar-se como o real "actante" da enunciação.

A pessoa começa pelo som, pela voz. E a personalidade, que ocupara um lugar de destaque como objeto da psicologia, lá entendida como totalização unificante de tendências?

Ora, a personalidade!... Não há unidade como unificação subjetiva, sequer há objeto...

Sem pretender exaustivamente dar conta da interpretação lacaniana de Kant, uma possível abordagem deste último ponto (preambular ao tratamento sistemático que se exige do assunto) também pode ser introduzida aproveitando o comentário ao filósofo. Curiosamente, Lacan pode reencontrar neste um verdadeiro mote do seu pensamento: a falta de objeto.

Entenda-se bem, a falta de objeto fundida com a função do objeto em falta — a qual, por de alguma maneira precisar referi-la, apenas designa de "a"[293]. Em vez do objeto, em psicanálise propugna-se o objeto em falta, vinculado à falta tomada como objeto e desse modo inscritor do sujeito como desejante.

O termo objeto, anteposto à variável "a", no mínimo é problemático:

> *... désigner ce petit "a" par le terme d'objet, vous le voyez, est d'un usage métaphorique, puisqu'il est emprunté justement à cette relation sujet-objet, d'où le terme objet se constitue, qui sans doute est propre à désigner la fonction générale de l'objectivité; et cet objet, dont nous avons à parler sous le terme "a" est justement un objet qui est externe à toute définition possible de l'objectivité.* (9-1-63)

Nem poderia ser doutro modo, pois o que mais caracteriza esse "objeto" é sua inobjetivação, precisamente na medida em que nesse (não) objeto reside o sujeito — no lugar do primeiro escapa o segundo (na forma da verdade do seu desejo).

A insistência em capturá-lo achata-o numa imagem a serviço do conhecer — "i(a)" —, na qual, pelo fervor objetivante, perde-se o vital do inobjeto sujeito.

A tentativa de afirmar a auto-captura alimenta e alimentou as pretensões ao conhecimento:

> *Cette image i(a), image spéculaire, objet caractéristique du stade du miroir, a plus d'une séduction qui n'est pas seulement liée à la structure de chaque sujet, mais aussi à la fonction de la connaissance.* (22-5-63)

Mais do que impossibilidade, a inconveniência da sua conceituação prende-se ao fato de na operação de auto-apreensão não sobrar nada do sujeito propriamente dicente, mas tão somente a sua dissolução na ordem do imaginário:

> *... par la forme i(a), mon image, ma présence dans l'Autre est sans reste.* (22-5-63)

Ora, o fundamental nesta imagem, "i(a)", é o "a" que a extrapola, apresentando-a apetecível. A falta de objeto interessa e muito importa para o desejo. Portanto, sobressai noutro registro que não o, a vários títulos imaginário, da cognoscibilidade:

---

293 *... cet objet n'est pas nommable. Si j'essaie de le nommer... ce n'est là qu'appareil de nomenclature.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.177)

Retenons le paradoxe que ce soit au moment où ce sujet n'a plus en face de lui aucun objet, qu'il rencontre une loi, laquelle n'a d'autre phénomène que quelque chose de signifiant déjà, qu'on obtient d'une voix dans la conscience, et qui, à s'y articuler en maxime, y propose l'ordre d'une raison purement pratique ou volonté. (KANT AVEC SADE — ÉCRITS, p.767)

É nessa medida que tal "inobjeto", antes que esteticamente, é eticamente referível. Como tal, não deixará de fazer-se reconhecer nas entre-linhas do discurso ético e, portanto, no momento da obra kantiana à ética devotado:

... cet objet défini dans sa fonction par sa place comme "a"... nous permettra de situer à sa place ce qui jusqu'ici est apparu comme énigmatique sous la forme d'un certain impératif dit catégorique. (15-4-63)

Nada se adianta que não esteja em conformidade com a situação de, no lugar do objeto, apenas se encontrarem letras. Correlatamente, as leis não codificam processos empíricos extra-simbólicos, já que empírica é a logicidade. A falta de objeto, ainda que exclua a possibilidade de fazer ciência, não remete ao imponderável, mas sim ao estabelecimento de medidas discursivas:

Pour que cette maxime fasse la loi, il faut et il suffit qu'à l'épreuve d'une telle raison, elle puisse être retenue comme universelle en droit de logique. Ce qui, rappelons-le de ce droit, ne veut pas dire quelle s'impose à tous, mais quelle vaille pour tous les cas, ou pour mieux dire, qu'elle ne vaille en aucun cas, si elle ne vaut pas en tout cas. (KANT AVEC SADE — ÉCRITS, p.767)

Em psicanálise, a universalidade da lei não se resume ao seu acatamento universal, quer na forma da obediência a seus preceitos, quer na forma do seu reconhecimento como máxima válida para todos, ainda que desobedecida.

A lei impõe-se pela logicidade. É "lei sintática", pela qual aquém do dever se conjuga o ser sujeito, completamente à revelia de qualquer possibilidade de considerandos quanto ao cumpri-la ou não. Desobedecê-la é pôr-se sob o seu jugo e estar fora-da-lei é não ser.

Como "experiência" da logicidade, por se pôr na dependência do significante, a lei depende da vacuidade da particularidade do objeto. Esse "vazio", subjetivamente feito e refeito sentido objetivo, concerne muito visceralmente ao sujeito: o estatuto negativo da falta de objeto — precisando, falta da cognição do objeto —, reverbera no equacionamento do sujeito, inevitável de se fazer correlativamente àquela.

Como falta, o objeto põe o sujeito, e desejante:

Nous conviendrons que tout au long de la CRITIQUE cet objet se dérobe. Mais il se devine à la trace, que laisse l'implacable suite qu'apporte Kant à démontrer son dérobement et dont l'oeuvre retire cet érotisme, sans doute innocent, mais perceptible, dont nous allons montrer le bien-fondé par la nature du dit objet. (KANT AVEC SADE — ÉCRITS, p.768)

O argumento é ilustrado a propósito de passagem em que Kant, no intuito de examinar a aplicabilidade da lei moral e de averiguar a possibilidade de sua justificação, investiga os princípios da razão pura prática[294]. Lacan declara que, mesmo tratando-se de um exemplo cuja prova apenas parece se propiciar analiticamente, seria possível fornecê-la sintética:

Ce type s'illustre de la fidélité qui s'impose à la restitution d'un dépôt: la pratique du dépôt reposant sur les deux oreilles qui, pour constituer le dépositaire, doivent se boucher à toute condition à opposer à cette fidélité. Autrement dit, pas de dépôt sans dépositaire à la hauteur de sa charge.

On pourra sentir le besoin d'un fondement plus synthéthique, même dans ce cas évident. Illustrons-en à notre tour le défaut, fût-ce au prix d'une irrévérence, d'une maxime retouchée du père Ubu: <<Vive la Pologne, car s'il n'y avait pas de Pologne, il n'y aurait pas de Polonais.>>

294 CRÍTICA DA RAZÃO PRÁTICA, p.38/9

Que nul part quelque lenteur, voire émotivité, ne doute ici de notre attachement à une liberté sans laquelle les peuples sont en deuil. Mais sa motivation ici analytique, encore qu'irréfuctable, prête à ce que l'indéfectible s'en tempère de l'observation que les polonais se sont récommandés de toujours par une résistence remarcable aux éclipses de la Pologne, et même à la déploration qui s'ensuivait. (KANT AVEC SADE — ÉCRITS, p.767)

É bem aqui, no tronco mesmo da reflexão kantiana, que se enxerta e mais nitidamente se percebe a originalidade da leitura psicanalítica (lacaniana). Tanto no caso do depósito quanto no da Polônia é possível perceber a necessidade de encontrar um fundamento mais sintético para as máximas, analiticamente justificáveis, que os embasam. Não se trata apenas de evidenciar que a aceitação como lei do princípio de que cada qual possa negar a existência de um depósito cuja existência ninguém possa provar — Kant exemplifica com a circunstância em que o seu proprietário tenha falecido —, no limite, destrua esse mesmo princípio, pois faria com que não houvesse mais depósito... A dificuldade maior não se trava no nível da supressão do depósito, mas no âmbito das conseqüências desse fato para a subsistência do depositário que, enquanto tal, depende de um investimento de sentido que, do Outro, como que lhe chega pelas orelhas.

Subjacente à analiticidade — sem depósito não há depositário e sem Polônia não há polacos —, ademais da estrita evidência semântica, o que efetivamente está em pauta é nada mais nada menos que o (ser) sujeito, perpetrado e suportado pela palavra: sem Polônia, não existem polacos, e sem o cumprimento da palavra, o depositário não (o) é.

A palavra, em forma de lei, sem ser fundamento praticamente como que fundamenta e, de certa forma, em outra acepção, "sintetiza" o sujeito. A empiricidade (significante), em si mesma, psicanaliticamente é reportada à existência do **eu**, que se assegura por algumas palavras que (o) façam sentido.

Logo, demonstra-se que o dever desdobra-se em fazer-se ser: subjacente à falta de objeto, no universo da lei, cuja única fenomenalidade é a significante, manifesta-se o ser sujeito.

Em tais circunstâncias, falar em uso da palavra é, no mínimo, impróprio:

Dans le discours, je n'ai pas à suivre sa règle mais à trouver sa cause. (13-11-68)

A palavra (verdadeira) é ato na matéria do sujeito: ao mesmo tempo é assujeitante e é determinante da ação do sujeito.

Só subsidiariamente a palavra é ato do sujeito[295]. Ao mesmo tempo é posicionada como fonte do sentido (e portanto "essenciante"[296] do **eu**) e como ato subjetivo, o que é uma (boa) maneira de abordar a mui propalada divisão do sujeito — a coluna dorsal, raramente compreendida, da meditação lacaniana relativa à subjetividade.

Eu se constitui pela palavra que, dita por **si**, o insta a assumir ser **isso** que diz[297]:

L'effet de langage, c'est la cause introduite dans le sujet. Par cet effet il n'est pas cause de lui même, il porte en lui le ver de la cause qui le refend. Car sa cause, c'est le signifiant sans lequel il n'y aurait aucun sujet dans le réèl. Mais ce sujet, c'est ce que le signifiant représente, et il ne saurait rien représenter que pour un autre signifiant: à quoi dès lors se reduit le sujet qui écoute. (POSITION DE L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.835)

---

295 É o Outro que faz o sujeito, e sequer é crível que qualquer asserção o reflita.

296 Este e outros neologismos, que seguem o princípio de fazer verbos a partir de substantivos, impõem-se em fidelidade à idéia da ação (verbal) como "ontologizante". Ou seja, fundamentam-se na preocupação em ser fiel ao movimento da argumentação, que muito claramente vai na direção de evidenciar o significante como anterior e produtor do que se imagine substancial.

297 **Isso** que diz é o seu dito e é o dicente que diz, literalmente cindido e inscrito sujeito lá, em lugar esvaziado de objetos objetivos.

Eis, rigorosamente formulada, a conflituosa situação de constituição do sujeito, atormentado entre nada ser fora da palavra, e pouco ser nela. A categoria da causalidade não mais se aplica ao encadeamento de coisas, mas ao fazer-se subjetivo:

> *... la fonction originelle de l'objet "a" comme cause du désir, signifie le transfert de la catégorie de la causalité, de ce que j'appellerai avec Kant l'esthétique transcendentale, à ce que — si vous voulez bien y consentir — j'appellerai mon <<éthique transcendentale>>.* (12-6-63)

A causalidade, por longo tempo exilada nos descaminhos epistemológicas e mais modernamente nesse mesmo âmbito depreciada, pode reencontrar a trilha das suas raízes na esfera jurídica[298].

O psicanalista mal hesita em substituir a estética por uma ética transcendental. A tanto é coagido por não haver mais espaço para uma objetividade positiva. Nos escombros da objetividade fermenta uma subjetividade Outra, que (graças ao significante) resgatada do luto pelo conhecimento, justifica a sucessão do conhecer pelo ser, nos termos rigorosos de um agir. Uma subjetividade que (só) é (quando) posta em ação e, por isso, embora sem fundamento, encontra estatuto do lado da ética.

A psicanalítica preocupação com o rigor no agir de modo algum deve entender-se na perspectiva de um controle da ação, mas antes como atenção ao seu sentido e, portanto, não se a reduz nem se a confunde com uma ética do inconsciente desprevenida. A universalidade da falta concerne singularmente a cada querer ser sujeito, na peculiaridade das falhas tentativas de solução que encontra para lidar com sua precariedade em ser. A ponto da autonomia da lei moral se descobrir subordinada à heteronomia da ordem do desejo:

> *C'est de l'énergie du désir que se dégage l'instance de ce qui se présentera au dernier terme de son élaboration comme censure.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.11)

O imperativo ao eu atinente alimenta-se da energia — o mesmo é dizer, da atividade — do desejo, mesmo quando se afigura como repressão.

A chave para tal discernimento resulta de uma consideração mais sistemática do desejo, à qual se procede em próximo capítulo. Até ao momento, apenas se sabe o desejo ser a "essência" do humano, mas lá ficará claro o quanto a definição é enganosa, se se ficar na superficialidade dos significados, não adentrando as sutilezas do pensamento lacaniano.

Como a essência reside em não haver essência, a tese só pode significar que, dado o "esvazio" que lhe é nuclear — e em função da (sua) determinabilidade lógica —, a forma (significante), reduzida a si mesma, conduz a que nada além de si se conceba como matéria[299].

Não é outra coisa o que permite ao psicanalista assinalar no sentido verdadeiro do desejo a "substância" do sujeito — quer dizer, é isso que o autoriza a apresentar a letra como causa material em psicanálise:

> *Certes me faudra-t-il indiquer que l'incidence de la vérité comme cause dans la science est à reconnaître sous l'aspect de la cause formelle.*
>
> *Mais ce sera pour en éclairer que la psychanalyse par contre en accentue l'aspect de la cause matérielle. Telle est à qualifier son originalité dans la science.* (LA SCIENCE ET LA VÉRITÉ — ÉCRITS, p.875)

---

298 E sem descurar de ressaltar a maior importância de uma segunda acepção que o verbo causar "causar" recebe em francês: "**causer**" também significa "palrar".

299 Imaginar alguma substância a preencher a forma é fantasiar:

> *Il est facile de rendre cela sensible dans le discours de la mathématique où constantement le dit se renouvelle de prendre sujet d'un dire plutôt que d'aucune réalité...* (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, p.6)

Em todo o campo da linguagem patenteia-se em verdade o que na matemática percebe-se com maior clareza, quiçá devido ao caráter "intencionalmente" formal da mesma.

Porém, atenção! O que importa em tal formulação é o combate à idéia de representação embutida na concepção tradicional de signo. Retoricamente, a forma é (única) matéria porque além da forma não há acesso a nenhuma substância. No entanto, enquanto forma lingüística, ausência da coisa, é como vacuidade, falta, que se associa à (falta de) substância do sujeito como desejo.

Transfigurar a falta em substância, ou qualquer outro procedimento que nessa linha possa subsistir, seria mera compensação:

> *... c'est bien du côté du trou qu'il vous faut chercher la cause matérielle. Voilà quelque chose qui cause quelque chose, un trou dans le vase. Voilà le modèle.* (8-12-65)

Há que sublinhar que qualquer reflexão sobre a natureza das coisas tal como se constituem no universo humano necessariamente depende da falta de natureza deste humano, quer dizer, do seu estatuto à luz da realidade do desejo. Pois, dada a vacuidade essencial às coisas — vacuidade por definição solidária da natureza signica consubstancial ao ser coisa —, o que imediatamente se afigure "coisa" significa e sinaliza uma constelação discursiva, da qual afinal é o produto.

As coisas — conforme LA CHOSE FREUDIENNE, texto onde Lacan põe a verdade a falar na primeira pessoa — são signos de palavras:

> *Sans doute ici les choses sont mes signes, mais je vous le redis, signes de ma parole.* (LA CHOSE FREUDIENNE — ÉCRITS, p.411)

Como sempre, a argumentação lacaniana não se presume verdadeira para além do ponto de vista psicanalítico, embora insista na especialidade deste ponto de vista.

Independentemente do grau de concordância com o valor (de verdade) que o autor lhe atribui, para efeito de entendimento desta investigação basta que a temática se considere pelo ângulo do inconsciente. E por este, no que psicanaliticamente importa pensá-la, a "coisa" que importa, psicanaliticamente pensando, depende fundamentalmente do dizer:

> *Partant de la locution: "ça ne va pas sans dire", on voit que c'est le cas de beaucoups de choses, de la plupart même, y compris la chose freudienne telle que je l'ai située d'être le dit de la vérité.* (L'ÉTOURDIT, Scilicet 4, p.8)

A "coisa" é dito da verdade (do desejo) e, nessa medida, o seu estatuto é o mesmo que o da ação (significante), pois põe-se na dependência da enunciação do desejo.

Logo, é feito significante e, portanto,

> *Non seulement les noms ne sont pas la conséquence des choses, mais nous pouvons affirmer expressément le contraire.* (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE BÉVUE S'AILE A MOURRE: NOMINA NON SUNT CONSEQUENTIA RERUM, Ornicar 16, p.10)

Por tudo isto a psicanálise denuncia qualquer veleidade de reduzir o inconsciente a objeto de uma ciência.

Em primeiro lugar, fá-lo por, para o humano, qualquer objeto perfazer-se discursivamente, o que a leva a pôr em causa o sujeito.

Em decorrência, o comprometimento da possibilidade de fundar uma ciência do inconsciente não se resume à perda da possibilidade de objetivar e mensurar uma ordem de fenômenos, um dos pressupostos epistemológicos imprescindíveis ao empreendimento.

Também uma outra condição da cientificidade entra em colapso: a partir da psicanálise, não apenas se esclarecem as dificuldades da epistemologia para equacionar o determinismo, como também se estabelece por que o seu tratamento por ela é tão problemático, a ponto da mesma se empenhar em pensar-se excluindo-o.

48. ÉTICA E DETERMINISMO

A perpetuação da razão que subordina o sujeito aos efeitos do significante, efeitos que dependem de uma causalidade entendida como necessidade lógica, está longe de ser uma categoria no horizonte do epistêmico:

> *Vous savez combien, dans le progrès de l'épistémologie, l'isolement de la notion de la cause a produit de difficultés. Ce n'est pas sans une succession de réductions qui finissent par l'amener à la fonction la plus ténue et la plus équivoque que la notion de cause a pu se maintenir dans le développement de ce qu'au sens le plus large nous pouvons appeler notre physique.* (16-1-63)

Não obstante seja irredutível e problemática em ciência, relativamente à subjetividade outra é a situação da causalidade,

> *... cette fonction... essentielle à tout le mécanisme du vécu de notre mentale, la fonction de la cause.* (8-5-63)

Haja vista que,

> *... plus la cause est critiquée, plus les exigences qu'on peut appeller du déterminisme se sont imposées à la pensée.* (12-6-63)

O determinismo não se exige da consideração objetiva das coisas, preocupação das ciências ditas naturais, mas sim da necessidade lógica de apresentar e ordenar os dados a elas relativos. Ao se confrontá-lo com o âmbito em que se pretende explicá-lo, depara-se-se com o impasse reconhecido desde Hume. As longas e complicadas manobras com as quais se intenta substituir a noção de causa na apresentação lógica do saber científico, até mesmo pelo seu distanciamento da imediatidade associada ao entendimento vulgar da inferência como causalidade — epistemologicamente injustificado, mas ineliminável —, apenas mais sinalizam a nuclearidade que a referida noção ocupa no (ético) âmbito da subjetividade:

> *C'est seulement comme instance de l'inconscient, de l'inconscient freudien, que l'on saisit la cause à ce niveau dont un Hume entend la débusquer et qui est justement celui où elle prend consistence: la rétroaction du signifiant en son efficace, qu'il faut tout à fait distinguer de la cause finale.* (POSITION DE L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.839)

A causa é instância do inconsciente, mais ainda quando o que causa, via a retroação do significante, é a instauração de uma posição subjetiva, ou seja, a delimitação de uma situação em que o sujeito foi. É o estatuto dessa "causa" que se busca ao pretender definir o do inconsciente, pois por depender estruturalmente de operações lingüísticas, o que (a vários títulos) está em causa é o (ser) sujeito.

Portanto, o estatuto da causa, vinculado ao inconsciente, há que precisá-lo relativamente à operação específica que, na estrutura da língua, como indicador de uma inscrição posicionadora do (sujeito) inconsciente, permite resguardar um saber com reticências[300].

Tal operação é a negação — tradução estritamente simbólica do que se imagina como conseqüência — e consiste basicamente no apagamento de uma marca.

A primitiva presença do não dito, impensável, só realmente se torna significante, (eticamente) acessível, quando é interdita — ou, mais precisamente, dita que não. Quer dizer, só há implicação (do sujeito) quando a marca se traça apagando-se, isto é, quando se traça com um risco que se põe do lado do não dito:

---

300 *Dans l'inconscient, il y a un savoir, qui n'est pas du tout à concevoir comme savoir à s'achever, à se clore.* (LE SÉMINAIRE - LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.122)

Une règle de pensée qui a à s'assurer de la non-pensée comme de ce qui peut être sa cause, voilà à quoi nous sommes confrontés avec la notion de l'inconscient. (13-11-68)

Por isso, esse lugar de ser sujeito, tão protegido, que é chamado inconsciente, merece ser compreendido como parte não dita do discurso. Entre não poder ser fora da língua, e só ser fala, o ser falante encontra refúgio no calar-se.

Deve entender-se corretamente como o pensador vai referir o ser diretamente à palavra, e o ser "por-vir" à palavra não dita:

Qu'est-ce que l'analysé vient chercher en analyse? Il vient chercher ce qu'il y a à trouver, ou plus exactement, s'il cherche, c'est parce qu'il y a quelque chose à trouver. Et la seule chose qu'il y a pour lui à trouver, à proprement parler, c'est le trope par excellence, le trope des tropes, ce que l'on appelle son destin. (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.372)

O destino cifra-se em palavras não ditas e por isso mesmo tão mais atuantes no acontecer (do) sujeito. Bem entendido, o caso — que não permite acasos — é que, como palavra não dita, o dito "não" também é palavra dita que não, e assim, dita. Uma palavra sendo no rastro do não descobri-la (ou não revelá-la).

No rastro do não descobri-la, porque a negação aparece com (e faz aparecer) o sujeito; e no rastro do não revelá-la, porque o modo deste ser sujeito é o velamento.

O inconsciente depõe-se — tanto como "deposição" do racalcado como enquanto depoimento de um saber restituído à luz da consciência — por uma palavra cuja operação na estrutura esteja subordinada à ação propriamente dita da palavra "não".

Palavra cujo valor como castração, por ser condição significante **sine qua non** da efetuação do sujeito, também marca os meandros da sua redicção no registro em que o insere,

... l'ordre symbolique, c'est-à-dire,... la ***Bejahung*** *que Freud pose comme le procès primaire où le jugement attributif prend sa racine, et qui n'est rien d'autre que la condition primordiale pour que du réel quelque chose vient à s'offrir à la révélation de l'être, ou, pour employer le langage de Heidegger, soit laissé-être. Car c'est bien à ce point reculé que Freud nous porte, puisque ce n'est que par après, que quoi que ce soit pourra y être retrouvé comme étant.*

Telle est l'affirmation inaugurale, qui ne peut plus être renouvelée sinon à travers les formes voilées de la parole inconsciente, car c'est seulement par la négation que le discours humain permet d'y revenir. (RÉPONSE AU COMMENTAIRE DE JEAN HYPPOLITE — ÉCRITS, p.387/8)

O recalque, **Verdrängung**, a partir do qual a ordem simbólica se articula, por sua vez sucede-se ao assentimento, **Bejahung**. A função da palavra "não", ao reproduzir dentro do simbólico a impossibilidade de tudo dizer — isto é, ao negar a possibilidade de assentir sempre —, confere peso e densidade à palavra dita. Confere-lhe também ambigüidade: como efeito da ação significante, o sujeito não é feito sem a interdição que viabiliza a sua divisão, pela qual reencontra-se ser numa posição não sabida, mas nessa medida legitimamente pontuada pela palavra que aponta — melhor, produz e reproduz — o não dito, dizendo-o não. O não dito — que, enquanto real, por definição é indizível[301] — recria-se e cria-se no nível (do) simbólico pelo dito não, o qual aponta para o anterior devido a razões, por assim dizer, de "co-incidência" estrutural:

Moi, je crois, que votre préverbal, est, en l'occasion, tout à fait modelé par le verbal. Je dirai presque que c'est un hyper-verbal. (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE BÉVUE S'AILE A MOURRE, 18-1-77, Ornicar 15, p.9)

---

301 *... je ne doute pas que, au-delà du langage, il y ait de l'ineffable, mais enfin cet ineffable, puisqu'il est ineffable, pourquoi en parler?* (DIALOGUE AVEC LES PHILOSOPHES FRANÇAIS, Ornicar 32, p.16)

Entredito e interdito, o que por definição (enquanto inconsciente) está no limbo é o sujeito. Sujeito que, a por má escuta ou por outra razão omitir-se o inconsciente, sentencia-se a jamais vir ao ser, condena-se a nunca vir a ser sujeito:

> *... cet inconscient, à tout instant, fait effort, pousse dans le sens de se faire reconnaître; assurément, et pour cause, c'est qu'il est chez lui si on peut dire, dan un univers structuré par le discours.* (10-1-62)

Para bem o entender, para bem adentrar um aspecto radicalmente inovador do pensamento lacaniano — a questão de uma subjetividade tão somente agida na "impessoa" da enunciação, jamais equacionável como substrato teorizável, e portanto insuscetível de comportar denotativamente formulações que, no nível do enunciado, a coloquem na posição sintática de objeto direto —, é conveniente precisar as teses acima referidas.

Isso obtém-se com a descrição da operação da negação no processo de surgimento do sujeito:

> *A cet endroit, il faut définir la cause inconsciente, ni comme un étant, ni comme un* ***oùk ón****, un non-étant,— comme le fait, je crois, Henri Ey, un non-étant de la possibilité. Elle est un* ***mè ón****, de l'interdiction qui porte à l'être un étant malgré son non-avènement, elle est une fonction de l'impossible sur quoi se fonde une certitude.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.117)

Lacan joga com os advérbios de negação **mè**, que em grego se usa nas orações volitivas, com valor subjetivo e generalizante, e **ouk**, que se usa nas orações enunciativas, com valor objetivo e particular, para distinguir entre a negação sobre um fundo de prévio assentimento — **mè ón** — e a negação que, proclamando a sua inexistência factual, asseguraria pura e simplesmente a nulidade ôntica do inconsciente — **oùk ón**.

Calar não é mera ausência de fala, mas uma fala ausente. Nessa medida, a negação como causa nem é um ente, nem um não-ente. Psicanaliticamente, o "não" ontologicamente pertinente é o dito-que-não, que permite aceder ao inter-dito que leva um ente ao ser, malgrado seu não advento.

Apesar do não advento substantivo da coisa objetivada, apesar do real como impossível, o "não" ético — como inter-dicção, para além da mera interdição — eleva o ente ao ser (da) palavra.

Eleva-o a ficção construída sobre a falta, o que esclarece cabalmente a cautela lacaniana em lidar com a ontologia, bem como ilumina a asserção da fragilidade ôntica do inconsciente, a par da proclamação do seu estatuto como, de direito, ético. O ser (do) inconsciente, ordenado num saber incerto em que o sujeito (da certeza) pode ser pela aposta — ou seja, pela dúvida —, é uma cortina que vela a problemática subjetiva propriamente dita, a equacionar nos termos que à primeira pessoa convêm:

> *Cela dit, je sais que, malgré mon refus de suivre la... question... sur le sujet d'une ontologie de l'inconscient, j'ai tout de même lâché un petit bout de la corde par des références très precises. J'ai parlé de l'****ón****, de l'****ouk****... J'ai parlé du* ***mè ón****, de l'interdit, du dit-que-non...*
>
> ***ón, oùk ón, mè ón****, c'est encore trop substantiver l'inconscient que d'en donner de pareilles formules. C'est pour ça que je les évite très soigneusement. Ce qu'il y a au-delà, ce que j'ai appelé tout à l'heure la belle derrière les volets, c'est ce dont il s'agit et que je n'ai point abordé aujourd'hui. Il s'agit de repérer comment quelque chose du sujet est, par derrière, aimanté, aimanté a un degré profond de dissociation, de schize. C'est là le point-clé où nous devons voir le noeud goerdien.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.122)

Se se quiser estar à altura das interrogações a partir de Freud levantadas em relação a **eu** e ao que **eu** é — quer dizer, estar em sintonia com a forma da experiência subjetiva —, mesmo no trato lingüístico filosoficamente despreocupado deve-se evitar criteriosamente a

objetivação, pois os termos e o modo de seu emprego, dado o inconsciente, sabe-se não serem isentos de conseqüências.

Certo impasse da epistemologia contemporânea, bem sublinhado por Lacan e travestido em ineficaz menosprezo devotado à causalidade, é elucidável por este descuido: no insano afã de conhecer, ignora o riscado do sujeito. É a insistência realizante do que do sujeito transborda do imaginário e descarrila do simbólico que faz advir, em resposta às dificuldades então desencadeadas, a causalidade como necessidade. O que confirma que, ao contrário do que se tende a crer, a causalidade encontra-se no âmago dilacerado da subjetividade, e não por referência à ordem da natureza.

O real da realidade não se avista contemplando as coisas. Mostra-se guardado nas formações imaginárias.

A psicanálise descobre-o onde a tradição não esperaria encontrá-lo:

> *Aussi bien, si l'étoffe de l'expérience se composait, comme on nous l'enseigne en psychologie classique, du réel et de l'irréel — et pourquoi pas — comment ne pas rappeler à ce propos ce que cela nous indique d'avoir à profiter quant à ce qu'est proprement la conquête freudienne, et que c'est nommément ceci, c'est que si l'homme est tourmenté par l'irréel dans le réel, il serait tout à fait vain d'espérer s'en débarasser pour la raison qui est ce qui dans la conquête freudienne est bien justement l'inquiétant, c'est que dans l'irréel, c'est le réel qui le tourmente.* (19-12-62)

Autoritariamente tomando por padrão qualquer discurso mais ou menos poderoso e subjugador, o delírio, a alucinação, a excentricidade e singularidade específicas de cada (menos) um[302], condenam-se à clandestinidade: perdem o direito a uma cidadania respeitável e reduzem-se a ilusões e fantasias na pior das acepções.

Tamanha opinião é uma decorrência inevitável da prepotente assunção de um termo de comparação, mas lacanianamente é inaceitável, pois, desde sempre para o psiquiatra e em seguida também para o psicanalista, a loucura merece ser bem considerada.

Muito pelo contrário, as fantasias da realidade, que a psicanálise aprende a reconhecer e com as quais lida, instam a que se investigue a "realidade" da fantasia, agora sem o perigo de se extraviar em algum desvario psicológico realista.

Nada melhor para o empreender do que aproveitar o ensejo proporcionado pela causa, psicanaliticamente considerada:

> *... la cause, dirons-nous — et j'emploie ce terme intentionnellement, car depuis quelque temps justement, depuis que les catégories de la logique flageolent un peu, la cause — bonne ou mauvaise — n'a en tout cas pas bonne presse et l'on préfère éviter d'en parler.*
>
> *Et en effet il n'y a guère que nous qui puissions nous y retrouver dans cette fonction dont en somme on ne peut approcher l'ombre ancienne après le progrès mental parcouru, qu'à y voir en quelque sorte l'identique de tout ce qui se manifeste comme effets, mais quand ils sont encore voilés. Et bien entendu ceci n'a rien de satisfaisant, sauf peut-être si justement ça n'est pas d'être à la place de quelque chose, de couper tous les effets, que la cause soutient son drâme. S'il y a d'ailleurs aussi bien une cause qui soit digne que nous nous y attachions, au moins par notre attention, ça n'est pas toujours et d'avance une cause perdue.* (27-6-62)

A causa, há que reconsiderá-la psicanaliticamente, pois do ponto de vista epistemológico encontra-se desprestigiada.

De algum modo apresentar-se-ia como o equivalente do que se manifesta como efeitos quando estes ainda não se apresentam, e portanto aponta a obscuridade, desse modo arriscando o conhecimento a patinar no obscurantismo.

Ora, sem temer atolar-se sob o peso de relíquias de modos de compreensão arcaicamente antropomórficos, a psicanálise enfrenta as sombras antigas sem o temor do

---

302 *Chaque fois que nous parlons de quelque chose qui s'appelle le sujet, nous en faisons "un". Or... Il manque l'un pour le désigner.* (15-12-65)

escuro e com a capacidade de, nas coisas ocultas, elucidar que o que se encontra oculto é o sujeito. Esta é a sua causa e não é uma causa perdida.

Certamente por isso, o psicanalista considera que

> *... ce ne serait pas un acte gratuit pour les psychanalystes, de rouvrir le débat sur la* ***cause****, fantôme impossible à conjurer de la pensée, critique ou non.* (POSITION DE L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.839)

Não o é, esclarece,

> *Car la cause n'est pas, comme on le dit de l'être aussi, un leurre des formes du discours, — on l'aurait déjà dissipé. Elle perpétue la raison qui subordonne le sujet à l'effet du signifiant.* (POSITION DE L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.839)

A causa é a razão que subordina o sujeito às diatribes do saber. Razão a tomar na sua imanência ao significante, com o caráter imperativo próprio da sua ação determinativa do ser (sentido):

> *Ce qui est à passer par ma pensée, la cause, elle laisse passer purement et simplement ce qui a été comme l'être, et ceci du fait que déjà et toujours, là où elle est passée, elle est passée toujours produisant des effets de pensée.* (13-11-68)

Por sua vez, insiste-se, ser (sentido) verdadeiramente a ser experimentado, realizado, no registro da ética. Tese tão constitutiva do lacaniano entendimento da psicanálise, que o autor propõe que se a remonte a Freud, aludindo à fórmula freudiana **wo es war, soll Ich werden**:

> *Or cette cause, c'est ce qui recouvre le* ***soll Ich****, le* ***dois-je*** *de la formule freudienne, qui, d'en renverser le sens, fait jaillir un impératif qui me presse d'assumer ma propre causalité.* (LA SCIENCE ET LA VÉRITÉ — ÉCRITS, p.865)

Literalmente, "onde isso era, devo eu vir a ser" que, ao pé da letra da versão lacaniana de Freud, em francês traduz como "lá onde isso era, isso que é eu deve vir":

> *<<Là où c'était, ce qu'est Je dois venir>>.* (COMPTE RENDU AVEC INTERPOLATIONS DU SÉMINAIRE DE L'ÉTHIQUE, Ornicar 28, p.9)

Confira-se como e porquê Lacan procede a essa reconversão:

> *Pour quoi il n'est pas vain de redire qu'à l'épreuve d'écrire:* ***je pense: <<donc je suis>>****, avec des guillemets autour de la seconde clausule, se lit que la pensée ne fonde l'être qu'à ce nouer dans la parole où toute opération touche à l'essence du langage.*
>
> *Si* ***cogito sum*** *nous est fourni quelque part par Heidegger à ses fins, il faut en remarquer qu'il algébrise la phrase, et nous sommes en droit d'en faire relief à son reste:* ***cogito ergo,*** *où apparaît que rien ne se parle qu'à s'appuyer sur la cause.* (LA SCIENCE ET LA VÉRITÉ — ÉCRITS, p.864/5)

Aqui toda a atenção é pouca, porque nenhuma ambigüidade é desperdício. O pensamente só funda o ser "atando-o" na palavra cuja operação toca à essência da linguagem. Esta palavra é genericamente a palavra, na medida em que a sua "essência" é causal. É também a palavra em que se situa a (função da) causa.

O pensamento, que se sabe ser uma maneira de referir o significante, funda o ser entretecendo-o mais do que numa palavra, "**ergo**", numa função, a causalidade. Função que, por "essencializante", é a função essencial do significante — "**cogito ergo**".

Ora, conforme visto anteriormente, o ser que realmente interessa ao sujeito é o ser sujeito. Este (ser) sujeito não poderia restringir-se a ser pensamento, sem se considerar que a

palavra que diz o ser — melhor, que diz ser — não se fala a não ser suportando-se sobre a palavra:

> *La nécessité, **anágke**, ne commence qu'à l'être parlant et aussi bien tout ce qui a pu apparaître, s'en produire, est toujours le fait d'un discours.* (19-1-72)

Reduzida a necessidade lógica, a causa é da ordem do discurso:

> *Vous l'avez donc bien entendu: il faut savoir de quoi on parle. Ou le <<donc je suis>> n'est qu'une pensée, à démontrer que c'est l'impensable qui pense, ou c'est le fait de le dire qui peut agir sur la Chose assez pour qu'elle tourne autrement.* (8-3-72)

A dicotomia é simples: ou o ser é apenas pensamento, ou o pensamento (dito) faz o ser.

Na primeira "opção" demonstra-se que é o impensável que pensa, pois a redução da afirmação de ser a um pensamento deixa o "ser que pensa" impensado, visto que se "eu sou" é só um pensamento, o **eu** que o pensa "não é". Trata-se de uma demonstração da impensabilidade do ser (sujeito) enquanto ser, porque tudo o que é alcançável deste ser é o produto **<<donc je suis>>**, um pensamento.

Na segunda alternativa, pela inscrição de letras, o pensamento rasga, no impossível, traços de ser **eu**.

Entre as duas, porque não se pode ficar com nenhuma, Lacan guarda a incompatibilidade...

Não apenas falta ao **eu** uma substância, como também sequer é possível plenamente situá-lo (como significante) no pensamento. Além de haver renunciado a uma ontologia substancialista, divorcia-se da mera determinabilidade.

Com a palavra "eu", ao presumir-se denotar a coincidência do sujeito da enunciação com o do enunciado, intenciona-se aludir à suposta capacidade da linguagem em assegurar o ser. Noutros termos: sendo o sujeito o que sempre está em pauta pela palavra — é o que um significante representa para outro significante —, pela palavra fundamentalmente quer-se referi-lo, e não é casual que a intersecção entre as duas frases que copulam para expressar a posse do ser pelo pensamento, ponto culminante da meditação cartesiana, seja "eu".

Mas a coincidência é ilusória: pela palavra e suas operações o sujeito permanece dividido em produto — sentido, predicado — e pré-requisito (da produção). É o que se apontava quando se falava da ambigüidade entre constituição e indeterminação do sujeito, bem como o mesmo também se fazia implícito na interpretação lacaniana da concepção de signo, segundo a qual no lugar da representação do objeto encontra-se **eu** em si cindido.

A aporia é uma garantia da falta de garantias quanto a **si**. O sujeito não se encontra, só se "a"-segura na forma de uma aposta em que, no registro do dizer mas aquém das palavras, em ato se transmute o seu "esvazio" numa decisão.

Não que com isso se rescinda, a não ser denegativamente, o seu caráter cindido. A decisão, longe de supressão da divisão — que equivaleria a uma anulação do sujeito —, deve ser enfocada pelo prisma da conformação a uma determinação desiderativa.

Causado por uma dicção firmada em nada, o ato é a precipitação de um sem sentido em sentido. A ação é a saída para vir ao ser, para haver sentido, quando não se encontra uma razão que bem o fundamente.

Por isso, no íntimo do limite do impensável, só em função do ato analítico, a partir da elucidação do ato pela psicanálise, é que se desvenda como

> *Ma pensée n'est pas réglable,... elle est reglée. Dans mon acte je ne vise pas à l'exprimer mais à la causer...* (13-11-68)

O pensamento não é uma expressão regrável, porque na sua origem as leis (do desejo) que presidem o agir já o conformam.

A insistência também sublinha a menor consideração merecida pela tese de que (com Descartes) o pensamento do ser reduza o ser a pensamento. Em que pese a eventual congruência desta interpretação, para Lacan, satisfazer-se com isso é obturar a verdade imergida com o **cogito**:

> *... nous ne saurions d'aucune façon spéculer, raisonner, structurer ce qu'il en est du sujet, sans partir de ceci que nous-mêmes comme sujets, soyons impliqués dans cette profonde duplicité, celle-là même que le **cogito** cartésien dégage... l'être est dissocié entre l'être antérieur de la pensée et l'être que la pensée fait surgir.*
>
> *L'être du je suis de celui qui pense, l'être qui est amené à l'émergence, du fait que celui qui pense dit donc je suis.* (27-4-66)

A cada vez que se intenta dizer o ser anterior ao pensamento diz-se um sentido feito ser pelo pensamento, enquanto tal já a este reduzido.

O ser em falta "ficciona-se" em sentido. Por isso, a ater-se não à verdade como pelo **cogito** se enuncia e é resgatada pela psicanálise, insuportável, mas ao seu denegativo enunciado,

> *L'acte du **cogito**, c'est l'erreur sur l'être, comme nous le voyons ainsi dans l'aliénation définitive qui en résulte du corps qui est rejété dans l'étendue. Le rejet du corps hors de la pensée c'est la grande **Verwerfung** de Descartes.* (10-1-68)

Na sua dimensão de ato, o **cogito** tem a importância de, no plano coletivo (e imaginário) da história da cultura, permitir apreender — ainda que "recalcativamente" — a fundamental inapreensão do sujeito. Reproduz na história da filosofia a verdade estrutural da cisão, a qual porém realmente está presente desde que o tempo é tempo (para o sujeito), e simbolicamente suporta-se numa causalidade imanente ao falar, cuja "empiricidade" é a forma lógica.

Na verdade, ato (falho) por excelência, ao fazer ser (o sujeito), o **cogito** revela a ficção que é o ser. Para a psicanálise interessa não como "solução", mas como impasse. Importa mais como ato, do que pelo seu enunciado:

> *... le **cogito** ne fonde pas la conscience mais justement, cette refente du sujet.* (20-4-66)

Pelo **cogito**, o fato é que o sujeito não se sabe. Por mais que a posteridade "neuroticamente" se tenha ocupado em obnubilar a cristalinidade desta verdade,

> *A regarder de près le **cogito**, observez bien que le sujet qui y est supposé comme être, il peut bien être celui de la pensée, mais de qu'elle pensée en somme? De cette pensée qui vient de rejeter tout savoir. Il ne s'agit pas de ce que font après Descartes ceux qui méditent sur l'immediateté du <<je suis>> au <<je pense>>: une évidence, qu'à leur gré ils font consistante, fuyante... Il s'agit de l'acte cartésien lui-même, en tant qu'il est un acte. Ce qui nous en est rapporté et dit, c'est précisément à le dire qu'il est acte, c'est de ce point où s'achève une mise en suspens de tout savoir possible, que ce soit là ce qui assure le <<je suis>>: est-ce d'être <<pensée>> du **cogito**? ou est-ce du rejet du savoir?* (17-1-68)

Lacan leva tão a sério a interpretação da filosofia cartesiana como referendadora da tese de que é a rejeição do saber que estabelece o sujeito, que aproveita para asseverar a sua efetividade antes de quaisquer debates e polêmicas a seu respeito. A seu ver seria desnecessário pensá-la, pois independentemente das tentativas de escamoteá-la patentes na história da filosofia, ela funciona à revelia das pretensões subjetivas:

> *On n'est jamais si solide dans son être que pour autant qu'on ne pense pas. Chacun sait ça.* (10-1-68)

Se em algum momento o psicanalista creu na importância de especificar estruturalmente (em função do significante) um sujeito (da ciência), foi um equívoco passageiro[303]. Dado que o sujeito cogita-se apenas por se falar, seria descabido encontrar-lhe garantias além da sua precipitação em ato:

> *Si **où il n'est pas, il pense**, si **où il ne pense pas, il est**, c'est bien qu'il est dans les deux endroits... Le sujet participe du réel en ceci, justement, qu'il est impossible apparemment. Ou, pour mieux dire, si je devais employer une figure qui ne vient pas là par hasard, je dirais qu'il en est de lui comme de l'électron, là où celui-ci se propose à nous à la jonction de la théorie ondulatoire et de la théorie corpusculaire.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.119)

Pensar, quando se quer a evidência do ser pelo pensamento, com a esperança de fundamentação do conhecimento que lhe é correlata, não conduz aos resultados almejados. É impossível escamotear a cisão, por mais que se insista em capturar o real.

Tal cisão, comprometedora da autonomia da consciência, originariamente não acontece nas coisas, cindindo-as entre fenômenos e números. Nos bastidores, acontece palrante o sujeito dividido, "coisa" que a psicanálise apresenta como sua contribuição para uma retomada mais bem sucedida das tentativas de decifração da causalidade.

Portanto, se bem se quiser esclarecer o determinismo a partir do inconsciente (psicanalítico), é imprescindível rever o empreendimento crítico kantiano:

> *Il est claire d'autre part que, à quelque réduction qu'on la soumette, la fonction, si l'on peut dire, mentale de cette notion ne peut être éliminée, réduite à une sorte d'ombre métaphysique. Nous sentons bien qu'il y a quelque chose dont c'est trop peu dire que ce soit un recours à l'intuition qui le fasse subsister, qui reste autour de cette fonction de la cause, et je prétends que c'est, à partir du réexamen que nous pourrions en faire à partir de l'expérience analytique, que toute CRITIQUE DE LA RAISON PURE, mise au jour de notre science, pourrait rétablir un juste statue de la cause.* (16-1-63)

Nem poderia ser doutro modo, nem outra disciplina a escolhida para a missão de resgate de certo impasse da filosofia (proveniente de equívoco na esfera desta inidentificável), quando as dificuldades da ciência no trato com a causalidade devem-se à inépcia para lidar com um campo, o campo do desejo, que de direito a psicanálise se reserva:

> *La cause donc, la cause surgit toujours en corrélation du fait que quelque chose est omis dans la considération de la connaissance, quelque chose qui est précisément le désir qui anime la fonction de la connaissance. La cause, chaque fois qu'elle est invoquée, ceci dans son registre le plus traditionnel, est en quelque sorte l'ombre, le pendant, de ce qui est point aveugle dans la fonction de cette connaissance elle-même.* (8-5-63)

Eis a chave para que se possa entender a idéia lacaniana de que a psicanálise descobre a ética como sendo a disciplina que orienta ao real.

Só a partir do inconsciente (e desde Freud) se pode afiançar que o desejo se descobre como a verdadeira matriz propulsionadora da moralidade. Porém, tal tese é o ápice da análise desencadeada pelo reconhecimento da inobjetividade insubstantiva das coisas, em função da qual impossibilita-se o conhecimento e se é coagido a repensar o real relativamente a um uso prático da razão:

> *La question éthique, pour autant que la position de Freud nous y fait faire un progrès, s'articule, d'une orientation du repérage de l'homme par rapport au réèl.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.21)

Tese da qual resulta o produto:

---

303 ... *le sujet de la science, ça n'existait pas...* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.121)

Aucune praxis, plus que l'analyse n'est orienté vers ce qui, au coeur de l'expérience, est le noyau du réel. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.53)

No coração da experiência não se encontra nenhuma solidez substantiva. Apenas se afronta a verdade de **eu** estar perdido.

Encontra-se um "**isso**" desejante, cujo desejo é desejo de suturar a divisão, contra a qual se ergue a ontologia como especulação sobre a identidade:

Celui qui commande... c'est l'UN. L'UN fait l'Être. Je vous ait priés d'aller chercher ça dans le Parménide... L'UN fait l'Être comme l'hystérique fait l'homme. Evidemment cet Être que fait l'UN — il n'est pas l'Être, il fait l'Être...[304] (21-6-72)

O imperativo **me** faz (ser). A trama significante, pela causação de sentido, **me** faz ser. Como? No vão intento de unificar o sujeito, pois em **isso** que estranho ou **me** faz sofrer, devo reconhecer-**me**, por lá **eu** ser (inconsciente).

O imperativo que **me** subjuga, outra coisa não é que o "meu" querer, o **eu** querer ser (uno). Lá, sem que haja encontro, se encontra o desejo.

O que a psicanálise introduz que permite medir a ação, ou, dito de outro modo, a novidade que a faz ir mais longe do que nunca no que no problema moral é "essencial", não se restringe à descoberta do sentido intrínseco à ação, por obra do seu arquitetamento pelo significante. Para haver ação, a palavra tem de ser animada, e o que a anima é o desejo, solo da "experiência" moral:

Il reste néanmoins que l'analyse est l'expérience qui a remis en faveur au plus haut point la fonction féconde du désir comme tel. C'est au point même que l'on peut dire qu'en somme, dans l'articulation théorique de Freud, la genèse de la dimension morale ne s'enracine pas ailleurs que dans le désir lui-même. (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.11)

No contexto do pensamento psicanalítico, a crucialidade do desejo é tal que Lacan se permite, no momento introdutório do ano anterior do seminário, formular que

Cette théorie analytique donc repose toute entière sur cette notion de libido, sur l'énergie du désir. (12-11-58)

E por assim ser, o autor não vê como, em fidelidade à "experiência" da razão, deixar de daí extrair as devidas conseqüências no campo (ainda não considerado), não da psicanálise como ética, mas de uma ética à altura da psicanálise:

Je propose que la seule chose dont on puisse être coupable, au moins dans la perspective analytique, c'est d'avoir cédé sur son désir. (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.368)

Uma ética digna da psicanálise deve balizar-se pela fidelidade ao desejo.

De certo modo, quando atrás se dizia que a psicanálise propõe uma medida intrínseca da ação, já era isso que, sem mencionar o desejo, então se visava. O sentido imanente à estrutura significante "consubstancial" ao ato (e relativamente à qual se o julga) nada mais é que o dito do desejo.

---

304 Mantém-se a grafia encontrada na transcrição do seminário embora, por razões que anteriormente puderam ser avaliadas, também seja lícito na última frase entender **lettre** — letra — no lugar de **l'Être** — ser. Basta recordar que o traço unário é o ponto de partida da inscrição (do) significante — a letra —, que por sua vez abre o horizonte (do ser, e ao ser).

Apelo a uma responsabilidade suprema, o tribunal perante o qual psicanaliticamente se julgam os atos não admite recursos. O sujeito recebe do Outro os meios da fala, mas é "ele" quem fala.

O Outro apenas testemunha o que se enunciou e, portanto, não se espera de um analista (à altura do seu ato) que julgue. Sua tarefa é escutar sentenças.

Logo, a ética dignamente psicanalítica apresenta a vantagem de não precisar inventar critérios de julgamento da ação, nem sequer de estabelecer critérios para decidir quais os critérios a serem validados.

Poupa-se desse debate infindável, já que a princípio ninguém legisla, pois é o dito do desejo que faz o sujeito (ser).

Mas cuidado: seria muito triste se a trajetória percorrida não fosse suficiente para desiludir a crença em haver capturado o fundamento ontológico do "sistema lacaniano" no desejo, via a "substantificação" da ausência imanente ao significante.

Cuidado com as fórmulas fáceis! Atenção ao perigo de ceder ao palreamento de palavras vazias, esquecendo-se a sua vacuidade!

O significante não é qualquer som. Refere algo que Lacan relaciona com a operação que gera o ser e o sentido, mas de maneira tal que não se permita identificá-los, pois isso consolidaria uma ontologia plena, sem reticências.

Embora, dada a necessidade de ressaltar uma carência em ser como consubstancial ao humano, o desejo seja apresentado no contexto da sinuosidade lacaniana como essência do homem, qualquer veleidade de recuperar um fundamento ontológico por seu intermédio — precisamente pela excessiva agilidade do significante para preencher como sentido o ser em falta, reduzindo o ser a ser sentido — falsearia o que aí se visa expressar:

> *... que le désir soit articulé, c'est justement par là qu'il n'est pas articulable. Nous l'entendons: dans le discours qui lui convient, éthique et non psychologique.* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.804)

Longe de um preciosismo qualquer, a tese do estatuto do inconsciente como ético, anterior à atribuição de qualquer natureza mas solidária de ... *le désir, qui est notre être sans essence*[305], permite entrever que tudo o que se propõe sobre a desiderabilidade dispõe-se à revelia do ser. Não pode plenamente articular-se, mesmo no registro ético, por psicanaliticamente este ser irredutível a ontologia ou epistemologia com outro nome.

Portanto, a idéia de desejo, de elaboração cautelosa e discreta, é um modo de, sem a fundamentar, aludir à subjetividade. O analista não pode deixar-se levar pela ilusão de ótica que faz ver coisas onde se animam significantes, sequer e principalmente quando elas se propõem ao "voyeurismo" mental como objetos teóricos.

Dada a palavra, o ser está perdido e capturado por ela. A ação (do) significante, movida pela **libido**, não pode nem garantir nem excomungar o fantasma da coisa e, uma vez diagnosticada a pretensão de apossamento cognitivo (do mundo e de **mim** como outro) como uma (fantasia) erótica, as sobras do empreendimento mal permitem compor uma ontologia.

Ao falar, o sujeito se surpreende dicente sem outra garantia de existir que não o testemunho da palavra. Mas pela fala apenas pode prosseguir no engodo de se capturar em palavras e, cada vez que intenta recuperar-se antes do dizer, ao se deparar com o impossível (na forma da possibilidade de radicalmente não ser), encontra motivos para suspeitar-se efeito dictivo.

Constituído como separado de si, inconsciente, o sujeito encontra-se aferrado à determinação peremptória do Outro, o conjunto dos efeitos da fala que o faz ser. Graças ao dom da Palavra é tentado pela vertigem de se pôr como Outro do Outro, ser real, disposto a encontrar uma sentença que o diga plenamente. Mas esse cálculo precisa recalcar que qualquer dizer, enquanto tal, é tributário do Outro, que lhe lega a palavra.

---

305 DE LA PSYCHANALYSE DANS SES RAPPORTS AVEC LA RÉALITÉ, Scilicet 1, p.58.

Nem poderia ser de outro modo, desde que (como é sabido) pelo significante o sujeito (só) se inscreve. Se na altura devida foi possível descrever as propriedades formais que asseguram a sua possibilidade, é o caso agora de, em termos eticamente reinterpretados, depurada qualquer veleidade epistemológica ou ontológica, explanar o proceder subjetivante.

Para tanto, e em continuidade à averiguação das implicações da reabertura do debate sobre a causa, há que examinar como, sem ser, aja o significante e haja "ser desejo".

III

SER E SUJEITO

Il n'est pas besoin que le cristallin soit épaissi par la cataracte pour rendre aveugle la vision, aveugle en tout cas à ceci: l'élision de la castration au niveau du désir en tant qu'il est projété dans l'image.

22-5-63

49. DESEJO: DICÇÃO SEMIDITA

Por causa do inconsciente, o sujeito, a que já se puxara o tapete da cognoscibilidade, vê abalar-se o terreno sólido da ontologia e destina-se a uma abordagem ética.

Mas não basta reconhecer e admitir esta circunstância. Produto do lacaniano labor anteriormente destrinchado, este resultado precisa ser esmiuçado, a fim de evitar que a sua evidência permaneça diluída em meio ao seu impacto.

Em primeiro lugar, há que apreender nos termos do desejo a originalidade psicanalítica no terreno da ética. O caminho que, partindo do fiasco da psicologia, levou à análise do pensamento lacaniano como ontologia e se curvou ao tratamento da noção de ato, tem de flexionar-se no sentido da idéia de desejo.

É preciso dedicar-lhe mais atenção, já que julgar uma ação à qual se impute um juízo, psicanaliticamente, é interpretar um desejo.

Para evitar falsas dificuldades, é necessário rever a vinculação da noção a outros contextos, sob pena de se dar curso a equívocos provindos das acepções que guarde do seu passado.

Para isso, em vez de abordá-lo isoladamente, é mais econômico e eficiente examiná-lo por ocasião da decifração das teses em que é "cometido".

De preferência, no momento mesmo em que o psicanalista se propõe a repensar a ética, já que o deslocamento da possibilidade de refleti-lo para este âmbito não a deixa incólume.

Quer dizer, a problemática desiderativa tanto é nuclear para o exame da subjetividade, quanto para a intelecção do campo que convém ao seu tratamento.

As duas tarefas correm em paralelo, se é verdade que se tem de

> *... choisir comme l'étalon de la révision de l'éthique à quoi nous mène la psychanalyse, le rapport de l'action au désir qui l'habite.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.361)

Ou seja, o padrão a seguir para rever a ética é o que serve para a interpretação psicanalítica. O ato psicanalítico é ético por excelência, porque consiste em testemunhar o sentido no desejo imanente à ação.

Note-se que dizer que o inconsciente é da ordem da ética não é uma proposição que se possa assegurar à revelia de uma atitude condizente com a sua enunciação.

O seu enunciado não pode validar-se como uma verdade objetiva sobre o **eu**, porque a questão de ser (sujeito) — questão do sujeito também relativa ao mundo que se habita — não tem como responder-se a partir de uma adesão à crença na objetividade da realidade em que as coisas se dispõem, imaginando que a "substancial" vacuidade do significante está subordinada a ela.

> *Car certes les sillons qu'ouvre le signifiant dans le monde réel, vont chercher pour les élargir les béances qu'il lui offre comme étant, au point qu'une ambigüité peut subsister quant à saisir si le signifiant n'y suit pas la loi du signifié.*
>
> *Mais il n'en est pas de même au niveau de la mise en question non pas de la place du sujet dans le monde, mais de son existence en tant que sujet, mise en question qui, à partir de lui, va s'étendre à sa relation intra-mondaine aux objets, et à l'existence du monde en tant qu'elle peut être aussi mise en question au-delà de son ordre.* (DU TRAITEMENT POSSIBLE DE LA PSYCHOSE — ÉCRITS, p.550)

De fato, a constatação do encontro do homem como "coisa" entre coisas não pode elucidar o sentido por fazer, enigmaticamente articulado em marcas significantes. Estas, enquanto marcos do destino e parâmetros da ação, são condição de significação do sentido do

espaço (como contexto de escritura) em que, mais do que emoldurar-se, **eu** se faz (representar).

Logo, é descabido tratar o sujeito como um fato seguramente estabelecido sobre o qual o discurso possa exercitar-se, em vez de o reconhecer podendo ser e não ser, determinável pela enunciação. Por isso, o estatuto do inconsciente como ético, além de convir à "descrição" da falta de natureza, implica em que se aborde eticamente o sujeito.

Descartada a facilidade das soluções enganosas, a questão de ser sujeito insiste como dúvida quanto a si, comportadora de um arriscar-se em ser — na forma da precipitação em atos —, sem mais garantias que o desejo de ser.

Logo, não haja dúvidas: a introdução da idéia de desejo confina com a conveniência de julgar o sentido dos atos pelos quais se depõe o (querer) ser sujeito.

Tê-lo em mente é fundamental para que se possa perceber como a noção de desejo, de elaboração tão antiga e prolongada, se insere no conjunto do pensamento lacaniano.

Qualquer tematização do mesmo pouco cuidadosa com o contexto em que aflora e se especifica pode induzir a enganos graves, à primeira vista imperceptíveis.

A idéia interliga aspectos da meditação do psicanalista solidários e, a seu tempo, oferece a possibilidade de percebê-la ampliada a novas dimensões. Por isso, a fim de bem esclarecer as suas teses, é digna da máxima atenção e merecedora da maior cautela.

Principie-se por estabelecer claramente o que se pode aguardar da análise e, principalmente, o que não se deve esperar: em benefício do rigor e para ser fiel à experiência do inconsciente é prioritário operar com o desejo sem o açodamento de dizer o que seja. Especialmente porque, a fim de o pensamento psicanalítico escapar do destino de ser um devaneio, a impossibilidade de o dizer (sendo) deve conceitualmente reproduzir-se como renúncia à sua plena significação.

Qualquer definição de desejo exaustiva é de duvidosa valia no trato com o (desejo) inconsciente. Se este, como é sabido[306], pelo factual do dizer é aquilo que determina o ser sujeito e o ser do sujeito, não o faz senão por um decepamento do "tudo dizer", inerente ao falar. Limitação que, intradiscursivamente, se reproduz na condição inelutavelmente metonímica das pretensões referenciais da linguagem:

> *L'inconscient est ce qui, de parler, détermine le sujet en tant qu'être, mais être à rayer de cette métonymie dont je supporte le désir en tant qu'à tout jamais impossible à dire comme tel.* (R.S.I., 21-1-75, Ornicar 3, p.105/6)

Enunciando-o enunciante, como suposto "feitor" do sentido em si mesmo sem sentido, o desejo é termo exato para expressar a posição do sujeito de uma perspectiva intrinsecamente psicanalítica. É modo de nomear a perda em ser inerente a uma duplicidade. Sem nada a perder, a um só originário tempo cria-se o ser em perda e nomeia-se a perda de desejo.

Por falar, o inconsciente determina o sujeito enquanto ser, mas exclui qualquer garantia de ser sujeito. O ser sujeito é riscado — ou seja, traçado e apagado — na mesma operação em que se dita o ser.

Sublinhe-se que a tese fundamenta-se na experiência do inconsciente, não sendo de admirar que, perante o olhar da especulação, passe despercebido que a escuta do ser ainda é um esquecimento do **eu**.

O ser traça-se pela produção de sentido inerente à linguagem — mais especificamente vinculada à metáfora —, porém exclui-se do desejo como (ser) sujeito, enquanto tal impossível de dizer, mas indiretamente aludível por meio da metonímia — a qual não o cita pelo ser, mas na forma do eco que lhe retorna do seu "objeto".

De fato, a metonímia nada mais é que a forma do desejo na estrutura, ou se se preferir, do ângulo complementar, a estrutura do desejo no âmbito intra-significante:

---

306 Vide subcapítulo 39: SUJEITO E ONTOLOGIA.

... la métonymie trouve en quelque sorte son application la plus sensible comme étant manifestée par le désir en tant que le désir est ce que nous articulons comme supposé dans la succession de toutes les demandes en tant qu'elles sont répétitives. (28-3-62)

Psicanaliticamente, o que no tropo interessa é a propriedade da linguagem de, por meio de qualquer conexão significante, referir o todo pela parte. A metonímia se afigura estruturalmente consubstancial à atualização da carência em ser, simbolicamente produzida e intra-simbolicamente reproduzida por um tudo não dizer: do lado da palavra, um sentido que nunca se completa; do lado do real, acessível apenas como ficção, a falta consubstancial ao objeto, que o mesmo é dizer o objeto como falta.

Essa insubstancialidade "trans-signica", ao produzir a suposição de um suporte enunciante inscritor do significante, induz a uma fissura no sujeito que transmuta a falta — enquanto parcial satisfação, carência de ser na relação com o objeto — em ser em falta, desejo.

A metonímia é o desejo enquanto "arquitetura" significante, e por isso este não precisa ser introduzido na estrutura para lá pôr o sujeito; o que por sua vez assegura que a carência em ser seja um efeito estrutural que, como tal, não consubstancia algum fundamento, apenas praticamente pondo um dicente a dizer ser.

O dizer deve-se ao ser em falta, e — a manter-se à altura do ato — a cada realização de ser **eu**, repõe-no em falta:

... le désir est la métonymie du manque à être. (LA DIRECTION DE LA CURE — ÉCRITS, p.623)

Isto é, de um (precário) ponto de vista ontológico derivável do inconsciente, o desejo é o momento do ser em falta "consubstancial" ao ser sujeito.

Mas, mais rigorosamente enfocando a problemática em termos éticos, posto que o sujeito se afirma sem ser,

Le désir est la métonymie de l'être dans le sujet. (12-11-58)

O desejo é o que do sujeito é relativo ao ser. Não se trata de uma essência, a não ser na medida em que a ação da metonímia aí põe o essencial em falta, agindo decisivamente para que, a partir de uma falta em ser, se ficcione um ser faltante.

É dessa reviravolta que decorre a aura de ironia patente na declaração acima. Muito além de jogo retórico pueril, destinado a confundir os interlocutores, ela é efeito estrutural do intento de, pelo avesso, "semidizer" o indizível.

A mesma tese melhor pode ser esclarecida se se a abordar formulada de modo a que a estrutura metonímica seja posta no lugar de sujeito:

... la structure métonymique... c'est la connexion du signifiant au signifiant, qui permet l'élision par quoi le signifiant installe le manque de l'être dans la relation d'objet, en se servant de la valeur de renvoi de la signification pour l'investir du désir visant ce manque qu'il supporte. (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.515)

Traço a traço, risco a risco, é da "natureza" significante a metonímia, e portanto a elisão pela qual intradiscursivamente a totalidade se marca perdida, de tal modo que nunca uma significação "cola" a um objeto. Pelo contrário, mantém-se à deriva, no vão intento de elidir a falta, pelo qual mais e mais se a repõe adiante, relançando o ser desejante.

Em suma, no plano do significante, gerador do sentido, o desejo corresponde à metonímia. Privação de ser que participa do ser sujeito, o desejo é metonímia do ser no sujeito. É sentido a ser precisado e é indeterminação do ser (sujeito).

Note-se, indeterminação (do ser) na acepção do ser estar em suspenso, mas suspensão que paradoxalmente é ser (indeterminado). E sentido a ser precisado por faltar-lhe precisão, mas também por ser sentido como necessário, por fazer falta.

Esta é a (quase) paradoxal situação do desejo e, uma vez havendo-o descoberto, qualquer investigação que pretenda manter-se à altura da meditação psicanalítica (lacaniana) tem de a recobrir: enquanto ser, o desejo é sentido[307], mas, sentido insabido, como metonímia é sentido "semidito", sentido sem sentido determinado.

Logo, de certo modo,

> *... en un certain sens, vues les conditions de l'expérience psychanalytique, le désir, c'est son interprétation.* (2-2-66)

É este o caso devido à impossibilidade de, a não ser pela palavra, sondar o desejo. Em concomitância, para o que praticamente importa, é também este o caso devido à necessidade de reconhecer o desejo constituindo-se pela linguagem:

> *... le désir pour le sujet est ce quelque chose qu'il a à constituer sur le chemin de la demande.* (21-3-62)

Não é outra coisa o que, na estrutura do desejo, vai assegurar o mesmo laço de congruência que se verifica no nível da ação eticamente relevante. O desejo e seu sentido — ou melhor, como ato de precipitação de sentido, sua interpretação — são intrinsecamente solidários:

> *... le lien interne, le lien de cohérence dans l'éxperience analytique du désir et de son interprétation, présente en soi-même quelque chose que seule l'habitude nous empêche de voir combien est suggestive déjà à soi tout seule l'interprétation du désir, et quelque chose qui nous soit en quelque sorte lié de façon aussi interne, il semble bien, à la manifestation du désir...*
>
> ...
>
> *... la psychanalyse nous montre essentiellement ceci que nous appellerons la prise de l'homme dans le constituant de la chaîne signifiante.* (12-11-58)

Porém este é apenas um dos lados da problemática a enfrentar. Não se reduza o sentido do desejo àquele "certo sentido" que é a sua interpretação. Só com isso não se alcança elucidá-lo com exatidão.

Não obstante o ano do seminário 58/59 intitular-se LE DÉSIR ET SON INTERPRÉTATION — ano em que, conforme anuncia na primeira sessão, tem como meta a fantasia —, mais tarde, não por acaso ao tratar da angústia, assegura que

> *... il n'y a jusqu'à présent dans la théorie analytique, je veux dire jusqu'à ce séminaire précisément, aucune exacte mise en position de ce que c'est que le désir.* (27-2-63)

Por ocasião daquele ano do seminário Lacan ocupara-se apenas desta primeira faceta do desejo, que consiste em reduzi-lo à sua interpretação. Mas o sentido não o esgota.

O desejo semi-articula-se no significante. Como metonímia, literaliza-se em parte.

Portanto, de (outro) certo modo indeterminado, escapa ao sentido:

> *... le désir inconscient tel que nous avons à en rendre compte, il se trouve dans la répétition de la demande...* (9-5-62)

A partir da reiteração da parte não há como reconstruir o todo, prestando-se o desejo a reassegurar a inviabilidade de uma conceituação positiva da realidade subjetiva.

Parcialmente o desejo é palavra encarnada, porque também é o que, por se falar, pela palavra se é obrigado a supor como princípio do discurso e logicamente anterior à fala:

> *... le sujet en tant qu'il se constitue comme dépendance du signifiant, comme au-delà de la demande, c'est le désir.* (9-5-62)

---

307 Também na acepção do verbo sentir.

Neste patamar, a única obviedade é que a investigação se adentra em terreno assaz escorregadio. Nenhuma tese é completa em si mesma e cada (meia) verdade só se mantém por alguma condição que a restrinja.

Pior: por definição, a partir de agora, definições acabadas são contrárias ao rigor. O estudo aventura-se pelo terreno do parcialmente definível e a precisão depende da habilidade para conviver com o indizível.

Conseqüentemente, o adentramento nesta problemática deve guiar-se por duas teses:

Em primeiro lugar, o desejo não se significa plenamente, mas apenas como que "metonimicamente".

O que se pode almejar é abordá-lo parcialmente no que dele encontre lugar pela imisção com a palavra e daí o ressaltar-se a metonímia como o modo da sua estrutural presença na linguagem, e principiar-se pela sua interpretação:

> *De ce désir, de son interprétation, et pour tout dire, d'une éthique rationnelle, j'essaye de fonder avec vous la topologie de base.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.120)

Em segundo lugar, a impossibilidade referida é assaz sintomática do que a temática do desejo abre: o desejo é a presença do indizível dicente no meio da palavra.

De imediato, vai tratar-se de explorá-lo pela perspectiva do sentido. Já no subcapítulo subseqüente, aborda-se-o sem perspectivas.

50. DESEJO: DICÇÃO DO OUTRO

A chave para o esclarecimento do ponto que ora nos interessa, a decifração de um estatuto de dito para o "semidizível" desejo, necessariamente remete à sua referencialidade perante uma ordem de coisas estruturalmente fictícia por, menos que construída, estar em elaboração.

A coisa psicanaliticamente relevante, aquela que (impossivelmente) se objetivaria como meta do desejo, subsiste em função do que suporta o sentido — nem mais nem menos que o significante, articulado em proporção que, como dito, a consolide.

> *Quel objet est fait de cet effet d'un discours? Cet objet, nous n'en savons rien, sinon qu'il est cause du désir, c'est-à-dire qu'à proprement parler, c'est comme manque à être qu'il se manifeste. Ce n'est donc rien d'étant qui est ainsi déterminé.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.177)

Privar-se de apreender a especificidade do objeto no desejo, como a sua causa, é não permitir-se a luminosidade que o labor lacaniano pretende fazer incidir na problemática do sujeito. Pois sem dúvida o objeto imaginado parece — e aparece — do desejo, mas por um ângulo subsidiário, já que primordialmente o causa.

Impossível de capturar positivamente, o "objeto" apresenta-se como falta que causa o desejo, e por isso é no horizonte deste que dele Lacan nos oferta uma idéia,

> *... la seule idée concevable de l'objet, celle de la cause du désir, soit de ce qui manque.* (PRÉFACE À L'ÉDITION ANGLAISE DU SÉMINAIRE XI, Ornicar 12/13, p.126)

Como objeto, restringe-se ao que na palavra é falta. Como falta, a cada fala reposta por ser "consubstancial" à palavra, perpetua-se intradiscursivamente como palavra em falta.

O que no dito escapa do dito apenas pode ser cogitado em termos significantes. Mais exatamente, nos limites da significância, única e exclusivamente determináveis pela palavra.

Equacioná-lo, em termos lacanianos, significa dar conta do que, perante o sujeito, possa apresentar-se real — quer dizer, ser incognoscível mas motivar a cognição, ser

inapreensível mas propulsionar a objetivação. Coisa que, à falta de qualquer alternativa, Lacan opta por funcionalmente referir pela variável "a".

Embora, na prática, permita mui meticulosamente acompanhar as filigranas peculiares ao desejo em cada um, um subproduto da sua introdução igualmente vital é uma contribuição para o empenho em pensar a psicanálise em parâmetros à altura da revolução que desencadeia na cultura. Em especial, sacudindo alguns hábitos mentais tomados como (boas) idéias, cuja manutenção não apenas não se justifica, como, dado o inconsciente, também obsta a uma compreensão menos falsa do estatuto do sujeito.

Nada menos que isso justificaria que Lacan entenda ser sua fundamental contribuição para a psicanálise a invenção de como que uma categoria objetal, o "a":

> *... l'objet " a" c'était peut-être ce que j'avais inventé...* (9-4-74)

Em hipótese alguma a mera introdução dessa classe de objetos justificaria qualquer pretensão a algum pioneirismo. Este encontra-se em outra parte, que não na apresentação do objeto propriamente dita.

A palavra "invenção" não aponta a descoberta e descrição da especificidade do objeto à luz da inconsciente. Ao dizer que o inventa, Lacan salienta ter sido quem, analisando e definindo a sua apresentabilidade como decorrente da significância, o pôs como conseqüente do saber:

> *Vous savez que ce mot "inventé", je l'ai mis en avant, je l'ai fait reconnaître, si je puis dire, par vous, apparemment tout au moins, de le lier à ce qui le nécessite, c'est-à-dire, le savoir. Le savoir s'invente.* (9-4-74)

Dado temporal e não fato espacial, o objeto é um momento lógico do processo de enunciação, nessa medida sendo partícipe da natureza sígnica. Mais sinteticamente, subsiste pelo saber. A sua invenção — por relativa ao fato do saber, independentemente do conhecimento — refere-se à culminância e arrematamento de uma reflexão sobre o primado do significante, e não à criação de um conceito de objeto que satisfaça ao fiasco da representação objetiva, tarefa que não lhe competiu.

Graças a outro psicanalista, Lacan sente-se fortalecido e descobre o prazer de se ver confirmado e acompanhado por alguém com quem se ombreia, que não exclusivamente pelos que o seguem:

> *... je me sens soutenu et en accord avec vos recherches dans leur contenu et dans leur style. Cet <<objet transitionnel>> dont j'ai montré aux miens tous les mérites, n'indique-t-il pas la place où se marque précocement cette distinction du désir par rapport au besoin?* (LETTRE À WINNICOTT, Ornicar 33, p.9)

Na obra de Winnicott o psicanalista depara-se com o objeto concebido à altura do procedimento psicanalítico. Encontra-o explicitado numa sistematização de boa observação clínica, elaborada completamente à revelia das suas razões, mas que as ratifica.

Embora tomando ao pé da letra o inconsciente, ainda que com menos facilidade, se alcancem independentemente os mesmos resultados, a sua plena concordância com os trabalhos do britânico é cabalmente indicativa de que o que embasa a convicção lacaniana na inventividade da sua abordagem do objeto, não são nem a sua admissão nem a sua descrição, que explicitamente reconhece suficientemente atingidas pelo colega.

Observe-se também que sequer seria razoável vincular alguma pretensão de originalidade como relativa à exploração do interesse técnico e utilidade clínica da novidade, pois também nesta direção, e publicamente, Lacan admite-se em dívida:

> *Prenons un auteur excellent: M. Winnicott. Il est remarquable que cet auteur auquel on doit une des découvertes des plus fines, je me souviens et ne manquerai jamais d'y revenir en hommage*

dans mon souvenir de ce que l'objet transitionnel comme il l'a donné a pu m'apporter de secours au moment où je m'interrogeais sur la façon de démystifier cette fonction de l'objet dit parciel... (6-12-67)

Se nem clínica nem teoricamente, e sequer quanto ao estilo da investigação, pensa ser inovadora a sua abordagem do "a", a de sua parte haver uma novidade, esta encontra-se em outra parte. A invenção que se atribui consiste no exame e definição de um estatuto à altura desse objeto:

Ce statut de l'objet du désir comme tel reste toujours éludé dans toutes ses formes jusqu'ici articulées de la théorie analytique; et ce que nous cherchons ici est précisément à lui donner son statut propre. (6-6-62)

Uma vez por Winnicott introduzido no pensamento analítico, além da gratidão e do reconhecimento de que este se faz credor, há que apoiá-lo e servir à psicanálise extraindo as devidas e mais radicais conseqüências da inovação proposta.

O compromisso com tal missão é franca e amistosamente comunicado ao seu par:

Maintenant il me semble pourtant qu'il faut que je rassemble tout cet effort en une oeuvre qui en fixe l'essentiel. Même si je n'avais pas le temps de le faire, je sais qu'une impulsion est donnée à un groupe où une direction sera préservée assez de temps pour être transmise même si on en oublie l'origine. (LETTRE À WINNICOTT, Ornicar 33, p.9)

O entusiasmo lacaniano para com a obra do amigo deve-se à evidência adicional em que o rigor e a sutileza da pesquisa winnicottiana se constituem em prol de uma reflexão sobre o estatuto do objeto que permita tratar o sujeito à revelia do conhecimento.

Da sua parte, o que é inédito é a generalização das propriedades do que valha por objeto, para além da descrição clínica, a um patamar em que o que importa não é um referente coisa, mas antes o sujeito.

Nem há outra alternativa. Perdido o objeto, o sujeito é posto com a palavra. Delineia-se nos interstícios em que, sobre nada, a palavra labora um algo que, positivamente, outra coisa não causa que o essencial do sujeito. Ou seja,

... le désir, c'est-à-dire... le manque pris comme objet... (INTRODUCTION À L'ÉDITION ALLEMAND DES ÉCRITS, Scilicet 5, p.15)

O que se encontra no objeto é o desejo, o ser (sujeito) em falta.

Ressalte-se que tomar como objeto o desejo também implica em negar a substancialidade do referente e em desobjetivá-lo.

Qualquer análise criteriosa do registro do real, se não quiser atomizar-se em abstratas, vagas e precárias referências "metafisicizantes" à vida, ao DNA, ou a leis fundamentais da física, deve desembocar nessa (única) porta para o real que "é" **eu**. Para bem o apreender, convém enriquecer o tratamento deste ponto por mais ângulos e, nesse intuito, vale a pena retomar as surpreendentes conseqüências deste quadro, até para além do âmbito estritamente psicanalítico.

Problematizada a possibilidade do conhecimento, a representação tradicional das ciências naturais é afetada, a ponto de valer por única realização científica a pura linguagem formal:

Quelqu'un m'a démandé récemment... sur ce dont il s'agissait, si c'était à savoir de modèles mathématiques ou même de métaphores. J'ai cru pouvoir lui répondre que les choses, dans ma pensée allaient plus loin et que les structures dont il s'agit, ont droit d'être considérées comme de l'ordre d'un ***hypokeimenon****, d'un support, voire d'une substance de ce qui constitue notre champ.* (30-3-66)

A supressão de qualquer dicotomia entre a ordem da representação e a presença, a determinação em captar a significância no lugar vago do substrato, condu-lo a promover a estrutura a "matéria". Refere-se ao termo "substância" apenas ironicamente, para mais drasticamente se divorciar da idéia de, para além dele mesmo, haver algo que "preencha" o estrutural vazio:

> *L'espace où se déploient les créations de la science, nous ne pouvons dès lors le qualifier que de* ***l'insubstance****, de* ***l'achose****, avec l'apostrophe. Fait qui change du tout le sens de notre matérialisme.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.186)

Lida-se com um real que só se assinala pela fantasia — que é outro nome do afrontamento do sujeito com o mesmo —, causando a enunciação do significante, o exercício do saber.

Lacan compreende como matéria os recursos formais de que se provê. Nem poderia ser de outro modo, desde que toda a precária "realidade" do sujeito se suporta no significante,

> *... l'Autre en tant que caractérisé par ce peu de réalité qui est toute la substance du fantasme mais qui est aussi, peut-être, toute la réalité à laquelle nous pouvons accéder.* (8-6-66)

Portanto, eis-nos confrontados com uma fantasmática pouca realidade. Uma fantasia que, ao estabelecer-se na dependência do significante, representante do sujeito, pressupõe-no e ao sujeito que dele subsiste, a ponto até de imaginar-se real.

Esta concepção, por conseqüente, é congruente com o desvinculamento entre a objetalidade e a objetividade — contra o qual, por motivos para a psicanálise sequer misteriosos, encontra-se tanta resistência.

O objetal não é objetivo:

> *L'objet "a", c'est un objet certes, seulement en ce sens qu'il se substitue définitivement à toute notion de l'objet comme supporté par un sujet. Ça n'est pas le rapport dit de la connaissance.* (2-12-71)

Por tais descaminhos não lhe serem estranhos, di-lo com conhecimento de causa.

Se, do ponto de vista do conhecimento, o objeto é "posse" cognitiva do sujeito, já da perspectiva do desejo situa-se no objeto o ser sujeito (em falta).

Guiando-se pelo fio condutor da verdade freudiana, o inconsciente, Lacan sabe ser descabido pensar o objeto humano no terreno do conhecimento. Caso contrário, não se mantém a reflexão à altura daquilo de que teria de dar conta. Sua explicação para a má qualidade do pensamento psicanalítico é precisamente a falta de conseqüência dos analistas em extraírem o necessário da matéria com que lidam, restringindo-se a repetir modelos condenados pelo advento da descoberta freudiana.

Exclui-se qualquer insistência nessa direção, desde o princípio enviesada por um equívoco incontornável de dentro do horizonte epistêmico: não basta trocar o verbo conhecer pelo desejar, mantendo-se os esquemas cabíveis ao primeiro na representação do sujeito e do objeto. Como, além da natureza, altera-se a articulação entre estes[308],

> *... il convient tout de même de ne pas confondre cet objet du désir avec l'objet défini par l'épistémologie...* (28-11-62)

Na medida em que as pessoas não enfrentem e porque não enfrentam a necessidade de repensar o chão em que assentam as suas reflexões, tal confusão implicitamente contamina o pensamento analítico. Pois, ao contrário do que os intentos patéticos para refletir a psicanálise como corpo de conhecimento em vias de se constituir induzem a crer, não se cuida de

---

308 Aliás, esta é a causa verdadeira da mudança daquela.

enfrentar no inconsciente um objeto mais difícil de conhecer, mas trata-se de lidar com **isso** que, drasticamente, escapa de ser conhecido.

Na contramão de tão inglórias pretensões, longe da epistemologia propiciar o advento de procedimentos adequados ao estudo "objetivo" do "a", e muito pelo contrário, é este que psicanaliticamente se descobre subjetivamente determinante da vontade de conhecer.

Não se poderia esperar encontrar a especificidade subjetiva do objeto a partir do horizonte do conhecimento, quando

> *C'est de cet objet "a" que surgit cette dimension dont l'émission, dont l'élision... dans la théorie du sujet a fait l'insuffisance jusqu'à présent de toute cette coordination dont le centre se manifeste comme théorie de la connaissance, gnoséologie.* (16-1-63)

Portanto, para não se ficar restrito à mera troca de termos[309], sem reconceber os contextos que lhe são cabíveis, é imprescindível considerar e admitir a maneira como o "a" se faz causa do desejo.

A princípio, repare-se que o que vem a valer por objeto do desejo, ainda que a realidade adquira contornos e significações, jamais se achata numa significação finita. Para manter o sujeito em ato, não pode tratar-se de nada conclusivo, distinto e claro; pois neste caso, ainda que "fetichisticamente" recoberto por um sentido fechado[310], o movimente subjetivo deter-se-ia. Ora, o que importa ao sujeito é a vertigem do que provoque o dizer, mobilizando-o desejante.

A não terminação do sentido explica-se sem maiores dificuldades: no objeto (enunciado) disfarça-se a falta em ser (sujeito), organizada em termos que logicamente exigem a ficção enunciante:

> *... le sujet n'est pas cause de soi, qu'il est conséquence de la perte et qu'il faudrait qu'il se met dans la conséquence de la perte, celle qui constitue l'objet "a", pour savoir ce qui lui manque.* (10-1-68)

Agora como sempre, em coerência com as linhas centrais da reflexão lacaniana, o significante toma lugar para conferir sentidos à "coisa" sujeito.

Como conseqüência da perda, o sujeito é causado por "sua" perda, em função da qual se apresenta não sujeito, "a".

O sujeito "outrifica-se" "a" na tentativa de preenchimento significativo do que (lhe) falta, numa tentativa de acabamento estruturalmente sempre condenada ao fiasco. Para bem se o entender, em vez de se adentrar em análises topológicas complexas — até porque no próprio Lacan não é seguro que o recurso às matemáticas (sempre) se distancie da intuição —, pode-se ilustrativamente recorrer à idéia de tecido.

Se se entender o Outro como a estrutura (representante do sujeito) e o "a" como os furos do "tecido estrutural", devidamente assinalados na primeira em razão do entrelaçamento dos fios, pode-se compreender como cada novo ponto, como conjunção dos fios numa borda, em vez de superar a cisão subjetiva apenas redivide o furo e, portanto, no lugar do objeto, repõe o (sujeito como) desejo.

O tecido não se reduz ao fio significante. Se de um lado a malha apenas é capturável graças aos fios e à sua disposição, também não existe sem os furos entre as ligações, os intervalos que a um só tempo assinalam a divisão subjetiva e o marcam (objeto) perdido.

A cada tentativa de sutura, a cada cosimento, a linha significante recruza-se, recortando o espaço. Duplica-se o intervalo no qual o sujeito intenta capturar-se e, em vez de como objeto se o capturar, a cada repetição se o repõe dividido. A cada tentativa reitera-se e reproduz-se a sua perda, a conceber como a "falta em ser sujeito"[311] que o causa.

---

309 Substituindo "conhecer" por "desejar".
310 Ou paralisado?
311 Isto é, "não sujeito", "objeto".

Subproduto desse conjugar e cindir simultâneo, feito por e na trama significante, perpetua-se a geração de sentido.

Geração de sentido que, como interpretante do desejo e portanto a serviço da produção e reprodução do ser (em falta), já se sabe substituir o referente:

> *... c'est d'un noeud de sens que surgit l'objet, l'objet lui-même et, pour le nommer, puisque je l'ai nommé comme j'ai pu, l'objet "a".* (9-2-72)

Há todavia que averiguar que sentido conferir a esse nó. Se o "a", na medida em que se faz em estrita dependência do significante, implica sentido — rigorosamente, um nó de sentido, também na acepção de impasse —, não é menos fato que escapa a qualquer sentido específico, que no seu contexto sempre é mera cosmética superficial:

> *... l'objet "a" est tout à fait étranger à la question du sens. Le sens est une petite peinturlure rajoutée sur cet objet "a" avec lequel vous avez chacun votre attache particulière.* (6-1-72)

O "a" é o produto do que da "matéria" representante do sujeito, o significante, escapa da significação no lugar em que **eu** se visa objetivar. Deve ser concebido como um nó, menos na acepção de imbricamento de sentido, que na de problematicidade do mesmo:

> *... cet objet "a" désigne précisément ce qui, des effets du discours, se présente comme le plus opaque, comme depuis très longtemps méconnu, et pourtant essentiel.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.47)

Como produção de um saber que não se totaliza numa significação cabal, o que como sentido agrega-se no "a" apresenta-se enigmaticamente:

> *Cet objet, en fin de compte, ne représente rien d'autre qu'un certain nombre d'énigmes polarisées...* (L'EXPÉRIENCE DE LA PASSE, Ornicar 12/13, p.120)

Só o enigma permite conjugar a dimensão da falta com a do sentido por fazer, articulação promovida pela problemática do desejo. Por sua causa, este oscila entre a falta de sentido e o sentir falta.

Determinando a perpetuação da fala e garantindo o desejo, ainda que constituindo-se em plena dependência significante, "a" é produto limítrofe da significação. Transporta para dentro do sentido a questão da sua indeterminação:

> *... "a" symbolise ce qui, dans la sphère du signifiant est toujours ce qui se présente toujours comme perdu, comme ce qui se perd à la significantisation.* (13-3-63)

À luz do simbólico, surge nos interstícios da trama do significante. "Não sujeito" que consubstancia o ser-se em falta e lugar de estar em perda de si, como cifra significante do desejo o "a" é da ordem do Outro:

> *L'objet "a" en tant qu'au terme, — terme sans doute jamais achevé — il est notre existence la plus radicale, qu'il est la seule voie dans laquelle le désir puisse nous livrer ce en quoi nous aurons nous-mêmes à nous reconnaître, cet objet "a" est à situer comme tel dans le champ de l'Autre, et non seulement il est à y être situé, mais il y est situé par chacun et par tous.* (3-7-63)

Menos do que pouca e mais do que toda a significação, pelo dom da palavra, "a" é confirmação da inscrição do sujeito.

É no acercamento do não dito que o mundo das coisas é recortado no universo da fala, assentando na palavra latente a subsistência da realidade como hábito de uma falta de essência, pela qual faz-se **eu** ser desejante. Nessa medida, em última instância o "a" é estritamente equacionável pela palavra, podendo, em circunstâncias a precisar, subsumir-se no Outro.

Insabido por si, o sujeito acontece como outro, "a". Mas também inclui-se no Outro, pois no vão intento de assenhorear-se de si, ordena a enunciação.

Como, no falar, reproduz-se em falta, perpetuando o desejo, é lícito admitir que

> *L'objet "a" est l'enjeu de ce qu'il y a de fondateur pour le sujet dans son rapport à l'Autre.* (1-6-66)

O sujeito subsiste, precariamente, entre o querer dizer-se e o dizer do Outro. Em cada dito configura-se um ainda não dito que repõe o sujeito em ato discursivo.

Dado o caráter dinâmico da falta — mais precisamente, caráter "gerativo" (do sujeito) —, é cabível a tese de que

> *C'est du côté de l'Autre que le petit "a" vient au jour, non pas comme manque tellement que comme à être.* (27-6-62)

Menos que falta — o fácil avesso da presença —, enquanto operação significante responsável pelo surgimento do sujeito, o "a" é um "a ser". Não propriamente com vistas a um ser futuro, na forma do vir a ser — a não ser imaginariamente —, mas mais precisamente como reiterado presente de um ainda não ser.

Não é novidade que o suporte que a verbalização — mais especificamente, a cópula lógica — oferece para a imaginação das coisas (e do **eu**) como substâncias, mesmo que ficção querida e necessária, não precisa ser transposto em ontologia em sentido forte. O ato, sempre uma dicção, mais e menos do que capturar o mundo, constitui-o em pensamento. Ora este, é sabido[312], é um modo de referir o significante, por meio do qual faz-se acontecer o ser (e o sentido). Assim, compreende-se que Lacan afiance que

> *... être et pensée sont du même coté, du coté de ce petit "a". Petit "a", c'est l'être en tant qu'il est essentiellement manquant au texte du monde.* (27-6-62)

Entre não ser e haver sentido, pelo asseguramento da ação (significante) o sujeito faz-se em perda, que é condição para que persista.

A dispersão significante da literalidade assegura a irredutibilidade do desejo à posse de alguma unidade subjetiva, a qual o extinguiria[313]. Em conseqüência, como parâmetro de qualquer alteridade[314], o significante é impensável se não se levar em conta o indizível (do) sujeito.

Por ser signo, qualquer coisa atualiza a falta, e é esse nada a que a coisa se reduz que, por não haver outra coisa que por sua vez seja mais que ficção, leva a tomar como (único) referente o desejo[315].

Graças à falta de substrato e à falta como substrato, pelo significante põe-se um falante a palrar no intento de passar a (vir a) ser pelo saber. Aquém do ser e do não ser, o "a", "**manque à être**", apresenta o sujeito não exatamente como falto em ser (e tampouco interpreta a falta como ser), mas — evocando e desvelando a, por tão óbvia, pouco visível vinculação do ser à culpa — como "ser em falta".

No estar faltoso há que sublinhar o ato (de ser em falta) e não tanto o ser (faltante). Só deste modo é possível não maltratar o enunciante, testemunhando-o a falar, sem a pretensão de dizer quem diz.

---

312 Vide Segunda Parte, capítulo II, subcapítulo 26: INCONSCIENTE E LINGUAGEM.

313 Perigo que, ainda que imaginário, nem por isso é menos vivido.

314 *L'altérité première, c'est celle du signifiant qui ne peut exprimer le sujet que sous la forme de ce que nous avons appris à cerner dans la pratique analytique d'une étrangeté particulière.* (14-5-69)

315 Como a situação é incontornável, levando-o em conta Lacan foi induzido a reinventar psicanaliticamente o signo (conforme visto na Terceira Parte). O imperativo de recodificá-lo deve-se à conjunção da impossibilidade do desejo se dizer com o temor ao risco de ser dito.

Pois nunca se diz o dicente. Como os meios da palavra são o Outro, na palavra que diz, quem a diz não se encontra **eu**. Não propriamente por ser o Outro que o diz, mas por como outro se dizer.

51. DESEJO: DICÇÃO EM FALTA

Destrinchada a primeira tese, é mister esmiuçar o segundo ponto relativo à delimitação das condições de esclarecimento do desejo.

O que valha como objeto "a", modo de se perder sujeito, insere a possibilidade de retomar a ontologia a partir da psicanálise. Uma "ontologia" falha do ser. Uma ontologia desnecessária e perigosa, porque arriscada a embarcar num canto de sereia, decolando para um desvario "metafisicizante" consistente em derivar a "falta em ser", horizonte do ser em falta, numa interpretação do sentido do ser como falta-em-ser.

Deste modo alcançar-se-ia reduzir o desejo a um sentido, significando-o completamente. O (ser) sujeito não escaparia ao Outro e portanto, em vez de semidizível, o desejo seria plenamente dito.

Mas a pretensão não tem futuro. Embora inscrito no Outro, por mais que se intente preencher o sentido em falta, significando-o plenamente, o sujeito — enquanto irredutivelmente dicente (e não dito) — repõe-se em falta em toda a coisa que se diga.

Um mítico preenchimento completo do sentido em ser sujeito, ao suprimir o desejo extinguiria o falante, repondo em falta o verbo (e o ser).

Portanto, a psicanálise deve resistir criticamente à tentação de ludíbrio ofertada pela ilusão do preenchimento da falta por qualquer sentido. O que lhe está interessando é dirigir a atenção para a interrogação sobre o ser de si, que faz o sujeito subsistir. Mas tal pergunta importa-lhe não pelas respostas alcançáveis e sim pela sua persistência como questão, já que, sem essência, o "a" é o que da dimensão da palavra se furta ao dizer:

> *Toute métaphore, y compris celle du symptôme cherche à faire sortir cet objet dans la signification, mais toute la pullulation des sens qu'elle peut engendrer n'arrive pas à étancher ce dont il s'agit dans ce trou d'une perte centrale.* (27-6-62)

Por isso também não tem cabimento lançar-se em busca da especificação realista de objetos imaginários, que parcialmente são sombras do determinismo significante. O objeto, em verdade, não é coisa objetiva porque — como, à sua revelia, bem o demonstram os que incautamente se aventuram nessa direção — aparece como objeto parcial. Quer dizer, reporta-se a uma totalidade perdida (mal) representada por substitutos que, nesta qualidade, subordinam-se ao estatuto do signo. Segundo Lacan, isto é o bastante para que, de uma vez por todas, se esclareça que o próprio do objeto não pode se compreender listando os protótipos da sua presentificação — sejam os introduzidos por Freud, como o seio e as fezes, sejam o olhar e a voz, mais explicitamente apontados pelo primeiro:

> *... l'objet "a" est structure topologique...*
> *... on se tromperait tout à fait si on croyait que... ça représente quoi que ce soit.* (1-6-66)

Não se trata de qualquer seio que interessa o sujeito, coisas as mais diversas podem interessá-lo na qualidade de fezes, o olhar pode localizar-se em algo inanimado ou numa obra de arte e a voz pode ser o som do trovão[316]. Discriminado da referência cognitiva ao corpo — ingênua, por comprometida com a crença acrítica na identidade substantiva dos elementos da vida mental com supostas coisas do mundo exterior, aliás as mesmas que fazem o cenário da biologia e da medicina, diversas do comprometimento com a vida, que é mais coerente com os

---

316 O exemplo é de Lacan. Vide FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE – ÉCRITS, p.322.

resultados até agora obtidos —, é lícito esperar que a única possibilidade de introduzir o objeto de uma maneira próxima ao rigor almejado pelo pensador seja apreendendo-o estruturalmente — ou seja, "irrepresentativamente":

> *"a", ce qui manque, est non spéculaire, il n'est pas saisissable dans l'image.* (22-5-63)

Ponto cego da representação, eis a boa via para se esclarecer o que está em jogo nesse "objeto":

> *... l'objet "a" c'est là, dans cet espace du trou qu'il est proprement, disons, représentable, proprement de ce fait qu'il n'est aucunement representé.* (1-6-66)

Se o protótipo objetal fosse especularizável, o conhecimento, mesmo na acepção bíblica, literalmente se materializaria. E o discurso, instaurador da realidade como fantasia, deter-se-ia, por não haver a falha propiciadora do deslocamento. O sujeito, excluído pela extinção do devir desiderativo, aniquilar-se-ia num nirvana pétreo.

Porém, ao abrir-se os olhos, em vez de se estabelecer o panorama harmônico da representação — pela correspondência bi-unívoca entre coisas e imagens suas representantes —, é **eu** que se produz dividido:

> *Or ce "a", nous le savons, c'est le sujet lui-même en tant qu'il ne peut être représenté que par un représentant...* (14-5-69)

Que outra coisa poderia supor-se e subpor-se ao desejo, senão o que se sabe que, insubstancialmente, estruturalmente subjaz ao significante?

O sujeito só pode representar-se pelos "seus" representantes que são os significantes. É por isso que, "irrepresentado"[317], "outrifica-se" em objeto.

Em si mesmo alteridade relativamente a si próprio como sujeito, o "a" é avesso à (e é o avesso da) representabilidade:

> *... l'objet "a" c'est ce que nous ne pouvons jamais saisir et spécialement pas dans le miroir, pour la raison que c'est la fenêtre que nous constituons nous-mêmes d'ouvrir les yeux simplement.* (18-5-66)

Como portanto se poderia representá-lo? Se *... l'oeil est déjà miroir...*[318], como poderia ver-se a si mesmo?

Em si mesmo, pulsionalmente situado, o sujeito é irrepresentável. É "janela vazia" entre simbólico e real, imaginariamente suscetível de se desdobrar em muitos matizes de órbitas (oculares) vácuas ou de máscaras que olham, indiciando negativamente a mais íntima exterioridade, sempre devidamente denunciada por uma tremenda carga de angústia.

Por em hipótese alguma poder reduzir-se a tudo o que na malha discursiva dele se possa enunciar, o que do sujeito — impensado, inominado — dali escape, referencia-se como "a"[319].

O "a" é presença não representativa do sujeito. Apresenta sem representar. É representação vácua, também como vacuidade da representação.

Indiretamente, apresenta o sujeito pelo desejar, nas entre-linhas que, furtando-se de cumprir o papel de representantes do **eu**, escapam do significante:

> *... l'irréductible du sujet, c'est "a". "a" est ce qui reste d'irréductible dans cette opération totale d'avènement du sujet au lieu de l'Autre...* (6-3-63)

---

317 Como presença, enquanto tal no limite "de fora" do significante.

318 (15-5-63)

319 Prescinde-se de apresentar os modos dessa "parturição" — catalogáveis topologicamente, e da maior utilidade clínica — devido à natureza deste trabalho, que exige maior empenho em explicar o lugar da variável objeto no corpo de idéias lacaniano, do que em descrever a sua variabilidade empírica.

Porque estabelece-se no limite da significância, indiretamente aponta o lugar em que passar-se-ia da palavra ao que, como coisa, a transcenderia. Mas exatamente porque a delimitação da primeira não autoriza a segunda, é o querer ser (do sujeito) — querer ser alguma coisa e querer que a coisa seja — que se marca pelo "a". Por isso, por tabela, por ser o "objeto" do desejo, o "a" depõe mais do desejo que do (impossível) objeto, no âmago do qual é o sujeito que se entranha:

> *... là où vous dites: <<je>>, c'est là à proprement parler qu'au niveau de l'inconscient se situe "a". A ce niveau, vous êtes "a", l'objet...* (16-1-63)

Impõe-se portanto, para bem sopesar a justeza da invenção lacaniana, não descurar de adequadamente avaliar o sentido do indicado, enfrentando o desafio de elucidar o termo "objeto" correlativamente ao desejo.

Em que termos? Os únicos possíveis. Abrindo exceção entre os procedimentos que, esquecendo que o objeto depende da palavra, tentam capturá-lo cognitivamente:

> *L'objet "a" n'est un objet qu'en ce sens qu'il est là pour affirmer que rien de l'ordre du savoir n'est sans le produire. C'est tout à fait autre chose que de le connaître.* (2-12-71)

O objeto "a" — e por ele, todos — é discursivamente produzido. O que no mundo importa como representação já é um dejeto da impossibilidade de (o) representar:

> *Nous savons par notre expérience qu'il n'y a rien qui pèse dans le monde véritablement que ce qui fait allusion à cet objet dans l'Autre, le grand "A" prend la place pour lui donner un sens.* (27-6-62)

Como verdadeiramente poderia representar-se, se se constitui no processo mesmo da feitura de representações?

Como sujeito, o objeto está dos dois lados do discurso. Tanto é sujeitado pela palavra — com a qual, renegando-se a falta, constroem-se objetos —, como é falta que causa o desejo, fazendo advir o enunciante:

> *... "a" n'est pas l'objet du désir, celui que nous cherchons à révéler dans l'analyse, il en est la cause.* (12-6-63

Coisa causa, é por isso que estritamente se determina no nível da funcionalidade estrutural, devendo abdicar-se de, absurdamente, intentar "encapsulá-lo" no mundo. Como no horizonte da significância — e portanto no do que imaginária e simbolicamente valha, respectivamente, por mundo e por universo — nada desinteressa ao sujeito, rigorosamente é cabível a seguinte generalização:

> *"a" est la cause, la cause du désir. Je vous ai indiqué que ce n'est pas une mauvaise façon de le comprendre que de revenir à l'énigme que nous propose le fonctionnement de la catégorie de la cause. Car enfin il est bien claire que quelque critique, que quelqu'effort de réduction, phénomenologique ou pas, que nous lui appliquions, cette catégorie fonctionne, et non pas comme une étape seulement archaïque de notre développement.* (12-6-63)

A relevância da constatação, como é próprio das grandes transformações do pensamento, tem força para extravasar os limites da psicanálise. Induz Lacan a pensar haver encontrado como clarificar a obscuridade que na epistemologia recobre a noção de causa. A chave para a compreender consistiria em, para a descobrir função subjetiva, desistir de a interpretar realisticamente:

... par rapport au désir, l'objet "a" se présente toujours en fonction de cause au point d'être pour nous possiblement, si vous m'entendez, si vous me suivez, le point racine où s'élabore dans le sujet la fonction de la cause même. (19-6-63)

Não se trata de uma novidade. No capítulo anterior, nos últimos subcapítulos, dedicou-se uma larga atenção à problemática da causalidade. Salientou-se como Lacan a cogita, do ponto de vista da significância, como efeito da retroação significante. Assinalou-se também, fatos que Lacan não desconhecia, que de alguma maneira sempre escapa às tentativas de significação e é indócil à formalização: ainda que da ordem significante, algo a ela medular exclui-se de procedimentos de medida e, mesmo que o causando, escapa de ser sentido.

Patenteia-se, portanto, a extrema coincidência da sua (falta de) natureza com a do dito objeto "a". São, por assim dizer, dois modos de designar o produtivo limite da significância: por meio da noção de causa situa-se-o pelas suas conseqüências no plano (simbólico) da produção da ação (discursiva); por meio da variável "a" aponta-se a multiplicidade dos efeitos da vacuidade desencadeadora do desejar no terreno do imaginário.

Uma vez recolocada a inaturalidade do objeto — anteriormente abordada em conexão com a inaptidão da epistemologia e a insuficiência da ontologia —, há que (em função do desejo) examinar o seu real estatuto a partir da psicanálise.

Todavia, seria incúria adentrar-se nessa direção sem, com a maior nitidez, previamente reforçar a pouco comum aproximação do registro da ética com o indizível. Esquecê-lo implicaria em recalcar o pensamento lacaniano de maneira bastante verossímil e, portanto, tão mais perniciosa.

Não é novidade que, relativamente ao real — porque inobjetivável, radicalmente incapturável pela cognição —, o homem orienta-se eticamente:

> *... ma thèse est que la loi morale, le commandement morale, la présence de l'instance morale, est ce par quoi, dans notre activité en tant que structurée par le symbolique, se présentifie le réèl — le réèl comme tel, le poids du réèl.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.28)

O real presentifica-se pela lei (moral) que comanda o desejo. O definitivamente perdido registra-se na forma do imperativo que insta a alcançá-lo. Não acontece como possessão (cognitiva) de nenhum objeto, apenas se marcando da orientação do sujeito em direção ao que falta — a qual se processa segundo as linhas da significância.

Portanto, o que se registra (do) real são apenas traços já com valor significante. Na medida em que se escrevam — isto é, tenham valor de letra[320] —, marcam o real.

Marcam-no por, a par do valor significante intrínseco à sua mútua diferencialidade — o qual, em parte, também é devido à sua localização —, o significante enquanto letra comportar a fixação de um lugar em que o mesmo se reencontra. Ora, segundo Lacan, é precisamente por meio da repetição — assegurada pelo reencontro do significante (como letra) no mesmo lugar — que o real se indicia.

Nada se atina do real a não ser por meio de indicações significantes repetidas. O real indicia-se no registro simbólico por meio da redicção de significantes que, não obstante não representarem nenhuma substância objetiva, permitem definir o lugar da perda (por estarem fixamente localizados).

Soçobra o conhecimento, mas se sustenta o desejo de capturar o real. A única possibilidade é apontar a sua direção, evidenciada pelas ações significantes cujo sentido (parcialmente) é o desejo.

Por isso, as condições de "pressentimento" do seu peso restringem-se à ética. Se o real enquanto tal é incognoscível, não obstante há uma posição em que a sua perda, determinante

---

320 Noções como traço, significante e letra foram examinadas no terceiro capítulo da Terceira Parte.

do desejo (de conhecê-lo), se delimita: trata-se do "a", o ponto de fuga da representação, que é o mesmo pelo qual, escapando de si, faz-se o sujeito desejante.

A reiteração do desejo, por si mesma, é uma forma de repetição. Repete o (ser) sujeito, e exatamente por a aparente multiplicidade dos desideratos a que se consagra evidenciar a natureza simbólica dos seus objetos, a única constância é o significante representar o sujeito para outro significante.

Possessivamente incapturável, como está perdido, o sujeito também é da ordem do real. Repete-se a posição da sua perda.

A letra registra-o como real. O significante representa-o, mas dado que o mesmo se repete, enquanto letra presenta-o (no) real.

A ocasião presta-se a recordar que, conforme antes visto[321], a verdadeira porta para o real, longe de se definir em torno de algum objeto, especifica-se em conexão com **eu**, posto desejante por causa do objeto estar em falta.

Enquanto objetivas, as coisas reduzem-se a ficções, maleáveis e reelaboráveis pela deambulação dicente. Mas o fato da dicência se reiterar aquém e à revelia de qualquer delimitação imaginária — já que, como também se viu, o significado é interminável —, vai confirmar uma dimensão real do sujeito.

É que os objetos não desejam, a não ser na acepção de que têm como estofo o dito que "ficciona" a coisa. Mas neste caso, o desejo que presentificam é o sujeito.

Não é novidade que no "a" é o sujeito que acontece como outro. Para entendê-lo, basta ter em mente que os significantes que dão forma aos objetos foram ditos por um suposto alguém. Portanto é este alguém que, como desejo, se encontra representado no segmento de enunciação que se "cristaliza" em "coisa" desejada.

Por ser feita de significantes, a representação não é signo de uma coisa objetiva. O que se representa pelo significante é o desejante.

Representa-se perdido de si, pois não se sabe no Outro reencontrado como "a".

Está perdido de si e posto no Outro, o que se explica levando em conta que a "substância" da ficção objetiva se reduz à sua feitura pelo significante, e portanto a obra se subordina às leis da palavra com que se a cimenta.

Como o pseudo-objeto que se quer, muito mais do que a satisfação de necessidades, objetiva garantir o sujeito sendo, no Outro, em vez de uma coisa objetiva, encontra-se a "coisa" subjetiva. Já que (por impossível) a tarefa permanece inconclusiva — perpetuando o sujeito no ato de desejar ser —, no Outro não se fundamenta **eu**, mas se encontra "a".

Ou seja, a única garantia do sujeito, advinda do horizonte "feitor" do ser — que é o verbo —, resume-se à ação de dizer, na qual sempre se o desencontra ou já tendo sido ou por vir a ser. Em vez do ser, perpetua-se a falta de garantias que causa o desejo (de ser).

Este movimento foi tratado no subcapítulo anterior, quando se tratava de considerar a metade dizível do desejo. Acontece que por este ser metonímia, semidito, em parte é indizível. É precisamente esta outra parte que agora se visa considerar.

A princípio sabe-se que obsta à completa dicção de si, que se significaria como uma plena comprovação de ser. Lá escapa ao ser, não se imaginando nem sendo dito.

Enquanto presença, o real só pode afigurar-se pela forma do que falta. Por isso, o que na letra vai importar à sua delimitação não é a possibilidade de, por meio do significante, "ficcionar-se" alguma substância. Pelo contrário, o que interessa é a capacidade de, por seu intermédio, aludir a incapturabilidade inerente à ordem do real.

Relativamente a esta, o sujeito só pode surgir vazio. Não é localizável no plano (simbólico) dos representantes, plano feitor de ficções e determinante do desejo, porque é sempre a parte que neles falta.

Para dar conta do vazio em que **eu**, em função da letra, se faz presente, além do desejo é necessário conceituar um "ponto" limite do real com o simbólico.

---

321 Vide subcapítulo anterior.

Psicanaliticamente, **isso** se chama pulsão. É imprescindível para que o sujeito — que, enquanto real, sempre escapa — possa ser indicado em lugar que é furo:

> *... le réel c'est ce que dans la pulsion je réduis à la fonction du trou. C'est-à-dire ce qui fait que la pulsion est liée aux orifices corporels.* (RÉPONSE À UNE QUESTION DE MARCEL RITTER — PETITS ÉCRITS ET CONFÉRENCES, p.150)

Pouco adiante, o psicanalista esclarece:

> *Je crois qu'il faut distinguer ce qui se passe à ce niveau de l'orifice corporelle, de ce qui fonctionne dans l'inconscient. Je crois que, dans l'inconscient aussi, quelque chose est signifiable d'entièrement analogue. Je crois que ce devant quoi Freud s'arrête dans l'occasion comme ombilic du rêve... c'est de ce qu'il appelle, désigne expressément ailleurs de l'**Urverdrängt**, du réfoulé primordial... ce quelque chose qui se spécifie de ne pouvoir être dit en aucun cas quelle qu'en soit l'approche, d'être si on peut dire à la racine du langage...* (RÉPONSE À UNE QUESTION DE MARCEL RITTER — PETITS ÉCRITS ET CONFÉRENCES, p.151)

A metáfora não pode ser casual. Como acentua, além de significar o limite do simbolizável — nesta qualidade, sendo relativo ao desejo —, enquanto raiz da palavra no corpo — corpo que é essa superfície literal que se oferece como imagem (entre o real e o simbólico) —, o umbigo apresenta-se como um nó sobre um furo. Um nó que ata o que durante a gestação se avolumou vivente.

O furo, como vazio, insere o simbólico no real — pois neste nada falta. Mas o umbigo, da ordem do real, é um nó e enquanto tal é operação simbólica. Portanto, o sujeito acontece solidariamente no limite da simbolização (como desejo) e no limiar do real (como pulsão):

> *Comprenez que l'objet du désir, c'est la cause du désir, et cet objet cause du désir, c'est l'objet de la pulsion — c'est-à-dire, l'objet autour de quoi tourne la pulsion. ... Ce n'est pas que le désir s'accroche à l'objet de la pulsion — le désir en fait le tour, en tant qu'il est agi dans la pulsion.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.220)

O objeto do desejo, como falta, é a causa do desejo. E como furo, vazio incapturável, é o objeto da pulsão.

Não porque o desejo lhe adira — o que seria absurdo —, mas na medida em que, como sentido (articulado em significantes) do que falta, rodeia o que escapa aos sentidos.

Nesta acepção, o objeto da pulsão — irrepresentável, não especularizável — é da ordem do real. Relativo ao **eu**, mas sem ser, exclui-se do ser (desejo) representável pelo significante.

Também não se espelha imaginariamente no que do corpo, oferecido à percepção, se objetiva.

Única e exclusivamente reporta-se à letra, no que esta comporta de vazio, e portanto assinala-se nos furos corporais.

Pois se o corpo (como espaço) é superfície significante e (como imagem) é cena significada, também apresenta as bordas que (como letras) marcam o limite do simbólico e indicam o real.

Afinal, na medida em que **eu** "seja", deve situar-se a partir do corpo como superfície (significante). Mas fora do ser, como real, que outro lugar lhe caberia que não o que do corpo se destaca "não superfície", os furos?

Fica agora muito mais claro porque para Lacan o significado do **cogito** é o erro sobre o ser e também porque atribui tanta importância (sintomática) à cartesiana redução do corpóreo à espacialidade[322]. O **cogito** interessa-lhe como ato devido à opacidade do real ao simbólico. Ainda que significantemente inscrito, o real (corpóreo) nunca se reduz à imagem ou

---

322 Vide no capítulo anterior o subcapítulo 4ê: ÉTICA E DETERMINISMO.

a qualquer outra forma (mais abstrata) da sua representação. **Eu** real, como pulsar, o enunciante é de outra ordem que a do que enuncia e é por isso que quanto mais "se" pensa mais vê abalar-se a confiança no (sentido que intente atribuir ao) seu ser. Por esta via só se objetiva.

Mas **eu** não acontece realmente como objeto.

Nada o garante e a cada ato é obrigado a supor-se no princípio da ação enunciativa, sem que possa esgotar-se ao pretender fazer-se coincidir com o "eu" enunciado.

A esta altura enfrenta-se (mais) um momento de extremo risco de perda do fio (bom) condutor da investigação. Não é necessário aprofundar-se muito na obra de Freud para reconhecer o quanto a noção de pulsão nomeia um enunciar originário, no limite entre o "psíquico" e o "somático", e inacessível a não ser pelos (significantes) representantes pulsionais que depõem o desejo.

Porém, a extrema cautela de Freud no manejo de conceito efetivamente tão nuclear e imprescindível à clínica, bem como a proposta lacaniana de fundar a psicanálise por um discurso rigoroso que não desencaminhe a prática, deveriam constituir-se no suficiente antídoto contra a redução do **eu** ao significado do conceito de pulsão. Obviamente o que de real em análise se trata é irredutível a qualquer conceito.

Muito mais do que se preocupar em encontrar os significados corretos para os termos de uma teoria, Lacan empenha-se em preservar uma prática que atinja a matéria pura da letra, de tal maneira que, para que não se deforme o seu exercício, a sua transmissão esteja à altura da sua "experiência".

Escamoteá-lo, seria, por assim dizer, restaurar um modo epistêmico de pensar. O **eu** escapa da cognição e seria grave incúria concebê-lo, enquanto sujeito, objetivável pelo conceito de pulsão. Como sinal do caráter eminentemente prático das teses cujos meandros ora se deslindam — deslindamento, insista-se, impossível se não se tiver o cuidado de as tratar em conformidade com o estatuto do campo a que cabem, bem longe de qualquer veleidade gnosiológica —, haja vista que em momento algum o autor se propos a rever a estética kantiana, por exemplo, com outro intuito que não a utilidade de, em função da corporeidade, pensar espacialmente o significante[323].

Em relação à demais espacialidade, a especificidade do corpóreo é que nele se trava o limite entre o representante, da ordem do simbólico, e o sujeito, por ele feito e a ele irredutível.

Irredutibilidade que se evidencia no fato da angústia, que avisa do radicalmente outro, o perigo de "des-ser". A angústia, por sinalizar o Outro sem o significar, sem o "imaginarizar", é experiência não objetiva do real.

Longe de se cuidar de especulação distante da prática cotidiana, a vicissitude aqui enfocada é o dia a dia da clínica. Em função do modo como o sujeito foi lingüisticamente posicionado — se foi inscrito ou proscrito, e de que maneira—, dependem o diagnóstico, o prognóstico, e toda e qualquer possibilidade de destino. Posto que este estudo atem-se à análise das condições gerais da subjetivação, sem se preocupar com as suas aplicações clínicas, abrevia-se a tarefa de o demonstrar.

Na prática, para cada um, em cada momento nada diferencia o que não está podendo dizer do que não pode ser dito. O limite (do) real reinscreve-se a cada tempo, arrastando consigo o realocamento da angústia.

Esta é o modo mais imediatamente objetivo de se perspectivar a falta do objeto, correlativamente sinalizando o real como ameaça de des-subjetivação.

Enquanto indicativa da presença do Outro sujeito, é sentida como uma ameaça de objetivação. O sujeito angustia-se ao se sentir "coisa" desejada, sem saber que objeto é para o Outro:

---

323 Se os resultados então alcançados têm outras, maiores e mais amplas implicações, rigorosamente isso é algo de mais a mais. Se e quando estas o interessam (e às vezes muito), ainda assim reiteradamente avisa não serem da sua (psicanalítica) alçada.

... j'ai indiqué que la fonction angoissante du désir de l'Autre était liée à ceci que je ne sais pas quel objet "a" je suis pour ce désir. (3-7-63)

Não sabe que objeto é para o desejo do Outro, pura e simplesmente por não se saber.

Enquanto "coisa", não se vê como o sujeito poderia orientar (e orientar-se) perante o real — este mesmo, em princípio, por extrínseco ao simbólico, destituído de direções. Mas como "coisa" desejante a situação é outra.

Note-se que a idéia de orientação exige cautela. Que sentido terá falar em orientação espacial (e temporal) quanto ao real?

Se é absurdo cogitar de direções no âmbito de um impensável real, não o é quando se trata do sujeito, o real negativado do possível.

O sujeito é interdito, tanto na acepção de não se dizer a não ser entre-linhas, como na de não se dizer por ser proibido. É nesta última acepção que o impossível que se especifica sujeito é um possível não[324].

Para entendê-lo, convém lembrar que o vazio da letra e o furo do corpo são modos de referir o real como o que escapa do simbólico e do imaginário. Não podem ser entendidos doutra forma, porque do real nada se sabe — e portanto, plenitude e vacuidade não o predicam.

Mas no caso, o nada que se sabe é que o que causa o sujeito é o dito não. A efetividade do não, como proibição, causa o desejo, e como este só é (dito) em parte, indiretamente a dicção põe o sujeito (no) real.

Além de real por não se dizer, o sujeito é suposto real pelo que se cala. O apenas em parte dito define um campo de não dito, afim do real. Desse modo, ainda que o real em si não tenha direções, a parcialidade da dicção permite demarcar negativamente, a partir do positivamente enunciado, a direção do que se silencia.

A questão do sujeito é portanto imprescindível para que o real seja cogitado, já que o único meio de sentir o seu peso prende-se ao desejo.

Este, psicanaliticamente repensado no quadro de uma ética reformulada em função do inconsciente, tem o seu estatuto definido em termos condizentes com a disciplina, o que sobejamente justifica a tese que afirma ser por ela que se sucede a orientação perante o real.

Orientação que, por ter em mira o sujeito e por o "a" não ser objetivo, não comporta nenhuma objetividade.

Lacan valoriza a orientabilidade (topologicamente entendida), mas nega (ao "a") a especularidade.

A razão disso é simples. Para explicá-lo, há que levar em conta que a imagem que **eu** tenha de "mim" intermedeia não apenas o vínculo com o corpo, como também, por uma cisão instituinte da subjetividade, assegura o sujeito como objeto para outro que é **eu**. Noutros termos, o ser sujeito é desejo do Outro, de lá desejado por outro que "sou" **eu**, real e subjetivamente corporificado.

Se o procedimento que teoricamente o descreve é complexo, facilidade para o cumprir na existência de cada um também não existe. Pois mesmo que, no Outro, **eu** venha a se reconhecer outro, o imediato mostra o próprio querer como desejo do Outro[325].

Situação que, se por um lado (como foi visto) pode ser fonte de angústia, por outro não deve ser desmascarada, sob pena de se desencadear uma angústia maior:

> *... dans cette expérience du miroir, un moment peut arriver où cette image, cette image spéculaire que nous croyons tenir se modifie: ce que nous avons en face de nous, qui est notre stature, qui est notre visage, qui est notre pair d'yeux, laisse surgir la dimension de notre propre regard, et la valeur de l'image commence alors de changer surtout s'il y a un moment où ce regard qui apparaît dans le*

---

324 Vide, no capítulo anterior, o subcapítulo 48: ÉTICA E DETERMINISMO.

325 O conflito entre o desejar intrínseco à subjetividade e o seu desconhecimento no reenvio pelo Outro traduz, em termos da subjetividade, o que, numa descrição objetivante, se poderia denominar de recalque.

*miroir, commence à ne plus nous regarder nous-mêmes, **initium. aura**, aurore d'un sentiment d'étrangeté qui est la porte ouverte sur l'angoisse.* (9-1-63)

Esta é uma situação particularmente aterrorizante, pois o terror de perceber-se fora de si faz-se associar do horror a uma não de todo mal presumida aniquilação do **eu**.

De fato, o que está em jogo é o apagamento da cisão subjetiva. A auto-captura, longe de confirmá-lo ser, como radical objetivação do sujeito tende a suprimi-lo.

Logo, a razão da recusa da especularidade é a fidelidade à descrição das condições em que, sob pena de extinção, o sujeito subsiste.

O "a" deve permanecer meio subjetivo e meio objetivo e tal equilíbrio é bastante problemático. Para qualquer lado que se "escorregue", a angústia aparece.

Há que contorná-la, e para tanto é fundamental preservar o caráter mediato do acesso subjetivo ao corpo, o que se possibilita por este ser (simbolicamente) constituído como superfície de inscrição significante.

Porém, é desta mesma que, no limite da simbolização, escapa o "a". Ora, na medida em que escapa ao simbólico e se furta ao espelhamento — isto é, também se exclui do imaginário —, o "a" é da ordem do real. Portanto, é a angústia que o assinala:

... l'objet "a"... l'angoisse est sa seule traduction subjective. (16-1-63)

Condição imprescindível da objetividade imaginária e (real) irredutível a palavras, o objeto "a" noticia-se subjetivamente pela angústia:

Quand ils apparaissent, l'angoisse nous signale la particularité de leur statut. Ces objets antérieurs à la constitution du statut de l'objet commun, de l'objet communicable, de l'objet socialisé, voilà ce dont il s'agit dans le "a". (9-1-63)

O que se noticia pela angústia é o real, mas não qualquer coisa real. É o sujeito que, perante a "coisa" real que ele (não) é, incapturável por si, instado desejante faz-se orientado em direção a "a".

Ora este, desde que escapa da significância, mais do que despossuído é incognoscível. Elicia a palavra e provoca o desejo. Portanto, é

Cette fonction de condition absolue auquel est porté un certain objet qui n'est définissable qu'en terme structural, voilà ce sur quoi il importe de mettre l'accent pour en donner les caractéristiques. (1-6-66)

Condição absoluta do objeto que se subjetiva em condição imperativa do sujeito, o objeto causa do desejo exige que se proceda à consideração do próprio do seu estatuto como, mais do que condição ontológica, instância "ontologizante" do ser falante.

Salvaguardando a radical verdade do ato analítico, ao logicamente antepor ao ser a ação (verbal), o neologismo "ontologizar" previne a redução da ética à ontologia:

... cet objet "a", est qualifié dans ce qui nous importe de savoir la règle d'une action comme écho du désir. Il s'agit de savoir à qu'elle sorte d'action cette reconnaissance d'un facteur nouveau dans l'éthique, dans la philosophie subjetive, à qu'elle sorte d'action elle peut servir. (27-1-65)

Se o sujeito se representa pela significância, o "a" é o "seu" avesso...

Note-se que não se trata de modo algum de reduzir o objeto ao significante, mas de sustentar o objeto na significância. O "a" é função da significância, pela qual o sujeito se dispõe (em falta).

É entretecido nas malhas da estrutura (significante) e, como tal, vazio que mais e mais insta a ser desejante. É portanto a razão da ação (significante), no curso da qual o sujeito persiste em ato, posto e reposto a cada tempo enunciativo.

Dado que o objeto é irredutível ao significante, o sujeito extrapola o simbólico. O significante é seu lugar-tenente: representa os seus interesses (desiderativos), sem poder ser sua representação. Logo, o significante que o representa é (qualquer) um que vincule o objeto à perda constituinte do sujeito.

> *... ce que ceci veut dire, c'est que le signifiant, sous quelque forme que ce soit qu'il se produise, dans sa présence de sujet, bien entendu, ne saurait se rejoindre dans son représentant de signifiant sans que se produise cette perte dans l'identité qui s'appele à proprement parler l'objet "a".* (13-11-68)

A presença do sujeito não pode de forma alguma assinalar-se em letra sem que, no ato desta fazer-se representar por outro significante, haja uma perda na identidade.

Recorde-se que os significantes são diferentes por mutuamente se delimitarem pelo que os diferencia, nem que seja apenas o lugar de sua inscrição. Portanto, não veiculam bem a identidade. De um a outro há uma perda, que é o "a".

Ora, como o sujeito é constituído pela perda e como perdido, a falta de identidade é-lhe essencial. Por isso, em si mesmo é outro. É "a".

Logo, no universo dos objetos, o que se encontra é diferença subjetivante. Definitivamente, a partir da psicanálise, não há alternativa senão remeter à ética o sentido da ontologia:

> *... la pollution la plus caractéristique en ce monde, c'est très exactement l'objet "a" dont l'homme prend et vous aussi prenez votre substance, et que c'est de devoir...* (14-6-72)

A análise culmina (inadvertidamente) numa crítica das ontologias. A substância, como ficção, é um "subproduto" ético. Reencontramo-la no nível do objeto, ignorando o sujeito...

Pois no objeto não se trata do objeto, mas do sujeito apresentando-se insubstancialmente e "outrificado" em outra coisa, e por isso se formulando como objeto, sem o ser nem como tal aparecer.

Posto em ato onde (ainda[326]) não é, quando se mostra aparece em forma de "a",

> *Objets sans essence qui sont, ou non, dans l'acte à réévoquer à partir de cette sorte de sujet qui, nous le verrons, est le sujet de l'acte... c'est un sujet qui, dans l'acte n'y est pas.* (10-1-68)

O sujeito não está no ato e efetivamente a clínica evidencia que lá está perdido. A dimensão do ato é anterior à instauração do sujeito numa posição de ser: antes de ser, o sujeito é seu efeito. Uma vez feito, de novo está perdido.

Insubstancial, indeterminado e inobjetivo são (negativos) predicados do sujeito (inconsciente). Paradoxalmente, porque enquanto sujeito é inobjetivável, apenas pode demarcar-se em posição de objeto; porque é indeterminado, apenas pode determinar-se perdido; porque é insubstancial, apenas pode preencher-se vazio. Como não é, é dito (que não).

É tamanha e tão intrínseca paradoxalidade que dificulta que se o trate à sua altura.

O sujeito experimenta-se num sutil entremeio de objetividade impossível e subjetividade negada, o que justifica e responde à conveniência, e mesmo imperiosidade, de discriminar a objetividade da objetalidade.

Não é outro, no contexto do pensamento psicanalítico lacaniano, o papel do

> *... "a", l'objet des objets, objet pour lequel notre vocabulaire a promu le terme d'objectalité en tant qu'il s'oppose à celui d'objectivité.* (8-5-63)

Reprojetável a cada tempo da análise, nó de significância entre o não dizer e o dizer não, o "a" é o limite da dicção. Por tal limite, marca-se o sujeito real, como "coisa" que é

---

326 É para sempre.

sujeito mas não parece (nem aparece como) desejo. Pela (falta de) natureza mesma do nó de registros que o situa, nesse "lugar" (se) posiciona o sujeito como causa (do desejo):

> *... ces objets partiels ou non, mais assurément signifiants, le sein, l'excrément, le phallus, le sujet les gagne ou les perde sans doute, en est détruit ou les préserve, mais surtout il* ***est*** *ces objets...* (LA DIRECTION DE LA CURE — ÉCRITS, p.614)

Se a explicitação da noção não se afigura fácil, não é apenas por causa das facilidades com que na tradição metafísica sucedida pela psicanálise, sob a designação de alma, a idéia de figurar o enunciante em terceira pessoa se viu sobrecarregada. Tais descaminhos — meticulosamente evitados pelo empenho lacaniano em recorrer à variável "a", a fim de mal dar a entender o que intenta pensar "materialista" e radicalmente — não são a causa, mas efeitos do estrutural pendor ao drástico esquecimento do **eu**[327].

O disparate de tais facilidades quanto ao **eu** — de qualquer modo reveladores do engodo em que se constituem as psicologias (e) metafísicas, sempre nos antípodas da consideração de **eu** no registro do real — patenteia-se crucialmente no à vontade com que se fala da salvação da "nossa" alma, ou da purificação do "nosso" espírito, como se **eu** fosse posse do ego.

Com tanto, longe de se estar em posse de si, o máximo que se consegue é apagar rastros, obturar angústias, perder o fio da falta que é o vestíbulo em que, pela questão do ser, introduz-se o sujeito em questão.

Já que, para prevenir extravios, há que se conviver com o não seguro, o pudor de Lacan em fazer concessões a tamanhas enormidades — as quais, vez por outra, mais se adivinham do que se discriminam — merece toda a consideração.

52. DESEJO: DICÇÃO INTERDITA

Em função do encadeamento de um número cada vez maior de razões — e na perspectiva de consolidar o esclarecimento das duas vertentes em que Lacan interroga o desejo —, insista-se na inadmissibilidade de uma reflexão sobre a subjetividade que, de alguma maneira, ainda alimente a esperança de encontrar (novos) meios para alentar esperanças de realização positiva do interesse cognitivo:

> *... loin d'avoir la moindre aversion pour ce fait d'évidence psychologique que l'être humain est susceptible de prendre, comme on dit, ses désirs pour des réalités, c'est là que nous devons le suivre. Car comme il a raison au départ, ça n'est nulle part ailleurs que dans le sillon ouvert par son désir qu'il peut constituer une réalité quelconque qui tombe ou pas dans le champ de la logique.* (20-6-62)

Não fosse impossível, mesmo com retoques, preservar a psicanálise como pertinente ao âmbito epistêmico, não haveria por que enfrentar as decorrências e as implicações ontológicas previamente consideradas.

---

327 Note-se que embora partilhem do mesmo pendor a referir o **eu** como outro, em absoluto alma e "a" são formas equivalentes de o fazer. A letra presta-se a uma amplitude de cálculos que permitem remontar a objetalidade ao momento significante da constituição do sujeito. Já "alma" apenas se aplica a partir da consumação de um momento da história subjetiva relativamente tardio, o vinculado à pulsão anal.

Dúvidas a esse respeito sanam-se rapidamente: a noção de alma não apenas pressupõe a demarcação entre interior e exterior e o reconhecimento e devotamento ao Outro, como também em geral acontece associada a dizeres sobre a necessidade de purificação, obediência — ou revolta, o ratificador avesso da subjugação — e renegação da corporeidade (na forma do anseio por uma "elevação espiritual"). O ar da interioridade, enquanto sopro — espírito! — não permite hesitações quanto à "santidade" do odor exalado pelo modo da sua objetivação.

Portanto — e até devido ao seu cunho eminentemente imaginário —, psicanaliticamente elucidada, a alma revela-se sinal do empenho em denegar a falta e em substancializar objetivamente o **eu**. Em contrapartida, a formulação de uma variável sem significado nem tradição tem como vocação o oposto.

Porém, a tese se prolonga: quiçá mesmo por ser impossível, é desejável averiguar a realidade como fruto do desejo. De um lado, como fruto do desejo, e de outro, como árvore dos frutos desejados:

> *Le statut primordial de l'objet pour disons en tout cas une pensée analytique ne peut être et ne saurait être autre chose que l'objet du désir. Toutes les confusions dont s'est embarrassée jusqu'ici la théorie analytique sont conséquences de ceci: d'une tentative, de plus d'une tentative, de tous les modes possibles de tentative pour réduire ce qui s'impose à nous, à savoir cette recherche du statut de l'objet du désir, pour le réduire à des références déjà connues dont la plus simple et la plus commune est celle du statut de l'objet de la science en tant qu'une épistémologie phillosophante l'organise dans l'opposition dernière et radicale sujet-objet; en tant qu'une interprétation plus ou moins infléchie par les nuances de la recherche phénoménologique peut à la rigueur en parler comme de l'objet du désir.* (6-6-62)

O conhecimento é uma máscara do desejo. Os objetos, na realidade, são feitos a seu serviço.

Especifica-se a inaturalidade do objeto, mas, ao mesmo tempo, insere-se uma duplicidade que, num universo conceitual tão meticuloso quanto o lacaniano, não pode passar em branco.

A realidade de um lado é fruto do desejo, mas por outro é árvore dos frutos desejados. Portanto, há que se distinguir a falha "ontologizante" — remetedora ao desejo como núcleo da realidade, por motor da fantasia —, da falta no plano dos objetos (fictícios), tal como denegativamente é objetivamente tratada no nível do enunciado. Estes dois planos da falta — a ausência imanente à palavra por ser palavra, e a impossibilidade de uma objetalidade não fictícia —, conduzem a uma importante distinção, cujo esquecimento extraviaria a análise.

Por um lado, pela produção e reprodução da ausência, o desejo atualiza e reatualiza a falta a cada realização de mèta. Ainda que o fictício seja constitutivo, nenhuma ficção pode suprimir a fissura em que, pela palavra, "fazem-se" objetos. Sua inscrição significante apreende-se de maneira que aproxime a perda substancial do objeto da sua proibição, fazendo com que as leis da linguagem e as leis que regulam o desejo se confundam.

Por outro lado, o desejo orienta-se para as ficções que, metonimicamente, marcam um campo (impossível) de realização total. Lacan tem oportunidade de o ilustrar no sexto ano do seminário, a propósito do sonho da filha de Freud proibida de ingerir framboesas: a criança realiza o anseio de as ingerir pela alucinação onírica, e enuncia uma série de objetos apetitosos que, em comum, têm a repetição de uma letra.

Segundo o autor, na obra freudiana a confusão evitar-se-ia pelo emprego de termos diferentes para cada uma dessas facetas do desejo. "**Begierde**" para a primeira e "**Wunsch**" para a segunda. O primeiro atende ao desejo na perspectiva do sujeito em si mesmo. Já o segundo objetiva-se na linguagem, em vez de marcar o que a ela escapa:

> *Donc quand je dis le sujet du **Wunsch** se satisfait, je mets ce sujet en parenthèses, et tout ce que nous dit Freud, c'est que c'est un **Wunsch** qui se satisfait.*
>
> *Il se satisfait de quoi? Je dirais qu'il se satisfait de l'être, entendez de l'être qui se satisfait. C'est tout ce que nous pouvons dire, car à la vérité il est bien clair que le rêve n'apporte avec soit aucune autre satisfaction que la satisfaction au niveau du **Wunsch**, c'est-à-dire, une <<satisfaction>>, si l'on peut dire, verbale. Le **Wunsch** se contente ici d'apparences, et c'est bien claire s'il s'agit d'un rêve et aussi bien d'ailleurs le caractère de cette satisfaction est ici reflétée dans le langage par où il nous l'a exprimé, par ce satisfait de l'être auquel je me suis exprimé à l'instant, et où se trahit cette ambigüité du mot être en tant qu'il est là, qu'il se glisse partout, et qu'aussi bien à se formuler ainsi à cette forme grammaticale de renvoi de l'être, l'être satisfait, je veux dire: peut-il être pris pour ce côté substantiel? Il n'y a rien d'autre de substantiel dans l'être que ce mot même, il se satisfait de l'être, nous pouvons le prendre pour ce qui est de l'être, si ce n'est au pied de la lettre.* (26-11-58)

É importante apresentar a distinção para que se previna o risco, tão possível numa leitura selvagem de Lacan, de achatar o desejo intransitivo numa transitividade empírica qualquer, mesmo que sabidamente reduzível ao significante. Porém, neste momento da investigação, há que ter em mente que o que realmente importa é deter-se no patamar da problemática do desejo em que não se parte da facticidade da satisfação por ficções — comprometida com a "realidade", que leva à satisfação com a letra — mas, aquém dos objetos, se discute os bastidores da produção de ficções.

É de se notar que esta distinção, à qual (e com razão) Lacan confere tanta importância, em momento algum aparece (tão) explícita em Freud. Para se dizer o mínimo, este é discreto a esse respeito, em geral empregando o termo "**Wunsch**".

A introdução de "**Begierde**" como psicanaliticamente relevante, mais do que provavelmente deve-se à freqüência de Lacan aos seminários de Kojève sobre a FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO.

De qualquer modo, ainda que herança do seu aprendizado de Hegel, trata-se de eco bastante proveitoso para o cumprimento das suas metas psicanalíticas. Possibilita-lhe nomear e conceituar a diferença estrutural entre a transitividade do desejo — pela qual se objetivam ficções —, e a sua intransitividade — relativa ao real inobjetivável. Ao delimitar o que no desejo é dito do que é indizível, também propicia uma mais rigorosa demarcação entre as ficções objetivadas e a "coisa" causa do desejo e objeto da pulsão[328].

De fato, não é desimportante que, aquém da realização do que também se poderia traduzir por anelo, **Wunsch**[329], caiba, como sempre tendo como pano de fundo a inacessibilidade do objeto, equacionar o desejo no que este escapa do sentido, **Begierde**. Por isso, deve-se recuar da evidência empírica, retomando-a cautelosamente.

O procedimento consiste em acercar-se do sem sentido nem ordem em que se apresenta uma (não) dimensão do sujeito que, na estrita medida em que o desejo (se) dirige em direção ao real, é por ele noticiada.

Para alcançá-lo, há que levar em conta a duplicidade do que se refere como desejo, enquanto algo que se processa pelo dizer e (enquanto **Wunsch**) acontece em palavras, mas (como **Begierde**) a elas escapa. E para esclarecê-lo é impreterível examinar a interação desiderante entre o dizível e o indizível, examinando a interconexão entre o campo da palavra, o Outro, e a feitura do **eu** pelo significante.

A princípio note-se que o Outro é lugar do desejo. Para se ser, precisa-se da significância. Isto é, na medida em que depende da alteridade consubstancial à palavra, o sujeito toma o Outro por "objeto" do desejo. Porém, uma vez constituído, como efeito de sentido é no Outro que o sujeito se encontra. Só sendo por estar fora de si, acontece aparecendo como outro.

Logo, o sujeito é desejante do Outro e é como outro que no Outro deseja. Explicitá-lo é fundamental para devidamente elucidar a concepção lacaniana do desejo.

Como lugar, o Outro é desejado por ser instituinte da alteridade imprescindível ao **eu**. Mas por ser lá que o sujeito é feito, também é a posição de onde se deseja:

> *Le désir de l'Autre — ce génitif est à la fois subjectif et objectif. Désir à la place où est l'Autre, désir pour pouvoir être à cette place — et désir de quelque altérité.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.314)

Por obra da palavra, o desejo do Outro preserva-se ambíguo. Tanto significa o sujeitar-se à palavra que o faz existente — ou seja, fazer-se objeto do que o Outro deseja —, como desejar a outro que presentifique o Outro (como "objeto" de desejo).

---

328 Vide subcapítulo anterior.

329 ... *un souhait,* **Wunsch**, *qui est en somme entre demande et désir.* (OUVERTURE DE LA SECTION CLINIQUE, Ornicar 9, p.10)

À primeira vista, como é do Outro que se deseja, o desejo aparece no Outro. O desejo é desejo do Outro:

> *... le désir du sujet est essentiellement... le désir de l'Autre avec un grand A. Le désir ne peut se situer, se placer, et du même coup se comprendre, que dans cette aliénation foncière, qui n'est pas simplement liée à la lute de l'homme avec l'homme, mais au rapport avec le langage.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.314)

Porém, o desejo que aparece no Outro é o desejante como outro. É do Outro que o sujeito deseja. Se a divisão do sujeito quer dizer alguma coisa, outra não é senão que o sujeito se encontra (no Outro) como outro.

O psicanalista é peremptório. No Outro, como desejo, o outro é **eu**:

> *L'angoisse, dit-on, est un affect sans objet, mais ce manque il faut savoir où il est: il est de mon côté.* (4-4-62)

O desejo do Outro, então, é o sujeito em falta no Outro, desejante. No âmago do Outro, **eu** desejo.

Portanto, o desejo de desejo lacaniano não é apenas desejo de uma resposta do Outro a um apelo. É **eu** mesmo desejante, incógnito no Outro relativamente a **mim**. Por não o saber, o Outro psicanaliticamente relevante não é mais Absoluto que o sujeito:

> *Pour Lacan, parce que Lacan est analyste, l'Autre est là comme inconscience constitué comme telle, et il intéresse mon désir dans la mesure de ce qui lui manque et qu'il ne sait pas. C'est au niveau de ce qui lui manque et qu'il ne sait pas que je suis intéressé de la façon la plus prégnante parce qu'il n'y a pas pour moi d'autre détour, à trouver ce qui me manque comme objet de mon désir.* (21-11-62)

Em psicanálise não se cogita um Outro autônomo e auto-suficiente, capacitante da auto-consciência por, sobretudo, ser o domínio de todas as palavras necessárias para dizer todas as coisas. Algo escapa de ser dito e sequer pode nem deve ser dito.

O desejo do Outro ao **eu** se dirige, é do **eu** que o Outro algo espera, e se é dele que o aguarda, é porque o sujeito a Ele não se reduz.

Ao inscrever-se no Outro, ao ser propriedade (em todos os sentidos) da Palavra, o sujeito apropria-se do dizer, com ela dela se demarcando. O que só é viável se a um só tempo se assegura ao Outro filiado, filho do Nome, mas ao mesmo tempo dele destacado.

Isso é muito importante, pois caso contrário não haveria como achar o que "me" falta como objeto do desejo.

Mas que se visa desejando o desejo do Outro? Que espera o sujeito receber ao oferecer-se ao desejo do Outro[330]?

O que **eu** deseja é ser. Ao propor-se como objeto do desejo do Outro, o sujeito apela por palavras que o digam (ser). O desejo é desejo de ser.

Logo, o que no Outro se deseja é o (ser) sujeito. O "objeto" que falta é o sujeito desejante de ser. Se no Outro não se achasse em falta, dado que esta é consubstancial ao (ser) sujeito, este não mais persistiria em dúvida quanto a ser, pura e simplesmente inexistindo.

Em outros termos: se o Outro fosse saber absoluto, por nele estar inscrito, o sujeito estaria condenado à eterna escravidão (como inescapável objetivação). Além de dicente seria plenamente enunciável, impasse para o qual, segundo Lacan, não haveria outra saída que não a violência. Mas este não é o caso, porque o Outro comporta em si a falta.

---

330 Mesmo sujeitar-se aos caprichos atribuídos ao Outro, contra as aparências, visa servi-lo ao desejo:

> *... le sacrifice est destiné, non pas du tout à l'offrande ni au don qui se propagent dans une bien autre dimension, mais à la capture de l'Autre comme tel dans le réseau du désir.* (5-6-63)

Caso contrário, sequer desejaria. Não propriamente porque seria pleno, mas porque sabe-se que lá, como outro, quem deseja é **eu**.

Ainda assim, como a ambiguidade lingüística (conveniente ao sujeito para ser em falta) é ineliminável e dado que **eu** se situa em cifra significante que diz o desejo no Outro, é inteiramente legítimo manter que quem deseja é o Outro.

Como, além de desejado, o Outro aparece desejante, desejar o Outro é desejar o desejo do Outro. É desejar ser objeto do seu desejo.

Ora já se sabe que o que falta no Outro — que o faz desejante e o deixa a desejar (e faz ao **eu** desejante como desejo do desejo do Outro) — é **eu** ser.

Portanto, tanto do ângulo do **eu** como do ângulo do Outro, a "coisa" desejada — referida sem sentido pela letra "a" —, é nada mais nada menos que "eu ser". Por isso, não obstante o manejo retórico — próprio à ênfase em aspectos da reflexão que nem sempre são os mais visíveis e desse modo podendo precipitar desvios da parte dos mais impacientes —, lacanianamente considerado o desejo sempre se desencadeia em função de **eu** (ser):

> *... un désir, c'est-à-dire une demande qui ne concerne aucun besoin, qui ne concerne rien d'autre que mon être même, c'est-à-dire qui me met en question...* (27-2-63)

O desejo põe-**me** em questão porque, ao dirigir-se a **mim**, a (única) "coisa" que do ser se pode alcançar é a constatação do mesmo estar em falta, equivalente ao próprio desejo:

> *... ce désir, nous l'avons défini ailleurs comme la métonymie de notre être.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.371)

Como ser, o sujeito apenas se alcança em parte. Parte que em absoluto é imaginária amostra de alguma substância.

Ser em parte é ser em falta. É (ser) desejo:

> *L'homme persévère dans l'être comme désir.* (27-4-66)

A perseveração decorre da insistência, do desejo característica, no fracasso (em ser) — o qual se garante na falta de garantias que o Outro para si e (por tabela) para o sujeito tem a oferecer.

Afinal, como o ser é feito do verbo e a palavra é patrimônio do Outro, para ser o sujeito depende do Outro:

> *Le désir de désir... est donc désir d'un désir qui réponde à l'appel du sujet.* (21-11-62)

O Outro carrega consigo a sina que põe o sujeito a tentar responder ao que imagina esperar-se de si. Há que "agradá-Lo", cumprir com a Palavra, no intuito de se fazer merecedor de ser querido e com isso (imaginariamente) garantir-se sendo.

Porém nenhuma garantia de ser pode ter fundamento mais sólido do que a (evanescente) fala:

> *... cet Autre tel que je vous apprends ici à l'articuler, qui est à la fois nécessité et nécessaire comme lieu, mais en même temps sans cesse soumis à la question de ce qui le garantit lui-même, c'est un Autre perpétuellement évanouissant, et qui, de ce fait même, nous met nous-mêmes dans une position perpétuellement évanouissante.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.202)

Eis a "garantia" de realidade do sujeito: a sua garantia é o fato de não ter nenhuma garantia ou, mais precisamente, uma falta de garantia.

Garante sem garantias, a Palavra mantém o sujeito numa ameaça constante, mais ou menos presentificada, de desrealização. É tamanha precariedade que alimenta o desejo como desejo de preencher a falta no Outro. Só assim o sujeito vem a ser e é por isso que,

psicanaliticamente, a inquietação e indagações quanto às provas da existência de Deus se "diagnosticam" como motivadas e subordinadas ao desejo de "eu ser":

> *On passe son temps à se demander si Dieu existe. Comme si même c'était une question. Dieu est, ça ne pose aucune espèce de doute, ça ne prouve absolument pas qu'il existe. La question ne se pose pas. Mais il faut savoir si je existe.* (8-1-69)

É necessário saber se **eu** existe, embora a obrigação, imperativo motriz do sujeito, esteja diretamente ligada à impossibilidade de o garantir para além da palavra que o afirme.

Portanto, no fundo, não se quer o Outro que se obedece. Como para se ser é necessário que a Palavra seja, ainda que presentificado como outro, o querido é ser (**eu**):

> *Je désire l'autre comme désirant et quand je dis comme désirant, je n'ai même pas dit, je n'ai expréssement pas dit comme me désirant: car c'est moi qui désire, et désirant le désir, ce désir ne saurait être désir de moi que si je me retrouve à ce tournant-là où je suis bien sûr, c'est-à-dire, si je m'aime dans l'autre, autrement dit si c'est moi que j'aime.* (21-2-62)

Pela palavra instaura-se o desejo que, mais do que relativo a um objeto, é desejo do **eu**. Não na acepção auto-contraditória de **eu** ser (objeto) desejado, mas na de se ser (sujeito) desejante.

Deseja-se ser desejante e por isso, para preservar satisfeita a faceta **Begierde**, a satisfação do **Wunsch** não se alcança além das palavras — nunca se a atinge sem a reposição da falta que lhes é consubstancial. Cada intento de consumação do desejo recoloca em causa o fazer-se desejante:

> *... l'Autre comme tel va instituer quelque chose "a" qui est justement ce dont il s'agit au niveau de ce qui désire...* (21-11-62)

No Outro, o que o desejo visa é o que causa o desejo de ser, o qual, por pôr em ato o sujeito, revela-se feitor do ser desejante.

Mas ser desejante é mal ser. Espreme-se entre não ser e ser não, não possibilitando tratar o **eu** enquanto identidade consigo mesmo. Porém, se não se alcança ser, pela ação (da palavra) atinge-se ser em falta, produzindo-se desejo. Para além do que parece, o desejo do Outro é desejar o Outro por lá (como outro) se fazer o desejante (de ser):

> *Désirer, donc, l'Autre "A", ce n'est jamais, désirer que "a".* (13-3-63)

Não por outra razão, esse "a" passa ao largo da consciência. Nele o sujeito não se reconhece e, nessa medida, até certo ponto lá está "coisificado".

Note-se que o sujeito nem pode objetivar-se para o desejo do Outro a ponto de se suprimir como desejante, nem desejar o Outro a partir de uma identidade consigo mesmo que o deixe transparente a si. Tal situação é inerente à sua "sobrevivência", pois embora a ambigüidade da linguagem há pouco referida de certo modo o resguarde desse perigo (mais ou menos imaginário), em hipótese alguma isso se constitui numa certeza. Seria absurdo que, ao garantir-se na falta de garantias, transformasse a ausência delas (que o faz desejante) em confiança quanto a ser.

Sem nunca se reduzir a algum dos polos, acontece solidariamente como "coisa" desejada que se quer querida pelo desejo do Outro e como determinação em ser desejante do Outro.

Conseqüentemente, de um lado produz-se um saber sem sujeito — o tipo de saber designado de inconsciente:

L'inconscient, on le voit, n'est que terme métaphorique à désigner le savoir qui ne se soutient qu'à se présenter comme impossible, pour que de ça il se confirme d'être réel (entendez discours réel). (RADIOPHONIE, Scilicet, 2/3, p.77)

Acontece um saber impossível, na acepção de, enquanto inconsciente, ser inapreensível pelo sujeito. Produz-se um discurso "realizado", cadeia significante recalcada, relativamente à qual está em falta o alguém que o saiba.

De outro lado produz-se **isso**, um sujeito sem saber. Sujeito indiretamente captável nas arestas do dizer que, sem o saber, é "ele" quem enuncia:

C'est la vérité de ce que ce désir a été dans son histoire, que le sujet crie par son symptôme, comme le Christ a dit qu'eussent fait les pierres si les enfants d'Israël ne leur avaient prêté leur voix. (L'INSTANCE DE LA LETTRE DANS L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.518)

Não apenas se ilude quem pretenda endereçar-se ao sujeito na consciência, como também pisa em falso quem crê que a "coisa" dicente se faça representar localizada nessa abstração que é o psiquismo (inconsciente). A princípio não se sabe que significante a aloja.

Toda a realidade é traçada significantemente e portanto o sujeito pode estar disposto em qualquer lugar. Por só **a posteriori** se saber qual, não há como interpelá-lo diretamente:

Le sujet donc, on ne lui parle pas. Ça parle de lui, et c'est là qu'il s'appréhende... (POSITION DE L'INCONSCIENT — ÉCRITS, p.835)

Na medida em que **isso** fale, e que em **isso** o sujeito se faça (apreender), então sim, fica assegurada a conversão ética, pela qual — sem que minimamente se presuma que, ao determinar defeitos como afazeres, algo se transforme na natureza da coisa — o aprisionamento num estado de coisas se converte numa decisão de ser.

A decisão de ser não transmuta a falta de natureza de um sujeito condenado a ser porvir. Seu estatuto, se algum lhe convém, persiste insubstantivo e redeterminável a cada redição: persiste na órbita da ética.

Sem ser, feito de dizer, o sujeito acontece em ato motivado na falta que o insta a ser desejante — isto é, enuncia-se sem ser. De qualquer modo, como esta condição lhe é inerente por ser o que o faz desejante, registre-se que em certa medida é lícito sustentar que o desejo é o sujeito:

... le sujet qui nous intéresse c'est le désir. (9-5-62)

É importante afirmá-lo para obstar a que simploriamente se proclame o sujeito não ser.

A distinção entre ser e não ser não é eticamente pertinente. O psicanalista se recusa a simplesmente dizer que o sujeito não é, pois a mera negação do ser em nada contribui para se ficar aquém da ontologia.

Em decorrência, convenientemente à preservação da análise da subjetividade no campo da ética, demonstrando a suspensão de (e a indecisão quanto a) tomadas de posição ontológicas conclusivas, paradoxalmente admite-se o ser. Do ponto de vista da ação, este importa como uma excrescência da significância, do maior interesse subjetivo.

Para reduzi-lo às medidas éticas, é importante dizê-lo reticentemente. É nas entrelinhas que se poderá delinear uma resposta à questão do **eu** que não percorra o destino mortífero de apagar a dúvida.

Com esta preocupação, no intuito de refletir o sujeito sendo carência de ser, já que o desejo responde pela sua essência (como faltante) e atende à necessidade de praticamente o situar perante um real incognoscível, é cabível depreendê-lo como sendo realmente o sujeito.

Contudo, a radicalidade a que Lacan é fiel não lhe permite repousar no patamar ora alcançado. Não se satisfaz com isso. A sossegar nesta fórmula, poder-se-ia pensar que o

desejo é assunto e mesmo uma substância que se investigue, sem se perceber que, enquanto tal, é irreal.

Esse empreendimento é descabido. Só se fundamentaria na medida em que o desejo, enquanto sujeito, fosse "objetivável" por, a par de situar o sujeito perante o real, concomitantemente também fornecer as coordenadas do último. Como a posse destas significaria alguma apreensão do mesmo, tal raciocínio pressuporia que o real fosse cognoscível.

Ora, não apenas o real é inobjetivo, como, dicente impossível de dizer, lá (também) está o sujeito. Recorde-se que, se algo de inerentemente subjetivo — a palavra — se realiza como desejo, também algo de intrinsecamente real — a pulsão — acontece como sujeito.

Para a psicanálise o sujeito é quem fala. Mas, pelo inconsciente, descobre-se que se fala por se ser desejante, e que **isso** — que não se diz mas de que se fala — é "coisa" falante e portanto é sujeito.

A "coisa" real, o indizível dicente, pela palavra faz-se ser desejante. Por isso, pelo desejo não se objetiva a primeira pessoa, embora naquela "coisa" (como em todas) seja o desejo que interessa:

> *... ce référent existait, mais à une autre place; que ce référent, c'était le désir en tant qu'il était institué dans la formation, dans l'institution du sujet...* (9-12-64)

Obviamente que, a cada tempo, a atenção fixa-se em uma ou outra ficção, que se objetiva como expressão do que o desejo quer e assim é basicamente um lugar-tenente do ser desejante. Uma ficção que expressa o que do desejo é sentido e portanto seguramente é representante do sujeito.

O modo como elas se constituem também não é novidade: a psicanálise permite verificar que a reiteração da palavra vai delineando como (seu) limite, nos interstícios, o negativo contorno de uma interpretação do objeto causa do desejo.

De maneira tal que, pela perspectiva da palavra, se o encontra nela constituído:

> *... c'est du fait d'être pris dans le mouvement répétitif de la demande, dans l'automatisme de répétition, qu'il devient objet du désir.* (9-5-62)

Mas isso é o que se constata pela análise! Na vivência imediata, é como se o objeto surgisse ou fosse descoberto. Encontrá-lo é como achar o que determina o (sentido do) desejo.

Ora sabe-se que não é assim, porque na verdade cada surpresa de peso, ainda que não prevista, previamente foi configurada por uma história de vida. Ou seja, como possibilidade, todas as "descobertas" poderiam ser calculadas a partir dos significantes que marcam cada sujeito.

Como, relativamente ao real, o que (sempre inconclusivamente) "dictivamente" se perfaz está em falta, cada objeto desejado, cada coisa a cada tempo, é apenas a precipitação de um constructo lingüístico ou, se se preferir, um recorte de sentido. Sentido feito do desejo, mas no qual, por estar imageticamente objetivado, de imediato não se reconhece o ser sujeito desejante[331].

Mas tamanha constatação, insiste-se, apenas se deriva daquele aspecto do desejo em que se o identifica com a sua interpretação, patamar que agora apenas interessa a título de esclarecimento preambular ao que realmente importa. Refere-se-o porque, antes de prosseguir, convém retomar o modo como, pelo dizer, se dispõem sentido e real:

> *Le dire a ses effets dans ce qui constitue ce qu'on appele le fantasme, c'est-à-dire ce rapport entre l'objet "a" qui est ce qui se concentre de l'effet du discours pour causer le désir et ce quelque chose qui, autour et comme une fente, se condense, et qui s'appelle le sujet. C'est une fente parce que*

---

331 Vide a epígrafe.

l'objet "a", lui, il est toujours entre chacun des signifiants et celui qui suit. Et c'est pour ça que le sujet, lui, a été toujours, non pas entre, mais au contraire béant. (21-6-72)

De tão relevante, o exame das implicações da fronteira entre o sentido feito e o impossível de fazer é merecedor de uma conceituação específica, em função da qual, para nomear a interconexão entre o sujeito cindido e o objeto perdido[332], Lacan sugere o termo "fantasma"[333].

Para cifrá-lo, o psicanalista recorre a uma fórmula da qual importa reter que nela o sujeito é posto em relação com "a" por um losango que, de tantas coisas que significa — e, ou, maior, menor... — no fundo alude ao limite em que a fartura de paradoxos apenas codifica o vestíbulo da perda do sentido.

Considere-se-o partindo do "a". Este apresenta-se como um precipitado do discurso causador do desejo e, portanto, apesar de efeito, também é "coisa" que falta para completar cada construção (lingüística). Ainda que desde sempre se construa como efeito da palavra, é desejado por aquilo que nela não se totaliza. No que realmente interessa é incapturável, marcando-se pelos intervalos em que os significantes se diferenciam.

Em contrapartida, instado desejante, o sujeito como que se "condensa" — o termo é de Lacan — em torno do que lhe escapa. Determina-se desejante em ser, pois o que lhe falta é ser.

O que lhe falta, falta em si. Logo, ao condensar-se, privado de ser, põe-se em falta. Como o que lhe falta para ser fá-lo ser (desejante), põe-se fendido, e não meramente representado pelos significantes, entre os quais "a" se situa.

É essencialmente faltante. Se por um lado, realizado, é sem sentido, por outro — por causa da falta, sua constituinte por ser constitutiva do simbólico —, apresenta-se como desejo com sentido.

De qualquer modo, como não se sabe, inconsciente, acontece perdido. É desejo desconhecido e nessa medida delimita-se ignorante quanto ao seu limite.

Cego ao impossível, imaginando-o desmesurado, o sujeito angustia-se por temer a totalização em que o signo se transmutaria no referente — ou seja, na qual o sentido se completaria, preenchendo-o substantivamente e, portanto, anulando-o —, já que retirar o desejo da posição enunciante para enunciá-lo seria dizer-se plenamente, realizando uma recuperação objetivante (e aniquilante) de si.

Não há que estranhar que Lacan afiance a indiscernibilidade entre a coisa e uma sua cabal representação — hipótese aliás totalmente absurda no quadro do seu pensamento, pois absolutamente contradiz o que ensina sobre a significância.

Recorde-se que à luz do inconsciente toda a realidade é arquitetada signicamente. Qualquer correspondência entre coisas e palavras se exerce por sobre a prévia constituição pela significância do que aparece como objeto. O que assegura a diferença é apenas o cunho "inidêntico" da redicção, o referenciamento metonímico. Uma vez este abalado, alcançar-se-ia a coisa e acabar-se-ia a reposição do dizer — pois esta só se mantém em função do que está por ser dito.

Ainda que a ocasião, involuntariamente, se preste a introduzir a concepção lacaniana do além do prazer, no momento é suficiente dizer que, do ponto de vista da vida, a consumação do desejo não é algo que se queira — ou melhor, é algo de que o sujeito se defende.

A cabal transparência do desejo à dimensão do significado, além de impossível, é proibida.

---

332 No momento importa menos a sua descrição sistemática do que a oportunidade que oferece de refletir, e até certo ponto elucidar, o real em relação ao desejo.

333 Palavra que (demasiado) literalmente verte o francês "fantasme".

Dado que corrompe tão drasticamente a acepção usual do termo que o seu significado técnico não oferece perigo de mal-entendidos, no momento a discussão sobre a propriedade da tradução é desnecessária. Nada acrescentaria ao exame do ponto tratado.

O inconsciente é efeito disso. É conseqüência de uma proibição de conjugar o verbo ser com o sujeito, proibição solidária de uma impossibilidade de princípio.

Deve ser perspectivado como

> *... ce quelque chose qui met toujours le sujet à une certaine distance de son être, et qui fait que précisément cet être ne le rejoint jamais, et que c'est por cela qu'il est nécéssaire, qu'il ne peut faire autrement que d'atteindre son être dans cette métonymie de l'être dans le sujet qu'est le dèsir.* (12-11-58)

Por isso, referir a metonímia estritamente a partir dos estudos descritivos da linguagem — indicando-a como isomórfica da estrutura do desejo —, ainda que correto, é insuficiente. Enquanto ato, a palavra em que acontece e se perde ser exige um tratamento à sua altura, o que realmente obriga a enfocar sujeito e inconsciente no campo ético, bem como a aí incluir o estatuto psicanalítico da palavra (como ato) e em particular o da metonímia (como desejo).

Como dicção parcial, a metonímia concretiza no nível significante a imantação desiderante do real indizível. Uma imantação da palavra pelo impossível na forma da interdição (do desejo).

Ainda que sem palavras, o real delineia-se nas entre-linhas, por entre os significantes, como negativo dos limites da dicção. Mas também é intra-simbolicamente "re-produzido" pela proibição de o dizer.

Trata-se de dois aspectos indissociáveis da interdição. O interdito é o impossível de ser dito, apenas como que enunciado nas entrelinhas, mas também é o dito que não, o proibido. Como entredito tematiza-se-o pelo ângulo (epistêmico) da sua inacessibilidade, e como negação enfoca-se-o eticamente.

Afinal, no impossível "translingüístico" nada há a dizer. A interdição repõe, no nível intradiscursivo, o indizível como interdito: configura o impossível real (e o sujeito enquanto pulsão) em simbólico não ser — ou seja, insere no simbólico, como desejo, o real que é pulsão.

Não se trata de uma novidade[334]. A semidicção do desejo — pela qual o sujeito é parcialmente dito, salvaguardando uma distância do ser — consuma-se pelo recurso do redobramento do indizível por uma interdição de o dizer. Além de não dito, o impossível é dito não.

O que o autoriza é o sutil, mas cheio de conseqüências, deslize do não ser para o ser não. Peculiaridade, aliás, que é o que em verdade motiva a recusa em tratar a psicanálise e o sujeito a partir de uma perspectiva ontológica, recomendando abordá-los eticamente.

Não há maior razão para o papel da ética e da proibição como acessando virtualmente o impossível. Não o alcançam, mas interpretam-no com base no não possível.

O realmente impossível, no "exterior" do simbólico, "re-produz-se" no interior como lei. O indizível desdobra-se interdito e, enquanto tal, é tratável pela palavra e "administrável" subjetivamente. A razão é simples: o proibido não é sem sentido, apenas se exclui do sentido (consciente). Mas o mais importante é que, com tanto, forja-se um lugar (simbólico) para o sem sentido.

Pois se, enquanto absolutamente sem sentido, o real é inacessível — o que sela o destino das pretensões realistas da cientificidade —, enquanto sentido perdido é tratável por meio da redicção dos significantes responsáveis pela feitura das ficções a que se prende o desejo, e portanto acontece como eticamente equacionável.

Incorrer na dicção do indizível — indizível por não poder ser dito e por dever não ser dito —, equivaleria a tentar apagar com a palavra a divisão constitutiva do sujeito[335] e portanto a tratar de totalizar, no limite riscando o sujeito.

---

334 Vide capítulo anterior, subcapítulo 48: ÉTICA E DETERMINISMO.

335 Divisão que só não é uma duplicação porque o significante não é um meio no qual um prévio **eu** se introduza.

Risco de que este, se bem inscrito na linguagem, está protegido. Pois cada risco é mais um risco significante que não apaga. Pelo contrário, reescreve e reinscreve o sujeito:

> *Ce à quoi l'enfant avait affaire, c'était à l'inter-dit, au dit que non. Tout le procès de l'éducation, quelques principes de la censure, va donc former ce dit que non, puisqu'il s'agit d'opérations avec le signifiant en indicible, et ceci suppose aussi que le sujet s'aperçoive que le dit que non, s'il est dit, est dit, et même s'il n'est pas exécuté, reste dit.* (3-12-58)

Para que seja efetiva, a ordenação da estrutura tem de se embasar na propriedade do significante que assegura a especificidade da linguagem humana e propicia as operações de constituição do inconsciente e de perpetuação intradiscursiva da divisão do sujeito: a propriedade de ser riscável, a entender polissemicamente, tanto significando escrever como sobrescrever ou apagar, já que o caracteristicamente significante é a preservação da marca no seu apagamento. Aliás,

> *Cette fonction du nom du non en tant qu'il est le signifiant qui s'annule lui-même, est quelque chose qui assurément mérite à soi tout seule un long développement.* (10-12-58)

No momento apenas importa recordar os resultados desse desenvolvimento: a negação não apenas é por excelência operação subjetivante — por desencadear o desejo —, mas também — na qualidade de denegação do não interditor — operação pela qual o sujeito se demarca do Outro.

Graças a ela, **eu** se afirma do Outro,

> *... à savoir du lieu de l'Autre, point de position de la vérité, comme lieu où est mise en question la vérité de la demande, comme lieu aussi où apparaît et surgit du même coup la dimension du désir...* (23-3-66)

Mas fá-lo da única maneira possível: encontrando-**se** alienado por qualquer palavra que (o) diga ser dom do Outro, e dele destacado pelo recurso à negativa que inverte a ordem em que, no Outro, vem à luz.

Há pouco examinaram-se as conseqüências da impossibilidade de plenamente dizer o ser sujeito. Consideraram-se as especificidades do acontecer desiderante, levando em conta o suceder de uma palavra suportada por um dicente que dela depende. Mas se a geração do sujeito pelo não dito então mereceu atenção, o trabalho ficaria incompleto se, a par da atenção à falta de palavras que digam o sujeito uno, as vicissitudes da problemática articulação do **eu** ao significante não fossem retomadas para além do impasse perante o impossível. É necessário reconsiderar a palavra, agora não mais pelo viés do que no semidito não é dito, e sim pelo prisma do dito não.

Desta feita, adentro do campo da ética, parte-se do princípio de que o Outro, enquanto lugar (significante e do significante), consubstancia a lei.

Do lado do Outro, como lei, o "não" faz o sujeito ser privando-o do objeto — ou seja, condenado-o a ser desejante. Do lado do sujeito, como desejo, no movimento de do Outro se destacar pela negação — no ato de dizer não ao desejo do Outro —, o sujeito toma a si, "re-produz" para si (como decisão ética) a negação que num primeiro momento traduz (no nível da enunciação) a impossibilidade de o dizer sendo.

> *Cette parole, qui constitue le sujet en sa vérité, lui est pourtant à jamais interdite, hors des rares moments de son existence où il s'essaie, combien confusément, à la saisir en la foi jurée, et interdite en ceci que le discours intermédiaire le voue à la méconnaître. Elle parle cependant partout où elle peut se lire en son être, soit à tous les niveaux où elle l'a formé. Cette antinomie est celle même du sens que Freud a donné à la notion d'inconscient.* (VARIANTES DE LA CURE-TYPE — ÉCRITS, p.353)

O "discurso intermediário", o discurso latente, que se estabelece sobre a marca originária e equivalente ao traço sobre traço constitutivo do significante, ainda que como recalque destine o sujeito a desconhecer-se, por isso mesmo não pode impedir que nos seus interstícios, entre as linhas especificamente escritas para apagá-lo, silenciosamente **eu** reverbere como sentido não perfeito significado.

Tal condição não é circunstancial. Se for defeito é falha originária, verdadeiro "pecado original" na estrutura, já que o recalque é intrínseco à significância. Sem o mesmo esta não abrigaria o sujeito como dividido, não se prestaria a ser habitada pelo sujeito (inconsciente).

> *Alors l'issue offerte à ce nouveau drame est de censurer cette vérité du désir, mais cette censure n'est pas quelque chose qui de quelque façon quelle s'exerce, puisse se soutenir d'un trait de plume, parce que là c'est le procès de l'énonciation qui est visé, et que pour l'empêcher quelque préconnaissance du procès de l'énoncé est nécessaire, et que tout discours destiné à bannir cet énoncé du procès de l'énoncé va se trouver en délit plus ou moins flagrant avec sa fin. ... Le sujet, du fait d'articuler sa demande, est pris dans un discours dont il ne peut faire qu'il n'y soit lui même bâti en tant qu'agent de l'énonciation, ce pourquoi il ne peut y renoncer sans cette énoncé, car c'est s'effacer alors tout à fait comme sujet sachant ce dont il s'agit.* (3-12-58)

Mais do que nunca faz-se patente o quanto as lacanianas preocupações com o estudo da estrutura da linguagem desembocam na ética. O conflito é a condição inequívoca do fazer-se pela palavra.

O enunciante faz-se ser na estrita medida em que acontecem enunciados. Negar o enunciado implica em (parcialmente) perder-se como enunciante.

Além disso, só é cabível negar um primeiro dito na medida em que de algum modo se o admita. Um recalque eficaz apagaria a verdade do desejo, suprimindo o sujeito, e nesse caso seria desnecessário. O reprimido retornaria, e com ele a necessidade de, conhecendo-o, negá-lo. Assim, para manter apagada a verdade proibida, o sujeito tem de minimamente conhecer o seu enunciado, violando a interdição.

Instaura-se um conflito irresolúvel, cuja administração consiste em preservar uma dimensão inconsciente do ser sujeito, "sabedora" dos traços riscados. O recalque do enunciado arrasta o enunciante para a inconsciência.

Por outro lado, sabe-se que o proibido é irredutível, por estar a serviço do ser desejante. Como se viu, a plena dicência extingui-lo-ia. Se a aposta na suspensão do não anteposto à possibilidade mobiliza-o sendo desejante, a sua (imaginária) realização é uma ameaça mortífera.

Para **se** ser (desejante), há que defender-se (da cabal transparência) do desejo. De que maneira?

Pelos meandros sutis que vinculam a lei ao desejo. Só a interdição permite advir o sujeito na palavra interdita em que o querer ser "não" **se** diga, afastando o perigo de, dizendo-se tudo, o sujeito "ficar" indesejante, anulando-se num ser realizado sem querer.

O não dever dizer tudo constitui-se num anteparo contra o tudo poder dizer, imaginariamente culminante no terror da auto-supressão, causada pela desaparição do desejo — como se fosse possível reduzi-lo a um anseio saciável pelas ficções que se apresentam como realidade!

Não é este o caso. Aliás, a criteriosa diferenciação entre enunciado e enunciação revela a atenção do psicanalista à necessidade de manter o processamento do desejo no patamar da significância. Sem tal distinção, reduzindo-se a enunciação enquanto ato ao enunciado como significado, não haveria como tratar o desejo no que lhe é nuclear: a sua intrínseca intransitividade (no plano da palavra).

Transitivamente, no plano da significação, dizendo-se o objeto recai-se na representação e não há como fazer jus ao trabalho lacaniano de remeter o objeto[336] ao real, e o

---

336 Impossível, e daí a intransitividade, que é a chave do privilégio da ética como conduta circunspecta perante o inefável real.

real ao ético, a ordem do ato. Pior, abre-se o flanco para que se imagine o desejo como ontologicamente fundante, como sentido do dizer para além do fazer dizer sentido.

Para ser o sujeito depende de se nomear pelo Outro: depende da palavra, que apenas subsiste sendo dita e só é dita por sempre haver "algo" por dizer.

A fantasia do fundamento não passa disso: é uma fantasia e, nessa qualidade, mostra o desejo em ação. Em hipótese alguma realiza o desejo de capturar o (desejo como) fundamento...

Não há como "agarrar" o desejo e portanto nem há como se "agarrar" ao desejo, pois este é desejo de ser, mas o sujeito só é (desejante) sendo faltante em ser. É sabido que, contra as aparências, o não da interdição retoma "intra-simbolicamente" a impossibilidade, preservando o ser sujeito.

A proibição está a serviço do desejo. Além de o instigar, ela mesma é realização do desejo de negar o impossível, do qual se sustenta. Pois é mais insuportável admitir que haja impossíveis, do que aceitar um campo de possíveis negados.

De fato, ao "re-produzir" na forma da lei o real informe, a proibição faz advir o desejante em expectativa de total realização, temida por confortadoramente não se ver impossível. Por este ângulo não se realiza o desejo, mas subsiste a crença em que, para que o caminho da sua satisfação se veja aberto, bastaria pôr em suspenso o "não" anteposto à possibilidade.

Enquanto isso não sucede (e porque nunca sucederá) há ficções compensadoras: a idéia de que no vazio há algo velado e valioso a ser descorberto, bem como a certeza de haver uma potência que nega o acesso ao querido, a qual se pode obedecer, odiar e — quem sabe? — talvez ludibriar.

Do ponto de vista da lei, a autoridade interditora assim ficcionada já é um álibi dos interesses do sujeito. Afirmá-lo é explicitar uma obviedade: como pela palavra é já o Outro que ("me") diz, e na medida em que é de um lugar no Outro que se deseja, ser desejante é ser sujeitado.

Logo, de certo modo, o desejo e a lei são o mesmo:

> *Le désir donc, c'est la loi.* (27-2-63)

O desejo é a lei, pois, enquanto interditora, a lei se assevera como perpetuante da parcialidade do que se possa enunciar do sujeito. É nesta medida que pode servir ao desejo de ser desejante. Realizá-lo é frustrá-lo, porque se da falta em ser se acedesse à realização objetiva do desejo, o resultado seria uma catástrofe subjetiva. O objeto do desejo é interditado no intuito de evitar o que se persente como uma ameaça, a falta da falta:

> *... le désir et la loi, ce qui paraît s'opposer dans un rapport d'antithèse, ne sont qu'une seule et même barrière pour nous barrer l'accès de la chose.* (19-12-62)

A barreira em que se unem é a linguagem. É da palavra que semidiz o sujeito que se faz a lei e que se perde a coisa, e é nesta acepção que podem identificar-se:

> *... j'ai dit, il y a deux leçons, ceci que si le désir et la loi étaient la même chose, c'est pour autant et en ce sens que le désir et la loi ont leur objet commun.* (16-1-63)

Lei e desejo identificam-se por seu objeto comum, a semidicção do sujeito, que doutro ângulo é a interdição do objeto em que (impossivelmente) **eu** se configuraria para si mesmo.

Para ressaltar que o objeto impossível se configura em objeto proibido[337], a certo momento, contra o estrito teor da sua análise, retoricamente Lacan se permite afiançar que ... *le désir soit l'envers de la loi.*[338] Mas aqui há que sublinhar que o avesso não é o contrário.

---

337 A interdição como que, no nível da palavra, reproduzindo a impossibilidade real, inscrevendo-a.

O que aí se dita é a co-pertinência entre lei e desejo:

> *Il ne suffit donc pas ici de se donner à soi-même le réconfort qu'ils sont, l'un part rapport à l'autre, comme les deux côtés de la muraille ou comme l'endroit et l'envers.* (16-1-63)

Conforme há pouco foi salientado, a ficção de um Outro interditor serve ao desejo. A lei surge como imperativo do Outro, mas o que lhe dá força é o desejo, o sujeito intentando ser para além do vazio a que o significante, ao constitui-lo, o condena:

> *... le rapport de la loi au désir est si étroit que seule la fonction de la loi trace le chemin du désir...* (16-1-63)

De certa forma o desejo determina-se pela lei, mas esta faz-se eficiente por causa do desejo. A lei que, interditando, funda o desejo, só se reitera como lei porque há desejo. É graças a este que mais e mais se repõe a palavra em que aquela se formula.

Não há desejo sem palavras. Recorde-se que o desejo situa-se no Outro e portanto é do Outro que se deseja. Mas o que lá se põe em falta "sou" **eu**.

Logo, o fictício "tu" que dita a lei interessa ao sujeito. O que no Outro deseja é o sujeito, posto como outro por "ser" capturado em palavras. Só por isso o Outro que deseja ordena o desejo do **eu**. Portanto, não haja mais dúvidas: como desejo do desejo, o desejo é obediência à lei.

Submeter-se à lei é fazer-se desejante:

> *... un commandement s'impose, s'introduit dans la structure même du désir, que pour tout dire on désire au commandement.* (16-1-63)

Obedece-se à lei porque é preciso ser-se desejado para se ser desejante.

Não é o positivamente dado e desejável que o desejo mira no Outro. Quer-se precisamente o ser desejante, testemunho da falta no Outro. O desejo é desejo do desejo:

> *... ce que cherche le désir c'est moins dans l'autre le désirable que le désirant...* (21-2-62)

A situação é congruente com o anteriormente anunciado quanto à descoberta do sujeito como subjacente à fictícia objetalidade objetiva, mas mais do que desconfortável, porque consiste em, de alguma maneira, manter o desejo na dependência do que depende do desejo.

O desejo depende da palavra para ser (dito). Mas, por sua vez, o Outro que consubstancia o conjunto das palavras não tem garantias — a não ser imaginárias — para além da fala em que, em função do desejo, elas se presentifiquem.

É deste aparente círculo vicioso[339] que subsiste o sujeito, e por isso o exame das condições que o determinam, ainda que extenso, por delimitar melhor a precariedade da "ontologia psicanalítica", faz jus a ocupar um lugar de destaque neste estudo.

O que se deseja é o incapturável sujeito e só por isso a sensação do desejo do Outro[340], indicativa do lugar em que não aparece, recoloca a "coisa" em falta, desencadeando o sinal de perigo:

> *Le désir, en tant qu'il est désir de désir, c'est-à-dire tentation, c'est là qu'en son coeur il nous ramène à cette angoisse dans sa fonction la plus originelle.* (3-7-63)

---

338 KANT AVEC SADE – ÉCRITS, p.787

339 Aparente porque não se trata de algo imperceptível à primeira vista. Mas também e principalmente porque não se trata de um círculo.

O vicioso, no caso, é deslizar da análise do desejo como condição praticamente determinante do sujeito, intrinsecamente "volátil", para o desejo de encontrar o fundamento de uma ontologia "sólida".

340 *... l'angoisse c'est la sensation du désir de l'Autre.* (4-4-62)

A direção do real é dada pela sensação do desejo (do Outro). É como assinalamento da "coisa" que não "se" sabe que a angústia é índice do incognoscível real subjetivo. Aponta-o longe do conhecimento, no âmago do mal ser que é o estar em falta.

Eis que se explica porque a angústia é apreensão. Apenas é captura do inapreensível desejo do Outro, porque é temor de, como "coisa" que não se sabe **eu**, "se" estar feito objeto para a satisfação do Outro. Se não se for desejado, inexiste-se; sendo-se objeto do desejo do Outro, não se é sujeito.

Nestas condições, cognitivamente incapturável e onticamente inconsistente, a única alternativa é abordar o desejo nos termos de uma ética fiel ao fato da sua precariedade.

Como é pela via do desejo, eticamente, que o real se pode pensar — recorde-se que é o desejo que aponta a sua direção —, convém advertir que a palavra "real", mais familiar aos universos semânticos epistêmico e ontológico, a princípio não se associa à experiência imediatamente próxima do indizível.

No intuito de prevenir erros de perspectiva, cumpre pois localizar na vivência humana o modo específico do acontecer (o) impossível, o qual se deslinda em moldes pouco transparentes aos significados que usualmente se associam ao termo:

> *... ce que la découverte freudienne avance, c'est qu'on peut y être sans savoir qu'on y est, et qu'à se croire le plus sûr de se garder de cet y être, qu'à se croire être ailleurs, dans un autre savoir, on y est un plein; c'est ça qu'elle dit, la psychanalise: on y est sans le savoir; on y est dans tous les champs du savoir. Et c'est pour ça que c'est par ce biais que la psychanalyse se trouve intéresser la mise en question du savoir; ce n'est nulle part d'aucune vérité et nommément d'aucune ontologie; où qu'on soit, où qu'on fonctionne, par la fonction du savoir, on est dans l'horizon du sexuel.* (5-3-69)

O que se vivencia como falta não é fenomenologicamente bem expresso pelo termo "real" e não se poderia deixar de examinar o que escapa de ser dito sem se tratar do modo do real suceder de maneira irredutível a quaisquer sentidos, a sexualidade, que aliás é a fonte dos ataques e incompreensões mais comuns sofridos pela psicanálise.

Realmente, em que outro âmbito, que não o sexual, se poderia traduzir e concretizar praticamente a fórmula desejo de desejo?

Enquanto desejo de desejo, o desejo não é uma apetência objetiva. Dirige-se ao (outro) desejo, é desejo sexual.

É por isso que, enquanto desejo, todo o desejo é sexual.

Eis que se ilumina a razão da onipresença e relevância subjetiva da sexualidade como âmbito paradigmático do desejo. Muito além das quantificações sexológicas, pela sexualidade o sujeito põe-se em jogo, à mercê de ser e de não ser, tangível pela angústia de viver e de morrer, suscetível de enlouquecer.

Sexualidade, aliás, que não casualmente é tão "esquecida" em psicanálise e mesmo omitida da pior forma: uma explícita vulgarização, depauperada de qualquer fidelidade às conseqüências que ora se descrevem. Dificilmente se poderia exagerar a importância da contraposição a essa tendência, se se quiser levar a bom termo a tarefa desta investigação.

Quaisquer conhecimentos, normalizações ou ginásticas sexologicamente bem informados, não passam de tentativas de escamotear a angústia (e portanto o desejo, o ser e o morrer). Pois sobre a natureza do "objeto" sexual não podem pairar dúvidas: as impossíveis coordenadas do surgimento do real como sujeito demonstram-se no âmbito do sexual.

É na esfera do sexual que é possível preservar a irredutibilidade do real ao simbólico, pensando-o imune às manipulações geometrizantes — escamoteadoras da opacidade (ou invisibilidade) em transparências —, mais propícias ao estudo anatômico de cadáveres.

A expressão ato sexual é bastante expressiva para indicar o que está em jogo. Basta ter em mente que o ato é um modo de dizer em que se tenta escapulir de uma falta (significante) mostrando e demonstrando no agir o que não se pôde enunciar.

Ora, algo que por não ser (algo) nunca se pode enunciar é o sujeito:

... le sujet ne vient au jour que par rapport d'un signifiant à un autre signifiant... faire un acte c'est introduire un rapport de signifiant... (10-5-67)

É levando-o em conta que, finalmente, se pode avaliar o verdadeiro alcance dos termos "ato" e "sexual". Por o ato mostrar o não dito, arrisca-se a dramatizar esse tropeço no real que é o indizível.

É o (ato) sexual que permite contornar o obstáculo da impossibilidade de conjugar o sujeito com o ser. Dá destino à questão do sujeito posto real sem ser: sem o dizer, mostra-o enunciante.

Como ato, sexual, o desejo diz sem se dizer, e por isso alude-se obliquamente. Apresenta-se propriamente em ato, no ato de dizer, a rigorosamente distinguir do dito. Por isso, descaracteriza-se quando se intenta pô-lo na posição (sintática) de objeto.

Para Lacan,

Le sexe, je vous l'ai dit, c'est un dire... Le sexe ne définit pas un rapport. (LE MOMENT DE CONCLURE: UNE PRATIQUE DE BAVARDAGE, Ornicar 19, p.6)

Objetivar-**se** em palavras seria assujeitar-**se** ao Outro e não ser desejado é sequer haver existido. Para "se" ser desejado sem "se" ser objetivado é imperioso estar em falta no lugar previsto. Ou seja, há que fazer-se desejante.

Portanto, ser em falta é recurso para preservar o sujeito sem ser. É necessário situá-lo à revelia da palavra, pois é desta que o ser se diz.

Em falta, o sujeito escapa de ser. Mas faz-se culposo.

As palavras faltosas que (imaginariamente) o significariam precipitam-no em ato. É na esfera do ato especificado sexual que o sujeito intenta possuir o que o causa.

Mas desse modo, em vez de responder à questão que o faz (ser), apenas alcança a (sua) reprodução.

53. DESEJO: DICÇÃO POR SER

No trato destas questões, todos os cuidados para evitar a psicologia ainda são poucos. Há razões para isso.

O passo da investigação cumprido consistiu em interrogar o próprio do desejo, criteriosamente evitando confundir este plano de investigação com interesses clínicos quanto ao "como" do seu estabelecimento.

O perigo de misturar os dois níveis, invertendo a ordem entre razões e coleções de regularidades factuais, consiste em aumentar a sobrevida da crença na extra-simbolicidade de referências como "psiquismo", "mãe", "criança", "necessidades fisiológicas", etc. Na prática, por este caminho renega-se a psicanálise, insistindo-se numa prévia realidade biológica e psíquica, objetivável independentemente da linguagem.

Imaginar que a descrição das circunstâncias psíquicas e biológicas que se associam aos problemas constituintes do sujeito possa resolvê-los é tentar calar as questões cujo surgimento se descreva, respondendo-as pela apresentação das condições que as tornam formuláveis. É um absurdo que se inscreve no quadro da denegação da dúvida, e portanto visa suprimir o desejo e ignorar o sujeito.

Sequer tem cabimento perder tempo com isso. A plena dicção de qualquer verdade quanto ao real do ser está interditada. É esse o sentido do sentido em falta no desejo e daí adveio a imperiosidade de examiná-lo como em parte indizível, tarefa que tenaz e pacientemente se perseguiu ao longo deste capítulo.

A análise do sujeito deve ser perspectivada pelo ângulo da palavra, sua constituinte, e nunca de uma perspectiva sobrepairante, cujo preço é pressupor como já dado o que se remata ao final de todo o processo. A partir da observação não há como dar conta do desejo, porque

o que aparece como realidade já é uma delicada construção simbólica, feita em conseqüência do primeiro.

Aditar ao dito em subcapítulos anteriores, por exemplo, que para a criança o Outro é primeiramente presentificado pela mãe — ela própria, enquanto tal, "grávida" desse Outro, a partir do qual se significa e dá sentido ao filho — em nada altera a análise então feita. Pois quando se especifica que o além das palavras a que se dirige a **Begierde** se reporta às necessidades fisiológicas é importante não esquecer que, nomeadas, estas já estão no campo do imaginário.

Identicamente, mesmo que **a posteriori** se queira interpretar o estar desejante às ordens — o fato do desejo se exercer em função da lei — como vinculável ao interesse da criança em (por meio da obediência) se fazer querida pela mãe, é fundamental bem apreender que inicialmente não há criança nem sequer "eu", e muito menos mãe ou mesmo seio.

Em hipótese alguma as questões que a palavra levanta se desfazem apontando as circunstâncias do seu surgimento! De fato — para apenas dar mais dois exemplos —, o protótipo do substantivo como o que preenche os vazios — propiciando conforto e segurança, que (uma vez fisicamente experimentados) se imaginam metafisicamente generalizáveis —, mais do que certamente é o aleitamento[341]; assim como a noção de alma enquanto uma referência de si objetivável para o (desejo do) Outro — que pode agradar-Lhe em maior ou menor grau, obedecer-lhe ou contrariá-lo — vincula-se à estruturação do **eu** correlata à pulsão dita anal. Mas daí a apresentar uma interrogação fundamental como eliminável a partir da identificação do tempo de instauração das condições que psiquicamente a possibilitam há um abismo. É o mesmo que negar a salinidade marinha pelo fato de haver a indústria de sua extração ou pretender provar a inexistência de Deus partindo do fato da idéia a Ele relativa ser psiquicamente construída a partir de imagos parentais.

Uma vez admitido que a palavra nunca coincide com a totalidade das coisas — causando o desejo pela instauração de uma falta entre o dito e o por dizer —, não seria agora que se recairia em platitudes psicologizantes.

Tolerá-lo seria reintroduzir a palavra como órgão do homem, em vez de perceber que é ela que é determinante. É resistir à psicanálise.

Afinal, no aprisionamento em imagens correspondente ao conhecimento espelhado em realidade, o sujeito encontra-se vazio e iludido. Pois situa-se em Outro lugar, numa posição apenas demarcável pela linguagem e como significante.

Portanto, o que é da ordem do simbólico não são coisas entre outras, e muito menos instrumentos para a comunicação ou veículos para a expressão de pensamentos. Muito além disso, ainda que sem o fundamentar, como ação (verbal), formula o que valha por ser.

O verbo em ação persiste como feitor do cenário da vida. Por isso, conviver com o "por ser", desfazendo os ditames que o constrangiam em "coisa sida", é a única via para resolver o impasse entre o sobredeterminismo significante e a assunção de se estar em falta, desejante.

O significante comanda o ser, mas o vazio consubstancial ao dito, para além do dito não, para além da consumação das ficções a serviço do **Wunsch**, sugere a gratificação da **Begierde** num além da interdição, a morte. Note-se, não a morte como não ser — que remeteria à ontologia —, mas a morte como não por ser — já suficientemente ambígua para se insinuar como lei —, referível a um tempo anterior ao "não", que tanto é mítico paraíso perdido quanto quimera de uma bem-aventurança num futuro sem tensões.

No intento de alcançar ser, deseja-se e teme-se o dia em que se se depare com a gratificação de um **Wunsch** que satisfaça a **Begierde**. Só esse mítico "juízo final"[342] apagaria o defeito da origem.

---

341 Lacan desenvolve a tese no sétimo ano do seminário.

342 Sentido derradeiro, por ser o único exato e se suceder a todas as tentativas anteriores para capturar a "coisa".

Mas ao alto preço de substituir a imperfeição pelo fim. No limite, é desistindo de ser que se provaria uma certa (ética) liberdade, que ainda que a mais absoluta só não é amarga por não ser: não consiste em se ser livre, mas antes em não ser (livre).

Enquanto **eu**, é por não ser nada que o sujeito pode ser livre. A liberdade assim admitida não se faz entender em outros termos que não os de tomar como decidido por si o que do Outro o determinou sendo.

Com a psicanálise, Lacan tira o surreal das telas dos museus para trazê-lo para o centro da vida. Não na forma de um espetáculo teatral que conforme as pessoas a assistirem a algo que lhes seja exterior. Muito mais do que receptores vazios, os olhos do desejo são pintores submissos à vontade do Outro, em cujo âmago se inventa um ser ao gosto decidido por **eu**.

O "por ser" é uma tela que, alheia ao ser e ao não ser, aceita a deposição da significância em moldes por cujo delineamento há que responsabilizar o ético (não) **eu**. Não para o culpar em função de alguma desobediência metafísica, mas porque qualquer indagação a esse respeito é um disfarce da feitura do sujeito. É bem verdade que, entre o **eu** e o Outro — como Tu, pelo qual, no fundo, **eu** se interpela —, a autoria é indecidível. Por isso mesmo não tem importância alguma. Há que obedecer ao (não) ser culpado. Sem isto não há sequer boa técnica psicanalítica, muito menos ética e em absoluto um inconsciente que não seja fantasmagoria psicologizante.

O desejo é "fricção" do "sido" com o "por ser", impossível de se estabilizar em alguma serenidade substantiva. Aos tropeços, interpreta-se numa variabilidade infindável de formas que, ainda que absolutamente determinadas, (por causa da decisão em que se faz ser) devem conceber-se feitas conforme os gostos.

Persiste do "atrito" com o limiar do seu fim, segundo as linhas singularmente características das tentativas de solução de cada um para o vazio ao sujeito medular: aparece trágico às vezes, outras cínico, muitas vezes devota-se às cegas ao Outro, às vezes finge-se descomprometido por se achar não nascido, doutras faz-se jogador — na forma cavalheiresca de uma aposta nunca decidida na garantia de um interlocutor —, não raramente substancializa o vazio e a este se apega, até chega a pretender-se invisível e enquanto tal inexistente, etc, etc[343]. Qualquer alternativa é válida para, sem deixar de se imaginar sendo, contornar (mais ou menos inviável e pateticamente) o risco de ser.

Por não se ser, é-se **isso**, um incompletável fazer.

Entrementes o sujeito fala, e se puder redizer-se — isto é, analisar-se —, estará de fato livre de se aprisionar nas imagens que o espelham, interpretando o sentido da sua substância e determinando os trilhos da sua existência, mas ao preço de não ser mais que efeito da palavra que forma e reforma a realidade a que se limita.

Embora absolutamente sobredeterminante, a palavra é efeito de um dizer e finitamente pode ser redita. Não se muda a história, mas pode-se alterar o destino, pela redicção transformando o que se é.

Tal possibilidade assegura-se na medida em que, para além do desejo, nada sustente o Outro. Mas tanto afiançá-lo quanto negá-lo peremptoriamente é tudo pôr em risco. É arriscar-se a um sentido completo, eliminando a dúvida.

Porém, em geral a ameaça é irrisória, posto que a intensidade da convicção é proporcional à falta de garantias da certeza.

Assim pensado, o desejo passa ao largo de qualquer "modelo" de fundamento e não oferece base para qualquer ontologia. Mas tão pouco satisfatória situação é a da realidade que suficientemente assenta bem à psicanálise.

---

343 Está por fazer e provavelmente sempre continuará incompleta uma tipologia dos fantasmas fundamentais.

A falta de garantias, a incompletude da dicção do desejo (que determina o sujeito numa situação indeterminada quanto ao seu ser), por uma reviravolta só concebível à luz do inconsciente, de defeito se promove a virtude.

Na trilha de uma perambulação quanto ao ser de si — cuja verdade aguarda do Outro —, o analisante chega a deparar-se com a inconsistência do caminho, por "ser-de-palavras". Embora calar a boca não sufoque o discurso pelo qual a realidade é assentida, ao realizar que o Outro nem se sabe nem o sabe, sequer é consciente nem consistente, abre-se-lhe a via de, na determinação que por esse discurso o diz, no âmago mesmo do objeto que como dom do Outro se recebe, descobrir-se "con-sentimento" do que se faz com (e como) **eu**.

O impossível, em vez de restrição limitante, impotência, marca-se condição resguardadora de um horizonte de "liberdade", suficientemente verdadeiro para atingir a "a"-ventura humana como angústia.

Tal resultado — uma interpretação possível da problemática do final de análise[344], inalcançável a não ser em ato — deixa para trás as referências em que até então se pudera tentar inserir a psicanálise. O sujeito despeja-se do peso do saber, do concreto do conhecer, da carga de ser. E transforma-se o dever ser, o obedecer, num decidir-se cujo ponto de partida, cuja matéria-prima, são os sinais que, embora do Outro, por uma assunção ética são decididos "meus" traços:

> *... ce qui me permet d'introduire... le rapport essentiel de l'angoisse à l'action comme tel, c'est justement peut-être de l'angoisse que l'action emprunte sa certitude.*
>
> *Agir, c'est arracher à l'angoisse sa certitude. Agir, c'est opérer un transfert d'angoisse.* (19-12-62)

Por isso, o resultado deste patamar crítico é apenas preambular relativamente ao âmago da falta de âmago propícia a ser-se sujeito. A psicanálise nele não precisa deter-se, exatamente na medida em que é prevenida dos riscos que o sujeito comporta[345].

Não apenas não precisa, como não deve furtar-se a adentrar a questão, para ela inescapável, da subjetividade em carne viva.

---

344 *Il s'agit dans la psychanalyse d'élever l'impuissance (celle qui rend raison du fantasme) à l'impossibilité logique (celle qui encarne le réel).* (...OU PIRE, Scilicet 5, p.9)

345 A saber, os significantes, precisamente na medida em que se precisam "insubstância" que em si nada significa, mero ato que não é nada nem tem sentido.

QUINTA PARTE

REAL E PSICANÁLISE

Contrairement à ce qu'on dit, il n'y a pas de vérité sur le réèl, puisque le réèl se déssine comme excluant le sens. Ce serait encore trop dire qu'il y a du réèl, parce que le dire, c'est supposer un sens. Le mot réèl a lui même un sens, et j'ai même en son temps joué là-dessus en évoquant l'écho du mot reus, qui en latin veut dire coupable — on est plus ou moins coupable du réèl.

L'INSU QUE SAIT DE L'UNE BÉVUE S'AILE A MOURRE: VERS UN NOUVEAU SIGNIFIANT, ORNICAR 17/18, 9

Porventura o que a psicanálise ciosamente resguardara da ilusão objetivante preservar-se-ia equacionável, pela via das facilidades agnósticas, nos termos de uma teoria do conhecimento?

Em hipótese alguma. Não basta constatar o fracasso do intento cognitivo.

Em absoluto seria suficiente meramente afiançar a incognoscibilidade, pois isso ainda seria refletir a partir da epistemologia, em vez de a problematizar. Ora, qualquer solução de compromisso prejudicaria o rigor da reflexão lacaniana.

Uma vez assentido o inconsciente, nada autoriza a relativizar a incapturabilidade de tudo o que mereça dizer-se real. Inexorável resultado dos impasses em série que fazem a história do pensamento lacaniano, sabe-se que o psicanalista cogita-o como intratável por qualquer abordagem distinta da de uma ética repensada em função do inconsciente.

Resultado este que, além do mais, contraria as expectativas habitualmente associadas ao uso do vocábulo, tornando inadiável dedicar mais atenção à novidade e especificidade do seu emprego por Lacan. Deve haver alguma razão para a sua preservação em contexto inusual.

De fato, já que é imperioso equacioná-lo eticamente, nada melhor que manter a mesma palavra para, por contraste, salientar a impropriedade de o pensar pela perspectiva do conhecimento ou nos termos do ser.

Porém, em coerência com o procedimento lacaniano, antes de prosseguir nessa direção é necessário levar em conta como o real, perdido, se significa nos contextos epistemológico e ontológico.

Ironicamente o termo é usado para combater o realismo, de uma maneira e com uma radicalidade impensáveis até o advento de Freud. Nisso reside a sua importância e o que de imediato o faz interessante, consistentes num fator de recordação do caráter de incompletude do que se oferta como experiência[346].

Mas se, para mais drasticamente evidenciar a impertinência da epistemologia, ainda assim se pretender preservar uma terminologia de sabor epistêmico, então real recebe o epíteto de impossível:

> *Il n'y a pas d'autre définition possible du réel que: c'est l'impossible; quand quelque chose se trouve caractérisé de l'impossible, c'est là seulement le réel...* (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES, Scilicet 6/7, p.55/6)

Eis o ponto de vista psicanalítico sobre o papel da idéia de real: paradoxalmente, a noção visa denunciar a irrealidade de tudo o que na experiência humana como tal se objetive.

> *Ne nous attardons pas au passe-passe du mot: réel. Retenons qu'il indique que, pour le psychanalyste, les autres discours font partie de la réalité.* (DE LA PSYCHANALYSE DANS SES RAPPORTS AVEC LA RÉALITÉ, Scilicet 1, p.51)

Antes do mais, "real" é um modo de referir a realidade, discursivamente organizada, como pouca:

> *... ce qui s'oppose à l'entière prise du discours, à l'éxhaustion logique, ce qui y introduit une béance irréductible. C'est là que nous désignons le réel.* (12-1-72)

A realidade é pouca porque os supostos fatos são dicções e as coisas objetiváveis são ficções. O que realmente se encontra nos mesmos é a imperceptível ação da significância.

Como tudo o que valha por experiência humana põe-se na dependência de discursos — ou seja, submete-se à jurisdição do simbólico —, por exclusão "real" presta-se a designar o que não se põe ao alcance da palavra. Em si, é indizível.

---

346 *L'adéquation du symbolique ne fait les choses que fantasmatiquement. De sorte que le lien de ce symbolique par rapport au réel, ou de ce réel par rapport au symbolique, ne tient pas.* (LE MOMENT DE CONCLURE: UNE PRATIQUE DE BAVARDAGE, Ornicar 19, p.7)

Dele se pode saber que é tudo o que não pode ser dito. Bem entendido, o que não pode ser dito, não devido a mudez, mas por logicamente não ter cabimento[347]:

> *... le réel, c'est l'impossible. Non pas au titre de simple butée contre quoi nous nous cognons le front, mais de la butée logique de ce qui, du symbolique, s'énonce comme impossible. C'est de là que le réel surgit.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.143)

O que dele, real, se vislumbre, não passa de seu limiar, demarcado pelo simbólico. Posto que só pode assinalar-se indiretamente, depreende-se dos limites do dizível:

> *... on s'est aperçu qu'il y avait des choses qui existaient en ce sens qu'elles constituent la limite de ce qui peut tenir de l'avancée de l'articulation d'un discours. C'est ça le réel.* (8-3-72)

Portanto, embora o impossível não se diga, de certo modo se deduz. Porém, como alcançá-lo?

Não basta interromper voluntariamente a dicção para que se o tangencie, pois não se deriva de qualquer não dito. Depreende-se do limite do dizível, o qual varia de época para época. Para indicá-lo há que explorar todas as eventualidades do dizer, e para esgotar todas as possibilidades de conseqüências no intuito de mapear o que na totalização destas reste interdito (ou inconseqüente) — bem como para melhor o discernir —, não há outra nem melhor alternativa do que recorrer ao cálculo lógico.

Enquanto sistematizadora de todas as possíveis variações do legitimamente enunciável, a lógica delimita indiretamente o que se exclui de entre as mesmas, ilustrando bem o maior grau cabível de perscrutamento do real:

> *Logique...*
> *... on l'accentue d'être science du réel pour en permettre l'accès du mode de l'impossible.* (PEUT-ÊTRE À VINCENNES..., Ornicar 1, p.4)

O pouco que do real se pode saber, qualquer notícia a ele relativa, deduz-se e se restringe aos limites em cada tempo da possibilidade de articulação significante.

Alterações nela transformam-no:

> *... ce réel, nous considérons que nous sommes en état de le transformer à proprement parler.* (30-4-69)

Se epistemicamente se configura como impossível, a operacionalidade do processo significante assegura a possibilidade de nele interferir. É outro lugar que não o significante, mas como o Outro é por excelência lugar, deve ser entendido como um "não lugar". E como é por meio daquela intervenção que, indiretamente, se pode demonstrá-lo, há que pensá-lo como o que do significante escape ao significante.

As sombras do indizível ficam na dependência de mudanças no limiar do enunciável. Dependem de alterações a serem vistas tanto caso a caso, em cada análise pessoal, como coletivamente, pelo movimento de reinvenção significante que, a certos tempos, conduz a que na história da humanidade se digam coisas até então não ditas.

Novos procedimento lógico-matemáticos pura e simplesmente alcançam revolucionar a apreensão da realidade. Como para todos os efeitos esta equivale-se à realidade em si mesma, fica evidente a sua dependência da esfera discursiva e, conseqüentemente, vem à luz do dia a linguagem como sua determinante.

O que na realidade se encontra são apenas letras e fórmulas, significantes com os quais se constroem as ficções e que portanto também indiretamente sinalizam o limiar do real. Ou seja, o que se atinge são as tentativas de totalização de uma referência objetiva, constructos

---

347 Por estar interdito, por ser inconseqüente.

significantes "movidos" pelo desejo de capturar as coisas como dotadas de uma consistência propícia a assegurar a integridade e unidade do sujeito (do conhecimento).

Porém, diverso da consecução dessa meta, cada objetivo alcançado serve de plataforma para o relançamento de questões que deslocam o impasse da despossessão e falta de garantias quanto a si:

> *La puissance des mathématiques, la frénésie de notre science ne repose sur rien d'autre que sur la suture du sujet...* (20-4-66)

É tempo de dar um novo passo no exame da problemática do real. A princípio o termo nomeara apenas a incapacidade para da realidade atingir o que eventualmente vá além do seu "arquitetamento" significante. Ao intentá-lo esbarra-se numa impossibilidade literalizada nos impasses da simbolização. Mas a isso agora se adenda uma explicação sobre o que causa a determinação em alcançar o impossível.

O que motiva e impulsiona o empenho em falar as coisas para além da sua aparência, muito aquém do imaginário interesse no conhecimento de objetos, é o desejo de garantir-se ser. A vívida experiência da precariedade do mundo objetivo descobre-se subterrânea insegurança quanto à realidade do **eu**.

Por causa da palavra, o sujeito vem à luz fazendo-se refratário a qualquer identidade consigo mesmo. Por inobjetivável, nunca se atinge, mas nem por isso desiste. Perdido e multiplicado, entre ser e não ser, encontra-se freneticamente implicado na tarefa de corrigir as arestas que comprometem a meta de recuperar-se uma desde sempre inexistente unidade substantiva.

Neste quadro, a única coisa indicável para além das palavras — não por ser cognitivamente referível, mas por praticamente estar implicada no esforço de objetivação — é a presença implícita de um enunciante. Só este portanto de fato preenche os requisitos para ser real.

Lacan crê que isso se pode demonstrar no mais depurado de imaginário exercício da linguagem, que é a lógica. Ainda que propiciando o isolamento do que na fala é determinante, esta não tem como se furtar ao que, por ser discurso, é de regra: como psicanalista, recusa-se a concebê-la à revelia da enunciação.

Esclareça-se que com isso não presume autorizar qualquer arbitrariedade enunciativa ou submeter a validação das leis lógicas às achatadas dimensões da fonologia, pois o enunciante não se acanha ao ente biológico particular que, segundo uma metáfora cara a Lacan, serve de desfiladeiro ao significante. A ordem lógica é ditada pelo Outro.

Mas ainda que as circunstâncias empíricas que as ilustram em nada interfiram na formulação das leis, em psicanálise não há como fingir que a eficiência destas deriva-se da sua validação em abstrato.

Fora de qualquer tempo enunciativo, dissociado da facticidade dicente que lhe dá vulto e o avoluma, o Outro permanece inoperante e, para todos os efeitos práticos, inexistente. No limite, não há lógica à revelia da sua enunciação e, enquanto dicção, o patamar que lhe pensa justo evidencia-a como fator constituinte e campo de dedução do sujeito:

> *Cette logique mathématique, pour dire les choses par leur nom, elle est tout à fait essentielle à votre existence dans le réel, que vous le sachiez ou que vous ne le sachiez pas.* (20-11-68)

O sujeito supõe-se anteposto à enunciação. Enquanto **eu**, apenas pode ser em ato que, por o ser, é significante.

Portanto, embora com o termo "lógica" Lacan também refira as linguagens formais que habitualmente se lhe associam, a circunstância do sujeito dela se depreender torna patente o quanto em psicanálise é necessário compreendê-la bem mais amplamente, não a excluindo do que é espontâneo na estrutura e muito menos a reduzindo a uma legislação sobre a linguagem

comum. Tão importante quanto a especificação da lógica como condição de precisamento do impossível é a afirmação de que desta operação resulta o sujeito, o que não permite dúvidas quanto à importância de reconhecer a subjetividade como também pertinente ao real.

A este respeito deve-se adendar que, se o exame do significante foi propedêutico à abordagem do sujeito como inconsciente, por sua vez os termos que lhe convêm conduzem à obrigação de prestar atenção ao que impede a sua redução à linguagem. Afirmar que o sujeito depende da significância não exclui que seja associado ao real pelo próprio significante.

Recorde-se que como falta, posto dependente do significante e inverossímil fora da implicância de sentido que bem caracteriza o simbólico, é o sujeito que em ato, significante, no real se depreende. No lugar das coisas acontece **eu** como outro, dividido em si mesmo.

Não é novidade que no lugar das coisas se as encontra em falta, e que o que há é efeito da significância, organizada em uma cadeia em que apenas se refere o enunciante. Como a falta que o instaura desejante é "consubstancial" à palavra, o real em direção ao qual o sujeito se precipita descobre-se **eu** mesmo, radicalmente diferente de "mim".

Por isso, na prática,

> *Le ça de Freud, c'est le réel.* (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES. Scilicet 6/7, p.40)

Mas enquanto **eu**, sentido em falta, o real é recoberto pela falta de sentido ou pelo sentido perdido, que em si mesmos não deixam de ser pertinentes à dimensão simbólica.

No âmago do Outro, é o sujeito que se quer e não se sabe. É algo de si, é a plenitude do seu ser sentido que o sujeito quer. Mas **isso** jamais se captura em palavras, por mais que pelo desejo se as reponha em ação.

Muito pelo contrário: a experiência sendo significantemente articulada, tudo o que se presuma objeto é constituído pela significância, nada se encontrando de realmente objetivo. Ser é ser ficcionado por meio de uma literal atividade, a ser entendida como ato pelo qual se instauram o sujeito e o mundo de seus objetos, estes mais "seus" do que coisas objetivas.

Ora, tal tese, muito menos ou muito mais do que a descrição de um estado de coisas — por um lado por improvável e inverossímil, e por outro por qualquer estado se suportar num dito que pressupõe um dizer —, aponta para o dever de o sujeito se reconhecer agindo no que sobre ele parece se abater como fato consumado. Ou seja, generaliza a condição da existência humana como sintoma: onde **eu** sofro, **eu** sou sujeito do sofrimento, sendo-lhe sujeitado e sujeito da ação.

Cindido entre causa e efeito, pressuposto necessário e efeito conseqüente, a situação do **eu** no âmago mesmo do "seu" ser em falta é sempre precária:

> *Le réel dans lequel se taille le patron de la coupure subjective c'est ce réel que nous connaissons bien parce que nous le retrouvons à l'envers, en quelque sorte, de notre langage. Chaque fois que nous voulons vraiment serrer ce qu'il en est du réel, le réel c'est toujours l'impossible.* (15-12-65)

Logicamente requerido pela enunciação, o sujeito configura-se impossível de uma maneira bem precisável: de um lado é-lhe anteposto e por outro, concretamente, o ato de lá supô-lo só pode ser posterior à dicção. A ponto de Lacan asseverar que

> *L'intérêt de la psychanalyse est... Que le sujet puisse fonctionner comme n'étant pas...* (7-2-68)

O **eu** pode agir mesmo em não sendo...

Nestas paradoxais circunstâncias, para lidar com **isso** que, sem **se** saber nem ser, tem de ser, requer-se a psicanálise oscilante entre uma ontologia "fraca" e uma ética mal situável ontologicamente.

Recorde-se que, anteriormente refletido pela perspectiva epistemológica, mais recentemente o sujeito foi reabordado em função do amadurecimento da investigação na direção da ontologia. Repensou-se-o posto como questão relativamente ao ser, como **eu** com a peculiaridade de se suportar numa falta (em ser), em função da qual só pode significar-se como querer (ser). Ou seja, cogitou-se que só pode ser em falta, o que o faz (ser) desejante.

Deve ser (desejante) e para ser tem de estar em falta. Logo, há que pensá-lo à revelia de qualquer identidade, e por isso só é tratável na ordem da ética.

Só esta se habilita a cuidar de um ser paradoxal, inequacionável com base na tentativa de encontrar alguma coerência recorrendo à interpretação da falta como vazio — pois este não é a falta e até se pode sentir falta do vazio.

O real não apenas é pouco por insubstancial, como também o é por sequer se totalizar em vazio. Disso não se segue que ao real falte ser. Nada indica que, enquanto real, algo lhe falte.

É do paradoxo que se podem esperar alguns resultados. O ser em falta remonta a uma falta em ser que, por este não haver, elicia um querer ser. É este desejo que, embora nada sendo, se faz significar como sujeito e ser.

Sempre "impossuível" nos feitos enunciados, o desejo é decidido agente enunciativo. É como sujeito, sentido em falta, que o real padece da falta em ser que põe o **eu** em atos.

Sua meta de assegurar-se encontrando uma consistência, ainda que estritamente lógica, é inviável por **eu** situar-se impossível. Ainda assim, há uma diferença fundamental entre o haver um sentido em falta, ou mesmo a falta de sentido, e o definitivamente sem sentido. O sentido faltante não se exime de todo de algum vínculo com o universo simbólico. Só por isso concretiza o único terreno plausível para o estabelecimento de alguma articulação com o real sem sentido:

> *... tout ce que nous touchons du réel, c'est la* ***Spaltung****, c'est la fente, autrement dit c'est la façon dont je définis le sujet.* (14-6-72)

A cisão subjetiva e subjetivante é tudo o realmente alcançável. O real que se toca pela psicanálise é antes de mais nada o sujeito; o único impossível de que, enquanto instância enunciante, é possível ter alguma notícia.

Indizível mas paradoxal, acontece destas e outras "impropriedades" do real serem ditas. Inobjetivável e logicamente sempre nomeante antes de nomeado, o sujeito é da ordem do real. Mas por não se excluir de todo do imaginário e do simbólico, é via única para algum acesso àquele, fazendo com que o mesmo se imagine dotado das "propriedades" que o caracterizam.

Por exemplo, como o sujeito é realmente enunciante e jamais enunciado, e é tudo o que do real se pode "tocar", este é pensado como intrinsecamente indizível. De qualquer modo jamais seria dito, mas se não fosse a tangibilidade do **eu** sequer se poderia asseverá-lo indizível.

Eis que se explica porque as "impropriedades" do real são as que se depreendem da inobjetiva e subjetivante falta em ser. Não se encontra outro meio para contornar a sua exclusão do simbólico senão levá-lo em conta como impossível enunciante. Como o ser se põe na dependência da significância e a falta a esta é consubstancial, faltante da falta, o real é ontologicamente impensável e faz-se indizível.

Mas a indicibilidade, única forma de reproduzir fielmente a verdadeira ausência de garantias quanto ao ser, é rastreável pela enunciação. A única possível alusão ao indizível verifica-se por meio do comprometimento do real dicente com o dito seu.

Em dúvida entre ser e não ser, o sujeito é instado e condenado a reconhecer-se responsável por atos que, em última instância, sempre são decididos "suas" enunciações.

É por "seus" atos que se determina a posição do sujeito. Mas pela atividade por que intenta garantir-se apenas se encontra em falta, desejoso e culpável. A cada intento diz-se e rediz-se, bordejando no significante o real como impossível empreender a si mesmo.

O mesmo que não se alcança ou mal se atinge como instância enunciante. Não é dito mas diz, e se o que diz não o diz, a ação de dizer permite posicioná-lo como impossível requisito do ato dictivo. Além da indicibilidade, por causa dela e como seu efeito, sua inerente paradoxalidade e impossibilidade refletem a total falta de condições para fundamentadamente se alcançar ser **eu**.

Apenas por isso se afiança que o que se encontra do real, e perdido, é o sujeito. Situa-se-o no instante da sua perda, a qual lhe é inerente. De outro modo **eu** se objetivaria, encontrando-se coisa.

Só se o alcança em perda, e quando se julga que se o encontra, é aí que está peremptoriamente perdido. Pois o falante desloca-se sem se capturar, sendo por isso que realmente a palavra pode tão notoriamente transformá-lo. Se por este meio se o tenta "agarrar" para além do reconhecimento de um **isso** agente, só se produzem "piedosas" ilusões.

É bem por isso que a ética é convocada a cumprir tarefas inesperadas. Estabelece-se como a única saída para, sem a preencher, tratar com rigor a falta em ser manifesta no verbo posto em ação.

Afinal, uma vez admitido que a significância possa secretar sentidos para preencher a vaga do ser e a eles a reduzindo, é viável inferir que o intrinsecamente impossível real seja nuclearmente desprovido de qualquer essencialidade.

Exatamente por faltante, algo que valha por substância continua sendo desejável. O impossível (de conhecer) é suscetível de ser querido e, em virtude da tão medularmente dependente da significância problemática da desiderabilidade, o afrontamento verdadeiro do real subsome-se à ética.

Revel ao conhecimento, nem por isso a lógica deixa de ter importância no tratamento do real. Suas novas atribuições resumem-se ao depuramento dos meios para que a crença em ser, o desejo de negar a falta, possa ser barrada.

Dado o seu rigor no tratamento do formal, o discurso matemático permite combater tal crença, tão largamente ampliada e irrefreada pelas facilidades que a linguagem comum oferece para o abrigo da contradição e da denegação, com base no exame das operações (significantes) que suportam todo o tipo de efeitos substancializantes[348].

> *Nous pouvons... concevoir à quoi peuvent nous servir ces... structures... pour établir des relations fondamentales qui nous permettront de situer avec une rigueur qui n'est jamais obtenue jusqu'ici dans le langage ordinaire, pour autant que le langage ordinaire aboutit à une ontification qui est le véritable noeud et clé du problème.* (15-12-65)

A mentalidade comum espontaneamente fabrica ontologias que recorrem à obscuridade dos meios em que se formulam e até à sua pouca sistematicidade para, por meio da imprecisão e da falta de clareza, se porem ao abrigo da crítica. Devido à sua complacência para com ambigüidades e maior facilidade para indiscernir contradições e paradoxos, a falta de formalização da linguagem e em especial a coloquialidade são um prato cheio para a denegação da falta. Nessa medida, servem ao interesse do sujeito em ignorar as condições de sua sobrevivência, pleiteando uma substancialidade que se desconhece efeito discursivo.

Muitas vezes o preço a pagar é alto. Desconhecendo-se que a coisa é dito, o sujeito pode ser vitimado por um "maldizer", sem encontrar a saída de dar o dito por não dito, redizendo-se.

---

348 O que se apresenta é mais uma aposta do que a constatação de um fato.
Lacan, a partir do seu campo, incumbe a lógica de tarefas que, pelo menos formuladas desta forma, passam ao largo do que os matemáticos imaginam sobre o seu labor. Pelo contrário, quando se detêm para refletir sobre o que fazem, não é incomum que, sem conseguir pôr-se de acordo, busquem o estatuto ontológico dos entes matemáticos. Talvez o pensamento lacaniano traga contribuições que permitam alterar o **status quo** nesse campo.

A cura é possível, pois, subjacente às coisas perdidas, o que se perde é o sujeito. Já que a coisa que se alcança nada mais é do que o tempo lógico em que **eu** se faz perdido, a sua falta é a possibilidade de o encontrar no instante da sua perda.

A falta significante, o sentido em falta — ou seja, o sujeito —, é tudo o que se alcança de indicativo da significância em falta que, como falta da falta, desejo "apagado" e simbólico "desligado", é da ordem do real. Mas, desde que o ser é feito pelo verbo, o "objeto" em falta é inespecífico e se este for a falta nem por isso ela se anula. Só por isso a única fimbria de real que se tangencia é de "natureza" subjetiva.

Note-se que, embora o real parcial e indiretamente alcançável seja o sujeito — enquanto impossível praticamente discernível —, com isso está-se longe de pretender que o real se reduza ao **eu**. Supô-lo, mais uma arrogância epistêmica, seria limitar o indizível à enunciação e, muito subrepticiamente, equivaleria a "recuperar" a psicanálise para aquém da sua irredutibilidade. Por isso mesmo, por meio desta demarcação — fundamental, a fim de preservar o tom prático destas teses —, jamais se pretenda pavimentar uma trilha que, independentemente da desideração subjetivante, permita ou assegurar que todo o vazio é falta, ou especular sobre um vazio que não seja ou esteja em falta.

Quem o contrário pense, não obstante presuma apoiar-se em Lacan, apenas confunde o vazio com a falta:

> *Le manque du manque fait le réel, qui ne sort que là, bouchon. Ce bouchon que supporte le terme de l'impossible, dont le peu que nous savons en matière de réel, montre l'antinomie à toute vraisemblance.* (PRÉFACE À L'ÉDITION ANGLAISE DU SÉMINAIRE XI, Ornicar 12/13, p.126)

É precisamente a noção de falta que, ao contrário do vazio como nada, preserva a suficiente ambigüidade para que se a interprete como a ação de estar em falta. Há pois um recobrimento entre a (também) ética noção de falta e a negativamente epistêmica de impossível: o que se situa no lugar da inviável obturação da falta, a falta da falta, é precisamente a "categoria" (logicamente demarcável) do impossível.

Desta, desde que haja como parcialmente equivalê-la à possível enunciação de um <u>não</u>, depreende-se a possibilidade de deslindar a direção do real:

> *... ce n'est qu'à partir du pas possible que le réel prend place.*
>
> *Ce que le sujet cherche, c'est ce réel en tant que justement pas possible; c'est l'exception et ce réel existe bien sûr. Ce que l'on peut dire, c'est qu'il n'y a justement que du pas possible à l'origine de toute énonciation.* (7-3-62)

É pela falta — interpretada como recusa do Outro, interdição — que se corporifica e simboliza uma negação que faz o sujeito desejante. Graças à lógica e por meio da ética, o passível de assentir-se como real descobre-se ser a interdição que delimita o sujeito em composição com o possível, de molde a artificiosamente o conjunto possibilitar o tratamento do "não possível".

O sujeito enuncia-se real, não na absurda qualidade de "habitante" do impossível, mas como negativo do possível:

> *Seul le sujet peut être ce réel négativé d'un possible qui n'est pas réel.* (28-2-62)

No limite da linguagem, pode evocar-se o que a ultrapassa, não como uma impossível transcendência extra-significante, mas tão somente como o seu negativo.

A tese não é nem científica nem metafísica, mas antes tributária da inclassificável novidade psicanalítica.

Novidade tão original por ser a criadora do

> *... dispositif dont le réel touche au réel, soit ce que j'ai articulé comme le discours analytique.* (...OU PIRE, Scilicet 5, p.6)

O discurso psicanalítico é um dispositivo pelo qual "o real toca ao real". Apenas a psicanálise está "aparelhada" para devidamente tratar do sujeito e, por tabela, para equacionar o impossível, o limite do dictivamente factível. É um procedimento, único na experiência humana, de abertura para o real.

Trata-se de uma prática que se delineia de maneira a que o irredutível impossível seja tratado enquanto tal, havendo por isso que averiguar por que medidas a mesma dá ouvidos ao pensamento impensado.

Note-se com precisão a fresta por onde o psicanalista trabalha: apesar da equivalência, para todos os efeitos, entre impossível e real[349], a prática por meio da qual tal verdade se desvenda constitui-se em disciplina cujo rigor no método que lhe é intrínseco a torna única, que não a fantasiar a dicção do verdadeiramente real, a ser capaz de decifrar fantasias.

A sua arte é descobrir sob a aparência do inefável a boca que enfeixa a voz que se literaliza em coisas. Dar ouvidos à fala, menos na perspectiva do seu conteúdo significativo, que na da falta que a faz dicente.

Nada mais se visa nesta Parte. Deve ser entendida como averiguação do que especificamente habilita a prática psicanalítica a dirigir a atenção para o incapturável campo da enunciação.

Efetivamente, como falta da falta, indicibilidade, o real nunca é dito. Se, paradoxalmente, algo do mesmo se deduz, é porque falta a falta, comprometendo-se a simbolização mas reiterando-se o sujeito.

A maneira mais canhestra de escamotear uma falta é imaginando-a em falta. No caso, isso seria presumir excluir o sujeito. Mas a falta marca inequivocamente o sujeito e, exatamente por do impossível apenas se o deduzir, ilude-se quem cogite que subtrair a falta da falta não a reproduza.

Tal procedimento apenas o repõe em falta, já que a falta da falta — ao contrário do que, apressadamente, se poderia crer — não significa alguma forma de plenitude:

> *Ainsi dit-on par exemple: le réel est toujours plein. Ça fait de l'effet, ça sonne avec un petit air d'ici qui donne crédit à la chose, celui d'un lacanisme de bon aloi. Qui peut parler comme ça du réel? Moi.*
>
> *L'ennui pour moi, c'est que je n'ai jamais dit ça. Le réel fourmille de creux et on peut même y faire le vide. Ce que je dis, c'est qu'il lui manque rien, ce qui est tout différent.* (20-3-63)

Pensar o real como pleno é imaginá-lo sob medida para atender o desejo. A idéia de plenitude reporta-se a um universo semântico imaginado sob medida para preencher a falta e portanto não é bem vinda como caracterização do real.

O esclarecimento é fundamental para confirmar a correção da direção que se persegue. Se o real fosse pleno haveria que se o cogitar na perspectiva de uma ontologia impossível. Mas considerações substancializantes, mesmo que incognoscíveis, de modo algum lhe convêm.

Em suma, em hipótese alguma a falta em falta permite aceder a algo além da reposição do ser em falta, o que sela o destino de qualquer tentativa de "ontologia psicanalítica".

A partir do inconsciente, embora se as descubra implícitas e em abundância até nas produções das mentes humanas aparentemente mais fúteis ou pouco brilhantes, mesmo as ontologias técnica e competentemente elucidadas são insuficientes.

Com a psicanálise, levando a sério o ser inconsciente — ou seja, desistindo de tentar conhecer e de fundamentar o sujeito —, longe de imagens coisificantes ou abstrações "metafisicizantes" e à revelia do destas correlativo desespero que o afiance impensável e até irreal[350], finalmente a humanidade inventa e pratica a maneira conveniente de abordar o **eu**.

---

349 Este termo como que, provocativamente, a ironizar a inaptidão humana para a completude semântica e substancial que, na sua acepção (mais) vulgar, denegativamente se lhe associam.

350 É certo que talvez o **eu** inexista, mas isso não se resolve ignorando-o, como se se tratasse de um falso problema. Pois é das tentativas de resposta a essa insolúvel questão que, muito para aquém de qualquer polêmica meramente especulativa, se encontra um destino.

O que a análise lhe oferece é a possibilidade de um tratamento pelo qual inexoravelmente terá que descobrir nas coisas a si como faltante.

O remédio não deixa de ser amargo e, como a condição tratada não é privilégio dos pacientes, a resistência desencadeia-se em primeiro lugar e com mais força nas hostes psicanalíticas — ou seja, em quem se quis posto mais perto da verdade. Exatamente por isso, a noção de real — derivada do rigor no equacionamento do que redunda da desilusão quanto ao haver substância, posto que esta sempre "se esvai" em significantes —, tem extrema importância no quadro das preocupações e dos resultados do empreendimento lacaniano. É bem por necessidade de formação que convém preservar a interdição da substância e a impossibilidade do conhecimento, assinalando-as pelo termo mesmo que a princípio significaria o contrário.

Psicanaliticamente, não há condições de dar crédito a alguma crença segundo a qual o significante teria de encontrar o real como um meio prévio no qual se estabeleceria o sujeito; ou que, na falta dele, o descabidamente suposto descalabro da condição humana se resuma ao desespero.

Como o perdido é nada, não há razão para o desencadeamento de nostalgias quanto à substância, e muito menos espaço para patéticas ânsias de absoluto ou sequer para dúvidas quanto ao haver-se existente. Qualquer tipo de niilismo é uma figura da oposição do pleno ao vazio, solidária da crença na consistência do simbólico. Quem persista nesses personagens — ou noutros assemelhados, unânimes na convicção da densidade dos seus tipos — encontra benefício em prosseguir uma análise.

Em conformidade, a missão desta Quinta Parte é melhor explicitar a insuficiência da ontologia propriamente dita para dar conta do sujeito e real. A tarefa que se impõe consiste em examinar como, adentro de um campo ético psicanaliticamente "ontologizado", se levantam subsídios para refletir a sua invenção.

I

SUJEITO E IMPOSSÍVEL

Le réel, dirai-je, c'est le mystère du corps parlant...

LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, 118

54. TEMPO E REAL

Dicência inexoravelmente fracassada, dicção que não se cumpre segundo o intencionado, o ato enunciante nunca se reflete completamente no dito enunciado.

Do ponto de vista da consciência, relativamente à intencionalidade, o ato é verdadeiramente falho.

Longe de catastrófico, este fiasco é imprescindível à manutenção do dizer: em virtude da impossibilidade de suprimir a falta, o desejo não pode ser suprido mas antes é posto e reposto em atos movidos pelo insucesso relativamente ao que se mira.

Este desaire é o sucesso da vida. É na contraparte do perdido pelo sentido feito, indiretamente "informado" pela simbolização, que o real pode, sem se dizer, assinalar-se sujeito. O dicente escapa de ser dito e devido a essa impossibilidade sempre intenta redizer-se, por uma tentativa de encontro consigo fracassada, que exatamente por ser perda é bem sucedida.

Como a meta é inatingível, repõe-se o **eu** desejante e reitera-se a dicência, o que leva a adendar mais uma "impropriedade" à lista das anteriormente mencionadas: o real assinala-se como repetibilidade.

Traço notório do real lacaniano, a repetição acontece como índice significante do patamar impossível de expressar na linguagem. Revela um fracasso da simbolização, uma falta da falta, e é nesta medida que indicia o real.

É importante ponderar desde logo que a repetição é por excelência um lugar-tenente do real no simbólico: repete-se o que foi mal dito, reitera-se o incompletamente significado. E como ocorre onde e quando as palavras faltam, uma primeira questão se impõe: já que, relativamente ao desejo de real, o simbólico é mal sucedido, porventura melhores resultados se obtêm na hipótese da palavra estar comprometida por haver sido "mal dita"? No limite, seria o descumprimento da lei uma alternativa para alcançar o real?

A indagação revela-se um tanto simplista mas tem a sua importância. Como cada sucesso da linguagem testemunha a impossibilidade do simbólico para espelhar o real, em que medida o seu fracasso, na forma da repetição, permitiria aceder a ele? De fato, na medida em que o impossível se assinala negativamente pelos limites do simbólico — o que facilita esperanças equivocadas quanto à possibilidade de uma apreensão direta do real, na hipótese de se conseguir eliminar a linguagem —, a questão tem a sua razão de ser. Porém, pressupõe que se omita que aquele limite é constitutivo do que adentro da significância valha por impossível, não tendo cabimento cogitá-lo como um prévio campo natural, qual paraíso perdido pelo pecado da dicção.

Ainda assim, como tudo o que se possa refletir a respeito do registro depende do seu indiciamento pela simbolização, é fato que a repetição, mesmo não autorizando o cultivo de falsas esperanças quanto à possibilidade de ampliar e tornar mais nítido o que se veja furtivo ao dizer, vai cumprir um importante papel na especificação do que a certo tempo se registre real.

Não há como evitar proceder ao exame da noção e, para tanto, um possível ponto de partida é levar em conta que, como o significante é sempre diferente de si mesmo, a mesmidade não pode dele advir.

Por a identidade se excluir do significante, o que por sem sentido nem orientação dele se exclua, "o mesmo", embora com ele capturado e de certa negativa forma nele articulado, apenas se assinala como repetição. Esta é pois uma situação de compromisso entre o perene diferenciar-se[351] e o "mesmificar-se":

... même à répéter le même, le même d'être répété s'incrit comme distinct. (16-5-62)

---

351 Diferenciar-se que pode reduzir-se à localização do significante, ou seja, à letra. Vide terceiro capítulo da Terceira Parte, subcapítulo 36: DIFERENÇA E LITERALIDADE.

Afinal, até porque intrinsecamente o significante se caracteriza pela diferença, o encontro com a real mesmidade[352] é um falho encontro. Até por isso, é a repetição que indicia no universo — ou melhor, no significante — o que é da ordem do real.

Seria pois inglório empenhar-se em elucidar a problemática do real, omitindo o enfrentamento da temática da repetibilidade.

Além do mais esta é bem um exemplo da repetição de uma temática na obra lacaniana. O pensador a reflete desde os primeiros balbucios, ainda psiquiátricos, do que viria a ser o seu pensamento psicanalítico, até à sua plena maturidade. E portanto, para bem cumprir a tarefa atual, é importante reatar idéias anteriormente já introduzidas:

Considerações sobre ciclos de comportamento, em vez da interceptação direta da ação subjetiva[353], jamais poderão descobrir no caráter a verdade do hábito. Por clivarem o sujeito em objeto de uma ciência[354], nunca permitirão discernir no caráter, em vez do signo de uma inexistente entidade objetiva[355], a mera atividade subjetiva.

Torna-se por isso imperioso repensar o que psicologicamente se compreendera como automatismo de repetição e psicanaliticamente se verifica ser a insistência do real — alocado por via da persistência significante —, de molde a poder, como "ausência subjetiva", nele encontrar o inconsciente[356]. E para tanto há que reconhecer que o que no significante limite da significância se exclui da espacialidade, o real inobjetivável e como tal irrepresentável, apenas é sondável na medida em que invade a experiência humana como repetição.

Portanto, a justa (e precisa) perspectiva para a sua consideração — não decodificada imaginária e ou simbolicamente — restringe-se ao testemunho de uma sua incidência temporal que seja atual.

Bem entendido, o real não remete a qualquer temporalidade mas sim a um tempo a caracterizar como desvinculado de qualquer recurso suscetível de evocar sentido, mudança, transformação. Que portanto não é o tempo histórico, nem o cronológico.

Tempo nem passado nem futuro, pois admitida uma sucessividade discriminativa de um antes e um depois, a temporalidade inclui-se fora do real. Um tempo ao qual, demarcativamente, paradoxalmente bem assenta a especificação de atemporal.

Reduzida a repetibilidade a uma questão de estrutura, este tempo — o tempo real, "re-presentação" do mesmo — outra coisa não é que o tempo da repetição.

A atemporalidade encarna-se na repetição porque Lacan aborda a temporalidade real advertido pelas suas considerações a propósito de estrutura, significante, espaço, ação e, principalmente, sujeito. Caso contrário, iludir-se-ia imaginando o último — representado e criado na e pela cadeia significante — como sobrepairante sobre a literalidade.

Na esfera temporal o pairar significa-se como antecipação, o que é inadmissível: não há sujeito anterior à ordem da palavra, nem sequer uma permanência que o antecipe num (imaginado) passo futuro, mesmo que na forma simétrica, ingênua, da crença em um tempo (passado) que tenha vindo antes do presente. Pois se veio antes, e o momento é agora, estar-se-ia autorizado a especular e a imaginar que, quando o passado foi presente, o presente atual teria sido um futuro real.

Ora, no real não há história. Só há uma insistência que, como tempo, se repete.

Uma introdução cabível a esta questão é abordá-la via o ressituamento das fantasias de futuro como conteúdos imaginários atualmente presentes. Ou seja, tratá-la pelo viés da finitude; a qual, enquanto morte, em psicanálise é mais exatamente refletida pela problemática do instinto de morte:

---

352 Esta também é mais uma "impropriedade".

353 O ato.

354 A psicologia.

355 O Lacan epistemólogo e psicólogo associa o caráter à objetivação científica do sujeito, a personalidade. Vide Primeira Parte, segundo capítulo, subcapítulo 16.

356 Pois uma "coisa" que sempre se repete é o efeito da não coincidência do que se quer com o querer. Sob pena de, por plenamente objetivado, **eu** "desrealizar-se", relativamente ao sujeito o simbólico sempre fracassa.

> ... *l'instinct de mort exprime essentiellement la limite de la fonction historique du sujet.* (FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE — ÉCRITS, p.318)

Limite, enquanto tal, impostergável em qualquer futuro, mesmo o associado à falência das funções vitais.

A aparentemente enigmática citação apenas abre o que se precisa esclarecer quanto à repetição enquanto forma essencial da temporalidade inconsciente. Como "instinto", a morte anuncia-se a cada instante:

> *En effet cette limite est à chaque instant présente en ce que cette histoire a d'achevée.* (FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE — ÉCRITS, p.318)

É com esta temática, a da morte — melhor dizendo, do instinto de morte —, que Lacan meticulosamente discrimina outras acepções da temporalidade da concepção de tempo real:

> *Elle représente le passé sous sa forme réelle, c'est-à-dire non pas le passé physique dont l'existence est abolie, ni le passé épique tel qu'il s'est parfait dans l'oeuvre de mémoire, ni le passé historique où l'homme trouve le garant de son avenir, mais le passé qui se manifeste renversé dans la répétition.* (FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE — ÉCRITS, p.318)

Como ponto de consumação, a cada instante, da função histórica do sujeito, a morte pura e simplesmente representa o passado real. Portanto, pelo registro do real, o que imaginária e simbolicamente seria antigo apresenta-se como repetição. O tempo afigura-se como a transposição do passado no presente.

É enquanto persistente esforço, fracassado, de elaboração de algo que se furta à significação, que é admissível, por associação com a cronologia, sustentar a repetição como atemporalidade. Não como a fixidez de um momento, impensável por não se dispor nem de anterioridade nem de posteridade, mas como insistente retorno do mesmo.

Tudo se passa como se a função constituinte e reconstituinte da ação subjetiva perenemente visse sua capacidade transmutadora soçobrar ao investir sobre um determinado ponto — um ponto limite, "mal acabado", de alguma história — e, revirada, de cada vez reencontrasse uma perspectiva da coisa que se repete. E esta, ao repetir-se fracassadamente — do que é sintomática a pluralidade ou deslocamento objetais —, faz-se repetir em perda e portanto faz a perda repetir-se.

Constata-se que a fixidez é tão especificamente espacial quão temporal: topologicamente assentido, o sujeito, por um fracasso da operação de sentido em que se o constitui e ao mundo, não se desloca ou desloca-se mal. O que de imediato permite desconsiderar e denunciar como "superestrutural" a linearidade temporal, superfície achatada em que se regulam os processos sociais e se organizam as percepções; bem como obriga a uma análise mais fina da temporalidade, inclusiva do inconsciente, na direção da meta que Lacan se impõe de refazer a estética transcendental[357].

Entre as concepções rejeitadas de temporalidade, em primeiro lugar Lacan refere a cronologia[358]. Quanto a esta, sequer talvez convenha falar de tempo. Abolido o passado e "por-vir" o futuro, o presente, isolado, não faz sentido. Portanto, o destino não se faz sentido. Além de que certamente, a ser verdade que o neurótico não sofre de fatos[359], mas de reminiscências, em psicanálise nunca é isso que está em pauta.

---

357 Obrigação de que, ainda que sem sistematicamente a cumprir, proporciona preciosas indicações. Os detalhes escapam ao âmbito deste trabalho, mas não o essencial: o fato de se impor em função da meditação sobre a subjetividade promovida pela psicanálise.

358 ... *le passé physique dont l'existence est aboli.*

359 Estes só poderiam se perpetuar causadores de dor num quadro de absoluta atemporalidade, cujo pressentimento pré-conceitual não escapou à atenção humana, ao modo imaginário das condenações eternas.

Também descarta a concepção da temporalidade como memória[360], a qual se sabe ser um laboratório de persistentes retoques do verdadeiro, segundo critérios de recriação a serviço do bem-estar narcísico do sujeito.

Identicamente não lhe serve o tempo entendido como passado histórico[361], esse peculiar tipo de projeção no passado das frustrações presentes — de maneira suficientemente enviesada para "assegurar", dada a "descoberta" de certas "leis", a fantasia de destino pela qual a insatisfação do presente seria redimida.

Excluída a cronologia do âmbito da temporalidade — pelo menos na medida em que esta de algum modo implique a subjetividade —, restringindo-a aos ciclos de reações naturais úteis à conceituação das ciências naturais e à reificação do humano nas condições de exploração do trabalho, permite-se reservar a qualificação de real para a temporalidade como repetição.

A esse respeito resta a tarefa, que ora se cumpre, de na perspectiva da temporalidade elucidar o registro em que com o adjetivo se a classifica, esclarecendo-o como repetição.

Afirmação cujo alcance só pode ser avaliado a ponderar-se-a pela explicitação do registro nos aspectos fundamentais à tarefa intentada na investigação:

> *Les premiers linéaments de la science montrent le réel pour l'oeil humain comme ce qui revenait toujours dans le ciel à la même place: les étoiles dites fixes...* (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES, Scilicet 6/7, p.55)

A tese de ser o real o que se repete perpetua-se ao longo do seu pensamento, com maior veemência e mais explicitamente pelo menos desde o segundo ano do seminário. De modo algum ela é substituída pela posterior vinculação do registro ao (logicamente) impossível, pois a repetição, como ato, por falho, é o avesso do impossível.

É precisamente este fator, sempre importante, do papel da linguagem, que abre uma boa brecha para o aprofundamento da análise na direção do impasse entre o dizer e o indizível; e que permite discernir um equívoco em que mesmo Lacan, durante certo período, haveria incorrido. A propósito da expressão "*passé qui se manifeste renversé dans la répétition*", informa em nota de rodapé que

> *Ces quatre mots où s'inscrit notre dernière formulation de la répétition (1966)*[362] *sont substitués à un recours impropre à l'<<éternel retour>>, qui était tout ce que nous pouvions faire entendre alors*[363]. (FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE — ÉCRITS, p.318)

De fato, não parece crível que a utilização da idéia com a qual Nietzsche remata intenções contrárias à transcendência possa prestar-se ao equacionamento dos processos que movem o além (do princípio de prazer) — isto é, possa esclarecer o funcionamento do significante como transcendência.

Numa atitude incomum, Lacan tem a bondade de explicitar sua fonte, rendendo homenagem ao pensador que subsidia os meios de fazer ouvir algo menos impróprio a seus fins do que o discurso da vontade de potência, denegativo da impotência.

É bem verdade que o destaque concedido a Kierkegaard talvez não seja alheio ao imenso interesse que Heidegger lhe inspira. Mas o fato é que a menção explícita não é feita ao contemporâneo[364].

---

360 ... *le passé épique tel qu'il s'est parfait dans l'oeuvre de mémoire.*
361 ... *le passé historique où l'homme trouve le garant de son avenir.*
362 Data de publicação dos ÉCRITS.
363 Em 1953, a data do pronunciamento do qual resultou este escrito.
364 Cujo ostensivo desinteresse pela psicanálise não o deixa indiferente: ... *la place de l'inter-dit, qu'est l'intradit d'un entre-deux-sujets, est celle même où se divise la transparence du sujet classique pour passer aux effets de* ***fading*** *qui spécifient le sujet freudien de son occultation par un signifiant toujours plus pur: que ces effets nous mènent sur les confins où lapsus et mot d'esprit en leur collusion se confondent, ou même là où l'élision est tellement la plus allusive à rabattre en*

Despretensiosamente — mesmo incorrendo no perigo de, em função de tão específica meta, injustiçar com um tratamento ligeiro a obra do dinamarquês — e longe de presumir oferecer tratamento condigno à categoria kierkegaardiana usualmente traduzida por repetição, aqui se aventura uma tentativa de, por meio dela, em alguma medida desobscurecer tão importante conceito do pensamento lacaniano. Para tanto, recorre-se ao ensaio cujo título remete diretamente a uma, segundo o filósofo nórdico, muito importante e nova categoria[365].

"Repetição" é a palavra pela qual a categoria e o ensaio mais comum e tradicionalmente são traduzidos, e certamente é desta forma que Lacan os teve ao seu dispor. Além de literalmente coincidir com a designação do conceito empregue por Freud, é mais facilmente suscetível — se não no plano rigoroso dos conceitos, no das coincidências terminológicas — de aproximação com o que se nomeia como automatismo de repetição. Porém, mais recentemente, foi sugerida a sua tradução em francês pelo termo **reprise**, que literalmente equivale a "retomada". Nelly Viallaneix, à guisa de aviso, justifica-o nas páginas 56 e 57 da sua versão[366]:

> *Le terme* ***Gjentagelse*** *est formé du préfixe* ***gjen****, <<de nouveau>>, et d'un substantif forgé sur le verbe* ***at tage****, <<prendre>>, substantif qui insiste par conséquent sur l'action ainsi désignée. Le sens littéral est donc bien* ***re-prise****.*

De qualquer modo, mesmo a convir-se na preferibilidade do termo "retomada", nada da análise subseqüente se altera. No máximo, o "deslize" entre conceitos de repetição diferentes em autores diferentes teria de ser mais bem refletido por Lacan, caso contasse com a tradução mais literal.

Ainda assim, é aceitável crer que, mesmo em psicanálise, o que se conceitua como repetição, em verdade, rigorosamente é retomada; termo que comporta uma nuance implícita de fracasso, assaz conveniente à explicitação do que se visa.

Retomar é tentar de novo. Também é tentar pegar o que foi largado ou se perdeu, enquanto repetir não necessariamente evoca uma perda ou falha, podendo meramente indicar uma adição. Nesta acepção não assenta bem ao que, como a tradutora francesa bem admite nas suas considerações introdutórias, se resume neste conceito. A saber,

> *... une catégorie paradoxale, puisqu'elle unit en elle le* ***même*** *et l'****autre****. Il s'agit de retrouver le premier dans le second...* (p.17)

Mesmo não se desconhecendo que a temática é desenvolvida em outras obras, avalia-se que, para o modesto fim almejado — o cotejamento das definições kierkegaardianas com as razões de Lacan —, as subseqüentes pinceladas extraídas do ensaio supramencionado são o suficiente.

Antes de Lacan, Kierkegaard demarca o tempo real do tempo memória:

> *... a nova filosofia ensinará que a vida inteira é uma retomada. ... o que se lembra é algo que foi: é uma retomada para trás; então a retomada propriamente dita é uma lembrança para diante. Por isso a retomada, se é possível, deixa o homem feliz, enquanto que a lembrança o deixa infeliz...* (KIERKEGAARD. LA REPRISE, p.65/6)

---

son gîte la présence, qu'on s'étonne que la chasse au ***Dasein*** *n'en ait pas plus fait son profit.* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR – ÉCRITS, p.800/1)

365 *A retomada é a nova categoria que deve ser descoberta.* (KIERKEGAARD. LA REPRISE, p.87)

366 Cuja leitura substituiu o contacto direto com o original dinamarquês. As soluções desta tradução francesa, que tem a qualidade de se presumir bastante literal, foram cotejadas com a versão espanhola de Demetrio Gutiérrez Rivero. Por sua vez, a sua transposição para o português pretende-se fiel ao que se pôde inferir do original, mas despretensiosa. Ainda que o resultado, na medida do possível, se deseje pouco ofensivo do tratamento que um texto filosófico e literário tão magnífico merece receber, recorde-se que problemas de tradução, e ainda menos os relativos a Kierkegaard, não são questões pertinentes a esta investigação.

Por quê? O filósofo esclarece-o em metáforas que remetem a uma esfera, a amorosa, de modo algum própria a deixar um psicanalista indiferente:

> *Na verdade, o amor segundo a retomada é o único feliz. Como o amor segundo a lembrança, ele não tem nem a inquietude da esperança nem a angústia da aventura e da descoberta; tampouco tem a doce melancolia da lembrança, mas tem a bem-aventurada segurança do instante.*
> (KIERKEGAARD. LA REPRISE, p.66)

O amor segundo a repetição, onde convencionalmente cogitar-se-ia encontrar o tédio, é ressaltado como o único ditoso.

Não basta porém afiançá-lo. É necessário explanar o que nessa direção o sustém ímpar e, para tal efeito, Kierkegaard não se poupa imagens.

Apela, por exemplo, ao repertório da vivência amorosa:

> *A esperança é uma encantadora jovem que vos escorrega por entre as mãos. A lembrança é uma bela senhora idosa, que no presente não mais vos concede os seus favores. A retomada é uma esposa amada, da qual nunca se sente fastio, pois só o novo é cansativo. O antigo nunca enfada e, em sua presença, é-se feliz.* (KIERKEGAARD. LA REPRISE, p.66)

Vale a pena saborear o estilo do filósofo, atentando ao movimento de subtrair definições das impressões[367], na forma do recurso estético a palavras que se dirigem à percepção. A efusividade imaginativa transborda em "ilustrações" dirigidas ao gosto:

> *Pois a esperança é um fruto atrativo que não sacia; a lembrança é um miserável viático, que não sacia; mas a retomada é o pão cotidiano, uma bênção que sacia.* (KIERKEGAARD. LA REPRISE, p.67)

Exemplar em enriquecer a aproximação do que psicanaliticamente remete ao real, evitando o recurso desviacionista a significações definitórias, um pouco antes o filósofo abordara a temática pela memória sensorial. Evocando-a, por assim dizer, em "imagens táteis":

> *A esperança é uma vistosa roupa nova, bem passada mas tesa e muito justa, que, como nunca foi usada, não se sabe como vestirá ou se cairá bem. A lembrança é uma roupa refugada: por bela que ainda seja, não serve mais, porque se cresceu e ficou muito pequena. A retomada é uma roupa que nunca se gasta, amolecida e adaptada ao corpo, que nem aperta nem fica larga.* (KIERKEGAARD. LA REPRISE, p.66)

Ainda que de imediato soe estranho, em função de gritantes correlações não parece descabido relacionar estas metáforas com a reflexão lacaniana sobre o tempo[368]. Especialmente se se levar em conta que, a pelo significante tratar-se do real como insubstancial, nada e menos ainda a temporalidade poderia alhear-se do desejo.

Mas além disso, a par das metáforas eróticas, Kierkegaard adenda à sua argumentação explícitas reflexões sobre o vínculo da repetição com a transcendência. Vínculo com o Outro, constituinte e constitutivo de **eu**, por um habitual agir (significante e do significante) que o situa "habitante" da palavra:

> *Suponha-se que o próprio Deus não tenha querido a retomada: o mundo nunca teria existido. Ou bem Deus teria seguido os planos fáceis da esperança, ou bem teria evocado tudo na sua memória, para o guardar na lembrança. Mas não o fez. O mundo subsiste pois e continua a subsistir porque é uma retomada. A retomada é a realidade, o sério da existência* (KIERKEGAARD. LA REPRISE, p.67)

---

367 Movimento, em se tratando do real, mais do que útil: praticamente necessário.

368 Respectivamente, a repetição com o tempo real, a recordação com o tempo memória, e a esperança – em que se embasa o porvir – com o tempo histórico.

Percebe-se no que a repetição é singular em relação à esperança ou à recordação. Só ela eleva a ato, continuado por repetido, a verdade do querer realizando o ser sujeito. Só ela a um tempo é conservação e recriação. Só ela confere densidade à vida.

Ora, esta é explicitamente entendida por Lacan como real:

> *En quoi est-ce que j'ai écrit au niveau du cercle du réel le mot "vie"? C'est qu'incontestablement de la vie, après ce terme vague qui consiste à énoncer le jouir de la vie, de la vie nous ne savons rien d'autre et tout ce à quoi nous induit la science, c'est de voir qu'il n'y a rien de plus réel, ce qui veut dire rien de plus impossible, que d'imaginer comment a pu faire son départ cette construction chimique qui, d'éléments répartis dans quoi que ce soit et de quelque façon que nous voullons le qualifier par les lois de la science, se serait mis tout d'un coup à construire une molécule d'ADN...* (LA TROISIÈME — PETITS ÉCRITS ET CONFÉRENCES, p.505)

A ocasião presta-se a um parênteses preventivo do engano que seria filiar a psicanálise a algum "vitalismo". Não se tente encontrar no termo vida nada além do que psicanaliticamente lhe é próprio:

> *La vie dans le corps ne subsiste que du principe du plaisir. Mais le principe du plaisir chez les êtres qui parlent est soumis à l'inconscient, c'est-à-dire au langage. En fin de compte, le langage reste ambigu: il supplée à l'absence de rapport sexuel et de ce fait masque la mort, encore qu'il soit capable de l'exprimer comme une espèce de désir profond.* (IMPROVISATION: DÉSIR DE MORT, RÊVE ET RÉVEIL, L'Âne 3, p.3)

Vida e morte, real e simbólico, são modos de significar o limite em que falta a significação de si que mobiliza o pensamento inconsciente, movimentando o sujeito com a atividade significante. No fundo, trata-se de "fazer-se" o sujeito[369], pois é a falta que, motor do desejo, mantém o discurso em que **eu** se faz como sujeito do sentido do desejo que, interpelando o Outro, interpreta a falta.

Dada a falta — primordial, por imanente ao simbólico —, a ação — falha, por significante — deve traduzir-se não em história nem em memória, mas como história agora revivida: comemoração vivida como repetição.

A repetição, contra a memória, é ato de recriação. O que se repete acontece agora, não rememora um passado. É presente em ato, cuja novidade não consiste no surgimento do novo, mas no fato do passado repetir-se. Pela repetição recolhe-se o passado como presente, com o a mais, sutil, conferido pela retomada:

> *A dialética da retomada é singela: o que se re-toma, foi, pois do contrário não poderia ser re-tomado. Mas, exatamente, é o fato de ter sido que faz da **re-tomada** uma coisa nova. Quando os gregos diziam que todo o conhecimento era uma lembrança, diziam que a totalidade da existência inteira que agora existe, já existiu antes. Quando se diz que a vida é uma retomada, quer-se dizer que a existência antes existida vem à luz, de novo, agora.* (KIERKEGAARD. LA REPRISE, p.87/8)

Ao contrário de outras formas de temporalidade, a repetição faz o sujeito ser na primeira pessoa. Faz o sujeito ser no agora da vivência, em ato.

Sem o retorno de **eu** sobre **si**, não como memória, mas como revivência, não há como lidar com as questões do sujeito, eticamente equacionáveis. É a repetição, pela qual um sujeito se perfaz ser, que (por obra e graça do tempo) insere um tempo da transcendência que é condição imprescindível à renovação da ética em termos apropriados para a psicanálise.

Por isso afigura-se possível encontrar na categoria um presumível encaminhamento da problemática ética, pelo viés com que, psicanaliticamente, se a pode interseccionar com a temática do real.

O real especifica-se no limite da significação, por intermédio de nenhum além, e portanto, enquanto tal, não pode ser objeto de qualquer ressignificação. Quando sucede,

---

369 O que permite melhor apreciar a necessidade da lacaniana consideração do signo, segundo a qual pelo mesmo apenas ficticiamente se trata de objetivar coisas.

acontece como fim do deslocamento de sentido. Este, no plano do imaginário, é significação absoluta e, como tal, pura opacidade insignificável.

Esgotado o simbólico realizado — o sintoma —, restabelecida a fluidez discursiva, aponta-se a direção do limite do horizonte subjetivo que é o real do sujeito, e que atende à denominação de fantasia fundamental.

Fundamental, por temporalmente construída como matriz das fantasias, que são o **habitat** da subjetividade:

> *Le fantasme... prend ici valeur signifiante de l'entrée du sujet dans ce quelque chose qui va le mener à cette chaîne indéfinie des significations qui s'appelle le destin.* (12-12-62)

Na fantasia há o sujeito, de si dividido, que põe perdido um objeto que, enquanto sujeito faltante, ele é. Por isso, enquanto real, incapturável, o sujeito entrelaça-se indissociavelmente à fantasia.

Só se pode lidar com o real indiretamente, recolhendo-o onde está recolhido,

> *... ce rapport du sujet à l'objet du désir, en tant qu'il se situe comme supportant tout ce que nous pouvons articuler à quelque niveau que ce soit de l'expérience analytique, autrement dit comme cette structure que nous appelons le fantasme fondamental.* (6-6-62)

Ora, a repetição, tanto na experiência clínica quanto em Kierkegaard, é acontecimento do limite da (falta de) significação. Portanto, depõe a fantasia, e no limite, a fundamental.

Em Kierkegaard, a questão é refletida por meio do bíblico LIVRO DE JÓ:

> *Há pois uma retomada. Quando se produz? Certamente não é fácil dizê-lo em nenhum idioma humano, qualquer que ele seja. Quando se produziu para Jó? Quando todas as certezas e verossimilhanças humanas* ***pensáveis*** *tornaram-se impossíveis.* (KIERKEGAARD, LA REPRISE, p.157)

Eis que o filósofo situa com nitidez a problemática do que, em termos lacanianos, se poderia traduzir como a vinculação entre uma "atemporal" temporalidade e o real, tornando viável aproveitar este aspecto da sua reflexão para desenvolver o fundamental conceito psicanalítico de repetição.

Com a repetição reencontra-se a fimbria pela qual, escapando da imaginária significação, o sentido (de ser alguma coisa) se intransitiva, fazendo-se real.

A repetição traz o real para um contexto de indireta acessibilidade, refletindo não uma distinção ontológica, mas antes a limitação da significância. É pura e simplesmente a experiência de um impasse da metaforização; uma significação impossibilitada que, por empenhar a capacidade de simbolização no seu máximo limite, provê pela palavra a dimensão do que a transcende.

Se o verbo, o verdadeiramente Outro, constitui-se de certa forma na possibilidade humana de transcender o naturalmente simbólico, por sua vez a transcendência redobra-se em humana impossibilidade quando "se toca" essa possibilidade de finitude muito humana que se enfrenta nas fronteiras da simbolização.

Não é casual que Lacan encontre num pensamento disposto a ressaltar o valor do Verbo uma interlocução mais confortável do que o incômodo refúgio nos meandros ferozmente anti-transcendentalizantes da filosofia do eterno retorno. Mas escapa ao escopo deste trabalho aventar as razões particulares do psicanalista para tão vívida apreensão, que ressalta em vários escritos e em diversos volumes do seminário. De ponto de vista estritamente impessoal, a preferência lacaniana por referências cristãs deve entender-se como determinada pela similitude entre as regulações pulsionais e as leis vigentes nesse código religioso.

Ainda que, como categoria, em Kierkegaard a repetição mantenha-se envolta em cristianismo, explicitamente não é o componente religioso o que reflexivamente o aproxima do

filósofo dinamarquês. Por mais que descubra nas leis religiosas uma reprodução mitificada das leis da palavra e verifique a sua identidade com as do desejo, cumpre não as confundir, equivocando-se quanto ao real alcance da transcendência em psicanálise. A analogia é considerada apenas pelo ângulo do indiciamento de uma esfera de autonomia do símbolo e de suas regras em relação à coisa simbolizada, sem implicar na fé em um Enunciador garante da palavra ou em um Verbo Criador, a não ser como ficção lógica necessária à sustentação da cadeia significante com a congruência imprescindível a que se produza sentido e portanto **eu** subsista. À sua revelia, a isso se presta o pensamento kierkegaardiano e o psicanalista só poderia ficar grato pelo prévio encaminhamento da questão, extremamente pertinente para o seu empenho em equacionar a experiência do inconsciente.

Há uma óbvia e fundamental diferença entre os resultados kierkegaardianos e o produto psicanalítico. Segundo Kierkegaard,

> *... a retomada... é e permanece uma transcendência.* (KIERKEGAARD. LA REPRISE, p.130)

Mas estaria aqui o termo "transcendência" sendo empregue exatamente na modesta psicanalítica acepção, segundo a qual se o aplica ao significante, enquanto irredutível alteridade?

Em nota, a tradutora francesa adenda à sua versão um apontamento do filósofo que clarifica o sentido da tese:

> *Cf.* ***Pap****. 4, B, 117 (dossiê 2): a retomada é <<transcendente, um movimento religioso em virtude do absurdo; quando se alcança a fronteira do miraculoso a eternidade é a verdadeira retomada>>.* (KIERKEGAARD. LA REPRISE, p.202)

Ora, em hipótese alguma a partir da psicanálise se poderia autorizar quaisquer especulações sobre alguma positividade do transcendente. O que se faz, é "diagnosticá-las" como efeitos da falta, que em **si** também ao Outro faz faltante.

Ainda assim, mesmo sem incentivar (nem desestimular) esperanças quanto à transfiguração do absurdo em milagre, o termo é preciso para conceituar o que, se não está totalmente do lado do atemporal — pois acontece fazendo acontecer o sujeito vivo —, também não está inteiramente do lado de um presente não diluível em memória ou desconcentrável em esperança.

É fundamental repisar que, precisamente em função da natureza significante do ato e das coisas que pelo (ato de) pensar são mantidas, a transcendência que psicanaliticamente se descobre é negativa: é mera condição de afirmação do ser sujeito desejante, e não encontro (do) absoluto.

O ato significante produz o sujeito, nunca no registro de um ser objetivo, mas como carência em ser, que lhe é consubstancial. E o equilíbrio paradoxal entre ser em falta e falta em ser, em termos subjetivos traduzido como desejo e em objetivos como "a", deverá **a posteriori** poder se referir como efeito — melhor, feito — da palavra realizante do sujeito.

O que como falta "ativa" o sujeito, o "a", do prisma do conhecimento se configura impossível e no terreno ontológico apresenta-se sujeito "des-subjetivado". É assim porque no lugar ("a") em que a verdade do desejo se diz, como desejante o sujeito deve se fazer reconhecer falho de **si**.

A falta do sujeito é, por incrível que pareça, condição de ser do sujeito. Sua angustiante presença, aquém do que pelo significante o represente, significaria sua extinção absoluta.

Quer dizer, em psicanálise, no nível da experiência subjetiva, o real traduz-se como ser falho. Ser que se realiza por, em última instância, faltar.

55. ESPAÇO E REAL

Para devidamente se apreciar a contigüidade do labor do psicanalista com o pensamento kierkegaardiano, não há como postergar a consideração de um fator fundamental no corpo conceitual de Lacan: o corpo, tanto elucidando o próprio do corpo que diz, como enfocando o específico dizer do corpo.

Pois postas as coisas naqueles termos, como real e significante, há o risco de imputar ao lacanismo um abstracionismo formalizante, que resolva o palpitante da vida carnal e psíquica em cálculos lógicos e figuras topológicas. O analista o nega, declarando que apenas tenta pensar e descrever o imediato da matéria orgânica, o corpo vivo.

É inconveniente reduzir o ser falante a um mero formalismo, até porque este só se justifica contrapondo-se a alguma substância que possa preencher as formas. E que mais poderia diferenciar o humano de máquinas "formais", que não o corpo?

Cabe recordar como o psicanalista o pensa:

> *Ce qui permet justement à ce signifiant de s'incarner, ce qui le lui permet, c'est bien entendu ce que nous avons là pour nous présentifier les uns aux autres notre corps.* (9-1-63)

Como desejante, ser em falta, no movimento de vir a ser, para poder ser em falta, o sujeito "outrifica-se" como corpo.

Tese que, além de coerente com o pensamento em que brota, também é um fiel prolongamento da concepção de simbolismo previamente vigente em psicanálise — segundo a qual os símbolos, em última análise, remetem ao corpo:

> *En effet, ne se pense que le corps.* (LE SINTHOME, 10-2-76, Ornicar 8, p.10)

Porém, do corpo, o que se possui são imagens:

> *Les mots sont pris dans toutes les images corporelles qui captivent le sujet; ils peuvent engrosser l'hystérique, s'identifier à l'objet* ***penis-neid****, représenter le flot d'urine de l'ambition uréthrale, ou l'excrément retenu de la jouissance avaricieuse.* (FONCTION ET CHAMP DE LA PAROLE ET DU LANGAGE — ÉCRITS, p.301)

Não obstante o que se alcance do corpo sejam imagens, estas fazem-se sujeitas às distorções próprias ao meio. Inclusive às alterações que despertam para a presença de uma natureza outra que a da realidade imaginária, sempre modeladas pelo determinismo significante:

> *Le symbolique est ici ce qu'il nous faut penser comme le signifiant, le signifié étant un symptôme, comme tel distinct du corps, à savoir de l'imaginaire.* (L'INSU QUI SAIT DE L'UNE-BÉVUE S'AILE À MOURRE, 18-1-77, Ornicar 15, p.8)

Portanto, se imediatamente o corpo remete ao imaginário, mediatamente remete à natureza do simbólico. O que aliás se evidencia no fato da sua extensão:

> *Le corps lui-même est d'origine ce lieu de l'Autre en tant que c'est là que d'origine s'inscrit la marque en tant que signifiant.* (31-5-67)

Lugar do Outro e portanto sem dúvida espacial, o corpo não é um lugar qualquer: é a raiz do simbolismo, a matriz do universo significante. Por isso, ainda que importante, a recusa da sua redução à imediatidade imaginária não deve induzir à suposição de que se limite ao significante.

O corpo não é mera extensão, puro espaço asséptico oferecido à contemplação epistêmica. Só delirantemente se pode pretendê-lo nem vivo nem mortal, estudando-o como a uma máquina.

Na medida em que o sujeito é feito e efeito simbólico, o corpo é mais do que o lugar do universo significante a "ele" atinente. Pois o mesmo **eu** que, na paradoxal forma da exclusão, está incluído no campo do significante, também é um impasse da significância. Quer dizer, "intromete-se" no real.

Embora o significante inscreva-se letra — simbolicamente constituindo superfícies —, o lugar da inscrição — impensável, a não ser por ela — como que se destaca no corpo e, por isso, toda a análise deve ser concebida como operando no espaço corpóreo. Porém, como o espaço é construção simbólica[370], a corporificação significante extrapola a espacialidade como extensão:

> *... il n'est pas légitime de réduire le corps au sens propre de ce terme — à savoir ce que nous sommes, et rien d'autre, nous sommes des corps —, de réduire les dimensions du corps à celle de ce qu'au dernier terme de la réflexion philosophique Descartes a appelé l'étendue.* (5-1-66)

No que psicanaliticamente importa, o corpo é a posição limite entre o simbólico — como espacialidade e morte[371] — e o real — como vida e impossível (presença subjetiva). Como o que como causa do dicente se indicia do real é esta ausência, não há paradigma mais radical do real. E por isso,

> *... pour se donner une image de ce qu'il appelle le monde, l'homme le conçoit comme cette unité de pure forme que représente pour lui le corps.* (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES, Scilicet 6/7, p.54)

O que é coerente com o caráter secundário e imaginário da representação imediata da realidade circundante, a qual pela ação significante se faz existir única e exclusivamente em decorrência da produção discursiva, deixando o sujeito em dívida e na dependência de Outro:

> *La surface du corps, c'est de là que l'homme a pris l'idée d'une forme privilégiée. Et sa première appréhension du monde a été l'appréhension de son semblable.* (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES, Scilicet 6/7, p.54)

Por isso, mais no corpo do que na realidade circundante, o imaginário e o simbólico estruturalmente se avizinham de uma tangência com o real:

> *Le réel n'est pas le monde extérieur; c'est aussi bien l'anatomie, ça a affaire avec tout le corps.* (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMÉRICAINES, Scilicet 6/7, p.40)

É a (pouca) realidade da realidade que assim fica problematizada.

Quando se estudou o significante o problema foi tratado em nível estritamente formal: verificou-se a dependência do sujeito do traço unário, o qual, por contabilizar o menos (um) na diversidade do que falta, encontra a identidade como negatividade. Quer dizer, traço que é a reprodução da falta, produtora do sujeito.

O significante é apagamento de um traço e por isso é significante de uma falta e não símbolo de uma presença. Ou seja, sempre algo escapa de ser dito.

Mas agora já há condições de ir além da mera descrição formal da significância: como impossível significação, letra em falta, o que escapa de ser dito se "corporifica" na sexualidade[372]. Para explicá-lo e justificá-lo, Lacan convoca a exclusiva prevalência do falo como significante da cópula, lógica e biológica. O que possa ser, ter sentido e poder ser dito, é "castrado" de algo que o completaria.

---

370 Vide subcapítulo 23, bem como a totalidade do terceiro capítulo da Terceira Parte.
371 Morte entendida como perduração de um limite da significação do ser sujeito.
372 Vide subcapítulo 52.

As principais e interdependentes conseqüências deste quadro são duas: vinculando-se à falta ao verbo inerente, o ser se reduz ao sentido; e qualquer significação, além da coisa dita, sempre depõe do desejo.

Correlativamente, o "ser" "fora do verbo" reporta-se ao não fálico. O insignificável indica-se feminino, na medida em que este não se positiva significantemente.

Não há significante do Outro sexo, e a resultante é que a sexualidade é vivida no horizonte do sentido sem sentido. Portanto, humanamente vivido, o sexo nem é fato natural, nem é simbolizável.

Logo, como corpo, e sexuado, o espaço ultrapassa o limiar do simbólico para incluir-se no real. O corpo sexuado é o real do sujeito, onde este pode saber-se desejante e subjetivo, sem ser idéia ou imagem de si:

> *Un corps... c'est quelque chose qui tout de même doit s'y localiser par quelque chose d'étranger aux dimensions de l'espace...* (22-5-63)

Um corpo, por real, também deve localizar-se à revelia das dimensões do espaço.

Dimensões que nada mais são do que o espraiamento imaginário e simbólico do real corporal na ordem do ver,

> *... au niveau de l'oeil qui est aussi celui de l'espace, non pas de l'espace que nous interrogeons sous la forme d'une catégorie d'une esthétique transcendentale fixée, encore qu'assurément la référence à ce que Kant a apporté sur ce terrain nous soit très utile, à tout le moins très commode, mais dans ce que pour nous l'espace présente de caractéristique dans sa relation au désir.* (22-5-63)

O acesso ao mundo[373] não se encontra pelo estudo das leis objetivas da ótica, e sim pelas subjetivas do olhar[374].

Ora, o que no plano da função do objeto vale para o ser sujeito é válido para a objetalidade em geral, impensável concretamente a não ser relativamente a um ser desejante:

> *L'origine, la base, la structure de la fonction du désir comme telle est, dans un style, dans une forme chaque fois à préciser, cet objet centrale "a", en tant qu'il est, non pas seulement séparé, mais élidé, toujours ailleurs que là où le désir le supporte et pourtant en relation profonde avec lui. Ce caractère d'élusion n'est nulle part plus manifeste qu'au niveau de la fonction de l'oeil. Et c'est en quoi le support le plus satisfaisant de la fonction du désir, le fantasme, est toujours marqué d'une parenté avec les modèles visuels où il fonctionne communément, si l'on peut dire, où il donne le ton de notre vie désirante.* (22-5-63)

Se assim não fosse, não teria cabimento repensar genericamente a fronteira entre o objeto e o ser, contrariando o que explicitamente Lacan assegura.

Desta forma, o impasse da objetividade que induzira à aventura de repensar o sujeito, e no bojo dela à necessidade de refletir o objeto "des-outrificado" nos termos de um dizer "corporificado", retoma o polo do **eu**.

Tudo o que se possa falar do representante do sujeito deve admitir uma correlação corpórea, sequer admissível como paralelismo:

> *... cette façon de faire la chaîne nous interroge sur ceci, que le réel est tout spécialement suspendu au corps.* (L'INSU QUI SAIT DE L'UNE-BÉVUE S'AILE À MOURRE, 18-1-77, Ornicar 15, p.8)

---

373 *... lequel monde n'est qu'un rêve de chaque corps.* (IMPROVISATION: DÉSIR DE MORT, RÊVE ET RÉVEIL, L'Âne 3, p.3)

374 Não obstante o cálculo significante das primeiras não ser isento de conseqüências quanto ao posicionamento e construção do inatural sujeito, calculado perante o mundo como dentro do corpo:

L'optique est donc essentielle à cette imagination du sujet comme de quelque chose qui est dans un dedans. (30-4-69)

Os limites da significação indicam posições limites no corpo. É aí que, realmente, "co-incidem" corpo e sujeito — a pulsão, como "desencontro" entre presença e representante, enunciação e palavra.

Graças à noção de pulsão a espacialidade não mais precisa ser tratada nem abstrata nem objetivamente. Concretiza-se e "subjetiva-se" em corpo:

> *... l'espace n'est pas une idée, l'espace, c'est quelque chose qui a un certain rapport, pas avec l'esprit, mais avec l'oeil.* (22-5-63)

Afinal, espírito é um conceito "metafísico", "desencarnado" da experiência. Psicanaliticamente, é uma impropriedade. Ao contrário do olho, instância corpórea amiudemente realmente presentativa do sujeito.

Por isso, o realmente próprio do corpo como limite simbólico, aquilo em que se o distingue do mero espaço como limítrofe do real (como) sujeito, nada mais é do que o que atende à idéia de pulsão.

Note-se bem, refere-se aqui apenas o papel que lhe é reservado no conjunto da teoria psicanalítica lacaniana, já que o exame meticuloso da noção, além do mais tão sistemática e prolongadamente estudada pela genialidade de Freud e freqüentemente retomada por parte de seus seguidores, não pode se resumir nestas rápidas indicações. Não se a analisa em detalhe, pois o que importa para os fins que ora se cumprem é ter em mente como esse rasgo da inspiração freudiana é interpretado por Lacan.

Para este, o seu estudo revela que com o termo se designa o originário do sujeito no registro do real. Segundo as suas palavras, a pulsão é

> *... la première modification du réel en sujet sous l'effet de la demande...* (30-5-62)

O sujeito fala tão somente porque se faz sujeito pela palavra; e a pulsão articula o sujeito como real — quer dizer, enunciante irredutível a qualquer enunciado —, graças ao efeito da palavra (do Outro):

> *... ces éléments du trésor signifiant à l'étage de l'énonciation, je vous apprends à les reconnaître, c'est ce qui s'appelle le* ***Trieb****, la pulsion. ... Et si, dans la pulsion, il n'y avait pas déjà cet effet de la demande, cet effet de signifiant, celle-ci ne pourrait pas s'articuler en un schéma tellement manifestement gramatical.* (30-5-62)

Não pode pois haver dúvida de se tratar de conceito sobremaneira relevante no trato topológico do real como sujeito, sendo da maior importância constatá-lo e, na limitada medida adequada aos fins desta investigação, esclarecê-lo.

Em primeiro lugar, não se confunda o desejo com a pulsão. Embora ambos apontem para o que do sujeito extravasa a significância pode-se diferenciá-los reconhecendo que o desejo é simbólico "encarnado", verbo feito carne; o que se denuncia no fato de tomar como objeto nada mais nada menos que a fantasia. Daí a sua maleabilidade relativamente aos malabarismos dialéticos, longa e finamente analisada por Lacan. O psicanalista anuncia a sua vinculação ao registro do simbólico apresentando-o como metonímia do ser. O desejo encontra-se no âmbito do verbo. É da dimensão do sentido, ainda que este se faça em falta.

Já a pulsão nunca é "realização" simbólica. Não importa ao sintoma. Em si mesma, é real subjetivo. Como tal, e na dependência do significante como seu negativo, é sujeito.

Pois embora **eu** se ponha na dependência do significante, a este não se reduz. Real subjetivo, a pulsão não se atém a significações e ressignificações, nem a metonímias e metáforas, as quais são inerentemente simbólicas. A pulsão é "in-significante", o que se expressa na regularidade com que lá insistem constâncias, com as quais o saber inconsciente, pelo desejo, tem de se haver.

A verdade do desejo é acessível ao mapeamento significante, e se a este se reduzisse o sujeito — quer dizer, se o representante esgotasse o sujeito —, o conceito de pulsão seria desnecessário. Não é o caso. Não basta pois dar conta do significante para esgotar a contribuição lacaniana à reflexão sobre o sujeito.

As posições subjetivas corpóreas, pulsões, enquanto posições são letras. São significantes "corpóreos", tanto por serem corpo em forma de letras, como por, "literalizando-se", transmutarem matéria viva em corpo. Porém, é fundamental bem entender que tais posições não se reduzem a uma combinatória de lugares, ou seja, ao simbólico. O simbólico como combinatória de lugares nelas se dispõe, mas o vazio que da perspectiva mesma deste registro lhes é consubstancial, ainda que o motive, é irredutível a qualquer cálculo. O que deste em última instância é próprio é o movimento de deslizamento do sujeito no intento de se apreender, e o que como pulsão se marca é precisamente um impossível de objetivar, mas inferível da idéia mesma de representante: o impensável do real sujeito.

Se o desejo é palavra não dita, a pulsão é o que escapa da palavra, dita ou não. E que, escapando, "incorpora" o sujeito e dá corpo à ilusão da extra-simbolicidade e extra-imaginariedade do mundo.

Como o corpo é literalização da carne, e pulsão, torna-se compreensível a tese exposta em SCIENCE ET VÉRITÉ, segundo a qual o significante, que na ciência cumpriria o papel de causa formal, em psicanálise haveria de se abordar como causa material.

A causa, como conjunto dos efeitos significantes sobre o sujeito, é um produto significante. Ainda assim, por causa da sua pouca maleabilidade e mesmo irredutibilidade ao simbólico, é graças a ela que nenhuma linguagem pode fechar-se em si mesma, dizer-se e fundar-se a si própria.

Portanto, a causa é o que força à presença do sujeito no horizonte do discurso. Nessa medida, também se vincula ao real do corpo:

> *Si ceci, cette cause, s'avère aussi irréductible, c'est pour autant qu'elle se superpose, qu'elle est identique dans sa fonction à ce que'ici je vous apprends cette année à cerner, à manier, à savoir justement cette part de nous-mêmes, cette part de notre chair qui nécessairement reste, si je puis dire, prise dans la machine formelle. ... ce quelque part dont nous donnons, non pas seulement la matière, non pas seulement l'incarnation comme être de pensée, mais le morceau charnel comme tel à nous-même arraché, c'est ce morceau en tant que c'est lui qui circule dans le formalisme logique tel qu'il s'est déjà élaboré par notre travail de l'usage du signifiant, c'est cette part de nous-mêmes prise dans la machine, à jamais irrécupérable, cet objet comme perdu aux différents niveaux de l'expérience corporelle où se produit la coupure, c'est lui qui est le support, le substrat authentique de toute fonction comme telle de la cause. Cette part de nous-mêmes, cette part corporelle est donc essentiellement et par fonction, partielle. Bien sûr, il convient de rappeller qu'elle est corps, que nous ne sommes objectaux — ce qui veut dire objet du désir — que comme corps...* (8-5-63)

A carne viva que está no princípio da aventura humana é percebida como corpo pelo Outro que demanda. O corpo já é a carne viva como objeto do desejo do Outro e, por isso, a sua delimitação simbólica e imaginária tem tão grande importância para o advento do objeto como desejo.

Graças ao Outro, graças ao dom da palavra, o corpo devém sujeito. Sujeito a todos os títulos concebido em contigüidade coincidente com o corpo. Por isso, a pulsão não é simbólico realizado, mas antes real simbolizado: corpo pela ação da palavra demarcado **eu**.

Num segundo momento, como o falante, na palavra do Outro, se encontra como ser corpóreo, faz-se o caminho de volta: não apenas o sujeito pelas palavras é feito corpo, como o objeto que deseja é ser **eu**, porém especularmente mediado por Outro, também feito corpo.

Na mira do desejo, como seu objeto, não se aponta outra coisa que não **eu**, reificado como objeto "a",

... ce résidu corporel où j'ai suffisamment, je pense, incarné le ***Dasein****, pour l'appeler par le nom qu'il me doit: soit l'objet "a".* (DE LA PSYCHANALYSE DANS SES RAPPORTS AVEC LA RÉALITÉ, Scilicet 1, p. 58)

Sobre **si** originalmente abateu-se a palavra, enformando-**o** como objeto de desejo. Não por outra razão, o mais originário do sujeito sugere-se coisa corporal. Porém, ao se apossar desse destino e descobrir no Outro, como objeto, a natureza de **si** desejante, é o objeto que se desvela **eu**.

Relativamente a este objeto que se revela **eu**, o **isso** originário — condenado ao limbo da mudez, não fora o advento da palavra que, incluindo-o e alienando-o, o criou —, aparece como a "coisa corporal" do desejo.

O desejo, cujo objeto é a fantasia, organização no e pelo significante do que acontece como um sujeito que se desconhece, em virtude precisamente do seu desconhecimento nem suspeita o corpo que não como radical "des-subjetivação".

Mas, na realidade, o que o Outro deseja é o ser desejante. Quer que **eu** seja.

O que não acontece direta e simplesmente. O objeto do desejo do Outro, na medida em que seu objeto é o desejo do **eu**, advém desejo do desejo. Enformado medularmente pelo Outro, como desejo do **eu** e desejo de **eu**, o sujeito responde à incidência em si da alteridade, que desde então lhe é intrínseca, na forma de desejo do desejo do Outro. Ora, como o desejo é desejo do desejo do Outro, o parcial do outro corpo desejado é letra que diz o Outro desejante e o diz desejo de "mim". Simetricamente, o que é "coisa" por Ele desejada no "meu" corpo revela-se querer ser **eu** desejante — tanto por o Outro o determinar, como por ser assim que **isso** chega a ser. Logo, o desejo de ser que se realiza é **eu** sem poder "se" dizer a "si mesmo", por o meio da palavra ser o Outro.

Em síntese, o que o Outro quer, o que a lei dita, é que o sujeito seja (desejante). Mas **isso** não aparece com clareza, pois como o Outro é a Palavra e não há palavra que não seja do Outro, o impossível subjetivo[375] não tem alternativa senão reflexionar-se perante **si**, por meio de uma inobjetivável "objetivação"[376] do que na verdade é **eu** desejante. E como para ser **eu** o sujeito se "outrifica" em objeto, de lá do Outro, como "a" mas verdadeiramente sujeito, dirige-se a **si** posicionando o realmente enunciante, a pulsão, em corpo destinatário do enunciado:

Entre le corps en tant qu'il s'imagine et ce qui le lie (à savoir le fait de parler) l'homme s'imagine qu'il pense. Il pense en tant qu'il parle. Cette parole a des effets sur son corps. (CONFÉRENCES ET ENTRETIENS DANS LES UNIVERSITÉS NORD-AMERICAINES, Scilicet 6/7, p.40)

Não há aqui nenhum mistério. Se o real dicente se situa fora do simbólico, não é menos verdade que este (enquanto significância) se espacializa, e a intersecção entre o dizer e o dito tem de se situar no corpo. Portanto, nenhum representante do sujeito se situa ideal ou abstratamente, mas antes se inscreve como corpo, representando-o em sentidos identicamente vivenciados corporeamente. Logo, o corpo "é" sujeito e faz-se significar como "posição" real da escrita que dita o **eu**. Só por isso palavras bem ditas o atingem.

Nesses efeitos significantes que se dirigem ao corpo, o desejo põe-se a produzir palavras contra o real — mais exatamente, intenta capturar a angústia.

Paradoxalmente, é o veículo mesmo da morte[377] que imagina na vida[378] a morte que se teme. Mas muito pelo contrário: ainda que dita de morte, em vez de ameaça de extinção, a pulsão não passa de ser, presentado sob véu corpóreo, o insabido sujeito do inconsciente. Ou seja, **eu**, cujo lugar de desconhecimento e realização no "tecido esburacado" do significante que se literaliza como corpo aparece onde a "malha" se rompe — ou melhor, se interrompe:

---

375 A pulsão.
376 O "a".
377 O simbólico.
378 No real.

On conçoit mieux dans notre déduction qu'il ait fallu s'interroger sur la fonction qui supporte le sujet de l'inconscient, de saisir qu'il soit difficile de le désigner nulle part comme sujet d'un énoncé, donc comme l'articulant, quand il ne sait même pas qu'il parle. D'où le concept de la pulsion où on le désigne d'un repérage organique, oral, anal, etc qui satisfait à cette exigence d'être d'autant plus loin du parler que plus il parle. (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.816)

Não por outro motivo, contrariamente a uma tradição filosófica que às vezes lhe serve de contraponto, Lacan não admite que se cogite o real como mudo. Psicanaliticamente, a "coisa em si" fala, e audivelmente. Mas soa apenas aos ouvidos da escuta do inconsciente.

Entre pulsão e coisa, no real, sem sujeito da cognição nem cognição do sujeito, o corpo patenteia-se enunciante:

... le corps fait le lit de l'Autre par l'opération du signifiant. (DE LA PSYCHANALYSE DANS SES RAPPORTS AVEC LA RÉALITÉ, Scilicet 1, p.58)

Só assim o sujeito pode corporificar-se em pulsão. Ou seja, fazer-se palavra encarnada que, enquanto significante, é pertinente ao Outro cujo desejo **eu** deseja ao preço de se fazer objeto de seu desejo, expondo-se realmente. O corpo, devidamente descrito como horizonte do que a partir da letra não se reduza a simbólico nem se depreenda mero recobrimento imaginário da orientação perante o real, precisa-se conceito cuja finalidade é propiciar refletir incognitivamente a ética "insubstancialidade" do impossível subjetivo.

Porém, tal resultado é pouco, e mais do que precário, se por ele se presumir vir a alcançar uma abordagem realista do real.

Dicente mas indizível, entre o real e o simbólico, à pulsão cabe a qualificação de mito:

... la pulsion. Elle est sans doute mythologique, comme Freud lui-même l'a écrit. Mais ce qui ne l'est pas, c'est la supposition qu'un sujet en est satisfait. (5-3-69)

Fronteira da significação, limite do corpo, a pulsão é o fato da estrutura topológica pelo qual, no avesso do sentido, propõe-se a falta como sentido do avesso.

A falta como sentido do avesso está no avesso do sentido; isto é, é sem sentido. Como falta de sentido, nem imaginariamante é substantivável.

É nenhuma substância que, por limite do indizível, leva Lacan a invocar termos tão carregados de associações realistas e tão substancialistas como os que aqui se postam. Palavras que, se avaliados pelo seu emprego comum, por tão inadequadas são as mais propícias a interditar ilusões, quase inevitáveis em se tratando do inefável. Termos tão impróprios, que freiam o ímpeto ao esquecimento de que, ao dizê-los, intenta-se expressar outra coisa.

Há que tê-lo em mente, por exemplo, ao falar da pulsão como sujeito corporificado — quer dizer, realizado.

Desde que se sabe a importância do significante como "formador" do desejo, bem como se sabe da referencialidade em última instância do desejo ao **eu** — na forma da sua realização que é o "umbigo" do sentido, o corpo —, cabe especificar que aspecto deste se proporciona como a causa dos meios de costura da cisão paradoxal intrinsecamente constituinte do sujeito. Ou seja, cumpre esclarecer o que do corpo, mais que causa (do) significante, se molda significante como causa.

A resposta é óbvia. A forma significante, por sua inscrição espacializadora do real em corpo, a este é "consubstancial" graças a

... la forme de "a" qui s'appelle la voix. (22-5-63)

É precisamente a "substância sonora", do corpo indissociável na forma concreta da fala, que suporta o Outro, a demarcação das formas do sistema de diferenças relativas que

constitui os fonemas. É a voz que se estabelece como o ponto de emissão de um dizer que não apenas "consubstancia" o Outro, como é consubstancial ao ser sujeito e corpóreo:

> *Une voix donc ne s'assimile pas; mais elle s'incorpore, c'est là ce qui peut lui donner une fonction à modeler notre vide.* (5-6-63)

Lacan põe em jogo um fator nem sempre devidamente ressaltado quando se apregoa a importância da palavra. Para haver superficies — quer dizer, letras —, quem as costura há-de ter sido costurado por esse peculiar dom da palavra, de apenas como tal vir a ser ao se incorporar no vazio que abre caminho ao sopro que, pela voz, está no ar e ressoa na cavidade auricular.

O corpo é artifício do significante, este esburacando as passagens abertas onde o sopro soa. O corpo é o lugar de inscrição em que da voz se faz a fala.

Todas as viagens apenas podem ser percorridas porque o corpo fala. Melhor, o corpo ressoa[379].

Todas as distâncias e todas as coisas, em última análise, são desdobramentos da topografia corpórea, mapas da subjetividade.

Com este resultado, após um percurso destinado a preparar os meios de elucidação de uma questão norteadora deste estudo — o destino (e a possibilidade) do conhecimento a partir do inconsciente (freudiano) —, finalmente é possível derivar as coordenadas em que se a dissolve.

A ontologia pensada no corpo, uma ética assente na experiência da falta, é a única conveniente à radical investigação do inconsciente promovida por uma epopéia tão ou mais dignamente grandiosa do que o ciclo de expansão ultramarina renascentista ou a conquista do espaço: a descoberta de todos os continentes — por metafóricos que sejam, ou do espaço as lonjuras e as geometrias inimagináveis — como território da subjetividade.

---

379 Por exemplo, ao modo da poesia:
... la poésie, la résonance du corps... (L'INSU QUE SAIT DE L'UNE BÉVUE S'AILE A MOURRE: VERS UN SIGNIFIANT NOUVEAU, Ornicar 17/18, p.15)

II

SER E IMPOSSÍVEL

... l'inconscient, ce n'est pas que l'être pense, *comme l'implique pourtant ce qu'on en dit dans la science traditionnelle* — l'inconscient, c'est que l'être, en parlant, jouisse, et, *j'ajoute,* ne veuille rien en savoir de plus. *J'ajoute que cela veut dire* — ne rien savoir du tout.

LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, 95

56. DA PRESENÇA COMO PRESENTE DO IMPERATIVO

No limiar do inefável, no afã de expressar o impossível, a obra lacaniana recheia-se de originalidades estilísticas que não facilitam o acesso imaginário às teses. Precisamente por visar uma transmissão mais íntegra dos seus pressupostos, superficialmente favorece o imediato extravio dos menos propensos a prosseguir.

Para não aumentar as estatísticas, sempre é recomendável recordar como o autor, no limite do indizível, articula suas idéias: operando na fimbria do insignificável, intenta dizer o impossível aludindo-o de viés e, freqüentemente, acata o paradoxo como recurso estilístico, mais do que preferido, conveniente para evidenciar a parcialidade ou incompletude de cada proposição. Deste modo também tenta avivar nos discípulos a lembrança de que no campo em que estão interessados explora-se ao máximo a arte da palavra, em especial quando se trata de dar conta do que se cala e de dizer o que não se diz.

Pois, como presentabilidade em falta, o sujeito é impossível; mas como presente pela falta, aquém ou além da representabilidade pela palavra, é interdito[380] que se experimenta no plano da significância como um dizer (que) não.

Se há alguma notícia do ser é pelo viés do implícito, do não dito. A sua interdição desvenda-se criadora e lei interditora e, por isso, o jogo de palavras — entre interdição (como proibição) e inter-dicção (como enunciação à revelia da palavra dita) — não deve ser desprezado. É próprio da psicanálise (lacaniana) dar ouvidos a este tipo de incidência significante, elaborado ao longo de gerações.

No caso, muito além de mero trocadilho, a homofonia é significante da identidade entre a palavra na qualidade de lei e a palavra como estruturante da realidade.

Estar fora da lei é pôr-se fora da realidade, à custa de sérias penas: é não estar sujeito (a que as coisas se sucedam tal como são prescritas). Pois, na ordem, o que se visa é **eu**: a lei prescreve que, sob pena de o ser falante se encontrar proscrito, não se o diga.

Ao se intentar dizê-lo além da palavra, posicionadora e reposicionadora da falta e do sujeito, o último se desfaz. E aparece um sofrimento que provém de um "outro", tão mais exterior ao eu da consciência, quanto é certo que este se elabora como defesa contra uma individualidade que só (e mal) pode ser assumida em ato, eticamente.

Ontologicamente indizível, o sujeito encontra-se condenado a ser processado nos termos de uma linguagem em que apenas se o testemunha culpável pelo desejo. Posto que em falta, só se o rastreia na qualidade de responsável pelo agir.

Relembre-se que esta é a única saída para o impasse subjacente ao processo de objetivação do ser: o drama do vir à luz ofuscando-se, que tão bem caracteriza o ser sujeito e inconsciente.

O que apareça como objeto, inclusive a objetivação do corpo, não passa de ser neblina pela qual o desejo preenche ilusoriamente a falta. Ou seja, registra-se imaginário e é da ordem da denegação da incompletude.

Em tais circunstâncias, a investigação parece ter como resultado a junção paradoxal da extrema des-substancialização com a máxima realização da substância, pelo que a perquirição lacaniana vê-se conformada com a necessidade de recorrer a um outro trunfo[381], de entre o arsenal que a psicanálise coloca a seu dispor.

Associando-se a falta em ser com a frágil feitura de algum ser sentido — a ser vivido e percebido pelo ser sujeito —, os termos em psicanálise adequados à especificação da substância surpreendem: em relação à radical falta de objeto, enquanto ser, o sujeito é pensado como **jouissance**.

---

380 Tanto na acepção de dito entrelinhas como na de proibido.

381 Um trunfo consonante com a facticidade do que, audaciosa e perigosamente, a certo tempo o psicanalista enunciou como a peculiaridade do pré-ontológico. Vide subcapítulo 38.

Portanto, para bem caracterizar a esfera em que o psicanalista dispõe os termos operadores do inconsciente, é imprescindível intentar acercar-se dessa complexa noção de **jouissance**, ademais fundamental para a intelecção da retorsão que, em função do advento da psicanálise, é criticamente exigível do delineamento semântico dos instrumentos conceituais que mobiliza.

Note-se bem,

> *... cette dimension de la jouissance... elle est en quelque sorte un terme qui pose par lui-même des problèmes essentiels, que nous ne pouvions véritablement introduire qu'après avoir donné son statut au "je suis" du "je pense".* (27-4-66)

Quer dizer, intrinsecamente, por imprescindir da investigação do sujeito ser por meio do significante, o seu tratamento necessariamente lhe é posterior.

Não menos do que por isso, por sua análise ter como pré-requisito a solução de outro problema, uma vez este refletido há que não postergar o seu exame, sempre segundo as linhas de força das quais decorre.

A princípio vale dizer que a explicitação do conceito é o que Lacan pensa ser, neste âmbito, a sua contribuição original para o desenvolvimento da psicanálise. Mesmo que no pensamento freudiano anterior, ainda que de maneira implícita, o tempo da necessidade de inventá-lo se faça presente[382] — e não obstante os resultados que atinge não serem (aos seus olhos) plenamente satisfatórios —, a inauguração do intento de fundamentá-lo sistematicamente seria mérito seu:

> *Pour ce qui est du champ de la jouissance — hélas, qu'on n'appellera jamais, car je n'aurai sûrement pas le temps même d'en ébaucher les bases, le champ lacanien, mais je l'ai souhaité —, il y a des remarques à faire.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.93)

O termo é precariamente traduzido como "gozo", porque este não recobre rigorosamente o que, em francês, se evoca pelo ângulo da homofonia. A solução tem no entanto uma grande vantagem: ainda que uma cultura jurídica deficiente, comum entre leigos, não faculte o acesso rápido a acepções do seu uso presentes entre advogados, ainda assim, mal ou bem percebidas na linguagem coloquial, elas também existem em português.

O que não acontece no caso de alternativas, como "desfrute" ou "fruição". O termo mantém-se, portanto, porque as segundas têm o maior inconveniente de nem implicitamente denunciarem alguma intimidade com o tratamento ético da ação, a qual é evocada e enunciada pela sua pertinência ao vocabulário técnico do Direito.

Porém, mantém-se sem ilusões quanto à perda da riqueza de associações de que se reveste na língua original do pensamento lacaniano.

Para introduzi-las, convém relembrar que, do ponto de vista do inconsciente, um trocadilho nunca é apenas um trocadilho. Se a promoção de coincidências fonéticas a meio de investigação de conceitos (relativos ao saber inconsciente) parecer indigna de crédito, é bom relembrar que se está no âmbito de um pensamento que sobreleva o significante como determinante da significação e que jamais imagina as idéias como entes sobrepairantes sobre corpos e línguas. Em sua história — que, como todas, faz-se no quadro de uma temporalidade lógica — a psicanálise passa pelo francês, repositório de usos e costumes lingüísticos a partir dos quais (como aliás é o caso em todas as línguas naturais) se precipitam e se determinam saberes à revelia da consciência.

Mais que usuário, Lacan é sujeitado pelos significantes da sua língua materna, que, servindo-o, também servem ao desenvolvimento da sua reflexão. De qualquer modo, por não se resumirem a supostas "casualidades lingüísticas", a intelecção das teses que se seguem

---

382 Que mais não seja, na forma de lacunas: não é irrelevante, por exemplo, detalhar o modo de "experiência de satisfação" posto em jogo pela pulsão de morte.

independe do grau de simpatia para com a retórica em que vêm à luz. Só é indissociável da admissão do inconsciente.

O fato é que o apurado senso lúdico do psicanalista, conjugado ao exemplo de fidelidade à letra e ao precisamento das sutilezas mínimas em que a estrutura se oferece no francês que lhe deu berço, levam-no a recorrer à sempre significante homofonia para desvendar um vínculo entre ouvir e gozar: naquela língua, o imperativo do verbo "gozar", **jouis**, soa identicamente a "ouvir" conjugado no pretérito perfeito, **j'ouïs**.

Sem que em absoluto se pretenda diminuir a importância da audição, sublinhe-se que não basta ter ouvidos para que se ouça. Como os significantes não se escutam com as orelhas, entenda-se o termo "ouvir" na lata acepção de receptividade ao sentido. A presença ou ausência de sensações auditivas ou de qualquer outro tipo a este associadas é secundária.

Com efeito, de outro modo a homofonia entre "ouvi sentido" e "gozo", respectivamente **j'ouïs sens** e **jouissance**, não teria o alcance que lhe admite:

> *La loi en effet commanderait-elle: Jouis, que le sujet ne pourrait y répondre que par un: J'ouïs, où la jouissance ne serait plus que sous-entendue.* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.821)

Eis algo que Lacan cogita nenhuma filosofia poder resgatar, por sempre estarem convenientemente aptas a achatar a palavra em conceitos, prontas a reduzir o sentido a uma mera variante da significação: subjacente à escuta do sentido, como imperativo do ser **eu**, encontra-se o gozo.

Dado que a ordem do gozo implica uma escuta (do sentido), a lei que dita o gozo determina que se registre o que escuta como sujeito (ao significante).

A lei ordena o gozo, e se de outro lado inclui o sujeito no âmbito da significância, a precária consistência que lhe permite é-lhe transferida pela sua qualidade de interlocutor para um Outro que, em "mim", se faz sentido. Se o ser é efeito de sentido[383], a amplitude da incidência da ordem do ato no campo do ser também se amplia para incluir o Outro como ser.

Para explicitá-lo, como nada na estrutura é casual (e em prol da comprovação da tese ao gosto de espíritos menos convictos da subserviência do acaso à verdade), Lacan não hesita em argumentar com base nesse saber do desejo tão bem sistematizado que reconhece no discurso religioso.

> *<<Dieu me demande de jouir>> — textuel dans la Bible — c'est tout de même la parole de Dieu, ... un Dieu avec qui on parle, un Dieu qui vous demande quelque chose et qui dans L'ECCLÉSIASTE vous ordonne <<jouis>>. Ça, c'est vraiment le comble! Car jouir aux ordres, c'est quand même quelque chose dont chacun sent que s'il y a une source, une origine de l'angoisse, elle doit tout de même se trouver quelque part par là. A cette ordre <<jouis!>>, je ne peux répondre qu'une chose, c'est <<j'ouïs>>. Bien sûr, mais naturellement je ne jouis pas si facilement pour autant.*
>
> *Tel est le relief, l'originalité, la dimension, l'ordre de présence, dans lequel s'active pour nous le Dieu qui parle, celui qui nous dit expréssement qu'il est ce qu'il est.* (19-12-62)

O Outro ordena <<Goza!>> e o sujeito ouve-O ser.

Ser é ser às ordens. O imperativo comanda a presença, que é efeito da lei como ação determinante da palavra. O fato desta (enquanto Outro) aparecer sendo, fornece o único ponto de apoio para o sujeito se fazer sentido.

Ouve-se sentido, goza-se do ser. Mas, é sabido, o Outro que diz "eu" ser fá-lo faltante[384]. Portanto, é em falta que se encontra o "ser" eu. Posto que o gozo é ser estritamente na medida em que se faz na dependência do significante, psicanaliticamente, em vez do desvelamento de alguma presença, o que de substantivo em verdade se revela é o desejo de ser.

---

383 Vide primeiro capítulo da Quarta Parte.
384 Vide terceiro capítulo da Terceira Parte.

Recorde-se que o Outro deseja ser[385], e como o desejo deseja o desejo do Outro — quer dizer, o falo[386] —, o que quer é ser.

Embora seja imprudente explicitá-lo, quem quiser trocar rigor por facilidade (imaginária) pode arriscar-se a depreender que o falo é significante do verbo (ser). Por ser condição da possibilidade do dizer, e portanto anterior a qualquer dito, afiançá-lo é paradoxal.

É preferível silenciá-lo, apenas admitindo que o desejo do Outro é ser e que seu significante é o falo,

> *... puisqu'il y équivaut à la copule (logique).* (LA SIGNIFICATION DU PHALLUS — ÉCRITS, p.692)

Afinal, é graças à cópula que sujeito e sentidos vêm à luz do ser.

Como significante da ligação, elo, o falo define a forma sintática em que ligações significantes se validam como significações:

> *... le phallus... c'est le signifiant destiné à désigner dans leur ensemble les effets de signifié, en tant que le signifiant les conditionne par sa présence de signifiant.* (LA SIGNIFICATION DU PHALLUS — ÉCRITS, p.690)

O sujeito deseja-o porque deseja o desejo do Outro, que quer ser. Logo, quem o determina é o Outro, a lei que forma o desejo. Porém, desde que este, desejante, apenas faz sentido ao se articular em corpos que o digam, inseguro quanto ao fundamento do que o faz — até por o perceber identicamente desejante, isto é, faltante —, é noutros falantes que espera encontrar eco aos "seus" sentidos:

> *Que le phallus soit un signifiant, impose que ce soit à la place de l'Autre que le sujet y ait accès. Mais ce signifiant n'y étant que voilé et comme raison du désir de l'Autre, c'est ce désir de l'Autre comme tel qu'il est imposé au sujet de reconnaître, c'est-à-dire l'autre en tant qu'il est lui-même sujet divisé de la* ***Spaltung*** *signifiante.* (LA SIGNIFICATION DU PHALLUS — ÉCRITS, p.693)

Não é casual que o sujeito se faça desejante pela castração, pela sua destituição da posição de ser o falo. Ou seja, pela perda do ser. Se ouvir-se plenamente sentido, objeto do Outro, apaga-se como sujeito desejante (de ser). Sob pena de morte, resta-lhe demonstrar-se desejante. Só assim, pondo-se em ação, se defende contra o psicanalítico sucedâneo do ser, o gozo. A sexualidade, âmbito de transbordamento dos sentidos em sensações insignificáveis, é bem o espelho opaco destinado a refletir o ser impossível.

Não obstante, o sujeito quer ser. Deseja o falo e, nessa medida, dirige-se ao Outro, que tem a guarda dos significantes. Mas do Outro sempre se recebe desejante. É desejando-O que se submete ao desejo de que seja desejante. Tem de ser desejante do desejo do Outro que, porque não se sabe, não lhe deixa outra alternativa que não tentar produzir o sentido que lá também falta.

Como conceito, o gozo atende à necessidade de situar e descrever a necessária frustração de tal pretensão. Consuma a destituição da ontologia, promovendo a análise das importantes questões que lhe concernem em termos não imaginarizantes do ser[387].

Por isso, se alguma vez pareceu que Lacan falou de um gozo do ser anterior à inscrição pela fala (como se poderia imaginar a partir do escrito SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR DANS L'INCONSCIENT FREUDIEN), isso se deve a não ter sido esse o momento de precisamento do vínculo entre o ser e a significância.

---

385 Vide subcapítulo 52.

386 *... le phallus, c'est-à-dire le signifiant du désir de l'Autre...* (LA SIGNIFICATION DU PHALLUS — ÉCRITS, p.694)

387 Já que, como gozo, o ser se dissolve em verdade lavrada no limite da Palavra em ação.

A se levar a sério o tempo (lógico) da letra lacaniana — desprezando a deste ponto de vista irrelevante cronologia —, não há nenhum cabimento em imaginar um ser contraposto ao "ser-de-significância". Este é uma forma de elucidar o ser em geral e, por isso, ilude-se quem se proponha a "entificar" como distintas, "coisas" que seriam um gozo do ser e um gozo do Outro.

O que parece (e aparece como) dom do Outro, o ser, não é anterior nem posterior à dicção. Não paira no ar, pois é ficção discursada por nenhuma outra boca que não aquela que um corpo lhe conceda. Conseqüentemente, se o ser enunciado depende do dito, a Palavra que o fundamenta só se faz sentido no lugar da escuta. É como ouvinte que o sujeito se recebe ser, permanecendo dicente indizível:

> *... ces chaînes ne sont pas de sens mais de jouis-sens*[388]*, à écrire comme vous voulez conformément à l'équivoque qui fait la loi du signifiant.* (TÉLÉVISION, p.22)

Assim, o sentido não é feito do Outro. Desvela-se determinado pelo que causa a ação de dizer, mas apenas se produz na escuta. Não é objetivamente que as cadeias de significantes produzem sentido.

Se o ser põe-se na dependência do sentido, agora se sabe que as cadeias da significância que o modulam coesionam-se, não a partir de Outro enunciante, mas no ato da escuta do sentido.

Logo, quanto ao ser, mais precisamente do que o sentido, **sens**, o que está em jogo é **jouissance**, gozo.

Ou **j'ouïs sens**. O sujeito assente que ouve o Outro que o diz: ouve sentido, goza do Outro. A presença é assentimento de um imperativo presente. Embora ser seja feito discursivo, enquanto tal não se encontra posto do lado do Outro. O sentido não acontece no plano da cadeia significante, mas como tempo da sua recepção por quem ouve. Portanto, cumpre adendar que, além de dimensionável por meio da significância, ser é acontecimento nem possível nem impossivelmente objetivo, mas tão somente subjetivo. É feito, mais do que inobjetivável, drasticamente inobjetivo. É sucesso subjetivo que em verdade se revela gozo, pois só é sentido, **sens**, na medida em que **eu** o ouve — ou seja, apresenta-se como **j'ouïs sens**, confundindo-se (não somente foneticamente) com **jouissance**.

A homofonia é aqui especialmente iluminante. As cadeias de sentido, por se construírem pela ação — significante e (ação) do significante representativo do sujeito —, mais do que cadeias de sentido são cadeias em que se perfaz o gozo. Goza-se do sentido. Melhor, gozar é ouvir sentido em "mim" produzido pelo labor da palavra — quer dizer, sentido efeito do saber, pois

> *... ce qu'il en ait du savoir,... j'ai accentué que l'exercice ne pouvait représenter qu'une jouissance.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.125)

Mas no ouvir o sentido em "mim" suscitado pela ação do saber há um a mais no qual reside efetivamente o gozo[389]. Para ouvir sentido, o **eu** tem de ser — isto é, tem de se fazer sentido[390]. Afinal, ao constranger a anuir que se escuta, ao banhá-lo em sentidos o Outro faz **eu** ser (ouvinte).

Independentemente dos significados que comporte, em cada ordem significante que se recebe o sujeito prova-se ser. Logo, ser é, na estrita medida em que se testemunha o sentido, "sentir-se existente"[391].

---

388 Ou **j'ouis sens.**

389 *Ce que la psychanalyse nous apprend, c'est que tout savoir naïf... est associé à un voilement de la jouissance...* (4-5-72)

390 O "detalhe" resume a distância entre sentido e significado, ser e imagem, simbólico e imaginário.

391 Que se o prove como dor ou prazer, conforto ou atrocidades, é secundário.

Ser é ouvir sentido, é gozar. E uma vez admitido o saber como estrutura significante (demonstrativa do sujeito), exatamente na medida em que descritivamente se o pode caracterizar como feito e efeito de estrutura, não é surpreendente que Lacan deduza que o significante possa ser entendido como meio de produção do gozo:

> *... les moyens de la jouissance... sont ce qui s'appelle le savoir...* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.101)

O saber é bem essencialmente o meio do gozo, a ponto de no seu conjunto, e reiteradamente, ser definido dessa forma:

> *Ce savoir est moyen de jouissance.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.57)

Porém, posto que, como se sabe, falar em saber de certo modo é referir-se ao significante — precisamente ao significante enquanto "comprometedor" do sujeito, qualidade que lhe é inerente —, tal definição apresenta um desdobramento inexorável: o gozo é, em primeiro lugar, da ordem do significante. Faz sentido dizer que

> *... le signifiant s'introduit comme appareil de la jouissance...* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.54)

Bem assim é, dado que, pela palavra, o que desde sempre se põe em jogo é o "ser-sujeito", o gozo.

Se não se o vir, não será por falta de insistência do psicanalista:

> *... dans le jeu du signifiant, c'est la jouissance qui est visée...*(21-5-69)

Ao se levar em conta que o significante é representante do sujeito e que dele depende a feitura do sentido (e portanto também o ser) não deve surpreender que o "ser-sujeito" se estabeleça sob a sua alçada.

Posto o significante, o que no Outro se joga é a subsistência de **eu**, mantido ao preço de se fazer receptáculo do sentido em que a Palavra o diz ser. Porém, desta palavra-Outro, não há garantia maior que o ato significante. Conforme visto há pouco, todas as suas prerrogativas lhe advêm do fato mesmo de se dizer: é a rarefeita matéria do significante que, em si mesma, fazendo-o sentido lhe dá consistência.

Por outro lado, a natureza imperativa da sua produção não permite dúvidas quanto à razão do seu interesse pelo sujeito: faltante, interessa-Lhe ser.

Na economia do gozo, quem quer é o Outro, que ordena. Por isso, não obstante o enunciado sempre implicar o enunciante, se se levar em conta que é em Outro-lugar que a palavra se formula não é impróprio asseverar que, no gozo, é Outro que quer ser. É Outro que goza.

Pois sendo, o sujeito confirma o estatuto de dito do que recebe do Outro, admitindo-o com sentido. Ou seja, investe-o de ser e, nessa medida, por simetria o Outro é imaginado como gozante.

Por este prisma não tem cabimento falar em sujeito gozante. O gozado é o sujeito, porque o significante assujeita-o. O Outro subjetiva-o gozoso, no quadro de uma operação pela qual **eu** se desrealiza em "objeto" (do Seu querer).

Mas que prisma é este? Trata-se de um pelo qual se sabe que algo se diz, cautelosamente deixando em suspenso a questão de identificar quem diz.

Aprofundando um pouco a análise logo se percebe o quanto a ignorância quanto a quem diz — o desconhecimento de que é a intensidade do desejo inconsciente que dá força ao imperativo — é de vital importância e portanto do maior interesse do **eu**.

Relativamente a **mim**, o gozo é ser inconsciente. Pois se o gozo fosse do sujeito, este não haveria. Remetendo-o ao lugar de objeto a estrutura protege o sujeito da dissolução inerente à plena dicção. Afinal, se o gozo não falta, falta o desejante: ou o ser está em falta ou falta o sujeito. A mesma falta em ser que lhe é consubstancial ver-se-ia abolida na hipótese do gozo ser "seu" (pois o gozo, agora se sabe, é ser).

Não é à toa que a temática do gozo se encontra entre as mais propícias a evidenciar incompreensões do pensamento lacaniano. Ápice de uma edificação complexa, se por qualquer razão se ignorar ou omitir o papel que se lhe reserva de resguardo contra a tentação de "amalgamar" alguma ontologia "positiva" a partir da disciplina do inconsciente, o raciocínio dispersa-se em descrições substancializantes de uma realidade psíquica que, se não no seu conteúdo certamente na sua forma, estão em franca e radical oposição ao que o psicanalista pretende articular.

Neste contexto, o recurso a metáforas energéticas (em parte herdado da linguagem freudiana) é especialmente abominável. Com efeito, a noção de energia é, segundo Lacan[392], um modo de introduzir no real um procedimento (simbólico) de medida.

Real, "desmesurado", o gozo não comporta medidas que não as da palavra em que se dita. Assente-se ético, não validando a fundação de alguma substância psíquica, mesmo que se a afiance psicologicamente imensurável.

A pluralidade de referências a que aparece associado são outras tantas formas diferentes de interditá-lo relativamente ao **eu**, e quase apenas isso.

É claro que as distinções e indistinções objetivas entre gozos (do corpo, do ser, do Outro, fálico, etc.) têm algum relevo circunstancial. Mas é mais importante entender que a multiplicidade das referências ao gozo são outras tantas e necessárias formas de não o atribuir ao **eu**. É tendo-o em mente que, interligada e sucessivamente, os vários modos de se o dizer vão ser examinados. Não há o intuito de os catalogar e descrever em si mesmos, e sim a necessidade de elucidar a incompatibilidade entre sujeito e ser.

A psicanálise descreve-o por meio do conceito de gozo, evidenciando que o (fictício) ser é efeito de significância, sentido inconsciente (por ficar à sombra do significado). Mostra que a imperativa determinação de ser só é eficaz na hipótese do dicente se fazer sentido ouvido, mas que isso é impossível (pois, sob pena de inexistência de **eu**, o "ser-gozo" a **si** não pode ser referido).

Para evidenciá-lo, a princípio há que dar continuidade à análise do gozo enquanto dito do Outro. Verificou-se o quão medularmente é feito da significância e, em continuidade à linha de raciocínio que se vem desenvolvendo, tem cabimento sustentar (como Lacan o faz desde o décimo-sexto ano do seminário) que o saber é gozo do Outro:

> *Il m'est arrivé l'année dernière d'appeler* ***savoir*** *la jouissance de l'Autre.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.12)

Ou seja, o que se apresentava apenas como saber do Outro — intrinsecamente do Outro, por ser letra representante e alienante —, traduz-se "ontologicamente" como gozo do Outro.

Mas ressalte-se que, como também já se sabe, a menção ao gozo como do Outro aponta não para uma alteridade positiva — para tanto se empregaria outro com minúscula —, mas fundamentalmente para o estranhamento do sujeito no gozo, o esvaziamento da reflexividade subjetiva na (falta de) experiência gozosa.

Por se verter pelas trilhas do simbólico, exclui-se o gozo do eu, preservando-se-os — ao sujeito e ao gozo — na medida em que o último, sendo do Outro, não é "meu".

---

392 Vide subcapítulo 10.

Quanto ao Outro, portanto, não obstante os malabarismos estilísticos do autor possam induzir incautos à fácil descoberta de contradições, o fato do gozo lhe ser referido não oferece dificuldades.

No entanto, o que se contorna pela lembrança de que a alteridade não aponta para uma inter-subjetividade, mas antes para uma intra-subjetividade em que, cindido, **eu** aparece (no) outro, repõe-se problemático a partir do momento em que o Outro se cogita como corporeamente situado. Aquele modo de dissolver a dificuldade não mais parece possível a partir do momento em que se trata de algo tão "objetivo" quanto o corpo.

O psicanalista é incisivo na recusa, tanto da possibilidade de algo se saber do gozo do Outro — como, por exemplo, que o objeto do gozo seja o corpo —, como na correlata impossibilidade de o referir a outro sujeito — o que parece ser o caso na circunstância do Outro gozante ser corpo. Não obstante, declara que

La jouissance ne s'appréhende, ne se conçoit que de ce qui est corps. (27-4-66)

Portanto há que enfrentar um novo desafio: ainda que intrinsecamente simbólico — quer dizer, do Outro —, é ao corpo que Lacan refere o gozo.

Pois não é qualquer coisa que faz gozar. **Eu** recebe-**se** do Outro por meio de significantes sentidos do corpo, letras sofridas na carne que são suas representantes e o implicam.

É portanto inevitável ajustar a compreensão do gozo, como do Outro, ao dado novo, especificador do mesmo como sendo do corpo. E sob pena de soar contraditório atribuir o gozo ao corpo, mesmo que somente ao corpo, o caminho para devidamente o tratar consiste em realçar a conceituação, antes estabelecida, da dita corporeidade. Isto é, para entender a referência do gozo ao corpo, não se deve esquecer o ponto de partida do que é corpo.

O corpo não é uma coisa qualquer, disposta na espacialidade como um dado na realidade. O corpo é ponto de convergência do simbólico com o real. No que subjetivamente importa, modela-se pela inscrição significante. Constrói-se por letras, em volta da pulsão.

Quer dizer, em vez de objeto, o corpo remete à natureza em si mesma incapturável e inatural do sujeito.

Consoante se averiguou[393], não passa de ser a raiz da espacialidade. É intrinsecamente trama significante e limiar do inefável real. É o lugar da inscrição (como letras) desses significantes primeiros que instauram o sujeito, fazendo-se seus representantes para os demais. Delineia-se como borda da pulsão e é donde transborda a angústia.

Até agora isso era tudo o que relativamente ao corpo se descobrira: sabia-se ser insabível e materialidade literal do saber.

Porém, por esta altura do equacionamento do indizível que há no dizer, sem que do ponto de vista do conhecimento nada se acrescente, a propósito do gozo algo se pode adendar.

Sabendo-se ser o gozo da ordem do real, dizer que só há gozo do corpo, que todo o gozo é gozo do corpo, significa que o gozo não é gozo de coisa alguma.

Quanto ao gozo, a referência ao corpo não é uma atribuição. Muito menos algo a entender como acréscimo de uma verdade ao conhecimento de um objeto, pois a palavra remete apenas a palavras (outras) e não a alguma coisa. Logo, desde que se sabe que o corpo é real simbolizado, dizer que o gozo é sempre do corpo, pura e simplesmente adenda à formulação do gozo como saber do Outro que os significantes em jogo devem ser entendidos como letras.

Eventuais dificuldades para esclarecer a tão íntima associação do gozo do Outro a um (suposto outro) gozo do corpo, além de evidenciarem uma concepção do corpóreo pouco

---

393 Vide capítulo anterior, subcapítulo 55.

psicanalítica — por muito objetivamente biológica —, solucionam-se por meio de uma melhor intelecção do papel da letra.

Recorde-se que esta é significante "corporificado"[394], o que determina mais um, ainda que previsível, atentado ao senso comum:

> *Ce qu'il en est de la jouissance n'est ici en aucune façon réductible à un naturalisme. Ce qu'il y a de naturaliste dans la psychanalyse, c'est simplement ce nativisme des appareils qui s'appellent les pulsions, et ce nativisme est conditionné de ceci que l'homme naît dans un bain de signifiants...* (5-3-69)

Afinal, longe de expressar alguma positividade naturalista, o corpo associa o significante à revelia da consciência com uma experiência subjetiva sem consciência. É a fidelidade a esta que faz com que se subordine a concepção de gozo ao corpo, que a um só tempo é lugar real do Outro e real lugar do **eu**.

Por isso não há dicotomia entre sujeito do significante e sujeito do gozo. Exatamente por o significante implicar o sujeito, e este, para além da acepção semântica, ser sentido, situa-se e situa-o corporeamente. Mas dado que o corpo — também para além da acepção estritamente vinculada à cognição — só é concebível significantemente, é perfeitamente possível resumir a tese lacaniana pela fórmula

> *... on ne jouit que de l'Autre...* (8-3-72)

Não há nenhuma contradição. O corpo é Outro realizado e o gozo do corpo é gozo do Outro. Um e outro são modos, necessariamente parciais — como é inevitável e adequado, em se tratando da admissão da falta —, de indiretamente referir o sujeito à margem do risco de o objetivar ou apagar.

Goza-se do Outro. Mas isso é nada mais nada menos que a escuta de significantes inscritos em corpo e do **eu** representantes. Os significantes primeiros requerem o corpo como suporte da idéia e do fato de um lugar-sujeito[395].

Logo, goza-se do corpo. O gozo é a recepção dos significantes, pulsionalmente corporificados, que fazem **eu** "ser". Afirmá-los espacialmente realizados é o mesmo que dizê-los encarnados[396].

Deste modo, não sendo propriamente objeto, o corpo desvenda-se lugar insabido da "coisa" sujeito. É alteridade e subjetividade.

Significante entrelaçado a carne, o corpo é, por assim dizer, o âmago exterior do Outro. Por definição nunca plenamente simbolizável, é o "exterior" da estrutura do **eu** no Outro. Para o sujeito, é Outro; mas no Outro, **eu** é que é outro, e corpo[397].

Cumpre o papel de preencher com o sujeito o lugar do objeto, de maneira tal que **eu** estranhe a si mesmo. Sob pena de que, não se recebendo do Outro como outro, não se alcance propiciar a "distância" imprescindível ao sentido, que é intervalo muito necessário[398].

Iludir-se-ia quem simplificasse esta problemática vinculando o gozo ao encontro, descabido, do objeto (pulsional). Pois este é um efeito do saber, perante o qual o sujeito em si mesmo se representa[399].

De fato, em verdade o objeto sempre falta. Quanto mais se pretende recuperá-lo do lado do **eu**, mais o Outro suposto sujeito se revela o próprio corpo:

---

394 Vide terceiro capítulo da Terceira Parte.

395 Este, exatamente por isso, aparece associado à pulsão.

396 Vide Segunda Parte, subcapítulo 23.

397 A agilidade com que as proposições aqui se sucedem deve-se ao fato de serem retomadas levando em conta que já foram anteriormente apresentadas. A sua progressiva introdução vem desde o último capítulo da Quarta Parte.

398 Ainda que sempre sob a ameaça da verdade, pois sempre há o risco de que as operações simbólicas com que se protege a sua revelação — ou melhor, o sujeito se protege da sua revelação — se risquem e os véus se apresentem transparentes.

399 Vide subcapítulo 55.

... il y a un champ que j'ai désigné par le nom de la jouissance de l'Autre, qui est à représenter pour ce qu'elle est, c'est-à-dire comme inexistante. Ce qu'il faudrait, c'est donner corps — c'est le cas de la dire — à cette jouissance de l'autre absente... (OUVERTURE DE LA SECTION CLINIQUE. Ornicar 9, p.12)

O Outro é corpo e sentido em falta.

Faltante, "aparece" como Outro-sexo.

Porém, as lacanianas alusões ao Outro como Outro-sexo, longe de visarem estabelecer quaisquer hipóteses metafísicas relativas a Deus e às mulheres, o que pretendem é salientar que, no que tange ao real, o Outro se evidencia corpo desejante.

Insignificabilidade intensamente sentida, é na esfera da sexualidade que, em diametral oposição a alguma plenitude divina, o Outro se mostra corpo falho. E faltante, Nele não se encontra nenhuma chave significante que permita abolir a indicibilidade do que nunca é nem é algo, ainda que às vezes se faça sentido.

Como o sentido funda-se da implicação do sujeito pelo seu representante (que nesse processo também é seu constituinte), resulta que quanto mais **eu** se "avizinhe" do corpo — quer dizer, quanto mais se avance na direção inversa à do desejo, a da pulsão, seguindo a qual a um significante se siga outro, que menos signifique o objeto e mais desmascare o (pulsional) sujeito real —, mais o sujeito "percebe-**se**" escapar-lhe o sentido, e portanto a possibilidade de ser.

A redução da distância, inerente à diferença, entre **eu** e outro — ainda que este outro **me** represente —, "dissolve" o ser **eu**, reduzindo-o a carne viva.

É bem por isso que o gozo, além de ser do Outro, precisa ser do Outro. Quer dizer, deve ser posto em lugar que não **eu** mesmo e delimitado pela significância, que inerentemente é Outro.

Enquanto saber sentido — nas duas acepções, tanto como consciência de significações, quanto como vivências significantemente determinadas — o gozo transcende o corpo mas integra o limite do significante. É gozo fálico, sentido.

Mas ao projetar sentido o falo também estabelece limites, define pontuações. Ou seja, marca os buracos em que Outro gozo pode aflorar.

Note-se que, se enquanto se ouve o sujeito se confirma sentido, "sente-se ser", o fálico é um gozo do Outro na acepção de que é o sujeito que goza do Outro, usufruindo da geração de significações que a significância lhe proporciona. Mas graças à ambigüidade inerente ao simbólico, por outro ângulo é o Outro que goza e, aí, o sujeito se destitui em objeto do seu gozo.

No limite o gozo só se apreende e se concebe devido ao corpo. Há gozo do corpo. O corpo goza e goza-se do corpo. E este, como corpo gozado, é "literação": goza-se pelo significante. Mas como corpo gozante, por especificar uma modalidade mítica de preenchimento da falta em ser solidária da extinção de **si**, é sujeito inconsciente.

Por em qualquer caso se tratar de significantes, e portanto da possível experiência do **eu**, é perfeitamente cabível afiançar que o gozo é sempre relativo à articulação do ser falante em corpo,

... la dimension entière de la jouissance, à savoir le rapport de cet être parlant avec son corps — car il n'y a pas d'autre définition possible de la jouissance... (2-12-71)

Como a relação do ser falante ao corpo não passa de ser a articulação do sujeito à raiz do significante, o gozo a um só tempo põe-se saber sentido e põe-**me** testemunha da sua obra na carne escrita por significantes. Esta carnalidade, esta palavra feita carne, faz-**me** encontrar a "substância subjetiva" — ou melhor, substantivamente o sujeito — no horizonte para que aponta o querer fazer sentido.

Mas aquém da significação, sensação sem saber, o gozo é outro, fora do sentido. É puro corpo, sítio da letra, contorno da falta. Quer dizer, é real, indizível limite e avesso do simbólico, forma pelo avesso da forma simbólica.

Tal ambiguidade deve ser irredutível. O (sentido) que escapa ao sujeito na verdade deixa-o em falta, pois "ele" põe-se ser na dependência de ser dito. Equivoca-se portanto quem imagine haverem drásticas oposições entre o gozo fálico e o gozo do Outro. Enquanto significante, o falo integra o Outro; sem a possibilidade de operar o verbo e a cópula, o Outro invalida-se.

Em suma, quer seja dito do Outro ou fálico, do corpo ou do ser, o gozo é um meio de referir o viver e a morte, o ser e o não ser, de maneira paradoxalmente pouco disjuntiva. No fundo, com a noção nada mais se visa do que preencher a vaga do ser, de modo a obstar a que, em hipótese alguma, **eu** se trate como precedível por um artigo, como "coisa" enunciada e não sujeito enunciante. Pois se apenas se reforçar a conveniência de cogitá-lo à revelia do ser, sem ocupar os interesses especulativos que se conformam à nostalgia da substância com algo que possam mastigar sem que se alimentem, permanentemente estará aberta uma via para a restauração de ilusões.

Em vez de meramente eximir-se de enfrentar o desafio do inconsciente no terreno ontológico, Lacan trabalha-o por meio de uma espécie de "anti-ontologia" centrada na idéia de gozo. Até por isso, mais do que relacionar e elucidar os múltiplos modos de o gozo se configurar[400], o importante é ter em mente que, como formas de velamento da sua pertinência ao **eu**, todos são soluções de compromisso entre o desejo e a morte. Unem-se no serem variantes da exigência de que ser e sujeito não se digam concomitantes.

57. DO SENTIDO DO OUVIDO COMO HAVIDO SEM SENTIDO

Apesar da impropriedade de predicar o sujeito com o gozo, algum tipo de correlação entre ambos tem de ser pensada. Para tanto, o melhor ponto de partida[401] consiste em persistir na insistência em sua falta de cabimento, a qual se vai esmiuçar.

Ao realmente intentar-se tangenciar sujeito e gozo — agora não mais no plano estritamente especulativo da impertinência correlativa de um ao outro, mas antes no campo efetivo da vida —, não se encontra, a não ser como mito, o que pateticamente possa referir-se como sujeito do gozo:

> *La fin de mon discours, je pense, vous a suffisamment permis de reconnaître, comment pourrait être à ce niveau mythique "S", préalable à tout ce jeu de l'opération, dénommé le sujet; pour autant que ce terme ait un sens et justement pour celle des raisons, sur laquelle nous reviendrons, qu'on ne peut, d'aucune façon, l'isoler comme sujet; et, mythiquement nous l'appellerons aujourd'hui sujet de la jouissance.* (13-3-63)

O núcleo do paradoxo é simples. De impasse em impasse, de soluções em questões, o psicanalista e a psicanálise defrontam-se com o patamar do mito, o veículo suficientemente despojado para a metaforização do indizível.

Noutro contexto não tem cabimento falar em sujeito do gozo, pois na realidade é impossível. No gozo não há **eu**:

> *... à mesure même de sa perfection reste entièrement exclu le je de la jouissance.* (22-1-69)

Não o há porque, pura e simplesmente, no gozo some o sujeito.

O gozo aparece como o paradoxo da perda de **si** — sem necessariamente haver antecedência cronológica, e sem que estruturalmente possa ser de outra forma — um instante

---

400 Fálico, do corpo, do Outro, do ser...

401 Que também é (mais) um ato de reafirmação de confiança numa paradoxalidade metódica.

lógico antes do encontro do sujeito com o objeto. Encontro falho por o objeto para o sujeito não ser dado, o que lhe enseja que, sem saber (nem se saber), se "desencontre" desejante.

Por isso, a insistir-se na referência subjetiva e subjetivante como critério da mínima positividade possível no encaminhamento destas questões — quer dizer, a optar por preservar a condição única de subsistência de qualquer universo discursivo, ainda que paradoxal, que é o sujeito —, o primeiro passo a se ressaltar é o da imprescindibilidade de enfocar o gozo, não no quadro do encontro com o impossível objeto, mas antes pelo aspecto simétrico da perda de **si**.

Como paradigma de todas as míticas faltas, a perda do objeto primeiro a nada mais remete que não à falta de inteireza do ser **eu**, consoante a mesma se enuncia e denuncia no caráter notoriamente subjetivo do objeto "a".

De fato, o objeto, impossível, que nada mais é que uma parte desconhecida do sujeito "realizado", faz-se o meio por excelência para o equilíbrio precário em que **eu** se faz subsistir e gozar.

Como **mim**, coisa que o Outro quer, o gozo em que o sujeito se extinguiria faz-se provar como gozo do Outro, e é na medida em que o sujeito foi incluído na dialética consubstancial ao Outro que, advindo desejante, transmuta-se a alienação numa assunção: o sujeito "quer" entrar no Outro e, "outrificado", encontra uma via indireta para se equilibrar instavelmente como "sobreproduto" de si mesmo.

Desta perspectiva, o objeto "a" é a inclusão do sujeito no "A", como instrumento do seu suposto gozo:

> *Or, c'est justement ce déchet, cette chute, ce qui résiste à la significantisation, qui vient à se trouver constituer le fondement comme tel du sujet désirant, non plus le sujet de la jouissance, mais le sujet en tant que sur la voie de sa recherche en tant qu'il jouit, qui n'est pas recherche de sa jouissance, mais c'est de vouloir faire entrer cette jouissance au lieu de l'Autre, comme lieu du signifiant, c'est là sur cette voie que le sujet se précipite, s'anticipe comme désirant.* (13-3-63)

Por esta via, cada insistência no gozo, como gozo do Outro, faz-se reflectir como gozo que não é de "mim mesmo", mas de "eu-outro", preservando o sujeito ao preço da insatisfação intrínseca ao desejante.

Quer dizer, no intento de se ser pelo dizer, preserva-se o sujeito barrando-se o gozo. O que, afinal, se não explicável, pelo menos é dedutível do fato de que, se o gozo não fosse do Outro, a lei da Palavra não poderia ser a lei do desejo.

Saliente-se pois que a perda de **si**, além de ameaça muito empiricamente sublinhada pela angústia, "sobreproduz" o sujeito pela reflexividade da sua perda. Relativamente ao por princípio intrinsecamente perdido, a perda é modo por excelência de "encontro".

Encontro negativo que, por como perda repetir a gênese do ser **eu**, o repõe à deriva, sempre não idêntico a si mesmo.

A tal pulsação entre o ser e o não ser — ser por não ser e não ser por ser —, certamente cabe melhor o neologismo há pouco introduzido, "sobreprodução"[402].

Situação característica do estatuto da sua posição real, o sujeito encontra-se cindido entre o gozo, "substância subjetiva" sem sujeito, e a impossibilidade de gozar, pela qual se assegura ser (insubstantivo). Tremenda circunstância, que autoriza Lacan a apresentar o objeto como

> *... "a", à savoir ce où le sujet peut retrouver son essence réelle comme manque à jouir essentiellement...* (14-5-69)

Deste modo, a paradoxal "essência" do sujeito, que é ser em falta, "ser desejante", doutro ângulo se revela como inaptidão ao gozo. Subordinação do gozo a um objeto que é **eu** ser outro,

---

402 Ademais suficientemente novo para não se diluir na domesticação da verdade do desejo, amordaçada na palavra "reprodução" e no ato reprodutivo.

... ce objet perdu qui est ce par quoi s'introduit la jouissance dans la dimension de l'être du sujet. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.55)

Em outros termos, apresenta-se o a princípio não-objeto, o sujeito, como objeto em falta.

Logo, não há como haver gozo do objeto:

... rien indique que... la jouissance soit liée à la fonction de l'objet. (6-3-63)

Mais ainda levando-se em conta que o objeto é objetivação da falta subjetiva, no máximo

... "a" vient à prendre une sorte de fonction de métaphore du sujet de la jouissance. (13-3-63)

Nunca poderia ser mais que metáfora, já que, em si mesmo, parcialmente "a" também é efeito significante. Mesmo que elevando partes do corpo à significância, não pode alçar-se além da posição de substituto representante.

Não é pois vão reafirmar que, embora sem o significante sujeito e real sequer sejam cogitáveis, pelo mesmo significante o gozo falta ao sujeito:

... "a" comme tel, et rien d'autre, c'est l'accès, non pas à la jouissance, mais à l'Autre, que c'est tout ce qui reste, à partir du moment que le sujet veut y faire, dans cet Autre, son entrée. (13-3-63)

Porém, dizer que o gozo falta ao sujeito é asseverar a impossibilidade do objeto que o faria gozar. Como este é o sujeito em si mesmo, como objeto inexistente e desde então (sujeito) perdido, a sua falta, imaginariamente supressora de **eu**, é sua constituinte.

Paradoxalmente, na medida em que o sujeito advém da sua perda, a falta que o sustém projeta-se no momento original, marcando-o ser como morte:

... le chemin vers la mort n'est rien d'autre que ce qui s'appelle la jouissance. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.18)

A morte é um fim que só o é por ser o princípio (do sujeito).

Começo da palavra, o limite do horizonte dos sentidos, a morte, indica o momento de tangenciamento entre a perda do real (que faz o sujeito ser) e a perda do sujeito em que o real o faz gozar:

J'en ai ici, en son temps, pointé la parenté avec les énoncés de Kierkegaard. Au titre même de ceci qu'il est expressément et comme tel répété, qu'il est marqué de la répétition, ce qui se répète ne saurait être autre chose, par rapport à ce que cela répète, qu'en perte. En perte de ce que vous voudrez, en perte de vitesse — il y a quelque chose qui est perte. Sur cette perte, dès l'origine, dès l'articulation qu'ici je résume, Freud insiste — dans la répétition même, il y a déperdition de jouissance. (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.51)

De novo há que prosseguir com cuidado. Posto que o sujeito se perde no gozo, há que perder gozo para não perder o sujeito. Quando Lacan fala em perda de gozo, o que está em jogo é o evitamento da perda do sujeito.

Pois a (fantasiosa) realização de uma significação absoluta em que o sujeito realmente se perfizesse — o pleno gozo —, apenas se pode fazer significar como caminho em direção à morte. Ou seja, direção em direção ao real, meta (do ponto de vista do **eu**) sempre frustrada, devido à propriedade (simbólica) da falta. Mas ainda assim, e por causa mesmo do desencontro, meta a cada repetição de novo retomada.

Logo, há que revirar o estudo da repetição na perspectiva do gozo. Convém retomá-la atentamente, averiguando se e como pela repetição o gozo incide.

Recorde-se que se trata de uma reiteração do traço unário, uma seriação da falta, positivamente inquantificável (por cada positividade ser qualitativamente diversa, e portanto incomparável). Mas necessariamente desconsiderando-se a infinita variabilidade do que falta, atendo-se à generalidade desta na medida em que pode fazer-se equivaler a uma sucessão de "menos uns", a repetição é enumerável. Ora, (segundo Lacan) é o gozo que assegura a reatualidade deste processo:

> *C'est parce que le trait unaire vise à la répétition d'une jouissance qu'un autre trait unaire surgit après coup...* (25-6-69)

A repetição visa à repetição de um gozo, imaginariamente associado a um objeto (necessariamente em falta) de que se recorta um representante do sujeito. A reiteração do que se repete, a retomada do gozo, é portanto uma reprodução do intento de religar o sujeito (a um objeto que, em si mesmo, é representante de **si**). Empreendimento estruturalmente condenado ao fracasso, porque o mesmo gozo que busca, o obsta.

Afinal, como condição mesma do gozo exige-se, ora a perda do sujeito, ora a sua projeção — a sua atribuição a Outro que **me** diz.

Se sucedesse **eu** gozar, a repetição cessaria. É precisamente porque o sujeito não soçobra, e portanto perde-se gozo, que a repetição persiste. Como presença do passado, apresenta-se a cada tempo do deslocamento significante, em cada série de desencontros em que a "coisa" escapa:

> *... la répétition.*
>
> *Ceci, que je n'ai point inventé mais qui est dit dans Freud, pour peu seulement qu'on fasse à ce qu'il dit attention, ceci est lié d'une façon qu'on peut dire déterminante à une conséquence qu'il désigne comme l'objet perdu...* (22-1-69)

Esta ligação ao objeto perdido é aparentemente a mesma que se vê em função no desejo. Há porém uma diferença fundamental: como neste a falta é consubstancial ao simbólico, ou seja, o que se põe em jogo é a função — diga-se simbólica, para se ser redundante — da falta, o sujeito está protegido do encontro pela falta de natureza em que se inscreve natureza em falta. Embora sempre parcialmente insatisfeito com partes ou substitutos — quer dizer, "amarrado" em metonímias e metáforas —, não tem de enfrentar o risco de faltar a falta.

Outra é a situação quando, em instantes de mergulho na vida, realmente se afronta o patamar do impossível. Quer dizer, quando não se escapa da "coisa", e (sempre antes do impossível encontro) **eu** como que se apaga.

Não obstante, e precisamente porque o encontro é intrinsecamente falho, ao contrário do que se poderia imaginar, ao se perder, paradoxalmente **eu** "sobreproduz-se".

Para melhor explicá-lo é conveniente esmiuçar a natureza mesma da falha.

Desde que o sujeito é feito inscrito no significante, o encontro é impossível porque, se bem que a letra constitua e substitua o objeto, é outra coisa, aquém do significante, o que no gozo se visa. Satisfazer-se o desejo é preencher a falta com substitutos da coisa medularmente insubstantivos: é repor a falta.

Mas o sujeito não é apenas o que resulta da sua inscrição no significante. Graças ao simbólico, mas a ele extrínseco, algo da ordem do sujeito resta da operação de sua fundação. Portanto, **eu** não está protegido da possibilidade do que não é falta. Ora, nesta hipótese, o que falta é o sujeito, que se anula antes do encontro. Todavia, tal supressão, mergulho instantâneo na morte, em si é proteção contra o gozo: paradoxalmente, repõe-no **eu** em falta.

O impossível implica isso. A supressão de **eu**, sua "sobreprodução", acontece um instante lógico antes da passagem do ouvir sentido, o gozar, para a falta de sentido intrínseca à dissolução do significante, extintora do sujeito. A plena dicção é obstada pela dissolução da falta, que lhe seria inerente.

Sem medidas nem limites, o sentido[403] fantasia-se reduzido ou ampliado a sensação extrema, sem senciente.

Conseqüentemente, se para além do gozo o real é impossível, como gozo já é impossível. No gozo, por meandros que adiante se detalham, o sujeito é posto real. Mas assim como o real do sujeito, a pulsão, é real subjetivado — e portanto está sob incidência (da inscrição) simbólica —, o sujeito, apagado do significante e mergulhado no real, deixa o ser sem deixar de ser.

Não fosse assim, Lacan também não teria como justificar que haja sujeito mesmo quando **eu** não se associa permanentemente a um feixe de significantes que o orientem estavelmente quanto a **si**, ao Outro, ao tempo, à realidade e, nuclearmente, à sua posição numa ordem genealógica.

Afinal, a exclusão do simbólico continua sendo uma posição determinável por coordenadas simbólicas: inclusão e exclusão têm implicações diversas para o ser subjetivo, mas o fato do sujeito ter ou não ter lugar (estável) na cadeia do discurso nem por isso deixa de ser um modo de determiná-lo relativamente ao simbólico[404].

Admirável seria imaginar o oposto, pois há certamente uma diferença, por exemplo, entre um homem que se perceba como uma barata e uma barata que fosse um homem. É evidente que a "realização" das metáforas e das metonímias é uma ação de realizá-las e, desse modo, permanece ligada ao campo das conseqüências (lógicas).

Sem dúvida é importante averiguar os meandros, tão peculiares, do desligamento como modo de ligação — o que, além do mais, tem imediato interesse clínico. Não obstante, aventurar-se em tal perspectiva, ainda que fascinante, desviaria a investigação da sua rota. No âmbito desta, o agora importante é desvendar o modo do estatuto entre real e simbólico intrinsecamente impossível, correspondente ao gozo.

A este respeito cumpre avisar que, assim como Lacan soube escutar o francês — dando ouvidos a modos relevantes do ciframento de verdades na forma de identidades homofônicas —, agora vale a pena, com o mesmo intuito, ouvir a significância articulada em língua portuguesa. Que mais não seja, para pelo menos ilustrar uma próxima descoberta.

A par da coincidência sonora, no caso, a mudez de uma letra mostra-se eloqüente. Pois pretende-se ressaltar que, acima de tudo, longe da plenitude da palavra, na (palavra da) plenitude, o sujeito que houve, ouve sentido. Goza.

Por um lado, como houve, não há (sujeito). O sentido "desdelimita-se", não se pontua. O ser "infinitiza-se", destituindo-se faltante e, portanto, abolindo-se sujeito e persistindo gozo. O sujeito está abolido no presente e, "submerso" no real, apaga-se como presença desejante.

Por outro lado, desde que houve, embora fora de si, o tempo, sempre verbal, o resguarda no regaço do ser. Pela natureza mesma da repetição, o passado, embora ido, faz-se presente. O que foi, ouve.

O que foi, volta. Ainda que fustigado pela intempérie, "sobressiste" no horizonte (de sentido) imanente à palavra.

Não por outra razão, após cada perda, o encontro não é o mesmo. É um reencontro marcado, realçado, pela história da falta.

No gozo, **eu** abole-se. Mas graças ao gozo ser do Outro, sem desejo, sem presente discursivo, ainda assim **eu** mantém-se no horizonte do ser e do sentido, por ter sido um pouco antes de haver desaparecido e, no instante da perda, repor-se falta, e por isso estar à mercê da palavra. Ouve o que foi.

Afinal, a falta do sujeito é essencialmente a falta. Por isso, só miticamente se pode referir o gozo a uma plenitude, pois correlatamente é a extinção do que estaria sujeito à plenitude.

---

403 "Sentido", neste caso, a ser lido tanto na acepção semântica, como nas cabíveis ao verbo "sentir".

404 Note-se que determiná-lo relativamente ao simbólico não se confunde com a sua eventual determinação pelo simbólico, que se aplica exclusivamente na hipótese da inclusão.

Eis uma nova forma de preservar o "ser sujeito", resguardando a falta. Já se verificara, no momento de exploração das implicações epistemológicas do inconsciente, como o impossível de dizer mantinha o ser dicente. Quem acompanhou o labor investigativo prévio também pôde reconhecer a lei da palavra como a condição de possibilidade da subsistência insubsistente do sujeito — experiência, mais que ressaltada, "sobressaltada" no gozo e que assegura à psicanálise um estatuto revel à epistemologia, crítico da cientificidade, irônico para com a ontologia e revolucionante da ética[405].

O que não se poderia imaginar é que, além da lei interditora — que de outro ângulo é uma impossibilidade epistêmica —, a falta se pudesse assegurar não mais do lado do objeto — quer como impossibilidade, quer como interdição —, mas pelo polo do haver sujeito.

Eis o que finalmente se põe em pauta com os termos da inexperiência do real que se denomina de gozo: em vez do encontro do objeto, desarranjadas as barreiras que visam preveni-lo, no gozo não se o encontra. Como necessário e derradeiro recurso, perde-se o sujeito.

Há pois que, agora em função do gozo, retomar a consideração da ética (à luz do inconsciente).

58. DO PRAZER DESMEDIDO COMO SER SOFRIDO

Para poder esclarecê-lo é conveniente enfrentar a análise da substância ficcionada como um bem, o prazer. Ou seja, cuidar do prazer como bem e do bem como a "boa" substância, na perspectiva de concomitantemente elucidá-lo relativamente ao real em que, se gozar, o sujeito se apaga.

O que o esclarece, e fomenta algum diálogo com a cultura filosófica que alimenta a investigação psicanalítica, é a tese de que a substância é o prazer:

> *Eh bien, je vous propose ceci. Ce qui, au niveau du principe du plaisir, se présente au sujet comme substance, c'est son bien. Pour autant que le plaisir gouverne l'activité subjective, c'est le bien, l'idée du bien qui le supporte. C'est la raison pour laquelle, de tous temps, les éthiciens n'ont pu moins faire que d'essayer d'identifier ces deux termes, pourtant si fondamentalement antinomiques, que sont le plaisir et le bien.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.43)

O que se apresenta ao sujeito como seu bem, o prazer, para todos os efeitos vale por substância.

Longe de uma categoria ontológica, o conceito de substância só não é psicológico porque se desistiu da psicologia.

Como tal desistência se processa no bojo do descrédito em qualquer objetividade positiva, tal identificação entre prazer e substância, de interesse subjetivo, é menos merecedora de crédito do que de análise.

Nesta perspectiva, vale a pena reconfirmar a decisão então tomada, reconstruindo-a a propósito da temática do gozo. Além do mais, tal ocasião propicia que melhor se decifre o papel da discriminação entre um gozo (dito) fálico e outro (gozo), por razões antes explanadas dito do corpo.

A distinção tem aplicações clínicas, porém aqui importa apenas mencioná-la como inerente à cisão constituinte do sujeito, homóloga da mesma duplicidade que se encontrava na formulação do desejo como desejo do Outro.

Gozo do sentido do saber e gozo dos sentidos da "carne" têm em comum o apresentarem-se deslocados do **eu**. Mas já houve ocasião de desmascarar tal artimanha: ainda

---

405 Numa direção que favorece demonstrá-la apta a apontar a direção do real, por – conforme é elucidado em subcapítulo próximo – o bem ser identificado ao prazer e este à substância.

que mediados pelo Outro, os gozos ditos fálico e do corpo, subrepticiamente, devem por-se como garantia de ser (**eu**).

Pois, como se sabe[406], quem se ocupa com o sentido de Deus fá-lo em causa própria. A confiança em Outro ser garante é em verdade inequivocamente incerta, na medida em que se suporta tão somente no exercício da palavra, cuja solidez Ele mesmo trataria de assegurar.

Esta verdade, a falta de garantias quanto à Palavra, e portanto a insegurança quanto à existência, asseguram a precariedade como substantiva. A substância é precária e a precariedade como que é substancial.

É para tanto que se presta o termo cuja acepção na "economia conceitual" lacaniana ora se mapeia. A chave para que, a partir do significante, se descubra e reflita uma ontologia vinculada ao ser sujeito enquanto sujeito, é

> *... ce domaine interdit de sa nature qu'est celui de la jouissance...* (14-5-69)

Eticamente pertinente, a natureza do inconsciente permite verificar o alcance efetivo do termo interdição. O que se "entre-diz", proibido, o sentido pleno que aponta para o extravasamento da delimitação da dicção que delimita o ser faltante, não pode em hipótese alguma posicionar-se "co-incidentemente" ao sujeito, sob pena de apagá-lo.

Se o sentido se fechasse, se se completasse, então sim, seria possível determinar o ser sujeito. Porém, como verbo, sempre com reticências, ato de dicção reticente, não é assegurável a reviravolta pela qual o dicente capture a si ou alguma coisa.

Enterram-se de vez quaisquer expectativas objetivantes, e com elas o futuro da psicologia. O inconsciente não se presta ao advento de uma nova.

Muitas das frases lacanianas que parecem ser proposições descritivas do psiquismo, em verdade têm outro estatuto. A título de exemplo, examine-se a seguinte:

> *Le surmoi, c'est l'impératif de la jouissance — **Jouis!*** (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.10)

À primeira vista parece que se trata de estabelecer um paralelo entre a suposta instância de um objeto — o psiquismo — e uma fórmula lingüística. Mas, advertindo-se mais e cada vez mais da ficcional natureza do ser, há que ter em mente que, de fato, o enunciado visa evitar a alienação da inexperiência de ser real, o gozo. Ou seja, pretende obstar à objetivação da substância do pensamento no mundo, como substrato de coisas.

Pois o super-eu não passa de ser a presença da lei como alteridade, "interlocucionando" **mim** pela forma sintática "tu". É "Outro" em **mim**, pedra angular da preservação do ser (diferença), estribo do perdurar-**se** (desejante).

Neste momento da investigação, portanto, há que retomar teses primeiramente delineadas a propósito da (plena de negativas conseqüências ontológicas) reinterpretação eticizante da psicanálise, examinando o seu retorno (na forma do gozo) sobre o que, a partir da psicanálise, ainda valha a pena admitir como sintomaticamente "ontológico".

Não deve pois causar estranheza o fato de se alinharem épocas do labor lacaniano tão distanciadas no tempo quanto os anos vigésimo e sétimo do seminário.

O conceito de gozo é alentadamente tratado no primeiro. Quanto ao segundo, Lacan manifestou vontade de refazê-lo:

> *Il m'est arrivé de ne pas publier l'éthique de la psychanalyse. ... Avec le temps, j'ai appris que je pouvais en dire um peu plus.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.9)

A continuação destas palavras inaugurais daquele ano do seminário não deixa dúvidas quanto ao fato de o pouco que em tempos anteriores poderia ter dito a mais se relacionar à

---

406 Este e os próximos parágrafos retomam idéias introduzidas no subcapítulo 52.

conveniência em, em se tratando da ética, necessariamente levar em conta a problemática do gozo, a fim de aprofundar e simplificar a intelecção das teses a ela atinentes.

Estas, por sua vez, importam para que não se dilua o contexto originário no qual se traça a "subjetiva" ontologia do gozo. Neste subcapítulo como que se procede à correlatamente previsível e desejável interpretação do gozo como problemática ética, integrando-se ao necessariamente ontológico tom da reflexão sobre este os elementos necessários para que se restaure o seu tempero psicanalítico, pelo qual assume feições que o subordinam ao campo de exame das ações (por meio das quais o mal-estar advindo da sua indeterminação é administrado).

Sem dúvida que a forma mais simples e clara de cumprir com o proposto é também a mais direta. Vale a pena principiar pela comparação entre o prazer e o gozo.

Tomando o prazer como bem, e por substância, não se ultrapassa a barreira, desmascarada pela psicanálise, entre objeto e sujeito. Pois o bem do sujeito, o prazer, imagina-se substância devido ao desejo que, graças ao significante, inventa e constrói o ser sob medida.

Mas enquanto sentido medido, não se põem em causa as (precárias) fronteiras entre ser e objeto, tão esforçadamente erguidas pela cultura, e especialmente consumadas pela ciência moderna. Porém, em benefício da verdade, prudentemente afrontadas pela psicanálise.

Restringe-se o gozo e a substância limita-se então ao prazer, por sua vez dependente da literalidade em que subsiste a realidade circundante. Mas o padrão dessa linguagem resume-se ao corpo:

> *... le jouir d'un corps, d'un corps qui, l'Autre, le symbolise, et comporte peut-être quelque chose de nature à faire mettre au point une autre forme de substance, la substance jouissante.*
>
> *N'est-ce pas là ce que suppose proprement l'expérience psychanalytique? — la substance du corps, à condition qu'elle se définisse seulement de ce qui se jouit. Propriété du corps vivant sans doute, mais nous ne savons pas ce que c'est que d'être vivant sinon seulement ceci, qu'un corps cela se jouit.*
>
> *Cela ne se jouit que de le corporiser de façon signifiante. Ce qui implique quelque chose d'autre que le* ***partes extra partes*** *de la substance étendue.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.26)

A substância é aqui enfocada, pura e simplesmente, como a distribuição do prazer pelo corpo, de que se tem notícia ser o assentimento realizado do significante.

Por outro lado, em se tratando de prazer, não se pode desconhecer como, já em Freud, o tratamento deste em termos de quantidades estabelece como que um limiar em que, sem alteração da sua natureza, se transborda em desprazer. Desta perspectiva, é a transposição desse limiar que introduz o campo do gozo. Portanto, o psicanalista nega substanciais diferenças entre prazer e gozo:

> ***La réalité est abordée avec les appareils de la jouissance.***
>
> *Voilà encore une formule que je vous propose, si tant est que nous centrions bien sur ceci que d'appareil, il n'y en a pas d'autre que le langage. C'est comme ça que, chez l'être parlant, la jouissance est appareillée.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.52)

Sem saber, sem poder se dizer, o ser sujeito aniquila-se vertiginosamente no ato de se dizer, por um procedimento que só pode enunciar-se como gozo. Já na hipótese mais favorável, o gozo é delimitado em prazer. Esbarra num limite, o princípio de prazer, que na circunstância anterior se afronta com um excesso, impossível de integrar subjetivamente:

> *La jouissance est ce quelque chose dans quoi marque ses traits et ses limites le principe du plaisir, c'est quelque chose de substanciel...* (31-5-67)

Lacanianamente entendido como processo de encadeamento de significantes, na busca de referir algo que sempre escapa, o princípio de prazer traça os limites do gozo. Quer dizer, o limiar da vertigem em direção ao prazer como gozo denomina-se de "princípio de prazer".

É devido a tal articulação entre prazer e gozo, limite e perda (dos limites), que de novo a colaboração da ética se mostra interessante e mesmo imprescindível. No corpo, em se tratando de significantes, o nem cognoscível nem entificável pode, na qualidade de indizível, corretamente enunciar-se em termos éticos:

> *Je dois ici rappeler que ce que j'ai développé longuement dans une année que j'ai évoquée à l'une de nos dernières rencontres sous le titre de l'éthique de la psychanalyse articule que la dialectique même du plaisir, à savoir ce qu'elle comporte d'un niveau de stimulation à la fois recherché et évité, une juste limite d'un seuil, implique la centralité d'une zone d'interdite, disons, parce que le plaisir y serait trop intense; que cette centralité, c'est là ce que je désigne comme le champ de la jouissance, la jouissance elle-même se définissant comme étant tout ce qui relève de la distribution du plaisir dans le corps.* (12-3-69)

Única e exclusivamente equacionável eticamente, o princípio de prazer deve pensar-se em articulação com o gozo.

Não se trata de conceber o corpo como um objeto que seja distribuidor e reservatório de um fluido misterioso que, objetivamente, seja o prazer. O que dessa energia importa é a sua etimologia, a atividade de que, ética e insubstantivamente, **eu** se depreende. O que lhe apraz, o que toma por bem, vale por substância.

É sentido, mas não por reais qualidades objetivas que impressionem a percepção. O que delimita o prazer não são os limites do corpo e sim a forma da lei, pelo que a ética se assevera o campo nos termos do qual o sentido da substância se ilumina como acontecimento do lado do **eu**, gozo. A falta de clareza quanto a este ponto compromete a elucidação do caráter corporal do gozo.

Confirma-se que é graças ao corpo que se pode conceber o gozo. Mas, aquém de um dado de realidade, põe-se em jogo o que joga a realidade, o significante, a partir da sua posição radical (que se averiguou ser a sua inserção como corpo). A "experiência" gozosa associa, portanto, a ordem do sentido com o real.

A sua elucidação, se não diagnostica, ao menos esclarece a verdade psicanalítica quanto ao desejo subjacente à área de interesse da epistemologia:

> *Il n'y a d'accès à la réalité que de ce que le sujet soit conséquence du savoir, mais le savoir est un fantasme qui n'est fait que pour la jouissance.* (COMPTE RENDU AVEC INTERPOLATIONS DU SÉMINAIRE DE L'ÉTHIQUE, Ornicar 28, p.14)

Eis que, partindo da consideração do gozo, se estabelece uma ponte para que se enriqueça a compreensão do saber como significante. É sobre este que se exerce a pressão do gozo sobre o prazer.

O que se extrapola subjetivamente como substância são ficções elaboradas em prol do prazer, já que o que neste se põe em jogo — dado que subjacente à realidade, pelo significante assegurada, o que a ordena é a ordem significante — não passa de ser saber do Outro. Ainda assim, apresenta-se forjado em prol do gozo.

No entanto, enquanto saber, gozo do Outro, o prazer encontra-se comedido. Ou gozo com medida, cuja moderação (por meio de uma regulação corpórea), segundo Lacan, deve pensar-se como peculiar forma de "substância", em contraste com a carência.

Dada a artificialidade significante do objeto, solidária da admissão da falta, no prazer apenas parcialmente esta se preenche, não se ultrapassando o limite da sua abolição — que, por tabela, seria a supressão do sujeito. Isto é, mal se alcança ser, restringindo-se o gozo.

Desta forma e somente assim, associada à descarga de tensões propiciada pela presença de ficções significantes, a "substância" é experimentada na vivência subjetiva como

bem. Ou seja, como nada que objetivamente valha uma ontologia, por acontecer estritamente na dependência de eventos subjetivos e subjetivantes, cuja natureza processual nitidamente se patenteia no fato de se referirem às linhas de força de princípios reguladores da conduta humana, de entre os quais o primeiro é dito do prazer.

Em tal contexto, é cabível compreender o princípio ora mencionado da seguinte maneira:

> *Le principe du plaisir, c'est cette barrière à la jouissance et rien d'autre.* (23-4-69)

Barreira em si mesma inerente à experiência do prazer, o que facilmente se constata ao levar-se em conta que o gozo é ameaça mais ou menos temida e ambicionada, e que o desgarramento desmesurado da temperança desiderativa apresenta-se, mais freqüentemente, sob os auspícios da dor:

> *En effet, si la jouissance est interdite, il est claire que ce n'est que d'un premier hasard, d'une éventualité, d'un accident, qu'elle entre en jeu. L'être vivant qui tourne normalement ronronne dans le plaisir.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.56)

De fato, ainda que o termo "prazer" remeta à experiência do que valha por substância, encontra-a objetivamente, como algo desejável que, até por isso, revela o sujeito em falta. Ao se forçar ou ser forçado a encontrá-la subjetiva, ao comprometer-se a palavra e eludir-se a falta, o gozo (como "ser-sujeito") ameaça dolorosamente a possibilidade de **eu** "ser".

Como anúncio de morte, iminência de desfalecimento, a "substância" é vivenciada como desprazer. Deslocado do lugar da palavra, o gozo emerge de algum fracasso na regulação do prazer pelo seu princípio, surge de algum fiasco na "inter-dicção" significante. Um seu índice indubitável é a dor e, por isso, comumente pensa-se-o em conexão com o sintoma:

> *... le symptôme dans sa nature est jouissance... il est de l'ordre de ce que je vous ai appris à distinguer du désir comme étant la jouissance, c'est-à-dire qu'il va, lui, vers la chose ayant passé la barrière du bien..., c'est-à-dire du principe de plaisir, et c'est pourquoi cette jouissance peut se traduire par un **Unlust**.* (23-1-63)

O gozo, como dor, seria absurdo pretender que o sujeito o objetivasse numa descrição do seu querer[407], pois tal atitude escamotearia a impossibilidade que nesse processo mesmo se denuncia. Só é equacionável pela porta aberta do estrutural "insubstantivo", que literaliza o real.

Lá não aparece **eu**, porque, em vez de dizer, o sujeito escuta. Sequer aparece interdito, porque, realizado, o sujeito apresenta-se coisa.

Não tem cabimento atribuí-lo a **eu**. Só há sujeito pela ação significante de sua representação, mas "ele" não se confunde com ela.

Ainda assim, a dor tem relação com o sujeito, na medida em que é o enfrentamento de **eu** com a falta da falta, que o mesmo é dizer com a falta de palavra. Nesta situação, para preservar a falta, faltará **eu**.

Logo, o gozo é "coisa" sofrida.

Importa salientar que a impossibilidade do real como impropriedade de o dizer, mais que um fato, é uma obrigação consubstancial à insubstancialidade subjetiva:

> *Ce à quoi il faut se tenir, c'est que la jouissance est interdite à qui parle comme tel, ou encore qu'elle ne puisse être dicte qu'entre les lignes pour quiconque est sujet de la loi, puisque la loi se fonde de cette interdiction même.* (SUBVERSION DU SUJET ET DIALECTIQUE DU DÉSIR — ÉCRITS, p.821)

---

407 Referindo-se a "seu" gozo. Ilude-se quem imagine "o gozo" como objeto e cognoscível.

Como sofrimento, o gozo é tensionamento dos limites do interdito em direção ao impossível. Conceituá-lo objetivamente, não estruturalmente, seria reificar imaginariamente o sujeito, afastando-se mais e mais da sua "inexperiência".

O único modo de abordá-lo é topologicamente. Com tal procedimento desvenda-se que, embora figura da extinção do sujeito, é equacionável como uma (mais do que certa) possibilidade do mesmo:

> *Ce qu'il faut saisir, c'est que cette topologie, je veux dire celle de la jouissance, est la topologie du sujet.* (15-1-69)

Desta forma, deve-se pensá-lo correlativamente ao que **eu** comporta e, em especial, em paralelo com o desejo.

É sabido que o desejo, enquanto essencial falta de essência "consubstancial" ao sujeito, é animação do saber que se lança como anteparo contra a reificação do "des-ser" **eu**, inevitável se fosse possível unificar-se. Faz pois sentido dizer que o desejo é desejo de saber.

Conceber o desejo como "inessência" do sujeito é pôr em primeiro plano a ação do saber, pondo-o na dependência do Outro. Mas também equivale a negar-lhe o acesso não fracassado ao gozo (próprio):

> *Le savoir, c'est ce qui fait que la vie s'arrête à une certaine limite vers la jouissance.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.17)

Permanecer desejante é subsistir sem se destroçar. Mais que desejável, o gozo é meta contra a qual se interpõe o desejo. Melhor, é fim evitado por o Outro se interpor como desejo.

O sujeito sobrevive na medida em que, no lugar de **eu**, Outro goze; o que em si não é surpreendente, pois, como se sabe, esse Outro é intrinsecamente "com-posto" significante. Como tal, saber, e este, gozo.

Gozo do Outro, como defesa contra o "apagamento" do sujeito, que ocorreria em caso de gozo do **eu** — ou seja, na hipótese da subjetividade mais ou menos permanentemente ruir, devido à ultrapassagem do significante como barreira.

Como em maior ou menor grau o acontecimento gozoso põe em risco a distância entre sujeito e ser — ameaçando e mal disfarçando a periclitante preservação da insatisfação graças à qual **eu** se faz existente —, o gozo positiva-se em condições excepcionais e desagradáveis:

> *Nous n'aurions aucune espèce d'idée de cette dimension, de cette profondeur dont on ne peut pas dire qu'elle s'offre à nous puisqu'elle est interdite, mais qu'à tout le moins nous pouvons nommer, la jouissance. Nous n'en aurions aucune espéce d'idée, si ce n'était la fondation du sujet dans le langage qui par voie de répercussion, en tant qu'il fonde en nous cet ordre, cette barrière, cette défense qui s'appelle le désir qui par répercussion dis-je ne nous forçait à interroger: Contre quoi, nous défendons-nous? Qu'en est-il de cette jouissance? Question, bien sûr, que ne se pose aucun être qui ne soit l'être parlant!* (8-6-66)

O gozo é vertigem de "des-ser", contra a qual o sujeito defende-se com o aparato da conveniente distância inerente ao significante como diferença. A alteridade, condição de fundação do sujeito, também é por excelência exigência relativa à sua sobrevivência. Mais ainda no quadro de uma temporalidade revel à cronologia, em que **eu** é produzido e reproduzido em cada momento (lógico).

Sublinhe-se, no visceral do significante, mais um paradoxo: os meios do gozo, o significante, são também um anteparo contra o mesmo.

Como é conveniente a este patamar de "contradicções" que é o habitual do inconsciente — e porque a ética psicanalítica, a fim de salvaguardar o sujeito, não permite admitir-se o contrário —, os meios do gozo, o significante, também têm de admitir-se como exclusão de gozo:

... ce que l'expérience analytique démontre, encore faut-il le dire, c'est que, par un lien à quelque chose qui n'est rien d'autre que ce qui permet l'émergence du savoir, la jouissance est exclue; le cercle se ferme; cette exclusion ne s'énonce que du système lui-même en tant que c'est le symbolique. Or, c'est par là qu'elle s'affirme comme réel, réel dernier du fonctionnement même qui l'exclut. Nulle part, la voici redevenue partout de cette exclusion même qui est tout ce par quoi elle se réalise; et c'est bien là, on le sait, à quoi s'attache notre pratique: démasquer, dévoiler ce qui, là où nous avons affaire, dans le symptôme, démasque cette relation à la jouissance, notre réel, mais pour autant qu'elle est exclue. (21-5-69)

Relativamente ao sujeito, exclui-se o gozo. Pois se se goza, atingindo-se ser extingue-se **eu**.

Sua exclusão é a sua única razão de ser e, não obstante excluído, por isso mesmo ei-lo insistente em parte alguma, por sem medidas a todas invadindo. Meta e além do sentido, proporciona-se e diagnostica-se como a feição mais geral do ser, fictício e impossuível horizonte substantivo.

Ainda que excluído ou excludente, é assim mesmo que há gozo. E se neste não goza o sujeito, e muito menos de um objeto, importa melhor esclarecer como, na escuta do sentido, goza Outro que não **eu**.

59. DO DITO QUE NÃO GOZA O SUJEITO

O gozo, conceito que aponta para uma escuta do sentido, é referível ao Outro e corpo, única e exclusivamente para dar conta da problemática de um estado de ser sem ser, em que ou se o exclui, ou se exclui o sujeito. Entre as duas alternativas, não se o pode cogitar a não ser na composição simultânea das mesmas[408].

Sem sujeito, o gozo é gozo para ninguém, e não se vê de imediato como interessaria a uma topologia da subjetividade. Simetricamente, em se ocupando desta, se só houver sujeito na medida em que não haja gozo, por que perder tempo com ele?

Eis o impasse no presente enfrentado, para cuja resolução, mais do que nunca, a conceituação do significante antes exposta mostra ao que veio. Especificamente, por propiciar a sutileza do reposicionamento de questões epistemológicas nos termos de uma "ética ontologizante":

> *L'action morale, en effet, est entée dans le réèl. Elle introduit dans le réèl du nouveau, y créant un sillage où se sanctionne le point de notre présence.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE VII: L'ÉTHIQUE DE LA PSYCHANALYSE, p.30)

Não se trata de novidade. É sabido que, do real, o que se indica é como que o rastro da presença de **eu**. O qual, como sulco, falha, jamais é equacionável no quadro de um impossível conhecimento, e sim em termos éticos. Só assim o não possível é cabível.

Pois é por meio da ética que a falta, como não positividade, pode transmutar-se em negação, e deste modo ser operável[409].

Lá no Outro, em vias de ser, o que previamente havia era a negação. Negação de **eu** que, paradoxalmente, pressupõe de maneira incerta, indeterminada, a sua afirmação.

Fica claro porque o gozo não pode ser dito. Inferível no limite do simbólico, mas escapando a sua "jurisdicção", entende-se porque realmente deva furtar-se — ou melhor, caber negativamente — às operações simbólicas de que procede:

> *Il faudrait... que nous mettions le réel,... sans que nous pouvons savoir où il s'arrête, en continuité avec l'imaginaire — et qu'en d'autres termes, ça commence là, au beau milieu du symbolique.* (L'INSU QUI SAIT DE L'UNE-BÉVUE S'AILE À MOURRE, 18-1-77, Ornicar 15, p.8)

---

408 O que acarreta a marca de paradoxalidade que se lhe vem associando. Afinal, marca intrinsecamente associada às tentativas de expressar o real. Vide capítulo anterior.

409 Vide subcapítulo 52.

Diga-se caber negativamente porque, efetivamente, embora para que o sujeito não se exclua, positivamente se apresente excluído, por isso mesmo, necessariamente o gozo compõe a topologia do sujeito.

O mesmo é dizer que se reporta ao significante, ainda que "realizado". De fato, como "escritura do corpo", de certo modo escapa ao simbólico. Só se o encontra agente, em atos demonstrando o sujeito assentindo que se ouve sentido provindo do Outro.

> *Et si j'ajoute que tout ce qui est refoulé dans le symbolique reparaît dans le réel, c'est bien en ça que la jouissance est tout à fait réelle; c'est que, dans le système du sujet, elle n'est nulle part symbolisée, ni symbolisable non plus.* (14-5-69)

Exatamente por, no limite, se situar não simbólico — ou seja, por ser incompatível com o sujeito —, sabe-se que o gozo não fica indiferente ao exercício da conseqüência lógica. Nas palavras de Lacan ainda há pouco citadas[410], é o real derradeiro do funcionamento do simbólico como sistema, o qual o exclui. É realmente simbólico.

Afinal é bem deste como que paradoxo que se trata. Como os registros não passam disso, meras coordenadas, em hipótese alguma autorizam a cristalização de alguma ontologia validável além da fantasia. A conseqüência lógica — empiricamente, no discurso —, sabe-se nada mais ser do que o "engate" do simbólico no real. Não por outra razão, é precisamente a causa, o objeto "a", que escapa de cada registro, de cada um se assinalando em outro.

Até por isso mesmo, e como dependente do significante, o gozo também significa o reencontro, dentro da esfera da ética, de uma certa ontologia. O encontro, por assim dizer, do que anteriormente mais precisamente se denominara uma ética "ontologizante", que não uma ética "ontológica".

Ressalte-se também que, sem caber em ambas, o gozo é, de uma perspectiva ontológica, da ordem do que no vocabulário epistemológico merece qualificar-se real:

> *... la jouissance est ici un absolu. C'est le réel, et tel que je l'ai défini comme ce qui revient toujours à la même place.* (5-3-69)

Em sua pertinência subjetiva, só se pode concebê-lo na esfera da eticidade e é pela lavra única e exclusivamente psicanalítica que se pode equacioná-lo:

> *... je mets au défi quelque philosophie que ce soit de nous rendre compte à présent du rapport qu'il y a entre le surgissement du signifiant et ce rapport de l'être à la jouissance. Il y en a forcément un. Quel est-il? Effectivement, c'est dans le filet de la topologie subjective que se ramasse quelque chose de ce champ de la jouissance... Dans ce filet subjectif, dans ce qui fait que le sujet n'est pas immanent, mais latent, évanouissant au réseau du langage, là-dedans est pris la jouissance en tant qu'elle est jouissance sexuelle.* (8-6-66)

Recorde-se que sexual quer dizer insignificável. E bem por isso, o gozo não é atribuído ou suposto: não é nem do, nem no sujeito. É contraparte real de "se ser" dicentemente desejante.

É "experiência" de **si** na primeira pessoa da "substância" de **eu** como não ser. O mesmo é dizer que "é" experiência de **si** na primeira pessoa da "substância" de **eu** como saber por fazer sujeito. Ou mais simplesmente, o gozo é "ser" que subsiste quando no lugar de objeto o sujeito ouve e houve o sujeito, porque falha a falta.

Deve perfeitamente vincular-se a novidade à repetição. Ao, como contraponto à carência, comportar um excesso vivido, não mensurável nem quantificável, a repetição é gozo:

> *... la répétition est fondé sur un retour de la jouissance. Et... dans cette répétition même, se produit quelque chose qui est défaut, échec.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.51)

---

410 Vide última citação do subcapítulo anterior.

Há no que se repete, por se repetir, algo a mais. Sem que isso (a não ser no plano da vivência subjetiva) nada acrescente em termos substanciais.

A falta da falta ressalta seu retorno, que intrinsecamente é falho encontro:

> *C'est ce que désigne la théorie de Freud concernant la répétition, moyennant quoi rien n'est identifiable de ce quelque chose qui est le recours à la jouissance dans lequel, par la vertu du signe, quelque chose d'autre vient à sa place, c'est-à-dire le trait qui la marque, rien ne peut là se produire sans qu'un objet n'y soit perdu.* (13-11-68)

Como tal objeto aponta para o por excelência "inobjetivo", o sujeito, talvez não assente mal concordar com Kierkegaard, admitindo que a sua perda, na repetição o "sobreproduz" em dobro. Não tanto por alguma adição, já que se o repete em falta, mas por esta ser a condição do ser sujeito faltante. Portanto, ainda que o retorno quantitativamente nada some, por isso mesmo "reaviva" o sujeito.

A finura da nuance não escapou ao filósofo:

> *O Senhor e Jó compreenderam-se um ao outro: reconciliaram-se, <<de novo Jó habita a sua tenda na intimidade do senhor, como nos dias de outrora>> — Os homens compreenderam Jó: aproximam-se dele* ***agora****, para com ele comer o pão, lastimá-lo e consolá-lo; cada um de seus irmãos e irmãs presenteiam-no com uma jóia e uma quantia em ouro — Jó é abençoado e tudo recebeu* ***em dobro****. É isso que se chama uma* ***retomada****.* (KIERKEGAARD. LA REPRISE, p.156)

Repetir é dobrar como dobradura, curvatura: na repetição as ficções retomadas dobram-se em direção ao sujeito, marcando-o ser (mais) desejante, pelo repisamento da perda.

Repetir também é dobrar como dobro, duplicação: sublinhamento da falta pelo contraste com a perda, na repetição o negativo recolhe-se em dobro. E esse a mais corresponde ao gozo.

Não se o pode entender como duplicação na acepção quantitativa, pois o gozo, por se marcar no limite do ser real — que por isso deixa de ser —, não admite razão, não comporta medida:

> *La jouissance étant à proprement parler une ouverture dont ne se voit pas la limite, et dont ne se voit pas non plus, la définition.* (27-4-66)

O gozo, por se travar unicamente no nível da (subjetiva) vivência qualitativa, é uma operação de adição sem variação numérica:

> *Não há aí uma repetição? Não recebi tudo em dobro? Não recebi a mim mesmo de novo, e de tal sorte que posso sentir duplamente o extremo significado da minha própria personalidade? E o que vale uma retomada dos bens terrestres, indiferentes em face da determinação do espírito, se se a compara a uma tal retomada?* (KIERKEGAARD. LA REPRISE, p.164)

No terreno objetivo das quantidades, pelo contrário, a perda é carência definitiva, irrecuperável:

> *Seus filhos foram a única coisa que Jó não recebeu em dobro, porque a vida humana não se deixa assim redobrar. Aqui só é possível a retomada do espírito, se bem que, na temporalidade, ela não seja nunca tão perfeita quanto na eternidade, que é a verdadeira retomada.* (KIERKEGAARD. LA REPRISE, p.164)

A palavra "eternidade" expressa melhor a autêntica repetição do que o termo atemporalidade, com que Freud intenta caracterizar o inconsciente. Pois embora o tempo não se suceda, há tempo.

Um tempo em que o tempo não se sucede, é tempo. Um tempo que, sem a produção de sentido desencadeada pela escuta psicanalítica, tenderia a perenizar-se.

Eternidade é também um eufemismo para a morte, vivida subjetivamente como finitude da historicidade subjetiva, fim do tempo de ser, a que inevitavelmente se conduziria o sujeito se se realizasse o objeto[411].

Numa teoria em que **eu**, enquanto tal, é tão privilegiado em sua subjetividade efetiva, o além da finitude só poderá conceber-se como uma extratemporalidade. Como inconsciente, fica marcado por uma "eternidade" em que, para si mesmo, está morto.

Porém, no limiar do real, aquém de quaisquer significados, morte e vida não se reduzem a conceitos (antagônicos): o sujeito vivo — "ativo", "produtivo" — persiste morto, em uma morte que guarda vida.

Como o sujeito sempre se faz ser, a cada tempo, não como objeto mas nos seus atos, também se diga "eternidade" quando se trate de aludir ao desejo, insaciável enquanto dure o significante feitor da coisa. Mas com cuidado, pois em se tratando do sujeito, e inconsciente, o excesso de luminosidade eventualmente comportado por esta e outras alusões imaginárias pode redundar em obscurecimento. O que se menciona não deve ser entendido como sugerinte de um estado subjetivo pré-genético, mas simplesmente como um tempo de inaparição do sujeito, que o mesmo é dizer um tempo de espera da palavra que o dita.

Para nesse "estado" dizê-lo sujeito, como lhe é intrínseco, as palavras falham. Porém, o que se espera do "conceito" de gozo é o equacionamento do sujeito na proa de um real em que falham as palavras, e com elas a história, a fim de pensar um ser saber, que ora é **eu** sem ser, ora "sou" ser sem **eu**. Tanto aparece ser e desaparece sujeito, como acontece sujeito sem ser.

Entre uma realidade sentida reificada — o sujeito perdido (no sintoma) — e a falta de sentido subjetiva, mais do que um conceito, no plano especulativo lacaniano o gozo perfila uma estratégia de resgate do sujeito do limbo do impossível, por meio do interdito. Um resgate **sui generis**, que não consiste em "pescá-lo" do impossível, já que suas "guelras" só lhe permitem sobreviver aí. É antes um intento de convivência com o impossível do ser, absolutamente destituído de qualquer ilusão quanto ao sentido do real.

60. DO SER ESQUECIMENTO DE SI

Falho do ser, o sujeito condena a "ontologia" lacaniana a distinguir-se por resgatar a hipótese sensualista do âmbito epistêmico, promovendo os sentidos a operações "ontologizantes". Porém, ao tão drasticamente sobrelevar o papel da ética — espraiando a sua competência a ponto de quase a deixar irreconhecível —, não se pense que o psicanalista vise tão somente dar aos enunciados sobre a exclusividade do negativo como fator positivante uma feição irônica, reproduzindo a mesma tese no estilo da sua enunciação.

Tal modo de precisar o pensamento psicanalítico é-lhe imposto pela fidelidade à descoberta da falta de conhecimento e da ausência de garantias quanto ao ser, descortinadas em função da escuta do inconsciente. Ou seja, deriva-se da mesma "experiência" que constrange a refletir o ser como desejável mas impossível, desvendando (por meio da análise do desejo de as fundar) o sem fundamento de quaisquer ontologias. Inclusive a psicanalítica, pois é certo que no ato de ser o sujeito não se garante, já que o fato de que se escuta sentido em nada assegura que o haja (para além da ação de o ouvir).

Dado tal contexto, convém aprofundar a razão de preservar a ontologia, negada, de uma pura negação; interrogação cujo destrinchamento deverá melhor esclarecer a aparente ambigüidade no tratamento do assunto. Que "insubstrato" ou determinante indeterminação estaria em jogo?

---

411 Eufemismo que, enquanto tal, não escapou aos ouvidos psicanaliticamente educados de Lacan. Por meio de tal alusão à indizível morte certamente fica mais fácil esclarecer a obviedade e segurança com que, em sua leitura de Freud, vincula repetição, registro do simbólico, instinto de morte e princípio de realidade.

Pois indubitavelmente, entre o que se afigura seguro quanto à orientação na qual Lacan reiteradamente aposta, encontra-se a convicção na possibilidade de aceder a uma ontologia, inobjetivável em nenhuma acepção. Por assim dizer, uma ontologia em primeira pessoa, e como tal subsidiária da ética.

É a esta necessidade que responde o tratamento do conceito de gozo e é graças a este, como culminância da explicitação dos ditames e princípios basilares da reflexão lacaniana — e tendo-a em mente — que se pode entender o tratamento dedicado à interpretação da tradição filosófica no terreno ontológico.

A originalidade do discurso analítico em relação à filosofia não se reduz nunca a meras divergências terminológicas. "Gozo" introduz-se como o termo que prossegue e marca, na esfera da ontologia, a especificidade da psicanálise em relação à tradição filosófica:

> *... il ne peut pas être ambigu qu'à l'être tel qu'il se soutient dans la tradition philosophique, c'est-à-dire qui s'assoit dans le penser lui-même censé en être le corrélat, j'oppose que nous sommes joués par la jouissance.*
>
> *La pensée est jouissance. Ce qu'apporte le discours analytique, c'est ceci, qui était déjà amorcé dans la philosophie de l'être — il y a jouissance de l'être.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XX: ENCORE, p.66)

Ora, dizer que o pensamento é gozo equivale a afirmar o mesmo do significante. Não por o primeiro ser significante, porque aí em nada se distinguiria da situação nos campos extrínsecos ao inconsciente, mas porque a psicanálise revela o que previamente apenas se insinuara: há gozo do ser.

Porém, também o desvenda: tal gozo é função da pregnância subjetiva no significante.

Sublinhe-se que a expressão **jouissance de l'être** presta-se à preservação da ambigüidade que garante a subsistência da divisão do sujeito, por abrir tanto na direção de que se ouve o sentido do ser[412] (ou da letra), como na de que o ser (ou letra) goza[413].

Ainda que, enquanto ser, em si mesmo nada lhe possa ser predicado, sequer o atributo do gozo. Do que resulta um desdobramento (quase) surpreendente:

> *... si nous avons introduit la jouissance, c'est sous le mode logique de ce que Aristote appelle une* ***Ousia****, une substance, c'est-à-dire quelque chose très précisément qui ne peut être, c'est ainsi qu'il s'éxprime dans son livre des CATÉGORIES, qui ne peut être ni attribué à un sujet, ni mis dans aucun sujet, c'est quelque chose qui n'est pas susceptible de plus ou de moins, qui ne s'introduit dans aucun comparatif, dans aucun signe plus petit ou plus grand, ou voire plus petit ou égal.* (31-5-67)

A argumentação parece apontar para a identificação entre ser e gozar e entre substância e gozo. Nenhum jamais estaria na posição de predicado. Porém, exatamente por isso, há que haver cautela. Se a substância é gozo, o gozo não é outro nome para substância.

Efetivamente, da perspectiva do registro real — o que vincula o seu tratamento à ética —, o gozo, a "substância subjetiva" como real, é inatribuível. Mas na verdade sequer é preciso referi-lo como substância. Pelo contrário: dado o inconsciente, o fundamental é encontrar um modo de referir a primariedade do sujeito ser, sem sequer incorrer na mais genérica e aparentemente inofensiva das determinações, que seria deslizar do <u>sujeito</u> ser, para o <u>ser sujeito</u>.

Pois é apenas esse sujeito, na sua impossível presença (e por isso mesmo), que, sem ser, verdadeiramente é posto em causa pelo gozo.

Portanto, tal caraterização da "substância subjetiva", levando água ao seu moinho, Lacan a interpreta como a confissão de ser a substância o sujeito enquanto simbólica e imaginariamente irredutível.

---

412 j'ouïs sens de l'être.
413 jouissance de l'être.

Ou seja, reduz ao sujeito a substância. Sem, mesmo que ao modo rarefeito da determinação formal, proceder à "substancialização" de **eu**.

O que, em etapas, encontra-se dito com todas as letras no seminário.

Primeiro ponto:

> *La jouissance dont bien sûr il n'est que trop évident qu'elle fait la substance de tout ce dont nous parlons dans la psychanalyse.* (27-11-68)

Em princípio, pois, com o gozo parece introduzir-se pela psicanálise ou uma nova substância, ou uma interpretação nova para a mesma. Uma substância da ordem do real, aproximadamente identificável com a noção aristotélica de **ousia**:

> *... si Aristote n'était pas le merveilleux logicien qu'il est, qui a fait le pas unique, le pas décisif grâce à quoi nous avons un repère concernant ce que c'est une suite articulée de signifiants, on pourrait dire que dans sa façon de pointer ce qui est l'**ousia**, autrement dit le réel, il se comporte comme un mystique. Car le propre de l'**ousia**, c'est lui-même qui le dit, elle ne peut d'aucune façon être attribué, elle n'est pas dicible.* (20-1-71)

É pois fundamental esclarecer a compreensão lacaniana do termo (descomprometidamente de qualquer pretensão de interpretar Aristóteles):

> *L'**ousia**, ce n'est l'Autre, ce n'est pas l'étant, c'est entre les deux. Ce n'est pas tout à fait l'être non plus, mais enfin, cela en approche fort.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.188)

A substância não é da ordem do significante, nem o ente, e tampouco o ser, ainda que deste se avizinhe. Está "entre" o significante e o ente. Como interpretá-lo?

Não é difícil, se se tiver em conta que isso de que se fala em psicanálise é o sujeito:

> *Il n'y a pas moyen d'échapper à cette formule extraordinairement réduite, qu'il y a quelque chose dessous. Mais justement, nous ne pouvons pas désigner d'aucun terme ce quelque chose. Ce ne saurait être un **etwas**, c'est simplement un en dessous, un sujet, un **hipokeimenon**.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XVII: L'ENVERS DE LA PSYCHANALYSE, p.53)

Segundo ponto: está pois, com o gozo como substância, posto em jogo o sujeito.

Desprevenida do inconsciente, a filosofia contemporânea pode debater-se com o destino do esquecimento do ser. Porém a psicanálise — e aqui muito menos a sua teoria do que o seu exercício — não tem como perpetrar mais uma ilusão quanto ao motivo do esquecimento.

> *A le traduire par la "substance" on montre bien, comme au cours des temps, c'est d'un glissement abusif de la fonction du sujet dans ses premiers pas aristotéliciens qu'il s'agit, pour que le terme de "substance", qui vient là faire équivoque avec ce que le sujet comporte de supposition, pour que le terme de "substance" ait été si aisément avancé.*
>
> *Rien dans l'**ousia** dans ce qui est — c'est-à-dire pour Aristote — l'individuel, n'est de nature à pouvoir être ni situé dans le sujet, ni affirmé, c'est-à-dire ni attribué au sujet.* (7-2-68)

No termo substância há como que um "esquecimento" do sujeito. Portanto, não é descabido admitir que a questão do ser é um pôr-**se** ser em questão.

Por sujeito ser, não é absurdo afirmar que

> *Ce qui pense, calcule et juge, c'est la jouissance...* (... OU PIRE, Scilicet 5, p.9)

Como também, a bem extrair a radicalidade da tese examinada neste tópico, a partir da psicanálise não se recomenda que se cogite diretamente sobre o ser.

Menos ainda é cabível especular sobre o ser sujeito: a assunção da falta de garantias, como condição mesma de resgate da impensável subjetividade anunciada pela palavra inconsciente, não pode produzir mais do que a crítica dos seus escamoteamentos.

O ser é um subterfúgio do gozo, e as ontologias são vestígios do recalque do sujeito.

Quer dizer, o ser — ou melhor, o único ser, o fictício do querer ser —, ilumina-se à luz do inconsciente.

"Isso" de que se fala, o dito ser isto ou aquilo, ainda que se objetive em alguma "coisa", em verdade radicalmente testemunha o dicente.

O antigo sujeito da predicação e o superposto moderno sujeito do conhecimento (aparentemente destituído de conexões com o primeiro) com a psicanálise desvelam-se perspectivas de uma única desideração realizante, cindida entre ser e sujeito.

O que, aliás, se pode constatar na história da cultura, que até ao advento da psicanálise não se propusera a averiguar com suficiente disposição a significância nos acasos e nas coincidências, cuja impregnação pelas verdades mais desagradáveis deixou à escuta de todos a evidência da palavra "sujeito", com usos lógicos e psicológicos tão significativamente distintos.

Lacan move-se menos na perspectiva de formular uma ontologia coerente com a psicanálise, do que na de "diagnosticar" a ontologia pela psicanálise.

O gozo, sem dúvida que se trata de uma estratégia para não deixar em aberto a vaga do ser[414]. Mas o procedimento, ainda que redunde numa "anti-ontologia", não se resume a isso.

Pois não é a obstrução do ser que o abole. A sua substituição pelo gozo pode até compreender-se como o modo novo da presença ditar-se em psicanálise. E de fato, no limite, o que se supõe ser é gozo.

Mas nunca na acepção de que o gozo seja o sentido verdadeiro do ser, e sim como interpretação (por cada destino humano) da impossibilidade de ser.

Gozar é menos ser. E este, na medida em que depende da palavra, revela-se fenômeno e suscetível de intervenção analítica.

Ou seja, sem garantias, ontologicamente insuficiente, o gozo não escapa da lei. Está sob a "jurisdicção" do Outro, e na exata medida em que para tanto, em sua definição ética, este sequer precisa nem pode ser substancializado.

O que não se pode situar, nem afirmar, nem atribuir ao sujeito, é ele mesmo, real. Dedução facilitada (ou induzida) pela convicção lacaniana em que, subjacente à realidade, apenas se encontram dispositores insubstanciais, a articulação de diferenças com que se representa o sujeito.

É bem verdade que quem pretenda encontrar na negatividade significante bases positivas para a invenção de mais uma ontologia apenas tem de superar a barreira de transmutar o fortuito em fundamento. Basta "entificar" o sujeito como uma categoria metafísica, omitindo que antes de ser conceito, logicamente prévio a todos os conceitos, há o fato da sua feitura significante. Porém, assim procedendo, tal filosofante cavaleiro andante não se aperceberá que já se enredou na teia de significações que visa combater: apoiar-se-á no combate ao fantasma de uma hipótese sobre o fundamento, sem se dar conta do fundamento do ato (significante) na falta de fundamento (do sujeito).

Por esta e outras (boas intenções) o psicanalista é explícito no direcionamento do seu labor para uma perspectiva diagnosticante, tanto das ontologias, quanto (e sem exceção) também das suas críticas.

Em psicanálise não se aborda o ser pelo mesmo diapasão da filosofia. Retoma-se-o noutro tom, diagnosticando a universalidade de fundamentais indagações filosóficas como eventual encobrimento de uma falsa impessoalidade. Ao se pôr no encalço de as encontrar tosca ou refinadamente formuladas no medular da mais fútil existência humana, se é

414 Vide subcapítulo 56.

condenado a redescobri-las universais também na acepção de, à revelia de qualquer decisão consciente, "democraticamente" interpelarem a todos e a cada um.

Em verdade, o pouco que contribui para subsidiar o advento de novas respostas é nada. Pelo contrário, a circunscrita falta de garantias assegurada pela sua prática afiança-as insolúveis, mas vitais. Porém, oferece um dispositivo para que a sua formulação, exatamente pela falta de conclusões, não se constitua em fator de atravancamento da vida. Na impossibilidade de ser, orienta no sentido de fazer.

RESULTADOS E INDAGAÇÕES

Une théorie incluant un manque qui doit se retrouver à tous les niveaux, s'inscrire ici en indétermination, là en certitude, et former le noeud de l'inintérpretable, je m'y emploie non certes sans en éprouver l'atopie sans précédent. La question est ici: que suis-je pour oser une telle élaboration? La réponse est simple: un psychanalyste.

LA MÉPRISE DU SUJET SUPPOSÉ SAVOIR, Scilicet 1, 40

61. SUMÁRIO RETROSPECTIVO

Na súmula a que de imediato se procede, selecionam-se de entre os problemas em cada parte tratados as razões que os articulam entre si, sem a preocupação de destrinchar caso a caso as teses que levaram às suas formulações. Não se pretende substituir o conjunto dos capítulos anteriores, mas tão somente propiciar uma visão do desdobramento inter-relacionado de alguns dos seus pontos, condicionantes do desenvolvimento seqüenciado da reflexão.

Parte-se da admissão de que nenhuma tentativa de contornar o impasse entre critérios epistemológicos rejeitantes de abstrações metafísicas e a idéia de uma imagem ao sujeito inacessível se consuma. A melhor das psicologias, que Lacan construíra, é insuficiente para oferecer uma descrição do determinismo[415] psíquico, sem fazer intervir um elemento extrínseco à vivência consciente do sujeito.

Decepcionado na sua ambição de fundamentar a psicologia em bases estritamente concretas, Lacan dedica-se com afinco a repensar a psicanálise, levando em conta a irredutibilidade da inconsciência de representações nucleares ao funcionamento psíquico, problematizantes e comprometedoras do conhecimento e da ciência.

Como os fatos psíquicos comportam uma dimensão cognitiva e cada cognição é fenômeno psíquico, a impossibilidade da sua descrição concreta compromete a psicologia e desacredita o conhecimento[416]. As conseqüências da exploração das fronteiras do projeto psicológico extinguem-no e generalizam-se.

O empreendimento frustrado sobrevive no estilo do desenvolvimento da psicanálise que o sucede, na forma de decisões cujas razões, caso se as limitasse ao seu âmbito propriamente dito, poderiam se afigurar um tanto dogmáticas e caprichosas. De entre estas a recusa da possibilidade, da utilidade e da moralidade, de qualquer intento de pensar epistemicamente o inconsciente. Necessita-se um ajuste de contas entre a psicanálise e a epistemologia.

A psicanálise não é teoria do sujeito, mas o seu tratamento (não psicológico), que não implica em nenhum conhecimento. Nem conhecimento do objeto sujeito, nem conhecimento do sujeito sobre o inconsciente.

Para bem demarcá-lo, Lacan distingue drasticamente entre conhecimento e saber. Embora de hábito ocorram concomitantemente, é de suma importância discerni-los. O protótipo do primeiro seria o instinto, apreensão do objeto sem representação, e no limite o exercício dicente de representações sem o reconhecimento da sua matriz seria um tipo específico de saber, o inconsciente.

Este é um véu da problemática subjetiva e, como o psicanalista não admite pura e simplesmente desconsiderá-la, ainda que a dificuldade em equacioná-lo epistêmico-cognitivamente pudesse sugerir a um filósofo a impropriedade da noção, e mesmo conduzir ao seu descarte, para Lacan tal alternativa é inviável. O luto pela representação e pelo conhecimento (não meramente instintivo) consiste em reafirmar o eu, não obstante seja difícil seguir o seu rastro a partir do momento em que a desistência do objeto o des-situa[417].

Se o problema do conhecimento era o objeto, a questão do inconsciente é o sujeito. O que não se sabe é verdadeiramente o sujeito, o que acarreta a admissibilidade, fortemente reforçada pela fenomenalidade clínica, de um sujeito radicalmente inobjetivável. Um sujeito inconsciente que nunca chega a ser dito e de que se encontram rastros na forma do sentido que se vai depondo do enunciado.

---

415 No seu entendimento, um dos pilares imprescindíveis para a constituição de uma ciência.

416 Sem entrar nos detalhes, recorde-se que Lacan não limita a sua crítica a um patamar epistêmico, também a alçando a censura ética.

417 Pois se a representação subjetivamente norteante é inconsciente, então ou não é representação ou o sujeito também é inconsciente.

Aquém do desprestigiado conhecimento tem de se admitir um sujeito para sempre inequacionável epistemicamente, depreensível pura e simplesmente do fato da enunciação, cujos meandros, **a posteriori**, o vão re-situando. É a sua perda que permite encontrá-lo, para logo de novo se o perder.

Pois o dito inconsciente é uma parte em falta no discurso concretamente pronunciado, que como tal não corresponde positivamente a palavra alguma[418]. É parte não dita do discurso, não dito que se produz como dito não, constituindo o sujeito contra um prévio assentimento. Como falta, é a parte do discurso que mais testemunha do sujeito em falta.

Portanto a temática do saber inconsciente coincide com uma renovação e redescoberta da problemática subjetiva. Travam-se no mesmo lugar. Só por isso, ainda que se estruture como uma linguagem e que "estruturado e "como uma linguagem" sejam sinônimos, o inconsciente não se reduz a palavras.

A subjetividade descobre-se em lugares em que fora insuspeita[419]. Situa-se para além do ponto de perspectiva da cena objetivada.

Adiante do "olho" está a cena, mas nesta, a substancial falta das coisas significadas lingüisticamente impõe que, em vez delas, quem lá se assinale seja a sua falta e com ela algum representante de **eu** ser desejante.

Lá no fundo da vista encontra-se menos o vidente do que uma interpretação do objeto visado, nenhuma representação, cujo verdadeiro valor é o de testemunho visionariamente alucinado de um desejar imaginariamente transitivo.

Logo, não convém a concepção tradicional de signo, segundo a qual este representaria alguma coisa para alguém.

Perceptos, memórias, expectativas, têm o valor de estarem no lugar do que se desconhece, mas realmente importa. Ignorada a representação da coisa inconscientemente objetivada, são traços de coisas no lugar de outras coisas. Valem por signos, mas, por se haver perdido o referente, não realmente o são da maneira como se o pensa usualmente.

Conscientemente perdida a possibilidade de referir o verdadeiro objeto, todas as coisas valem por signos cujo referente subjetivamente relevante é insabido. Da realidade representada mais importa o seu valor lingüístico — o fato do dado querer dizer outra coisa, ainda que não se o diga — do que a cena aparente. E por isso, não abdicando da exigência de concretude, relativamente ao (sujeito) que importa, Lacan valoriza em qualquer experiência a sua dimensão de letra, bem como acata o discurso como a condição única de uma empiricidade do subjetivo inconsciente.

Para tanto importa-lhe examinar as relações entre linguagem e inconsciente e entre inconsciente e lingüística, na direção de afirmar não redutivamente uma unidade entre o campo da fala e o do inconsciente.

Em hipótese alguma compete com o estudo científico do signo[420], mas vê-se obrigado a repensá-lo de maneira tal que o vínculo com um referente objetivo seja fictício[421]. É muito importante não olvidar que nunca trata descritivamente de supostos fatos lingüísticos, mas antes de construir noções feitas sob medida para que a diferença seja originária, sob pena de formalmente autorizar a identidade, e com ela expectativas representacionistas.

---

418 Relativamente ao determinado sujeito da consciência, o inconsciente é um não saber.

419 O sujeito se faz em falta. Perdido, prolifera e insiste por toda a parte.

420 Este é bem um ponto propício a confusões. A leitura lacaniana do signo põe-se a serviço do equacionamento da subjetividade discursivamente posta em ato, no âmago da qual vivencia-se um conflito irrevogável e insolúvel, inerente ao ser sujeito. Ao se ignorar que a problemática da palavra em psicanálise tem por fundo um horizonte eminentemente ético, há o risco de se aventarem comparações com a lingüística e com a semiótica desatentas ao fato das condições para um empreendimento desse teor exigirem muito mais do que a mera correlação do significado de algumas afirmações.

421 Fictício, no caso, sem nenhuma conotação pejorativa, pois recorde-se que é o que se vivencia como realidade que tem esta falta de natureza. O objeto acontece como demarcação imagética de um constructo lingüístico, é uma formação de palavras, para sempre incomparável com algum dado de princípio.

Contra o signo entendido como representante de uma coisa para alguém, Lacan tem de, em moldes incompatíveis com a sua identificação com um novo mito da origem, afiançar a originariedade da diferença[422]. Esta apresenta-se em primeiro plano e sem se contrapor a um fundo de identidade que lhe fosse anterior[423].

Cada traço de significância não é recolhido como fragmento de um esquema das coisas, mas como marca da forma da sua falta. Nas arestas que se prestem à enunciação do desencontro, menos importa o seu cunho de perda de uma totalidade do que o traço negativo de uma falta, que se reitera.

O fundo das coisas é algo da ordem do enunciante anteposto em origem. O ofício do psicanalista é descobrir sob a aparência do sólido o sopro da voz. A sua arte é menos escutar um conteúdo significativo do que testemunhar uma dicência. Só assim se encontra à altura do sujeito.

É certo que talvez este inexista, mas isso não se resolve ignorando-o, como se se tratasse de um falso problema, já que é das tentativas de resposta a essa insolúvel questão que, posto que se gravita em torno de enigmas quanto a si, muito para aquém de qualquer polêmica meramente especulativa se encontra um destino.

A dúvida quanto a se ser impõe-se como nuclear à vivência subjetiva, sem admitir uma solução que autorize a definição de uma substância ou determinação de si para além do que como tal se enuncie ou deduza pela estrutura do enunciar.

À luz do inconsciente, as interrogações relativas ao ser que se propõem ao sujeito, as quais o põem sujeito, posicionam-se com o sujeito. São indagações coextensivas ao ser sujeito, que se institui por tais questionamentos.

De qualquer modo, embora Lacan não vise estabelecer uma ontologia[424], à primeira vista a investigação vê-se mergulhada em águas que são rotas antigas da filosofia.

Porém, com a psicanálise não se intenta dizer o verdadeiro do ser, nem sequer pensar o ser do sujeito, mas tão somente evidenciar o sujeito a dizer (o) ser. Não está tanto em pauta o ser sendo sentido[425], o que implicaria numa especificação do sentido do ser — isto é, uma ontologia de tipo filosófico —, quanto a possibilidade do verbo fazer sentido. Portanto importa ater-se ao sujeito, e não ao ser.

Como o inconsciente não é um campo novo de exercício de uma objetividade, mas a matéria prima de demonstração de uma parte da subjetividade conscientemente perdida, o desafio será pensar não propriamente "o ser", mas a sua produção, na forma da dicência em que, pelo sentido, se o precipita. O ser que à psicanálise importa é o que se rasga com o verbo. É um fato de dito, não no patamar de algum significado associável ao termo "ser", mas pelo fato de se falar (ser).

Na mesma direção, o descrédito no ser fora da fala, conveniente à condução prática da análise, não deve nem precisa ser encarado como uma decisão metafísica. Apenas significa que o psicanalista se ocupa da possibilidade do verbo fazer sentido.

Qualquer originalidade psicanalítica no horizonte da ontologia resume-se a esta revelação. O que interessa é um redizer-se que é um fazer-se ser. A psicanálise decide-se empenhada em, aquém de tudo o que valha por "ontologia", bem lidar com o ato verbal. Relativamente à esfera ontológica, instiga a uma atitude menos contemplativa do que

---

422 Transpondo-se o plano do enunciado para levar em conta as suas radicais conseqüências para o enunciante, repare-se que tal explicação da origem do sentido em hipótese alguma é inócua para a manutenção de expectativas relativas ao encontro de um sentido da origem. A diferença elucida qualquer suposição de fundamento como fantasia, e por isso é indevido interpretá-la como (mais uma) tese sobre a origem. É originária na radical acepção de um diferir irrefletível em princípio.

423 O que escapa de ser diferença é o negativo da palavra. Impossível que se deduz de traços que no tempo se repetem segundo posições significantes, letras, reatualizadoras do lugar do faltante.

424 Pretende apenas dar conta dos efeitos inerentemente "ontologizantes" da palavra.

425 Recorde-se que, tecnicamente, com a palavra "sentido" não se refere um conteúdo proposicional, um significado, mas tão somente a dimensão da linguagem pela qual o dicente se faz presente pelo que diz, até sem a perfeita consciência do "seu" ato e no mais das vezes à revelia das suas intenções explícitas.

interventiva, em consonância com o fato de o inconsciente (independentemente da inviabilidade de o conhecer) pura e simplesmente ser. Por incrível que pareça, os termos mais adequados ao seu tratamento encontram-se do lado do repertório da ontologia, o que confirma a necessidade de abandonar o barco da teoria, para poder nadar em mares não epistemológicos.

Ainda que, inquestionavelmente, seja lícito subentender uma ontologia implícita ao procedimento ora descrito, esta limita-se à constatação da mera determinação (do sujeito e do seu universo) pelas ações de significância, sem outra repercussão que não a que lhe confere a palavra[426].

Constituído como separado de si, inconsciente, o sujeito encontra-se aferrado à determinação peremptória do conjunto dos efeitos da palavra, que o faz ser. A única "coisa" que realmente se assinala, assim feita pelo significante, é uma cisão do eu, pela qual o mesmo emerge perante si como outro, surgindo não como uma coisa no lugar das outras, mas em si mesmo subjetivo, condicionado desejante pela falta. E por isso Lacan define o significante como o que representa o sujeito para outro significante.

Em suma, como (o) sujeito, o ser é produto da ação significante. É esta que cumpre um papel "ontologizante". Mas declarando-o não se disputa a vaga de um discurso mais verdadeiro sobre o ser. Esclarece-se-a.

Crítica das ontologias, a versão psicanalítica da ontologia, sem autorizar a passagem a alguma garantia ou conhecimento objetivante do sujeito, postula que qualquer outra é diagnosticável como biombo do enunciante. As ontologias tradicionais seriam vestígios do recalque do sujeito.

"Ser" é um nome para o sentido inconsciente. Ou seja, em verdade é álibi da perda de si em que na linguagem o sujeito se encontra suposto ser antecedente da conseqüência do discurso se exercer, como tal prévio a qualquer possibilidade de sentido. Logo, ser é ficção de sentido impossível, por desejado anterior à produção do sentido do sujeito efetivada pela significância.

Como, em última instância, qualquer sentido do ser é dito do enunciante, sem nem por isso o enunciante ser redutível ao sentido do seu dito, na fala mais importa a sua dimensão de ato do que os significados que se alcancem. Em ato o sujeito é feito anterior à sua instauração em posição de ser.

Tal como importa à análise, a palavra é uma forma de ação. Aquela que abre o agir à dimensão do sentido. É a "sua" ação que "gera" sentido, ficcionável em ser.

O ser, na verdade, é um subproduto da ação significante. A eficácia da análise depende de que, pelo agir da palavra, se atinja e se transforme o ser.

Mas por sua vez a ação não se exclui de ser significante[427]. O verbo está no começo da ação, mas como verbo já é um modo de ação. Cada ato se articula em significantes e, na medida em que comporta sentido, cada ação em si, a par de ser feito significante, também é significante.

Cada ato é a colocação em ato do sujeito. O ato é um dizer e a ação é significante por ser um modo de ser (do) significante.

Como não é por um conhecimento sobre um sujeito objetivado que se opera no ato analítico, o que descritiva e epistemicamente é reportável ao significante decide-se ato subjetivo (e subjetivante). Nenhum empreendimento cognitivo, a psicanálise é prática conducente à assunção do (ser) que se diz.

Como o significante não é inconseqüente para o sujeito, em si mesmo comporta um modo de ação transformador do (ser) **eu**. A incompletude intrínseca ao simbólico instiga o

---

426 O que não é pouco, mas desautoriza metafísicas. Inclusive as afeitas a deslizar do fato da palavra ser, para especulações relativas ao ser palavra.

427 Obviamente a palavra "ação" aqui é utilizada como sinônimo de ato, ação com um sentido intrínseco, dizer "feitor" do sujeito; e não na acepção de comportamento, mesmo que (exteriormente) se lhe atribua um significado. Doutro modo, não seria significante.

sujeito, entendido como a parte da unidade subjetiva simbolizada em significante que esteja em falta, a refazer-se pela palavra em ação, na medida do dizer em que o inconsciente se recifra.

Como tal falta de si é constitutiva de se ser e portanto o que transparentemente se pense sobre "eu" não coincide com o que (se) vem a ser, abre-se a perspectiva de **eu** ir se re-constituindo.

Ou seja, com o sentido por fazer operam-se determinações do ser sujeito, e portanto a psicanálise lida com operações relativas ao ser sujeito e não com revelações quanto ao sentido do ser[428]. E dado que na raiz do inconsciente ser se encontra o sujeito que diz o ser, nenhuma ontologia se configura inultrapassável.

Diagnosticadas as ontologias como tentativas de aprisionar a ação do verbo em significações, a reflexão distancia-se da hipótese ontológica para, graças ao diagnóstico da ilusão de o sujeito se situar no comando da ação significante[429], se adensar em ética[430].

Mas certamente não sem que para tanto a disciplina ética tenha de ser repensada.

Lacan define-a como um ajuizamento sobre ações que, em si mesmas, também são juízos. E mostra como apenas a psicanálise está aparelhada para "ouvir" tais julgamentos intrínsecos, no que se diferencia tanto das éticas tradicionais, que procuram tribunais extrínsecos, quanto da descrição "científica" da ação — psicológica ou sociológica, por exemplo.

Por capacitar-se a escutar o sentido que se presta a medi-lo no própio ato, a psicanálise divorcia-se do destino problemático de éticas que tenham de estabelecer tribunais da ação superiores (e exteriores) à feitura (significante) da mesma.

Julgamentos extrínsecos ao sentido da ação são desnecessários, por esta já comportar em si uma sentença. Graças à noção previamente adotada de significante, é possível interpretar a psicanálise como uma ética dedicada a ações elas mesmas procedentes e procedimentos de medida: ações racionalmente ordenadas, ações intrinsecamente carregadas de sentido.

A fidelidade ao que se determina é paga com o ser. Logo, a ética não se pode reduzir a um capítulo da ontologia.

Pelo contrário, mal situável ontologicamente, menos do que uma ontologia "eticizada", a psicanálise avizinha-se a uma ética "ontologizante". É pela assunção do cunho ético do discurso do e sobre o inconsciente — bem entendido, numa ética que, por descobrir a subjetividade muito mais ampla, reformula a concepção vigente dos estudos sobre a ação — que se pode estabelecer o verdadeiro alcance dos enunciados "ontológicos".

Como ética a psicanálise encontra a possibilidade de não se deter no ser, via a reconstrução de um tratamento da linguagem não teórico, fiel à descoberta de uma dimensão de conflito medularmente atinente ao fato do sujeito não poder ser dito e ter de se dizer. É ética no nível da atenção cuidadosa ao significante como ato, sem a pretensão de o objetivar descritivamente, e ética pela subalternidade, até não necessidade, de uma tomada de posição ontológica (quanto ao inconsciente). Perante o inconsciente prioriza o dever agir, postergando e indefinindo (a ilusão de) respostas à questão do ser.

Se o sujeito existe está em questão. Demonstrado em ato, faz-se dependente do agir.

O dever desdobra-se em fazer-se ser. Como o substancial tem a falta de natureza da ação, na impossibilidade de ser, a prática psicanalítica orienta no sentido de fazer. Só em ato se dá destino à questão do sujeito posto sem ser. Sem o dizer, mostra-se-o enunciante.

Nos escombros da objetividade fermenta uma subjetividade que, resgatada do luto pelo conhecimento graças ao significante, justifica a sucessão do conhecer pelo ser, nos termos

---

428 Note-se que o sentido faz ser, mas a linguagem nunca o esgota. Inconsciente, o ser é sentido como sem sentido. Caso contrário, não se escaparia de uma ontologia "positiva", nem se levaria em conta a reveladora acepção sensorial de "sentido".

429 Tão enfatizada em outras plagas, sob os auspícios da noção, obviamente incompatível com o inconsciente, de "usos da linguagem".

430 Ser inconsciente, parcialmente produzido pela linguagem, o sujeito põe-se na dependência do ato. O seu tratamento subsome-se em ética.

rigorosos de um agir. Uma subjetividade que (só) é (quando) posta em ação e, sem fundamento, encontra estatuto do lado da ética.

Rigoroso e coerente, Lacan recusa que o seu discurso, o do psicanalista, se "inteire" em sistema. Especular sobre o sujeito, mesmo ressaltando sua inobjetividade, seria ser fiel ao significado das teses, traindo a lógica segundo a qual **eu** não é "teorizável", sequer falável, mas fala[431].

A explanação do procedimento psicanalítico tem de ser eticamente solidária da verdade a que se dedica. A tese do estatuto do inconsciente como ético não pode plenamente articular-se, sob pena deste ser redutível a ontologia ou epistemologia com outro nome. Lacan nunca iria tão longe na direção de negar que o inconsciente possa ser dito para então, gratuitamente, dizer o que é. Caso contrário procederia como teórico, objetivando um conceito de inconsciente, sem levar a sério que o que está em jogo é um enigma fundante do mais medular e improvável de cada sujeito, sem exceções.

Não se poderia descobrir com o inconsciente a falta pela qual o universo se desvenda uma flor de retórica e o sujeito prolifera em todas as direções do não sabido, e renegá-lo reproduzindo na forma do reconhecimento desta verdade a rejeitada forma do conhecimento.

É fato que quem pretender enfocar a negatividade significante como base positiva para a invenção de mais uma ontologia apenas tem de incorrer no despudor de transmutar o fortuito em fundamento. Não se dará conta do fundamento do ato na falta de fundamento.

Nada disso é aceitável, se se quiser preservar a psicanálise como uma prática de discurso que permite a fidelidade à infernal verdade de **eu** ser sem poder ser **eu**, por só ser em falta.

O sujeito é faltante, tanto na paradoxal acepção de só ser por lhe faltar ser — o que dá bem a medida da impossibilidade de o equacionar ontologicamente —, como na de ser culposo. E nesse mal estar há que sublinhar o ato (de ser em falta) e não tanto o ser (faltante). Ontologicamente indizível, **eu** encontra-se condenado a ser processado nos termos de uma linguagem em que apenas se o testemunha culpável. Posto que em falta, só se o rastreia na qualidade de responsável pelo agir. Só desse modo é possível não maltratar o enunciante, testemunhando-o a falar, sem a pretensão de dizer quem diz.

Tamanha precariedade em ser designa-se de desejo e, não obstante a impossibilidade de conjugar verdadeiramente o sujeito com o ser[432] e apesar da fidelidade ao inconsciente e a trajetória até aqui percorrida não legitimarem que adentro do pensamento lacaniano se descubra o que quer que possa valer por fundamento, à primeira vista é tentador promover o "conceito" ora introduzido a "descoberta" do sentido verdadeiro do ser.

Porém, em hipótese alguma a elaboração psicanalítica do desejo admite que como tal se conceba outra coisa que não uma estratégia para evitar uma descabida "entificação" do sujeito e inconsciente. Preventivamente, Lacan empenha-se em elucidá-lo até à exaustão, por meio de uma argumentação meticulosa, resumida ao máximo no que se segue.

O fundamental é ter em mente que o fato do sujeito ser sempre escapa à linguagem, que constitutivamente o instaura em cisão entre ser não sujeito e sujeito sem ser[433].

Para não ser dito, o desejo é semidito. Faz-se em função da palavra, que marca e recorta a coisa dita, nunca dizendo inteiramente. Estruturalmente incompleto, literalmente é metonímia.

Não se diz de **eu**. Quando dito, é dito de Outro[434]. É dito desejo de Outro ou é Outro quem diz o desejo.

---

431 O psicanalista escuta-o.

432 Impossibilidade que é a condição inequívoca do fazer-se pela palavra, sentenciando o enunciante à inconsciência.

433 Pecado ou não, o original é a castração, que é pura e simplesmente a falta em ser "consubstancial" ao ser desejante, ainda que imaginariamente possa assumir as mil e uma feições com que o sintoma a interpreta e amoldar-se às variadas fantasias expressas nas teses psicanalíticas a seu respeito.

434 Outro que, além de índice de outrem que não **eu**, designa abreviadamente a ordem do significante.

É bem verdade que — graças à ambigüidade lingüística, **habitat** da subjetividade — "desejo de Outro" tanto admite a leitura de o Outro ser desejante, como a de que **eu** o deseja. Mas as duas vertentes se fundem em um mesmo implícito: por a exclusão da identidade lhe ser vital, o sujeito se põe na dependência da diferença, ora supondo-se "outro" enunciante, ora asseverando-se desejante de alteridade. Só assim, não coincidente consigo, se previne o risco da insuficiência em ser se precipitar em ser suficiente, abolindo o desejante por destituir a falta em ser.

No Outro, querido, o que falta é ser. Pois, se é Outro quem quer, deseja (e o desejo é ser faltante). Mas dado que o Outro é palavra, esse ser em falta reporta-se a um não ser palavra nem Outro. O que lhe falta é **eu**.

O que se assinala pela falta de palavra que **eu** diga. O dito do sujeito não é **eu**. Nem **eu** se diz — até porque sequer quem dita a palavra se apresenta como **eu**, é sempre "outro" —, nem há palavra capaz de dizer o sujeito.

Portanto, se o Outro como dimensão da palavra é condição do ser, o sujeito faz-se em falta. Não obstante, é do Seu interesse que o sujeito seja.

O Outro que quer, quer que o sujeito seja, sob pena da palavra não se dizer. Para **eu** haver, há pois a alternativa de fazer-se "objeto" do desejo do Outro[435].

Mas dado que o Outro só quer por ser faltante, "manter-**me**" é mantê-Lo desejante de "mim". É preservá-Lo em falta, sem **eu** ser.

Para tanto há que "fazer-**me**" em falta, pois o "inobjeto" do desejo do Outro é **eu** ser faltante, desejante. Logo, o Outro que diz "eu" ser fá-lo faltante e é em falta que se encontra o "ser" eu.

Isso é de Seu interesse e ao sujeito interessa obedecer-Lhe. Como sendo, **eu** não seria, e na medida em que sem "eu" o "Outro" não faz sentido — sem dito a palavra é uma abstração e para haver dito há que produzir-se um dicente —, **eu** não ser é importante para que o Outro possa ser.

O Outro sendo, o sujeito pode ser em falta. Como desejo, é um "por ser".

Logo, ser desejante é ser mal dito. É mal ser, espremido entre não ser e ser não. A tarefa, até por impossível, não é dizê-lo, mas repô-lo em questão. Levá-lo a, por não ser, poder querer.

Obviamente que, paradoxalmente semiconstituído, não há a mínima hipótese de o sujeito se achar consistente. As frases acima são no geral ambíguas, admitindo mais de uma leitura. Além disso, cada uma, por si, nunca se totaliza em verdade não parcial, que não requeira um complemento que contraria um seu significado. O procedimento é intencional. Ao refletir tal quadro a psicanálise julga manter-se à altura de um equacionamento do drama subjetivo desistente de soluções. De um ponto de vista ontológico, a disciplina evidencia-se afeita a proposições que têm a consistência da aporia. Não que a sua "ontologia" seja defeituosa ou esteja mal formulada: apenas se propõe à altura de levar a sério o defeito em ser que, por medularmente atinente à condição inconsciente do sujeito, deve alçá-la ao estatuto de uma prática atenta à resolução do insolúvel em atos.

É em termos éticos, sem ter de dizer o que seja mas levando em conta que se trata do ser, que o desejo pode receber um tratamento à altura do inconsciente e (do) sujeito.

Afinal, o que de "substantivo" em verdade se revela não é o "ser desejo". É o desejo de ser, perpetuado por o sujeito não ser.

A "ontologia" conveniente ao inconsciente tem de ser eticamente diluída. Por isso, daqui por diante, quando se diga "desejo" não se pense em nenhum sentido significantemente determinado. O que se sublinha é a determinação significante, o Outro como algo menos do que um horizonte de entidades lingüísticas descritíveis, como um legislar imanente à ordem do significante enquanto acontecimento anterior e irredutível a qualquer significação definida ou definitiva.

---

435 Ou seja, o "seu" desejo é desejo do desejo do Outro.

Como ordenamento de palavras, o Outro é mandamento que imperativamente determina que **eu** seja. Mas o imperativo subjugante outra coisa não é que querer ser (uno). A força (ética) da lei advém do desejo, em cujo horizonte ela reina.

Como lei, o desejo do Outro prescreve que, sob pena de o ser falante se encontrar proscrito, não se o diga. E como a negativa vale por uma denegação, não o dizer é paradoxalmente afirmá-lo.

Não há maior razão para o papel da ética e da proibição como acessando virtualmente o impossível. Não o alcançam, mas interpretam-no com base no não possível.

Eis a preciosa chave que leva ao deciframento do inconsciente e ao reconhecimento do seu estatuto ético. Nem ser nem não ser, no quadro de um tratamento do significante como da ordem da produção ética do sentido, o inconsciente é dito que não. É conseqüência de uma proibição de conjugar o verbo ser com o sujeito, proibição solidária de uma impossibilidade de princípio. Deve não ser.

Literal recalcamento, o íntimo do ser desvenda-se em sutil e plena de conseqüências transfiguração de não ser em ser não[436], assaz reveladora da forma da ironia como presente no desejo — o que por sua vez elimina maiores restrições a que se o conceba como essência do sujeito.

Pois não se trata de uma essência, a não ser na medida em que aí se põe o essencial em falta, agindo decisivamente para que, a partir de uma falta em ser, se ficcione um ser faltante.

Logo, não haja dúvidas quanto a que fazer jus ao trabalho lacaniano seja remeter à ética a ordem do ato, ao mesmo tempo recusando-se o desejo como ontologicamente fundante, como sentido do dizer para além do fazer dizer sentido.

A fantasia do fundamento não passa disso: é uma fantasia e, nessa qualidade, mostra o desejo em ação. Em hipótese alguma realiza o desejo de capturar o (desejo como) fundamento.

O sujeito não se dirige ao objeto do desejo da mesma maneira como julgava encontrar o objeto do conhecimento. Não basta trocar o verbo "conhecer" pelo "desejar", mantendo-se os esquemas cabíveis ao primeiro na representação do sujeito e do objeto. Além da natureza, altera-se a articulação entre estes, que é a verdadeira causa da mudança daquela.

Para o desejo, o objeto é coisa impossível, causa inobjetiva. É **eu**. Tem como causa a falta de **si**.

Mas o sujeito não sabe que, ao refletir o mundo, de fato se reflete no mundo. Não apenas a atitude científica não dá conta do inconsciente, como é este que, na sua radical natureza de enunciante, em derradeira instância a determina.

A psicanálise tem de caber a um campo em que palavra e sujeito caibam, e parece certo que não seja ciência. Está interditado o advento de uma ciência do desejo no quadro das "ciências humanas". Esta é apenas uma figuração imaginária do desejo de ciência[437].

Sem futuro, pois como interdito eticamente interpretável, o desejo se furta tanto ao ser como ao não ser[438]. É sentido a ser precisado e é indeterminação do ser (sujeito), que como enigma permite conjugar a dimensão da falta com a do sentido por fazer.

Ser desejante, indizível, o sujeito enuncia-se como não possível, que não na absurda qualidade de "habitante" do impossível. Situa-se única e exclusivamente como sujeito dicente e, posto que só pode assinalar-se indiretamente, depreende-se dos limites do dizível. Não se

---

436 Na ocasião propícia verificou-se como o autor se apóia na língua grega para deslindar a negação como operação eticizante. Reporta o recalque, instituinte da "natureza" do inconsciente, a uma negatividade que não seja mera nulidade ôntica, mas antes o negativo de uma volição, com efeito proliferador do que se nega. Vide subcapítulo 48.

437 Descarta-se a vinculação da psicanálise à ciência. Ainda assim, é na publicidade a esta inerente que Lacan vê o campo propício à transmissão analítica, na contramão da opinião de tantos que, pleiteando a sua cientificidade, a restringem a círculos fechados.

438 A falta de garantias causa o desejo (de ser), mas cada intento de consumá-lo apenas recoloca em causa o fazer-se desejante. Não obstante, pretender com a psicanálise fundar como ciência um conhecimento do desejo é uma ficção comum.

trata de impossível transcendência extra-significante, mas tão somente do negativo da significância[439].

Portanto, como falta, posto dependente do significante e inverossímil fora da implicância de sentido que bem caracteriza o simbólico, é o sujeito que em ato, significante, se depreende real.

Pois a única "coisa" passível de assentir-se como real descobre-se ser a interdição que delimita o sujeito em composição com o possível, de molde a artificiosamente o conjunto possibilitar o tratamento do não possível. Deduz-se a cada tempo da impossibilidade de articulação significante.

Para o sujeito, o impossível é ser. O ser que lhe falta é a contraparte da parte de si que é ser em falta, desejo. É presença que, se alguma vez dita, anula **eu**[440].

Portanto, como ser em falta, o desejo põe-se na dependência do conflito entre o ir ao encontro do ser e o se perder por, na hipótese de sucesso, abolir-se a falta. O que lhe falta de ser, fora do significante, supõe-no corpo.

Corpo que, graças ao dom da palavra, não sendo propriamente objeto, desvenda-se lugar insabido da "coisa" sujeito. É alteridade e subjetividade. É o "exterior" da estrutura do **eu** no Outro. Para o sujeito, é Outro; mas para o Outro, **eu** "não palavra" é que é outro, corpo.

O corpo cumpre o papel de preencher com o sujeito o lugar do objeto, de maneira tal que **eu** estranhe a si mesmo. Sob pena de que, não se recebendo do Outro como outro, não se alcance propiciar a "distância" imprescindível ao sentido.

Logo, o corpo, "é" sujeito[441] e faz-se significar como "posição" real da escrita que dita o **eu**[442]. Só por isso palavras bem ditas o atingem.

Como para ser **eu** o sujeito se "outrifica" em objeto, de lá do Outro, como tal mas verdadeiramente sujeito, dirige-se a **si** posicionando o realmente enunciante, a pulsão, em corpo destinatário do enunciado. E na medida em que o que se deseja é ser, tal corpo, lugar da pulsão como ponto de fuga do ser que faz o sujeito ser, propõe-se a um só tempo como **eu** feito outro e ignorado objeto do desejo.

Imaginariamente, só se o contempla como cadáver. Como vivente, rastreia-se-o indiretamente, testemunhando o enunciante pulsar de significantes dispostos no tempo, expostos discursivamente.

Portanto, o que traz o impossível do sujeito para um contexto de indireta acessibilidade é a repetição, enfocada não como uma categoria ontológica, e sim como produto da delimitação da significância.

Ao contrário de outras formas de temporalidade, esta faz o sujeito ser na primeira pessoa. Faz o sujeito ser no agora da vivência, em ato. Logo, o que valha por real confina-se a ser ético. A ética se assevera o campo nos termos do qual o sentido da substância[443] se ilumina como acontecimento do lado do **eu**.

---

439 Por mais que críticos detratores de Lacan se esfalfem em fazer crer, o sujeito do inconsciente não é alguma entidade metafísica, positivamente extra-lingüística. É efeito de um defeito – de uma falta! – na linguagem. E é por não quererem vê-lo que alguns se propõem a achatá-lo ao conjunto dos significados da palavra "eu", fingindo que o ser sentido em falta se dissolve em questões de uso da linguagem. Por não admitirem que faltam letras, obrigam-se a alucinar um "eu" metafísico. Mas a metafísica que encontram no outro não passa de um reflexo da verdade sobre as suas doutrinas.

440 Imediatamente antes de se atingir o sentido do ser eu, pelo fato de ser, o sujeito não é.

441 A pulsão não passa de ser, presentado sob véu corpóreo, o real sujeito do inconsciente. Ou seja, **eu**.

442 Psicanalista, Lacan concebe a espacialidade em geral como projeção simbólica e imaginária da superfície corpórea, deduzindo todas as medidas como território da subjetividade.

443 A "substância" é experimentada na vivência subjetiva como bem, prazer. Ou seja, como nada que objetivamente valha uma ontologia, por acontecer estritamente na dependência de eventos subjetivos e subjetivantes, cuja natureza processual nitidamente se patenteia no fato de se referirem às linhas de força de princípios reguladores da conduta humana.

Indizível, falta-lhe ser. Mas se da perspectiva da falta o sujeito se afirma (sendo) desejo, a própria definição deste situa o perigo de um ser sem falta. Neste caso, o que falta é o sujeito. E ainda que a ameaça usualmente se situe disfarçada pela referência à substância, psicanaliticamente sabe-se que esta não passa de ser o que valha por seu bem, o encontro de algo de substantivo que, dado que o único substrato com que se pode contar é o sujeito, uma vez contornada a sutileza de não o dizer, alcançado ser deixa-o inexistente e então absolutamente faltante[444].

Tal perigo chama-se de gozo, o ser acontecimento nem possível nem impossivelmente objetivo, mas tão somente subjetivo. Posto que o sujeito se perde no gozo, há que perder gozo para não perder o sujeito.

O sujeito não está protegido da possibilidade do que não é falta. Ora, nesta hipótese, o que falta é o sujeito, que se anula antes do encontro. Todavia, tal supressão, mergulho instantâneo na morte, em si é proteção contra o gozo: repõe-no **eu** em falta.

Tal situação é desconfortável: sendo, o sujeito não é, por só ser sem gozo[445].

Lacan descreve o paradoxo na direção de demonstrar que todas as formas de referir o gozo — do corpo, do Outro, fálico, do ser — são outros tontos modos de contornar a sua insuportável atribuição a **eu**. Relativamente a **mim**, o gozo é sentido inconsciente. Pois se o gozo fosse do sujeito, este não haveria.

O gozo tem de não ser do **eu**. Deve ser suposto em lugar que não sujeito. Só assim, uma vez sentido que escapa ao sujeito, este pode ser em falta. Como?

Pela exata medida em que o ser é sentido inconsciente, cuja imperativa determinação seria eficaz na hipótese do dicente se fazer sentido ouvido, mas isso é impossível. E como gozo descreve-se-o em molde conveniente à assunção da incompatibilidade entre sujeito e ser. Sem validar a fundação de alguma substância psíquica, assente-se-o ético.

O ser, elucidado a partir do estatuto ético do inconsciente, como gozo não é o sentido verdadeiro do ser, e sim a interpretação (por cada destino humano) da impossibilidade de ser.

Equacionável eticamente, o gozo presta-se à denúncia do ser como esquecimento do sujeito. Consuma, no quadro da meditação lacaniana, a destituição da ontologia. Promove a análise das importantes questões que a esta concernem em termos não imaginarizantes do ser — já que, como gozo, este se dissolve em verdade lavrada no limite da palavra em ação.

É imprescindível enfocá-lo, não no quadro do encontro com o impossível objeto, mas pelo aspecto simétrico da perda de **si**. No gozo não há **eu**.

Dizer que ao sujeito falta ser é asseverar a impossibilidade do "objeto" que o faria gozar. Ora, este é o sujeito em si mesmo, como objeto inexistente e desde então (sujeito) perdido. Como se sabe, a sua falta, imaginariamente supressora de **eu**, é sua constituinte.

Se a instauração da falta não falhar, a amplitude da incidência da ordem do ato no campo do ser implica uma escuta (do sentido) e, independentemente dos significados que comporte, em cada ordem significante que se recebe o sujeito (não) se prova ser.

Pois no ouvir o sentido em "mim" suscitado pela ação do saber há um a mais de ser (gozo). Para ouvir sentido, o **eu** tem de ser — isto é, tem de se fazer sentido. Afinal, ao constranger a anuir que se escuta, ao banhá-lo em sentidos o Outro faz **eu** ser (ouvinte).

Logo, a palavra só faz sentido no lugar da escuta. Confirma-se que objetivamente o significante não tem dignidade ontológica alguma. O ser feito pelo significante só acontece subjetivamente. É como ouvinte que o sujeito se recebe ser, permanecendo dicente indizível e determinando-se o que escuta como sujeito (ao significante). A presença é assentimento de um imperativo presente. E só.

Caso contrário, se o significante significasse independentemente da escuta que o sanciona como significante, não haveria como contornar o determinismo. O desenvolvimento

---

444 Note-se que, em última análise, tal perda o re-produz em falta, e portanto repõe-no.

445 Sem ser!

de uma análise seria um progresso automático na direção de um destino maquinalmente traçado.

Não é assim porque a princípio a significância é indeterminada. O Outro diz na medida em que na escuta se o institui. Portanto, é impotente para Se e **me** garantir não carentes em ser, para além da cumplicidade discursiva.

O que possibilita um devir sem ser, em que do determinismo asfixiante da positividade, resumida à sobredeterminabilidade significante, a insubstancialidade da "coisa" dissolve o ontológico em liberdade. Não uma liberdade positiva, mas uma redicção da perda.

O que há, falta, apreensível como cisão subjetiva, cuja resolução cabível, contra as aparências cartesianas, limita-se a uma decisão de ser em ato[446].

Para devidamente ser, eis o sujeito à revelia de ser. Prodígio que é obra e graça do inconsciente, jamais entificado como realidade psicológica ou mesmo suscetível de equacionamento ontológico.

É "desistindo" de ser que se provaria uma certa (ética) liberdade, que ainda que a mais absoluta só não é amarga por não ser: não consiste em se <u>ser</u> livre, mas antes em <u>não</u> ser (livre). A falta de garantias, de defeito se promove a virtude. Transmuta-se o dever ser, o obedecer, num decidir-se, apenas demonstrável pelo agir.

Com a análise, outra meta não se atinge que não a da fidelidade à questão de ser em que o sujeito se põe sem ser, lançando-se a um destino com e sem sentido, que eticamente se propõe consentido. O seu papel é reverter em determinação da liberdade o defeito da incompletude.

62. **Wo es war, soll ich werden**

Essa é a meta da análise, em prol da qual Lacan se insurge contra leituras dos seus objetivos que, meras traduções do significado de enunciados de Freud, não estão à altura do significante e portanto se lhe afiguram incompatíveis com a verdade:

> *... je dirai que Freud s'adressse au sujet pour lui dire ceci, qui est nouveau — **Ici, dans le champ du rêve, tu es chez toi. Wo es war, soll ich werden.***
>
> *Ce qui ne veut pas dire, comme l'énonce je ne sais quelle ordure de traduction — **Le moi doit déloger le ça**. Entendez comme on traduit Freud en français, alors qu'une formule comme celle-là égale en résonance celles des présocratiques. Il ne s'agit pas du moi dans ce **soll ich werden**, il s'agit de ce que le **Ich** est sous la plume de Freud, depuis le début jusqu'à la fin —— quand on sait, bien entendu, reconnaître sa place, — le lieu complet, total, du réseau des signifiants, c'est-à-dire le sujet, là où c'était, depuis toujours, le rêve. ...*
>
> ...
>
> ***Là où c'était**, le **Ich** — le sujet, pas la psychologie — le sujet doit advenir.* (LE SÉMINAIRE — LIVRE XI: LES QUATRE CONCEPTS FONDAMENTAUX DE LA PSYCHANALYSE, p.45)

Onde era, onde se sujeitava ao "peso" de ser, o sujeito deve advir. Mas não se trata do sujeito psicológico, alguma instância psíquica atrelada a uma realidade sólida.

O mandamento ético freudiano propugna a admissão de que **eu** seja testemunhado onde havia ser, isto é, no campo do Outro, Lugar-palavra reduzido a "ser-de-significância", que revela o "ser" mero lugar-tenente de **eu**.

Para aquém do ser, em vez de um ente (psíquico), o que se encontra é a "ontologizante" ação do significante, visando ao preenchimento da falta em ser que determina **se** ser desejante.

A realidade da "realidade" é estabelecer-se por uma trama significante, para sempre irredutível a uma objetivação a serviço da cognição. E por isso o comentário do enunciado

---

446 A única saída é expor-se em ato, à revelia do achatamento dos sentidos em significados. Portanto, ato sexual.

freudiano supramencionado é como que uma pedra de toque da definição lacaniana quanto ao que julga essencial na psicanálise. A seu serviço constrói-se a meditação relativa ao sujeito enquanto sentido inconsciente, que passo a passo foi destrinchada.

Ser impossível de compreender, o sujeito é real na medida em que escapa ao sentido. Mas o real não é equivalente ao sujeito, sob pena de, contraditoriamente, algo de positivo se asseverar a seu respeito.

Da ordem do simbólico, o sujeito escapa ao real por, para ser, depender da palavra. Porém, palavra não dita, ainda que da dimensão do ser, é sentido em falta.

Nem (só) simbólico nem (só) real, sem ser nem não ser, precipita-se entre não ser dito e ser dito não.

Inconsciente, para aquém de qualquer conhecimento demonstra-se em atos. A palavra que o demonstra é a não dita, que, na medida em que o atualiza como indizível, por excluído o configura real. Mas, por ser palavra, o repercute na forma dos traços que depõem de um enunciante, mesmo que o sentido da sua presença não possa capturar-se. Nesta medida é suposto "fora" do real. Lacan exprime-o dizendo que o inconsciente é um furo no real[447].

Parte do discurso em falta, discurso realizado que como tal é real "furado", não há como teorizar o inconsciente[448]. Como sujeito, o que importa é inventá-lo. E a psicanálise é uma prática que, menos do que conhecê-lo, se destina a produzi-lo: desfaz o ser palavras, de modo a que se testemunhe o ponto da sua dicção.

É para isso que a drástica eticização da psicanálise aponta, com a radicalidade suficiente para que a ética se descubra bússola cujo norte aponta o real.

Dado que o sujeito, inconsciente, é tudo o que de real se depreende, não é de admirar que o psicanalista suponha que só com o advento da sua disciplina seja possível equacioná-lo não ingenuamente. Vocação que não se define na direção do encontro de um método verdadeiro para o seu desvendamento, mas tão somente como a tarefa de uma crítica reveladora da realidade como fantasia.

E embora a psicanálise o afirme, sob pena de se descobrir inconseqüente, faz-se necessário investigar o alcance deste enunciado: se o chão comum à vivência humana é a experiência de uma realidade objetivamente sintomática de uma interpretação mais ou menos infeliz do verdadeiro, subjetivamente constituída e veladora de questões insolúveis relativas ao ser **eu**, não há como deixar de examinar se em alguma medida a psicanalítica revelação de toda e qualquer teoria como a sistematização de uma fantasia incorreria na contradição de supor-se a si mesma isenta de ser um exemplo de fantasia elevada a teoria.

Eventualmente a perspectiva psicanalítica, por advertida quanto à natureza ficticia da realidade, pleitearia ser menos fantasiosa do que as demais? Compactuaria com o estabelecimento de critérios relativos à definição de "graus" de ilusão, denunciando-se cúmplice de uma concepção de realidade que ela mesma contribuiu para tornar obsoleta?

Para o elucidar é necessária uma dupla operação. Por um lado há que dispor-se a examinar o estatuto dos termos e do terreno em que se possa situar e interpretar a psicanálise (correlatamente a uma reflexão sobre como o entendimento das demais atividades humanas se vê atingido pela confissão do inconsciente). Por outro há que verificar se a validade do enunciado não é imediatamente desmentida pela sua eventual inaplicabilidade ao ato mesmo da sua enunciação. E para isso requer-se que a tese não se suporte apenas em argumentos racionais abstratos, também se enraizando nas peculiaridades fantasmáticas particulares do autor[449].

---

447 Vide subcapítulo 27.

448 A não ser restaurando uma antiga acepção do verbo:
La théorie n'est pas, comme notre emploi du mot l'implique, l'abstraction de la praxis, ni sa référence générale, ni le modèle de ce qui serait son application. A son apparition, elle est cette praxis même. Elle est elle-même, la ***théôria****, l'exercice du pouvoir,* ***to pragma****, la grande affaire.* (LE SÉMINAIRE – LIVRE VIII: LE TRANSFERT, p.99)

449 Obviamente desconhecidas. Como o ponto é registrar que estas são necessárias e não identificá-las, basta presumir como (em função dos traços da obra) elas poderiam ter sido.

Levar a sério o ensino lacaniano também é situar o sujeito Lacan no seu discurso, o que nem minimamente reduz a sua credibilidade. Ao contrário, viabiliza-a por evidenciar que uma das suas principais teses, a idéia de que estas não se fundamentam impessoalmente, é aplicável a si mesma[450].

63. REALIDADE DA FANTASIA

Uma maneira de introduzir a primeira parte desta equação é lembrar o quanto o empreendimento psicanalítico lacaniano é marcado pela impossibilidade de dar conta do desafio do inconsciente nos termos de uma psicologia de feição fenomenológica. Ignorá-lo é privar-se de compreender as linhas gerais das suas opções "teóricas" em psicanálise.

O argumento de que errada seria a sua concepção de ciência, ou ainda o de que o que no plano das razões valia para o psiquiatra não se aplica ao psicanalista, ignora que Lacan nunca reformulou a sua posição a respeito. Portanto vale o proposto desde o início. Importa que desde cedo se define o que para o autor seria imprescindível ao estabelecimento de um ciência: um objeto concreto e um modo de determinismo. O resto é menos ou mais do que boa leitura da sua obra.

O posterior interesse pela problemática da formalização e da axiomatização de modo algum se insere numa revisão das suas idéias a este respeito, pelo contrário prestando-se (pelos impasses a que se chega) a uma crítica geral do empreendimento cognitivo, e à sua correlata dedicação a pensar o real eticamente.

Não obstante, vez por outra encontra-se por parte de pessoas dedicadas ao seu estudo a mais impressionante e inacreditável incompreensão deste ponto, quer censurando-o pelo incrível presumido fiasco de não cumprir metas que jamais se propos, quer intentando "complementar" algo pressentido insuficiente no seu labor[451].

Pelo contrário, a psicanálise orientar-se-ia por um aquém do conhecimento que se mantém em além interno à cientificidade, a subjetividade constitutivamente cindida[452], implicante de uma revisão da verdade que a põe fora de vista e conducente à descoberta dos subterrâneos do saber como função do desejo de ser.

Lacan propõe-se a descoberta da direção do afrontamento do real no sentido do **eu**. E portanto, "modestamente", a psicanálise restringe-se a ser uma prática de discurso. É um pouco a menos que ciência, que é muito mais.

Psicanalista, acha-se no avesso de uma psiquiatria fenomenológica. Desiste do conhecimento para não renunciar ao concreto como padrão da sua validação[453]. Não tolera uma psicologia "furada" por abstrações como a "noção" de inconsciente. A ter de admiti-lo, prefere desistir da ciência.

Mesmo que tantos possam seguir na direção contrária, a da tolerância a uma concretude menos "pura", no seu caso a decepção quanto à virtude do conhecimento em momento algum se transmuta em aceitação resignada da recriminada metafísica[454]. Recusa-se a

---

450 Para evitar que Lacan seja facilmente acusado de incoerência há que arriscar-se em terreno aparentemente alheio à sã historiografia em filosofia. Mas esta eventual crítica seria superficial, pois trata-se apenas de aplicá-la a um contexto em que a falta (de fundamento) remete as idéias a tomarem corpo em atos.

451 Um exemplo impressionante de má vontade é o caso de Roustang. Em LACAN: DO EQUÍVOCO AO IMPASSE censura o psicanalista em função do não cumprimento de metas que há muito havia desistido de cumprir.

452 J. Dor bem identificou este ponto como fulcral do ponto de vista de um exame da situação da psicanálise correlativamente à cientificidade. Vide A A-CIENTIFICIDADE DA PSICANÁLISE.

453 De algum modo comungante da fé fenomenológica, frustrado, não é surpreendente que, à sua maneira, siga os rastros de Heidegger, na direção de assentar o desgosto pelo fiasco de um projeto associado ao sem futuro do conhecimento em reflexão sobre o destino do ser.

454 Desprevenidos quanto a tão decisiva recusa, tanto críticos quanto apologistas condenam-se a não entender patavina do que decide a sua conduta intelectual, já que, em si mesmas, as suas teses quanto ao privilegiamento da concretude discursiva e relativas à acientificidade da psicanálise podem ser descritas, mas não se justificam.

alternativa de conviver com uma certa metafísica para salvaguardar a cientificidade. O psicanalista não o quer e, com coragem mas sem certeza, aposta na direção contrária.

Aquela desistência marca a seqüência do seu trabalho, desde então permanentemente interessado na análise do inconsciente e na investigação do seu estatuto e do da prática que se lhe consagra. Depois do fracasso em fundamentar a psicanálise como uma psicologia concreta decide-se a pensar a irredutibilidade do inconsciente e correlatamente a da psicanálise[455].

Mostrou-se insatisfeito quanto a quaisquer conformações da sua prática a modelos previamente existentes. Embora tenha amplamente explorado diversas comparações do estatuto do inconsciente com a situação de várias atividades e âmbitos de interesse humanos, não se espere nunca cabalmente autorizar, a partir deste pensador, as por parte de psicanalistas tão comuns e repetitivas variações de insistências no já conhecido, com que testemunham da sua inabilidade para enfrentar a originalidade da atividade a que se dedicam.

Lacan rejeita a "alucinação" maníaca, que vê a psicanálise à frente da ciência e da epistemologia do seu tempo, à espera de reformulações que lhe permitam incluir-se na esfera da primeira. Também não a posterga em um modo incipiente de uma futura ciência do psiquismo, que acabasse de dar os primeiros passos e por isso enfrentasse dificuldades de reconhecimento e de adequação. Menos ainda se junta ao coro histérico que anuncia o fiasco próximo e o abandono da cientificidade, a ser substituída por coisas novas, a confuso título melhores do que aquilo de que se desiste. E, por fim, não aposta — não obstante não deixar de apontar alguma semelhança — no retorno a uma atividade de gênero pré-industrial, do tipo da do artífice — a qual, quando é mal entendida na sua qualidade de arte (liberal), deturpando-se em atividade artística, ainda mais decisivamente se afasta da concepção do que psicanaliticamente é requerido. Não obstante, vez por outra, foi capaz de sustentar retoricamente uma ou outra destas posições. Negá-las conclusivamente também não lhe serve.

Não lhe escapa que cada uma daquelas saídas e inclusive uma definitiva negação do conjunto implica em sair da possibilidade de refletir a profunda e inovadora novidade acarretada com o advento do inconsciente. Não disfarça a incapacidade ou preguiça em enfrentar tamanho desafio com frases estéreis, que se reproduzem, alteram ou retornam, sem nenhuma conseqüência. Pelo contrário, a seu ver o discurso psicanalítico tem potencial para trazer a uma nova luz o sentido dessas coisas com que, pela redução, se intenta deturpá-lo.

A psicanálise ora é vista dentro e além da ciência, ora é pensada fora e aquém. Aguarda-se a sua estatuição científica do mesmo modo como outros tantos delírios existem. Mas não haja esperanças de a cumprir, pois a tarefa seria autocontraditória. Implicaria em tomar por objeto o sujeito.

Mais interessante é inverter o problema, indagando-se sobre o que seria a ciência levando-se em conta o inconsciente. Se alguma oscilação se encontra quanto ao estatuto da psicanálise relativamente à cientificidade é em função do empreendimento de repensar a segunda e não por contradições quanto à inclusão ou exclusão da primeira num contexto já definido[456]. E é por isso que mais produtivo do que indecidir sobre a inclusão ou exclusão da psicanálise do campo da ciência é verificar em que medida a sua posição privilegiada para refletir o objeto lhe permite esclarecer a cientificidade.

A matriz de todos eles, dado o comprometimento do real no âmago do ser sujeito — a ultrapassagem da barreira entre ser e objeto —, não passa de ser o objeto da castração, e com isso a análise faz-se detentora da "verdade" sobre a cientificidade. Não a verdade particular de cada esfera de competência técnica, mas a verdade das condições gerais da cientificidade, o querer ser objetivante, no qual a psicanálise encontra tanto o protótipo da objetividade científica quanto o sujeito do (seu) interesse — daí o seu privilégio em relação às ciências —, por ser o paradigma da função objetal na subjetividade.

---

455 Para tanto mobiliza sem cerimônia o que lhe cai à mão ou lhe chega aos ouvidos, num procedimento freqüentemente mal entendido tanto por críticos quanto por "discípulos".

456 Contexto obrigatoriamente a repensar desde que se admite o inconsciente, e com isso a interessada ampliação da subjetividade ao pseudo-campo dos objetos científicos.

De fato, ainda que o estatuto do objeto que determina lhe permita jogar com a idéia de uma aletosfera na qual se moveria o pensamento e a ciência, o que lá se move é o sujeito desejante, um dos termos do qual é o dito objeto. Afinal, como verdade (do desejo), positivamente o seu estatuto não lhe confere dignidade epistêmica alguma, a não ser imaginária.

É a radicalidade desta crítica que lhe permite lidar com tranqüilidade com as formulações da ciência contemporânea, interpretando-as e não compactuando com alguma cosmovisão delas derivável.

Interessada em não subjugar a atividade subjetiva, é fato que a reflexão lacaniana, preocupada em obstar o estancamento discursivo, evita formulações peremptórias, prestigiando a admissão da parcialidade de cada tese. Mas, não obstante tamanho prestígio da ambigüidade, a insistência no sujeito e a apresentação da ciência como excluindo-o levam água à tese de uma irredutibilidade da psicanálise a qualquer pretensão de cientificização, presente ou adiável.

Mas desistir da ciência não significa apaziguar o desassossego vinculado ao inconsciente, que em nome da sobrevivência da psicanálise tem de ser cultivado. O desconforto perdura na exata medida em que a convivência com o não saber é (mal) suportada. E é bem por isso que a sua vocação para ser fiel à verdade do desejo, desistindo do forjamento do ser em prol da admissão de **eu**, está estruturalmente condenada ao fracasso.

A psicanálise situa-se de uma emergência de real. É abertura para o enigmático, sofrido como estancamento do sentido. O que verdadeiramente se lhe contrapõe é o ofício de escamotear a falta pela multiplicação dos sentidos.

Ou seja, a par de metodicamente o caminho para a registrar implicar uma passagem pela ontologia e uma revisão da ética, a psicanálise insere-se na ordem da cultura como aparentada e em íntimo confronto com aquilo que os pairadores a respeito das virtudes científicas mais evitam, e que supostamente mais a desprestigiaria: a religião.

Se bem que, como Lacan salienta, o psicanalista não tenha por que se pronunciar a favor ou contra religião alguma, — sua tarefa é pôr em suspenso as certezas, não substituí-las — o contraponto da verdade psicanalítica ao futuro de uma ilusão é um mote já lançado por Freud. Ainda que se trave na mesma esfera que tradicionalmente é associada à religião, a psicanálise é fiel e submissa à morte, apontando em direção contrária ao comércio de ilusões e providenciamento de consolos.

Porém, segundo Lacan, o futuro é da religião. E provavelmente não só por uma vitória das doutrinas religiosas vigentes ou de outras que venham a ser enunciadas, nem apenas por qualquer idéia de futuro ser uma ilusão por sempre se tratar de presente mal focado, mas porque as evidências apontam para o movimento da psicanálise em si mesma se formular, até quando em arbitrário ato de fé se proclama científica, em moldes religiosos.

Estruturalmente a religião é indestrutível, pelo menos na medida em que o desejo também o seja. A força da fé é a pregnância do desejo. É desejo de **eu** (ser), intentando conjugar sujeito e ser, superando a cisão "constitutivamente" subjetiva por uma religação de **eu** a **mim**, assegurável pela fé no Outro. Portanto não é à toa que Lacan é cético quanto à (inconsciente) profundidade do ateísmo que se proclama em palavras.

Segundo o autor há uma religião verdadeira, a romana, cuja verdade passa pela admissão do Verbo no princípio. A discordância da psicanálise não se prende a este ponto, mas antes ao cunho enigmático, à falta (de sentido) do que se ponha no princípio do princípio, e que a religião resolve na forma da submissão ao Outro, ao Pai.

Portanto não se confunda religião verdadeira com a verdade sobre a religião. A verdade é que, em vez de confiança em ser, a pretensão de o provar (em todos os sentidos) é uma confissão do oposto. Não obstante, há como que uma irresistível tendência a omitir **eu** em ser garantido.

Logo, a psicanálise talvez sobreviva[457]. Insuportável, é seu destino medir-se com a religião e é inútil bravatear contra isso. Até por o testemunhar, ao psicanalista compete admiti-lo. A conduta que lhe é procedente é a de, na medida do possível, interpor barreiras ao cumprimento do previsível, tarefa que comporta o risco de se auto-decompor devido ao perigo de se alçar a vocação para se lançar a uma cruzada, o que a inverte em signo mesmo do que se combate.

Como tais obrigações não se justificam das resoluções de um tribunal das ações extrínseco ao desejo que as habita, a meta ora apontada é integralmente dependente do contexto fantasmático peculiar do autor. O que introduz a necessidade de enfrentar a segunda parte da equação relativa ao estatuto da teoria psicanalítica como (uma) fantasia, conforme antes foi indicado.

64. FANTASIA DA TEORIA

Sem que minimamente se presuma proceder a uma análise de Lacan — o que seria inteiramente descabido —, é importante levar em conta que um empreendimento com estas características ficaria incompleto se pelo menos uma vez e em alguma ocasião, mesmo que apendicularmente, não se dedicasse um mínimo de atenção à particularidade singularizante do autor[458]. Portanto, ao introduzir um tópico com este título, sublinhe-se que a fantasia da teoria em pauta em hipótese alguma é uma imputação objetiva de uma dinâmica fantasmática ao autor. Trata-se de uma ilustração fantasiosa de como poderia ter sido um contexto enunciativo que comportasse a decisão e o desejo de ser fiel à verdade freudiana.

É imprescindível — nunca no quadro de uma "pseudo-análise" do indivíduo Lacan, mas em função do deslindamento coerente das suas teses — levar em conta que é possível, se não reconstruir, certamente hipotetizar pelo menos um modo como a fidelidade ao desejo se poderia encarnar e marcar como a tarefa de uma existência, de modo a que a teoria da fantasia não seja palavra vã quando se trate de a mostrar possivelmente aplicável à fantasia da teoria[459]. Ou seja, há que levar em conta como hipotéticas marcas pessoais de Jacques se inseririam como resíduo fertilizante das suas ações (não apenas) intelectuais, dando valor de atos e palavras ao que fez[460].

---

457 Logo no início da conferência de imprensa que se refere na nota de número 455, a propósito das relações entre psicanálise e religião, Lacan declara que ou é uma ou é outra. A mesma razão que assegura o futuro da segunda dificulta o porvir da primeira.

458 Até para consolidar a idéia de que, se é o estilo que mais depõe do homem, não há por que imitá-lo. Fazê-lo — a par de confissão implícita de falta de análise — é comprometer o essencial das teses, por causa da ignorante generalização do sentido de certas opções imagético-metafóricas.

459 Pois se não se referir aquela "missão" a pessoais marcas de Jacques e ao modo como as mesmas se inserem como resíduo nas suas idéias, o enunciado da tese é desautorizado pela forma da sua enunciação.

Quais são essas marcas, não se saberá. Mas para o que se visa só interessa demonstrar que, mesmo desconhecidas, são possíveis. E, para tanto, basta ficcioná-las compatíveis com a obra feita.

460 E não examinando-o biograficamente.

Aliás, a atenção às linhas estruturantes de um desejo incorporado em existência, por recusar-se a se pasteurizar em perfil psíquico ou biografia, remete a um ponto de consideração do sujeito autor no mesmo patamar que é o da formulação da obra, evitando o enredamento na armadilha do relato de fofocas em tom de psico-biografia, dita intelectual ou não. Do ponto de vista do pensamento, o que desta forma se alcança é algo menos do que a descrição de influências. Oscila entre o alinhamento de fatualidades da convivência de Lacan com alguns contemporâneos, em si não ilustrativa da trans-substanciação do intercâmbio em singular corpo de teses, e uma desilustrativa ausência de senso do privado e do relevante, na forma do arrolamento desconexo de episódios da vida privada. As obras de E. Roudinesco, não obstante a sua utilidade do ponto de vista do volume de informações, ao não suficientemente se distanciarem deste perfil não conseguem em si mesmas iluminar explicativamente a trajetória do pensador. Ficam no imaginário.

Também coleções de instantâneos clínicos abstraídos do seu contexto de ato e filtrados mais ou menos maledicentemente jamais comportarão os meios para deixarem de ser generalidades inócuas, na melhor das hipóteses. Deste modo privilegia-se um inventário de modelos anedóticos que desmente uma formação analítica. Embora não sempre, às vezes é para isso que tendem relatos de experiências de análise com Lacan. Alguns, interessantes, são os de S. Schnaiderman e de Jean-Guy Godin.

Já a coleção de falas em forma de aforismos recolhida por J. Allouch — 132 BONS MOTS AVEC JACQUES LACAN —, por se restringir à reprodução do dito (poupando o leitor da diluição

Não tem cabimento fingir que Lacan admite a impessoalidade do sujeito teórico. Em coerência com a sua obra, não há como se estar autorizado a exclui-lo do que descobre. Como poderiam ser as suas condições fantasmáticas para a eficácia do ato em que a psicanálise é por ele instituída?

Na linha da elaboração de uma ficção a esse respeito poderia se aventar que a idéia de que a religião é indestrutível, além de tese psicanalítica, seria crença de Jacques Lacan.

É fato que a profecia da derrota, ainda que formulada pelo rebelde, por isso mesmo o revela submisso frente a esse Outro (Todo) poderoso. A se levar o sujeito e inconsciente a sério, não há como fingir ignorar que a definição do cristianismo romano como religião verdadeira — e sublinhe-se que catolicismo e cristianismo para Lacan são sinônimos —, a ponto de abominar a idéia de uma história das religiões que o nivele com as demais, pode chegar a ser presumida como a confissão de o catolicismo ser a verdadeira religião de Lacan. Não da maneira simples, na forma de uma cumplicidade com as suas teses, mas invertidamente, tomando-a como contraponto, outro (religioso), da "sua" psicanálise.

Vestígios que tornem plausível esse acondicionamento fantástico são abundantes e evidentes, não sendo preciso caçá-los em nenhuma biografia, exterior ao fato da letra. Ainda que desligado da fé[461], não passa despercebida a presença de preferências retóricas e mesmo de ênfases ou entusiasmos, cuja exposição remete ao seu contexto. No mais das vezes submissos à orientação geral de marcar o bem como a necessidade de ilusões e a verdade psicanalítica como mal suportável.

Recorde-se, por exemplo, a atribuição a Freud da confissão de ser um transmissor da peste. Seria casual um tom apocalíptico? E que tal a metaforização da incidência da verdade pelo pouso da pomba (símbolo do Espírito Santo)[462]? Ou ainda o à vontade e a ligeireza com que identifica os mandamentos mosaicos (revistos e acrescentados por Cristo) às estruturais leis do desejo, reforçadas pela convicção na pertinência de as elucidar por meio do comentário epistolar de São Paulo à noção de pecado[463]?

Igualmente saliente foi a sua predileção por Roma como privilegiado lugar de emissão da (sua) palavra. Foi lá[464] que mais explicitamente forneceu subsídios para o delineamento deste exercício de construção de um modo plausível de o supor fantasmaticamente contraposto à religião. Porém, no quadro mesmo do desenvolvimento desta "fantasia", a mais ampla coleta desses restos de letras cristãs não substitui o registro do seu presumível efeito na estruturação do pensamento psicanalítico lacaniano.

Deste ponto de vista o que poderia parecer decisivo é que o Um só se encontraria para além do prazer, ou seja, como nada a que sobreviva **eu**. Como recurso contra a morte far-se-ia imperiosa a afirmação da diferença. Ato bem freudiano, mas mal satisfatório.

Sem que minimamente se ponha em causa a validade da argumentação — assim como não se discute o valor de uma pintura ou a qualidade de uma música por causa do subjetivo contexto da sua feitura —, o que estrutural e subjetivamente apareceria determinante seria o destaque dado na (sua) psicanálise ao ataque à unidade. Ou seja, o papel absolutamente originário da diferença, decisivo na elaboração da noção de significante.

---

inerente ao comentário, que sempre já imaginariza e geralmente vulgariza o que provém do Outro) e por preocupada com a sua confirmação, é do mais alto valor.

461 De um ponto de vista atinente ao óbvio, pois note-se que a resolução do impasse epistêmico em termos éticos, muito excessiva e suspeitamente se assemelha ao negativo de uma posição fideísta.

462 Vide LA CHOSE FREUDIENNE.

463 Vide ano sétimo do seminário.

464 Numa conferência de imprensa contemporânea de LA TROISIEME, título que por si só ilustra enumerativamente o destaque que confere ao que pronuncia desse lugar.

Estes comentários e informações sobre a posição lacaniana relativamente à inter-relação entre religião e psicanálise embasam-se predominantemente nas declarações de Lacan a propósito dessa conferência de imprensa, concedida em Roma por ocasião de congresso da EFP e posteriormente trancrita e publicada em conjunto com as atas do mesmo.

É marcante o seu ataque à Unidade, sob a qual desde sempre o cosmos racionalmente se ordenou no espírito humano. Unidade apaziguadora e confortadora, que psicanaliticamente reduz a fictício efeito de um falo castrado segundo a ordem de um Pai Morto.

A peste da diferença contra a Unidade, embate (quase) miticamente descrito em termos apocalípticos, poderia ser entendida como mais do que retórica? Não seria admissível que o sujeito Lacan estivesse comprometido com o universo escatológico cristão?

Pois em conjunto os traços apontados permitem hipotetizar que em algum recôndito recalcado o pensador conceber-se-ia elevado à posição de quase par, por desafiante, da Unidade fundante. Lacan fantasiaria — verbo a ouvir com todo o peso que a fantasia tem no seu pensamento, tão distinto da ilusão — ser o Desafiador definitivamente confortado pela gozosa certeza no fracasso? Conceber-se-ia como mensageiro da discórdia, opositor da comunhão, consentindo-se em lugar do mais alto destaque correlativamente às indicações simbólicas que ratifica?

Efetivamente o seu estilo e as suas teses poderiam implicitamente comportar que, fantasmaticamente, Lacan como que se arrogasse o grandioso e desesperançado lugar de um tipo de Anticristo[465]. A todo o instante retoma Freud para descobrir no predecessor um aspersor da peste, como que fantasiando-o algum batista[466] que viesse prenunciar o sentido da sua obra[467].

Para torná-lo mais verossímil poderia invocar-se o inquestionável valor significante que imputa ao literal e lembrar o seu comprazimento em recorrer à autoridade de Freud para justificar as suas preferências. Confessa-se levado pelo fio condutor da verdade freudiana, a experiência do inconsciente, ao reconhecimento de uma trindade infernal[468], relativa ao desejo. Uma trindade que irresistivelmente compara com o Deus trino do catolicismo:

> *C'est l'ordre exploré à partir de mon expérience, je vous le rappelle, qui ma conduit à cette trinité infernale. Je ne pense pas jouer ici d'une corde qui ne soit pas freudienne,* ***Flectere si nequeo superos Acherontes movebo***[469] *— c'est lá que prend illustration ce que j'ai appelé la vérité d'une certaine religion. Ce n'est pas tout à fait au hasard qu'elle arrive à une trinité divine, et ce, contrairement à la tradition sur laquelle elle se branche. Je vous ferai cette confiance de vous dire que le désir de l'homme, c'est l'enfer, en ceci que c'est l'enfer qui lui manque. Dès lors, c'est à quoi il aspire.* (R.S.I., 18-2-75, Ornicar 4, p.103/4)

Mas a condição do rebelde em verdade é a submissão (na forma da conformação invertida a uma determinação heterônoma). Na verdade a diferença é contraposta à unidade no intuito de **se** garantir contra o risco de escapar da <u>má</u> dicção, pois bem dito o sujeito anula-se por se objetivar consistentemente enunciado do Outro.

O psicanalítico descarte da perfeição[470] visa proteger **eu** de se consumar em ser consistente, intenta impedir a "salvação" do inferno, o desejo, cujo preço seria o sujeito bem se aventurar em devir morto. Porém, sob pena de ineficiência por o defeito de garantia se ver suprimido, a analítica competência para tanto deve ser incerta.

Sem garantia de nada e muito menos de si, inconsciente e <u>mal</u> satisfeito, eis o quadro a que **eu** se constrange, tal como se revela à luz do inconsciente. Tanto enquanto sujeito

---

465 Vale a pena registrar por esta ótica o proliferamento, cúmplice e referendador do (fantasmático) ora inventado, de toda uma anedótica biográfica, crítica ou entusiasticamente tendente a desenhar a imagem de um Lacan "mau sujeito". Um Lacan pouco "virtuoso" na sua vida privada e "cortante" na sua conduta clínica.

466 A referência a um Jordão como metáfora da correnteza das palavras faz-se presente num texto cujo título significativamente se refere a Roma e às razões de um fracasso da psicanálise.

467 Muitas vezes a proclamação da genialidade de Freud é nitidamente vinculada à interpretação de teses suas como germes de enunciados lacanianos.

468 Os seus três registros.

469 "Se não posso dobrar os poderes supremos, moverei as regiões infernais". Recitando Virgílio – ENEIDA (VII, 312) – em verdade cita a Freud, que tinha predileção por este verso, a seu ver ilustrativo dos esforços dos impulsos recalcados em se fazerem reconhecer, e que o reproduz em várias ocasiões, como por exemplo no final da parte E do sétimo capítulo da sua obra sobre os sonhos.

470 O Outro é castrado, incompleto.

analisante, quanto como suposto analista. E por isso, muito mais ou menos do que um comentário do estilo ou um exercício de análise do sujeito por meio da sua obra, a construção de uma hipótese relativa à fantasmática de Lacan é também um modo de, em coerência com o estudado, reafirmar a dilacerante contingência de teses subordinadas a um angustiante contexto de indeterminação.

Quando se sabe que o psicanalista nunca se presumiu autor de sistemas, mas fiel a uma verdade autora — à qual se pode dar ouvidos, mas da qual sempre se é despossuído —, que outra atitude seria prudente?

65. DUBITAÇÃO INCONCLUSIVA

Tamanha falta de garantias só pode consumar-se introduzindo-se como radical dúvida no contexto da reflexão psicanalítica, e deverá refletir-se em investigações relativas à psicanálise.

Uma meta deste estudo é contribuir para que, na leitura de Lacan, não se se depare apenas com obscuridades. Mas outra é que o estudioso das idéias da psicanálise encontre nele um exemplo de não cerceamento da capacidade da obra de significar, embutido na recusa em finalizar com sistematizações totalizantes.

Mais importante do que alcançar duvidosas conclusões peremptórias, vale a pena refletir a especificidade psicanalítica com Lacan. Trata-se de exercício preventivo de erros de princípio, bem como que de um seguro contra o risco de falência **a priori**, ainda que engalanada pelo brilho da descoberta do não atendimento a padrões de valor desde sempre inadequados.

É bem mais fértil rematar a investigação sublinhando o quanto a obra lacaniana abre possibilidades de refletir algumas implicações do ato analítico do que falsificá-la na forma do forjamento de sínteses totalizantes.

O fato de Lacan se dirigir como analista a analistas não autoriza sequer que se possa reduzir a pertinência do pensamento lacaniano ao âmbito que compartilha com seus pares, quanto mais admite uma ampliação desmesurada da sua jurisdição para além do terreno que se reserva. Mas não se pense que suas teses tenham importância apenas setorial. Psicanalista, preocupado com as condições de exercício do seu ofício, Lacan é obrigado a ultrapassar as fronteiras da sua paróquia. A peculiaridade da visão que leva em conta o inconsciente, não obstante a sua especialidade, é assumida como desencadeadora de desenvolvimentos cuja importância e interesse ultrapassam os limites do seu ofício.

Deveria interessar à filosofia, por exemplo. A seu modo, prolonga-a em pelo menos duas direções principais: pretende ir além do imaginário conceitual (especulativo) e, principalmente, opera-o revolucionando nos fins e nos meios o tratamento da subjetividade. Numa direção pela qual o insistente duvidar tem de lhe ser consubstancial.

Duvidando, o psicanalista é fiel ao que propugna. Este é o preço a pagar pela proeza de ser fiel ao desejo. A sua principal conseqüência é que sequer a "fé" no inconsciente pode ser sem limites.

Para Lacan, o alter ego da dúvida vem como Freud. Recorde-se que, no encerramento do congresso da sua Escola em 1975, confessa-se que o inconsciente talvez seja um delírio freudiano[471].

Tal desdobramento não deve surpreender. Caso contrário, a psicanálise apenas abriria mais um capítulo na história das idéias.

Por fidelidade à indeterminação, imprescindível à preservação do espírito do seu pensar, não só não é descabido como é fundamental que Lacan haja incluído — significativamente em momento próximo do termo, que não da sua pesquisa (cuja problemática no todo e nas partes sempre resguardou em aberto), da sua vida, em ano do

471 Vide Primeira Parte, terceiro capítulo, subcapítulo 20.

seminário sintomaticamente denominado LE MOMENT DE CONCLURE — a declaração de que

> *L'hypothèse que l'inconscient soit une extrapolation n'est pas absurde.* (LE MOMENT DE CONCLURE: UNE PRATIQUE DE BAVARDAGE. Ornicar 19, p.9)

A hipótese do inconsciente ser uma extrapolação não é absurda.

Não é absurda porque a ausência de garantias do Outro, por si, não pode constituir-se na garantia da falta de garantias. Não consegue assegurar-se o bastante para dirimir o contencioso do ser.

E não é absurda porque absurdo soa o inconsciente ao desejo que constrói a ficção da completude do saber em conhecer. Ecoa estranho aos olhos orientados no sentido de agarrar o permanente na transitoriedade, à boca ansiosa de dizer o definitivo sobre a contingência, aos ouvidos desesperados por ouvir o inefável.

Inclui:

De la Psychose paranoïaque dans ses rapports avec la pérsonnalité. (1932).
Écrits <<inspirés>>: Schizographie. (1931).[472]
Le problème du style et la conception psychiatrique des formes paranoïaques de l'expérience. (1933).
Motifs du crime paranoïaque: le crime des soeurs Papin. (1933).
Éxposé générale de nos travaux scientifiques. (1933).

Écrits. Paris, Éditions du Seuil, 1966.

Inclui:

Ouverture de ce recueil. 1966
Le séminaire sur <<la Lettre volée>>. 1957 (1955).
De nos antécédents. 1966.
Au-delà du Principe de réalité. 1936.
Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je. 1949.
L'agressivité en psychanalyse. 1948.
Introduction théorique aux fonctions de la psychanalyse en criminologie. 1951 (1950).[473]
Propos sur la causalité psychique. 1947 (1946).
Le temps logique et l'assertion de certitude anticipée. 1945.
Intervention sur le transfert. 1952 (1951).
Du sujet enfin en question. 1966.
Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. 1956 (1953).
Variantes de la cure-type. 1955.
D'un dessein. 1966.
Introduction au commentaire de Jean Hyppolite sur la <<Verneinung>> de Freud. 1956.
Réponse au comentaire de Jean Hyppolyte sur la <Verneinung>> de Freud. 1956.
La chose freudienne. 1956 (1955).
La psychanalyse et son enseignement. 1957.
Situation de la psychanalyse et formation du psychanalyste en 1956. 1956.
L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. 1957.
D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose. 1958.
La direction de la cure et les principes de son pouvoir. 1961.
Remarque sur le rapport de Daniel Lagache: <<Psychanalyse et structure de la pérsonnalité>>. 1961 (1958-1960).
La signification du phallus. 1966 (1958).
A la mémoire d'Ernest Jones: Sur sa théorie du symbolisme. 1959.
D'un syllabaire après coup. 1966.
Propos directifs pour un Congrès sur la sexualité féminine. 1964 (1960).
Jeunesse de Gide ou la lettre et le désir. 1958.
Kant avec Sade. 1963 (1962).
Subversion du sujet et dialéctique du désir dans l'inconscient freudien. 1966 (1960).
Position de l'inconscient. 1966 (1960-1964).
Du <<Trieb>> de Freud et du désir du psychanalyste. 195.
La science et la vérité. 1966 (1965).
La métaphore du sujet. 1961 (1960)

472 Em co-autoria com J. Lévi-Valensi e P. Migault.
473 Co-autoria de M. CÉNAC.

Petits écrits et conférences: 1945-1981.[474]
Inclui:

Les Lettres Françaises: 26.11.1966. **Entretien**.
Le Figaro Littéraire: 1.12.1966. **Un psychanalyste s'explique**.
Le Figaro Littéraire: 29.12.1966. **Sartre contre Lacan**.
Petit discours à l'ORTF: 2.12.1966.
Interview à RTB 3: 14.12.1966.
Interview donnée à F. Wahl: 8.2.1967.
Le Monde: 16.3.1968. **J. Lacan commente la naissance de Scilicet**.
Déclaration à France-Culture à propos du 28éme congrès internationale de psychanalyse. Julho 1973.
Improvisation sur désir de mort, rêve et réveil. 1974.
Intervention au 1er. congrès mondial de psychyatrie. 1950.
Discours à Rome: réponses aux interventions. 26.9.1953.
Intervention après la communication de A. Hesnard "Wo Es war, soll Ich werden". 1956.
Intervention après l'exposé de D. Lagache "La fascination de la conscience par le Moi". 1957.
Intervention après la communication de G. Favez "Le rendez-vous avec le psychanlyste". 1957.
Intervention après la communication de J. Favez-Boutonnier "Abandon et névrose". 1957.
Intervention après l'exposé de J. Favez-Boutonnier "Psychanalyse et philosophie" à la Société Française de Philosophie. 1955.
Intervention après l'exposé de Cl. Lévi-Strauss "Sur les rapports entre la mythologie et le rituel" à la Société Française de Philosophie. 1956.
Intervention après l'exposé de S. Leclaire "L'obsessionel et son désir". 1958.
Réponses à des étudiants en philosophie sur l'objet de la psychanalyse. 1966.
Discours de clôture des journées sur les psychoses de l'enfant. 1968 (1967).
Intervention sur l'expérience de la passe. 1973.
Réponse à une question de M. Ritter. 1975.
Intervention à la suite de l'exposé de A. Albert. 1975.
Clôture du congrès de Strasbourg de l'EFP. 1976.
Intervention sur les noeuds et l'inconscient. 1976.
Ouverture de la section clinique. 1977.
Conclusion des journées de Deauville de l'EFP. 1978.
Conclusion du congrès de Paris de l'EFP. 1978.
Lettre de dissolution. 5.1.1980.
Lettre au journal "Le Monde". 26.1.1980.
Lettre du 10.3.1980.
Allocution au PLM-St. Jacques. 15.3.1980.
Lettres du 19.3.1980 et du 24.3.1980.
Lettre du 29.6.1980 (Présentation du séminaire du 10.6.1980: Le Malentendu).
Ouverture de la rencontre de Caracas. 1980.
Lettre du 23.10.1980.
Lettre du 26.1.1981.
Lettre du 11.3.1981.

474 Coleção "oficiosa" de fotocópias de textos raros e dispersos.

Le nombre treize et la forme logique de la suspicion. 1945.
Quelques réflexions sur l'Ego. 1953 (inglês) 1980 (francês) (1951).
Fétichisme: la Symbolique, l'Imaginaire et le Réel. 1956.
Maurice Merleau-Ponty. 1961.
École Freudienne de Paris: Acte de fondation-Note adjointe-Préambule. 1977 (1964).
Résumé du Séminaire. 1964-1968.
1965. **Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse**.
1965-66. **Problèmes cruciaux pour la psychanalyse**.
1966-67. **L'objet de la psychanalyse**.
1967-68. **La logique du fantasme**.
1968-69. **L'acte psychanalytique**.
Hommage fait à Marguerite Duras du Ravissement de Lol V. Stein. 1965.
Présentation de la traduction par Paul Duquenne des Mémoires d'un névropathe de D.P. Schreber. 1966.
Deux courts écrits sur le symptôme de l'enfant. 1969.
Préface à: Anika Rifflet-Lemaire: "Jacques Lacan". 1969.
Lituraterre. 1971.
L'Opinion de J. Lacan sur "Un métier de chien" de Dominique Desanti. 1971.
Préface pour l'annuaire 1971 de l'EFP. 1971.
Avis au lecteur japonais. 1972.
Note italienne. 1981 (1973).
L'éveil du printemps. 1974.
Faire mouche. 1976.
Préface à l'édition anglaise du Séminaire XI. 1976.
C'est à la lecture de Freud... 1977.
Écrit pour le catalogue de l'exposition **François Rouan**. 1978.
Écrit pour "Vincennes ou le désir d'apprendre". 1979.
L'Homme aux loups. (1952).
Les Noms du Père. 1973 (10.11.1963).
Le Symbolique, l'Imaginaire et le Réel. 1982 (1953).
Éthique de la psychanalyse. 1984 (1960).
De ce que j'enseigne. 1962.
Psychanalyse et médecine. 1966.
Conférence à la faculté de médecine de Strasbourg. 1967.
Petit discours aux psychiatres. 1982 (1967).
La psychanalyse en ce temps. 1983 (1969).
Jacques Lacan à Louvain. 1981 (1972).
Jacques Lacan à l'École Belge de Psychanalyse. 1972.
La Troisième. 1975 (1974).
Joyce le Symptôme. 1982 (1975).
Propos sur l'hystérie. 1977.
Ouverture de séminaire. 10.11.1978.
Tradução de Martin Heidegger: ***Logos***. 1956.

Le Séminaire.
Livro I: **Les écrits téchniques de Freud**. Paris, Éditions du Seuil, 1975 (1953-1954).
LIvro II: **Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse**. Paris, Éditions du Seuil, 1978 (1954-1955).
Livro III: **Les psychoses**. Paris, Éditions du Seuil, 1981 (1955-1956).
Livro IV: **La relation d'objet**. Paris, Éditions du Seuil, 1994 (1956-1957).

Livro VII: **L'éthique de la psychanalyse**. Paris, Éditions du Seuil, 1986 (1959-1960).
Livro VIII: **Le transfert**. Paris, Éditions du Seuil, 1991 (1960-1961).
Livro XI: **Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse**. Paris, Éditions du Seuil, 1973 (1964-1965).
Livre XVII: **L'envers de la psychanalyse**. Paris, Éditions du Seuil, 1991 (1969-1970).
Livre XX: **Encore**. Paris, Éditions du Seuil, 1975 (1973-1974).

Télévision. Paris, Éditions du Seuil, 1973.

Macksey, Richard e Donato, Eugenio (org.). *A controvérsia estruturalista*. São Paulo, Cultrix, 1976.[475]

Inclui:
Da estrutura como intromistura de um pré-requisito de alteridade e um sujeito qualquer. (1966).

B. REVISTAS:

Analytica 8. Paris, Navarin, 1978.
Proposition du 9 octobre 1967 (1a. versão).

L'Âne 3. Paris, Éditions du Seuil.
Improvisation: désir de mort. rêve et réveil. (1974).

L'Âne 51. Paris, Éditions du Seuil, 1992.
La Psychanalyse vraie et la fausse. (1958).

Bulletin de l'Association freudienne 17. 1986.
La psychanalyse dans sa référence au rapport sexuel. (1973).

Bulletin de l'Association freudienne 35. 1989.
Conférence du mercredi 19-6-68.

Ornicar ? 1. Paris, Navarin, 1975.
Peut-être à Vincennes. 1975.

Ornicar ? 2. Paris, Navarin, 1975.
R.S.I. (1a. parte). Transcrição do ano XXII (1974-1975) do Seminário.

Ornicar ? 3. Paris, Navarin, 1975.
R.S.I. (2a. parte). Transcrição do ano XXII (1974-1975) do Seminário.

Ornicar ? 4. Paris, Navarin, 1975.
R.S.I. (3a. parte). Transcrição do ano XXII (1974-1975) do Seminário.

Ornicar ? 5. Paris, Navarin, 1976.
Sur le noeud borroméen.
R.S.I. (4a. parte). Transcrição do ano XXII (1974-1975) do Seminário.

475 Obra originalmente editada em inglês pela The John Hopkins Press em 1970.

Ornicar ? 6. Paris, Navarin, 1976.
Le Sinthome (1a.parte). Transcrição do ano XXIII (1975-1976) do Seminário.

Ornicar ? 7. Paris, Navarin, 1976.
Le Sinthome (2a.parte). Transcrição do ano XXIII (1975-1976) do Seminário.

Ornicar ? 8. Paris, Navarin, 1976.
Le Sinthome (3a.parte). Transcrição do ano XXIII (1975-1976) do Seminário.

Ornicar ? 9. Paris, Navarin, 1977.
Ouverture de la Section Clinique. 1977.
Le Sinthome (4a.parte). Transcrição do ano XXIII (1975-1976) do Seminário.

Ornicar ? 10. Paris, Navarin, 1977.
Le Sinthome (5a.parte). Transcrição do ano XXIII (1975-1976) do Seminário.

Ornicar ? 11. Paris, Navarin, 1977.
Le Sinthome (6a.parte). Transcrição do ano XXIII (1975-1976) do Seminário.

Ornicar ? 12/13. Paris, Navarin, 1977.
Sur l'expérience de la passe. 1975 (1973).
L'Insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre (1a. parte). Transcrição do ano XXIV (1976-1977) do Seminário.

Ornicar ? 14. Paris, Navarin, 1978.
L'Insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre (2a. parte). Transcrição do ano XXIV (1976-1977) do Seminário.

Ornicar ? 15. Paris, Navarin, 1978.
L'Insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre (3a. parte). Transcrição do ano XXIV (1976-1977) do Seminário.

Ornicar ? 16. Paris, Navarin, 1978.
L'Insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre (4a. parte). Transcrição do ano XXIV (1976-1977) do Seminário. Uma sessão intitulada **Nomina non sunt consequentia rerum**.

Ornicar ? 17/18. Paris, Navarin, 1978.
L'Insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre (5a. parte). Transcrição do ano XXIV (1976-1977) do Seminário. Quatro sessões intituladas **Vers un signifiant nouveau**.
Le Mythe individuel du névrosé. (1953).

Ornicar ? 19. Paris, Navarin, 1979.
Une Pratique de bavardage. Transcrição da 1a. sessão (15-11-77) do ano XXV (1977-1978) do Seminário.

Ornicar ? 20/21. Paris, Navarin, 1980.
Dissolution (1a. parte). Transcrição do ano XXVII (1980) do Seminário. Uma carta e sessões intituladas:
Lettre de dissolution.

L'Autre manque.
D'Écolage.
Monsieur A.

Ornicar ? 22/23. Paris, Navarin, 1981.
Dissolution (2a. parte). Transcrição do ano XXVII (1980) do Seminário. Sessões intituladas:
Lumière!
Le Malentendu.

Ornicar ? 24. Paris, Navarin, 1981.
Hamlet (1a. parte). Transcrição de uma fração do ano VI (1958-1959) do Seminário.

Ornicar ? 25. Paris, Navarin, 1982.
Note Italienne. 1981 (1973).
Hamlet (2a. parte). Transcrição de uma fração do ano VI (1958-1959) do Seminário.

Ornicar ? 26/27. Paris, Navarin, 198
Hamlet (3a. parte). Transcrição de uma fração do ano VI do Seminário.

Ornicar ? 28. Paris, Navarin, 1984
Compte-rendu avec interpolations du Séminaire de l'Éthique.

Ornicar ? 30. Paris, Navarin, 1984.
Intervention au Premier Congrès Mondial de psychiatrie. 1952 (1950).

Ornicar ? 31. Paris, Navarin, 1984.
Interventions de Lacan à la S.P.P.:
Valeur représentative du crime paranoïaque. (1933).
Psychanalyse et perversion. (1934).
Le suicide. (1934).
Le crime paranoïaque.
L'anorexie mentale. (1935).
L'angoisse et le corps morcelé. (1937).
Fixation maternelle et narcissisme. (1937).
L'instinct de mort. (1938).
De l'impulsion au complexe. (1938).
Délinquance et passage a l'acte. (1948).
Mère castratrice et père carent. (1948).
Les deux hypertensions. (1948).
Psychanalyse et sociologie. (1948).
Magie et psychosomatique. (1949).
La Poupée-fleur de Françoise Dolto. (1949).
Le vivant et son <<Umwelt>>. (1949).
Psychanalyse et criminologie. (1950).

Ornicar ? 32. Paris, Navarin, 1985.
Dialogue avec les philosophes français. 1957.

Ornicar ? 33. Paris, Navarin, 1985.
Lettre à Winnicott. (1960).

Ornicar ? 34. Paris, Navarin, 1985.
Hommage fait à Marguerite Duras, du Ravissement de Lol V. Stein. 1965.

Ornicar ? 35. Paris, Navarin, 1985.
Petit discours à l'ORTF. (1966).

Ornicar ? 36. Paris, Navarin, 1986.
Le nombre treize et la forme logique de la suspicion. (1945).

Ornicar ? 37. Paris, Navarin, 1986.
Une procédure pour la passe. (1967).
Deux notes sur l'enfant. 1983 (1969).

Ornicar ? 38. Paris, Navarin, 1986.
Présentation des *Mémoires* du président Schreber en traduction française. 1966.

Ornicar ? 39. Paris, Navarin, 1986.
L'Éveil du printemps. 1974.

Ornicar ? 41. Paris, Navarin, 1987.
Lituraterre. 1971.

Ornicar ? 42. Paris, Navarin, 1987
Notes em allemand préparatoires à la conférence sur la Chose freudienne. (1955).

Ornicar ? 43. Paris, Navarin, 1987.
Considérations psychosomatiques sur l'hypertension artérielle.[476] 1953.

Ornicar ? 44. Paris, Navarin, 1988.
Structure des psychoses paranoïaques. 1931.

Scilicet 1. Paris, Éditions du Seuil, 1968.
Introduction de Scilicet au titre de la revue de l'École Freudienne.
Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanaliste de l'École.
La méprise du sujet supposé savoir. (1967).
De Rome 53 à Rome 67: la psychanalyse. Raison d'un échec. (1967).
De la psychanalyse dans ses rapports avec la réalité. (1967).

Scilicet 2/3. Paris, Éditions du Seuil, 1970.
Liminaire.
Discours prononcé le 6 décembre à l'EFP. (1967).
Radiophonie.

Scilicet 4. Paris, Éditions du Seuil, 1973.
L'Étourdit. (1972).

Scilicet 5. Paris, Éditions du Seuil, 1975.

476 Em co-autoria com R. LÉVI e H. DANON-BOILEAU.

... Ou pire: compte rendu pour l'Annuaire de l'êcole Pratique des Hautes Études du Séminaire de l'année 71-72.

Introduction à l'édition allemande d'un premier volume des écrits. (1973).

Scilicet 6/7. Paris, Éditions du Seuil, 1976.

Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines. (1975).

C. ANOS DO SEMINÁRIO INÉDITOS[477]:

Ano V: **Les Formations de l'inconscient**. (1957-1958).
Ano VI: **Le Désir et son intérpretation**. (1958-1959).
Ano IX: **L'Identification**. (1961-1962).
Ano X: **L'Angoisse**. (1962-1963).
Ano XII: **Problèmes cruciaux pour la psychanalyse**. (1964-1965).
Ano XIII: **L'Objet de la psychanalyse**. (1965-1966)
Ano XIV: **La Logique du fantasme**. (1966-1967).
Ano XV: **L'Acte psychanalytique**. (1967-1968).
Ano XVI: **D'Un Autre à l'autre**. (1968-1969).
Ano XVIII: **D'Un discours qui ne serait pas du semblant**. (1970-1971).
Ano XIX: **... Ou pire**. (1971-1972).
Le savoir du psychanalyste (1971-1972).
Ano XXI: **Les Non-dupes errent**. (1973-1974).
Ano XXV: **Le Moment de conclure**. (1977-1978).
Ano XXVI: **La Topologie et le temps**. (1978-1979).

OUTROS AUTORES:

ALEMAN, Jorge e LARRIERA, Sergio. *Lacan: Heidegger: un decir menos tonto*. Madrid, Ediciones C.T.P., 1989.
ALLOUCH, Jean. *Cent trente-deux bons mots avec Jacques Lacan*. Toulouse, Érès, 1988.
ALLOUCH, Jean. Freud déplacé. In: *Freud Lacan: quelle articulation?*, Littoral 14:5-15. Toulouse, Érès, 1984.
ALLOUCH, Jean. *Freud, et puis Lacan*. Paris, E.P.E.L., 1993.
ALLOUCH, Jean. *Letra a Letra: transcrever, traduzir, transliterar*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud Editora, 1994.
ALLOUCH, Jean. *Marguerite ou l'Aimée de Lacan*. 2a. ed., Paris, E.P.E.L., 1994.
ALTHUSSER, Louis. Freud e Lacan. In: COELHO, Eduardo Prado (org.). *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. São Paulo, Martins Fontes, s.d..
ANDRADE, Maria Lúcia de Araújo. *Clínica e teoria psicanalítica do sintoma psicomotor*. Tese de Doutoramento, USP, 1994.
ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.
ARANTES, Paulo Eduardo. Um Hegel errado mas vivo. In: *IDE* 21:72-79. São Paulo, SBPSP, 1991.
ARANTES, Paulo Eduardo. Hegel no espelho do Dr. Lacan. In: *IDE* 22:64-77. São Paulo, SBPSP, 1992.

477 Consultados em versões oficiosas, por razões óbvias sem nenhuma indicação de proveniência. Esta tornou-se mais do que contraproducente, desde que a tentativa para estabelecer e publicar o ano VIII, obra coletiva vinculada ao boletim *Stécriture*, foi interrompida judicialmente.

ARRIVES, Michel. *Linguistique et psychanalyse*. Paris, Méridiens/Klincksieck, 1986.
ATTIÉ, Joseph. Au jeu du visible et de l'audible. In: *Lacan: Lagache*. Cahiers de lectures freudiennes, 15/16:29-38. Paris, Lysimaque, 1989.
AUZIAS, Jean-Marie. *Chaves do estruturalismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
AUGÉ, Marc et alii. *O objeto em psicanálise*. Papirus, Campinas, 1989.
AVTONOMOVA, Natalia et alii. *Lacan avec les philosophes*. Paris, Albin Michel, 1991.
BAAS, Bernard e ZALOSZYC, Armand. *Descartes et les fondements de la psychanalyse*. Paris, Navarin-Osiris, 1988.
BAAS, Bernard. *Le désir pur: parcours philosophiques dans les parages de J. Lacan*. Louvain, Éditions Peeters, 1992.
BAILLY, A.. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris, Librairie Hachette, 1950.
BANNET, Eve Tavor. *Structuralism and the Logic of Dissent: Barthes, Derrida, Foucault, Lacan*. Urbana e Chicago, University of Illinois Press, 1989.
BARANGER, W. (org.). *Contribuições ao conceito do objeto em psicanálise*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.
BEAUFRET, Jean. *Introdução às filosofias da existência*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1976.
BEIRNAERT, Louis. *Aux frontières de l'acte analytique*. Paris, Éditions du Seuil, 1987.
BENTOLILA-LÓPEZ, Donna (org.). *Lacan en Estados Unidos*. Rosario, Homo Sapiens Ediciones, 1992.
BENTO PRADO Jr.. Lacan: biologia e narcisismo (ou a costura entre o real e o imaginário). In: BENTO PRADO Jr. (org.). *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional/Edusp, 1976.
BENVENUTO, Bice e KENNEDY, Roger. *The works of Jacques Lacan: an introduction*. London, Free Association Books, 1986.
BORCH-JAKOBSEN, Mikkel. *Lacan, le maître absolu*. 2a. ed., Paris, Flammarion, 1995.
BORCH-JAKOBSEN, Mikkel. *Le lien affectif*. Paris, Aubier, 1991.
BORCH-JAKOBSEN, Mikkel. *Le sujet freudien*. Paris, Flammarion, 1982.
BOWIE, Malcolm. *Freud, Proust et Lacan*. Paris, Denoël, 1988.
BRAUNSTEIN, Nestor A.. *Freudiano y lacaniano*. Buenos Aires, Manantial, 1994.
BRAUNSTEIN, Nestor A.. *Goce*. Mexico, Siglo XXI, 1990.
BRAUNSTEIN, Nestor A. (org.). *La re-flexión de los conceptos de Freud en la obra de Lacan*. 2a. ed., Mexico, Siglo XXI, 1987.
BRISSAC, Marie-Pierre de Cossé et alii. *Connaissez-vous Lacan?* Paris, Éditions du Seuil, 1992.
CABAS, Antonio Godino. *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*. São Paulo, Editora Moraes, 1982.
CALLIGARIS, Contardo. O inconsciente em Lacan. In: *O inconsciente: várias leituras*. São Paulo, Escuta, 1991.
CANNON, Betty. *Sartre et la psychanalyse*. Paris, Puf, 1991.
CEITIL, Maria João. *Do nome em Jacques Lacan: de como se põe "um coração a bater" em torno do Uno e da Presença*. Dissertação de Mestrado em Filosofia, Universidade de Lisboa, 1993.
CESAROTTO, Oscar e LEITE, Marcio Peter de Souza. *Jacques Lacan: uma biografia intelectual*. São Paulo, Iluminuras, 1993.
CHARRAUX, Nathalie. La place du sujet. In: *Lacan: Lagache*. Cahiers de lectures freudiennes, 15/16:39-45. Paris, Lysimaque, 1989.
CHATEL, Marie Magdeleine. De la décheance, le tragique <<moderne>>. In: *Écritures lacaniennes*, Revue du Littoral 36:141-159. Paris, E.P.E.L., 1992.
CHEMAMA, Roland (org.). *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris, Larousse, 1993.

CHEMAMA, Roland et alii. *Lacan, lecteur de Freud*. Paris, Association pour Études Freudiennes, 1991.
CHERTOK, Léon e STENGERS, Isabelle. *O coração e a razão: a hipnose de Lavoisier a Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.
CHULAM, Tania Maria Olivier. *Escritos sobre os* Escritos *de Jacques Lacan: roteiro de leitura: vocabulário e temas*. Vitória, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1981.
CLÉMENT, Catherine. *Vidas e lendas de Jacques Lacan*. São Paulo, Moraes, 1983.
COLLINS, James. *El pensamiento de Kierkgaard*. Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1986.
CONTÉ, Claude. *O real e o sexual: de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.
COSTA, Jurandir Freire. As sombras e o sopro: a psicanálise na era da linguagem. *Novos Estudos CEBRAP* 24:71-93. São Paulo, CEBRAP, 1989.
COSTA, Jurandir Freire. Pragmática e processo analítico: Freud, Wittgenstein, Davidson, Rorty. In: COSTA, Jurandir Freire (org.). *Redescrições da Psicanálise: ensaios pragmáticos*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.
COUREL, Raúl. *Psicoanálisis en el campo del goce*. Buenos Aires, Manantial, 1994.
COPJEC, Joan. *Read my desire: Lacan against the historicists*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press, 1994.
DALI, Salvador. *Sim ou a paranóia: método crítico-paranóico e outros textos*. Rio de Janeiro, Artenova, 1974.
DERRIDA, Jacques. *El concepto de verdad en Lacan*. Buenos Aires, Homo Sapiens, 1977.
DESCARTES, René. Discurso do método. In: DESCARTES, René. *Obra Escolhida*. 2a. ed., São Paulo, Difel, 1973.
DESCARTES, René. Meditações metafísicas. In: DESCARTES, René. *Obra Escolhida*. 2a. ed., São Paulo, Difel, 1973.
DOR, Joël. A *a-cientificidade da psicanálise* 1: a alienação da psicanálise. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan*, vol. 1: *O inconsciente estruturado como linguagem*. 3a. ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan*, vol. 2: *Estrutura do sujeito*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.
DOR, Joël (org.). *Jacques Lacan*. Esquisses psychanalytiques 15. Paris, C.F.R.P., 1991.
DOR, Joël. *Thésaurus Lacan 2: Nouvelle bibliographie des travaux de Jacques Lacan*. Paris, E.P.E.L., 1994.
DORGEUILLE, Claude e CHEMAMA, Roland (org.). *Dicionário de Lacan: Freud e Lacan*. Salvador, Ágalma, 1994.
DORGEUILLE, Claude. *A segunda morte de Jacques Lacan: história de uma crise — Outubro de 1980 a Julho de 1981*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
DOSSE, François. *História do estruturalismo*. 2 vol. São Paulo, Ensaio/Editora da Unicamp, 1993/1994.
DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. 2a. ed., São Paulo, Perspectiva, 1988.
ÉCOLE LACANIENNE DE PSYCHANALYSE. *Le Transfert dans tous ses errata* suivi de *Pour une trancription critique des séminaires de Jacques Lacan*. Paris, E.P.E.L., 1991.
FAGES, Jean-Baptiste. *Para compreender a Lacan*. Buenos Aires, Amorrortu, 1993.
FELMAN, Shoshana. *Jacques Lacan and the adventure of insight: psychoanalysis in contemporary culture*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.
FENNETAUX, Michel. *La psychanalyse, chemin des lumières?* Paris, Point Hors Ligne, 1989.

FORRESTER, John. *The seductions of psychoanalysis: Freud, Lacan and Derrida*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.
FRANK, Manfred. *Qu'est-ce que le neo-structuralisme?: de Saussure et Lévi-Strauss a Foucault et Lacan*. Paris, Cerf, 1989.
FREUD, Sigmund. *The Standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. 24 vols., London, Hogarth Press, 1953-1974.
GALLOP, Jane. *Lendo Lacan*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.
GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.
GEORGE, François. *L'effet'yau de poêle: de Lacan et des lacaniens*. Paris, Hachette, 1979.
GEORGIN, Robert. *Lacan*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1988.
GODIN, Jean-Guy. *Jacques Lacan, 5 rue de Lille*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.
GOLDSCHMIDT, Victor. *A religião de Platão*. São Paulo, Difel, 1963.
GRANON-LAFONT, Jeanne. *La topologie ordinaire de Jacques Lacan*. 2a. ed.. Paris, Points Hors ligne, 1986.
GREEN, André. L'objet (a) de J. Lacan, sa logique et la théorie lacanienne. In: *Les Cahiers Pour L'Analyse* 3:15-37, Paris, Éditions du Seuil, 1966.
GUYOMARD, Patrick. *La jouissance du tragique: Antigone, Lacan et le désir de l'analyste*. Paris, Aubier, 1992.
HARARI, Roberto. *Uma introdução aos quatro conceitos fundamentais de Lacan*. Campinas, Papirus, 1990.
HATZFELD, Marjolaine. Variations sur le thème tragique dans *L'éthique de la psychanalyse*. In: *Écritures lacaniennes*, Revue du Littoral 36:39-63. Paris, E.P.E.L., 1992.
HEGEL, G.W.F.. *Fenomenologia del espiritu*. 4a. reimp., Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1981.
HEIDEGGER, Martin. A Coisa. IN: SOUZA, Eudoro de. *Mitologia*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1980.
HEIDEGGER, Martin. Ser y Tiempo. 2a. ed., Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1971.
HENRY, Michel. *Généalogie de la Psychanalyse*. Paris, Éditions du Seuil, 1985.
HESNARD, A.. *De Freud a Lacan*. Les Éditions ESF, Paris, 1971.
HISGAIL, Fani (org.). *14 Conferências sobre Jacques Lacan*. São Paulo, Escuta, 1989.
HOMMEL, Susanne. *L'histoire du sujet dans l'histoire du siècle*. Tours, Soleil Carré, 1993.
HYPPOLITE, Jean. *Ensaios de psicanálise e filosofia*. Rio de Janeiro, Livrarias Taurus-Timbre Editores Ltda, 1989.
JAKOBSON, Roman. *Lingüística e comunicação*. 12a. ed., São Paulo, Cultrix, 1985.
JULIEN, Philippe. Lacan, Freud: une rencontre manquée. In: *Freud Lacan: quelle articulation?*, Littoral 14:17-24. Toulouse, Érès, 1984.
JULIEN, Philippe. *L'étrange jouissance du prochain: éthique et psychanalyse*. Paris, Éditions du Seuil, 1995.
JULIEN, Philippe. *Le retour à Freud de Jacques Lacan: l'application au miroir*. Toulouse, Érès, 1985.
JURANVILLE, Alain. *Lacan et la philosophie*. Paris, PUF, 1984.
KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Lisboa, Fundação Gulbenkian, 1985.
KANT, Immanuel. *Crítica da razão prática*. Lisboa, Edições 70, 1986.
KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa, Edições 70, 1986.
KAUFFMAN, Pierre et alii. *L'apport Freudien*. Paris, Bordas, 1993.
KIERKGAARD, Sören. *In vino veritas, la repeticion*. Madrid, Ediciones Guadarrama, 1976.
KIERKGAARD, Sören. *La reprise*. Paris, Flammarion, 1990.
KIERKGAARD, Sören. *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*. Lisboa, Edições 70, 1986.

KOJEVE, Alexandre. *Introduction à la lecture de Hegel*. Paris, Gallimard, 1968.
KOYRÉ, Alexandre. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1979.
KREMER-MARIETTI, Angèle. *Lacan ou la rhétorique de l'inconscient*. Paris, Aubier Montaigne, 1978.
KREMER-MARIETTI, Angèle. Vérité kantienne et science lacanienne In: *Lacan*, Revue International de Philosophie 180:6-28. Paris, Puf, 1992.
LACAN, Sybille. *Un Père*. Paris, Gallimard, 1994.
LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. 2a. ed., São Paulo, Martins Fontes, 1991.
LÉCURU, Denis. *Thésaurus Lacan 1: Citations d'auteurs et de publications dans l'ensemble de l'oeuvre écrite*. Paris, E.P.E.L., 1994.
LE GAUFEY, Guy. *L'incomplétude du symbolique: de René Descartes à Jacques Lacan*. Paris, E.P.E.L., 1991.
LE GAUFEY, Guy. Représentation freudienne et signifiant lacanien. In: *Freud Lacan: quelle articulation?*, Littoral 14:41-56. Toulouse, Érès, 1984.
LEGUIL, François. Lacan avec et contre Jaspers. *Ornicar ?* 48:5-23. Paris, Navarin, 1989.
LÉVI, Danièle. L'étrange altérité de l'expérience. In: *Freud Lacan: quelle articulation?*, Littoral 14:25-40. Toulouse, Érès, 1984.
LEW, René. Des idéaux de la personne. In: *Lacan: Lagache*. Cahiers de lectures freudiennes 15/16:47-59. Paris, Lysimaque, 1989.
LOFTS, Steve G. e MOYAERT, Paul (org.). *La pensée de Jacques Lacan: questions historiques, problèmes théoriques*. Louvain, Éditions Peeters, 1994.
LUCIONI, Isabel. *Lacan vs. Freud*. Buenos Aires, Ediciones Kargieman, 1993.
MACEY, David. *Lacan in contexts*. London, Verso, 1988.
MAJOR, René. La Raison depuis l'Inconscient ou le rêve de Wittgenstein. In: *Lacan*, Revue International de Philosophie 180:29-48. Paris, Puf, 1992.
MANNONI, Maud. *A teoria como ficção: Freud, Groddeck, Winnicot, Lacan*. Rio de Janeiro, Campus, 1982.
MANNONI, Maud. *Um saber que não se sabe: a experiência analítica*. Campinas, Papirus, 1985.
MARINI, Marcelle. *Lacan*. Paris, Belfond, 1986.
MELMAN, Charles. Lacan, sózinho contra não-todos. In: SOUZA, Alduísio Moreira e SWIRSKI, Yeda (org.). *Ensino Lacaniano: coletânea*. Porto Alegre, 1a. semana de atividades psicanalíticas, 1985.
MICHELI-RECHTMAN, Vannina. Aristote et la question du réel dans l'éthique. In: *Écritures lacaniennes*, Revue du Littoral 36:83-95. Paris, E.P.E.L., 1992.
MILLER, Gérard (org.). *Lacan*. Paris, Bordas, 1987.
MILLER, Jacques-Alain. *Percurso de Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
MILLER, Jacques-Alain. La Suture: éléments de la logique du signifiant. In: *Les Cahiers Pour L'Analyse* 1/2:37-49, Paris, Éditions du Seuil, 1966.
MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
MILNER, Jean-Claude. *L'oeuvre claire: Lacan, la science, la philosophie*. Paris, Éditions du Seuil, 1995.
MONZANI, Luiz Roberto. *Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas*. In: BENTO PRADO Jr. (org.). *Filosofia da Psicanálise*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
NANCY, Jean-Luc e LACOUE-LABARTHE, Philippe. *O Título da Letra*. São Paulo, Escuta, 1991.

NASIO, Juan David. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.
NASIO, Juan David. *Lições sobre os sete conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.
NASIO, Juan David. *Os olhos de Laura: o conceito de objeto a na teoria de J. Lacan seguido de uma introdução à topologia psicanalítica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.
OGILVIE, Bertrand. *Lacan: a formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
ORESTE SAINT-DRÔME. *Dictionnaire inespéré de 55 termes visités par Jacques Lacan*. Paris, Éditions du Seuil, 1994.
PALACIOS, Susana A.. *A Ética do Desejo*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1991.
PALMIER, Jean Michel. *Lacan*. São Paulo, Melhoramentos, 1977.
PERRIER, François. *Viagens extraordinárias pela Translacânia*. Campinas, Papirus, 1987.
PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo, Cultrix, s.d..
POMMIER, Gérard. A neurose infantil da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.
POMMIER, Gérard. A psicanálise é uma ciência? In: *Lavratura* 1:33-48. São Paulo, EPSP/Massao Ohno Editor, 1988.
PORGE, Erik. La division du sujet et le retour de la vérité. In: *Écritures lacaniennes*, Revue du Littoral 36:9-26. Paris, E.P.E.L., 1992.
PORGE, Erik. *Psicanálise e tempo: o tempo lógico de Lacan*. Rio de Janeiro, Editora Campo Matémico, 1994.
QUINET, Antonio (org.). *Jacques Lacan: a psicanálise e as suas conexões*. Rio de janeiro, Imago, 1993.
RAGLAND-SULLIVAN, Ellie. The paternal metaphor: a lacanian theory of language. In: *Lacan*, Revue International de Philosophie 180:49-92. Paris, Puf, 1992.
RAJCHMAN, John. *Érotique de la vérité: Foucault, Lacan et la question de l'éthique*. Paris, Puf, 1994.
RAJCHMAN, John. *Le savoir-faire avec l'inconscient: éthique et psychanalyse*. Bordéus, William Blake and Co. Édit., 1986.
REGNAULT, François. *Dios es inconsciente*. Buenos Aires, Manantial, 1986.
REISINGER, Marc. *Lacan l'insondable*. Paris, Delagrange, 1991.
REY, Pierre. *Une saison chez Lacan*. Paris, Éditions Robert Laffont, 1989.
RIFFLET-LEMAIRE, Anika. *Jacques Lacan: uma introdução*. Rio de Janeiro, Campus, 1979.
ROBERT, Paul, REY-DEBOVE, Josette e REY, Alain (orgs.). *Le Nouveau Petit Robert: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Paris, Dictionnaires Le Robert, 1993.
ROUDINESCO, Elisabeth. *História da Psicanálise na França: a batalha dos cem anos*. 2 vol., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989/1988.
ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
ROUGEMONT, Denis. O amor e o ocidente. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.
ROUSTANG, François. *Lacan: do equívoco ao impasse*. Rio de Janeiro, 1988.
ROUSTANG, François. *Um destino tão funesto*. Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora. 1987.
SAFOUAN, Moustapha. De la structure en Psychanalyse: contribuition à une théorie du manque. In: *Qu'est-ce que le structuralisme*. Paris, Éditions du Seuil, 1968.
SAFOUAN, Moustapha. *O fracasso do princípio do prazer*. Campinas, Papirus, 1988.
SAFOUAN, Moustapha. *Estudos sobre o Édipo: introdução a uma teoria do sujeito*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

SAFOUAN, Moustapha. *El inconsciente y su escriba*. Buenos Aires, Paidós, 1985.
SAFOUAN, Moustapha. *A transferência e o desejo do analista*. Campinas, Papirus, 1991.
SAPORITI, Elisabeth. *A cientificidade da psicanálise: Popper e Peirce*. São Paulo, Escuta, 1994.
SAPORITI, Elisabeth. *Pressupostos para a interpretação analítica: C. S. Peirce e J. Lacan*. Tese de Doutoramento em Comunicação e Semiótica. São Paulo, PUC, 1988.
SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 15a. ed., São Paulo, Cultrix, 1989.
SCHNAIDERMAN, Stuart. *Jaques Lacan: a morte de um herói intelectual*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988.
SÉDAT, Jacques (org.). *Retour à Lacan?*. Paris, Fayard, 1981.
SIPOS, Joël. *Lacan et Descartes: la tentation métaphysique*. Paris, Puf, 1994.
SÓFOCLES. *Antígone*. Petrópolis, Vozes, 1968.
SOUBBOTNIK, Michael A.. Le tissu de la fiction: approche de Bentham. In: *Écritures lacaniennes*, Revue du *L*ittoral 36:65-81. Paris, E.P.E.L., 1992.
SOULEZ, Antonia. L'ancrage du logique ou le retour de Lacan à la dyade platonicienne. In: *Écritures lacaniennes*, Revue du *L*ittoral 36:131-140. Paris, E.P.E.L., 1992.
SOULEZ, Philippe. <<L'action de la formule>>: une contribution à la lecture de la quatrième question de <<Radiophonie>>. In: *Écritures lacaniennes*, Revue du *L*ittoral 36:27-38. Paris, E.P.E.L., 1992.
SOUZA, Alduísio Moreira de. *Uma leitura introdutória a Lacan: exegese de um estilo*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
STEIN, Conrad (org.). *Lacan, lecteur de Freud*. Études Freudiennes 33, Paris, Édition Études Freudiennes, 1992.
STEIN, Ernildo. *Seis estudos sobre "Ser e Tempo"*. Petrópolis, Vozes, 1988.
TURKLE, Sherry. *Jacques Lacan. La irrupcion del psicoanálisis en Francia*. Buenos Aires, Paidós, 1983.
VALLEJO, Américo e MAGALHÃES, Ligia C.. *Lacan: operadores da leitura*. São Paulo, Perspectiva, 1981.
VASSE, Denis. *O umbigo e a voz*. São Paulo, Edições Loyola, 1979.
VÉDRINE, Hélène. *Les grands conceptions de l'imaginaire: de Platon à Sartre et Lacan*. Paris, Librairie Générale Française, 1990.
VIALATOUX, Joseph. *La morale de Kant*. Paris, Puf, 1960.
WOLLHEIM, Richard. O gabinete do dr. Lacan. In: SOUZA (org.). *Sigmund Freud e o Gabinete do Dr. Lacan*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
ZIZEK, Slavoj. *O mais sublime dos histéricos: Hegel com Lacan*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.
ZIZEK, Slavoj. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.